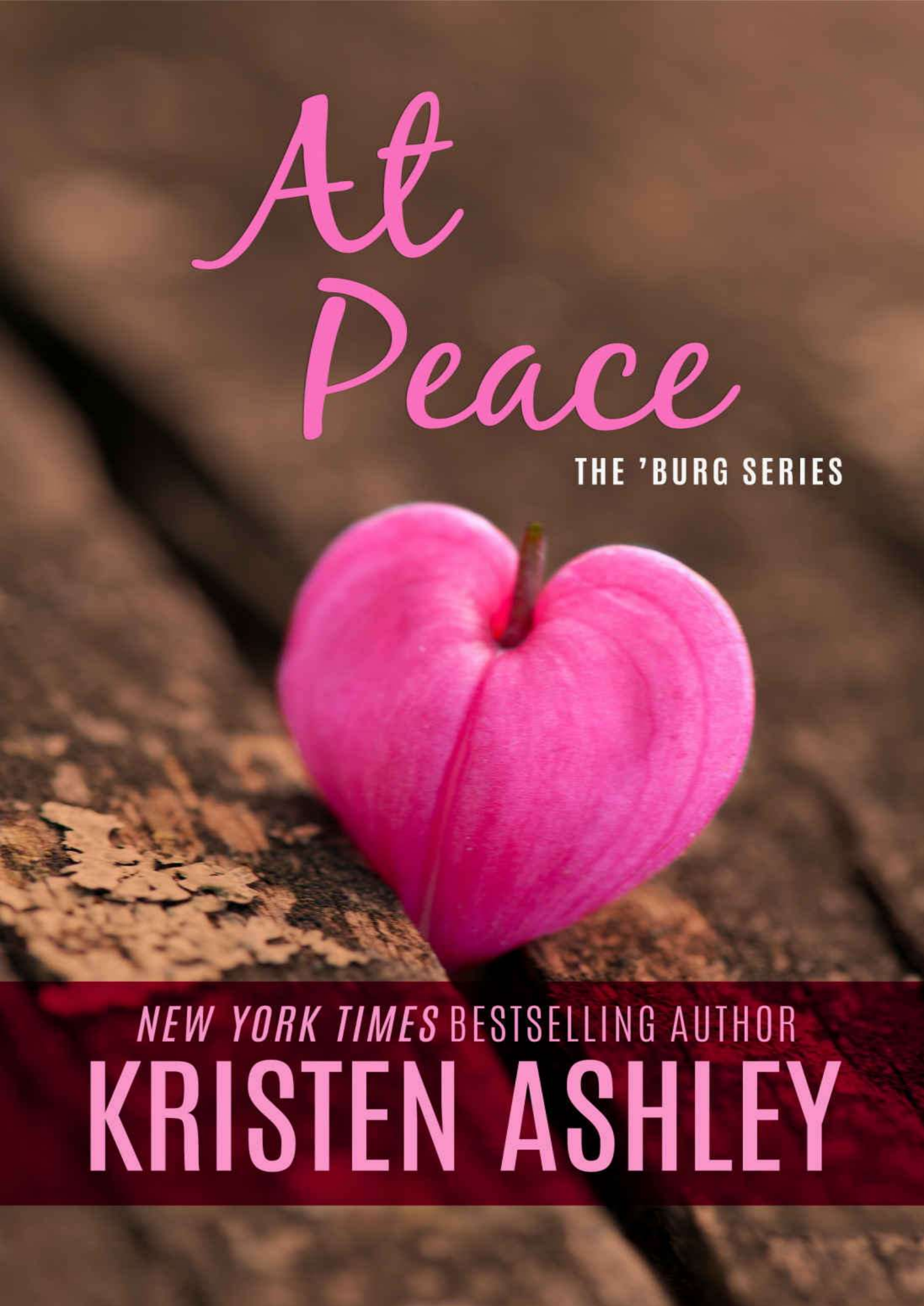

At Peace
THE 'BURG SERIES
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
KRISTEN ASHLEY

The P 'L

APRESENTA

At Peace

Série

The 'Burg

Livro Um

Kristen Ashley



Equipe PL

Tradução: Márcia de Oliveira

Revisão Inicial: Team PL Gostosonas

Revisão Final: Reikuc

Leitura Final: Aline André

Formatação: Lola

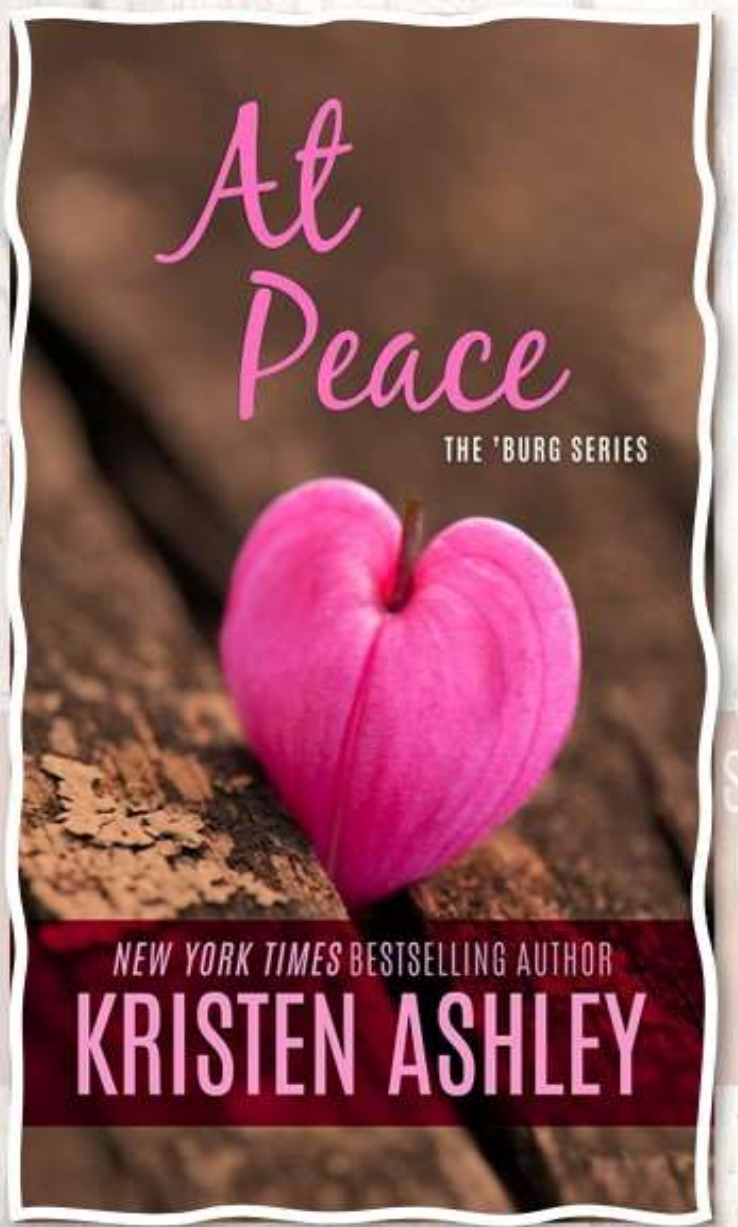


The PNL APRESENTA

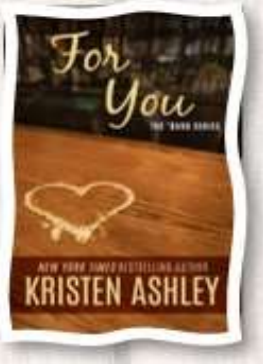
Série

The 'Burg

Lançamento



Distribuido



Em Breve



Sinopse

Violet Winters já teve tudo, mas perdeu isso quando seu marido foi assassinado por um louco criminoso. Durante uma noite fria de inverno Violet tem de deixar sua cama quente para dizer ao seu vizinho que reduza o volume do som. E é quando ela conhece o especialista em segurança, sinistro, cheio de cicatrizes, assustadoramente atraente, Joe Callahan.

Ela quer negar, mas Violet não pode impedir o desejo que sente por Joe, então cede de novo e de novo.

Joe alimenta o desejo de Vi, quebrando suas próprias regras para mantê-la em sua cama.

Violet só teve apenas um homem em sua vida, ela tem certeza que Joe está lhe dando sinais, então decide que está pronta para tomar uma segunda chance na vida e, talvez, no amor. Mas Violet não conhece os segredos obscuros do passado de Joe, segredos tão arrebatadores que o esgotaram.

Com nada para dar, Joe está determinado a viver sua vida sozinho e quebra o coração de Violet.

Esmagada pela traição de Joe, Violet chega a um acordo com o fato de que, não importa os sinais que ele deu Joe não merece ganhar nada. Mas o assassino do marido de Violet é obcecado por ela e o risco novamente assombra a porta da casa dos Winters.

Quando isso acontece Joe é forçado a enfrentar o conhecimento de que não pode lutar contra sua atração. Ela está sob sua pele e o preencheu completamente.

Joe precisa reconquistá-la e colocar sua vida em risco para manter Violet em segurança. Mas, depois de tudo, Violet pode perdê-lo?

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."



Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus
Lançamentos



Capítulo Um

Meu vizinho

Olhei para o teto escuro e ouvi Axel Rose exigindo ser levado para Paradise City[1].

A música era doce, como foi o AC/DC, Poison, Whitesnake e Ratt, mas não era doce às... me virei para olhar para o meu despertador na mesa de cabeceira ... Três e trinta e três da manhã.

A festa começou à meia-noite e vinte e dois. Nenhum problema com isso, visto que era uma sexta-feira. Eu imaginei que nessa vizinhança eles esfriariam a uma e meia, talvez às duas. Também percebi que, se fosse para além disso, Colt viria e conversaria.

Alec Colton era meu vizinho, ele morava do outro lado da rua quase em frente à minha casa. Era policial e sua namorada, Feb Owens, tinha um novo bebê. Eu não podia imaginar que ele aguentaria uma viagem pela estrada da memória, estilo hard rock dos anos 80, até quase quatro da manhã, não com um bebê novo e tudo o que envolvia seu horário de sono ou falta dele.

Mas a música não havia parado.

[1] Cidade Paraíso, música do Guns N' Roses.

Meu bairro era tranquilo ou, pelo menos, foi durante os quatro meses que Kate, Keira e eu vivemos nele. Era Fevereiro. Quem fazia festas com músicas altas e até tarde em um bairro tranquilo no mês de fevereiro?

Pelo menos Kate e Keira estavam em festas do pijama. Se estivessem em casa, eu perderia a paciência muito antes de agora.

Mas, eu perdi... Olhei para o relógio... Às três e trinta e quatro da manhã.

Eu joguei as cobertas e fui para o banheiro, arrancando o velho robe xadrez flanelado de Tim fora do gancho na parte de trás da porta. Sua mãe comprou-lhe isso antes de nos casarmos. Agora era suave como pelúcia, usado, mas não desgastado e ainda super quente.

Encolhendo os ombros no robe, saí do meu quarto, através escritório conjugado com a sala de estar, que dava para a área de jantar, e para a cozinha. Depois fui até a porta lateral da cozinha, onde um emaranhado de calçados cobria o chão.

Tanto Kate como Keira desabrocharam cedo. Eram agora ambas da minha altura, mesmo Keira, embora tivesse apenas quatorze anos, todas nós usávamos o mesmo tamanho de calçado. Peguei as botas rosa-choque de Keira, com as grandes margaridas, e as coloquei sobre as meias grossas que eu usava para afastar o frio da noite. Aumentei o termostato durante a noite, economizava no aquecimento e nas contas de luz. O dinheiro não fluía, era uma coisa importante para se ter, e eu sustentava duas adolescentes. Então, da mesma forma, foi o

mesmo sem duas adolescentes, embora eu realmente não lembrasse de uma época da minha vida em que não houvesse crianças nela. Um dia eu era criança, no dia seguinte era esposa e mãe.

Nunca me arrependi, nem um único dia, não até um ano, três meses, três semanas e dois dias atrás. Então eu realmente não me arrependo, mas a vida com certeza mudou.

Desativei o alarme, destranquei a porta lateral, saio na noite e paro.

Eu não tinha ideia de onde a música vinha, mas não esperava que viesse do meu vizinho do lado. Isso porque quem quer que fosse, nunca estava em casa. Nos quatro meses em que moramos aqui, vi uma picape Ford preta e nova algumas vezes, talvez duas, ou três. Vi as luzes acesas uma vez. Fora isso, ninguém em casa.

Mas agora, estava acesa como um farol, a música estava mais alta do lado de fora. Tão alta, que era uma maravilha que as janelas não quebrassem com o som.

Mas não havia nenhuma picape Ford preta e nova na garagem. Em vez disso, claro como o dia por causa das luzes da casa, vi um modelo novo, vermelho e brilhante de um Porsche.

Isso tudo me pareceu uma surpresa. Nenhuma palavra, nenhum som, nada daquela casa em quatro meses e agora estava acesa, com música alta e havia um carro não americano na garagem. Até onde eu sabia, o único vizinho no quarteirão que tinha um carro não americano era February, e ela possuía

um Beetle conversível. Todos os outros, incluindo eu, tínhamos carros americanos.

E ninguém neste quarteirão poderia pagar um Porsche, não em suas vidas.

Mesmo morando lá por tão pouco tempo eu conhecia meus vizinhos, porque esta era uma pequena cidade de Indiana. Em apenas uma semana já conhecíamos todos os nossos vizinhos. Eles trouxeram bolos, biscoitos e guisados. Fomos convidados para festas de Natal. Nós acenamos e respondemos os “oi”, ou “bom dia”, ou até mesmo andávamos até eles para papearmos se estivéssemos limpando as calçadas, ou entrando em nossos carros para ir a algum lugar, ou voltando. Conversávamos quando nos encontrávamos na mercearia, nos correios, no restaurante do Frank ou em um jogo de basquete do ensino médio. Kate, Keira e eu morávamos aqui há apenas quatro meses e parecia que estávamos há quatorze anos.

Mas eu não conhecia o meu vizinho, com a brilhante caminhonete Ford, que morava na casa ao lado, e não o conhecia porque ele nunca estava em casa.

Agora, quem quer que fosse, eu o conheceria.

Andei pela neve, ouvindo-a esmagar sob os meus pés, mesmo com a música. O topo da neve voltou a congelar com a noite frígida, mas eu não sentia nada, e estava muito zangada. Tinha que trabalhar pela manhã, estar na loja de jardinagem às oito que era apenas há algumas horas de distância. Eu fui acordada com o *"Hell's Bells"* do AC/DC e me mexi e remexi na

cama, ficando furiosa desde então. Agora estava com raiva e teria que tomar cuidado para não perder o controle. Eu tinha temperamento forte, infelizmente. Não explodo muitas vezes, mas quando acontece, eu arruíno.

E uma das razões pelas quais eu estava com raiva era porque se Tim estivesse aqui seria ele quem faria isso. Ele teria feito isso três horas atrás, aproximadamente na metade da música "*Hell's Bells*". Tim gostava de dormir, mas não era isso. Ele não tolerava nada que incomodasse suas garotas. Se isso me acordou, o acordaria também e ele saberia que me perturbaram, e seria o suficiente para tomar uma atitude rapidamente. Ele pegaria sua arma, seu distintivo e tomaria sua atitude irritada de homem puto, grandalhão, policial e acabaria com isso, não se engane.

Porra, como eu sentia falta dele.

Cheguei na porta da frente do meu vizinho e não demorei. Toquei na campainha e bati na porta, sabendo que eles nunca ouviriam nada e, mesmo usando as duas formas, seria um milagre ser ouvida sobre aquele som.

Agora era o Van Halen. David Lee Roth cantava o "*Panamá*". Outro dos meus favoritos. Era uma música de memória. Bons tempos quando ouvia aquela música e os bons tempos foram arruinados por ela ser usada para me irritar pra caralho.

Bati mais alto e mantive meu dedo pressionado na campainha.

—Olá!— Eu gritei para a porta.

Ela foi aberta, as luzes brilhantes de dentro me ofuscaram por um segundo, então me concentrei, minha raiva esfriou cerca de cem graus enquanto eu olhava em choque completo.

—Quem é você? —Ela perguntou com um grito sobre a música.

Puta merda, era Kenzie Elise. *Kenzie Elise. Kenzie louca Elise*.

Eu vi quase todos os seus filmes, exceto quando ela começou a ramificar e atuar naqueles filmes de arte ruins, que faziam pouco sentido para mim ou para os críticos, mesmo que ela estivesse tentando para ser conhecida como *atriz*, em vez de continuar nas comédias românticas, ela meio que falhou nesse esforço.

Eu amava seus filmes, especialmente as comédias românticas, os suspenses eram muito bons também. Eu a amava. Ela era incrível.

Mas agora, com ela de pé em uma casa de crackerbox[2], em um bairro de crackerbox, em uma pequena cidade em Indiana, eu a olhava em estado de choque.

Kenzie Elise não poderia ser minha *vizinha*. Isso era impossível.

Mas lá estava ela, alta, porque ela era realmente alta, mas também estava mais alta porque calçava saltos altos de stripper, com tiras amarradas em suas panturrilhas magras. E

[2]Uma casa pequena e mal construída, geralmente uma casa antiga.

eram magras. Ela fez plásticas, todos os músculos do corpo dela demonstravam isso. Da mesma forma seu seio, eu tinha que admitir, imensamente pouco atraente. Eu podia ver tudo isso porque ela usava um body verde-esmeralda de renda, muito cavado e de decote inexistente. Ela tinha que estar com dez, quinze, talvez até vinte quilos abaixo do peso. Tão magra que era um pouco assustador. Mas tinha aquela marca registrada de cabelo loiro selvagem, longo e ondulado, olhos azuis e um rosto bonito.

E ela estava de pé na porta da casa ao lado, olhos azuis em sua cabeça grande com seu corpo de boneca olhando para mim.

—Quem é você? — Ela repetiu e eu pulei, saindo do meu transe.

—Hum ... sua vizinha— eu respondi.—Você poderia abaixar a música?

—O quê?— Gritou, e quando eu ia responder, seus olhos azuis me deixaram e olharam por cima da minha cabeça.

Vi luzes piscando na casa e me virei para olhar também.

Uma picape brilhante, preta, modelo Ford estacionava na entrada.

Merda!

Voltei-me para ver que ela sorria, muito satisfeita com alguma coisa. Seu rosto ficou suave e de uma maneira íntima que me fez sentir muito desconfortável.

O namorado dela definitivamente estava na casa. Eu era uma grande terceira roda desta festa em particular e precisava sair de lá.

—Ouça, você pode desligar a música? —Perguntei com um grito, mas ela me ignorou, com os olhos fixos no meu ombro.

Vi as luzes se apagarem e agora ouvi uma porta bater.

—Desculpe-me!— Eu gritei sobre a música, ficando um pouco desesperada. —Moro na casa ao lado. — levantei meu braço esquerdo para apontar para a minha casa.—E sua música está muito alta. Você pode abaixar?

—Oi amante. — ela ronronou, e como conseguiu sobre aquela música não poderia imaginar, mas ela fez isso.

Eu me virei e congelei.

De pé, atrás de mim estava um homem, um homem grande, grande em todos os sentidos. Ele era alto, mais alto até do que Tim, e meu marido tinha um metro e oitenta e dois. Ele também era amplo, seus ombros em sua jaqueta de couro preta eram largos e inconfundivelmente poderosos.

E ele fora lindo uma vez. Era evidente, olhando-o agora, que suas feições já foram perfeitas, maçãs do rosto salientes, uma inclinação apelativa e aguda para a mandíbula quadrada, uma sobrancelha forte. Agora havia linhas ao redor de seus olhos e mais ao redor dos lados de seus lábios carnudos e cheios.

E havia também cicatrizes na bochecha esquerda, duas um centímetro abaixo dos olhos, que se curvavam sobre a maçã do rosto se aproximando e terminando onde, se tivesse uma covinha, sua covinha estaria. Essas cicatrizes não estavam enrugadas ou desfiguradas fora das marcas reais. Eles apenas estragaram a beleza masculina impecável que outrora fora o seu rosto, tornando-a, com a adição das linhas, áspera e interessante e mais do que um pouco assustadora.

Tudo isso, com seu cabelo escuro, indisciplinado e longo, era o suficiente para fazê-lo parecer sinistro de uma forma magnética e atraente.

E então havia os olhos dele. Olhos azuis celeste. Fodido. Azul. Céu.

Kate e Keira tinham os olhos azul-acinzentados do pai, que eram emoldurados pelos cílios longos e escuros. Eu nunca vi olhos tão bonitos, tão impressionantes, tão impressionantes quanto os de Tim, Kate e Keira.

Até agora.

Ele focou aqueles olhos e aquele rosto áspero em um ponto além de mim. Na verdade, furioso. E ele fez isso de uma maneira que eu senti um frio deslizar pela minha espinha. Ele me assustou tão profundamente, sendo tão escuro, tão cheio de cicatrizes, tão grande, tão obviamente furioso que eu fiquei enraizada no local. Eu não podia me mexer mesmo que realmente quisesse.

Então ele se moveu. Andou a passos largos para a direita e automaticamente, como se obrigada a fazê-lo pela força de

sua aura, me virei enquanto ele caminhava. Observei enquanto ele colocava uma grande mão no peito magro de Kenzie Elise e a empurrou para o lado.

Minha boca se abriu quando ela desequilibrou em seus sapatos de strippers, seus braços se abrindo para os lados tentando encontrar apoio quando ela se virou para trás . Não havia nada para agarrar e ela tropeçou sem graça ao lado oposto de seu sapato, mas se endireitou antes de cair.

Eu olhei, incapaz de fazer qualquer outra coisa. Era como assistir a um acidente hediondo capturado num filme e exibido na televisão. Você não quer ver, mas não tinha escolha a não ser assistir, porque, não importava o quanto seu cérebro gritasse para fazer isso, você não conseguia desviar os olhos.

Sem parar, ele entrou na casa e desapareceu. Então a música parou abruptamente.

—Cal... — Kenzie Elise começou, suas mãos levantadas, aplacando.

—Cala a boca. — ouvi seu rosnado, sua voz baixa profunda, estridente e tão sinistra quanto sua aparência.

Eu ouvi, mas não o vi e as costas de Kenzie estavam viradas para mim. Ele ainda estava fora da visão, mas, onde quer que estivesse, ela o observava.

De repente, percebi que meu objetivo foi atingido. A música parou. Portanto, era hora de ir para casa e deixar essa situação doméstica acontecer sem uma audiência.

Eu me virei para sair, mas ouvi a voz dele novamente.

—Você.

Estupidamente, eu olhei para dentro da casa para ver seus olhos em mim.

—Eu... —Comecei a fazer minhas explicações, mas ele veio até mim e o olhei. Seu corpo poderoso se movia na minha direção e fui pega, vendo o perigo, mas de alguma forma meus membros eram inúteis, embora meu cérebro gritasse para eles se mexerem.

Mais rápido do que parecia possível, ele estava bem no meu espaço, sua grande mão estava em volta do meu braço e ele me puxou para dentro da casa. Isso não doeu, não a mão dele em mim ou quando me arrastou para a casa e provavelmente não porque não lutei, e não lutei porque sabia que esse homem poderia me quebrar como um galho.

Então, encontrei-me de pé na casa do vizinho, em botas de salto alto cor-de-rosa, uma camisola e um robe de Tim, e meu vizinho de jeans desbotados, botas de motociclista pretas, uma camiseta e jaqueta de couro preta e a estrela de cinema de Hollywood, Kenzie Elise, em um salto verde-escuro, de body e rendas.

Como *isso* aconteceu?

Era como um sonho, um sonho estranho e ruim, que você acorda e se sente estranha e perturbada e isso te deixa pensando: *Que porra é essa*?

Mas, estava acontecendo, eu estava lá, respirando, consciente, e tudo que conseguia pensar era*: Deus, eu sinto falta de Tim*.

—Fique. — meu vizinho ordenou, em sua voz profunda e assustadora, então inclinei minha cabeça para trás para olhar em seus olhos azuis claros e não pude fazer nada além de acenar.

Então ele soltou meu braço e foi para o interior da casa.

—Cal, querido, eu só queria...— Kenzie Elise começou, mas ele desapareceu de vista, então ela parou de falar.

Eu me perguntei por que ela não foi atrás dele, em vez de ficar lá comigo no hall, a porta da frente aberta, vestindo nada mais do que aquele body que deixava pouco ou nada para a imaginação.

Então, pensando no estado de espírito dele, provavelmente eu não seguiria também.

Foi nesse momento que me perguntei por que ela não correu até seu Porsche e foi embora.

Eu não corri porque ele me disse para ficar e achei que não seria uma boa ideia desafiá-lo. Ele não parecia bravo comigo, não naquele momento, e eu não queria que ficasse.

Ela não olhou para mim e eu finalmente desviei os olhos dela, mas consegui fazer isso porque ele voltou, carregando em seus braços um pacote de roupas. Ele passou direto por ela, bem ao meu lado e até a porta, onde jogou as roupas na neve.

Minha boca caiu aberta novamente.

—Cal!— Ela gritou. Correndo em seus sapatos de stripper para a porta, olhou para suas roupas, em seguida, virou-se novamente para olhar para ele, não mais me olhando. Ela

estava me evitando ou me ignorando. Eu não sabia qual, mas achei que ambas eram boas maneiras de jogar.

Ele tinha a bolsa na mão e voltava para o hall. Ele pegou um conjunto de chaves quando ela se virou para ele.

—Você jogou minhas roupas na neve!— Ela gritou, em seguida, saltou para o lado quando ele jogou a bolsa para ela. Estava aberta e as coisas de dentro voaram para todos os lugares enquanto a bolsa voava pelo ar, e então mais coisas voaram para fora quando ela finalmente caiu no chão.

—Cal!— Ela gritou, dobrando os joelhos ossudos no peito, bunda no chão e lutando para conseguir suas coisas.

Eu comecei a me curvar também, para ajudá-la, mas parei quando sua voz soou.

—Não.

Minha cabeça virou para olhar para ele e seus olhos estavam fixando-me no local. Ele estava tão zangado, visivelmente lívido e tão assustador que esqueci como respirar.

Eu lentamente me endireitei, forçando o ar para os meus pulmões enquanto Kenzie se arrastava no chão, agora de joelhos sobre seus sapatos de stripper e body, enfiando coisas em sua bolsa.

—Isso é *loucura.* — ela retrucou e estava definitivamente certa.

Ele tirou uma chave do chaveiro e fez isso quando ela ficou de pé com a bolsa intacta, o que foi uma sorte porque ele jogou as chaves para ela sem hesitar e sem garantir que ela

estivesse preparada para pegá-lo. Ela pulou para agarrá-lo, sacudiu-o, mas o manteve na mão.

—Fora. — ele ordenou laconicamente.

—Cal... — ela começou.

—Dê o fora daqui.

—Essa cena é ridícula. — ela sussurrou, inclinando-se para ele, o que pensei não ser uma boa ideia.

—Você está certa. — ele concordou.

Ela mudou as estratégias tão rápido que não acompanhei.

Sua voz ronronava novamente quando ela começou:

—Querido, eu pensei...

—O que, Kenzie? — Ele perguntou, seus olhos se movendo em toda a extensão dela, seu lábio enrolado em desgosto. —Você pensou o que? Porra mulher, eu tinha melhor cabeça no colegial. Você acha que eu voltaria para mais da sua boca desleixada. Tão descuidada, eu fiquei envergonhado por você.

Em suas palavras, eu respirei fundo, mas o rosto de Kenzie ficou mais pálido do que sua assinatura perfeitamente pálida de pele clara.

Quando Kenzie ficou parada como uma estátua e sem fala, ele disse:

—Você ainda esta aqui.

—Eu... — ela começou.

—Precisa de uma dica. — ele terminou por ela. —Cristo, quantas vezes precisamos fazer isso? Foi um erro, o maior erro que cometi em anos. Quando eu transei com você, eu fingi. Tive que me masturbar no chuveiro para gozar depois que terminamos.

Eu engoli, querendo muito estar em outro lugar, em *qualquer lugar* , menos lá.

—Você fingiu? — Ela sussurrou, soando horrorizada e batida, sua voz como uma garotinha que, muito cedo em sua vida descobriu que Papai Noel não existia.

—Sim e se sua cabeça não estivesse enterrada no seu rabo, você teria notado. Em vez disso, você continua jogando esse drama e, juro por Cristo, se isso acontecer de novo, não me deixará muito feliz.

Ele parecia estar muito infeliz atualmente, mas eu acabei de conhecê-lo, e talvez ele ficasse mais infeliz, então significava que eu nunca quereria ficar perto dele novamente.

—Cal, eu... — ela começou de novo, mas ele se inclinou para frente e sua boca se fechou.

—Não direi de novo. Cai. *Porra*. Fora.

Felizmente ela teve o suficiente. Se virou, evitando meus olhos, pegou seus sapatos de stripper, e saiu pela porta da frente na neve e no frio amargo.

Fiquei imóvel, enquanto ele se dirigia para a porta, bateu-a e, para meu extremo desconforto, a trancou.

Eu engoli de novo.

Então disse baixinho:

—Eu gostaria de ir para casa agora.

Ele se virou para mim e seus olhos se nivelaram com os meus.

Pressionei meus lábios e meu estômago se apertou.

Ele não falou e eu não sabia o que fazer.

Finalmente, seus olhos baixaram e eu observei enquanto lentamente, deslizaram do meu rosto para o meu corpo, para os meus pés e voltando para o meu rosto.

Durante esta jornada, percebi que meu robe estava aberto e ele podia ver minha camisola de cetim, cor de lavanda pálida, curta, batendo na parte superior das minhas coxas, mas havia uma bainha de três dedos de renda cinza embaixo disso. A mesma renda estava no corpete sobre o local que cobria meus seios. A camisola era justa junto ao meu peito e barriga, mas folgada para mover em torno dos meus quadris e coxas. Não era nem de perto tão ousada quanto o body de Kenzie. Deixava algo para a imaginação e isso era bom, se você tivesse uma imaginação.

Cuidadosamente, eu puxei as pontas do meu robe e seus olhos correram para encarar os meus e no mesmo instante, sem qualquer dúvida, eu soube que ele tinha imaginação.

Minha boca ficou seca.

—Eu sou Joe Callahan. — afirmou.

—Olá Joe. — eu disse baixinho.

—Cal. — ele me corrigiu e eu assenti, mas permaneci em silêncio.

Quando o silencio se esticou, o som do Porsche disparou e saiu Joe Callahan perguntou:

—Você é?

—Sua vizinha.

Suas sobrancelhas pesadas e escuras subiram.

—Minha vizinha tem um nome?

Eu neguei e suas sobrancelhas pesadas e escuras se uniram.

—Você não tem nome? — Ele perguntou.

—Eu acho que eu quero sair. — disse a ele.

Seu rosto ficou duro, mas sua voz ficou macia quando ele disse:

—Ouça, Buddy[3]...

—Não, por favor Joe, eu quero sair.

—Cal.

—Como queira, mas eu gostaria de sair.— repeti.

Ele caminhou em minha direção e eu recuei, levantando a mão trêmula e ele parou, seus olhos caindo para a minha mão antes de voltar para o meu rosto.

—Eu moro ao lado, é isso. — eu disse suavemente. —Eu queria que a música parasse. Está parada. Agora eu gostaria de sair.

[3] Apesar de buddy ser “amigo”, aqui foi um apelido que ele lhe deu, porque ela não lhe deu seu nome.

Os olhos dele seguraram os meus e algo estava acontecendo neles, eu simplesmente não sabia o que e, depois de testemunhar aquela cena, ouvindo o jeito que ele falou com ela, o que ele disse, como disse e a humilhação absoluta que infligiu, eu não me importei. Então seu olhar caiu para o meu corpo novamente, ele fechou os olhos e deu um passo para o lado.

Eu não perdi nem um segundo. Corri para a porta destranquei, saí e atravessei a neve até a minha casa. Atirei-me pela porta lateral, tranquei, passei a corrente e ativei o alarme.

Então, tremendo da cabeça aos pés, retirei as galochas, fui para o meu quarto e deitei na minha cama com o robe de Tim, puxando as cobertas até o pescoço.

Virei minha cabeça para a moldura que ficava na minha mesa de cabeceira. Eu mal podia vê-lo no escuro, mas não precisava vê-lo, eu memorizei essa foto. Tim e eu, de perto, ele estava atrás de mim, ambos os braços em volta dos meus ombros, enrolados na minha parte superior do peito, sua mandíbula pressionada ao lado da minha cabeça, minha cabeça ligeiramente virada para ele. Ele olhava para a câmera. Eu tinha meus olhos fechados.

Nós dois estávamos rindo.

— Sinto sua falta, baby. — eu sussurrei para a foto, minha voz tremendo tanto quanto meu corpo ainda estava.

A foto não respondeu. Nunca respondia.



Na manhã seguinte, a casa de Joe Callahan estava quieta e a picape foi embora.

Não voltaria por três semanas.



Eram quatro horas da tarde, eu estive na loja de jardinagem o dia todo e nevou pelo mesmo período.

Eu estava cansada de neve e desejei ter escolhido a Flórida, o Arizona ou algum lugar que não nevasse quando fiz as malas e fugi de Chicago com minhas meninas.

Além disso, Kate dirigia agora. Ela tinha dezesseis anos e conseguiu sua licença, então comprei um carro para ela. Tim ficaria chateado por eu comprar um carro para ela. Então, da mesma forma, ele se chatearia porque comprei um Mustang. Como um policial, ele via muitos acidentes por isso ele era tudo para carros antigos, resistentes, que foram construídos tão difícil que se você colidisse em algum edifício só teria que lustrar alguns arranhões. Ele poderia dirigir como um lunático, o que era verdade, mas não era um grande fã quando era eu quem fazia isso, o que eu não fazia a menos que eu tivesse, digamos, um Mustang e ele não era um grande fã de estragar as garotas.

Assim sendo, com um pai morto, estragá-las tornou-se um hábito.

E de qualquer forma eu não tinha mais Tim para me ajudar a levá-las aos lugares e depois buscá-las. Eu também não morava em uma casa com dois carros, a menos que eu comprasse um para Kate.

Então eu comprei.

Ela era uma boa motorista, responsável, minha Kate. Agora, Keira, provavelmente seria apanhada quando tivesse a licença. Ela era um imã para problemas. Kate preferiria morrer mil mortes sangrentas e dolorosas do que quebrar uma regra ou entrar em apuros. Keira faria um acordo com o diabo por um par de sapatos e nem sequer piscaria.

Mesmo que Kate fosse responsável e uma boa motorista , eu ainda odiava quando ela dirigia na neve.

Isso era o que eu pensava quando voltava para Bobbie's Garden Shoppe, meu emprego agora em tempo integral. Descobri naquela manhã que eu estava agora em tempo integral, desde que Sabrina teve seus gêmeos uma semana atrás. Ela ligou para Bobbie na noite anterior e lhe disse que a sua licença maternidade era por tempo indeterminado.

—Graças a Deus, a cadela poderia gemer.— Bobbie disse esta manhã, quando me deu a notícia e me pediu para ir de meio período a tempo integral. —Me poupou de demiti-la, porque quando ela não gemia, ela atacava, mesmo *antes* dela mostrar a barriga dos gêmeos. Sim, dois bebês naquela barriga, pareciam sete.

Bobbie não estava errada sobre isso, *nada* disso.

Mas eu estava muito ocupada agradecendo a Deus pelo trabalho de tempo integral. A apólice de seguro de vida de Tim foi usada para pagar o meu Mustang, o carro de Kate e eliminar a hipoteca da casa que vendi. Também foi usada para a mudança. Eu tinha sua pensão, o que ajudava, mas não muito.

Eu coloquei o dinheiro que ganhei na venda da nossa casa, em economias para a faculdade das meninas. Tim teve que pagar empréstimos estudantis por uma eternidade e ele queria que as meninas tivessem suas faculdades pagas. Nós estávamos guardando, mas não tínhamos perto o suficiente para as duas. Achei que Tim desejaria isso, que a casa que compramos, arrumamos, e moramos juntos como uma família sendo vendida, o dinheiro pagasse pelo futuro das meninas. Usar o dinheiro da nossa casa nisso era como ele e eu dar a elas seus estudos e futuro, então gostava da ideia e achava que Tim também iria.

Mesmo com uma hipoteca baixa e sem pagamentos de carro , eu ainda tinha um adolescente dirigindo e seguro era uma cadela. Serviços públicos, mantimentos para três pessoas, e vivíamos em uma cidade pequena, que era parte agricultores, parte artesãos e parte os ricos. A parte rica significava que todas as crianças tentavam acompanhar os Joneses[4] com roupas de grife, jeans, bolsas, sapatos, a maquiagem certa,

[4]Acompanhar os Joneses refere-se à comparação com o próximo como referência para a classe social ou o acúmulo de bens materiais. Falhar em "acompanhar os Joneses" é percebido como demonstrando inferioridade socioeconômica ou cultural.

acessórios importantes como MP3 players e telefones celulares. Inferno, a conta de telefone celular de Keira, considerando que ela mandava mensagens dezessete mil vezes por dia, quase quebrou o orçamento mensal, embora eu dissesse a ela uma e outra vez para não fazê-lo.

Bobbie pagava muito bem, considerando que ela pagava todos os benefícios para o período integral, o que era mais importante. Seu centro de jardinagem era enorme, o maior em três condados e todos iam para lá. Ela vendia de tudo, móveis de jardim, coisas de artesanato e hobby, suprimentos para animais de estimação, não apenas plantas. Mas eu trabalhava com as plantas, eu era boa nisso, sempre fui e a primavera estava chegando. Mesmo com a neve, estava perto da temporada de jardinagem e as coisas, sempre constantes, definitivamente melhoravam para Bobbie.

Virei na minha rua, inspecionando profundamente as estradas quando notei, com algum alívio, que estavam quase totalmente liberadas. A neve da primavera estava molhada e derretida, não endurecida, graças a Deus. Kate chegaria em casa bem.

Eu respirei aliviada e ao mesmo tempo perdi o fôlego quando vi a picape de Joe Callahan.

—Merda. — eu sussurrei.

Eu dirigi em direção a minha casa e estacionei sob o toldo que saía da minha garagem de dois carros. Os proprietários anteriores tinham demolido a garagem de um carro e colocado um toldo duplo para dois carros na frente. Isso funcionava

bem porque o controle da abertura da porta da garagem não funcionava e eu não tinha o dinheiro para substituí-lo, e também não gostava de limpar a neve do meu carro.

Os proprietários anteriores também construíram uma extensão ao longo dos fundos da casa. Isso significava que tínhamos um quarto extra com suíte e um escritório conjugado com a sala de estar e de jantar. A maioria das outras casas do quarteirão também tinha extensões. E garagens para dois carros ou garagens estendidas por toldos. Eles também construíram decks em volta, o nosso lugar também, novamente ao longo da parte de trás da casa, piscinas acima do solo ou playsets[5]. Você nomeia, estava lá. Era um bairro familiar, pessoas de renda mediana ou veteranos que estão ali há anos, e ficaram lá porque suas hipotecas foram pagas. Famílias que estavam começando, ou casais que gostavam de onde moravam, e quando precisavam de mais espaço, simplesmente construíam. Os quintais eram enormes, havia muito espaço para qualquer coisa que eles quisessem.

A única casa que não tinha qualquer complemento, exceto um deque traseiro, era a de Joe Callahan. Ainda era um crackerbox de dois quartos, cozinha, sala de jantar e de estar e dois quartos com banheiro completo.

Eu tive sorte de encontrar um lugar naquela rua.

Sorte, exceto encontrar Joe Callahan .

Entrei em casa, larguei minha bolsa e voltei para fora.

[5] Conjunto de brinquedos para crianças para playgrounds.

Eu precisava limpar a neve com uma pá. Parte de morar naquele bairro era cuidar das calçadas. Os vizinhos de Joe Callahan do seu outro lado, Jeremy e Melinda, limparam a calçada dianteira de Joe parte do tempo, a outra parte eu cuidei. Não seria bom para ninguém não cuidar e como Joe não estava lá, alguém tinha que fazer por ele.

De jeito nenhum eu faria isso naquele dia no entanto. De jeito nenhum. Ele poderia fazê-lo.

Saí para a garagem e peguei minhas luvas de couro e a pá de neve.

Você diria que praticamente perdi muito com a falta de Tim. Como quando eu brigava com Keira, que era muito frequente, e Tim costumava ser capaz de lidar melhor com ela do que eu, definitivamente a garotinha do papai, mas como sempre as duas eram. Ou quando Kate se exasperava com uma tarefa, uma que fosse algo que ela não conseguisse fazer, mas queria fazê-la perfeitamente, melhor do que qualquer garoto na história dos garotos poderia fazer, e Tim a acalmava também. E também quando eu estava na cama à noite, sozinha e querendo mais do que o meu vibrador para me satisfazer, querendo as mãos de Tim, sua boca, seu pênis e, talvez mais do que tudo isso, apenas as palavras doces que ele sussurrava em meu ouvido.

E quando eu tinha que cavar a maldita neve.

Eu comecei na calçada da frente e fiz o meu caminho para baixo até a garagem, a neve pesada e molhada, mas pelo menos facilmente removível. Eu empurrava um monte numa

linha o que seria fácil de limpar, pensando no preço dos snow blowers[6]de Bobbie quanto o meu desconto seria e se ela os colocaria em uma venda de fim de temporada quando o GMC[7]de Colt entrou em sua garagem.

Feb Owens e Alec Colton eram bem famosos. Eu os conheci antes de morar ali e soube o que aconteceu naquela cidade antes de me mudar para lá. Foi doentio o que aconteceu com eles, aquele serial killer obcecado por Feb e Colt, matando pessoas que Feb conhecia. Todo mundo sabia disso, foi notícia nacional, ela era tão linda e Alec Colton tão gostoso, que fez da história uma notícia maior.

Mas achei, logo depois de me mudar, que eles eram legais. Eles também eram felizes. Era como se o negócio inteiro não os tocasse. Na época em que me mudei, ela estava nos estágios finais de gravidez, eles foram namorados na escola separados por algo que eu não sabia e, finalmente, de volta juntos.

Eu me casei com meu namorado do ensino médio, então eu entendia totalmente a felicidade deles. Da mesma forma, Tim me engravidou aos dezessete anos, então eu meio que não tive escolha.

Ainda assim eu não escolheria mais ninguém. Não antes, não dez anos depois, não até que alguém atirasse nele e mesmo assim eu ainda escolheria Tim. Eu escolheria para ele

[6]é uma máquina para remover a neve de uma área onde não é desejado, como uma calçada, estrada, ferrovia, gelo, etc..
[7]caminhonete da General Motors.

um trabalho menos perigoso. E definitivamente teria escolhido não receber o que recebi depois.

Eu trabalhava com a pá e assisti Colt caminhar para trás de sua caminhonete.

Então parei de cavar quando ele se virou para mim e o cumprimentei.

— Oi Cal. —Meu corpo virou pedra.

—Oi.— uma voz profunda disse logo atrás de mim.

Rigidamente me virei e olhei para Joe Callahan parado bem ali, tão perto de mim. Eu não ouvi a chegada dele. Ele vestia jeans, uma térmica preta e sua jaqueta de couro preta. À luz do dia, tão cinza quanto era, ele estava diferente. O sinistro foi embora. A única coisa que restava era o robusto e interessante.

—Oi Violet. — Colt falou e eu me virei de volta.

—Oi Colt. — eu respondi e assisti Feb, carregando o seu menino, Jack, saindo de sua casa, e sua cabeça virada para ver com quem Colt falava.

—Uau!— Ela gritou. —Hey Cal!

—Feb. — a voz de Joe Callahan roncou.

—Você está na cidade por um tempo? — Colt perguntou, pegando Jack de Feb e habilmente plantando o bebê na dobra do braço enquanto o outro braço deslizou ao longo dos ombros de sua mulher.

—Não, saio amanhã. — Joe Callahan respondeu.

—Tem tempo para uma cerveja no J&J's?— Colt perguntou.

—Sim. — Joe Callahan respondeu.

—Vi? E você? — Perguntou-me Feb.

Eu fui ao bar de Feb, o J&J's Saloon, meia dúzia de vezes. Sua família o executava, o que significava que eu os conheci também. Era um lugar agradável. Já existia há algum tempo por isso era conhecido, era o tipo de lugar que você gostava de ficar e beber um pouco. Todos na cidade iam lá e a família de Feb fazia você se sentir bem-vindo.

Eu gostava de beber lá, atirando a merda com Feb, que era legal, e seu irmão Morrie, sua cunhada Dee, e mamãe e papai, Jackie e Jack, que eram todos tão legais quanto ela.

Ainda assim, não havia como ir quando Joe Callahan fosse.

—Obrigado, eu tenho algo. — respondi.

—Outra vez. — Feb falou, eu balancei a cabeça, ambos levantaram a mão em despedida e se dirigiram para a casa deles.

—Mais tarde, Cal. — Colt chamou.

—Sim. — Joe Callahan respondeu.

Voltei a cavar, decidindo fingir que ele não estava lá.

Esse esforço fracassou quando sua grande mão se enrolou ao redor da alça da pá.

Eu fiquei curvada para a minha tarefa, mas inclinei a cabeça para olhar para ele.

—Como você está, buddy? — Sua voz roncou, foi um estrondo suave e não chateado ou pós-drama. Foi muito diferente e meu estômago, por alguma estranha razão, embrulhou.

—Você pode soltar a minha pá? — Eu perguntei.

Sua resposta foi tirar a pá das minhas mãos.

Meu estômago revolveu desta vez por uma razão diferente, um pouco assustada me endireitei e virei para ele.

—Posso ajudá-lo com alguma coisa? — Perguntei.

—Seu nome é Violet. — ele me disse.

—Sim.

—Violet. — ele repetiu em voz baixa.

—Sim. — eu repeti também, não gostando dele dizendo meu nome em voz baixa porque eu meio que gostava de sua voz rudemente profunda dizendo meu nome em voz baixa.

Ele deu um passo para perto de mim e eu fiquei em pé. Ele não podia exatamente causar uma cena na minha garagem, não com Colt na casa do outro lado da rua. Joe Callahan pode ser grande e pode até ser maior que Alec Colton, mas imaginava que ninguém mexia com Colt. Ficaria feio, mas seria uma luta justa.

O pescoço de Joe Callahan se inclinou para que ele pudesse olhar para mim e começou a falar como se

estivéssemos tendo uma longa conversa, onde eu dormi na primeira parte e acordei no meio.

—Ela ganha seis milhões de dólares por filme, dois filmes por ano, quatro vezes em endossos estrangeiros por tudo que você pode imaginar, merda de cabelo, sorvete, nomeie, eles pagam o suficiente, ela vende.

Ele falava sobre Kenzie Elise.

Eu não tinha absolutamente nenhum interesse nisso e comecei a contar a ele esse fato.

—Joe...

Ele me cortou.

—Em qualquer lugar que ela vá, as pessoas pedem seu autógrafo, tiram fotos dela, rastejam e fazem merdas que você não acreditaria apenas para chamar sua atenção. Por causa de tudo isso, ela está tão louca que é uma maravilha que ainda possa ver. O problema é que ela tem muita companhia rica.

—Eu não tenho nada a ver com isso. — eu disse a ele.

Ele continuou falando como se eu nem sequer falasse.

—Eu não sujo onde moro normalmente. Ela jogou comigo, eu não tinha a mínima ideia de que ela era quem é até eu saber, então eu não quis participar disso.

—Eu acho que entendi. — o lembrei que eu estava lá enquanto ele fazia esse ponto para ela.

—Aconteceu uma vez, uma vez foi o suficiente. O sexo foi uma merda, buddy.

—Eu também entendi isso.— E isso era um eufemismo, eu *definitivamente* entendi.

—Ela nunca aceita um não como resposta. Isso não acontece com ela. Ela consegue o que quer quando quer, sempre. Ela me queria. E estava nesses jogos assim para chamar minha atenção por seis meses. Isso afetava o meu trabalho, o que não me deixava feliz, mas eu poderia lidar. Naquela noite, ela invadiu minha casa. Roubou minhas chaves, fez uma cópia, descobriu onde eu morava e entrou sem ser convidada, jogando seus jogos. Não foi legal.

Tive de admitir que ele não estava exatamente errado, isso não foi legal. Eu sabia disso. Melhor do que ele entendia. Eu sabia *exatamente* quão não legal isso era.

Isso não mudava o fato de que ele a humilhou a ponto de fazê-la se arrastar no chão em um body para pegar suas coisas e caminhar na noite fria para pegar suas roupas na neve. Esse tipo de humilhação era extrema e desnecessária.

Antes que eu tivesse a chance de explicar isso para Joe Callahan, ouvi carros se aproximando e olhei para cima para ver o pequeno Ford Fiesta branco de Kate, seguido por uma picape amarela brilhante descendo a rua.

Joe e eu saímos da garagem para a neve do pátio, quando os dois carros entraram na garagem. Kate e Keira saíram do Fiesta, mas eu olhava para o homem alto e robusto que saiu da picape.

Keira pulou através da neve para mim e fez isso rapidamente.

—Hey. — ela disse e eu tirei meus olhos do homem alto e robusto para ver minha filha mais nova olhando para Joe Callahan parecendo que olhava para quem quer que fosse seu atual boy band galã e eu não sabia quem era, Keira passava por paixões como trocava roupas, que era o mesmo que dizer rapidamente e ao acaso.

—Ei. — disse Joe de volta.

—Eu sou Keira. — anunciou ela.

—Cal.

—Legal. — Keira respirou e olhou para mim, em seguida, piscou, inclinou-se e sussurrou —Kate tem um *namorado*.

Ah Merda.

Meus olhos cortaram o homem alto e robusto que caminhou até Kate, colocou um braço em volta dos ombros dela e agora estavam caminhando para nós.

Seus olhos estavam em Joe.

—Você é Joe Callahan. —disse o rapaz, olhando para Joe como se ele também estivesse vendo seu herói atual, seja o astro do futebol americano, o astro do beisebol ou algo assim.

—Sim. — respondeu Joe.

—Fantástico. — o rapaz sussurrou.

Kate arrancou os olhos de Joe e olhou para mim.

—Mãe, este é o Dane. Ele está aqui para estudar. Tudo bem para você se fizermos isso no meu quarto?

Meu corpo travou e eu olhei para a minha filha mais velha.

Era justo dizer que não era legal comigo que esse homem alto e robusto, que achava que Joe Callahan era incrível, estudasse com minha filha de dezesseis anos em seu quarto. Era justo dizer que, se Tim estivesse ao meu lado, e não Joe Callahan, sua cabeça explodiria com tal pergunta. E explodiria porque, quando ele e eu deveríamos estar estudando no meu quarto, estávamos, em vez disso, fazendo Kate.

Porra!

Agora o que eu faço?

Não podia dizer não na frente de Dane. De jeito nenhum Kate deveria me fazer essa pergunta na frente de Dane, e me fazer parecer a mãe nervosa e tensa, me forçando a escolha de fazer o que me daria paz de espírito, portanto pedindo-lhes para estudar no escritório ou constrangendo-a na frente de seu novo possível namorado alto e bonito, e provavelmente muito popular, que seria importante para qualquer menina, mas especialmente importante para a minha menina que acabara de ser forçada a deixar a escola que ela amava, onde deixou para trás um milhão de Buddys que conhecia desde sempre para se mudar para uma escola a quatro horas de distância, em uma pequena cidade em Indiana, onde não conhecia ninguém.

Porra!

—Claro. — eu disse com os dentes cerrados, Kate sorriu e tentei não gemer. Então Kate, Dane e Keira se dirigiram para a

casa. —Mas Kate... —chamei depois que ela passou —quero sua porta aberta.

Keira deu uma risadinha. Dane sorriu. Kate olhou para mim, seus olhos deslizaram para Joe e depois para mim e suas bochechas ficaram rosadas.

—Tudo bem. — ela respondeu.

Graças a Deus.

A porta da frente se fechou atrás deles e Joe avisou:

—Você deveria lhe dar preservativos.

Meus olhos voaram para os dele e eu pisquei.

—O quê? — Eu perguntei.

— Preservativos buddy, você de todas as pessoas deveria saber que você deve dar preservativos .

—O que isso deveria significar?

—Ela é sua filha?

—Sim.

—Ela está dirigindo, o que significa que você a teve, o que, quando você tinha quinze, dezesseis anos?

—Dezoito.— Na época em que nasceu, é claro, sua concepção era outra questão, mas não compartilhei isso com Joe.

Ele apenas olhou para mim, em seguida como sempre, realmente não precisa dizer mais, seu ponto foi feito.

—Posso ter minha pá de volta?— Perguntei.

Ele não me deu minha pá de volta.

Em vez disso, ele disse:

—Venha para a J&J's esta noite, comprarei uma bebida para você.

Isso não foi realmente um convite, mas eu decidi tratá-lo como um.

—Obrigado, mas não.— Então eu repeti —Posso ter minha pá de volta?

Ele virou-se completamente para mim e novamente entrou no meu espaço. Demorou muito, mas eu segurei meu chão e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele. Eu tive que me afastar, ele estava tão perto e era tão alto.

—Estou tentando ser um vizinho. — ele disse baixinho.

—Vizinho não teria me arrastado para sua casa e me levado para aquela cena.

—Eu precisava de uma testemunha e você era a única disponível.

—Uma testemunha?

—Sim.

—Por quê?

—Porque Kenzie é um pé no saco, se ela puder causar problemas ela vai e a cadela pode criar problemas para mim. Eu tenho uma testemunha sobre como as coisas aconteceram, então acho que ela não compartilhará essa cena com ninguém, ficará de boca fechada. Ou talvez pode compartilhar o que

quiser, fazer a coisa toda. Ela entende que eu estava certo, se mantém de boca fechada. Se não, então eu te apresento para dizer como foi.

—Apresentar-me?

—Não acontecerá, ela não dirá merda.

—Apresentar-me para quem?

—O que?

—A quem você me apresentaria?

Sua cabeça inclinou ligeiramente para o lado e suas sobrancelhas se juntaram.

—Clientes.

—Que clientes?

—Os potenciais clientes que poderiam ser seduzidos para não me contratarem se ouvirem alguma besteira que Kenzie inventasse.

—Que tipo de clientes?

Ele chegou mais perto e eu realmente queria me afastar, mas não o fiz quando ele perguntou:

—Buddy, você está falando sério?

—Sim.

—Estou em segurança.

—Segurança? — Ele assentiu e eu continuei. —Que tipo de segurança?

—Sou segurança de Kenzie Elise.

Eu olhei para ele, sentindo meus lábios se separarem e meus olhos se arregalarem.

Eu tinha um segurança de estrelas ao lado.

Que merda?! Lá estava eu na minha situação e eu tinha segurança, para as merdas das estrelas, que morava na casa ao lado e eu o odiava porque ele era um grande idiota. Não poderia tê-lo feito um prato de biscoitos quando vi o brilhante, preto, novo modelo da picape Ford na entrada e o encantasse com minha sagacidade afiada. Não. Tive que me envolver em uma situação quando ele jogou uma estrela de cinema na calçada, que caíra na luxúria com seu guarda-costas misterioso, robusto e de aparência interessante, e ao mesmo tempo descobrir durante a dita situação que ele era um imbecil enorme e caindo em ódio instantâneo por ele.

—Então, vendo como você faz o que você faz, e considerando a reação de Dane para você, eu acho que você é muito famoso por aqui? — Eu perguntei e ele balançou a cabeça.

—Não famoso, as pessoas só sabem o que eu faço e às vezes para quem eu faço. Eles são os famosos, não eu.

—Essas coisas se correlacionam.

—Na verdade não.

—Dane parecia muito impressionado.

—Ele tem dezessete anos. Isso não é difícil para uma criança de dezessete anos.

—Ainda assim eu acho que, por aqui, você também não ouve muitas vezes.

—Eu não estou aqui por muitas vezes.

Deus, ele tinha uma resposta para tudo.

—Mesmo assim, não na bebida, ok Joe? — Eu disse. — Agora, posso ter minha pá de volta?

Assim como ele fizera naquela noite, ele me estudou por um tempo, algo estava acontecendo por trás daqueles olhos azuis, que eu não consegui ler.

Então ele me deu minha pá, virou e foi embora.

Eu desisti do trabalho, levaria uma eternidade e havia um garoto alto e robusto no quarto da minha filha. Portanto, eu deixei a pá na frente da casa, entrei e fiz todo tipo de coisa em voz alta, como jantar ou fazer perguntas para Keira, mesmo quando ela estava na sala, então Kate e *Dane* não podiam esquecer que eu estava de olho.

Quando Dane saiu depois do jantar eu descobri que gostava dele, assisti pela janela quando Kate o acompanhou até a picape .

Então me forcei a não assistir, porque em primeiro lugar não queria ver e, em segundo lugar, eu não era uma mãe impassível e tensa que veria sua filha e seu novo namorado pela janela.

Mas enquanto eu me virava, minha cabeça voltou e meus olhos se estreitaram na direção.

Exceto que debaixo do meu carro, do carro de Kate e da caminhonete de Dane, a calçada fora esvaziada da neve.

Eu parei de olhar pela janela da frente para olhar para a esquerda, para fora da janela ao lado da pia da minha cozinha, de frente para a casa de Joe.

A casa estava às escuras e não havia nenhuma picape Ford na entrada.

Não havia uma na manhã seguinte também.

Ou na próxima.

Ou nas duas semanas depois disso.

Capítulo Dois

Fome

Eu dirigi de casa para a loja de jardinagem pensando em várias coisas.

Primeiro, eu pensava que os contracheques em tempo integral não significavam muita mudança para os de meio período, especialmente quando os impostos e seguros eram deduzidos.

Segundo, que passei muito tempo, enquanto Kate e Keira cresciam, desejando que eu pudesse fazer as coisas. Coisas como ir ao cinema sempre que quisesse, tomar um longo e quente banho de espuma quando o clima pedisse. Algo como ler um livro sem que a palavra “mamãe” gritasse repetidas vezes tipo: “Mamãe, onde está minha mochila”? ou “Mamãe, Keira está me incomodando” e “Mamãe, estou com fome”. Agora, com Kate fora com Dane o tempo todo, ou com ele em nossa casa, o que eu preferia porque poderia ficar de olho neles, e ainda assim não via muito de Kate durante esses

tempos e Keira, que parecia tentar fazer uma forma de arte de socializar, e nunca estavam em casa. Eu poderia assistir um filme, ter um banho de espuma ou ler um livro inteiro, se quisesse. Mas, é claro, já que a vida na maior parte do tempo era uma merda e não um monte de coisas boas para mim, eu não queria mais nada disso. Tudo que queria era que minhas garotas estivessem em casa.

Eu poderia, provavelmente, lidar com isso melhor se Tim estivesse em casa, ou se eu soubesse que ele voltaria para casa em vez de saber que vou para uma casa vazia, e um jantar sozinha e nada além de solidão até o toque de recolher nos dias da semana, ás oito horas, ou toque de recolher de fim de semana, dez horas para Keira, onze para Kate. Infelizmente, isso não era uma opção.

Eu entrei na minha rua e minha mente deixou esses pensamentos quando vi as luzes acesas e a picape preta na entrada da casa de Joe.

—Ótimo. — eu murmurei sob a minha respiração.

Incomodava-me que ele estivesse em casa, o porque, não conseguia imaginar. Ele iria embora amanhã e eu não me importava com ele de qualquer maneira. Eu duvidava que Joe viesse me pedir para tomar uma bebida com ele na J&J's ou que sequer o veria. E não havia neve, fazendo-me pensar que ele poderia ser um cara decente, embora soubesse que ele não era. Ele limpou minha neve, e eu sabia disso porque perguntei a Colt se ele fizera isso e a resposta foi não, perguntei também a Jeremy e ele disse que não, e desde que não poderiam ser os

meus outros vizinhos porque eram velhos demais, Myrtle, a viúva que morava do outro lado de Joe e Pearl, a solteirona que morava na minha frente ou cadelas, Tina, que morava do meu lado do outro lado, tinha que ser Joe.

Mas ele estar em casa, vendo seu caminhão em sua garagem, por qualquer motivo me incomodou, e não podia negar.

Manobrei meu carro e estacionei embaixo do toldo. Os dias estavam mais leves, mas a noite já chegava, estava ficando tarde. Bobbie me pediu para fazer um pouco de horas extras e fiz. Eu precisava do dinheiro, então porque não? Não havia razão para ir para casa quando Kate e Keira estavam fora.

Peguei minha bolsa, saí do Mustang e parei quando ouvi uma risada de mulher. Eu olhei para a direita para ver Joe em sua jaqueta de couro preta e jeans, caminhando para sua caminhonete. Atrás dele estava uma mulher em uma minissaia preta e apertada e uma jaqueta jeans. Ela tinha longos e cheios cabelos loiros ondulados e era pequena, mas usava um par de botas pretas de salto alto . Ela trotava atrás dele em uma leve corrida com tal graça, que era como se tivesse nascido em botas pretas de salto alto. Ela ainda ria e eu estava na minha porta aberta, um braço no capô do meu Mustang, observando enquanto a loira pegava a mão dele e derrapava em seus calcanhares, puxando a mão para ela. Ele se virou, ela inclinou a cabeça para trás e ela deve ter dito algo, algo que não ouvi, algo que ela achou engraçado porque riu novamente.

Mas eu podia jurar, mesmo com a distância, que vi o clarão branco do sorriso de Joe. Não o conhecia muito bem, mas, se me perguntassem, eu diria que não era fisicamente possível Joe sorrir.

Então ele a dobrou em seus braços, envolvendo-a com seu grande corpo e sua cabeça desceu, a dela inclinada para trás e eles começaram a se beijar.

Uma dor aguda tomou conta do meu coração.

Doeu assistir. Muito e ainda assim não conseguia deixar de olhar.

Havia algo em seu corpo grande, em suas roupas escuras, seus braços poderosos ao redor dela, segurando-a perto de seu longo corpo, envolvendo-a de uma forma que demonstrava sexo (ou levando a isso, provavelmente), mas parecia mais. Talvez segurança, proteção, sua cabeça escura inclinada para a loira, tudo isso por algum motivo, me cortava até os ossos.

Eu queria isso para mim. Sentia falta disso, Deus, eu sentia falta e queria de volta e naquele momento, eu sabia que nunca mais teria.

E isso doeu pra caralho.

Desviei meu olhar e o mais silenciosamente que pude para que Joe não ouvisse, fechei a porta do meu carro e caminhei para a porta lateral da cozinha. Eu estava prestes a inserir a minha chave quando a porta foi aberta por dentro, a luz acesa, Keira e Kate apareceram e gritaram:

—Surpresa!— Ao mesmo tempo senti um braço forte enrolar em volta da minha barriga por trás. Fui levantada dos meus pés e virei no ar.

Eu gritei, alto e penetrante, meus joelhos subindo, meus dedos enrolando ao redor do braço na minha cintura enquanto eu girava mais uma vez por quem me tinha. Kate e Keira saíram correndo da casa e pularam ao nosso redor como duas garotas adolescentes excitadas enquanto girávamos.

Paramos de girar e fui colocada de pé no chão, quando ouvi meu irmão Sam dizer baixinho no meu ouvido.

—Como está minha irmã mais velha ?

Quando ouvi sua voz gritei de novo desta vez alto e alegre, girando em seu braço e jogando meus braços ao redor de seu pescoço. Eu segurei beijando sua bochecha, sua mandíbula, seu pescoço, pulando para cima e para baixo. E enquanto eu fazia isso, Kate e Keira, seus braços ao redor de nós dois pulando para cima e para baixo também, gritavam alto e ensurdecedor adolescentes guinchos de prazer.

Sam parou de me abraçar para que ele pudesse envolver todos nós em seus braços e sua cabeça inclinada para trás para que ele pudesse gritar:

—Estas são minhas garotas!

Eu olhei para o meu irmão seu lindo rosto, seus olhos quentes e marrons, seu cabelo castanho claro (que precisava de um corte, notei) e minhas mãos deslizaram de seu pescoço para envolver sua cintura, e então plantei meu rosto em seu peito e segurei firme.

— Meninas mais bonitas do mundo!— Sam continuou gritando. —Isso mesmo! Engula! Pura beleza!

Inclinei a cabeça para trás porque ele parecia estar falando com alguém em vez de gritar com ninguém e vi a cabeça dele virada para a esquerda, na direção da casa de Joe.

Minha cabeça virou desse jeito também.

Joe e sua mulher, não trancados em uma sessão, mas em vez disso, simplesmente parados próximos um do outro, olhavam em nossa direção.

—Nenhuma fêmea na terra é mais bonita que esta matilha!— Sam declarou. —Você ouve o que eu estou dizendo?

Eu olhei para Sam.

—Querido...

Ele me ignorou, ainda falando com Joe e sua companheira que ainda assistiam ao show de Sam. Ela sorria, Joe não.

—Você está bem, devo admitir... — Sam inclinou a cabeça para a amiga de Joe —...mas nada é melhor do que as minhas garotas!

Keira deu uma risadinha. Kate se levantou na ponta dos pés para beijar sua bochecha. Comecei a pressionar meu amontoado em direção à porta da cozinha. Meu irmão Sam também era alto e não era desleixado, provavelmente poderia se segurar com, digamos, Morrie, irmão de Feb. Eu duvidava que durasse uma rodada com o segurança das estrelas, e ele

poderia comprar uma rodada se falasse sobre a mulher de Joe assim.

—Vamos para dentro. — eu persuadi.

Sam não tinha terminado com Joe e sua amiga. Ele sentiu a necessidade de anunciar:

—Jantar com minha família. Tão bom, *porra*!

—Sam!— Eu retruquei, finalmente esquecendo Joe e sua parceira. —Olá? Palavrão está fora dos limites das garotas adolescentes.

—Mãe!— Keira chorou. —Eles dizem isso na escola o tempo todo.

—Talvez sim, mas eles não dizem isso na minha garagem ou — olhei para Sam —na minha casa.

—Relaxe. Merda!— Sam sorriu, soltando os braços mas virando e jogando um em volta dos meus ombros enquanto usava a outra mão para guiar Kate e Keira para a casa em frente a nós.

—Merda está fora dos limites também. — eu disse a Sam e ele olhou por cima do ombro em direção a casa de Joe.

—Violet está tensa! Estou aqui há cinco minutos e ela está me chamando a atenção.— ele gritou e eu o empurrei pela porta, virei para Joe e comecei a gritar.

—Desculpe, sinto muito, o show acabou!

—Não há problema!— A mulher gritou de volta com bom humor.

Joe parecia estar olhando para mim, mas não disse uma palavra.

Eu corri para dentro e fechei a porta.

—Ele me mandou uma mensagem!— Kate me disse praticamente antes que a porta se fechasse. —Na escola, tio Sam disse que vinha para a cidade e queria surpreendê-la.

—Levou um longo tempo para chegar em casa Vi, esperei uma eternidade. — observou Sam —O quê, você mora naquele centro de jardinagem?

—Estava fazendo horas extras. — respondi enquanto tirava o meu casaco de veludo cotelê. Eu me virei para colocá-lo em um gancho perto da porta, uma ação de dupla serventia porque me permitiu evitar o olhar que Sam me deu.

—Tio Sam fez seu mundialmente famoso espaguete carbonara. —anunciou Keira —Eu estava de olho. Desligamos as luzes quando vi seu carro na rua.

Virei-me novamente para olhar a cozinha e vi que meu irmão fez espaguete carbonara e também a bagunça que veio com ele.

Kate correu até mim e agarrou meu antebraço, puxando-o para baixo, me informando:

—Ele ficará alguns dias e conhecerá Dane.

Lucky Sam, iria conhecer o incrível Dane.

—Se isso for legal para você, Vi. — disse Sam.

Nem precisava perguntar.

Era legal comigo. Era legal ele ficar alguns dias ou alguns anos. E isso não era a solidão falando. Isso era o quanto eu amava meu irmãozinho.

—Isso é ótimo.

—*Excelente*!— Keira gritou.

—Pegarei o lençol para o sofá-cama. — Kate ofereceu, em seguida saiu correndo da sala.

—Keira, querida, ponha a mesa. — eu disse à minha outra filha.

—Claro. — ela concordou, indo para o armário e Sam chegou perto de mim.

—Vamos conversar sobre horas extras depois do jantar. — ele disse baixinho.

Meus olhos se voltaram para o lado e para cima pegando os dele. Eu balancei a cabeça e entrei na minha sala.



Comemos o espaguete carbonara na mesa da sala de jantar e eu só senti uma pontada de dor quando Sam sentou na cadeira de Tim, em vez de ao lado de Keira, onde ele costumava se sentar numa das milhões de vezes que ficava para jantar, quando morávamos perto dele em Chicago. Eu me perguntei se minhas garotas sentiram a mesma pontada, mas observando-as durante o jantar, achei que estavam muito excitadas com a visita de Sam para perceber.

Sam fez pão de alho e uma grande salada Ceasar para ir com o espaguete e a coisa inteira estava deliciosa, não só porque não era o jantar para um ou porque não tive que cozinhar, mas porque o espaguete carbonara de Sam seria mundialmente famoso, se o mundo tivesse a sorte de ter um gostinho.

Eu bebia o meu vinho enquanto as meninas terminavam de comer. Ambas falavam sobre a nova escola, os novos Buddys e Kate, claro, compartilhava muita coisa sobre o fabuloso Dane. Portanto, não prestavam muita atenção à comida.

Eu observei quando Sam se levantou e caminhou até a bolsa que estava no chão perto do sofá na sala de estar. Curvando-se para vasculhar ele voltou para a mesa com algo em sua mão quando Kate bateu o último pedaço de pão em sua boca e Keira terminou sua última mordida de espaguete.

Sam se moveu para ficar ao lado de Kate, deu um tapa na mesa e disse:

—Um para você, — ele bateu outra coisa e continuou — outro para você.— Ele se moveu ao redor da mesa enquanto Kate pegava as coisas e as inspecionava. Seus olhos ficaram enormes e sua boca caiu aberta. De pé ao lado de Keira, ele repetiu esse processo usando as mesmas palavras. —E um para você, outro para você.

—Oh meu *Deus!* — Kate finalmente respirou, os cartões mantidos perto de seu rosto como se não pudesse acreditar em

seus olhos e precisava de proximidade com as maravilhas que via para elas serem reais. Seus olhos ficaram enormes.

Sam veio até mim, colocou algo no meu prato e terminou.

—E para você.

Olhei para os cartões de presente ao lado do meu prato enquanto Keira gritava:

—Quinhentos dólares do Lucky!

—E duzentos no MAC!— Kate gritou agitando seus dois cartões ao redor.

Eu olhei para os meus cartões de presente. Um deles quinhentos dólares num cartão de crédito descartável, o outro foi de duzentos dólares no MAC.

Em estado de choque eu olhei para Sam, mas as meninas saltaram de seus assentos e pulavam repetidamente, com os braços ao redor dele, empurrando seu tio enquanto saltavam.

—Vocês têm que ganhá-los, bebês. — disse Sam, segurando-os em seus braços e beijando os topos de suas cabeças. Eu assisti ele dar um aperto antes que pedisse — Limpe a mesa e lavem a louça, sim?

Kate não se importava com as tarefas. No minuto em que lhe pediram para fazer alguma coisa, ela fez isso, não procrastinou, tirou do caminho e seguiu em frente. Keira os odiava e procrastinaria o quanto fosse humanamente possível, em seguida, reclamaria por todo o tempo que estivesse fazendo-o. Mas, para os presentes de setecentos dólares nas

duas lojas favoritas, ela lavaria os pratos. Inferno, quem não faria?

Portanto, ambas concordaram em gritos:

—Sim!

Então correram ao redor da mesa, pegando os pratos e Sam me agarrou. Ele pegou meu braço e me levantou do meu lugar, levando a garrafa de vinho da mesa como ele. Eu peguei meu copo e a mão de Sam deslizou pelo meu braço para enrolar meus dedos. Ele pegou seu copo com facilidade praticada, carregando-o e a garrafa enquanto me guiava para o escritório.

Eu coloquei a velha escrivaninha de Tim lá dentro com o nosso antigo computador e as meninas às vezes estudavam lá na mesa do pai. Eu também coloquei as duas poltronas reclináveis que Tim tinha em sua caverna de homem lá em casa em ângulos no canto e foi para onde Sam me levou. Eu me enrolei em uma poltrona reclinável, meus pés no banco, joelhos no apoio de braços e Sam encheu meu copo, em seguida, o dele e depois se sentou na outra cadeira reclinável.

—Sam, os cartões de presente... — eu comecei , sabendo que ele não tinha esse tipo de dinheiro.

Sam me interrompeu dizendo:

—Papai.

Eu senti minha boca ficar apertada.

—Vi, não! — Sam advertiu —Apenas pegue e use para algo estúpido. Você sabe que isso irritaria mais a mamãe.

Certamente seria. Mamãe odiava qualquer coisa frívola, mais especialmente roupas e maquiagem.

—Ela sabe que o pai lhe deu dinheiro para comprar esses cartões? — Perguntei.

—Ela saberá quando conciliar o talão de cheques.

—Papai ouvirá por isso.

—Papai não se importa.

Eu olhei Sam nos olhos.

—E eu também não me importo. Demasiadamente tarde.

—Vi...

Eu balancei a cabeça.

—Tarde demais, Sam.

Olhei para a cozinha, observando as garotas se arrumando, seus cabelos grossos saudáveis, longos e escuros brilhando sob as luzes da cozinha suas peles impecáveis e brilhantes, seus corpos magros jovens, mas florescendo, adolescentes se movendo com graça inconsciente. Eu observava minhas meninas enquanto elas se moviam, meninas que tinham muito pouco a ver com seus avós depois que meus pais me deserdaram quando engravidei aos dezessete anos e anunciei que manteria o bebê e me casaria com o pai, algo que desaprovaram imensamente, ou pelo menos mamãe desaprovava, então perguntei a Sam em voz baixa:

—Papai quer que elas saibam que é dele?

—A decisão é sua.

Suspirei, pensando em contar às garotas, seria o correto, mas não gostaria disso.

—Vi. — Sam chamou e eu olhei para ele. —Por que você trabalha horas extras?

Isso me fez suspirar novamente.

Então respondi:

—Porque Kate tem Dane, ela está envolvida nele mesmo que só estejam namorando há algumas semanas. E Keira fez amizade com toda a turma da oitava série. Elas não estão em casa muito, assim prefiro fazer algum dinheiro extra em torno de um centro de jardinagem do que chegar para uma casa vazia.

Eu vi os olhos do meu irmão ficarem macios e desviar o olhar.

Sam me leu e mudou de assunto, mas escolheu um que não era menos desconfortável, mesmo que não fosse tão triste.

—Você ouve dele?

—Não. — eu respondi instantaneamente.

—Nada?— Sam parecia surpreso.

—Nada.

Senti Sam se inclinar para perto de mim, então olhei para ele enquanto tomava um gole do meu vinho.

—Eu estive bisbilhotando...

Senti meu corpo ficar apertado o medo segurando minhas entranhas e me inclinei para o meu irmão.

—Sam...

Ele balançou sua cabeça.

—Alguém tem que fazer alguma coisa. Ele não terminou com você.

—Esse alguém não tem que ser você.

—Vi... alguém tem que fazer alguma coisa.

—Deixe a polícia lidar com isso.

Eu assisti Sam ficar irritado e foi sua vez de desviar o olhar.

—Sam, me prometa que você deixará passar. — eu disse suavemente.

—Não posso.

—Sam...

Seus olhos se encontraram nos meus e ele repetiu:

—Não posso.

—Você não sabe o que está fazendo.

—Estou sendo cuidadoso.

Eu me inclinei mais e assobiei.

— Não mexa com esse cara.— Sam não respondeu e eu coloquei minha mão em seu braço e cheguei ainda mais perto do meu irmão. —Você sabe o que aconteceu com Tim, e ele fazia o seu trabalho... você sabe que não deve mexer com esse cara.

—Então deixo ele mexer com a minha irmã?

—Ele esquecerá de mim.

—Sim?

—Sim.

—Besteira.

—Sam...

—Besteira, Vi.

—Pense em Melissa.

—Ela concorda comigo que algo tem que ser feito.

Meu irmão namorava Melissa há dez anos. E viviam juntos por nove desses dez anos, mas nunca se casaram. Eles conversavam sobre isso o tempo todo, mas estavam sempre gostando demais de suas vidas para fazer algo sobre isso. Mel e Sam estiveram perto de Tim e o adoravam. Sam se sentia como se Tim fosse seu irmão, e a recíproca era verdadeira. Todos nós fomos muito próximos. Quando Tim morreu, eles sofreram muito, quase tanto quanto eu e as meninas. E Mel tinha atitude, assim como Sam. Eu sabia que falava a verdade quando disse que Mel concordava que algo tinha que ser feito, não só porque eles amavam Tim, mas porque também amavam a mim e as meninas.

—Fale com Barry. — sugeri.

—Estou falando com ele.

—O que ele disse?

—Ele entende que um irmão tem que fazer o que tem que fazer.

Sim, Barry entenderia isso. Barry era tão louco quanto Tim e Sam.

—Sam, Barry é um policial e ele disse que não descansará.

—E ele não vai.

—Então o deixe fazer o seu trabalho.

—Isso não significa que ele não precise de ajuda.

—Não de você.

—Apenas deixe isso, Vi.

Olhei para o rosto duro do meu irmão por alguns segundos, então me virei, engolindo e pensando que talvez não fosse bom estarmos tão perto. Talvez não fosse bom, eu o amava como louca e ele sentia o mesmo. Talvez não fosse bom Melissa pensar no meu mundo e no das meninas.

Eu respirei fundo, deixei sair e tomei outro gole de vinho.

Então deixo ir. Não tinha escolha e sabia disso. Sam era teimoso, sempre foi, então eu sussurrei:

—Diga a Mel para vir com você na próxima vez, sim?

—Direi. — Sam sussurrou de volta, em seguida, mudou de assunto novamente. —Quem é o grandão da porta ao lado?

Meus olhos se moveram para o meu irmão.

—O que?

— O cara grande ao lado com a garota loira? Ela é sua vizinha, ele é ou os dois?

—Ele. Joe Callahan.

—Bom vizinho para ter. — Sam comentou.

Eu senti minhas sobrancelhas se juntarem.

—Por quê?

—Parece que ele poderia esmagar uma pedra com o punho.

—Por que isso faz dele um bom vizinho?

—Também parece com alguém que você não quer mexer.

Sam não estava errado sobre isso.

—Novamente, por que isso faz dele um bom vizinho? — Perguntei.

—As pessoas não deixam as coisas acontecerem sob seus capuzes. Ele sendo seu vizinho e se aquele imbecil pensar em mexer com você aqui acho que esse cara Joe, se envolveria.

O pensamento de Joe Callahan se envolver em meus problemas me deu um calafrio.

—Vamos apenas esperar que aquele idiota não pense em mexer comigo aqui.

—Ele irá, e você deveria ter uma palavra com este Joe.

Isso não aconteceria.

—Sam...

—Talvez eu tenha uma palavra, explique as coisas, peça para ele ficar de olho.

Eu me inclinei para frente novamente e falei:

—Não faça isso.

—Por que não?

—Só não, ok? A sério.

Meu irmão me observou e perguntou:

—Você tem um problema com esse cara?

—Não. — menti rapidamente. —Ele não está por perto com muita frequência e eu vim até aqui para escapar dessa bagunça toda. Eu não quero todos no meu negócio.

—Vi...

—Eu não sei, Sam. Se algo acontecer, falarei com Colt. Ele é policial e mora do outro lado da rua. É um cara legal, um bom policial. Ficará tudo bem.

—O cara que teve aquele serial killer depois dele?

—Sim.

Sam sacudiu a cabeça.

—Cristo, ele adorará se aquele idiota sangrar em sua cidade depois que a bagunça cair.

Sam não estava errado sobre isso também.

—Podemos apenas aproveitar a sua visita e não falar sobre essa merda? — Sugeri.

—Podemos depois de você responder a uma pergunta.

Suspirei novamente e perguntei:

—Qual?

—Você precisa de dinheiro?

Às vezes era irritante como meu irmão me conhecia.

Eu precisava de dinheiro. As coisas estavam apertadas, não ao ponto onde a comida não estivesse na mesa, mas ao ponto em que era uma preocupação constante e incômoda na parte de trás da minha cabeça porque eu podia dar às minhas meninas o que elas precisavam, mas não um monte de coisas que queriam e que não pude dar.

—Eu estou bem.

—Sim?

Minha voz ficou macia quando eu menti:

—Sim, Sam. Estou bem.

—Ok, então você usa aqueles dois mil que eu coloquei na sua mesa de cabeceira para se fazer um belo jardim.

Senti meus olhos se arregalarem e minha boca se abrir, mas não falei.

—E você não pode recusar. — Sam continuou. —É meu e de Mel. E ela explodirá se eu voltar com esse dinheiro.

—Sam, eu não posso aceitar isso.

—Se você recusar, eu estarei num monte de merda com Mel.

—Sam...

Ele se inclinou para frente novamente.

—Quantas vezes você e Tim me socorreram, huh? Quantas?

—Mas...

—Mais de dois mil dólares, muito mais.

—Eu não posso...

—Reembolsando, baby.

—Sam...

Colocou sua mão em volta do meu pescoço e me puxou pelo espaço entre as cadeiras de canto, então meu rosto estava no seu.

—Reembolso. — ele sussurrou.

Eu pressionei meus lábios para lutar contra a dor das lágrimas nos meus olhos. Antes de Melissa, Sam era selvagem, sempre fazendo coisas estúpidas, sempre vindo para nós para salvá-lo e sempre o fazíamos. Apesar de ter sido anos atrás e nunca esperamos nada em troca, Sam sentiria o peso pressionando-o. Ele viveria com ele, bem debaixo de sua pele. Ele precisava fazer isso, eu sabia, então ele poderia tirar esse peso e eu precisava deixá-lo.

Eu respirei pelo nariz, assenti e observei meu irmão sorrir.



Na manhã seguinte, o caminhão de Joe ainda estava em sua garagem, mas sua casa estava em silêncio.

Na manhã seguinte, na manhã em que Sam saiu, a caminhonete de Joe havia desaparecido.



—Merda, Vi, desculpe, eu recebi uma chamada. — disse Colt depois que ele desligou o telefone e enfiou no bolso traseiro da calça jeans. Ele estava sentado na banqueta ao meu lado no J&J's Saloon.

Eu olhei para o meu suco de cranberry e vodka. Era o meu terceiro, Morrie preparava o meu quarto drink, no momento. Eu não tinha me movido do banco por um tempo, então não sabia da extensão da minha embriaguez, mas imaginava, já que não bebia muito, e já estava bem embriagada.

—Tudo bem. — eu disse a Colt, que era o meu motorista designado, quando cheguei ao bar com ele e February, depois que ela me viu pegando minhas correspondências da caixa de correio quando cheguei em casa após o trabalho. Nós demos nossos acenos e então ela sugeriu que eu fosse com ela e Colt para J&J'S para uma noitada.

Eu aceitei porque era sexta e às sextas-feiras as pessoas normais saíam para tomar uma bebida, socializar, relaxar.

E também porque Kate estava com Dane e me pediu uma extensão de uma hora em seu toque de recolher, porque havia uma festa que tinha que participar. Todas as outras meninas tinham o toque de recolher mais tardio e ela explicou que pareceria uma idiota se tivesse que estar em casa às onze. Eu permiti isso porque eu era uma idiota. E sabia que essa festa não era sobre crianças tomando cerveja e discutindo possíveis inscrições para faculdades que eles gostariam de apresentar. Eu só esperava que minha filha mais velha fosse responsável.

Também esperava que o namorado dela, Dane, que parecia mais na dela do que ela na dele, se isso fosse possível, cuidaria da minha filha.

E também aceitei sair porque Keira estava em uma festa do pijama, então significava que Kate e Keira estariam fora, a casa estaria vazia e eu preferia estar na J&J'S tomando uma bebida sentada perto de Colt, que era um cara legal (e provou ser um cara divertido, de um jeito meio irmão, alegre e brincalhão, e não novamente em casa sozinha.

—Você quer que eu deixe você em casa agora? — Colt perguntou.

Morrie deslizou a bebida na minha frente e eu sorri para ele, então olhei para Colt e, ainda sorrindo, balancei a cabeça. Colt olhou para minha bebida e então para mim e ele sorriu de volta.

Ele se virou para Morrie.

—Você pode conseguir que Darryl leve Violet para casa?

—Eu pegarei um táxi. — eu disse rapidamente porque eu poderia sofrer um acidente, mas era sexta à noite e o bar estava lotado, então eu sabia que Morrie não podia permitir que seu empregado Darryl saísse para brincar de motorista para mim.

—Está tudo bem, Vi, Darryl pode levar você ou eu vou. — afirmou Morrie sorrindo para mim.

Cara, ele era tão legal, todos eles eram.

—De verdade, eu pegarei um táxi. — sorri de volta.

—Eu a levo. — uma voz profunda e rouca disse atrás de mim.

Torci no banquinho olhei para cima, e mais para cima e vi, atrás de mim, Joe Callahan, com o cabelo mais longo e rebelde, usando uma jaqueta de couro preta, uma camiseta preta estendida no peito largo, jeans desbotados e botas de motocicleta.

—Oi Cal. — Morrie cumprimentou enquanto eu olhava para Joe.

—Oi.— Joe cumprimentou de volta.

—Ótimo Cal, obrigado. — Colt murmurou, eu olhei de Joe para Colt e assisti ele chamar para a parte de trás do bar — Feb, baby , recebi uma chamada.

—Tudo bem, querido. — ela disse de volta —Te vejo mais tarde?

—Sim. — respondeu Colt sorrindo para ela, em seguida, deslizou fora de seu banco, levantou a mão para apertar a parte de trás do meu pescoço, acenou para Joe e Morrie, em seguida decolou.

Através disso eu fiquei lá pensando, primeiro que Joe me assustou um pouco, considerando que ele veio por trás de mim e eu nunca o ouvi chegar e, em segundo lugar, que eu não queria que ele me levasse para casa.

Eu coloquei meu cotovelo no bar, a cabeça na minha mão e apontei minha boca para o canudo. Capturando eu suguei suco de cranberry e vodka e considerei esse dilema.

—Cerveja? — Morrie perguntou a Joe antes de eu chegar a qualquer conclusão sobre o meu dilema.

—Sim. — Joe respondeu e deslizou entre eu e o banquinho vazio ao meu lado, o que significava que ele ficou perto de mim, assim como me isolou do bar, uma vez que Colt e eu estávamos sentados nos últimos dois bancos junto à parede.

Ele não sentou embora. Ficou lá mesmo depois que Morrie abriu uma garrafa de cerveja, colocou no balcão do bar e foi embora. Ele ainda continuou de pé, tomou um gole em sua cerveja, seu corpo na maior parte voltado para mim, mas seu torso torcido para o bar.

Então virou para mim e olhou nos meus olhos.

—Você falou com ela sobre preservativos?

Mais uma vez, parecia que ele recomeçava uma conversa parada no meio, mas, mesmo quase bêbada, eu sabia o que ele me perguntava.

—Não.

Ele não respondeu, apenas olhou para mim e eu também sabia o que seu silêncio significava.

—Kate é responsável. — expliquei, embora não fosse da sua conta e, apesar de minha filha ser responsável, eu declarava isso na maior parte das vezes de maneira esperançosa.

—Você era responsável?— Ele perguntou.

—Não. — eu respondi com sinceridade e apontando o óbvio.

Ele continuou olhando para mim, então deu uma golada em sua cerveja.

Eu me virei para o meu canudo, capturei e tomei mais um pouco de bebida.

Eu soltei meu canudo e perguntei:

—Você limpou minha neve?

Seus olhos azuis se nivelaram nos meus.

—O quê?

—Naquele dia, quando nevou, você limpou meu caminho?

Ele não respondeu no início, então disse:

—Sim.

Quando esse conhecimento foi confirmado, eu respirei sem saber o que dizer, porque isso era uma coisa boa de se fazer e ele não parecia um cara legal, então eu decidi.

—Obrigado.

Ele não respondeu.

Eu sugava mais vodka e suco, minha cabeça ainda na mão, meu cotovelo ainda no bar quando ele falou de novo.

—Seu homem já foi?

Meu peito ficou apertado e meus olhos se ergueram para os dele.

—O quê?

—Seu homem chegou em casa na semana passada. Ele foi embora?

Eu pisquei para ele pensando em Tim chegando em casa e como isso seria impossível, e quão bonito, então percebi o que ele queria dizer.

—Aquele não era meu homem. Era meu irmão, Sam.

Ele assentiu e tomou um gole de cerveja. Eu olhei para ele.

Então, por alguma razão estúpida, perguntei:

—E a sua mulher?

Seus olhos voltaram para os meus, mas ele não respondeu.

—Aquela com quem você esteve naquela noite que Sam veio. — eu disse.

—Nádia? — Ele perguntou como se eu soubesse o nome dela.

—A loira.

—Nádia. — afirmou ele.

—Ela está por perto? — Eu perguntei, sem saber por que, mas também pensando que queria saber e não saber a resposta sobre isso também.

—Não. — Joe respondeu.

—Oh. — eu sussurrei e levei minha boca para a bebida.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, eu, meio sem graça, tomando meu drinque, Joe de pé e tomando goles

intermitentes de sua cerveja. Isso não era confortável para mim. Senti a necessidade de preencher o silêncio, mas descobri que não tinha nada a dizer. No entanto, observando Joe, ele parecia confortável em algum tipo de zona onde ele, sua cerveja e o bar eram um e se satisfazia com isso.

Finalmente eu descobri o que dizer.

—Você não precisa me levar para casa, eu posso pegar um táxi.

Seus olhos voltaram para mim e ele observou:

—Você mora na casa ao lado.

—Bem, sim.

—Buddy, eu posso te levar para casa.

—E se você quiser ir para casa e eu quiser ficar?

—Esperarei.

—E se eu quiser ir para casa e você quiser ficar?

—Eu voltarei.

Simmm, ele tinha uma resposta para tudo.

—Isso é bobo.

—Por quê?

—Porque é.

Isso era coxo, mas com muita vodka em mim, e considerando que eu não bebi muito, era tudo que eu tinha.

Eu percebi que ele achava que era idiota também porque ele não se incomodou em responder.

Eu capturei meu canudo com a boca e tomei outro gole.

Voltamos ao silêncio, Joe voltando para o bar e apoiando dois cotovelos nele, embalando sua cerveja com as duas mãos até que encontrei outro tópico de conversa.

—Então, suponho que Kenzie está mantendo a boca fechada.

A cabeça de Joe virou e ele olhou para mim.

—Sim.

—Tudo bem com seus clientes?

—Sim.

—Você está em casa muito mais do que o normal. —comentei estupidamente desde que eu não queria que ele soubesse que notei, mas ao mesmo tempo eu estava estranhamente preocupada que Kenzie Elise custaria a ele clientes e era por isso que ele estava em casa mais do que o normal.

—Sim. —disse ele, então não disse mais nada e eu perdi a força naquele particular problema de conversação.

Quando fiquei em silêncio, Joe virou a cabeça levou a cerveja aos lábios e arqueou o pescoço para trás para dar um longo gole. Isso me fascinou por alguma razão bêbada. Ele tinha uma garganta musculosa e eu podia ver como arqueava e trabalhava enquanto engolia. Além disso, seu queixo estava em exibição, notei como era atraente e que era fascinante por algum motivo bêbado também.

Afastei meus olhos de sua garganta e queixo e peguei a pequena bandeja de frutas que February, Morrie e Darryl usava nas bebidas. Cunhas de lima, limão, cebolinha, azeitonas e cerejas maraschino.

—Você sabe... —comecei a informar Joe e apenas a cabeça dele virou-se para mim novamente — ...de volta ao passado, você poderia impressionar um cara apenas amarrando o caule de uma cereja em um nó com a sua língua.

Por que eu disse isso, não fazia ideia. Eu simplesmente não conseguia sentar lá, ficar em silêncio e tomando meu suco de vodka e cranberry enquanto ele fazia o mesmo com sua cerveja. Foi muito estranho. Eu não conseguia calar tinha que falar sobre algo.

—Sim. —ele perguntou.

—Sim. — eu respondi.

—Você faz isso com frequência? — Ele perguntou.

—Não realmente. — eu respondi —Parece estranho para mim, porque isso impressionaria um cara.

Joe não fez nenhuma tentativa de me esclarecer.

—É bom que todos vocês cresceram fora disso. — eu notei sensatamente.

—Dou-lhe cinquenta dólares agora se você fizer isso.

Eu pisquei.

—O que?

Ele se endireitou, pegou a carteira e tirou uma nota. Então ele colocou na balcão entre nós e eu vi que era uma nota de cinquenta dólares. Eu olhei para cima do dinheiro para ele quando falou.

—Isso será seu, se você fizer. — disse Joe quando ele empurrou a carteira de volta no bolso.

—Você está falando sério? — Eu sussurrei.

Joe não respondeu verbalmente, ele apenas estendeu a mão e pegou uma cereja, virou-a e estendeu-a para mim.

Eu olhei para a cereja. Ele falava sério.

—Cinquenta dólares para dar o nó com a minha língua?— Eu verifiquei , só para ter certeza.

—Você não pode fazer isso.

—Eu posso fazer isso, estou apenas...— Fiz uma pausa estendi a mão e peguei a cereja dele —...fora de treino.

Ele não disse nada e me perguntei como me meti nisso. Eu estava sentada lá, mexendo a boca como se fosse uma idiota, enquanto Joe observava, e provavelmente, no final, não amarraria o cabo de cereja.

Mas eu não poderia desistir agora. Não era sobre os cinquenta dólares, era sobre o meu orgulho.

Peguei a cereja e o caule com os dentes, olhei para qualquer lugar, menos para Joe enquanto mastigava e engolia, tomei um gole da minha vodca para limpar a boca, em preparação para o meu esforço, em seguida, estendi o caule.

Em segundos, eu fiz isso. Não foi nada difícil. Era como andar de bicicleta.

Enfiei a haste de entre meus lábios, mostrei-lhe o resultado ao coloca-lo no meu guardanapo.

Seus olhos azuis estavam no caule quando eu perguntei:

—Você está impressionado?

Sua cabeça inclinou para o meu copo.

—Esse é o seu último?

Eu o olhei por um segundo não acompanhando, então eu perguntei:

—Última bebida?

—Sim.

—Um ...— Eu avaliei se ele tentava dizer que estava pronto para ir para casa, desde que ele era meu motorista. Seria rude fazê-lo ficar por mais tempo quando ele queria sair, então eu respondi com uma pergunta apenas no caso de ele estar pronto para sair.

—Sim?

—Beba, buddy.

Eu acho que ele não estava pronto para sair de imediato.

Eu estava estranhamente desinflada, o nó de cereja não o impressionara. Tim achou que era uma *merda*.

Levantei minha bebida e coloquei o canudo nos lábios, sugando o resto da minha vodca ao mesmo tempo em que os dedos de Joe envolveram meu braço. Ele me tirou do

banquinho enquanto eu mantinha o copo na mão, canudo na minha boca e chupava. Eu também continuei chupando meu canudo quando Joe pegou minha bolsa no bar e a entregou para mim, então pegou os cinquenta do bar e enfiou no bolso da minha calça jeans.

Eu o olhei quando ele falou.

—Morrie, Violet pagou ou ela está em uma conta?

—Conta. — respondeu Morrie.

Eu percebia que estava mais bêbada do que imaginava, já que eu estava de pé, o que todo mundo sabia que te deixava mais bêbado depois que você sentasse por um bom tempo e bebesse. Portanto, desde que eu estava avaliando o nível da minha embriaguez, não intervi quando Joe tirou a carteira do bolso, pegou algumas notas e as jogou no balcão.

—Se isso não cobrir, te pagarei mais tarde. — disse Joe a Morrie.

—Cobriu, cara.

Joe enfiou a carteira no bolso e tirou a bebida da minha mão, apesar de eu ainda estar sugando minha vodka pelo canudo, fazendo aquele ruído estridente. Ele colocou no bar, pegou minha mão e me arrastou para a porta.

Ele estacionou na rua a vários carros do bar. Bipou as fechaduras quando nos aproximamos e quando chegamos lá ele abriu a porta do lado do passageiro.

Por alguma razão, seu caminhão parecia significativo para mim e meu primeiro passeio nele ainda mais significativo,

então eu apenas fiquei na porta, olhando para o assento que eu deveria colocar minha bunda e não me movia porque estava incrivelmente assustada e totalmente emocionada. Nenhum dos sentimentos fazia qualquer sentido, mas eu tinha os dois do mesmo jeito. Era como se, se eu entrasse em sua caminhonete e a porta se fechasse em mim, minha vida mudaria radicalmente.

—Buddy, suba.— Joe parecia impaciente quando eu apenas fiquei lá olhando para sua caminhonete, ele usou a minha mão para me empurrar para mais perto do assento.

Eu inclinei a cabeça para trás e olhei para ele.

—Você tem um bom caminhão. — informei-lhe principalmente em um esforço para parar.

Joe ignorou meu elogio e ordenou:

—Suba.

—Talvez eu devesse ir para casa... — sugeri.

Joe olhou para mim por um segundo, em seguida, ele soltou minha mão, se abaixou, deslizou um braço atrás dos meus joelhos e um ao redor da minha cintura e, dentro de meio segundo, minha bunda estava no banco. Mais meio segundo, a porta do carro fechou.

Joe Callahan acabou de me levantar e colocar em sua caminhonete.

Eu respirei fundo e fechei os olhos.

—Qual é o problema comigo? — Sussurrei dentro do carro e abri os olhos para ver que Joe havia contornado o carro. Ele abriu a porta e entrou.

Nós dois estávamos dentro e esse sentimento de medo me assaltou, junto com a emoção, mas a emoção diminuía o medo. Eu estava no banco do passageiro de um carro, não era eu dirigindo, não era eu a responsável. Fui eu quem teve que sentar, relaxar e ser levada para casa.

E eu estava naquele caminhão com Joe Callahan. Joe Callahan, que era assustador e emocionante. Ele era mais homem do que aqueles que conheci, e passei a maior parte da minha vida adulta em torno de policiais. Sua masculinidade enchia a cabine, perigoso, assertivo, agredindo meus sentidos. Eu não gostava dele, eu tinha certeza disso, mas admiti, bêbada e sentada em sua caminhonete, que ele me fascinava e não porque ele era Segurança para as Estrelas, mas porque ele era Joe Callahan.

—Você quer colocar o cinto?— Joe perguntou e eu me virei para ver que ele estava de frente para mim, antebraço no volante, o caminhão parado e Joe parecia tão impaciente quanto ele soava.

Joe queria chegar em casa.

Eu queria saber de onde ele adquiriu aquelas cicatrizes em sua bochecha.

—Desculpe. — murmurei.

Joe colocou o caminhão em marcha e entrou na rua.

—Isso é legal da sua parte. — disse enquanto ele dirigia.

Ele não respondeu.

Percebi que Joe não era muito conversador ao mesmo tempo em que percebia que o caminhão era legal. Claramente top de linha com todos os acessórios extras, e ele cuidou disso. Não era apenas brilhante do lado de fora, mas o interior era limpo e parecia novo. O passeio foi tranquilo e suave e Joe dirigiu o grande caminhão como se tivesse nascido ao volante de uma picape.

Enquanto dirigia em silêncio, lembrei-me novamente de como era bom sentar e deixar alguém me levar para casa. Não havia nenhuma razão específica pela qual eu estivesse sentindo isso desde então, e não poucas horas antes quando Colt e Feb me levaram para a J&J's. E Tim sempre dirigia, não conseguia me lembrar de uma época em que fomos a algum lugar em que ele não estivesse no volante. Isso nunca me incomodou, não me importava se ele dirigisse, só me incomodou quando ele não esteve mais por perto para fazer isso, mas, depois de quase um ano e meio, me acostumei com isso. Agora percebi que sentia falta.

Eu estava tão absorta nesses pensamentos que não percebi que estávamos na nossa rua, até que Joe entrou na sua garagem e algo novo me atingiu. Estar no caminhão com ele, a sensação era forte, assustadora e emocionante. Depois de ver esse caminhão em sua garagem por meses, mesmo antes de conhecer Joe, mas definitivamente depois, e agora sentada em seu caminhão, na sua garagem, olhando para sua

casa através do para-brisa, um ponto de vista que nunca pensei, senti algo que não entendi. Havia algo profundo sobre isso, algo que não consegui identificar, mas, por alguma razão estranha, parecia uma mudança de vida.

Eu pulei quando a porta de Joe bateu e fiquei nervosa. Eu me virei e me atrapalhei com a minha fivela , conseguindo liberá-la apenas quando Joe abriu minha porta. Coloquei minha bolsa no ombro e pulei para fora do caminhão. Joe tinha a mão na porta, e assim que saí do caminho, ele a fechou e eu olhei para ele para agradecer novamente pela carona, mas ele se movia.

Fiquei lá por alguns segundos, enquanto observava seu grande corpo atravessar o quintal em direção à minha casa.

Embora eu morasse na casa ao lado, no estilo Joe Callahan , ele me levaria em segurança para casa.

Eu não sabia o que sentir sobre isso, mas não tinha tempo para descobrir e nem escolha senão segui-lo, puxando minha bolsa do braço e vasculhando-a para pegar minhas chaves enquanto andava. Eu tinha minhas chaves na mão, a correta entre meus dedos e Joe estava em pé na luz que eu liguei pela porta lateral quando cheguei. Parei, Joe pegou as chaves da minha mão e a colocou na fechadura, girou, se afastou e abriu a porta.

Engoli nervosamente quando os bips do alarme dispararam. Movendo-me um pouco além dele, eu torci meu tronco para dentro da casa, digitei o código e o sinal sonoro

parou. Eu respirei fundo, puxei meu tronco para fora da casa, virei e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele.

Na luz do lado de fora, a noite encobrindo a gente, ele novamente parecia sinistro tanto quanto parecia robusto e interessante e algo novo me assaltou. Foi esse medo, essa emoção, mas havia outra coisa. Algo insistente, carente, como uma fome que não entendia muito bem e minha boca ficou seca com o poder disso.

—Obrigado pela carona. — eu sussurrei, incapaz de falar mais alto.

Joe não respondeu nem se mexeu.

Eu não sabia o que fazer. Pensei que ele estivesse ansioso para chegar em casa, mas ele teve a oportunidade de escapar e estava parado ali, olhando para mim daquele jeito, algo trabalhando por trás de seus olhos.

Então percebi que estava sendo rude.

—Você gostaria de entrar ...? — Eu hesitei em terminar. —Para uma bebida ou algo assim?

No começo, Joe não respondeu.

Então ele disse suavemente, seu tom estranho, como se estivesse falando sozinho, mesmo que eu estivesse lá.

—Você já acha que sou um idiota.

Senti meu coração bater mais rápido e sussurrei:

—Joe...

Ele me cortou.

—Então, não importa que amanhã de manhã você ainda ache que sou um idiota, porque agora, mesmo que você esteja bêbada, eu te levarei para dentro e te foderei até você gritar.

Meu coração parou de bater e minha respiração parou, o que era ruim, considerando que Joe agarrou minha mão e me puxou para dentro da minha casa. Ele parou para fechar e trancar a porta, em seguida, jogou minhas chaves no balcão, puxou minha bolsa do meu braço e jogou isso no balcão também, então ele me arrastou pela cozinha, pela área de jantar, o escritório e direto para o meu quarto .

Eu não lutei. Não fiz nada, mesmo quando ele parou no meu quarto, soltou minha mão e tirou a jaqueta de couro, deixando-a cair no chão. Então suas mãos vieram para minha pequena jaqueta de veludo e ele puxou-a pelos meus braços.

—Uh...— eu murmurei, levantando as mãos com atraso quando ele se aproximou —Joe...

Mas minhas mãos bateram em seu peito duro, em seguida, meus braços foram esmagados entre nossos corpos quando um dos braços de Joe envolveu meus quadris e me puxou para ele, sua outra mão em punho no meu cabelo, torcendo forte. Eu senti uma dor ilícita contra o meu couro cabeludo que não deveria gostar, mas gostei. E gostei muito disso. Tanto que eu senti não só no meu couro cabeludo, mas em todo o meu corpo. Seu punho no meu cabelo posicionou minha cabeça, puxando-a para trás, mas inclinando-a para o lado, então quando sua boca desceu sobre a minha com força, e eu estava exatamente onde ele me queria.

E eu queria estar lá. Não havia outro pensamento, não para protestar, para se afastar, para lutar. Só queria estar lá, pressionada contra ele, seu braço em volta de mim, sua mão no meu cabelo e sua boca na minha.

Eu abri minha boca, sua língua penetrou, gostei do gosto dele, a sensação de sua língua e meu corpo liquefeito em seus braços. Minhas mãos forçaram o caminho entre os nossos corpos para que meus dedos pudessem deslizar em seu cabelo espesso e longo e eu me pressionei forte em seu grande corpo. Não pensei no que e com quem fazia isso. Não pensei em nada. Apenas sentia, e o que senti era inacreditavelmente bom.

Seu beijo não foi gentil. Era ganancioso, exigente e eu gostei, tanto que eu miava em protesto quando ele tirava sua boca, mas não protestei quando suas mãos foram para a minha camiseta e a puxou pela minha cabeça, soltando-a e jogando-a para longe . Ele se moveu para perto de mim, me virando, me guiando para a cama e eu deitei. Joe se elevou sobre mim, puxando um joelho para arrancar minha bota, em seguida, minha meia, depois fez o mesmo com o outro. Sem demora, se inclinou, suas mãos foram para a minha fivela e ele desabotoou meu jeans e puxou pelas minhas pernas antes que eu pudesse respirar duas vezes.

E eu respirava com dificuldade, já excitada. Quando fui sentar colidi com Joe enquanto ele descia sobre mim e foi quando realmente começou.

Eu puxei sua camisa sobre a cabeça, seus braços levantando para me ajudar. A retirei e joguei no chão, em

seguida, suas mãos voltaram para mim e sua boca, sua língua, seus dentes. Eu queria isso e tudo o que faziam na minha boca, meu pescoço, meus ouvidos, era brilhante, meu corpo estava vivo, vibrando, como se eu tivesse acordado de um sono de setecentos anos, mas o que me acordou foi um choque elétrico. Ao mesmo tempo, eu queria que o que ele fazia comigo também fazer a ele. Eu usei minhas mãos, unhas, boca e minha língua em todos os lugares que eu podia tocar, cada centímetro que pudesse provar.

Era selvagem, quase uma luta. Não conseguia o suficiente dele, tomar o suficiente dele. Não importa o que eu tivesse, queria mais, como um desejo que esvaziava meu interior e precisava ser preenchido.

Joe era o mesmo, mas ele era mais forte, mantendo-me nas minhas costas, não importava o quanto eu tentasse rolar sobre ele. Ao longo da linha, ele eliminou minha calcinha, em seguida, puxou meu sutiã para baixo e chupou meu mamilo bruscamente. Minhas costas arquearam, meus dedos prenderam em seu cabelo enquanto sua língua espetava meu mamilo, em seguida, chupou ferozmente e eu amei isso.

—Sim! — eu sussurrei e ele se moveu para o outro lado, baixando o outro lado do meu sutiã e repetindo o que fez para o primeiro, seus dedos substituíram sua boca no meu outro mamilo, beliscando e torcendo-os. Foi áspero, mas me senti desejada e meus quadris se elevaram em uma resposta reflexiva.

—Joe. — eu sussurrei, de repente precisando dele dentro de mim, minha mão se movendo de seu cabelo e deslizando para baixo da pele elegante de suas costas, para o lado dele, sua cintura, mas sua virilha estava muito longe.

Ele voltou sobre mim e sua boca tomou a minha em outro beijo duro e contundente, e minha mão o encontrou, segurando sua virilha, encontrando o duro, eu gemi em sua boca e empurrei meus quadris.

—Foda-me. — implorei, esfregando minha mão contra ele, abrindo minhas pernas.

Ele não hesitou, sua mão empurrou a minha para o lado e ele se desfez do jeans.

—Você está tomando a pílula? — Ele perguntou, sua voz rouca.

—Não. — eu respondi e senti a ponta do seu pênis pressionando contra mim. Eu o queria tanto dentro de mim que sentia dor, minha mão deslizou em seu jeans, enrolando em torno de sua bunda apertada em uma demanda insistente.

—Foda-se. — ele gemeu e me penetrou profundamente.

Eu ofeguei, então prendi a respiração quando ele me encheu. Ele era enorme. Tão grande, foi um choque estar tão cheia.

Então eu tive que começar a respirar quando ele começou a se mover, penetrando profundamente, enchendo-me de novo e de novo, áspero, duro, quase brutal, suas grandes mãos indo

para os meus quadris e me levantando para ir mais fundo . Então eu não respirava, eu ofegava.

Minhas unhas cravaram em suas costas, meus quadris subindo, ajudando-o a ir mais fundo . Eu envolvi uma perna em torno de sua cintura, cavando meu calcanhar em suas costas para alavancar meus quadris, minha outra perna envolvendo sua coxa.

—Você é tão grande. — eu sussurrei.

—Você gosta disso. — ele apontou o óbvio e não respondi, não consegui, é o quanto eu gostei.

—Mais duro. — engasguei, querendo mais, querendo que as batidas nunca parassem, mas mesmo exigindo, ainda pensava que ele não poderia me foder mais. Não havia como ele poder me foder mais, mas eu estava errada, ele podia e fodeu.

Ele construiu rapidamente o meu orgasmo, já fazia muito tempo, e senti isso chegando e queria. Eu estendi a mão para ele, as unhas de uma mão raspando suas costas, a outra mão em seus cabelos, implorando.

—Foda-me mais forte, Joe.

Sua boca estava na minha, sua respiração entrecortada quando ele murmurou:

—Você gosta disso.

—Sim. — eu respirei.

—Bom. — ele murmurou, me beijou profundamente e me fodeu mais forte.

Estava acontecendo, eu podia sentir e quando começou, afastei minha boca da dele, arqueei meu pescoço, minhas costas e anunciei em um gemido rouco e longo:

—Joe, eu estou gozando.

—Cristo! — Joe mordeu quando me atingiu, era tão grande, meu corpo tremeu com isso e eu apertei meus membros ao redor dele, puxando-o para perto.

Senti-o empurrando quando gozei, suspenso no momento glorioso, lindo.

Eu descia quando seus impulsos ficaram ainda mais poderosos, então sua mão deixou meu quadril, seus dedos afundaram no meu cabelo, puxando e torcendo de novo, sua boca bateu na minha e ele gemeu, seus quadris dirigindo nos meus uma, duas vezes, três, então, na quarta, ele se plantou na raiz e parou.

Seus lábios deslizaram dos meus, desceram pela minha bochecha, meu pescoço, onde ele enterrou seu rosto e ficou ali parado. Deitada sob ele, suportando seu peso, sentindo-me cheia de seu pênis, imune a qualquer coisa que não fosse seu corpo, seu calor, seu peso, seu pênis. Não havia nada no mundo além de mim e Joe Callahan, e eu gostava disso.

Então, de repente, ele deslizou para fora e seu peso se foi, seu calor, seu corpo, tudo desapareceu e era só eu na cama.

Eu pisquei com a rapidez disso, em seguida, fechei minhas pernas, rolando para o meu lado, enrolando, meus olhos se movendo para ele no escuro. Ele estava de pé ao pé da cama vestindo o seu jeans. Nada entrou em minha mente. Eu

ainda podia senti-lo entre as minhas pernas, meu cérebro confuso com bebida e sexo, meu corpo saciado. Ele se inclinou no chão e se endireitou, puxando sua camiseta.

Sem pensar, observei enquanto a mão dele foi para o bolso de trás, ele puxou a carteira, abriu-a, tirou alguma coisa e devolveu a carteira ao bolso. Meu cérebro ainda não entrara em ação, eu não me movi quando ele se inclinou sobre a cama, colocando uma mão na minha barriga, os dedos da outra mão deslizando para dentro do meu antebraço que estava deitado na cama. Quando ele alcançou minha palma aberta, senti as bordas de um cartão contra a minha pele enquanto ele enrolava meus dedos ao redor.

Então ele arrastou as pontas dos dedos no meu quadril e na parte externa da coxa enquanto dizia:

—Ligue para mim, Buddy, sempre que precisar de uma carona para casa.

Meu corpo trancado em sua insinuação, mas não tive a chance de fazer uma pergunta ou uma réplica, porque ele desapareceu e, segundos depois, ouvi a porta fechar.

Fiquei deitada ali por muito tempo, enrolada quase nua na cama, o ar no meu quarto gelou quando o conhecimento penetrou em mim que eu apenas deixei meu vizinho, Joe Callahan , um homem que eu não gostava, me foder tanto que doía. Eu até implorei para ele fazer isso.

E percebi que, depois de trinta e cinco anos, eu acabara de ter meu segundo amante e fiz isso como uma prostituta bêbada, deixando um cara que eu mal conhecia e nem gostava

me pegar, me levar pra casa e me foder com tanta força que me deixou doída. Inferno, ele nem precisou trabalhar nisso, apenas me arrastou para fora do bar, eu o segui para a minha casa e então ele me arrastou para o meu quarto.

E me toquei que esse cara, Joe Callahan, pensou que poderia fazer isso comigo sempre que eu quisesse usá-lo, chamando-o para me servir e depois ele sairia, deixando-me nua e sozinha, e nem mesmo me beijar antes de partir. E eu não podia culpá-lo.

E esse conhecimento penetrou em meus ossos, de forma amarga e humilhante.

Ouvi a porta da frente abrir e eu congelei.

Kate estava em casa.

Entrei em ação, pulando da cama, pegando minhas roupas no chão encontrei e vesti minha calcinha. Então corri para o banheiro, tirei o manto de Tim do gancho na porta e o vesti, sentindo pela primeira vez a flanela mole e quente contra a minha pele como uma queimadura.

Eu amarrei o cinto apertado e entrei na sala de estar, puxando meu cabelo para fora do meu rosto, esperando que minha filha, não pudesse ler a ação hedionda que tinha na minha expressão ou na linha do meu corpo. Eu olhei para o relógio do DVD sob a TV na sala e vi que eram duas depois da meia-noite. Minha responsável, Kate, chegou em casa a tempo e o namorado dela, de quem não queria gostar ou confiar, a trouxera para casa conforme o toque de recolher.

Fui para o quarto dela, a luz passando pela porta que estava aberta.

Parei na porta e bati suavemente.

—Sim, mãe. — ela chamou e eu abri a porta e fiquei no portal, meus braços em volta da minha cintura.

—Hey baby , se divertiu?

Ela mandava mensagens para alguém e eu sabia que era Dane, embora ele tivesse acabado de a deixar. Sua cabeça surgiu de seu telefone e ela sorriu para mim.

—Sim. — ela respondeu suavemente, seu rosto tão suave.

Oh, porra.

—Dane se divertiu? —Perguntei.

Ela assentiu e olhou de volta para o telefone. Ela bateu em enviar, fechou e o jogou em sua mesa de cabeceira.

—Gosto dele, Kate, ele é um bom garoto. — eu lhe disse, quando ela olhou para mim e me estudou um segundo antes que soltasse o ar que não sabia que segurava. Kate sentiu. Ela sentia tudo, sentia a dor de outras pessoas muito mais do que a sua, uma das poucas coisas que ela herdou de mim.

—Você acha que papai teria gostado dele?

Eu escondi minha dúvida à pergunta dela, e fiz isso pensando na questão.

Eu fiz um pacto com Tim, desde o início, que seríamos sempre abertos e honestos com nossas garotas. Um pacto que ele regularmente quebrava à medida que envelhecia e

descobria que tinha problemas com os fatos da vida, e transmitia-os para suas filhas, visto que eram mulheres. Um pacto, desde que eu era mulher, fui capaz de manter.

—Não. — eu disse a ela, seu rosto caiu e eu continuei. — Mas só porque você é sua filhinha e você sempre será. Ele não gostaria dele, não agora, mas ele no fundo gostaria porque Dane é um bom garoto.

Seu rosto se iluminou um pouco, e ela perguntou:

—Você acha?

Eu entrei, cheguei perto dela, envolvi minha mão ao redor de sua cabeça e puxei sua têmpora para a minha boca.

—Tenho certeza. — eu sussurrei e a beijei antes de terminar. —Durma um pouco, querida.

Seu corpo se inclinou no meu com o meu abraço, mas ela se afastou quando respondeu:

—Tudo bem, mãe.

—Durma bem.

—Você também.

Caminhei até a porta lateral da cozinha, tranquei a porta, armei o alarme e depois voltei para o meu quarto e me deitei na cama vestindo o manto de Tim, pensando que dormir pesado era uma impossibilidade após o que aconteceu naquela noite.

Eu tinha razão.



—Em casa para o jantar!— Eu gritei o meu pedido para as minhas meninas do meu quarto, enquanto eu as ouvia se preparando para irem ao shopping e eu terminava de me preparar para o trabalho.

No final da manhã após o incidente de Joe, Bobbie ligou e pediu-me para fazer mais algumas horas. Ela poderia conseguir um bom trabalhador em tempo integral, quando Sabrina desistiu, mas isso ainda significava que ela tinha apenas um empregado integral e não encontrara ninguém que gostasse para me substituir, e como Bobbie não gostava de muitas pessoas, isso provavelmente levaria algum tempo. As horas extras estavam começando a ser uma coisa normal, mas eu não reclamava.

—Que horas você chega? — Keira gritou de volta.

—Eu estarei em casa depois das cinco. — eu respondi, novamente em um grito.

—Legal! Até mais tarde Momalicious. —Keira gritou.

—Tchau Mawdy!— Kate gritou.

—Tenham cuidado!— Eu gritei de volta, sacudindo as cobertas sobre a minha cama e um pequeno cartão branco voou.

Eu parei e olhei para o cartão quando ouvi a porta bater na outra sala.

O cartão ficara na minha cama. Eu vi a impressão e estava desfocada porque não a foquei enquanto olhava para ela. Eu senti a amargura e humilhação que inundaram meus ossos na noite passada, algo que fiz um grande esforço para ignorar a manhã toda, começar a doer.

Minha respiração começou a acelerar e a vergonha sangrou no ácido que tinha criado raízes na minha medula.

Ontem à noite não estava tão bêbada que não soubesse o que fazia. Não estava tão bêbada que me deixasse de ressaca. Nem a ponto, que não pudesse ter parado.

Mas eu não parei. Não apenas deixei acontecer, eu participei e implorei.

Não pensando (eu nunca pensava quando ficava com raiva), peguei o cartão e então fui para o meu jeans que ainda estava no chão. Puxei os cinquenta do bolso, soltei o jeans na cama e saí do meu quarto. Então marchei pela casa pela porta lateral.

O caminhão de Joe estava na garagem.

Eu não tinha intenção de enfrentá-lo, mas eu tinha toda a intenção de fazer um ponto.

Indo em direção a sua caixa de correio, ouvi a música e mudei de direção, subindo seu quintal até a sua garagem, instantaneamente mudando de ideia sobre encará-lo. Vi a porta da garagem aberta, a música vindo de lá. Black Sabbath, não alto como Kenzie Elise, apenas alto o suficiente para ouvir.

Havia um carro na garagem, o capô para cima. Eu não podia ver que tipo de carro era, tudo que eu podia ver era Joe inclinado sobre ele, trabalhando no motor.

Eu andei até ele e quando cheguei perto, sua cabeça virou para mim, mas seu torso permaneceu curvado sobre o motor. Quando isso aconteceu, antes que ele pudesse dizer uma palavra, não que ele fosse, eu parei e joguei o cartão e a nota de cinquenta em sua direção. Eles voaram pelo ar, mas não esperei para ver sua reação, eu não disse uma palavra, não assisti onde o cartão e a nota pousaram, me virei e fui embora.

Não fui muito longe. Uma mão firme enrolou em volta do meu braço e eu fui puxada de volta.

—O que...?— Eu rebati não terminando, porque ele girou em torno de mim e me puxou para a garagem. —Deixe-me ir!— Eu exigi quando ele estendeu a mão e, com uma torção violenta, ele puxou uma corda, fazendo com que a porta da garagem aparentemente bem lubrificada roncasse em seus trilhos e desabasse.

Lá estávamos nós, sozinhos em sua garagem escura com seu carro e o Black Sabbath .

Eu e meu temperamento estúpido.

—Tire sua mão de mim!— Eu falei, torcendo meu braço e ele tirou, me deixando ir.

Ele tirou a mão de mim, mas apenas para levantá-la e, como ele fez na noite anterior, exatamente o mesmo, seus dedos em punhos no meu cabelo e seu outro braço em volta dos meus quadris, me puxando para seu corpo.

—O que você está...? — Eu comecei, mas sua boca desceu sobre a minha em um beijo que me surpreendeu, me assustou e me excitou, o último de longe muito mais do que os dois primeiros.

Eu não queria que acontecesse, não esperava por isso, não em um milhão de anos. De fato olhando para trás, lembrando mais tarde, o que eu fiz muito, demais, eu não sabia como isso *aconteceu*. Num segundo ele me beijava, no segundo seguinte me arrastou para seu carro, puxou a haste que estava segurando o capô e ele desabou. O som me sacudiu, mas não com medo ou surpresa, e sim com entusiasmo quando Joe puxou minha saia jeans até a minha cintura, puxou minha calcinha para baixo e ela caiu no chão da garagem, com suas mãos na minha bunda me levantou. Eu envolvi minhas pernas em torno de seus quadris e ele me plantou no capô do carro, sua mão entre nós, trabalhando em seu fecho, minhas mãos em sua camiseta, vagando por sua pele.

Então ele estava dentro de mim, me fodendo no capô do seu carro, me fodendo como na noite anterior, duro, profundo, violento e eu adorei. Levantei meus quadris para cumprimentá-lo, minhas mãos enroladas em sua bunda para incentivá-lo, minha língua emaranhada com a sua para excitá-lo.

Então gozei, não tão duro como na noite anterior, mas diferente, mais nítida, mais curto, não melhor, mas bom pra caralho.

Seus quadris se contraíram nos meus muito depois que eu gozei. Ele ainda estava me beijando e eu o tranquei em meus membros enquanto tomava seus impulsos até que Joe se enterrou até o punho, rosnou na minha boca e o gosto daquele rosnado quase me fez gozar novamente.

Ele ficou plantado dentro de mim quando gozou. Eu fiz isso de novo, no carro dele, na garagem dele, não menos. Eu virei minha cabeça, mas ele não pareceu se importar. Joe só usou essa oportunidade para deslizar sua língua ao longo do meu pescoço, o que me matou para admitir, mas me senti tão bem que me fez arrepiar.

Então ele puxou para fora e me colocou de pé.

Eu olhava para o lado e para baixo no chão, mas eu balancei porque meus joelhos ficaram fracos do meu orgasmo e suas grandes mãos seguraram meus quadris para me firmar. Havia algo sobre isso, algo tenro, algo tão diferente de Joe que eu não podia impedi-lo. Eu me soltei, e me afastei, puxando meu cabelo para fora do meu rosto, além de humilhada. Muito além disso, não sabia o que era aquilo. Ao mesmo tempo, eu me senti muito bem, eletrificada, viva e me odiava por isso, mas o odiava mais.

Eu me inclinei e peguei minha calcinha do chão, limpando minha mente, pensando em nada além de dar o fora dali. Eu a vesti, baixei minha saia e, sem olhar para ele, caminhei rapidamente para a porta lateral.

Não fui longe. Seu braço enganchado na minha barriga, o outro em volta do meu peito e ele me puxou de volta em seu corpo.

Seus lábios no meu ouvido, ele murmurou:

—Quero você na minha cama hoje à noite, Buddy.

Eu balancei minha cabeça uma vez, um tremor chato, irritante, enquanto suas palavras deslizavam através de mim como um tipo diferente de queimadura, endurecendo meus mamilos, fazendo cócegas entre as minhas pernas, trazendo de volta aquele sentimento que tive na noite passada, um sentimento oco, aquela fome. mesmo que eu tivesse acabado de tê-lo não cinco minutos antes.

Eu me afastei de seus braços, estendi a mão, abri a porta e corri direto para a minha casa.



Deitei-me de lado, enrolada em uma bola que era a minha posição setecentos e cinquenta e cinco da noite.

O quarto estava escuro, era a calada da noite e, embora eu mal tivesse dormido na noite anterior, eu estava bem acordada.

Não confortável, eu me virei e olhei para o relógio.

Uma e quarenta e sete da manhã.

Fechei os olhos e sussurrei:

—Foda-se.

Joe estava ao lado de sua cama, talvez esperando por mim.

Isso era tudo que eu conseguia pensar a partir das dez horas, quando eu deslizei para a cama com um livro no qual não conseguia me concentrar, até agora.

Eu não deveria ir, não poderia ir, e nem queria ir.

Mesmo sabendo disso, eu joguei de volta as cobertas e fui para o meu armário. Peguei um longo casaco de lã , meu cérebro lutando contra mim enquanto eu dava de ombros e saía do quarto.

Eu fui para o quarto de Keira primeiro. Ela tinha um sono pesado como eu. Nada a despertava e nada costumava me acordar, pelo menos quando Tim estava na casa, agora eu acordava ao menor som.

Eu abri a porta e sussurrei:

—Keira?

Eu olhei para a cama dela, sem movimento.

Eu entrei. Ela tinha o quarto na frente da casa, o quarto de Kate espremido entre o corredor e o meu. O quarto de Keira era o típico quarto de menina, não com babados, mas cheio de rosas, roxos, margaridas e cartazes de boy bands e vampiros adolescentes. Suas roupas estavam espalhadas no chão, sua mesa uma bagunça. Suas cortinas estavam fechadas, mas eu podia ver a escuridão de seu cabelo contra o travesseiro. O cabelo de Tim. Ambas tinham o cabelo, os olhos e o corpo magro igual aos de Tim. Elas tiveram sorte.

Sufoquei a vontade de tocar no cabelo dela, beijar sua bochecha, sair do quarto e atravessar o corredor até o quarto de Kate.

Kate era como Tim, ela tinha um sono leve. Ela era uma pessoa preocupada, como Tim e agora, como eu.

Quando Tim estava vivo, eu não me preocupava com nada. Eu achava que, se estivéssemos todos juntos , nada nos prejudicaria. Nós levamos nossos golpes, mas sobrevivemos a eles. Esse sentimento tinha muito a ver com Tim cuidando de quase tudo. Este sentimento se foi agora, porque ele se foi, não cuidando de quase tudo e porque nós nunca estaríamos todos juntos novamente.

Eu abri a porta dela. O quarto de Kate não poderia ser mais diferente que o da irmã dela. Paredes cor de champanhe, detalhes em preto, sofisticado, exceto pelos pôsteres nas paredes. Eles eram de bandas que eu nunca ouvi falar, mas quem quer que fossem eles, na verdade, escreviam suas próprias músicas e tocavam seus próprios instrumentos. O chão dela era limpo e as coisas dela organizadas.

Eu só sussurrei o nome dela quando estava perto da cama dela.

—Kate.

Eu vi seu cabelo escuro em seu travesseiro e ela também não se mexeu.

Eu queria que ela se movesse, rolasse de costas e dissesse: “*Mãe, pare de agir como uma vagabunda”.*

Ela não acordou e eu a deixei.

Eu andei até a porta da cozinha lateral e calcei um Crocs. Então desarmei o alarme. E com a mão na maçaneta da porta, a boa e sensata mamãe, e boa parte do meu cérebro, venceu. Eu tirei a mão da maçaneta e caminhei em direção ao meu quarto, mas meus pés me levaram pela porta do meu quarto até a porta de vidro deslizante na parte de trás do escritório. Meus dedos a destrancou, empurrou para o lado e eu saí para o ar frio da noite. Fechei a porta e caminhei para os degraus do convés, para baixo e para a grama.

Eu me virei para a casa de Joe.

No escuro, corri até a casa dele sabendo que isso estava errado, que era estúpido, que ele provavelmente já estaria dormindo.

Mas, meus pés continuaram se movendo.

O convés dele era mais fundo que o meu, sobressaindo mais, mas não percorria o comprimento de sua casa como a minha. O meu era retangular, o dele era quadrado. Os degraus dos meus estavam na frente, os dele de lado e eu corri para cima deles, contando-os à medida que avançava, quatro passos, depois me vi de pé em sua porta de correr de vidro.

Não havia luz acesa. *Se ele estivesse esperando por mim, não ligaria a luz*?

Ele ligaria, qualquer um faria. Ninguém que cavou com pá a neve da calçada de uma mulher a faria encontrá-lo para uma foda clandestina em seu convés escuro. Na realidade, a casa inteira dele estava escura.

Era clandestina, mas ele não queria que eu torcesse meu tornozelo, não é?

Não, ele estava dormindo. Hora de voltar.

Eu me virei e me dirigi para as escadas e meu coração pulou quando ouvi a porta de correr abrir, mas meus pés continuaram se movendo em direção à fuga. Eu estava quase na escada quando fui pega com um braço em volta da minha cintura e puxada de volta para o calor do seu corpo longo e duro.

Sua voz rouca soou no meu ouvido.

—Onde você vai, Buddy?

—Joe. — eu sussurrei, minha voz tremendo e eu não podia dizer mais nada.

Ele soltou minha cintura, agarrou minha mão e me puxou para dentro da casa. Deslizando a porta, ele se virou para mim e se inclinou, levantando-me nos joelhos e na cintura, ele me levou através de sua sala de estar, pelo corredor e virou à direita. Então ele me levou para sua cama e me jogou nela. Eu pulei apenas uma vez porque, se houvesse uma segunda vez, isso frustraria quando o corpo dele caísse sobre o meu.

Sua mão estava no meu casaco de lã no ombro, puxando-o para baixo.

—Eu... — eu comecei.

—Cale a boca. — ele me cortou.

—Ok. — eu sussurrei.

Então sua boca desceu sobre a minha.



Eu estava de joelhos, Joe debaixo de mim, as mãos nos meus quadris, puxando-os para o rosto dele.

Eu estava debruçada sobre ele, usando minha boca e mão em seu belo pau ao mesmo tempo em que sua boca estava em mim, mas o que ele fazia entre minhas pernas com a boca levava minha concentração total, então desisti, e quando eu parei Joe me virou e me acomodou de novo.

Agora eu arqueava minhas costas enquanto gozava. Ele puxou meus quadris, sua boca continuou me trabalhando, voraz, prolongando o clímax requintadamente.

Mesmo quando acabei, Joe me lambia e isso era muito bom, tive de me inclinar para a frente e agarrar a cabeceira da cama ou cair.

Então ele me girou, me empurrando, mas não me deixando ir, deslizando-me por seu corpo, então eu estava em cima dele, minha testa em seu pescoço, suas mãos se movendo em minha pele.

Ele não estava pronto, o que era tão chocante que poderia até quebrar recordes. Eu podia senti-lo duro contra mim e isso era impossível. Desde que entrei (ou, mais apropriadamente, fui puxada, carregada e jogada em sua cama), fomos um para o outro como adolescentes. Eu tive quatro orgasmos, Joe, três. Eu perdi a conta das posições, perdi a noção das sensações.

Toda vez que terminávamos, suas mãos e boca ficavam em mim, aquela sensação oca voltava e eu precisava dela saciada. Eu precisaria alimentar a fome que me dominava, uma fome por ele. Eu faria qualquer coisa para satisfazê-lo e fiz.

Não me senti constrangida quando isso começou. Eu não me sentia uma puta, uma mãe ruim, ou uma pessoa terrível. Eu não me preocupava com minha nudez ou se ele gostava do que eu fazia. Essa merda era natural, como se eu nascesse para estar na cama de Joe Callahan e também fosse natural para ele, como Joe Callahan nasceu para estar em mim.

Quando a mão dele deslizou para o meu lado e para dentro, enrolando-se ao redor do meu peito, levantei a cabeça para beijá-lo, mas avistei o despertador dele .

—Merda. — eu sussurrei, talvez a primeira palavra que eu disse desde que ele me pegou do lado de fora além de *“Joe”, “Mais rápido”, “Forte”, “Sim” e “Mais*”.

Joe não falou muito, evidentemente porque usava a boca para coisas muito melhores.

Agora seu pescoço torceu e ele olhou para o relógio e depois para mim.

—O que?

—Eu tenho que ir para casa.

—Por quê?

—Eu tenho duas meninas.

—Elas acordam às seis horas?

Eu sorri para ele e, estranhamente, seu corpo grande e quente se acalmou sob o meu e seus olhos caíram para a minha boca quando sorri.

—Ok, não, não tem jeito de acordarem. — respondi. — Mas também temos vizinhos intrometidos.

Seus olhos deslizaram para o meu e sua mão deslizou do meu peito, ao meu lado, pelas minhas costas e no meu cabelo quando ele perguntou:

—Então?

—Então, Tina Blackstone é uma fofoqueira. Ela me vê vindo de sua casa de manhã vestindo uma camisola e um cardigã, ela falará.

Ele não respondeu, mas nem precisava, seu rosto dizia tudo.

Portanto, eu respondi a sua repetição não dita de "*Então*"?

—Eu sei que você não se importa, mas, como eu disse, eu tenho duas garotas. Não seria bom se Tina Blackstone falasse. —Eu me puxei mais para cima de seu corpo e toquei meus lábios nos dele e disse suavemente:— Eu tenho que ir.

Sua mão agarrou meu cabelo e as pontas de seus dedos afundaram no meu quadril, só por um segundo, então seus braços me soltaram.

Mas esse segundo contou.

Contou um monte de coisas, demais.

Eu me afastei dele e me mexi ao lado da cama, de repente, sentindo-me consciente da minha nudez. Eu dei a ele minhas costas enquanto puxava minha calcinha para cima, em seguida, coloquei minha camisola sobre a minha cabeça. Vesti meu casaco de lã ao mesmo tempo em que torci meus pés, virando meus Crocs para endireitá-los e depois calçá-los.

—Buddy. — Joe chamou e eu me virei para vê-lo deitado de lado, o cotovelo na cama, a cabeça na mão, obviamente, não consciente de sua nudez ou, pelo menos, não auto-consciente sobre isso.

Eu não o culpava.

Seu corpo era muito mais bonito sem roupas do que nelas. Como seu rosto, sua perfeição não estragada pelas cicatrizes, mas sim mais atraente, seu longo corpo magro e musculoso não estava estragado pelo corte branco e longo que cortava diagonalmente seu abdômen definido e o círculo enrugado e escurecido da metade do caminho entre o peitoral direito e o ombro.

—Venha aqui. — ele rosnou baixinho.

Meus pés me levaram para ele, coloquei um joelho na cama e me inclinei, e Joe fez o resto. Sua mão subiu, me fisgou atrás da cabeça e ele me puxou para mais perto, tão perto que minha boca estava na dele.

—Eu quero você de volta hoje à noite. — ele ordenou.

Ele me queria de volta.

Eu sorri contra sua boca.

Quando eu fiz, seus olhos ficaram intensos, em seguida, sua cabeça inclinou. Eu perdi de vista seus olhos quando os meus fecharam porque ele me beijou com força, de boca aberta e por muito tempo. Então ele me puxou para ele. Quando eu aterrissei ele me torceu, então minhas costas estavam na cama e continuou me beijando.

Seus beijos eram tão bons, que esqueci que deveria ir até que seus lábios se soltaram dos meus e seu rosto desaparecesse no meu pescoço.

—Não temos vizinhos intrometidos? — Ele perguntou ao meu pescoço.

—Merda!— Eu resmunguei, rolei-o de costas e me soltei de seus braços.

Eu estava quase de pé ao lado da cama antes de parar, coloquei a mão de volta no colchão, uma em sua bochecha cheia de cicatrizes, inclinei-me e dei-lhe um beijo rápido.

Então eu fiquei de pé e, sem olhar para trás, corri do quarto, pelo corredor, pela sala de estar, pela porta de vidro e pela minha casa.

Eu me sentia tão bem, que em vez de correr, eu poderia ir pulando.



O dia passou como se estivesse coberto de melaço.

Eu pensei em tirar uma soneca, mas quando cheguei em casa, do Joe, apesar de praticamente não ter dormido por duas noites, descobri que estava incrivelmente energizada.

Eu tirei os lençóis da minha cama e coloquei na lavanderia. Fiz uma lista de compras. Paguei contas. Tomei um banho e me cuidei como sempre fazia, mesmo depois que Tim morreu.

Tim gostava do meu cabelo alisado com o secador de cabelo. Ele gostava quando eu colocava maquiagem mesmo que ele preferisse ao natural. Tim gostava quando eu usava vestidos, me disse que eu era a mulher de policial mais sexy na história, e ele disse isso de uma maneira que eu sabia que ele acreditava completamente e se orgulhava desse fato. Ele gostava quando eu ia na estação, e nem se dava conta do fato de que os outros caras me achavam atraente (ou, pelo menos, ele me disse isso). Eu era dele, ele me disse, e ele tinha algo lindo, ele também me disse. Nunca, nem uma vez, nem mesmo quando eu estava com Kate e Keira, ele me fez sentir algo diferente de bonita.

Foi algo que me obriguei a fazer depois que ele morreu, manter minha aparência. Era para ele, mas também por mim. Uma maneira de não desistir quando eu não queria fazer nada a não ser desistir, ceder, ficar abatida, deprimida.

Embora naquela manhã, fiz um esforço extra.

As garotas se levantaram e eu fiz panquecas. Elas fizeram suas tarefas, limpando seus quartos e eu fui ao supermercado. Eu faria minhas costeletas de porco à milanesa e arroz

temperado. Era o prato favorito de Tim e Keira. Demorava uma eternidade para fazer, mas seria um prazer porque Kate também adorava. Embora o favorito de Kate fosse o risoto de frutos do mar, que era o meu também. Eles começaram como receitas de uma revista, mas, depois de anos de experimentação, eu fiz os dois ainda melhores, então eu os considerei todos meus. Essa era a minha coisa, outra coisa que o Tim se gabava. Nosso jardim era o mais bonito do nosso quarteirão(até eu tive que admitir isso) e Tim achou que minha comida era a bomba e ele se gabava de ambos livremente. Ele gostava de ter convidados e nós os tínhamos o tempo todo, mas ele me dizia que era para poder me mostrar.

Os frutos do mar eram muito caros, infelizmente, então teria que ser costeletas de porco.

Quando fui ao supermercado, o caminhão de Joe estava lá. Quando voltei, já não estava. Isso fez meu estômago apertar de medo e me fez agir como uma idiota. Enquanto guardava as compras, limpava o aspirador, dobrava as roupas, carregava e descarregava a máquina de lavar e secar e passava a ferro, encontrei motivos para ir até a janela da cozinha e olhar para a garagem, verificando se ele chegara em casa.

Mas ele voltaria para casa, para mim. Eu tive apenas Tim, mas não era estúpida. Um homem como Joe Callahan não esperava por uma mulher até as duas horas da manhã, ele não a jogaria na cama e faria sexo com ela por quatro horas seguidas, ele não reagiria dessa maneira, especialmente reflexivamente, quando ela disse que precisava sair, e ele não mandaria ela voltar se não a quisesse.

Que, eu disse a mim mesma, tudo significava que ele me queria. Não para uma foda conveniente, havia mais acontecendo aqui e eu sabia disso.

Aquela amargura e humilhação tinham desaparecido e outra coisa a substituiu. Algo que eu não esperava, não de Joe, inferno, não de ninguém, mas algo que eu gostava.

Tim e eu tivemos um ótimo sexo em nossa vida de casados. Eu não era a primeira dele, ele teve uma garota antes de mim, mas eu fui sua última. Nós ensinamos um ao outro tudo o que sabíamos. Éramos abertos, honestos, até mesmo aventureiros e era regular e frequente, não como um relógio, mas espontâneo, divertido, sexy. Nós dois tínhamos apetites saudáveis, Tim especialmente e ele adorava que eu encontrasse seu apetite (embora ele não se gabasse disso ou pelo menos não que eu soubesse).

Mas ele nunca me fodeu no capô de um carro, um segundo trabalhando em um motor, no próximo fodendo comigo como se fosse necessário para sua existência. Ele nunca me fodeu por quatro horas seguidas como se estivesse tão faminto por isso quanto eu, como se tivesse com medo de que o prazer fosse arrancado dele, e nunca mais fosse recuperado.

E entendi isso agora. Deus, eu entendi.

Não tomo nada como garantido, não mais.

Eu iria me satisfazer.

Quando eu fui para a cozinha para começar as costeletas de porco, vi o caminhão de Joe na garagem e, em vez de me

acalmar, meu corpo eletrizou. Eu senti o espectro de sua boca, suas mãos, seu pau me penetrando e era tão forte, eu tive que me inclinar no balcão para me segurar quando meus joelhos ficaram fracos.

Merda, ele era como uma droga e eu percebi que fiquei louca por ele o dia todo.

E também notei, despejando as migalhas de pão e especiarias na bolsa Ziploc, preparando o empanado para as costeletas , que gostava dele.

Ele limpou minha neve. Me viu do lado de fora limpando a neve e sabia que eu desistira da tarefa para cuidar de Kate e Dane, e ele terminou para mim, deixando seguro o caminho para nós quando saíssemos.

E ele se lembrou da conversa sobre os preservativos. E, embora achasse que não precisava ele tentou explicar seu comportamento com Kenzie, e Joe tinha uma boa razão para estar com raiva, mesmo que fosse muito longe na minha opinião. Mas ele era um homem agressivamente masculino, ela tinha que saber e brincou com isso. Kenzie deveria saber melhor, ver isso chegando.

E ele esperou por mim, até tarde, e não queria que eu viesse embora.

Apreciei que Joe não falava muito e adorei que deixasse seu rosto falar por ele. Adorei de quão grande ele era e que poderia me carregar, e me carregou, que poderia me pegar e me plantar em sua caminhonete e o fez. Eu gostei que ele era duro comigo, não, eu amava isso. Eu não era a mãe de seus

filhos. Era uma mulher, uma que ele queria e deixou isso bem claro e também gostei disso.

E apreciei que às vezes ele olhava para mim e havia algo trabalhando em seus olhos, algo que não conseguia entender, mas o que quer que fosse, era sobre mim.

E era bom.

Eu apenas sabia disso.

Joe Callahan não poderia ser mais diferente do que Tim Winters e, para minha surpresa, eu estava bem com isso. Não fui estúpida o suficiente para pensar depois dos últimos dois dias loucos, que Joe seria o próximo amor da minha vida. Mas eu queria isso, o queria, exploraria o que estava acontecendo.

E não podia esperar para voltar à sua casa, sua cama, para ele.

Dane veio para costeletas de porco e depois, ajudou Kate a lavar os pratos (outra marca de verificação na boa conduta para Dane) e então ele e Kate se instalaram nas poltronas reclináveis do escritório para fazer o dever de casa. Eu sentei com Keira no sofá da sala para ler e assistir Dane e Kate, ao mesmo tempo que Keira assistia TV.

Eles eram fofos juntos. Dane era um garoto bonito e elogiava minha linda filha. E foi gentil com Kate. Eu gostava do jeito que ele olhava para ela quando Kate falava, como se não houvesse mais nada que ele quisesse, a não ser ouvir o que ela tinha a dizer. Mas eu gostei, especialmente, quando ela não sabia que Dane a olhava como se achasse que ela era a coisa mais linda que ele já vira e não podia acreditar na sua sorte.

Então, tudo bem, eu gostava do namorado da minha filha. Eu sorri para mim mesma, inclinei minha cabeça para o meu livro, não li uma palavra e senti aquele esvaziamento da minha barriga o tempo todo.

Só mais um pouco para esperar.



Puxei minha roupa íntima violeta que foi liberalmente dosada com renda preta. Na verdade, a bunda da calcinha era toda de renda, havia apenas um triângulo de renda na frente. O sutiã tinha uma borda tão profunda de renda que você podia ver meus mamilos através dele. O fundo do bojo e as tiras eram de cetim violeta no entanto.

Sobre eles eu vesti minha camisola de cetim preto, sem renda ou outro adorno. Era apenas decotada para que você pudesse ver o sutiã e tinha fendas nas laterais dos meus quadris, para que visse a calcinha se eu me movesse.

Eu comprei esses para Tim cerca de duas semanas antes de ele ser assassinado e nunca usei. Eu os guardei para uma ocasião especial como, digamos, quando as meninas passavam a noite na casa dos pais dele. Ele gostava de minhas calcinhas sensuais e camisolas e eu tinha o hábito de usá-las apenas para ele.

Depois que ele morreu, eu pretendia jogar a lingerie fora.

Agora fiquei feliz por não ter feito isso.

Eu puxei o robe de cetim preto que acompanhava a camisola, não querendo usar o robe de Tim para ir até Joe. O manto de Tim podia ficar na porta enquanto eu estiver com Joe. Pode ser frio lá fora, mas Joe não estava tão longe.

Antes de sair do quarto escuro, mordi meu lábio e olhei meus dedos com meus anéis de casamento. Eu não os tirei, nunca considerei isso, mas me perguntei se deveria agora.

Meus olhos foram para a foto na minha mesa de cabeceira e eu senti algo se mover em mim, em seguida, resolver. Não foi doloroso. Eu já tive a dor, quase um ano e meio dela.

Era a vida.

—Você sabe que eu sempre amarei você. — eu sussurrei para a foto.

A imagem não respondeu, mas eu sabia que Tim ouviu. Eu também gostaria disso para ele, se fosse eu quem tivesse ido embora, e ele quem permanecesse. Eu não gostaria que ele ficasse sozinho. Gostaria que ele ficasse animado, se sentisse vivo, vivesse sua vida e encontrasse a felicidade.

Mas eu deixei meus anéis de casamento, eu não estava pronta para isso.

Eu andei pela casa escura. Era muito mais cedo, apenas onze e meia, mas as garotas estavam fora, eu já tinha verificado. Desarmei o alarme e olhei para o emaranhado de sapatos perto da porta. Nenhum deles combinaria com minha roupa, então eu decidi contra sapatos.

Empurrei-me até a porta traseira de vidro deslizante, abri e fechei depois desci os degraus, correndo devagar pelo pátio, o orvalho da primavera frio em meus pés descalços.

Sua casa estava escura novamente, sem luz do lado de fora, mas não parei. Eu pulei os degraus do convés de Joe e antes de chegar ao topo, sua porta de vidro deslizante foi aberta.

Ele estava ali, de peito nu, vestindo jeans, o botão de cima desfeito. Minha respiração ficou presa e meu passo diminuiu enquanto caminhava para ele.

Ele não se moveu da porta quando parei na frente dele e eu assisti, prendendo a respiração, enquanto seus olhos viajam por toda a minha extensão.

Então o braço dele saiu e enganchou na minha cintura, ele me puxou para dentro e fechou a porta.

Seus dedos deslizaram no cabelo ao lado da minha cabeça e seu queixo mergulhou de modo que seu rosto estava perto do meu.

—Baby... — ele sussurrou — ...você não está usando sapatos.

Ele me chamou de "baby".

E ele estava preocupado que meus pés estivessem frios.

Sim, algo estava acontecendo aqui.

Eu derreti nele e coloquei minhas mãos em seu pescoço.

—Eu não consegui encontrar nenhum que combinasse com a minha roupa. — me expliquei em voz baixa.

Sua mão apertou contra o meu couro cabeludo e eu assisti em fascinação quando ele sorriu. Eu nunca vi isso, mas de tão perto, era inacreditável.

Meu estômago borbulhou, mas não consegui apreciar a vista por muito tempo porque seus dedos pressionaram, puxando minha cabeça para cima, fiquei na ponta dos dedos dos pés e ele me beijou.



A lingerie era praticamente um esforço desperdiçado. Joe apreciou, eu sabia, porque ele rosnou quando viu, mas não demorou muito para aproveitar antes de tirá-lo.

Ele foi tão energético e insaciável quanto a noite passada, e eu acreditei que ele, provavelmente, tiraria uma soneca.

Eu não tiraria, então depois da segunda rodada, eu queria mais, mas não consegui cortar. Eu defendi isso, deslizando por seu corpo, aconchegando-me ao seu lado, envolvendo meu braço em torno de sua barriga e descansando minha cabeça em seu ombro.

Seus dedos seguraram meu quadril.

—Buddy? — Ele chamou.

—Sonolenta. — eu murmurei.

Seus dedos seguraram meu quadril com mais força, então ele se virou para mim, minha cabeça deslizou do seu ombro para o travesseiro e seu outro braço me rodeou.

—Violet.

—Sim? — Eu sussurrei.

Ele não falou, mas seu corpo parecia estranhamente tenso.

Inclinei a cabeça para trás e olhei para ele.

—Joe?

—Ninguém me chama de Joe.

—Esse não é o seu nome?

—Sim.

—Você não gosta disso?

Ele não respondeu.

—Eu gosto do nome Joe. — eu disse a ele, chegando mais perto.

Seus braços se apertaram.

Eu beijei a base de sua garganta, em seguida, minha cabeça se acomodou no travesseiro e adormeci.

Capítulo Três

Acabado

Joe Callahan acordou com Violet nos braços.

Isso nunca aconteceu, nunca. Mesmo que ele levasse uma mulher para sua casa, o que era raro, ela não passava a noite. Na ocasião mais frequente, quando ele estava na cama, ele saía depois de terminado, não importava o quão criativas elas fossem ao pedir que ele ficasse.

Ele as fodia, ele não dormia com elas, sem exceções.

Ele baixou seu queixo enquanto abria os olhos e ouvia o cabelo dela se mover sobre o travesseiro. Quando ele viu seu rosto, ela olhava para ele.

Meu fodido Cristo, ela era linda!

—Oi. — ela sussurrou, sua voz tão sonolenta quanto seu rosto lindo e ele sentiu aquela única palavra tranquila em seu interior e em seu pênis.

Ele não respondeu e ela não pareceu se importar. Ela se aconchegou nele, enfiando o rosto em sua garganta, mas sua

mão deslizou por seu peito, seus dedos se movendo para correr suavemente ao longo de seu queixo.

Ele sentiu o toque dela em seu âmago e pau.

Isso foi um erro. Um grande e fodido erro do tamanho de um mamute. Assim como Kenzie, mas muito pior. Ele sabia disso no minuto em que chutou Kenzie para fora de sua casa, virou-se para Violet a viu naquelas botas ridículas, sexy como a camisola do inferno e percebeu que ela era o que era e que ele a queria. Ele percebeu isso quando atravessou o quintal, enquanto ela limpava a neve, e se explicou, algo que nunca fez. Como quando disse a Colt que a levaria para casa, sabendo que a foderia, ficando ao seu lado no bar, esperando por sua abertura, que ela deu a ele repetidamente, parecendo tão incrivelmente fofa chupando o canudo dela e então, Jesus, atando um caule de cereja com a maldita língua. Ele sabia disso quando ela ficou quente para ele no minuto em que a beijou, então implorou por isso. Conscientizou-se disso quando a fodeu com seu pau, sem controle, porque seu cérebro estava lá. Ele sabia disso quando ela atravessou o quintal para ele naquela primeira noite em que a teve em sua cama. Ele sabia disso a primeira vez que ela o levou em sua boca, não desleixado, fodendo gostoso, a mulher sabia usar sua boca. E também quando ela gozou em seu rosto, sem inibições, merda, mas ela era inacreditável e era dele. Dele. Tudo dela, era dele.

Mas, acima de tudo, ele soube disso na primeira vez que ela lhe sorriu.

Ele sabia que isso era um erro.

—Eu preciso ir. — ela murmurou em sua garganta e inclinou a cabeça para trás, empurrando um pouco para ficar cara a cara, a mão segurando seu queixo.

Ela precisava ir, ele precisava que ela desse o fora dali, mas ele ainda não havia afrouxado os braços.

Então ela inclinou.

—Você quer vir para o jantar hoje à noite?

Lá estava.

—Eu terminei. — disse ele e observou-a piscar.

—O que?

—Acabamos. — ele repetiu e pressionou a cabeça no travesseiro enquanto ela inclinava para o lado em confusão.

—Desculpe, eu não...

—Tudo isso, foi bom, Buddy, mas acabamos.

Ele sentiu o corpo dela se fechar em seus braços enquanto a suavidade do sono e do sexo desaparecia de seu rosto e o choque e a dor o substituíam.

Seus braços, não tomando direção de seu cérebro, se apertaram.

—Acabamos? — Ela sussurrou e aquele choque e dor eram pesados naquela palavra.

—Buddy... — ele começou, mas ela se mexeu.

Ela arrancou de seus braços e rastejou sobre ele tão rápido, que mesmo se ele tentasse, não poderia agarrá-la, mas nem tentou.

Ela vestiu o roupão, não se incomodou com a roupa de baixo e a camisola, nem sequer os pegou do chão, ela os deixou onde estavam.

—Violet... — ele chamou, mas ela amarrou seu robe e ele a viu correr, o roupão ondulando atrás dela enquanto ela ia.

Ele rolou de costas e colocou as mãos no rosto, passando-as com força contra a pele enquanto escutava a porta de vidro abrir e depois fechar.

Custou-lhe ficar quieto, de costas, na cama e não ir atrás dela. Ela esculpiu seu intestino, a dor aguda. A única maneira de se livrar disso era se mexer, segui-la, ir buscá-la, arrastá-la de volta.

Mas ele tomou a dor e ficou parado.

Então ele rolou para o lado e pôde sentir o cheiro do cabelo dela em seu travesseiro.

Capítulo Quatro

O Shopping

Cal mal fechou a porta do caminhão quando ouviu o nome dele.

Seus olhos foram para a calçada e ele viu Colt, pingando de suor e voltando de uma corrida, desacelerando para uma caminhada enquanto ele contornava o carro de Cal.

Colt respirava pesado, mas não difícil, o homem estava em forma, mesmo seis anos mais velho que Cal, que tinha trinta e nove anos. Colt era disciplinado e continuou assim.

—Oi. — Cal cumprimentou.

—Podemos conversar?

Cal examinou o rosto de Colt e ele acenou com a cabeça para o que viu e abriu o caminho para sua casa, sem olhar para Violet. Fazia duas semanas desde aquela manhã. Ele saiu no dia seguinte e não voltou.

Ele os deixou entrar e Cal foi até a geladeira na cozinha. Pegou uma garrafa de água e jogou para Colt. Depois tirou uma cerveja para si e arrancou a tampa, jogando-a na lixeira aberta.

—Nós temos um problema. — anunciou Colt depois que ele sugou um pouco de água.

—Sim? — Cal perguntou e ele tomou um gole de sua cerveja.

—Na vizinhança. — continuou Colt e Cal não ficou surpreso.

Tina Blackstone se envolveu com Cory Jones, uma jogada dos inferno. Eles estavam juntos indo e vindo por um tempo, e ao mesmo tempo, Cory continuava indo e vindo para sua esposa. Não era bonito e poderia ser um problema, embora ele não estivesse por perto para saber. Cal não ficou surpreso e imaginou o que Colt descreveria como um problema. Tina era uma cadela e Cory era um babaca.

—O que está acontecendo? — Perguntou Cal.

—É Violet. — respondeu Colt e Cal sentiu aquela dor aguda esculpir através de seu intestino.

—Violet?

Colt encostou o quadril no balcão, balançou a cabeça e bebeu outro gole da água, com o rosto em apenas uma emoção, infeliz.

Soltando a mão, ele explicou:

—Recebi uma ligação de um detetive Barry Pryor da polícia de Chicago.

Porra.

Ele não queria saber, mas ele perguntou do mesmo jeito:

—Sobre Violet?

—Sim. — Colt assentiu. —Pryor era o parceiro do marido dela.

Porra!

O tempo passado, isso não era bom.

—Era? — Perguntou Cal.

—O marido dela foi assassinado, um golpe. Ele investigava um grande homem local, chegou perto demais, eles o mataram há um ano e meio.

Cal cerrou os dentes e olhou pelas janelas da frente. Ele não podia ver sua casa de onde estava, mas era para onde seus olhos apontavam.

Marido policial. Assassinado. Um golpe. Agora ela estava sozinha, limpando a própria neve e criando duas adolescentes.

Jesus, porra, Cristo.

—Não acabou. — Colt disse a ele e os olhos de Cal foram para seu Buddy.

—O quê?

—Pryor diz que esse cara se interessou por Violet.

O corpo inteiro de Cal enrijeceu. Ela poderia fazer isso. Violet poderia. Ela podia gerar interesse de alguém. Ele sabia disso porque ele se interessou por ela.

—Interessou? — Cal perguntou em voz baixa.

—Sim, e esse cara significa más notícias. Pensa que é intocável. Aparentemente, enquanto o marido de Vi o investigava, ele investigava o marido dela. Descobriu sobre ela, gostou do que viu, a quer. Pryor acha que pode até ser por isso que esse cara se moveu contra o marido.

—Você está me sacaneando.

Colt sacudiu a cabeça.

—Não. — disse ele. —Foi atrás dela depois do golpe, se você pode acreditar nessa merda, e deixou claro que estava interessado, depois que ele ordenou o golpe que matou seu marido, porra. Tornou tudo tão claro que não foi saudável e ela fez as malas e fugiu.

Cal não tirou os olhos de Colt enquanto tomava outro gole de cerveja e suspeitava que agora ele também parecia infeliz, não infeliz como Colt, muito mais infeliz.

Quando ele soltou a mão, perguntou:

—Ele está na cidade?

—Não, mas Pryor é próximo dela e de sua família. Violet disse ao irmão que um policial morava do outro lado da rua, então ele conversou com Pryor, e pediu-lhe para nos telefonar e nos contar o ocorrido para que pudéssemos ficar de olho. Diz

que ela ainda não teve uma visita aqui, mas o irmão e Pryor acham que ele não deu por encerrado.

Cal passou a língua pelo lábio inferior e depois cerrou os dentes novamente.

Colt continuou falando.

—Precisamos ficar de olho, Cal. Você deveria falar com ela. Eu sei que ela tem um alarme, mas isso foi instalado antes dela se mudar. Você deveria dar uma olhada.

—Isso não acontecerá. — Cal respondeu e Colt olhou para ele.

—O quê?

—Ela não me deixará olhar o sistema de alarme.

—Cal, ela é legal, provavelmente até será grata.

—Ela não é minha maior fã.

Os olhos de Colt se estreitaram de surpresa.

—Por que não?

Cal não respondeu e não tirou os olhos de Colt .

Ele observou o corpo de Colt ficar em alerta.

—Cristo, você a fodeu?

Cal ainda não respondeu.

—Você fodeu a viúva de um policial? — Colt parecia incrédulo e irritado, claro, ele era um policial e sentiria isso como ninguém mais.

—Não sabia que ela era viúva de um policial.

—Porra, Cal, o luto está escrito nela. —Colt cortou, definitivamente chateado.

—Não é da sua conta, Colt, e não vejo essa merda como você.

—Besteira.

Isso foi. Foi besteira. Ele viu nos olhos de Violet, seu rosto, o jeito que ela segurou seu próprio corpo, ouvia a tristeza em sua voz quando ela falava e, assim como a fodida da Bonnie, ele queria consertá-la. A merda de Bonnie era diferente, a vida começou ruim para ela, mas no final a merda de Bonnie era de sua própria autoria, não uma tragédia forçada sobre ela. Ele não conseguiu consertar Bonnie. Tentou e falhou. Ele não faria isso novamente.

—Tire-a daqui. — disse Cal ao Colt —Você e Feb levem ela e as suas garotas para fora de casa e me avise. Farei uma vistoria na casa dela e te relato. Você pode trabalhar algo para ela com Chip.

Colt não respondeu desta vez, apenas olhou para ele.

—E eu ficarei de olho. — Cal terminou.

Colt retornou ao assunto anterior.

—Está feito com ela?

—O quê?

—Você terminou com ela? Você terminou? — Colt empurrou.

—Sim.

Colt olhou para ele novamente, em seguida, balançou a cabeça e tomou um gole de água.

Então ele olhou para Cal.

—Não é da minha conta, mas cara, você está louco?

O corpo de Cal ficou rígido novamente.

—Sim, não é da sua conta, Colt.

—Conheço você por um tempo, Cal.

—Ainda assim, não é da sua conta.

—Ela é doce, até engraçada quando se esquece de ficar triste. Ela é boa para suas garotas, uma ótima mãe, e linda. O rabo dela é quase tão bom quanto o de Feb.

Ele estava errado sobre isso. O traseiro de Violet era muito superior ao de Feb. Feb tinha uma bunda doce, mas o corpo inteiro de Violet foi construído para fazer um homem querer transar com ela, querer tanto que tornaria difícil pensar em outra coisa.

Não, não foi só isso, foi construído para fazer um homem querer transar com ela e ser fodido. Seus peitos, sua bunda, sua boceta, pura merda do céu.

—Percebi isso. — observou Cal.

—E ainda assim, você fodeu ela e seguiu em frente?

Cal estava ficando com raiva.

—Como eu disse, não é da sua conta.

Foi então que Colt cometeu um erro.

—Ela não é Bonnie.

Ele se endireitou e seu corpo ficou ainda mais rígido.

—Não estamos falando sobre isso.

Colt discordou.

— Bonnie já foi há muito tempo.

— Colt, desista, este não é o seu maldito negócio. — advertiu Cal, seu controle escorregando.

Colt olhou para ele seus olhos com raiva. Então ele balançou a cabeça de um jeito que demonstrou a Cal que o achava um imbecil e um idiota. Isso o irritou, mas deixou de lado. Ele gostava de Colt, o respeitava, vivia em frente a ele há muito tempo, o conhecia desde antes dele se mudar para o outro lado da rua. Colt esteve lá durante o pesadelo de Cal. Sempre gostou dele e o respeitava.

—Eu deixarei você saber quando poderá ver a casa dela e eu aprecio isso, você ficar alerta. — Colt deixou isso de lado também.

Cal assentiu.

Ele acenou de volta, levantou a água em um gesto de gratidão e disse:

—Até mais tarde.

Então ele saiu.

Cal colocou a cerveja no balcão e foi até o segundo quarto. Estava praticamente vazio. A antiga cama médica de seu pai estava lá, enquanto esteve doente, não muito mais do que isso.

Abriu as cortinas e olhou pela janela para a casa de Violet.

Seu Mustang não estava lá, o Fiesta de sua filha estava. Eram quatro e meia, e Violet provavelmente estava no trabalho, mas suas filhas tinham chego da escola, e estavam provavelmente sozinhas, ele esperava que seu alarme fosse programado para portas e janelas e que suas meninas o ativassem quando chegavam em casa.

Enquanto ele olhava para a casa dela, pensamentos enchiam sua cabeça.

Violet tinha um marido assassinado, um idiota obcecado por ela e um vizinho que transou com ela.

Cristo, ele era um idiota. Nunca deveria tê-la tocado.

Ele caminhou de volta pela casa, abriu a porta lateral da cozinha e tirou a chave do gancho enquanto ia. Abriu a porta da garagem, passou pela churrasqueira na parte de trás e começou a cavar através de suas caixas de ferramentas. Era tudo merda, por isso estavam lá atrás e não em uso em algum lugar.

Ele voltou para casa e saiu pela porta da frente caminhando até a caminhonete, entrou e foi para Indianápolis.



Era o dia seguinte e Cal estava encostado no GMC de Colt no quintal, conversando com ele.

—Você comprou a merda? — Colt perguntou, com as sobrancelhas para cima.

—Novo sistema, o Chip pode pegá-lo e instala-lo. — respondeu Cal. —Algumas coisas eu pedi, mas elas chegarão em breve.

—Você não reconheceu a casa.

—Estive naquela casa antes, Colt , um milhão de vezes quando os Williams moravam lá. Eu sei o que ela precisa.

Colt olhou para ele um segundo antes de concordar com a cabeça e perguntar:

—Chip será capaz de instalar o seu sistema?

Essa era uma boa pergunta. Cal conhecia Chip, único garoto da cidade que instalava segurança e seu trabalho era bom. Mas Cal comprara alguns equipamentos sérios para a casa de Violet, que o povo suburbano não poderia pagar e nem sabiam que existia, mas as pessoas que pagavam por seus serviços não apenas sabiam que existiam, eles exigiam isso e precisavam contra os fodidos doentes que invadiram suas vidas. Talvez Chip possa não ser capaz de instalá-lo.

—Eu checarei isso com ele, e o que ele não souber, você tira Violet e eu instalo.

—Ela não é Kenzie Elise, Cal, você conseguiu o top de linha, então é duvidoso que ela possa pagar por isso. — observou Colt .

—Eu resolverei isso com Chip.

Em outras palavras, palavras que ele não daria a Colt, é que ela não pagaria nada.

Colt o estudou e Cal o deixou, então acenou novamente.

—Eu falarei com Vi, e depois com Chip. — disse Colt .

—Deixe-me saber. — respondeu Cal. —Eu tenho um trabalho que não posso adiar, o que significa que estarei fora da cidade novamente em alguns dias. Ele precisa colocá-la no topo da lista e vir buscar o equipamento. Se eu precisar entrar, terá de ser em breve.

—Entendi. — Colt abriu a porta para do carro e explicou: —Tenho que chegar à estação.

—Sim.

—Até mais tarde.

Cal levantou o queixo e virou-se enquanto Colt subia em sua caminhonete. Ele atravessou o quintal, mas seus olhos estavam na casa de Violet. Isso porque a filha dela estava em pé na entrada, a bunda dela na porta do Mustang que estava estacionado atrás do Fiesta, os olhos dela estavam fixos nele.

Muito bem.

Ele atravessou a rua, passou a casa de Tina e no meio do caminho da casa de Violet a filha dela correu até a entrada da garagem e chamou:

—Ei, o Sr. Callahan.

Jesus. Ela me chamou de Sr. Callahan.

Ele ergueu o queixo.

—Estamos indo para o shopping. — informou a ele, e desde que ela estava falando com ele e ela era filha de Violet, em vez de andar e passar por ela, como normalmente faria, ele parou.

Mesmo que não respondesse, a menina tomou sua presença ali como indicação de que deveria continuar falando.

—Então nós jantaremos e depois um filme. Mamãe gastará o dinheiro que tio Sam deu a ela quando esteve aqui.

Cal não tinha resposta para isso e ele queria sair de lá antes que Violet saísse de casa.

Ele olhou para o lugar dela para avaliar quanto tempo ele tinha e viu a garota mais velha saindo, o que indicava ser um sinal saudável para se mexer, mas ele não o fez. Encontrando-se curioso, ele olhou entre as meninas de Violet.

Nenhuma delas parecia com ela. Elas eram lindas, mas não tinham o cabelo escuro e grosso da mãe com aquele tom avermelhado , elas não adquiriram suas curvas e nem seus olhos verdes. Os cabelos eram bonitos, eram grossos e longos. Elas tinham olhos bonitos e corpos decentes, mas eram muito magras, de uma forma que, embora jovens, ele sabia que não os preencheria. Elas devem se parecer com o pai.

Mal para elas. Elas eram bonitas e ficariam ainda mais bonitas, mas nunca seriam nocautes como a mãe.

—Nós já gastamos os nossos cartões de presente do Tio Sam. —a mais nova continuou falando e os olhos de Cal voltaram para ela. —Kate e eu. Eu peguei esses shorts e um monte de outras coisas. —Ela apontou para seus shorts, mas

os olhos de Cal não foram para seus shorts, foram para a garagem.

Violet estava lá e usava aquela saia jeans bonitinha que se ajustava bem em sua bunda e quadris, e atingia alguns centímetros acima dos joelhos. Era a que ela usou quando ele a fodeu na garagem.

Cristo.

Ela parou totalmente, com as chaves na mão, a bolsa suspensa no antebraço, a mão imóvel no ato de colocá-la sobre o ombro. Ela olhava para ele, os lábios entreabertos, o rosto pálido, os olhos arregalados e ele sentiu aquele olhar, sua quietude, trancada em seu peito, não se sentiu bem e ele detestava o sentimento.

Ela estava vestindo roxo, como sempre. Desta vez, era uma blusa roxa clara com mangas curtas e pequenas. A camisa justa em suas costelas, e um toque de decote que se encaixava bem em seus seios também. Seu cabelo estava solto, era longo, não tão longo quanto suas meninas, ela o usava logo acima dos ombros. Era reluzente e elegante, mas cortado em camadas. Ele sabia o quão espesso era, quão suave, e sua mão coçava para pegar nele.

Tirando sua mente disso, seus olhos percorreram o corpo dela e pararam em sua sandália, que eram roxas também, porém muito mais escuras do que seu top, duas alças finas, uma nos dedos, uma ao redor do tornozelo e uma terceira que ligava as outras duas. Esta subia o peito do pé e tinha um monte de flores. A sandália era baixa, sem salto, e parecia

muito boa nela. Ele gostava de suas mulheres de salto alto, mas gostava mais daquela sandália roxa em Violet, do que qualquer salto que ele viu em toda a porra de sua vida.

—Hey!— Sua menina mais nova gritou, seus olhos viraram para ela e ele viu que ela o observava de perto. Ele também viu que sua excitação de garota adolescente era apenas um ato. Ela o viu checando sua mãe, e o que disse a seguir confirmou, assim como confirmou que ela era uma pequena ardilosa. —Você quer vir?

—Keira! — A mais velha e Violet gritaram, a filha mais velha em voz alta, Violet em um piscar de olhos.

—O quê? — A menina mais nova perguntou, tentando parecer inocente enquanto virava a cabeça para sua mãe e irmã. —Ele se divertirá.— Ela olhou para ele e sorriu. —Nós, as meninas Winters, somos muito divertidas.

—Tenho certeza que o Sr. Callahan tem coisas melhores para fazer do que ir ao shopping. — afirmou Violet e caminhou até o Mustang, colocando sua bolsa no ombro.

—Você tem coisas melhores para fazer, Sr. Callahan? — A menina perguntou.

Cal apenas olhou para ela.

—Os shoppings são o máximo. — ela lhe disse.

Ele não respondeu, principalmente porque não concordava, nem mesmo um pouquinho.

—E nós vamos ao The Cheesecake Factory para jantar e é ótimo lá.

—Keira, sério, deixe o Sr. Callahan sozinho. — ordenou Violet. —Entre no carro.

Ela estava em pé com a porta aberta, as chaves na mão, os olhos na filha. A outra garota estava na outra porta, mas sua postura e seu olhar eram uma réplica exata de sua mãe.

—E nós veremos o novo filme de Nicole Bolton. É suposto ser incrível. — continuou a menina mais nova, ignorando completamente a mãe.

—Keira!— Violet chamou bruscamente e sua voz sacudiu Cal para ação.

Ele se moveu e quando o fez, se moveu em direção a Violet. Ele não sabia por que, mas fez e, quando o fez, ele assistiu o corpo dela enrijecer e trincar os dentes.

Quando chegou perto dela, ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele, seu lindo rosto cheio de pânico que ele aproveitou para puxar as chaves de seus dedos.

—Eu dirijo.

—Yippee!— A menina mais nova gritou.

—O quê? — Violet sussurrou.

—Mova-se para fora da porta, Buddy.— Ela piscou, o pânico desapareceu, a confusão substituiu sua expressão e ela ficou ali, então ele lhe disse: —Não posso dirigir, com você no meu colo.

Seu corpo estremeceu e a confusão clareou, seu rosto se transformando direto para a raiva. Ele viu aquele olhar em seu rosto antes, quando ela jogou seu cartão de visita e os

cinquenta dólares para ele. Ela não gostaria de saber, mas sua demonstração de atitude antes foi quente, e agora também.

—Por que o sr. Callahan está dirigindo? — a garota mais velha perguntou e Cal olhou para a direita para ver que ela se afastara e que a mais nova a empurrava para o banco de trás.

—Sr. Callahan é...— Violet começou a falar com a filha, mas Cal a interrompeu.

—Cal. — ele se virou para a menina e repetiu: —Cal.

—Minhas meninas não chamam os mais velhos pelos nomes cristãos. — disse Violet, sua voz gelada e quando Cal se voltou para ela, seu rosto também estava gelado.

—Nós poderíamos chamá-lo de tio Cal. — a menina mais nova sugeriu, a cabeça e os ombros empurrados sobre o banco do motorista para que ela pudesse olhar para eles.

Cristo. Tio Cal era pior que o Sr. Callahan.

—Podemos ir? Se não o fizermos, perderemos o filme ou teremos que cortar as compras. — a garota mais velha perguntou, com resignação em seu tom de voz e impaciência logo em seguida, então ela se jogou no banco de trás e colocou o banco do passageiro de volta no lugar.

—Sim ou perderemos a chance de ter cheesecake no The Cheesecake Factory. — a mais nova disse, seus olhos estavam nele quando terminou — E obviamente, essa é a melhor parte.

Cal olhou para Violet.

—Entre, Buddy.

—Mas...

Ele se inclinou para ela, ela voltou para a porta, mas ele ignorou, embora sentisse isso em seu peito, ele repetiu:

—Violet, entre.

Ela olhou para ele, em seguida, deslizou por ele, com cuidado para não tocá-lo quando o fez. Então ele a observou passar pela frente do Mustang e entrar, batendo a porta.

Cal sentou em seu carro e teve que ajustar o assento, o volante estava praticamente em sua virilha. Violet era alta, como suas meninas e diferente de qualquer mulher que ele já teve, mas não era tão alta quanto ele.

Ele fechou a porta e se acomodou. Os novos Mustangs eram bonitos, não tanto quanto seu GT 68, mas ainda assim bonito. Violet, ele descobriu, tinha tanto bom gosto em carros quanto em roupas, sapatos, roupas íntimas e camisolas.

Ele colocou a chave na ignição e ligou o carro, engatou a ré, e saiu de sua garagem.

—Ei, Cal, você conhece algum dos Buckley Boys? — Perguntou Keira, a garota mais nova, atrás dele.

—Só porque ele faz o que ele faz, Keira, não significa que ele conhece todo mundo que é famoso. —Kate, a mais velha, informou para sua irmã.

—Eu os conheço. — disse Cal e ouviu as duas garotas respirarem fundo.

Ele os conhecia. Eles eram todos merdinhas, uma boy band de cinco irmãos, que pensavam que o sol brilhava em suas bundas. Eles pagaram muito, então teve um trabalho

especial, atuando como guarda-costas novamente, cobrindo-os para um evento. Eles eram individuais e coletivamente uma dor tão grande que ele recusou o próximo contrato que o gerente deles lhe ofereceu.

—Sério? — Keira respirou.

—Sim — respondeu Cal.

—Como eles são? — Perguntou Keira.

—Você não quer saber. — respondeu Cal.

—Não, realmente, eu quero. Eu quero saber. — ela disse a ele e soou como se realmente quisesse.

Ele tentou encontrar uma maneira de explicar sem usar as palavras “idiotas”, “babacas” ou “imbecis”.

—Se você os conhecesse, não pensaria muito deles.— Isso foi recebido com silêncio, então quando ele parou em um sinal, perguntou: —Eu talvez precise saber onde estou indo.

—Keystone at the Crossing. — Kate respondeu e Cal olhou para a direita e viu que Violet tinha a bolsa no colo, os dedos apertando com tanta força que ele podia ver as articulações brancas, e a cabeça estava virada para olhar para a lateral da janela.

Ela não gostou dele lá, no carro dela, com as meninas dela, com ela. Ele sabia disso, assim como sabia que não deveria estar lá.

Mas ele estava, mesmo que não tivesse a mínima ideia do porque. Exceto pelo fato de que algum idiota estava lá fora, o mesmo que matou o marido dela, que a queria e Cal não

gostava da ideia de Violet e suas filhas indo ao shopping, para jantar e para um filme, sem proteção.

Então ele estava lá.

—Certo. — ele murmurou, engrenou o carro e virou-se para Keystone no cruzamento.

—Mawdy, você vai para a Lucky? — Kate perguntou à mãe.

—Não, baby. — Violet respondeu suavemente e Cal sentiu suas duas palavras em seu peito e seu interior também. Isso não era desagradável, era nostálgico e tão forte que sua mão apertou o volante.

Ele se lembrava de sua mãe usando uma voz assim com ele há muito tempo. Suas garotas tinham sorte por terem isso, a voz suave de Violet, chamando-as de “baby”.

Porra, porém, o pai delas conversando com elas, isso não tinham.

—Por que não? — Perguntou Keira.

—Não é minha coisa. — respondeu Violet.

—Você ficaria gostosa nas roupas da Lucky. — Keira anunciou e depois perguntou: —Você não acha, Cal? — Ele não tinha ideia do que ela estava falando.

Mas ele não precisou responder, Violet falou.

—É Sr. Callahan.

—Elas podem me chamar de Cal. — afirmou Cal.

—Elas não vão chamá-lo de Cal. — retornou Violet.

Ele olhou para ela para ver que ela virou a cabeça em sua direção, então ele olhou para a estrada.

—Por que não?

—Eles precisam respeitar os mais velhos.

—Eu não gosto de “Sr. Callahan”. — Cal disse a ela.

—Então, o chamaremos de tio Cal. — disse Keira.

—Keira... — Violet começou.

—Apenas Cal. — Cal cortou Violet, não aceitando a ser chamado de tio Cal também.

—Joe, elas não vão te chamar de Cal. — repetiu Violet.

Lá estava. Joe

Ele não sentiu isso em seu peito ou seu interior, sentiu ela o chamando de Joe em seu pau.

O nome de seu pai era Joe também, então, desde o nascimento, todos o chamavam de Cal. Segundo seu pai, sua mãe inventou o apelido.

Mas Bonnie o chamava de Joe. Ela foi a única. Irritou-o nas primeiras vezes que Violet o chamou assim, então ele começou a gostar, principalmente porque ela gemia quando seu pênis estava dentro dela, seu mamilo em sua boca ou sua língua em seu clitóris. E ele ainda gostava porque lembrava-se disso.

—Você o chama de Joe? — Kate perguntou, entrando na conversa. —Pensava que todos o chamavam de Cal.

Kate, obviamente, ouvia sobre ele na escola, algo que Cal não se importava muito, isso não era novo.

Violet não respondeu. Ela olhou para a lateral da janela novamente.

—Podemos chamá-lo de Joe? — Perguntou Keira.

—Não. — respondeu Violet.

—Claro. — disse Cal sobre ela e para alívio dele, novamente ele não tinha ideia do por que.

—Legal! Então é Joe. —Keira decidiu.

—Eu gosto de Joe, é um nome legal. — resmungou Kate.

Violet suspirou. Isso significava que ela cederia, como também significava que ela era tarefa simples com as meninas. Ele se perguntou se era sempre assim ou se isso era em resposta ao fato do pai estar morto. Joe achava que era o último.

Pelo resto da viagem Keira continuou a conversa, com Kate interpondo ocasionalmente, mas Cal e Violet não contribuíram em nada. Então, novamente, Keira nem precisou da entrada de Kate. A garota era uma faladora.

Eles chegaram ao shopping, Cal estacionou e saiu, puxando o assento para Keira, que saiu correndo com aquela graça entusiasmada que apenas garotas adolescentes pareciam ter. Quando ele bateu a porta atrás dela, ele olhou para o telhado e viu que Violet e Kate também estavam fora. Ele bipou as fechaduras quando Violet fechou a porta e Keira correu para sua irmã, ligando os braços com ela e correram para o

shopping. Obviamente, fazer compras era um passatempo favorito. Era como se as garotas fossem feitas de metal e o shopping fosse um imã de alta potência puxando-as para dentro.

Violet não olhou para ele e andou mais calmamente em direção ao prédio.

Cal foi para o lado dela.

—Buddy...

De repente, ela parou e inclinou a cabeça para trás para olhá-lo.

—Eu vi você conversando com Colt.

Sua voz era baixa, mas não suave, era uma acusação.

Antes que ele dissesse qualquer coisa, ela continuou falando.

—Eu sei que você sabe.

—Eu sei. — ele confirmou.

Ela reprimiu um recuo e continuou.

—Não é seu dever cuidar de nós.

—Violet...

—Não é seu trabalho.

Ela estava certa, não era, mas isso não significava porra nenhuma, porque ele ia fazer isso. Ele não disse isso a ela, apenas continuou a olhando.

—Você está aqui porque Keira está fazendo sua missão de vida, fazer amizade com todos em um raio de vinte milhas. Ela

sente falta de casa, tinha muitos amigos e familiares onde morávamos e é social. Ela está tentando recriar isso. — informou Violet, embora estivesse errada. Ele foi convidado por Keira porque sua filha a amava e sabia que Violet sentia falta de seu marido, e Keira procurava por um substituto para tirar a dor de sua mãe. Ele fez a mesma coisa com seu pai depois que sua mãe morreu. Não funcionou, mas ele fez isso.

Cal também não contou a ela.

—Nós passaremos por isso...— sua mão levantou e ela gesticulou para o shopping — ...e nós vamos para casa e você desaparecerá como quando nos mudamos. Você será uma picape brilhante da Ford em sua unidade e é isso. Sim?

—Não.

Ele observou a parte superior de seu corpo sacudir e ela olhou fixamente para ele.

Então ela repetiu:

—Não?

—O que Colt me disse, é que sua situação é extrema.

—Não é da sua conta.

—Você mora ao lado.

—Ainda não é da sua conta.

—Você tem duas meninas.

Ele a observou engolir quando algo cruzou seu rosto, antes que ela o escondesse.

Medo.

Cal sentiu aquele bloqueio em seu peito também.

—Este é o meu negócio, Buddy, as pessoas me pagam um monte de dinheiro para mantê-los seguros. — disse ele.

—Pode ser o seu negócio, Joe, mas isso não é da sua conta.

Ele se inclinou para ela que se manteve firme, olhando para ele.

Silenciosamente, ele a lembrou:

—Eu tive meu pau em você.— Ele assistiu a cor bater em suas bochechas, ela abriu a boca para falar, mas ele continuou. —Isso faz com que seja meu negócio.

—Isso é ridículo. — ela sussurrou.

—Não, com certeza não é.

—Eu não quero sua ajuda.

—Que pena.

—Joe...

—Que pena.

—Droga, Joe...

Ela parou de falar porque ele agarrou a mão dela e começou a andar, puxando-a junto com ele.

Suas garotas estavam de pé dentro das portas do shopping olhando para eles, e quando chegaram à calçada Violet soltou sua mão da dele.

Cal permitiu isso. Ele estava lá para proteger a ela e suas meninas. Ele não estava lá para dar ideias ou começar tudo de novo com a mãe.

Eles entraram no shopping e, apesar de Violet dizer que ela não iria para Lucky, foi o primeiro lugar que ela os levou.

Ela parou na loja, olhou para as filhas e disse:

—Vocês duas têm cento e cinquenta dólares para gastar aqui.

Cal achou que isso seria recebido com gritos de alegria, mas não foi. As duas meninas olharam para a mãe, não se mexeram e nem falaram. Keira até virou o tornozelo para o lado com desconforto súbito.

—Ei? — Perguntou Violet. —Ouviram-me?

—Esse dinheiro é para você. — Kate disse à mãe.

—Sim, e eu estou dando a vocês. — retornou Violet.

—O avô deu esse dinheiro ao Tio Sam para você usar. — acrescentou Keira.

—Ele me deu para fazer o que eu quisesse e eu estou fazendo isso. — disse Violet à filha.

—Nós já gastamos o nosso dinheiro. — Kate respondeu com firmeza.

—Então, agora, gaste mais. — Violet respondeu com mais firmeza.

Nenhuma garota respondeu nem se mexeu.

Todas se entreolharam, trancadas num combate silencioso de mãe e filhas. Cal se perguntou quem ganharia, mas se tivesse que apostar seu dinheiro seria para Kate e Keira.

Enquanto observava o silencioso confronto, percebeu que gostava das garotas de Violet.

—Eu sei!— Keira de repente exclamou, quebrando o silêncio tenso. —Serei a sua personal shopper!— Ela pulou para frente, agarrou o braço de sua mãe e, puxando-a, virou-se para Cal e Kate. —Vocês, vão buscar cafés. Eu encontrarei para Momalicious algo *incrível* da Lucky!

—Keira. — Violet começou, mas Cal se virou para Kate.

—Vamos. — disse ele sacudindo a cabeça para as portas da loja e esperou enquanto ela olhava para ele, em seguida, saiu.

Cal a seguiu, e caminhou ao lado dela enquanto se dirigiam para o café, fazendo um caminho direto para cafeteria. Ela conhecia este shopping como o dorso da mão e obviamente bebia café.

Ela não falou e agiu como se estivesse desconfortável, embora não fosse desajeitada. Cal estava errado quanto a não terem nada da mãe. Elas tinham uma sugestão de sua atitude e tinham sua graça natural.

Quando chegaram à frente da fila, Kate pediu três drinques complicados e depois olhou hesitante para ele.

—Café. — disse ele.

—Americano? — Perguntou o funcionário .

—Qualquer coisa, só café.

Isso pareceu confundir o garoto, em seguida, ele se reuniu e perguntou:

—Nada de creme?

Cal apenas olhou para ele, o atendente ficou agitado, inclinou a cabeça para a caixa registradora e começou a pressionar os botões. Então ele pegou um copo de papel, escreveu algo e colocou na grande máquina de café com as outras três xícaras.

Ele ouviu Kate rir baixinho e olhou para ela, vendo que estava errado de novo. As filhas de Violet não eram bonitas. Com o rosto de Kate relaxado e sorridente, ela era mais do que bonita. Ela não era um nocaute, mas ela era outra coisa e estava tudo bem.

Kate foi abrir a bolsa, mas Cal murmurou:

—Não.

Ela olhou para ele e puxou os lábios entre os dentes enquanto ele pagava.

Eles caminharam até o outro lado do balcão, esperaram pelos cafés e os pegaram quando chegaram.

Calma e educadamente, Kate disse-lhe:

—Creme e açúcar estão lá.

—Eu tomo preto.

—Oh! — ela sussurrou balançou a cabeça, em seguida, virou-se e levou-o de volta pelo caminho que vieram.

Na metade do caminho, timidamente ela disse:

—Eu saio com Dane Gordon.

Ele sabia. Ele também conhecia o garoto Gordon. Menino de boa aparência, melhor atacante. Havia rumores de que as faculdades já o vigiavam, embora ele fosse um júnior. Kate estava amarrada com ele, então, Gordon provavelmente sentiu o mesmo, e ele não estaria errado.

—Sim? — Cal perguntou quando ela não continuou.

—Ele, bem ... ele acha que você é o cara.

Cal não respondeu. Ele sabia que as crianças da cidade pensavam isso porque ele conhecia muitas pessoas famosas, mas seu trabalho estava longe de ser glamoroso.

Ela continuou.

—Ele diz que quer fazer o que você faz, depois da escola.

—Alguém deveria lhe dizer que ele deve ir para a faculdade.

Ela assentiu.

—Ele está pensando em fazer isso também, mas, hum ... talvez fazer o que você faz depois.

—Inteligente.

A cabeça dela virou-se para cima, ela sorriu para ele e ele descobriu que estava errado de novo. Ela pegou o sorriso de

sua mãe e isso trancou em seu peito também, também não de um jeito ruim.

—Paga bem, garota, eu não estou reclamando, mas as pessoas que eu cuido, são uma dor na bunda .— ele disse a ela com sinceridade.

—Você conversaria com ele? — Kate perguntou, retornando a timidez, mas teve coragem de perguntar, porque ela gostava desse cara.

Este era o momento onde ele sabia onde isso ia, e não deveria fazer o que ia fazer. Violet ficaria chateada e ele nem queria fazer isso, mas fez de qualquer maneira.

—Você vê o meu caminhão na garagem e ele está por perto, venha.

Isso lhe deu um outro sorriso e ela sussurrou:

—Obrigado.

No minuto em que chegaram à loja, Keira os emboscou, com os braços cheios de roupas.

—Também serei a sua personal shopper!— Ela disse a ele, com os olhos brilhantes e felizes. —Encontrei um monte de roupas que seriam *matadoras* em você.— Ela olhou para a pilha em seus braços e murmurou: —Espero ter pego o tamanho certo — inclinou a cabeça para ele novamente. —Os caras do balcão viram você e adivinharam.

Jesus. Ele não ia experimentar roupas. Tudo o que possuía comprou na loja da Levi's, exceto sua jaqueta de couro que Bonnie comprou para ele. Ele entrou, pegou, não

experimentou e deu o fora. Ele ia às compras provavelmente uma vez a cada três anos.

—Keira, eu não tenho certeza se Joe está fazendo compras. —Kate sabiamente compartilhou com sua irmã.

—Mas essas roupas são *incríveis*. Algumas das camisas combinam com os olhos. — respondeu Keira.

Cal olhou para a pilha de roupas e depois para Keira.

—Garota, eu uso preto e uso Levi's.

Ao contrário de qualquer outro ser humano na terra que ouviu o modo como ele falou, Keira não foi dissuadida.

—Mas os jeans Lucky são os *melhores*.

—Eu uso Levi's.

—Mas você nem tentou Lucky.

—Keira, ele disse que usa Levi's. — Kate acrescentou.

—O que está acontecendo? — Perguntou Violet e todos olharam para o lado.

Ele estava errado de novo, desta vez sobre as roupas. Violet estava lá de pé, vestindo uma blusa justa, roxa e decotada e um par de jeans que ficaram tão maravilhosos nela, que suas mãos coçavam novamente para tocá-la, mas para tirar os jeans.

—Oh meu *Deus*, Momalicious!— Keira gritou. —Nós temos que pegar essa blusa em todas as cores.

Ela não estava errada.

—Esses jeans são quentes, Mawdy. — observou Kate em um sorriso feliz.

Ela também não estava errada.

Violet torceu e olhou para uma etiqueta e depois para eles.

—Eu poderia comprar um carro pelo preço desses jeans.

—Eles duram para *sempre.* — informou Keira à mãe.

—Talvez sim, querida, mas... — Violet começou.

—Você não compra essa roupa, Buddy, estou comprando para você. — Cal entrou na conversa.

Todas as três mulheres se viraram para ele, Violet vermelha nas bochechas, Keira com um enorme sorriso no rosto (também da mãe, embora Cal nunca tivesse visto Violet sorrir tanto) e Kate com choque.

Violet sacudiu a resposta primeiro.

—Joe...

Ele a cortou.

—Isso parece bom.

—Mas...

—Pegue.

—Eu não acho...

Ele se inclinou para ela e baixou a voz.

—Sério, Buddy, foda, entenda. Isso parece bom.

Ele viu quando ela fechou os olhos e, o olhar em seu rosto, ele desejou ter mantido a porra da boca fechada.

Quando ela os abriu novamente, seus olhos estavam em branco.

Sua voz era suave quando ela perguntou:

—Você pode tentar não dizer a palavra F na frente das minhas filhas?

Antes que ele pudesse responder, Kate falou.

—Está tudo bem, Joe, as crianças na escola soltam o f-bomba o tempo todo. — Kate assegurou e antes que Violet dissesse qualquer coisa, ela se virou para a mãe. —Mãe, Joe está certo, você deveria entender isso. Parece muito bom em você.

Violet respirou e assentiu.

—Tudo bem, baby, eu pegarei.

—Eu pegarei mais dessas blusas. —disse Keira, despejando as roupas que ela escolheu para Cal nos braços da irmã, mesmo que a menina estivesse segurando duas xícaras de café. —Básicos de guarda-roupa. Perfeito, você pode usá-los o tempo todo, no verão, no inverno, sozinhos ou com cardigãs... — sua voz sumiu quando ela saiu em missão e encontrou mais blusas.

—Você quer que eu guarde essas coisas, Joe? — Kate perguntou baixinho e ele acenou para ela.

Então, em uma reflexão tardia, ele murmurou:

—Obrigado, menina.

—Não tem problema. — Kate sussurrou e saiu.

Violet olhou para ele.

—Esta é sua. —disse ele, entregando-lhe uma xícara.

Ela olhou para baixo, parecendo confusa por um segundo, então pegou a xícara dele e murmurou:

—Eu me trocarei.

Então ela foi embora.

Cal a observou se mover pela loja.

Então imaginou se o marido costumava fazer compras com ela e suas filhas. Ele se perguntou se o homem ficava em alguma loja com um café esperando por suas filhas fazerem o que precisavam. Se ele ficava impaciente com isso, porque não foi muito divertido, exceto quando Violet saiu de um camarim parecendo tão sexy que ela fez a coisa toda valer a pena.

Então, Cal se perguntou, se alguém lhe dissesse que ele acabaria sendo assassinado, se ele ficaria impaciente esperando que suas filhas fizessem o que elas queriam. Cal imaginou, a menos que seu marido fosse um idiota, ele não ficaria. Ele levaria suas garotas para fazer compras, jantar e ir ao cinema toda noite.

Cal foi até o balcão e se inclinou para esperar por Violet e suas filhas. Os garotos do balcão se espalharam, algo que acontecia muito com Cal porque ele era grande e porque ele era assim. Isso não o incomodava. Era um bônus em sua profissão.

Tomou um gole de café e vigiou onde as duas garotas estavam na loja e os pés de Violet embaixo da porta do camarim. Ele as manteve vigiadas, embora na maior parte com seus ouvidos, ouvindo suas vozes, identificando os sons que faziam enquanto examinava a loja e o shopping.

Nenhuma ameaça. Ele sentia isso porque tinha muita prática.

Então as encontrou com os olhos novamente e esperou impaciente, porque não era muito divertido.



Cal estacionou o Mustang de Violet na garagem dela.

Isso depois que ela comprou seu jeans, outra saia curta que Keira a fez experimentar (e também era sexy, embora nem de longe tão boa quanto a calça jeans) e quatro das mesmas blusas em cores diferentes.

E também depois que as filhas arrastaram Violet para uma sapataria que era uma tortura comparada à loja de jeans, considerando que ela experimentou pelo menos doze pares de sapatos. Ela finalmente comprou um par de sandálias de salto alto que jurou nunca usar, mas ambas as filhas declararam que ela tinha que ter. Mais uma vez, suas filhas não estavam erradas. Era sexy pra caramba.

Foi depois do jantar que tiveram a única chatice, após a conversa com Violet no estacionamento, porque que ele pagou a despesa e ela deixou claro que não queria que ele fizesse isso.

E deixou isso claro, tendo o que só poderia ser descrito como uma birra quieta, bem na frente de suas filhas e do garçom. Keira, que deveria seguir uma carreira como diplomata, interferiu e sugeriu que sua mãe pagasse o filme e a pipoca de Cal para equilibrar as coisas. Violet cedeu e Cal permitiu isso, mas só porque ele não tinha intenção de comer pipoca.

E foi depois de uma comédia romântica chata que ambas as meninas declararam ser o melhor filme que já viram. Isso foi principalmente porque gostavam das roupas de Nicole Bolton e achavam que o ator que interpretava seu interesse amoroso era lindo. Cal e Violet permaneceram em silêncio sobre o assunto e nem precisavam falar, porque Kate disse e então não havia aberturas para darem uma palavra.

Cal estacionou, desligou a ignição saiu do Mustang e puxou o assento para a frente para Keira.

—Obrigado Joe!— Ela saltou para fora e inclinou a cabeça para trás para olhar para ele. —E obrigado pelo jantar.

Cal não respondeu verbalmente, apenas mergulhou o queixo.

Ela se inclinou para ele e sussurrou conspiratoriamente:

—Eu disse que seria divertido.

Cal não diria que fora divertido, mas ele poderia dizer que estava longe de ser chato, exceto o filme.

Keira não esperou que ele respondesse, se virou e correu para a porta lateral.

Kate a seguiu, carregando as sacolas de compras de sua mãe e agradecendo:

—Obrigado pelo jantar, Joe.

Cal balançou a cabeça, ela acenou, em seguida, correu para a porta lateral e desapareceu como sua irmã.

Violet veio para ficar na frente dele.

Ela levantou a mão, palma para cima.

—Minhas chaves.

Cal não os deu para ela.

Em vez disso, ele a olhou nos olhos e disse:

—O que eu direi te irritará.

Ele a observou apertar os lábios enquanto preparava seu corpo, então ela perguntou:

—O quê?

Ele não demorou.

—Colt falará com você sobre o seu sistema de segurança. O homem chamado Chip, bom rapaz, vai atualizá-lo. Se Chip não souber instalar o que eu projetei para o seu sistema, então eu farei isso.

Seus lábios se separaram e ela olhou para ele.

Então ela se inclinou para frente e sibilou:

—Você não *vai*.

—Buddy, eu vou.

—Não, você *não vai*.

—Você pode ficar lá e me atacar o quanto quiser. Instalarei.

—Eu não posso pagar um novo sistema de segurança.

—Ninguém disse que você pagará por isso.

Sua boca se fechou e ela deu um passo para trás, como se ele a tivesse empurrado.

Então ela voltou para perto, inclinando a cabeça para trás, os olhos estreitos. Ela estava, como ele suspeitava, seriamente chateada.

—Você não pagará por um novo sistema para mim.

—Eu pagarei.

—Isso não acontecerá.

—Vai.— Ela abriu a boca para falar, mas Cal inclinou a cabeça para que seu rosto estivesse no dela. —Fique puta comigo porque eu te fodi, foi ótimo, você tem esse direito, eu te fodi e foi uma merda que fiz. Mas você tem duas meninas para cuidar e vizinhos que estão dispostos a entrar para ajudar. E você não é tola para não aceitar a ajuda. E seria uma merda de mãe, se não fizesse tudo o que pudesse para se manter segura. O que aconteceu com a gente aconteceu. Acabou. Agora eu estou sendo apenas o vizinho. Colt e eu estamos querendo ajudar a manter você e aquelas garotas a salvo, e, Buddy, você não tem escolha senão aceitar e sabe disso.

Ela ficou parada ali, sem se mexer, sem piscar, apenas olhando diretamente nos olhos dele.

Então ela sussurrou:

—O que aconteceu com a gente aconteceu?

—Violet...

—Você está certo. — disse ela rapidamente e suavemente. —Você é segurança para as estrelas e se está disposto a ajudar, eu devo aceitar. Mas te direi, embora ache que você saiba, eu te acho um babaca. E não apenas não gosto de você, eu te *odeio*. Eu *odeio* que você jogou comigo. E *odeio* por ser tão estúpida e me deixei jogar. *Odeio* que você saiba disso, e que você saiba alguma coisa sobre mim. E *odeio* mais ainda ter que aceitar ajuda de você. —Depois que ela deu sua sucessão letal de *odeio*, ela terminou com:— Mas eu aceitarei isso... pelas minhas garotas.

E antes que ele pudesse falar, ela estendeu a mão, tirou as chaves da mão dele, virou-se e afastou-se rapidamente.

Cal a observou sair, ouviu a porta lateral bater e baixou a cabeça para olhar suas botas.

Então ele foi até a casa dele, entrou e foi direto para a geladeira pegar uma cerveja. Desroscou a tampa levou a garrafa aos lábios e deu um gole saudável.

Então ele segurou a garrafa na frente dele, estudando o rótulo sem vê-lo.

Então ele jogou a garrafa pela porta da cozinha. Voou para a sala e bateu contra a parede.

Capítulo Cinco

Daniel Hart

Eu estava atrasada e isso era uma *droga*.

Chip não conseguiu instalar o sistema completo que Joe havia projetado, e Joe não conseguiu chegar antes que Chip acabasse, então agora que era uma semana depois e Joe estava de volta, ele viria para isso.

Feb e Colt estavam fazendo um churrasco e eu prometi a Feb que iria e ajudaria, antes que todos aparecessem. Eu deveria estar lá quinze minutos atrás, o que era quinze minutos antes de Joe aparecer.

As garotas estavam fora, como de costume. Keira voltava com sua amiga Heather para ir ao churrasco. Kate estava no trabalho, no Frozen Custard Stand do Fulsham. Dane que, independentemente do fato de Kate ter um carro, a levava para o trabalho e a pegava, então ia buscá-la e os dois também viriam ao churrasco mais tarde. Eu disse a Colt para dizer a Joe que eu deixaria a porta lateral aberta para ele e Colt obviamente fez isso porque agora eu ouvi a porta lateral abrir.

Eu ignorei e terminei de arrumar meu cabelo para cima, com o gel que o deixou muito bom e depois enxaguei minhas mãos. Então saí do banheiro para o quarto para colocar minhas joias. Pulseiras de prata, minhas argolas de prata e meu relógio também de prata. Borrifei perfume e virei para a porta do quarto.

Joe estava inclinado na moldura me observando.

Ao vê-lo, meu estômago se apertou em um nó instantâneo.

Eu não tinha ideia do porque ele estava ali me observando. Senti que tudo que precisava ser dito foi dito, então olhei em seus olhos brevemente e segui seu caminho esperando, já que eu disse tudo que precisava ser dito e eu fui bem honesta sobre isso, que ele saísse do meu caminho.

Ele não saiu.

Eu parei e olhei para ele.

Sua voz rouca era baixa quando ele disse:

—Devemos conversar, Buddy.

Eu não queria falar, então respondi:

—Por favor, mexa-se.

—Violet ...

—Mova-se.

—Vivemos ao lado um do outro, mulher. — ressaltou.

—Sim e você é meu vizinho, é só isso. — voltei.

Ele se endireitou da moldura, mas ficou no meu caminho e sua voz era suave quando disse:

—Foi bom.

Eu senti minha boca se encher de saliva e meus olhos formigaram com lágrimas, mas engoli os dois.

—Saia do meu caminho, Joe.

—Nós dois sabemos que não poderíamos levar isso adiante.

Eu não sabia disso. Não sabia nada sobre ele. Era só ele quem sabia disso.

Mas, não disse isso a ele, eu repeti:

—Saia do meu caminho.

—Merda, Violet, não precisa ser assim.

Senti minha cabeça sacudir, mas meus olhos ficaram presos aos dele.

—Não? Você não acha? Bem, é aí que você está errado.— Eu me inclinei para ele um pouco e continuei. —Nunca um homem está errado. Eles acham que podem foder qualquer coisa que se mova e apenas seguir em frente. Deixe-me educa-lo Joe, mesmo você tendo aquela cena com Kenzie, semanas depois você passou por Nádia e Deus sabe quem mais, e então se virou para mim, então você deveria saber, mas, caso não tenha percebido, mulheres não são construídas dessa forma.

—Esse é o seu mundo, buddy, muitas mulheres são construídas dessa maneira. Nádia é uma.

Eu não acreditei nisso por um segundo.

Portanto, eu disse sarcasticamente:

—Certo.

—Verdade. — ele respondeu.

—Você acha isso, mas acredite em mim, você terminou com ela, ela foi para casa e chorou em seu Oreos.

Ele balançou sua cabeça.

—Você não a conhece.

—Ok. Mas sei que Kenzie queria mais.

—Kenzie quer o que Kenzie quer e acha que conseguirá. Não importa o que seja ou como, então ela age quando não consegue. Cristo, a cadela tem trinta e dois anos e casou quatro vezes.

Isso era verdade, eu li tudo sobre isso em revistas.

—Escute... — eu disse a ele, decidindo que era hora de terminar esta conversa e seguir em frente — ...eu deveria estar na Feb há vinte minutos atrás.

Joe não terminou a conversa.

—Foi sexo. É sempre sexo, só sexo. Com você, não foi isso. Eu não sabia que você tinha perdido o seu marido. Como também não sabia a merda que estava acontecendo com você.

Ele piorava, me dizendo que era apenas sexo. Eu sabia que Joe pensava assim, claro, mas eu realmente não precisava confirmar.

—Agora você sabe, então afaste-se do meu caminho.

Sua mão subiu, seus dedos enrolando em volta do meu pescoço e ele inclinou seu rosto para o meu.

—Mulher, nesta vida, você precisa aprender, precisa de todos os amigos que conseguir. Isso é o que estou oferecendo, ok?

Deus, agora ele queria ser meu amigo. Era como se Joe estivesse lendo essa merda em um livro de como ser o mais insultuoso que possa ser, sem sequer tentar.

Eu puxei meu pescoço do seu aperto.

—Foda-se, Joe.

Ele balançou a cabeça, ainda não se moveu para fora do caminho e notei que ele parecia ficar um pouco irritado.

—Joe...

—Você sabe onde eu moro. A oferta está na mesa quando você quiser crescer e deixar essa merda para trás.

Eu deixei essas palavras saltarem na minha cabeça por vários segundos.

Então, em vez de deixar essas palavras fazer minha cabeça explodir, decidi deixá-las ir.

No entanto, decidi não deixá-lo ir graciosamente.

—Não prenda a respiração enquanto espera que isso aconteça. Agora você poderia sair do meu caminho?

Ele me observou, aquela coisa, qualquer que fosse o inferno (e eu disse a mim mesma que não me importava com o

que era), trabalhando atrás dos olhos dele. Então ele saiu do meu caminho.

Levou muito de mim, e lutei para me recompor, mas consegui andar por ele, através do escritório, na cozinha para pegar minhas chaves e o prato de bolinhos que eu fiz para o churrasco, e sair pela porta sem correr.

Fiquei muito orgulhosa de mim mesma.



—Ok, então, *isso*, sairei da hibernação de homem. — anunciou Cheryl .

Olhei para Cheryl e segui seus olhos para ver que Joe se juntara ao churrasco.

Merda.

Cheryl e eu estávamos sentadas na grama ao sol, no quintal de Colt e February. Minhas pernas estavam na minha frente e eu vestia minha pequena saia verde do exército e minha blusa violeta, que comprei no Lucky com Joe e as meninas. Eu ajudara Feb por algumas horas, antes que as pessoas aparecessem, fazendo salada de macarrão, picando ovos cozidos, cortando tomates e cebolas, montando hambúrgueres, jogando batatas fritas em tigelas e depois levando-as para fora para colocá-las em uma mesa sob uma tenda sem laterais, que Colt montou. Fizemos tudo isso enquanto cuidávamos do belo bebê de Feb, Jack, e seu gato Wilson, que alternadamente corria em torno da casa ou miava

para os deleites que Feb recusava-se a dar para ele, e também ao tentar não pisar na adorável filhote de cachorro pastor alemão que Feb comprou para Colt no aniversário dele.

Este era o seu churrasco anual , marcando a chegada do verão, onde fechavam o bar e tinham um bom dia com a família e amigos. Todos os seus funcionários foram convidados, incluindo Darryl que era um barman, sua esposa Phylenda e seus filhos, Ruthie uma garçonete, Fritzi que limpava o bar todas as manhãs e Cheryl que trabalhava atrás do bar, às vezes, mas também era garçonete, e ela trouxe seu filho de sete anos, Ethan. Também havia o irmão de Feb, Morrie, sua esposa Dee, seus filhos Palmer e Tuesday e os pais de Feb, Jack e Jackie. Nossos vizinhos, Jeremy e Melinda, Myrtle e Pearl também foram convidados, Tina e Cory não, mas, de acordo com Feb, Cory estava fora com Tina, e dentro com sua esposa Bethanye. Tina cuidava do próprio humor, para não mencionar que Feb odiava Tina porque ela era uma vadia. As melhores amigas de Feb, Jessie e seu marido Jimbo, Mimie seu marido Al e seus filhos e o parceiro de Colt, Sully, e sua esposa Lorraine também estavam lá.

E agora, Joe.

Eu o assisti caminhar até Colt, que cuidava dos hambúrgueres, cachorros e pirralhos no churrasco, e o bebê Jack que Colt segurava no quadril dele. Eles acenaram um para outro, e então Joe se inclinou para o refrigerador perto da churrasqueira e pegou uma cerveja gelada.

Ele deve ter terminado com o meu sistema de alarme super sofisticado. Joe deve ser bom. Não demorou muito, só trabalhou nisso algumas horas.

Bebi minha margarita, olhei para ele e disse a Cheryl:

—Não vá lá.

—Hun? — Perguntou Cheryl.

Eu não a conhecia, apenas a vi na J&J's algumas vezes, ela me fez uma bebida ou duas. No entanto, estávamos sentadas ao sol, bebendo margaritas há pelo menos uns trinta minutos. Em alguns círculos de mulheres americanas, isso significava que você era BFFs[8] automaticamente.

Por isso, repeti:

—Não vá lá. Jogador.

—E você sabe disso...? — Cheryl deixou cair, eu virei minha cabeça e apenas dei a ela um olhar.

Seus olhos se arregalaram, então ela observou:

—Eu não o achei como o tipo.

—Que tipo?

—O tipo de ser jogador.

Eu balancei a cabeça.

—Veja, como eu tive dois homens na minha cama, meu marido, que tirou minha virgindade quando eu tinha dezessete anos, e ele... —inclinei a cabeça para Joe —...não achei.

Nesta notícia, os olhos de Cheryl ficaram ainda maiores.

[8] Best Friends Forever – Melhores amigas para sempre.

—Não é brincadeira?

Eu balancei a cabeça novamente.

—Não é brincadeira.

—Uau. — ela sussurrou.

—Uau está certo. — eu voltei.

—O que aconteceu com seu marido? Divórcio?

—Ele foi baleado na cabeça por um gangster.

Sua boca se abriu, seu rosto ficou pálido e me senti como uma merda, dizendo-lhe assim. Eu nunca contei a ninguém assim, porra, eu achava que nunca contaria a ninguém. Barry, o parceiro de Tim, e Pam, esposa de Barry, fizeram todas as declarações.

—Foi há algum tempo atrás. — expliquei, minha voz mais suave. —Ele era um policial.

A surpresa deslizou para fora de seu rosto, sua mão saiu e ela deu um rápido aperto no meu joelho antes que se afastasse.

—Difícil. — ela murmurou e eu acenei para esse eufemismo. —A quanto tempo?

—Um ano e meio.

—Então não foi há *muito* tempo.

Eu olhei para os meus pés.

—Não.

—Você quer falar sobre isso?

Eu olhei para ela e repeti baixinho:

—Não.

—Você deve…

Sério, o pessoal desse churrasco era tão legal.

Foi a minha vez de apertar seu joelho, então eu fiz e murmurei:

—Obrigada.

Ela virou a cabeça e seu olhar foi para Joe. Meu olhar foi para qualquer outro lugar que não nele.

—Ele foi bom?— Ela perguntou curiosa.

Bom não era a palavra para isso, na verdade, não havia palavras para isso.

Eu decidi não lhe dizer isso, então respondi:

—Sim.

Sua cabeça voltou-se para mim e suavemente, ela disse:

—Seja divertido de jogar, querida, já faz um bom tempo para mim e digamos que tenho mais alguns garotos na minha cama do que você. Mas... - ela fez uma pausa — ...você terminou com ele?

Eu não terminei com ele, ao contrário, Joe terminou comigo, o que totalmente não é terminar com ele.

—Oh sim, terminamos.

—Você se importa? — Ela perguntou.

—Fique à vontade. — eu respondi, embora tivesse que admitir que doía pensar em Joe seguindo em frente, mesmo sabendo que não deveria e nem saber por que doía.

Era sexo, só sexo, ele me disse assim. Seu maldito ego. Eu era uma adulta, sabia o placar. Minhas amigas que não encontraram o homem que adoravam aos quinze anos me contavam histórias como essa há séculos. Aparentemente, desde que Tim estava morto, foi a minha vez de ser fodida por um babaca.

No entanto, por gostar de Cheryl, acrescentei:

—Mas deixe seu coração na porta.

Suas sobrancelhas subiram.

—Você não fez?

—O quê?

— Deixar seu coração na porta?

Eu balancei a cabeça novamente.

—Eu não me apaixonei por ele, mas achei que havia algo ali. Eu fui uma idiota. Fora... perdendo o Tim... —Eu lambi meus lábios e Cheryl esperou silenciosamente enquanto eu o puxava junto, respirei fundo e terminei. —Vamos apenas dizer que ele me fez sentir uma idiota porque não havia nada lá. Nada. Apenas sexo. Ele terminou comigo rápido, durou apenas alguns dias e é meu vizinho do lado.

Cheryl olhava para mim quando disse:

—Jesus.

—Sim.

Ela olhou para Joe, resmungando:

—Talvez eu fique longe.

—Esse seria o meu conselho.

—Ainda assim, ele é gostoso. — Cheryl ainda resmungava e eu me esqueci de Joe e eu, e olhei para ela.

Ela era muito bonita, cabelo loiro cheio e cortado na altura de seus ombros, peitos falsos, pernas longas, carne atraente em seus quadris. Ela se vestiu com uma roupa bem justa, mas ela trabalhou isto e parecia bom nela. Sua saia preta era super curta, seu top branco era super apertado, e usava um sutiã preto que você via através da blusa, e sandálias de salto alto prateadas, mesmo que estivéssemos em um churrasco no quintal.

Mas o olhar que ela dava a Joe, depois do que eu lhe disse, me fez pensar que Cheryl não seria tão boa em escolher homens.

Confirmei isso quando ela perguntou curiosa, ainda checando Joe:

—Você sabe como ele conseguiu essas cicatrizes?

—Não. Não sei muito sobre ele. Nós não falávamos.

Ela olhou para mim e sorriu.

—Homem de ação?

Mais como Superman, mas eu não disse isso a ela, apenas disse:

—Sim.

Ela se inclinou para mim.

—Meu conselho, embora você não tenha pedido, ainda estou dando a você, aproveite o que foi. Foi obviamente bom e uma garota precisa de um pouco disso. Nada de errado. — Seus olhos voltaram para Joe e então vieram para mim. —Ele reabre aquela porta, Vi, passe por ela e pegue o que quiser. Você encontra outro homem que é bom para você e quer mais, você pode ir embora. Mas esse era o meu telefonema e ele morava na casa ao lado? —Ela fez uma pausa, sua cabeça tendo empurrado em direção a Joe e ela sorriu novamente. — Eu não perderia essa oportunidade.

Essa ideia era tão absurda que eu ri alto.

Ela riu comigo e quando terminamos de rir, ela levantou o copo de margarita.

—Estou seca, querida, você quer outra?

Eu lhe entreguei meu copo.

—Isso seria legal , obrigado.

Seus olhos deslizaram pelo quintal para a churrasqueira novamente e ela continuou.

—Eu estou pensando que quero um pirralho .— Ela olhou para mim e seu olhar era perverso quando ela sugeriu: — Talvez você queira um?

Eu balancei a cabeça.

—Você parece sexy, nessa roupa. — ela encorajou.

—Joe viu. Ele estava em minha casa esta manhã e estava comigo quando comprei .

Sua cabeça inclinou para o lado em confusão.

—Ele estava em sua casa esta manhã?

—Ele está instalando um sistema de segurança em minha casa, não por minha escolha.— Eu suspirei quando ela parecia ainda mais confusa, então completei: —É complicado.

—Eu pensei que você disse que era uma coisa de duas noites. Ele levou você para fazer compras?

—Compras foi depois que ele terminou comigo, antes do sistema de segurança.— Quando ela apenas olhou para mim, eu terminei. —É uma longa história, também complicada.

Ela balançou a cabeça e levantou-se, dizendo:

—Eu buscarei as nossas margueritas e meu pirralho, em seguida, volto e você pode me dizer.

—Não é interessante. — eu avisei.

Ela olhou para mim da grama em seus sapatos de puta, de salto alto e comentou:

—Conheci muitos homens, principalmente idiotas e jogadores, então tenho alguma experiência, tanto que você poderia praticamente dizer que eu sou uma especialista. Não conheço um único jogador que acompanhe uma mulher às compras e instale um sistema de segurança em sua casa depois de terminar com ela. —Ela se inclinou um pouco e sorriu, dizendo:— Então, querida, tenho que dizer, esse negócio complicado soa com todos os tipos de interesse.

Antes que eu pudesse responder, ela se afastou, de alguma forma conseguindo atravessar a grama em saltos altos, sem parecer uma idiota e decidi que Cheryl era muito legal.

—Momalicious!— Eu ouvi gritar do meu lado e me virei para ver Keira correndo para o quintal, seus braços girando, seu cabelo voando, seu rosto em um sorriso cheio.

Ela se jogou em mim e eu a peguei porque não tinha escolha e caí de costas. Ela deslizou do meu lado e levantou uma mão para olhar para mim.

—Adquira! — Ela gritou.

—Olá, minha querida Keira. — eu a cortei e meus olhos se ergueram para ver Heather, a amiga de Keira que, aliás, parecia exatamente com uma Heather, petit, toneladas de cabelo encaracolado e crespo e cerca de sete milhões de sardas por todo o corpo dela. Eu subi nos cotovelos e disse: —Hey Heather.

—Oi, Sra. Winters. — Heather sorriu para mim.

—Mãe!— Keira chamou minha atenção para ela. — Adivinha?

—O que baby ?

—O cachorro de Heather teve *filhotes*!— Ela gritou.

Oh porra!!

Keira sempre quis um cachorro, sempre. Ela pedia a Tim e eu, desde o minuto em que ela soube que os cães existiam e ela podia falar inglês. Tim também queria um cachorro. Fui eu que me segurei porque amava cães e meu pai me deu uma

quando eu tinha nove anos, e ela foi atropelada quando eu tinha quinze anos, e esse foi o pior dia da minha vida, perder minha cachorra, até dois anos depois quando descobri que estava grávida e mamãe e papai me expulsaram de casa. Eu não queria isso para minha filha, ou para Tim, o dia inevitável em que seu amado animal de estimação iria embora. Eu queria proteger Keira, cujo coração, como o meu e o da sua irmã, era grande demais para o seu próprio bem.

Agora parecia ridículo, ela perdeu algo muito mais precioso do que o animal de estimação da família.

—Eles são todos brancos e tão lindos, e fofinhos, e o pai de Heather disse que eles nos dariam um por apenas duzentos dólares!— Keira prosseguiu.

Eu olhei para ela.

Duzentos dólares?

A situação financeira se equilibrou, principalmente porque Bobbie ainda não encontrara ninguém em meio período e parecia não se importar em pagar horas extras. Era alta temporada para ela, fora do Natal, Bobbie colocava uma baleia de enfeite de Natal em sua loja, suas exibições eram extravagantes e você podia comprar qualquer coisa de Natal lá, ela era conhecida por isso, as pessoas vinham de estados vizinhos só para fazer compras em Bobbie por merda de Natal ou simplesmente para passear. Eu recebia de cinco a dez horas por semana nesse período, e meio que ajudava muito.

Mas ela poderia encontrar alguém e as coisas mudariam. Eu não precisava de uma boca extra para alimentar, mesmo

uma canina e *especialmente* uma canina que custasse duzentos dólares.

—Isso é muito dinheiro para um cachorro. — eu disse a Keira.

—Eles vendem por muito mais do que isso, ele nos dará um desconto. — respondeu Keira.

Eu estava bem ciente de que Heather estava lá, então eu disse para minha filha:

—Vamos falar sobre isso mais tarde, querida.

—Eu sei o que você está pensando. — ela me disse. —Mas ainda não podemos ter os filhotes por algumas semanas, e eu pensei que poderia guardar minha mesada até então e conversar com Kate. Ela e eu podemos dar metade.

Não havia nenhuma maneira no inferno que Keira fosse guardar sua mesada por quantas semanas levasse para desmamar um filhote.

Kate economizava seu dinheiro e gastava-o moderadamente. Ela conseguiu o emprego no Stand do Custard durante o verão para dinheiro extra e porque era um lugar legal para trabalhar. Foi uma sorte ela conseguir. Todo mundo que trabalhava lá fazia isso porque a maioria das crianças ficavam lá, então ela fazia essencialmente cones e sundaes durante uma festa de verão. Mas com Dane carregando-a em todos os lugares, seu Fiesta mal saía da garagem, e ela depositava seu dinheiro em sua conta e nem pagava gasolina.

Keira, por outro lado, passava por dinheiro como água. Com minhas horas extras e o trabalho de Kate, as tarefas domésticas de Keira aumentaram. Ela reclamou, mas fazia isso porque eu aumentei sua mesada semanal de dez para vinte. Mas era uma maravilha, com o jeito que Keira estava com dinheiro, que sua mesada não sumia num poof de fumaça no minuto em que entreguei a ela.

—Nós falaremos sobre isso mais tarde. — eu repeti.

—Mãe...

Levantei minha mão e coloquei meus dedos nos lábios dela, dizendo baixinho:

—Mais tarde, baby.

Ela emitiu um suspiro pesado e disse contra meus dedos:

—Tudo bem.

Eu movi meus dedos de sua boca para deslizar em seu cabelo e puxei sua testa até meus lábios e a beijei. Quando a soltei, soube que não havia ressentimentos, porque ela se levantou e me beijou da mesma maneira.

Deus, eu amava minha filha.

Sua cabeça virou, seus olhos se encontraram em algo, seu rosto ficou brilhante e ela gritou:

—Joe!

Olhei para o quintal e vi Joe, Cheryl segurando um pirralho com um pão ao lado dele, nos observando.

Meu estômago novamente se amarrou em nós.

Keira se levantou, pulou do meu corpo e pegou a mão de Heather. Então ela arrastou Heather pelo quintal direto para Joe.

Ok, então eu amava minha filha, mas ela era maluca e eu esperava que não fosse algum tipo de adolescente apaixonada por Joe. Isso seria uma droga para Keira e para mim.

—Eu preciso de um descanso. — ouvi Feb dizer do meu lado e eu desviei meus olhos, de Keira que tinha Heather ao lado dela, inclinando a cabeça para trás e dizendo algo, para Joe. Tinha que admitir, eu olhei para Joe porque ele se abaixava para olhar para a minha filha, seu rosto ficando suave quando ele fez.

Eu olhei para Feb, que tinha uma Diet Coke em uma das mãos e o bebê Jack em seu quadril. Eu me sentei e levantei meus braços.

—Dê ele para mim.

Ela entregou Jack para mim, murmurou:

—Obrigado. — e desabou na grama ao meu lado.

Eu coloquei Jack no meu colo ou, mais apropriadamente, deixei Jack se contorcer e brincar no meu colo. O garoto era ativo. Feb tirou o cabelo do rosto e recostou-se no cotovelo.

—Como estão indo os planos de casamento? — Eu perguntei a ela e seus olhos vieram para mim.

—Algo que aprendi. — disse ela. —Quando um homem diz a uma mulher que ele quer o casamento grande, o maior, a

mulher deve dizer que ele tem duas opções, ou ele planeja ou ela comprará os ingressos para Vegas na internet.

Eu sorri para ela.

—Trabalho duro?

Seus olhos foram para o bebê Jack, fazendo agachamentos de bebê no meu colo enquanto segurava minhas mãos, então se mudaram para Colt, que sorria para Morrie enquanto ele contava uma história, então voltaram para mim e ela sorriu.

—Na verdade não.

Eu olhei para Feb, então eu olhei para o seu quintal, que estava cheio de comida e bebida e sol e as pessoas que ela se importava. Ela e Colt tinham passado por um reboliço, até mesmo se tornado notícia nacional e aqui estava ela com seu bebê, seu homem, sua família e seus amigos, vivendo uma boa vida.

Esperança. Sempre havia esperança. Perdendo Tim, eu perdi isso de vista. Eu pensei que encontrara, estupidamente, mas depois fui chutada por Joe e perdi muito disso. Minhas filhas estavam saudáveis e felizes e pensando em namorados e cachorros. Tim se foi, mas ainda havia sol, amigos e vida.

—Você precisa de ajuda. — eu disse a Feb — Estou do outro lado da rua.

—Obrigado, mas com Mimi, Dee e Jessie na mistura, tenho toda a ajuda que preciso. —Feb respondeu, e o bebê

Jack avançou e agarrou meu cabelo, puxando com força. — Deus, desculpe, Vi, ele é forte como o pai dele.

Eu soltei os dedos de seu bebê do meu cabelo e sorri para ela.

—Não é um problema, esqueci como isso era. —olhei para Jack. —Parece estúpido, mas, lembrando, é bom.

—Só uma mãe diria isso. Ele puxa o cabelo de Jessie, ela enlouquece.

Eu continuei sorrindo para ela e enquanto o fazia, observei seu rosto mudar.

—Vou dizer isso rápido, Vi, não quero estragar o dia. Mas você sabe que eu sei como é ter um psicótico assustador mexendo com a sua vida. Você precisa conversar, precisa de alguma coisa de Colt ou de mim, estamos aqui. A qualquer momento. Nós sabemos como é e não gostamos que você esteja do outro lado da rua com suas garotas sozinha. Está mexendo com a cabeça de Colt, pensando que esse cara poderia vir a qualquer hora, foder com você e ele não estar por perto. Então se ele mexer com você ou você se assustar, ou você só quer companhia, não pense nisso, apenas ligue. Isso faria Colt se sentir melhor. Ele prefere fazer alguma coisa em vez de ficar preocupado. Sim?

Eu não sabia se devia me sentir mal, considerando que a minha situação bagunçava a cabeça deles, ou me sentir bem que tive sorte e me mudei para uma rua de pessoas tão boas.

Eu decidi me sentir bem.

—Obrigado Feb, isso é gentil.

—Não me diga que é doce, querida, me diga que você ligará.

Eu balancei a cabeça e puxei o filho dela para perto do meu peito , envolvendo meus braços ao redor dele para dar-lhe um aperto. Então eu abaixei minha cabeça e beijei o topo de sua cabeça de cabelos escuros, macio e fofo.

—Eu ligarei. — eu murmurei contra a cabeça do bebê Jack .

—Bom. — Feb disse suavemente e eu tomei um fôlego, acariciei a cabeça de Jack e ele se contorceu, não emocionado sobre o seu cativeiro, então eu o soltei e segurei suas mãos, permitindo que ele saltasse no meu colo novamente quando Feb murmurou: — Cupido.

Eu olhei para cima para ver Keira, Heather e Joe debaixo da tenda sem laterais. Keira tinha meu prato de cupcakes na mão e ela os empurrava para Joe.

Merda.

—Ela é social. —disse a Feb e vi quando Keira apontou para mim, apontou para os bolinhos e então revirou os olhos e deixou a cabeça cair para trás em um gesto de "*os bolinhos da mamãe são de matar*".

Merda!

Meus bolinhos eram bons, mesmo eu tinha que admitir isso. Outra receita que eu mexera, bolo amarelo com barras esmagadas de chocolate escuro gourmet cozido nele e

cobertura com gotas de baunilha que era simplesmente orgástica.

Mas não era que Keira quisesse compartilhar a generosidade dos meus cupcakes. Também não era que minha filha tivesse uma queda por Joe.

Era que ela o queria por mim.

Merda!

Isso me incomodou e me surpreendeu. Tim partiu por um tempo, era verdade, mas não tanto tempo.

Então, como sempre, a vida mudava, eu mudei e não escondi minha dor quando Tim morreu. As garotas também sentiram dor e eu não queria que elas achassem que tinham que esconder isso também. Eu não queria que elas enterrassem isso só para sofrerem mais tarde e, estranhamente, eu queria que a gente desse isso para Tim. Eu queria que minhas garotas e qualquer um soubessem como eu estava de dentro para fora com a perda de Tim. Eu queria que as pessoas vissem, porque saberiam quem Tim era e o que significava para mim, e que ele era o tipo de homem cuja morte causaria esse tipo de dor. Porque causava.

Mas minha filha amava sua mãe, Keira iria querer tirar essa dor.

Merda!

—Keira é uma louca. —eu disse a Feb e olhei da minha filha para Joe, que pegava um cupcake e estava no processo de dar uma grande mordida, para Feb.

—E Cal é um cara bom. — ela disse de volta, senti meu corpo sacudir o olhar em seu rosto e então percebi que Feb sabia sobre Joe e eu. Como ela sabia, não tinha ideia. Mas ela sabia.

—Eu...

—Nós sairemos para beber, você e eu, um dia, em breve. Eu explicarei e talvez, quando eu fizer, você dê a ele uma pausa e uma segunda chance.

Uma pausa? Uma segunda chance? O que ela falava?

Primeiro de tudo, ele não merecia uma pausa. Em segundo lugar, ele não queria uma segunda chance.

—Feb... — eu comecei.

—Feb!— Colt gritou. — Baby, nós temos mais Bud?

—Eu sinto que estou no trabalho. — ela murmurou, em seguida, gritou pelo quintal —Sim, está na geladeira na garagem.

Colt olhou para sua mulher, Feb olhou para o homem dela. Eu sabia onde isso ia. Mesmo que ele tenha ceifado o gramado, erguido uma barraca e ficado na churrasqueira pelas últimas duas horas, e ela provavelmente esteve planejando isso por semanas e se preparando por dias, fazendo compras, cozinhando e correndo por aí, eles estavam trancados em um impasse quanto a quem reabasteceria os refrigeradores de bebidas. Ela estava sentada na grama, dando um tempo. Ele trabalhava na churrasqueira, a qual ele considerava trabalho,

apesar de estar praticamente parado ali. Portanto, Feb perderia.

—Merda. — ela murmurou, perdendo, olhou para mim e levantou-se.

—Você pode cuidar de Jack? Tenho que pegar mais cerveja.

Eu sorri para ela.

—Absolutamente.

—Momalicious!—Keira chamou quando Feb se afastou. — Joe amou seus cupcakes!

Todos se voltaram para Keira, Heather e Joe, mas eu só vi os olhos de Joe em mim. Eu duvidei que ele disse a Keira que ele "amou" meus cupcakes, no entanto, ele seria uma aberração da natureza se não gostasse deles, eles eram deliciosos e eu duvidava que estivesse emocionado que Keira anunciou para todos.

Tanto faz.

Evitei os olhos de Joe e gritei de volta:

—Eu posso morrer feliz.

Então olhei para Jack, murmurei baixinho enquanto sorria. Ele sorriu de volta e soltou uma risadinha de bebê e eu o peguei em minhas mãos, empurrando-o para o ar enquanto ele soltava outro riso de bebê, trazendo sua barriga até meu rosto para lhe dar um carinho para que eu pudesse ter outra risadinha.

O bebê Jack não desapontou.



—Ótimos cupcakes, Buddy. —ouvi atrás de mim meia hora depois e vi, na minha frente, Feb, com quem eu conversava, levantar o olhar para algum ponto alto por cima do meu ombro.

Joe obviamente estava lá.

É uma droga que ele pudesse me surpreender.

—Merda, Scout pegou meu sapato. — Feb murmurou. — Volte!

Eu assisti quando Feb correu pelo quintal para o filhote que parecia realmente chateado com um de seus chinelos. O cachorro sacudia a cabeça para trás e para a frente, girava entre os dentes, depois colocava uma pata no sapato e puxava a alça com a boca.

—Violet.

Meus olhos foram do cachorro para Joe.

—Sim?

—Precisamos conversar sobre o seu sistema.

Eu não disse nada, mas também não me afastei, apenas olhei para ele e esperei.

—Chip estragou a fiação, não é grande coisa, mas demorará um pouco mais.

—Tudo bem. —murmurei, desviando o olhar.

—Eu farei isso de manhã.

—Ok.

Houve uma pausa e depois um sucinto:

—Vejo que você decidiu não crescer.

Meus olhos voltaram para ele e eu abri minha boca para falar, mas ouvi um grito:

—Mãe!

Era o grito de Kate, foi estridente e o som transformou meu sangue em gelo.

Senti Joe tenso ao meu lado, ele e eu nos viramos para olhar ao longo do pátio lateral da casa de Colt e Feb em direção à minha casa. A picape amarela de Dane estava na entrada ao lado do meu Mustang, mas Kate corria rápido pela rua em minha direção, Dane vindo atrás dela.

Comecei a correr para Kate e a encontrei no jardim da frente de Colt e Feb. Enquanto me movia, senti Joe se movendo atrás de mim.

Minhas mãos foram para seus ombros e cheguei perto.

—Querida, o que houve?

—A varanda. — foi tudo o que ela disse.

Dane parou atrás dela, mas eu olhei além dele para a minha varanda.

Então meu coração parou.

Havia um enorme buquê de flores roxas, rosas misturadas com delicadas violetas, no meu tapete de boas vindas. Tão grande e largo, que eu podia vê-los do outro lado

da rua. Eles chegavam na metade da porta e se espalhavam por ela.

O cartão de chamada de Daniel Hart.

Ele sabia onde eu estava.

E Kate sabia o que eram aquelas flores. Desde que Tim morreu, eu recebi uma entrega, exatamente assim, como um relógio, todos os sábados de manhã por meses. Eu liguei para os floristas e disse a eles para pararem, o que eles fizeram, mas, em seguida, um novo florista as enviava. Eventualmente, Barry ou um dos outros colegas de polícia de Tim iam até a nossa porta no sábado de manhã e as levariam embora antes que as meninas pudessem vê-las, mas, até que eu vendesse a casa e me mudasse, elas nunca pararam de vir.

Olhei para Kate e vi que ela estava tremendo.

—Está tudo bem, querida.

—Mas ele sabe onde moramos.

—Está tudo bem. — eu menti para mim e para minha filha.

Senti um movimento e olhei para a esquerda para ver que Joe seguia em direção à minha casa. Então senti mais movimento e vi Colt e seu parceiro Sully seguindo Joe.

Eu olhei para Kate.

—Vá e pegue um hambúrguer para você e Dane , ok?

—Mas...

Eu dei a ela um sorriso e esperei que não estivesse tão instável como parecia.

—Dane é uma estrela do futebol, querida, ele precisa da comida dele.

—Mãe...

Eu movi meu rosto perto do rosto dela e apertei seus ombros.

—Vá cuidar da sua irmã. Sim?

Isso iria levá-la, dando-lhe algo para fazer, algo responsável, algo que a fizesse sentir que ajudaria sua mãe. A mente de Kate se transformaria de pânico para um dever só por isso.

—Certo. —ela sussurrou, eu a soltei, acenei para Dane que parecia preocupado, portanto, notei que Kate compartilhou a situação com ele, e ele seguiu Kate enquanto ela caminhava para o quintal.

Eu me virei e assisti Keira em pé no quintal, o cachorro de Feb se contorcendo em seus braços, os olhos fixos em nossa casa. Feb e Cheryl estavam de pé ao lado dela.

—Feb. — eu chamei, seus olhos foram da minha casa para mim e eu inclinei minha cabeça para Keira.

Feb acenou com a cabeça, colocou o braço em volta dos ombros de Keira, moveu o corpo rígido dela e a levou para a parte de trás da casa, Cheryl , Kate e Dane seguindo.

Eu os assisti até que os perdi de vista, então corri para a minha casa.

Joe, Colt e Sully estavam em pé na minha porta da frente. Joe tinha um pequeno cartão branco entre os dedos, mas ele olhou para mim quando cheguei ao quintal e me viu correr até eu parar onde estavam.

—Fale-nos sobre isso. —ele ordenou no minuto que cheguei, a cabeça dele empurrando para as flores.

—É sábado. — eu expliquei estupidamente.

—E?

—Ele me envia flores todos os sábados.

A boca de Joe ficou apertada e mesmo sob o sol brilhante do dia ele mudou para o sinistro.

—Você tem recebido flores?— Joe perguntou e eu balancei a cabeça.

—Este é o primeiro aqui.— respondi.

Seus olhos foram para Colt .

—Moratorium[9].— ele rosnou e eu pisquei em confusão com a sua estranha palavra.

—Ligaremos para os floristas da cidade. — disse Sully rapidamente e então eu entendi.

—Isso não funcionará, eu tentei isso. — eu os informei, os olhos de Joe vieram para mim e demorou muito para eu não encolher de tão chateado que ele parecia.

[9] Termo legal que significa: interrupção de uma atividade por um período de tempo.

—Seremos meticulosos. — Joe me disse e eu não podia fazer nada além de acenar com a cabeça porque, do jeito que ele disse isso, não duvidei por um segundo.

—O que vem depois disso?— Colt perguntou e eu olhei para ele.

—Presentes. — respondi — Então visitas.

—Que tipo de presentes? — Perguntou Colt.

—Poderia ser qualquer coisa, começou pequeno. Até que ele enviou caviar, que foi estranho. Em seguida, ele enviou um extravagante champanhe e convites de presente de bons restaurantes para mim e as meninas. Então ele começou a enviar joias.

—Caras? — Colt perguntou e eu assenti.

—As visitas vieram depois das joias? — Joe perguntou e eu acenei para ele também. —O que você fez com a merda?

—Dei a Barry, parceiro de Tim. Ele ainda está com tudo parado na estação.

—Quanto tempo nós temos? — Joe continuou.

—Eu não sei, durou meses e então ele começou a aparecer.

—Não suspeito que tenhamos meses. — Sully murmurou e eu suspeitei que ele estava certo, foram meses eu estando longe, assim achei que Daniel Hart aceleraria um pouco as coisas.

—Você falou com ele? — Joe perguntou.

—Ele apenas se mostrou, sentado em seu carro. Então seu homem foi até a minha porta. Então ele falaria. Eu não saí no começo, não atendi a porta. Barry conversou com ele no início e não funcionou, então Barry conversou com ele oficialmente e também não funcionou. No final, conversei com ele algumas vezes, achei que ele partiria. Isso não funcionou também. Barry me ajudou a obter uma ordem de restrição para que, depois disso, ele se sentasse em seu carro fora do alcance e apenas assistisse.

—Você não fale com ele agora. — Joe ordenou. — Colt ou eu falamos com ele. Nós não estamos aqui, você fica em casa e chama a polícia. Nós estamos aqui, você fica em casa e chama um de nós, então você chama a polícia, entendeu?

Eu assenti.

—Ele veio quando as meninas estavam com você? — Joe perguntou.

—Sim.

Eu observei o rosto de Joe ficar duro como granito antes de continuar.

—Ele veio quando as meninas estavam sozinhas em casa?

Eu balancei a cabeça e repeti:

—Sim, no final, e foi quando eu decidi me mudar.

—Foda-se. — Colt murmurou.

—Tudo bem, Buddy, me escute. — afirmou Joe. —Você fica na porra da casa, você mantém o alarme acionado o tempo todo, você mantém as portas trancadas. Mesmo quando você

estiver em casa, alarme ligado, portas trancadas. Você só trabalha no seu quintal se souber que o Colt ou eu estamos aqui. Você vai ao seu carro com as chaves na mão, pronta para entrar e trancar. Você tranca suas portas do seu carro no minuto em que sua bunda estiver no assento e a porta fechada, em casa ou vindo do trabalho, e na loja. Você diz a Kate o mesmo. Você fica na porra da casa se ele aparecer. Esse é o seu trabalho, é tudo o que você faz, você deixa o resto comigo, ou Colt e os policiais. Entendeu?

—Entendi.

—Você recebe qualquer coisa, flores, presentes, telefonemas, chamadas, acha que alguém está seguindo você em seu carro, ou que está te observando, pode ser até um mau pressentimento, você reporta isso para Colt ou para mim. Sim?

Eu balancei a cabeça novamente e sussurrei:

—Sim.

Os olhos de Joe se moveram sobre meu rosto e ele declarou:

—Ele vai embora.

Eu lambi meus lábios e não disse nada.

—Buddy, ele vai embora.

—Ele me encontrou. — eu ainda sussurrava e comecei a tremer.

A voz de Joe era muito menos apertada e assustadora quando ele disse:

—Sim, ele encontrou você. A vantagem é que você se mudou para o lugar certo. Ok?

—Ok. — eu disse, mas não acreditei nele, nem por um minuto.

Joe leu isso e se aproximou.

—Ele está interessado em você, Violet.

—Ele é muito poderoso. — eu sussurrei, inclinando a cabeça para trás para olhar para ele.

—Ele é um homem, apenas um homem.

—Um homem poderoso.

—Existem muito diferentes tipos de poder, Buddy.

Eu olhei para o alto, largo, forte e sinistro Joe Callahan e o olhar em seu rosto fez suas palavras penetrarem.

Eu engoli e disse, mais convencida desta vez, mas não completamente, e Joe deve ser notado.

—Ok.

Joe segurou o cartão entre nós.

—O que isso significa, “DH”?

Eu olhei para o cartão e depois para os olhos de Joe.

—São as iniciais dele. Daniel Hart.

O torso de Joe se moveu para trás, seus olhos voltaram para Colt e seu rosto não era de granito, estava esculpido no gelo, assim como os olhos dele.

—Você não me disse que era Hart. — disse ele a Colt.

—Você o conhece? — Colt perguntou e eu olhei para Joe em choque quando sua resposta de uma palavra parecia vir de algum lugar feio nele.

—Sim.

—Como você o conhece? —Perguntei, mas Joe não olhou para mim, ele manteve os olhos em Colt .

—Temos que conversar.

—Joe...

—Vamos conversar agora. — disse Colt sobre mim.

Eu me intrometi.

—Espere um segundo, Joe...

—Não, agora eu consertarei a fiação da Vi, conversaremos mais tarde. — Joe disse a Colt , me ignorando.

—Mas...

—Entendido. — disse Colt.

Joe olhou para Sully.

—Você lida com as flores, — então para Colt — tire-a daqui.

—Espere!— Eu estalei, mas Joe se afastava, Sully se movia em direção às flores e Colt segurou meu braço.

—Hora da festa, Vi. — Colt disse suavemente para mim e eu o olhei enquanto ele me puxava suavemente para longe — Hora de esquecer essa merda.

—Mas, eu quero saber...

A mão de Colt me deu um aperto, então ele me soltou para pegar a minha mão e fez tudo isso sem parar enquanto me arrastava pelo meu quintal.

—O tempo de você lidar com isso acabou. Hart trouxe isso para minha cidade, agora é problema meu. Estamos claros?

Eu o olhei e vi que ele parecia estranhamente aliviado e zangado. Eu suspeitava que o alívio fosse porque agora ele tinha a desculpa para entrar no meu negócio e resolver isso, visto que era um policial. Eu conhecia aquele olhar, esse sentimento, Tim também tinha. Tim não deixaria seu vizinho ser assediado por um senhor do crime. Por outro lado, eu suspeitava que Colt estava com raiva porque ele sabia como isso era, ter algum psicótico assustador mandando flores.

—Estamos claros. — eu sussurrei e fiz uma breve oração de agradecimento a Deus por ele ter me guiado na direção certa e deixado esta casa nesta cidade estar no mercado, quando eu procurava por refúgio.

—Nós chegamos à minha casa, eu te dou meus números e os de Cal. Você os programa em todos os seus telefones e nos de Kate e Keira. Ok? — Colt me disse.

—Ok.

Nós chegamos na rua, ele soltou minha mão, mas o braço dele passou pelos meus ombros e ele parou de falar.

Então eu chamei:

— Colt?

Ele olhou para mim enquanto subíamos na calçada do seu lado da rua.

—Sim?

—Obrigado.

Ele não respondeu exceto para apertar meus ombros.

Eu olhei para os meus pés pensando que Tim gostaria dele. Então decidi que Colt deveria saber disso.

—Meu marido Tim, teria gostado de você.

Colt olhou de volta para mim.

—Eu gostaria dele também, vendo como ele tinha bom gosto.

Isso foi bom, então eu sorri.

Ele me parou em seu quintal, olhou de volta para minha casa e depois de volta para mim.

—Você está segura aqui, Vi.

Eu esperava que ele estivesse certo.

—Obrigado por isso também.— Não era muito, mas era tudo o que eu tinha.

Mesmo assim, Colt me deu um olhar que dizia que ele entendia que eu queria dizer mais e o que queria dizer.

Ele apertou meus ombros e me levou para sua casa, e quando estávamos em sua cozinha escreveu um monte de números.

A primeira coisa que fiz quando cheguei em casa foi programar os números em todos os nossos telefones.

Até mesmo o de Joe.

Capítulo Seis

Ficante

—Vocês são rápidas. — disse Joe para Kate e Keira, parecendo impressionado e surpreso.

Kate olhou para os dedos dos pés. Keira sorriu para Joe.

Nós estávamos em pé na nossa sala e Joe nos dava uma lição sobre os meandros do nosso sistema de segurança e, aparentemente, as meninas aprenderam rapidamente.

Não era ciência de foguetes, mas também não pressionava apenas quatro números em um teclado. Todas nós recebemos controles remotos que controlavam o sistema, para termos e usarmos dentro de casa e outros que manteríamos em nossos carros. Também tínhamos mais sensores nas janelas e portas, também olhos elétricos apontando para todos os tipos de ângulos em toda a casa. E havia imagens de câmera que alimentavam o computador na mesa do escritório, onde, se pensássemos que alguém estava por ali, poderíamos folhear um monte de câmeras que eram apontadas em uma variedade de direções fora da casa para que pudéssemos ver todos os lados da nossa casa. Poderíamos até trocar essas câmeras para visão noturna se estivesse escuro. Por último, tínhamos botões de pânico nos controles remotos, e novas fechaduras em todas as portas em cada um de nossos quartos, controles em nossas

camas e pequeninos para carregar em nossas bolsas, que faziam duplo trabalho, pois tinham GPS para que Joe ou Colt pudessem nos achar, ou nossas bolsas em quaisquer lugares que fôssemos.

Nenhuma piada.

Olhos elétricos, visão noturna, botões de pânico e rastreamento por GPS.

Minha velha casa tinha um sistema que eu tinha certeza que rivalizava com o Palácio de Buckingham e minhas meninas e eu tínhamos a segurança que faria a rainha se sentir confortável . Eu sabia que seus guardas não ficavam para trás, mas ela daria uma olhada em Colt e Joe e diria: "*Você está contratado*". Portanto, pela primeira vez em muito tempo, eu me senti um pouco segura.

—Mãe, você deveria fazer para Joe suas costeletas de porco para agradecer. — Keira me disse e minha mente foi da rainha da Inglaterra e meu romance de estar segura, para minha filha maluca que olhava para Joe e dizia: — As costeletas são a bomba. Muito melhor que seus cupcakes.

—Keira, cupcakes com pedaços chocolate da mamãe são muito melhores do que suas costeletas de porco. — Kate apresentou sua opinião e olhou para Joe. —É a cobertura.

Joe olhou para mim com a palavra "*glacê*" e meu estômago embrulhou, o que me fez sentir como se estivesse dando um nó. Aquele sentimento oco foi muito pior. Eu o tinha desde que ele terminou as coisas. Ele vinha geralmente à noite, quando minha mente se voltava para Joe e tudo o que fizera

para mim, tudo que fiz para ele, o quanto eu gostei e, portanto, minha mente não se afastava. No final, eu teria que pegar meu vibrador, que não era tão bom quanto Joe, e nem engraçado. Eu não gostava daquele sentimento oco quando ficava sozinha na minha cama no escuro. E com certeza não precisava estar em pé na minha sala de estar com minhas meninas e Joe.

—Você só diz isso porque gosta do seu risoto de frutos do mar. — disse Keira para Kate e depois para Joe ela disse: —O risoto é bom, mas as costeletas de porco arrebentam.

—Joe deveria escolher. — Kate decidiu.

—Que tal deixarmos Joe ir para casa e descansar? — Sugeri —Ele tem trabalhado aqui em casa há muito tempo, quando provavelmente poderia apenas colocar os pés para cima.

—Sim, você pode vir amanhã. — Keira falou a Joe. — Mamãe costuma fazer coisas boas no domingo. O centro de jardinagem fecha cedo aos domingos, então ela tem tempo.

—Dane também pode vir? —Kate pediu e eu suspirei, imaginando se deveria ligar para os pais de Dane e pedir apoio parcial à criança, já que ele comia muita comida e, ao fazê-lo, comia muito de nossa comida. Minhas meninas eram comedoras saudáveis, mas do jeito que Dane comia eu estava feliz por não ter meninos.

—Dane pode vir. — eu disse a Kate, ela sorriu e virou-se para o seu quarto.

—Vou ligar para ele agora. — anunciou enquanto se movia, desesperada para falar com ele, embora Dane tivesse

saído há apenas vinte minutos. Acenando para Joe, ela chamou: —Obrigado Joe. — então ela desapareceu no corredor.

Keira olhou de Joe para mim, depois para Joe e eu sabia que aquela cabeça pequena e desonesta dela estava funcionando. Eu também sabia que teria que fazer algo sobre isso, só não tinha ideia do que.

—Eu ouvirei música, não “The Buckley Boys”. — ela garantiu a Joe. —Estou cheia deles.

—Boa escolha. — Joe disse a ela e meus olhos se estreitaram em sua boca, porque eu poderia jurar que estava se contraindo.

Keira se inclinou e deu um tapinha no braço de Joe e eu senti meus olhos se estreitarem porque eles rolaram. Apenas Keira teria coragem de dar um tapinha no braço do assustador, sinistro, robusto e enorme Joe Callahan. Os sargentos de treinamento marítimo provavelmente se encolheriam quando ele entrasse em uma sala. Não Keira, não. Ela deu um tapinha no braço dele como se fosse seu filhote.

—Você é legal, Joe. — ela disse a ele, sua voz pesada, como se estivesse concedendo uma grave honra a ele, mesmo que uma pessoa cega pudesse sentir sua frieza total.

Joe não respondeu, mas Keira não pareceu se importar. Ela se virou e desapareceu no corredor. Segundos depois ouvimos música, outra porcaria de garotos cuja música, se houvesse alguma justiça no mundo, seria banida.

—Sua menina tem gosto de merda para música, Buddy. — Joe observou e meus olhos foram para ele.

—Ela cansará disso. —respondi esperançosa, e não com confiança, porque Kate gostou de boy bands até os doze anos, então mudou para bandas reais, mas Keira segurava e a flor não parecia estar saindo da rosa.

Joe parecia bem em ficar na minha sala de estar, e como eu não ficava bem com isso, eu sugeri:

—Você não tem que ir colocar os pés para cima?

Então ele cometeu um erro.

Seu erro foi perguntar:

—Estou convidado para jantar amanhã à noite?

Lembrando que a última vez que o convidei para jantar, eu estava nua em sua cama pensando que estávamos começando algo bom e ele me disse que estava terminando comigo, eu decidi que o convite não seria feito duas vezes. Minhas garotas poderiam fazer isso, então eu poderia renegá-lo. Este era o meu direito desde que ele me fodeu. Ele poderia ter colocado um sistema de segurança assassino, mas eu não pedi, então eu não lhe devia merda nenhuma.

Por isso, respondi:

—Não.

Seus olhos nunca deixaram meu rosto quando ele murmurou:

—Eu não penso assim.

—Você quer estar envolvido nesta merda, sua chamada. — eu disse a ele em voz baixa para que as meninas não ouvissem. —Toda vez que você quiser recuar, será sua decisão também.— Joe não respondeu, ele apenas ficou olhando para mim, então decidi terminar. —E eu agradeceria se você não fizesse amizade com minhas garotas, não é legal.

—Eu não estou fazendo amizade com elas. —destacou Joe.

—Então será você quem as desencorajará de fazer isso.

—Não serei um idiota para suas filhas.

—Você não teve nenhum problema em ser um babaca para a mãe delas. — eu o lembrei.

Eu assisti ele ir de irritado para puto. Ele chegou perto, tanto o corpo dele quanto o meu e o rosto dele no meu e sua voz ficou baixa.

—Tenho que admitir, eu me arrependi. Sua boca é doce, outras partes de você mais doce. — ele me disse. —Mas do jeito que você se comportou desde então, Buddy, imagino que me salvei de um mundo de problemas. Você pode ser uma cadela.

Senti meu corpo ficar tenso, mas aproximei meu rosto do dele e falei tão baixo quanto ele.

—Obrigado pelo seu serviço, Joe, você pode ir agora.

—Aí está, —resmungou Joe — a cadela.

—Eu não posso acreditar em você. —eu assobiei. —Você está na minha sala de estar chamando-me de cadela.

—Isso é porque você está agindo como uma.

—Então eu sugiro que você se salve do aborrecimento e vá embora.

Ele não se moveu, ficou na minha cara e sua voz ainda mais baixa quando me disse de uma maneira que soava como se estivesse falando consigo mesmo.

—Imagino se valeria a pena.

—O quê?

—Quebrar você.

Eu pisquei e repeti:

—O quê?

Ele não hesitou em me dar sua resposta absolutamente inacreditável.

—Virando você sobre o meu joelho, espancando essa sua bunda até você quebrar e soltar a cadela.

Senti minha respiração apertar quando meu estômago se esvaziou e se torceu em um nó.

—O quê?— Eu assobiei.

—Pode não valer a pena, mas seria divertido fazer isso.

Cerrei os dentes e disse através deles:

—Saia.

Ele não saiu. Sua mão grande veio e enrolou-se sobre o meu cabelo na parte de trás do meu pescoço e ele trouxe meu rosto ainda mais perto, para dentro de uma polegada dele. Estava tão perto que eu podia sentir sua respiração em meus

lábios, mas tudo que eu podia ver eram seus claros olhos azuis que estavam olhando diretamente para os meus.

—Fazer você me implorar para parar. — ele murmurou. — De maneira a fazer qualquer coisa para me fazer parar, prometendo deixar a cadela e ser nada além de doce para mim.

—Tire sua mão de mim. — eu sussurrei porque, apesar de suas palavras estarem me irritando, por alguma razão insana eu realmente queria beijá-lo. Eu queria tanto isso que minha boca estava seca e meu corpo doía tê-lo longe do calor dele.

—Brinque com você enquanto eu faço isso, faça você se contorcer ao mesmo tempo em que eu te faço implorar.

Meu estômago desatou, senti a umidade correr entre as minhas pernas e levou tudo que eu tinha para não me mover para ele.

—Joe...

No minuto que eu disse seu nome, sua mão apertou meu pescoço quase como uma ação reflexiva.

—Sim. — ele sussurrou e eu prendi a respiração, não entendendo o que o seu “sim” significava, mas a maneira como ele disse isso fez parecer que significava algo importante, então ele murmurou seu próprio nome —Joe.

Meus olhos caíram para sua boca e eu comecei a me inclinar para ele porque eu não conseguia mais me segurar. Eu tive que beijá-lo, colocar minhas mãos nele ou aquele sentimento oco ia começar a comer o meu interior.

Mas ele me soltou, eu fui para frente em um pé e me endireitei a tempo de vê-lo desaparecer pela minha porta da frente.

—*Eu te odeio.* — eu sussurrei para a porta e eu quis dizer isso, apesar do meu corpo, mamilos duros, formigamento entre as minhas pernas, cada pedaço de pele eletrificada, sentia outra coisa.

Não foi até muito mais tarde, quando estava na cama, as meninas dormindo e eu deixei de lado meu vibrador depois de um orgasmo sem brilho que eu percebi que nunca perguntei a Joe como ele conhecia Daniel Hart.



Um grito me acordou.

Cory estava em casa.

Isso acontecia muito, Tina gritando com Cory. Era geralmente durante as horas do dia, mas não era incomum que acontecesse à noite.

Virei a cabeça para o despertador e senti meu temperamento explodir porque talvez não fosse incomum que acontecesse à noite, mesmo tarde da noite, digamos onze horas, mas era incomum que acontecesse à 1:53h da maldita manhã.

—Você é um idiota!— Tina gritou. —Você transou com ela antes de vir para mim? Hun? Você fez?

Deus, parecia que eles estavam do lado de fora da porta do meu quarto.

E se soava assim para mim, poderia parecer também para Kate e Keira.

Eu joguei as cobertas de lado, corri para pegar o manto de Tim, o vesti e prendi o controle remoto de Joe da minha mesa de cabeceira enquanto eu caminhava rapidamente para a porta dos fundos.

—Foda-se isso! Foda-se! E foda-se ela! —Tina gritava.

Eu bati no controle remoto para desativar o alarme, como Joe nos ensinou a fazer, deslizei a porta e saí no meu deck. Eu olhei para a minha esquerda para ver que Tina e Cory estavam, por algum motivo desconhecido e ímpio, interpretando seu mais recente drama em seu deck.

—Você tem que estar me sacaneando!— Tina gritou para qualquer coisa que Cory murmurasse, eu nunca ouvi Cory durante os gritos, apenas Tina, mas e eles provavelmente ouviriam Tina em Bangladesh, de tão alto. —Seu babaca!

Eu desci os degraus do meu quintal até o de Tina.

Eu estava no pé de seus degraus do convés lateral quando falei.

—Ei, você poderia mantê-lo para baixo?

Os olhos de Tina vieram para mim e Cory, de costas para mim, virou-se.

Cory era um cara decente, nada para escrever, mas ele não era feio. O que o tornava pouco atraente era que eu tinha a

sensação de que ele era ignorante e praticamente não se importava com o tipo de merda que tinha que tomar, contanto que ele transasse com a maior frequência possível.

Tina, por outro lado, era muito bonita, cabelo encaracolado escuro, olhos azuis, pele ótima. Ela tinha um pouco de peso extra sobre ela, mas caía-lhe bem e usava para sua vantagem, pois parecia bom, mas, infelizmente, ela sabia disso.

Ela gostava de conseguir algo para si mesma, como Cheryl dizia, e gostava de controlar o que conseguia, o que tornava Cory perfeito para ela, de certa forma. Cory amava sua esposa, porém, meio que sugava Tina.

Ela mordeu mais do que podia mastigar com ele e eu sempre me perguntei por que ela não o cuspia.

Tudo isso eu não sabia ao certo, eu não era próxima de Tina. Ela era a única vizinha que não era amigável, de jeito nenhum. Eu soube a maior parte por Feb, Myrtle e Pearl.

Os olhos de Tina se focaram em mim através da escuridão e retrucou:

—Foda-se você também.

Eu abri minha boca para falar, mas não o fiz quando vi o corpo de Tina endireitar-se com uma sacudida, ela olhou por cima do meu ombro e seu rosto empalideceu, eu vi até no escuro.

Então eu ouvi Joe roncar atrás de mim.

—Fale com ela de novo assim, Tina, e eu torcerei seu maldito pescoço.

Lentamente me virei para ver que ele estava, de fato, atrás de mim, muito perto de mim, vestindo jeans, uma camiseta e, como eu, ele tinha os pés descalços.

Ah, e ele parecia bem irritado.

—Cal... — Tina começou.

—Cala a boca. — rosnou Joe. —Vi tem duas garotas que não precisam ouvir sua boca suja. Eu ouço essa merda de novo, me irritará e você não quer me irritar.

—Eu... — Tina começou de novo, mas os olhos de Joe cortaram para Cory.

—Escolha uma ou perca ambas, mas seja um homem porra, pelo amor de Deus. Você deixa ela sair da mão novamente, eu te responsabilizo.

—Tudo bem, Cal. — Cory disse rapidamente, com as mãos subindo. —Nós seremos legais.

Joe não respondeu, ele não precisou, eu suspeitei que até Tina não acordaria o gigante adormecido que era Joe Callahan novamente.

Então Joe, obviamente feito com Tina e Cory, agarrou meu braço e nos levou para o meu quintal. Ele não soltou meu braço enquanto ele me levava pelo meu quintal, pelas escadas do meu deck e pela porta de vidro deslizante. Então ele fechou minha porta, arrancou o controle remoto da minha mão e

apertou alguns botões. Então levou-me para os degraus e para baixo novamente.

Estávamos quase no quintal dele antes de registrar em mim que estávamos indo para a casa dele.

—Joe, onde estamos indo?

—Você também cala a boca. — Joe rosnou para mim e eu senti meu peito apertar porque ele ainda estava chateado, mas agora parecia que era comigo.

—Joe... — Eu comecei, mas ele me puxou para cima, através de sua porta de vidro aberta e a fechou.

Então ele me apoiou contra a parede ao lado da porta, seu corpo entrou no meu espaço e ele entrou na minha cara.

—O que você acha? — Ele ainda rosnava e eu respirava com dificuldade, sem saber o que estava acontecendo.

Era a calada da noite . Como foi que num minuto eu estava dormindo, no minuto seguinte eu ouvia Tina gritando, em seguida ouvi Joe ser ameaçador, e no minuto seguinte eu estava em sua casa, ele me encarando e chateado comigo?

Ele estava certo, eu fui uma vadia para ele, mas não agora, foi horas atrás.

—Joe, eu quero ir para casa. — eu disse baixinho.

Ele ignorou meu pedido.

—Diga-me o que você pensou.

O que eu pensava naquele momento, talvez devesse responder à demanda dele, talvez isso pudesse ajudar, embora não tenha entendido sua exigência, o que era um problema.

Portanto, provisoriamente, perguntei:

—Pensei em quê?

—Sobre nós.

—O quê? — Eu sussurrei.

—Eu fiz uma promessa para você em meu sono ou algo assim?— Joe cortou.

Eu estava novamente sussurrando quando eu disse:

—Não.

—Eu transei contigo quando você estava bêbada, não tão bêbada, Buddy, mas admito, você estava bêbada. E eu peguei você no capô do meu carro. Mas você atravessou o seu quintal para me pegar duas vezes. Como isso se traduz em uma promessa minha?

—Você não me prometeu nada, Joe. —respondi e percebi que ele não sabia.

—Então, qual é o seu problema?

—Eu não tenho um.— Ou pelo menos não tinha mais.

Eu li alguma coisa só por causa de alguma ação reflexa que ele teve quando eu disse a ele que tinha que ir, quando ele me chamou de baby e quando fez uma menção sobre eu não usar sapatos. Foi isso e não havia nada lá, exceto que eu estava tão triste e solitária que torci em algo que eu queria ver.

Ele não deu nenhuma indicação de que era algo mais do que ele disse que era.

Apenas sexo.

—Sim, você tem .— Joe cortou.

Eu balancei a cabeça.

—Não, realmente não tenho.

—Besteira.

—Não é.

—Eu não serei um idiota com suas filhas, porque você me pediu e não aguentarei suas merdas porque você leu alguma coisa sobre o que aconteceu.

—Ok. — eu concordei rapidamente.

—Eu não preciso sair da minha casa e correr em sua parede de atitude.

—Você não vai. —eu prometi.

—Você está parada aí tremendo, o medo estampado na sua cara, mesmo que eu nunca te machucaria, me dizendo o que eu quero ouvir. Como acreditarei em você?

—Hum ...— Eu pisei com cautela, mas mostrei: —Você meio que me arrastou para a sua casa no meio da noite.

—Nós precisamos trabalhar essa merda. — afirmou de uma forma que deixou claro que ele pensou que me arrastar para sua casa era uma coisa perfeitamente natural para fazer.

—Nós poderíamos tê-lo feito durante o café ou algo assim. —eu cuidadosamente sugeri uma alternativa.

—Sim? Nas últimas quatro vezes em que falei com você, você agiu como uma cadela, disse para eu me foder, que me odiava, e agora tomará um café comigo?

—Faço panquecas todos os domingos de manhã, você será bem-vindo para vir. —ofereci.

Eu realmente não quero que ele venha, e queria que ele largasse meu braço para dar o fora de lá.

—Não tenha medo de mim, Violet. — ele avisou.

—Isso é um pouco difícil quando você está me assustando, Joe. — expliquei.

Quando eu lhe disse isso, instantaneamente ele me soltou e recuou.

Então ele rosnou:

—Vá para casa.

Eu apenas fiquei lá, olhando para ele no escuro.

Então, hesitante, parecendo estúpido, perguntei:

—Você vem comer panquecas?

—Sim, Buddy, irei até a sua casa para porra de panquecas. — ele cortou, sua voz cheia de sarcasmo. —Tenho certeza que você mal pode esperar por isso.

—Joe...

—Vá para casa.

—Joe...

—Vá para casa, Violet.

—Eu meio que preciso do meu controle remoto. — sussurrei.

Ele não se mexeu, então eu dei um passo cauteloso em direção a ele, minha mão levantada, palma para cima. Ele não colocou o controle remoto na minha mão. Em vez disso, ele jogou em uma cadeira e então eu estava em seus braços e sua boca na minha.

Eu não deveria ter deixado acontecer, eu sabia disso, mas deixei.

E eu fiz porque em primeiro lugar, eu estava extremamente emocionada porque ele queria me beijar. Em segundo lugar, porque desta vez eu conhecia as regras do jogo dele. E finalmente, e mais importante, eu o amava me beijando. Eu estava com fome há semanas e o tendo de volta, eu o levaria.

A primeira vez que fizemos sexo, foi uma batalha que ele ganhou.

Desta vez, foi a guerra.

Eu não sabia se era a última vez que eu o teria. As vezes, antes, ele me deixava dominar um pouco, mas na maior parte do tempo Joe pegava o que quisesse de mim.

Agora eu conseguiria isso.

Nós nem sequer chegamos ao quarto. Estávamos ocupados demais com nossas mãos e bocas, ambos colidindo enquanto nos tocávamos, provávamos, explorávamos e tirávamos nossas roupas. Estava indo rápido e Joe perdendo

porque eu estava determinada. Portanto Joe aproveitou, passou um braço em volta da minha cintura, empurrou meu corpo para o lado e segurou-me como um bezerro, atrás dos meus joelhos que imediatamente se dobraram. Eu caí, mas ele controlou minha queda, então eu não bati no chão. Então seu corpo cobriu o meu e eu perdi a vantagem.

—Minha vez. — eu ofegava em seu ouvido, minha mão envolvida em torno de seu pênis duro enquanto sua mão enrolava em volta do meu peito. —Eu quero você em suas costas.

—Próxima.— Joe rosnou de volta e seu dedo e polegar rolaram meu mamilo.

Minhas costas arquearam com aquele tiro em linha reta através de mim, mas eu não desisti.

—Joe, minha vez.

Ele beliscou meu mamilo e isso foi tão bom pra caralho, meu corpo inteiro tremeu.

— Baby , você pode me ter depois.

—Joe...

—Eu vou te foder em um minuto. Nós não temos tempo para você jogar.

Isso soou bem para mim, então eu sussurrei:

—Ok.

Sua boca veio a minha e ele moeu seu pau na minha mão. Eu gostei da sensação dele, duro e grande. Eu senti falta dele e tê-lo pressionado na minha mão me fez apertá-lo, as

unhas da minha outra mão cravaram nos músculos de suas costas e eu miava baixo.

—Cheia de fome. — ele murmurou, seu tom áspero mas aprovando.

—Faminta. — eu sussurrei minha admissão .

—Então encheremos você.

Isso soou ainda melhor.

Sua mão deixou meu peito, deslizou para o meu lado e seus dedos engancharam na minha calcinha, a única peça de roupa que qualquer um de nós usávamos e ele fez tudo isso enquanto me beijava profundamente. Eu levantei minhas pernas e bunda do chão enquanto ele puxava minha calcinha e eu chutei quando ele a colocou nos meus tornozelos. Não demorei em soltar minhas pernas e espalhá-las para ele, então ele rolou entre as duas e mal as coloquei em volta de seus quadris antes que ele me penetrasse.

Minha boca rasgou da dele enquanto meu pescoço arqueava e meus dedos se curvavam em sua bunda.

—Joe. — eu respirei.

Sua mão agarrou meu cabelo e ele posicionou minha cabeça para que ele pudesse pegar minha boca novamente.

—Você diz meu nome, Buddy, você diz isso na minha boca. — ele ordenou.

—O que você quiser. — concordei quando ele me penetrou profundamente.

—Tudo o que eu quiser?

—O que você quiser.

—Cuidado com o que você me promete, Buddy, mesmo em seu estado.

—Apenas me foda, Joe.

Eu poderia jurar, através de seus impulsos, que senti seu sorriso contra a minha boca.

Então ele murmurou baixinho:

—Você entendeu, baby.

Então ele me fodeu, mais e mais, até que eu gozei e quando fiz isso, eu gemi seu nome em sua boca.



Surpreendentemente, do próximo “goze”, depois que ele me levou para a cama, Joe me deixou “brincar”.

Foi brilhante.

Então ele trocou e, eu tive que admitir, foi ainda melhor.

Depois de um orgasmo duplo que era tão esplêndido, se eu pudesse escrever, eu teria escrito páginas de poesia sobre isso, eu desmaiei.

Eu acordei e olhei para o relógio.

Eram cinco e dezessete.

Eu não dormia muito e queria dormir mais, mas precisava ir para casa.

Eu olhei para Joe, que estava de costas, um de seus braços embaixo de mim, mas enrolado em volta de mim, eu estava pressionada em seu lado e ele parecia estar dormindo.

Eu meio que queria vê-lo dormindo, mas não achei que isso fosse permitido durante uma chamada de sexo. Isso foi algo que eu fazia com Tim, de vez em quando, porque eu o amava tanto e ele parecia tão fofo quando dormia.

Joe não parecia fofo. Ele parecia um pouco assustador e muito delicioso.

Mas ver alguém dormir era algo que os amantes faziam. Nós não éramos amantes. Isso era algo completamente diferente, algo que não envolvia intimidades como ver alguém dormindo. Eu sabia que as intimidades compartilhadas durante uma chamada de sexo tinham limites bastante rígidos e eu lera aquela situação errada uma vez, eu não estava prestes a fazer isso de novo.

Eu me movi e seu braço me apertou, seus olhos se abriram e seu queixo começou a mergulhar.

Eu não peguei seus olhos, apenas empurrei seu braço, tentando rolar para longe.

Isso não funcionou.

—Buddy. —ele chamou suavemente, sua voz rouca.

—Eu tenho que voltar para as meninas. — eu murmurei.

—Depois. — Joe murmurou.

—Eu tenho que ir.

Seu braço afrouxou, eu rolei para o outro lado, mas então o outro braço dele me envolveu e ele me puxou para a frente.

—Eu disse, depois. — ele rosnou no meu cabelo, pressionou seu pau duro contra a minha bunda e meu corpo parou de resistir.

Ele empurrou para dentro de mim, me colocando sobre a minha barriga. Então sua mão foi entre as minhas pernas e ele segurou meu osso púbico, gentilmente me puxando de joelhos, enquanto meu torso permanecia na cama e minha cabeça permanecia no travesseiro.

E eu mantive essa posição por algum tempo primeiro, enquanto a boca de Joe trabalhava, em seguida ele estava de joelhos atrás de mim e seu pau me penetrava.

Depois, quando gozei e ele também, seus quadris pressionaram os meus, levando-me para a cama e de volta sobre a minha barriga. Seu corpo cobriu o meu por apenas um segundo antes que ele nos rolasse para os lados, seus dedos vagando por entre as minhas pernas, subindo pela minha barriga até deslizar ao longo da curva de um dos seios.

Ele levantou e beijou meu ombro, em seguida, no meu ouvido disse:

—Agora, você pode ir para casa.

Liberada da minha presa, comecei a me afastar, mas seus dedos na parte de baixo do meu seio subitamente se moveram e se enrolaram.

—Você entende o que é isso? — Ele perguntou e instantaneamente eu assenti.

Eu sabia o que era. Sexo. Apenas sexo. Uma chamada de sexo. Um realmente bom pra caralho.

—Meu caminhão está na unidade, Buddy, você é bem-vinda na minha cama.

—Ok. — eu sussurrei no travesseiro, meus olhos fechados, sem saber o que fazer com isso, mas decidindo que pensaria nisso quando Joe não tivesse acabado de me dar um orgasmo e eu não tivesse o corpo dele pressionado no meu, sua mão enrolada em volta do meu peito, sua boca no meu ouvido.

Ele se moveu, seu bigode raspando minha pele enquanto puxava o cabelo para longe do meu pescoço e ele me beijou lá.

Então ele me soltou.

Sem olhar para ele, principalmente porque eu estava nua, mas também porque estava incerta sobre como me sentia sobre o estado das coisas, completamente fodida por um homem que fui de não gostar a odiar, mas continuei parafusando de nunca deixei um homem em sua cama, em sua casa, para correr para casa no mais curto caminho da vergonha na história da feminilidade, exceto, é claro, as vezes que fiz isso com Joe, assim eu escapei de seu quarto, vesti minha camisola, roupa íntima e roupão o mais rápido que pude na sua sala e dei o fora dali.



Estupidamente, pelas próximas horas, meus olhos foram para qualquer janela em que estavam perto e eu espiei para fora.

Eu não estava à procura de entregadores de Daniel Hart, seu carro, seu motorista ou ele.

Eu queria saber se Joe viria para as panquecas.

Kate e Keira se levantaram, eu fiz panquecas e Joe nunca apareceu.

Então era assim.

Uma chamada para sexo.

Tomei um banho e me preparei para trabalhar no turno da tarde no centro de jardinagem.

Cheryl me disse que não havia nada de errado com uma garota pegando um cara. E consegui-lo de Joe foi bom. Então ele não seria o próximo amor da minha vida. Pelo menos eu não estaria mais sozinha, não se o caminhão dele estivesse na garagem. E eu duvidei que seria difícil desistir se, algum dia, um cara que quisesse “ir lá” entrasse na minha vida.

Não foi ótimo. Não foi perfeito. Foi meio triste depois do que tive com o Tim.

Mas foi melhor do que onde eu estava sem ele.

Então percebi que poderia viver com isso.



Mesmo assim, eu estava em dificuldades na corrida para jantar, pensando que, desde que as garotas o convidaram, ele se aproximaria. Eu não fiz costeletas de porco ou risoto porque, tendo que trabalhar, não tive tempo de ir ao supermercado. Eu acabei por fazer bolo de carne.

Mas isso não importava.

Joe não veio para o jantar.

Capítulo Sete

Visita de Bonnie

Cal estava deitado na cama, a janela aberta, escutando.

Ele esteve fora uma semana e meia, teve que sair no dia seguinte que as coisas foram suavizadas com Violet, para fazer algum trabalho.

Ele disse a ela que sairia antes que ela saísse de sua cama na segunda noite em que eles estavam juntos, dizendo que ela tinha que ir para casa para suas meninas. Ela não tinha dormido com ele naquela noite, apenas disse a ele que precisava ir depois que terminaram a segunda rodada. Não eram nem meia-noite.

O carro dela não estava no caminho quando ele chegou em casa naquele dia, mas a caminhonete amarela do namorado e o Fiesta de Kate estavam lá. Da sua garagem ele podia ver as meninas pela janela da cozinha, rindo e parecendo que faziam o jantar. Dane estava sentado no balcão de frente para as janelas, rindo com elas. Se eles estavam rindo, as coisas estavam boas. Colt ligou enquanto esteve fora, relatando

que não havia mais flores e que Vi não recebera mais presentes.

Ele conhecia Daniel Hart, ele sabia que o homem não pararia até que tivesse o que queria, ou outra coisa que chamasse mais sua atenção.

Cal só esperava que algo mais chamasse sua atenção.

Como a vida poderia fazer com que a atual obsessão de Hart, morasse ao lado dele, a esposa de um homem que Hart matou, e também assassinou o primo dele, Vinnie, Cal não fazia ideia.

Ele lutava com a decisão de ligar ou não para Vinnie Sênior, seu tio, desde que Cal descobriu sobre Violet e Hart. Mas depois de conversar com Colt, decidiu esperar para ver se Hart perdia o interesse, antes de falar com Vinnie. Uma ligação para o tio Vinnie sobre Daniel Hart significaria uma ligação para Sal e depois haveria uma guerra. Sal estava ansioso por isso. E da mesma forma, o tio Vinnie.

Ele ouviu a porta de vidro da casa de Vi se abrir e balançou a cabeça no escuro, sorrindo.

Em seguida, ele jogou as cobertas para trás, retirou-se da cama, pegou a calça jeans, puxou-as e foi para sua porta dos fundos.

Ele tinha aberto antes de ela chegar aos degraus e a encontrou no convés.

Ela inclinou a cabeça para trás para olhá-lo.

—Oi. —ela sussurrou como se eles estivessem em seu quarto e ela não queria que suas garotas ouvissem.

—Buddy, entre. — ele ordenou, puxando o controle remoto de sua mão, ele passou por ela, desceu os degraus, atravessou seus quintais, subiu os degraus e, apertando os botões do controle remoto sem olhar para ele, desarmou o alarme antes que ele chegasse perto da porta e tropeçasse nos sensores. Então passou por sua porta de vidro deslizante, fechou-a, trancou-a e atravessou a casa dela. Desbloqueando a porta da cozinha lateral, ele pegou a chave que tinha visto em um gancho na parede atrás da porta e saiu, trancando a porta e apertando os botões do controle remoto que acionariam o alarme.

Ela estava empoleirada no braço da cadeira de seu pai quando ele voltou. Ela vestia o manto de cetim preto, mas ele podia ver a renda de outra de suas virtudes sensuais abraçando seu decote através da abertura de seu roupão.

—Onde você foi?— Ela perguntou enquanto Joe fechava a porta.

Ele se virou para ela e jogou o controle remoto no sofá .

—Você está no quarto errado.

—Onde você foi? — Ela repetiu.

—Seu sistema é seguro, Vi, mas você não pode deixar uma porta destrancada. Eu tranquei, saí pela sua porta lateral. —Ele levantou a mão, as chaves da porta da cozinha tilintaram de seus dedos, em seguida, ele as espalmou e empurrou-as no

bolso de sua calça jeans. —Agora, como eu disse, você está no quarto errado.

Ela se levantou e sussurrou:

— Obrigado por pensar nisso, Joe.

Cristo, por que seu pau se contrai toda vez que ela diz o nome dele?

Ele decidiu que definitivamente falaria na sala de estar.

Portanto, ele rosnou:

—Vá para minha cama.

—Joe...

Lá estava novamente.

Porra, ela o desmontou e fez isso apenas dizendo o nome dele.

—Cama.

Ela hesitou, em seguida, sussurrou:

—Ok.

Ele a observou se virar e caminhar pelo corredor como se ela tivesse todo o tempo na porra do mundo.

Deu um segundo para se controlar e não entrar em seu quarto, arrancar sua camisola e assustá-la quando o fizesse.

Então ele a seguiu.



—Eu tenho que ir. — disse ela contra seu pescoço.

Ela estava em cima dele, seu pênis ainda dentro dela, ele ainda estava duro, gozou não um minuto antes, ela gozou mais cedo, mas ainda o montou com força até que ele gozou e agora ela falava sobre ir.

Ele tinha um braço em volta de sua cintura, a outra mão em seu cabelo e ele apertou os dois para fazer seu ponto.

Mas ele também fez verbalmente.

—Não terminei com você, Buddy.

—Realmente, Joe, eu deveria ir.

Ele olhou para o relógio, já era quase meia-noite.

—Você está cansada? — Ele perguntou.

—Sim. —ela respondeu.

Seus braços ficaram mais apertados.

—Então durma.

—Joe...

Ele puxou-a do seu pau e rolou-os para o lado, empurrando seu joelho entre as pernas dela, forçando-a a envolver a coxa em torno de seu quadril e ele fez isso para fazer outro ponto não-verbal.

Ela entendeu e cochichou em sua garganta:

—Minhas garotas estão sozinhas.

—Alguém chega perto de suas portas ou janelas, seu alarme dispara, eu ouvirei, assim também Colt e nós seguiremos em frente.

—Mas...

—Sem mencionar que está ligado diretamente à delegacia e Colt disse a eles, se receberem o sinal, que venham em disparada.

—Mas eu...

Cal inclinou o queixo para baixo para olhá-la e puxou o cabelo para forçá-la a inclinar a cabeça para trás.

Quando seus olhos encontraram os dela, ele falou:

—Se achasse por um segundo que elas estivessem em perigo, eu estaria em sua casa.

—Você tem certeza?— Ela sussurrou.

O que ele tinha certeza era que estava aliviado por ela não estar escorregando para fora da cama e fazendo algum comentário mal-intencionado, ou que ela estava indo para casa e dormir. Por que ele estava aliviado, não tinha a mínima ideia. Qualquer outra mulher fazendo alguma dessas merdas, ele não se importaria nem um pouco e ainda encorajaria.

Vi fazendo, o irritava.

Ele também tinha certeza de que nada aconteceria com suas filhas. Daniel Hart poderia ter dinheiro e poder, mas não tinha ninguém em sua folha de pagamento que pudesse passar pelo sistema de Cal.

—Tenho certeza.

Seu corpo relaxou, se acomodando no dele. Ele soltou a mão do cabelo dela e ela enfiou o rosto de volta em sua garganta.

—É estranho. —ela disse suavemente e depois que ela falou seu corpo ficou tenso novamente.

Ele esperou que ela dissesse mais, mas Violet ficou em silêncio.

—O que é estranho? — Cal questionou.

—Nada. — ela respondeu rapidamente.

—Buddy.

Ela mudou de assunto, não que tivesse introduzindo-o de qualquer maneira, mas mudou.

—Eu só cochilarei antes de ir para casa.

—Vi, o que é estranho?

—Realmente, não é nada. Eu estava apenas pensando.

—Sobre o quê?

—Não é grande coisa.

Sua mão deslizou de sua cintura para a bunda, ele segurou e apertou sua advertência enquanto verbalizava.

—Não perguntarei de novo.

Ela ficou em silêncio por um segundo e depois suspirou.

Então ela perguntou à garganta dele:

—Como você trabalha como guarda-costas se fica em casa o tempo todo?

—O quê?

Ela inclinou a cabeça para trás, então novamente abaixou a cabeça.

—Você é segurança para as estrelas, como você as protege se você está aqui direto?

—Não faço mais a coisa de guarda-costas, Buddy. — ele disse —Shows especiais se o pagamento for bom. Faço principalmente seus sistemas.

—Sistemas?

—Tipo como eu fiz para você.

—Mesmo?

—Sim, significa que eu tenho que lidar com as merdas deles por uma semana, não pela porra de sempre.

—Então você acabou de instalar seus sistemas?

—Não, parei de fazer a maioria das instalações há um tempo atrás também. Apenas os projetos, contrato caras que eu confio para instalar o hardware e venho para fazer a fiação.

—Realmente?— Ela repetiu como se isso fosse surpreendente.

—Sim. Isso te surpreende?

—Hum... acho que não.

Cal rolou para o lado dela, levando-a de costas e se levantou em um braço armado, cotovelo na cama, com a cabeça na mão e ele olhou para o rosto sombreado enquanto corria os dedos em padrões aleatórios pela pele de suas costelas.

—Eles me chamam, eu reconecto as casas deles, digo a eles o que precisam, faço o desenho, entrego para empresas

que fazem as instalações, manutenção e vigilância. A fiação é minha assinatura, meus sistemas são sólidos, mas minha fiação é impenetrável. Ninguém pode fazer o que faço, meus projetos são abrangentes, perfeitos, mas minha fiação é o que eles pagam.

—Mas você costumava ser um guarda-costas?

—Progressão natural.

—Oh. — ela sussurrou, mas ele sabia que havia mais.

Cal perguntou, ela não respondeu, então sua mão achatou em suas costelas e ele pressionou levemente antes de repetir:

—O quê?

—Se você só faz, hum... reconhecimento e design, como você se misturou com Kenzie?

Foi então que Cal entendeu sua hesitação.

Ele soltou um suspiro, rolou de costas e ela rolou com ele, subindo em um cotovelo com a cabeça na mão como ele fez momentos antes.

—Desculpe, foi isso ...?

Cal a interrompeu.

—Kenzie teve uma situação. Perseguidor. Merda. O cara estava fodido. Ele invadiu a casa dela enquanto ela estava fora, fez merda, você não quer saber. Eles aumentaram sua segurança, ele passou por eles, fez sua merda novamente. Eles me chamaram para olhar em seus sistemas, fiz algumas modificações. Ela estava lá quando eu fiz o passo a passo. Eu

tenho uma reputação, ela ouviu falar sobre isso, falou com seu pessoal, me queria perto e eu não a culpei. Esse cara foi morto. Ela tem três casas, eu projetei novos sistemas para todas elas, enquanto eles pegavam esse cara, eu fui seu guarda-costas a pedido dela e ela pagou caro por isso. Ela se interessou enquanto eu fazia isso. Você sabe o resto.

—Você parou de ser seu guarda-costas depois que vocês dois...?

—Sim.

—Então você estava, hum... tendo-a de volta quando você estava fora muito antes?

—Eu não fico em Indiana no inverno, Buddy. Tenho um lugar na Flórida. Eu fico lá. Venho para casa para verificar as coisas de vez em quando. Kenzie enviou uma mensagem para mim, eu sabia que ela estava na minha casa, é por isso que eu estava em casa naquela noite. Eu cheguei para lidar com ela.

—Oh.

Ela ficou em silêncio e ele pôde ver até mesmo no escuro que seus olhos estavam descansando na cama ao lado do ombro dele. Ela estava nua ao lado dele depois que ele a fodeu, estavam conversando, outra coisa que ele nunca fez com uma mulher, e ela não tocava nele.

E Cal percebeu que não gostava disso.

Ele estendeu a mão e envolveu seus dedos ao redor de seu antebraço, deslizando-os até a mão dela, que ele trouxe até o peito e apertou-o.

Quando ele fez isso, seus olhos foram para o rosto dele.

—Eles o pegaram? — Ela perguntou baixinho.

—Quem?

—O perseguidor de Kenzie.

—Sim, algumas semanas depois que eu a abandonei. Passou no noticiário, Buddy.

—Eu devo ter perdido. — ela sussurrou, em seguida, perguntou: —Você vê um monte de coisas sobre perseguidores com essas pessoas?

—Sim.

—Você ajuda?

—Sim.

—Então você sabe muito sobre isso.

Ele deixou a mão dela em seu peito e enrolou os dedos sob o cabelo dela, onde a cabeça encontrava seu pescoço.

—Sim, baby.

Seu corpo relaxou no dele novamente.

—Eles os pegam?

—Sempre.

—Sempre?

—Sim. — ele responde, não dizendo a ela que as pessoas que obtiveram aquela obsessão às vezes cruzavam a linha, fazendo merda estúpida, seriamente doente e se expondo, mas

geralmente aterrorizando a pessoa que estivessem perseguindo nesse meio tempo.

—Como você conhece Daniel Hart?

Cal não hesitou em responder.

—Ele matou meu primo em Chicago.

Seu corpo estremeceu com suas palavras e ela sussurrou:

—O quê?

—Ele matou meu primo. Minha mãe era italiana, ela era de Chicago, meu primo entrou para uma família e essa família com quem estava era rival de Hart. Houve uma disputa por território. Vinnie foi assassinado durante a disputa.

—Quem conseguiu o território?

—Hart.

A sílaba foi carregada quando ela murmurou:

—Oh.

—A máfia não gosta de abrir mão de seu território. — disse-lhe Cal.

—Então, hum ...

—Então, Vinnie não foi esquecido.

—Há quanto tempo foi isso?

—Cerca de sete anos.

A sílaba ainda estava carregada quando ela repetiu, mas com um peso diferente desta vez, quando murmurou:

—Oh.

Ele colocou pressão no pescoço dela, o cotovelo deslizou para fora de debaixo dela e ele puxou a bochecha dela para o ombro dele. Sua mão deslizou pelo seu peito, em seguida, para o seu lado, para que seu braço pudesse envolver seu estômago.

—Sinto muito pelo seu primo. — ela sussurrou em sua pele.

Cal não respondeu.

—Vocês eram próximos?

Cal respondeu a isso, mas sua resposta foi um eufemismo. Ele praticamente cresceu com Vinnie Junior. Vinnie era como um irmão.

—Sim.

—Sinto muito.

—Pensei que você estava cansada.

—Eu estou.

—Então por que você está falando e não está dormindo?

—Desculpe. — ela murmurou.

—Foi uma pergunta, Buddy. Alguma coisa em sua mente?

Ela hesitou, em seguida, disse:

—Amanhã é sexta-feira.

Ela não continuou, então Cal perguntou:

—E?

Ele mal podia ouvi-la quando ela sussurrou:

—Isso faz o próximo dia ser sábado.

Os dedos da mão dele ainda descansando no pescoço dela ficaram tensos no couro cabeludo.

— As flores não virão.

—E se *ele* vier?

—Se vier, Colt ou eu lidaremos com isso.

Ela apertou o rosto em seu ombro e seu braço deu-lhe um aperto, mas ela não soltou e ele sabia por que quando ela sussurrou:

—Joe, ele enlouquece minhas garotas.

—Nós lidaremos com isso, Buddy.

Ela continuou como se ele não tivesse falado.

—Eu poderia lidar com isso, se fosse só comigo, mas ele enlouquece minhas meninas. — Ela respirou, soltou e sua cabeça e braço relaxaram novamente. —Elas agem como se estivessem bem, mas aquelas flores as assustam.

—Você e elas ficarão bem.

—Como você pode ter certeza?

—Porque não há outra alternativa.

Ela deu uma risada aguda e surpresa e sua cabeça surgiu para olhá-lo.

— Quer saber, você está certo.

Joe sabia que estava certo, então não respondeu.

Ela baixou a cabeça e seu braço deixou seu estômago e então ambos de repente se acalmaram. Ela pareceu suspensa por um minuto antes de sua bochecha voltar para o ombro

dele e seu braço se envolver em torno de seu estômago novamente.

Ela queria tocá-lo de alguma forma, fazer algo como fazia antes, passando os dedos ao longo de seu queixo. Mas ela não tocou, estava se segurando e Cal sentiu a perda disso e o vazio que deixou trancado em seu peito.

—Calarei a boca agora. — ela murmurou, mas depois perguntou:—Devemos colocar o despertador?

—Você ficará bem.

—Talvez devêssemos colocá-lo.

—Eu te levarei para casa na hora.

—Tudo bem.

—Vá dormir.

Ela hesitou, em seguida, sussurrou:

—Ok.

Ele sabia que Vi não dormiria logo, mas ela não disse outra palavra.

Cal olhou para o teto e correu as pontas dos dedos ao longo da pele de seu quadril e bunda até sentir o peso de seu corpo se acomodar nele.

Então ele se perguntou por que diabos estava deitado na cama conversando com Violet e depois correndo as pontas de seus dedos ao longo da pele de seu quadril e bunda para que ela relaxasse e dormisse.

Não tendo respostas, ele também adormeceu.



Cal ouviu, um carro na rua, batendo violentamente no meio-fio e seu corpo acordou.

Ele abriu os olhos, a sala estava escura e Vi era um peso morto contra o seu lado, sua perna enrolada sobre sua coxa, braço pesado em seu estômago, testa pressionada contra o lado de seu pescoço.

Ele ouviu, a janela ainda aberta em seu quarto, a porta de um carro bater.

Não seria o Hart. Ele gostava de fazer aparições, portanto não faria seus negócios no escuro quando não houvesse ninguém por perto para notar. E Hart não enviaria alguém que fosse barulhento e, portanto, desleixado.

Fazia muito tempo, anos, mas Cal sabia o que era, sabia quem estava chegando e sabia disso porque sentia como ácido injetado diretamente em uma veia.

Então as batidas vieram em sua porta.

—Caralho. — ele sussurrou quando Violet acordou levantando ao seu lado, a cabeça subindo, a mão levantando para tirar o cabelo do rosto.

O barulho não parou.

—Joe. — ela respirou, medo em seu nome.

Sua mão foi para o queixo dela, forçando-a a olhar para ele e sua cabeça surgiu do travesseiro.

Ele colocou a boca na dela e disse:

—Não é isso, baby, tá tudo bem. Não se preocupe. Apenas fique aqui, eu cuidarei disso.

Ele a beijou levemente, em seguida, deslizou de debaixo dela, agarrou seu jeans, puxou-os e abotoou-os enquanto saía de seu quarto.

Ele não precisava dessa merda, mas principalmente não com Vi na sua casa. Ele não queria que ela visse ou escutasse o que estava prestes a acontecer. Cal não podia ter certeza de como o cenário se desenrolaria e em que ordem, mas sempre representava as mesmas cenas, sempre tinha um tema e nunca era bonito. Costumava acontecer com frequência, mas fazia tanto tempo desde a última, que ele achava que tinha acabado.

Infelizmente, estava errado.

Acendeu uma lâmpada na sala de estar, foi até a porta e olhou pelo olho mágico.

Lá estava ela, ainda batendo na porta.

Bonnie.

Ele destrancou e abriu a porta, e Bonnie avançou bêbada, seu braço voando para agarrar o batente da porta para se firmar.

A cabeça dela inclinou para trás e ele olhou para ela, não chocado com o que via, embora ela tenha se deteriorado significativamente desde a última vez que ele a viu. No entanto,

ele ficou surpreso que a dor familiar que ele costumava ter quando a via nem chegou perto.

—Hey Joe. — ela falou como se o tivesse visto apenas ontem, torcendo o rosto em uma caricatura e ele estremeceu quando a ouviu dizer seu nome.

Ele não respondeu e olhou para além dela para ver um Nissan Sentra estacionado na rua em frente à sua casa. A roda dianteira estava para cima e sobre o meio-fio na grama entre a calçada e a estrada.

Cristo, em seu estado, ela havia dirigido para lá.

Ela colocou a mão no peito nu dele.

—Vai me deixar entrar, querido? — Ela truncou e Cal olhou para ela e lutou contra outro estremecimento.

Ele se afastou de seu toque, mas agarrou seu braço e puxou-a para dentro. Ele a posicionou do lado de fora do batente da porta e a fechou. Isso não foi fácil. Ela era pequena, ainda menor agora que a bebida e as drogas consumiram seu corpo, mas ela estava fora disso. Cal tinha muita prática lidando com pessoas fodidas, ganhando em seus dias como segurança. Mas Bonnie estava tão longe, ela era como uma boneca de trapo em pé.

Ele a puxou para a cozinha, ligou o interruptor e as luzes do teto se acenderam.

—Porra. — Bonnie reclamou, sua mão voando para cobrir os olhos — Isso é brilhante.

Cal a posicionou junto ao balcão e a soltou, chegando ao topo da geladeira para pegar sua agenda telefônica.

Ela se inclinou no balcão, em seguida, usou-o para segurá-la quando ela deslizou para ele, suas mãos voltando para o corpo dele em seus lados.

— Preciso de uma bebida. — ela sugeriu.

—Você não precisa de uma bebida. — Cal disse a ela, afastando-se de suas mãos, colocando a lista telefônica no balcão e folheando-a para chegar às listas de táxis.

—Sempre preciso de uma bebida. — Bonnie murmurou e essa foi a verdade do caralho honesta de Deus. Ela sempre precisava de uma porra de bebida.

Ele encontrou o número de uma empresa de táxi local e tirou o telefone do carregador.

—O que você está fazendo? — Ela perguntou, inclinando-se ainda mais para ele, dando um passo bêbado para frente, quando sua inclinação a colocou em seus pés.

—Você está indo para casa.

—Aww, Joe. Eu estou aqui por você, baby. — ela caiu para frente ainda mais, seu rosto apontando para o peito dele, sua boca molhada deslizou ao longo de sua pele e ele lutou doente contra o toque de sua boca agitando em seu intestino. — Me dê o que preciso.— ela murmurou.

Seu estômago se curvou e ele envolveu os dedos ao redor de seu braço novamente, puxando-a para longe, colocando-a no comprimento do braço. Ela inclinou-se pesadamente contra

o balcão e ele deu outro passo em distância, para fora do alcance dela.

Ela inclinou a cabeça para trás para olhá-lo, seu rosto abatido tristemente confuso, como se ela não tivesse ideia de onde estava ou como chegara lá. Então ele a observou focar e finalmente se concentrar nele.

—Joe. — ela sussurrou.

Ele ouviu Bonnie dizer seu nome e então, em sua cabeça, ele ouviu Violet dizendo isso. Não só quando foderam, mas quando estiveram conversando ou até mesmo quando ela estava chateada com ele. Não importa quando Vi dissesse isso, batia nele, em seu pau, seu âmago, seu peito e não estava em um mau caminho. Ele pensou, até aquele momento, que isso o lembrava de Bonnie, mas olhando para sua ex-esposa, não era isso. Fosse o que fosse, não era sobre Bonnie, era tudo sobre Vi.

Ele olhou para Bonnie e viu que seu cabelo estava longo e parcialmente cortado. A loira natural fora tingida para mais clara e o trabalho de tintura era ruim, tão ruim que tinha um tom estranho de verde em alguns lugares. Fazia um tempo, no entanto, as raízes estavam aparecendo, muitas delas. Sua cor natural veio, mas havia cinza nela, como se ela fosse muito mais velha do que era e tinha apenas trinta e oito anos.

Ele tentou lembrar o que ela costumava parecer, a garota por quem ele se apaixonou, mas olhando para ela, seu corpo estranhamente magro, seu rosto magro, o azul-púrpura sob os olhos, o tom amarelado sob a pele, as linhas ao redor de sua

boca por fumar demais, e suas roupas que estavam enrugadas, feias, talvez até de segunda mão e longe de serem limpas, ele não podia dizer que era a Bonnie que costumava ser.

Tudo o que ele podia ver naquele momento, olhando para Bonnie, e podia até senti-la contra suas mãos, seu corpo, era Vi. Bonnie era baixa, 1,65m. Vi tinha que ser 1,75m, ou talvez 1,80m. Bonnie sempre foi magra, mas tinha seios grandes. Agora eles estavam murchos e caídos sob sua blusa gasta e desbotada que mostrava muito de sua pele doentia. Vi, Cal sabia pelo o que ela disse quando engravidou de Kate, era alguns anos mais nova que Bonnie, mas ela teve dois filhos e ainda assim seu corpo era inacreditável, ampla bunda e peitos, pele cuidada, estômago levemente arredondado. Mesmo perdendo o marido, ela não perdeu nenhuma vibração. Vi, era a porra de fogo de artifício comparada com a mulher sem graça que ele havia casado vinte anos atrás e que estava em pé em sua cozinha.

Cal olhou para ela se perguntando novamente, mesmo depois de anos dando aquela merda de espaço em sua cabeça, depois do que aconteceu, o que ela fez, ele se perguntou o que o atraiu para ela em primeiro lugar. O que o fez ignorar todos os sinais e pensar que ele poderia trabalhar duro para transformar uma vida boa para ela, para ele. Como de costume, ele ficou em branco.

Violet, agora nua em sua cama, havia perdido o marido e tinha um idiota que fazia sua vida uma miséria, e ainda assim empurrava seus passeios, chamando suas filhas de “baby”, levando-as ao shopping e fazendo-lhes costeletas de porco. Sua

vida virou merda, mas ela protegia suas garotas daquilo, ela lhes dava uma boa casa em uma cidade onde os vizinhos faziam churrascos e suas filhas podiam chamar a atenção do herói de futebol local e ouvir bandas de garotos em seus quartos como crianças normais nunca tocadas pela tragédia.

Ela não estava bebendo, fumando cigarros e maconha, cheirando cocaína, ou crack e caindo aos pedaços.

Este conhecimento acertando-o, como de costume, ele queria se livrar de Bonnie, mas desta vez porque queria voltar para Vi.

—Onde você mora? — Ele perguntou.

—O quê? — Ela respondeu, confusa.

— Bonnie, estou chamando um táxi para te levar para casa. Onde você mora?

Ela olhou para ele, balançando um pouco e depois disse:

—Não quero ir para casa.

—Você está indo para casa.

Ela piscou, em seguida, deslizou ao longo do balcão para ele, parando quando ele deu outro passo para trás.

—Joe.

—Onde você mora?

—Baby.

—Porra, mulher, me diga onde você mora.

Ele viu quando o rosto dela mudou. Ela lutava, e já sabia o final. Era o mesmo todo maldito tempo. Por que ela

interpretava esta cena ele não tinha ideia e detestava. Mas ele sabia que ela iria, mesmo sabendo como isso aconteceria. Ele sabia o que viria.

—Bonnie...

—Vinte, para um boquete.

Lá estava.

Cal fechou os olhos.

—Vamos lá, querido. — ela sussurrou e ele abriu os olhos para ver que ela deslizava ao longo do balcão novamente, com o queixo baixo, olhando para ele debaixo de seus cílios, uma porra total de farsa.

—Você precisa ir para casa.

—Você pode me comer na bunda por duzentos.

Seus lábios se curvaram e ele se perguntou quantas vezes ela disse isso para outros caras, estranhos, qualquer um que estivesse disposto a pagar para sair com ela. Olhando para ela, ele duvidava que ela fizesse bons negócios.

Então ele sentiu e olhou para a esquerda para ver Violet em pé no corredor, vestindo sua camiseta, seu cabelo escuro uma bagunça ao redor de seu rosto e ombros. Sua camiseta caiu sobre ela, sobre seus quadris, mas ele podia ver a maior parte de suas longas pernas. O todo dela, mesmo no meio da noite, parecia vital, vivo e sexy, o oposto ao triste caso em sua cozinha.

Mas ela estava encostada na porta da sala de estar, os olhos em Bonnie, o rosto pálido.

Ela ouviu.

Cal cerrou os dentes e olhou para a ex-mulher.

—Você tem uma escolha, você pode me deixar colocá-la em um táxi, eu pagarei, ou eu te levarei para Indy e te deixarei no primeiro lugar que eu puder parar.

—Tenho um carro, Joe.

—Você não está dirigindo em seu estado.

—Não quero ir para casa.

—Essa não é uma das suas escolhas.

Seu corpo estremeceu e ela olhou para a direita, tardiamente sentindo a presença de Vi.

—Hey, — Bonnie chamou, sorrindo bêbada para Violet — nós teremos um ménage?

—Posso ajudar, Joe? — Vi perguntou baixinho, entrando na sala de estar e Cal olhou para ela.

Era inútil, ela estava lá, ouviu, e ele não podia mais protegê-la dessa cena, mas ainda assim ele tentou, enquanto falava suavemente de volta para ela.

—Não, Buddy, volte para a cama.

—Você quer beber? — Bonnie perguntou a Vi.

—Não, obrigado. — Vi respondeu, não voltando para a cama, indo para a cozinha, os olhos grudados em Bonnie enquanto se movia.

Bonnie apontou o polegar para si mesma.

—Eu sou Bonnie.

—Violet. — sussurrou, seu tom incerto.

Bonnie olhou para Cal.

—Ela é bonita, Joe.

Cal imaginou o que Violet faria, mas não precisou se perguntar por muito tempo.

Embora, se tivesse que adivinhar, nem em um milhão de anos imaginaria que ela faria o que fez.

Ela caminhou para o lado dele empurrando com o ombro o braço dele e se aconchegou nele. Então ela se colocou no lado dele, deslizando as mãos ao longo de seu corpo, uma em seu estômago, uma em suas costas e o envolveu firme. Ele não sabia o que ela dizia com sua ação. Se uma reivindicação, dizendo a Bonnie seus pensamentos sobre o relacionamento deles, uma demonstração de apoio para ele ou ambos. Naquele momento, qualquer um funcionaria para ele, mas ambos eram melhores.

À exceção, afastar-se dela não era uma escolha, mas sim colocar seu braço em volta dos ombros, que foi o que ele fez.

A parte superior do corpo de Bonnie balançou quando ela os olhou assim.

Então seus olhos foram para os de Cal e seu rosto não acreditou quando ela perguntou:

—Ela é sua?

O tom de Bonnie estava agora não só embriagado, mas surpreso, seu rosto torcido de dor e incerteza. Mesmo depois de todos esses anos, isso foi um golpe para ela. Cal viu seu

puto assombro que em algum lugar daquela fodida cabeça, ela ainda o reivindicava, mesmo depois do que ela fez.

Ela nunca esteve na casa dele quando ele tinha uma mulher lá. Mas até mesmo Bonnie não poderia estar tão longe a ponto de ver tudo, Vi em sua camisa pressionada possessivamente contra o seu lado e não fazer a comparação, não ver que desta vez não seria apenas um não porque ela tinha desperdiçado sua vida, e seu corpo, e principalmente por causa de sua história fodida, mas porque ela obviamente foi substituída por um modelo muito superior. Mesmo desperdiçada, ela não podia distorcer a cabeça dela pensando que poderia convencê-lo a fazer uma viagem pela estrada da memória, mesmo se ele pagasse por isso, é claro. Ela tinha que saber que ele nunca iria querer sua boca nele, seu pau nela, quando ele tinha Violet.

Cal não respondeu, ele estava com muita raiva e queria que isso acabasse. Em vez disso, ele olhou de volta para a agenda para encontrar o número no anúncio e enrolou Vi mais perto.

Sua cabeça surgiu quando Bonnie de repente declarou:

—Essssa é a miiinha caasa!

Seus olhos se estreitaram em Vi e ela balançou para frente.

Ele conhecia esse discurso também, quando ela ficava chateada. Ele viveu com isso há muito tempo, mesmo antes do que ela deixou acontecer. Ele se lembrou da maneira viciosa e

descontrolada que Bonnie ficava quando chateada, toda vez que ele se olhava no espelho.

Cal deu um aperto em Violet e murmurou:

—Volte para a cama, Buddy.

Antes que Vi pudesse se mover, Bonnie deu um solavanco e gritou:

—Miiiinnha casa!

Então ela perdeu o equilíbrio e caiu desajeitadamente sobre as mãos e joelhos no chão da cozinha.

O corpo de Violet sacudiu ao seu lado e ela recuou, balançando o tronco de Cal com ela no que parecia ser um esforço para movê-lo para um lugar seguro, mas apenas o torso dele foi, porque seus pés ficaram plantados. Ele já tinha visto isso antes também.

—Foda-se. — ele murmurou, seus olhos em Bonnie.

—Joe... — Violet sussurrou e ele sabia que ela assistiu Bonnie também.

—Minha casa! — Bonnie guinchou, sua cabeça se afastando, seu cabelo escorrido flutuando. —Meuuuuuu homem!

Cal apertou os botões do telefone para ligar para o táxi.

Bonnie rastejou em direção a eles e levantou a mão quando chegou perto. Cal moveu Violet para atrás dele, soltando seu braço e ficou na frente de Bonnie enquanto ela dava um soco desajeitado nas pernas dele e errava.

Ele colocou o telefone no ouvido.

—Não devemos levantá-la? — Violet sussurrou, com as mãos na parte inferior das costas dele, os dedos enrolando no cós da calça jeans. Ela estava tão perto que ele podia sentir os seios dela em sua camisa roçando sua pele.

—Sim, eu preciso de um táxi, 118- Elm[10] Pré-pago, vai para Indy. — disse Cal ao telefone depois que o atendente respondeu.

—Joe... — Violet sussurrou, se aproximando.

Bonnie levantou até os joelhos, ainda balançando, seus olhos viraram e eles estavam em Vi.

—Você acha que sua merda não fede?

—O mais rápido que você puder chegar aqui. — disse Cal ao telefone.

—Devemos ajudá-la. — disse Violet às suas costas.

—Sua merda fede como a minha! — Bonnie declarou.

—Me dê um segundo. — disse Cal ao despachante e se virou para Violet. —Pegue minha carteira na mesinha de cabeceira. Eu preciso do meu cartão de crédito.

Ela olhou para ele e abriu a boca para falar.

—Faça isso, Buddy. — ele ordenou gentilmente.

Ela fechou a boca, assentiu, olhou para Bonnie e depois correu para o quarto.

[10] É o endereço para onde o táxi deveria ir pegar o passageiro.

—Merda fede! — Bonnie gritou atrás dela, cambaleando para o lado e para baixo em uma das mãos.

—Cristo, Bonnie, cale-se. — cortou Cal.

Bonnie se virou para encará-lo e voltou a ficar de joelhos, jogando uma das mãos para agarrar o balcão e se levantar.

Enquanto ela fazia isso, perguntou:

—O que ela está fazendo na minha casa?

Cal não respondeu.

Com uma quantidade razoável de esforço, Bonnie se levantou e repetiu mais alto:

—O que ela está fazendo em miiinha casa?

Violet voltou correndo, com a carteira na mão e ele a pegou, então usou o braço para colocá-la atrás dele novamente. Ela retornou para a posição, perto de suas costas, os dedos enrolados em seu jeans.

Bonnie olhou por cima do ombro para Violet enquanto Cal lia seu número de cartão de crédito, confirmava o endereço e apertava o botão para desligar a ligação.

No segundo que ele o jogou no balcão, Bonnie estalou para ele:

—Eu venho para casa, e ela está na minha casa.

Cal estava perdendo a paciência, mesmo que Vi fosse para o quarto ela ainda podia ouvir, porque as paredes eram finas, e ela já tinha visto o pior disso só em ver sua ex-esposa e ainda mais com Bonnie caindo bêbada no chão. Ele terminou

com essa merda dela, totalmente superado. Por quase duas décadas.

Portanto, ele não escondeu sua resposta de Violet, quando ele lembrou a Bonnie:

—Mulher, esta casa não é sua há dezessete anos.

—Minha casa! — Bonnie declarou, seus olhos se deslocando bêbados para Violet e se concentrando. —Joe é o meu homem.

—Talvez devêssemos dar um café para ela. — Violet sussurrou a sugestão no ouvido dele.

—Não quero café. Quero você fora! — Bonnie gritou.

—Você não pode dizer quem fica e quem sai nessa casa. — disse Cal a Bonnie e seu torso se inclinou enquanto ela se concentrava nele. Ela piscou, confusão batendo em seu rosto, em seguida, seu torso acendeu novamente e ela desceu para o assunto em questão, a razão pela qual ela estava lá, a única razão pela qual ela veio.

—Você me dará dinheiro ou o quê?

—Eu já te dei dinheiro? — perguntou Cal, e a resposta era não, ele nunca deu, nem uma vez, nem mesmo no começo. Não, especialmente no começo.

—Preciso de dinheiro. — respondeu Bonnie.

—Sim, eu sei, e também sei porque você precisa. Não trabalho duro para que eu torre meu dinheiro nessa merda.

—Preciso de dinheiro. — ela murmurou.

—Encontre em outro lugar, mulher, esta é a última vez que abro a porta para você. Na próxima vez que aparecer, chamarei os policiais e eles lidarão com você.

Seu torso balançou para trás e sua mão subiu, sua cabeça balançando.

—Joe, policiais, não.

—Não estou brincando.

Ela se inclinou e teve que colocar a mão no balcão para se segurar.

—Quero voltar para casa.

—Não sei onde é isso, mas sei que não é aqui.

Ela piscou devagar e sua cabeça se moveu para o lado, sua expressão mudando, em seguida, preenchendo com algo mais que Cal estava familiarizado e sabia que se moviam para a próxima parte da cena, a parte que ele mais odiava.

Ela sussurrou para o balcão:

—Só fui feliz quando estava com você.

Cal ficou novamente surpreso quando aquela dor não veio, como sempre acontecia, toda vez que ela chegava a isso.

Ele nunca respondeu no passado. Desta vez, ele fez.

—Então você não deveria ter estragado tudo.

Seus olhos voltaram para ele.

—Você sabe como era, Joe.

—Muito tempo atrás, Bonnie.

—Eu preciso de você para me manter direita.

—Você não quer ficar direita.

—Juro para você, eu quero.

Agora isso, também familiar, fez a dor atravessar seu âmago e ele sentiu seu corpo enrijecer lutando contra isso.

Ela prometeu-lhe muitas vezes, isso era uma piada de merda. Ele estourou suas bolas guiando-a para fora daquele caminho escuro e a primeira chance que ela conseguiu se desviou e retornou para lá. No final, ela tinha mais razão do que apenas Cal para ficar limpa, toda a razão do mundo, e ela não entendeu isso, então ela o matou.

Sentiu Violet aproximar-se de suas costas, as mãos dela saindo de seus jeans para deslizar para cima e seus dedos se curvaram ao redor de suas costelas nas laterais enquanto ela se ajustava em suas costas e o segurava.

Ao sentir sua suavidade pressionada a ele, o calor dela, de repente Bonnie desapareceu, a cena na frente dele se dissipou e sua mente ficou completamente em branco.

Ela estava tão perto que ele podia cheirar seu cabelo, uma leve sugestão de seu perfume, podia sentir seus joelhos roçando suas pernas. Tudo o que Vi pressionava profundamente nele, suave e forte como se ela quisesse que ele absorvesse ambas as coisas dela para que pudesse lidar com Bonnie.

Cal nunca teve isso, não em sua vida, com sua mãe morrendo quando ele tinha oito anos, seu pai adoecendo, em

seguida, encontrando Bonnie e assumindo sua merda. Ele nunca teve alguém dando algo assim para ele. Não sabia o que fazer com isso. Até Violet dar a ele, tinha esquecido que ele teve de sua mãe, esquecido que isso existia.

—Joe, querido...

Seu nome vindo de Bonnie o trouxe de volta para a sala.

Ele a cortou.

—Eu sei que você está bêbada e provavelmente drogada, mas se você tiver células saudáveis em seu cérebro, coloque-as em funcionamento porque o que eu te direi você precisa absorver. Não volte mais. Se você voltar, eu ligarei para os policiais e depois venderei esse maldito lugar e desaparecerei.

—Joe...

—Eu não existo para você. Em seu mundo, parei de existir dezessete anos atrás.

—Fomos feitos um para o outro, todos diziam que nós éramos. — Bonnie choramingou.

—Eles disseram isso no ensino médio, pelo amor de Deus, então você mostrou que eles estavam enganados.

Ela estremeceu e Cal ignorou, torcendo o pescoço para olhar para Violet que, quando sentiu o movimento dele, desviou o olhar de Bonnie e capturou seus olhos.

—Deixe-me ir, baby, eu tenho que levá-la para fora.

Ela assentiu com a cabeça, seus dedos dando-lhe um aperto, seu corpo pressionando mais profundamente por um segundo, então ela se afastou.

—Fomos feitos um para o outro. — Bonnie disse a ele quando Joe avançou sobre ela, agarrou seu braço e arrastou-a para a porta da frente.

Quando ele chegou na porta, seus olhos foram para Violet.

—Eu voltarei em breve a levarei no táxi.

—Eu estarei aqui. — respondeu Violet.

Ele abriu a porta e tirou Bonnie de lá. Então a arrastou pelo caminho até a calçada.

Ele a puxou para uma parada e olhou para ela.

—Se o seu carro não sair daqui até ao meio-dia amanhã, mandarei rebocá-lo.

—Não posso pagar o táxi de volta.

—Não é problema meu.

Ela piscou para ele, em seguida, ela fez isso de novo, em seguida, ele assistiu a embriaguez clara como algo profundo e feio afundado, trazendo com clareza momentânea e ela sussurrou:

—Você me odeia.

—Sim. — Cal disse a verdade sem hesitação, não acreditando que ela já não soubesse disso até a profundidade de seus ossos. —Eu odeio. Eu te odiei todos os dias por dezessete anos. A memória que tenho de você é como ácido nas minhas veias.

Ele assistiu seu rosto mudar, começar a desmoronar, seu lábio tremendo.

—Você me amou uma vez.

—Eu não sei.

—Joe... — ela começou, mas ele não a deixou terminar.

—Se você se importar comigo um pouco, depois de tudo o que fiz por você e tudo o que você fez para foder a minha vida, se você tiver a mínima, pequena noção de uma merda, você não voltará. Você não me fará lembrar. E não colocará mais esse ácido correndo nas minhas veias.

Ela olhou para ele, seus olhos azuis uma vez claros em seu momento de lucidez, então ela assentiu e desajeitadamente tirou o braço do seu aperto. Ela se moveu para ficar a um pé de distância dele, olhando para a rua, mordendo os lábios, seu corpo balançando suavemente como um galho de salgueiro preso em um vento leve.

Cinco dos mais longos minutos fodidos de sua vida se passaram antes que o táxi chegasse. Ele empurrou Bonnie no banco de trás, bateu a porta, tirou a carteira, inclinou-se pela janela do lado do passageiro e puxou uma nota de cinquenta, entregando-o ao motorista.

—Leve-a para casa, ela não sabe onde fica, então por favor leve-a para algum lugar seguro, um abrigo, se você souber onde tem um. — ordenou Cal.

—Entendi. — o motorista balançou a cabeça, Cal recuou e o táxi se afastou.

Cal ficou olhando a rua muito depois do carro sumir de vista. Aquele ácido ainda estava em suas veias, ele sentia isso. Começou a bombear no minuto em que acordou e soube que ela estava de volta e a única vez que não sentiu que o comia por dentro foi quando Violet esteve pressionada contra suas costas.

Ele ficou do lado de fora por um longo tempo, aparentemente por muito tempo porque Violet o abraçou novamente, desta vez pressionada de frente para ele e envolvendo seus braços ao redor dele.

Ele mergulhou o queixo para ver que ela olhava para ele.

—Venha para dentro, baby. — ela sussurrou.

Era ela chamando-o de “baby”, como ela fazia com suas filhas, doce, gentil, terna, aquela palavra ficando sob sua pele, fazendo Cal falar com ela diretamente e ele não demorou, mas também não compartilhou tudo, nem mesmo metade disso.

—Essa era a minha ex-esposa.

Violet o apertou mais.

—Eu percebi.

Cal notou a repentina ausência da toxina queimando através de seu sistema, assim como notou que o rosto de Violet era suave, seus olhos procurando os dele no escuro. Ela não julgava, nada demonstrava em seus olhos, se estaria perguntando sobre ele, sobre Bonnie, sobre como ele poderia estar com Bonnie, sobre a cena que ela acabara de testemunhar. Ela estava focada exclusivamente nele e, ele

suspeitou, que mesmo que Vi não soubesse do ácido, ela tinha que saber que algo acontecia, então ela focou apenas em tirar a picada do veneno que uma visita de Bonnie sempre o injetava.

Ele nunca teve isso também, mas tê-lo logo em seguida de Vi, o fez levantar a mão e segurar seu queixo, inclinando a cabeça para trás ainda mais para que ele pudesse dobrar o pescoço e tocar sua boca na dela. Ele fez isso duas vezes esta noite, a beijou levemente, e ele não conseguia lembrar se ele já fizera isso com uma mulher em sua vida.

Então, quando ele fez isso, ela soltou um de seus braços de sua cintura e sua mão subiu, seus dedos roçaram sua nuca, e depois enroscaram-se em seu cabelo.

Ela levantou-se na ponta dos pés e, contra a boca dele, insistiu:

—Entre, Joe.

Então ela se afastou, mas agarrou a mão dele e ele permitiu que ela o levasse para sua casa.



—Porra. — Cal sussurrou, com as palmas das mãos nos lados da cabeça dela, e os dedos enrolados nos cabelos.

Ela estava de joelhos na frente dele, ele estava de pé, as mãos dela estavam em seus quadris, por cima de seu jeans, ela só puxou seu pau livre antes de começar a trabalhar nele.

Agora, se ele não parasse, gozaria em sua boca.

Ele puxou para fora, inclinou-se e puxou-a pelos braços. Ele a girou, jogando-a na cama e deitou sobre ela.

—Joe, eu queria...

Suas mãos encontraram seus quadris, ela usava calcinha, que ele arrancou, seus quadris empurraram e ela ofegou quando o material se soltou e ele jogou-o de lado.

Ele envolveu a mão em torno de seu pênis, guiou a ponta para dentro e a penetrou.

Tão escorregadia, tão apertada, ele nem sequer a tocou, não a beijou, ela apenas o levou para o lado da cama, caiu de joelhos, desabotoou sua calça jeans, envolveu a mão em torno de seu pau e o libertou. Então ela caiu sobre ele que adorou que ela obviamente desistiu de fazer-lhe perguntas.

—Joe. — ela respirou quando estava cheia dele.

Ela gostava de seu pau, Cristo, ela amava isso e não se importava que ele soubesse.

Sua mão prendeu em seu cabelo e ele trouxe sua boca para a dele, fodendo-a com força enquanto a beijava. Ela o beijou de volta, ergueu as pernas, as envolveu nele apertando-o para que ele pudesse cavalgá-la com mais força e a penetrar ainda mais fundo.

—Sim, baby. — ela gemeu em sua boca, balançando os quadris para encontrar seus impulsos.

Ela fez milagres com a boca. Se ela não se apressasse, gozaria antes dela.

—Buddy, depressa, eu quero que você goze comigo.

—Mais forte, Joe.

—Dividirei você em duas, se eu te foder mais forte.

Seu braço se apertou ao redor de suas costas e seus dedos deslizaram em seu cabelo.

—Eu posso aguentar.

Ele a fodeu mais duro, mais profundo, tanto que a respiração dela engatou com cada golpe.

—Baby. — ele chamou.

—Amo isso, Joe. — ela sussurrou. Ele podia não acreditar, mas ela provou isso beijando-o.

Ele sentiu que começava por ela, sua boceta tremia, sugando-o mais fundo e isso era bom pra caralho, que ele não teve escolha a não ser deixar ir, e experimentar, pela primeira vez, compartilhar um orgasmo simultaneamente com um parceiro.

Foi excelente.

Quando ele terminou, ele deu a ela seu peso total e só mudou para um antebraço quando ouviu sua respiração ficar pesada.

—Joe...

Antes que ele pensasse sobre o que estava fazendo, sua cabeça surgiu e seus olhos encontraram os dela no escuro.

— Se você pensar em me dizer que vai para casa, eu juro por Cristo....

Seus dedos foram aos lábios dele, como ele a viu fazer para Keira no churrasco de Colt e de Feb.

—Baby, relaxe. — ela sussurrou. —Eu só ia te provocar sobre rasgar minha calcinha.

Ele sentiu algo contrair no lado esquerdo do peito, algo que ele não entendeu. Não era exatamente doloroso, mas era forte o suficiente para se tornar conhecido. Seus dedos se enrolaram ao redor de seu pulso e ele afastou a mão dela.

—Eu comprarei outra para você.

—Eu não preciso de outra. — Suas coxas, ainda ao seu lado, pressionaram mais profundamente. —De qualquer forma, vale a pena ter essa memória. Grande, mal, assustador Joe Callahan, segurança para as estrelas, perdendo o controle e rasgando minha calcinha.

Ele empurrou seus quadris para ela e a ouviu respirar fundo.

—Não sou um grande fã de ser provocado, Buddy.

Seus braços se apertaram ao redor dele e ela sussurrou:

—Então quem fez isso com você não fez certo.

Cal não respondeu e ela deu-lhe outro aperto nos braços.

—Temos cerca de uma hora, Joe, eu preciso dormir.

Ele novamente não respondeu, mas puxou para fora e endireitou-a na cama. Pegou a calça jeans, tirou a chave do bolso, colocou na mesinha de cabeceira e jogou a calça de lado. Então ele se esticou ao lado dela e puxou as cobertas sobre eles. Ela se acomodou nele, envolvendo uma perna ao redor de

sua coxa, o braço ao redor de seu estômago e colocou sua bochecha em seu ombro.

Ele olhou para o teto escuro e moveu os dedos em seu quadril e bunda até que sentiu ela relaxar nele.

Ele pensou que Vi dormia quando ela murmurou:

—Você está bem, querido? — Ela queria dizer sobre Bonnie.

Ele fechou os olhos e colocou a mão na bunda dela.

—Vá dormir, Vi.

—Tudo bem. — ela sussurrou em um aperto fraco de seu braço.

Ele sentiu o sono reivindicá-la e sabia que precisava ser terminar. Joe precisava terminar isso. Não deveria ter começado de novo, mesmo com ela ficando com ele do jeito que era, nunca deveria ter começado de novo.

Mas ele começou e mesmo sabendo que deveria terminar, não tinha a menor intenção de fazer isso.

Nenhuma.



Ela se afastou dele e seus olhos se abriram quando sentiu o corpo dela sair de sua cama.

Ele olhou para o relógio, eram seis e quarenta e sete.

Porra. Eles deveriam ter definido o alarme, dormiram demais.

Ela corria, de pé ao lado da cama, com as mãos na camisa dele, pronta para retirá-lo.

—Deixe isso. — ele rosnou, seu corpo sacudindo e ela girou para olhar por cima do ombro para ele.

—O quê?

—Use minha camiseta para ir para casa. — ele ordenou.

—Usá-la para ir para casa? — Ela perguntou, parecendo confusa e virando-se para encará-lo.

—Sim.

—Mas...

—Eu não estava perguntando.— ele disse a ela. —Use-a para ir para casa.

—Eu... — ela começou, parou, ele viu seu rosto ficar macio, então ela sussurrou: —Tudo bem.

Ela se abaixou e pegou seu roupão e camisola e se virou para sair.

—Buddy.

Ela voltou-se.

—Venha pra cá.

—Joe, eu dormi até tarde.— ela disse a ele.

—Venha aqui.

Ela hesitou, em seguida, caminhou os três passos para a cama. Ele estendeu a mão, agarrou a mão dela e puxou com força para que ela saísse do chão, suas mãos e um joelho pousando na cama. Quando ela desceu, ele soltou a mão dela e

colocou os dedos em volta do pescoço dela, puxando a boca dela para a dele.

Ele a beijou, sua língua se enredou com a dele daquela maneira que ele gostava, como se estivessem presos em algum tipo de batalha sexy e quente pela supremacia, o vencedor leva tudo e então ele deixou sua boca ir embora, mas não o pescoço dela.

—Você me beija antes de sair da minha casa.

Ela respirava pesado quando sussurrou:

—Ok.

Ele tocou sua boca na dela pela terceira vez em menos de um dia.

Então ele disse:

—Vá para casa.

—Tchau Joe.

—Até mais tarde Buddy.

Ele viu quando ela se virou e atravessou seu quarto antes que ele chamasse o nome dela.

—Vi.

Ela girou.

—Sim, Joe?

Ele alcançou a mesa de cabeceira e enganchou o chaveiro dela em um dedo, em seguida, estendeu-o para ela.

Ela correu de volta, pegou a chave de sua mão, inclinou-se para baixo, dedos para sua bochecha e roçou os lábios

contra os dele. Então ela se afastou, sorriu para ele, e ele sentiu aquela contração em seu peito esquerdo novamente antes que ela se endireitasse, virasse e desaparecesse.

Ele caiu de costas e suas mãos foram para seu rosto, esfregando sua pele.

E mais uma vez Joe decidiu que deveria acabar com isso.

Sua vida era tranquila. Não precisava de nada para atrapalhar isso. Ele trabalhava duro, e continuando assim, poderia se aposentar com uma boa renda aos cinquenta anos.

Ele viajava muito, nunca esteva em casa, odiava a porra dos invernos em Indiana, o frio penetrava em seus ossos. Não tinha ideia de por que ele mantinha a casa lá, exceto que isso o lembrava de seu pai, algumas lembranças vagas de sua mãe e depois os seis meses que Nicky esteve lá.

Sua casa de praia na Flórida ficava no meio do nada, dois quartos, minúsculos, uma viagem de vinte minutos pela mata só para chegar a uma mercearia, perfeita. Violet odiaria isso. Ele levou uma mulher lá uma vez, não se lembrava do nome dela, bloqueou porque a cadela choramingou por dois dias inteiros e ele finalmente a levou e a mala para fora, levou-a para o aeroporto e a deixou lá.

Ele tinha seu emprego, seu lugar na Flórida, seu plano para sua vida e não precisava da merda de Violet, seus problemas, sua bagagem, suas filhas. Ele não precisava competir contra um homem morto, um policial, provavelmente um bom homem. Um homem que ele não poderia ganhar, não só com Violet, mas suas filhas.

Então houve o momento em que ela descobriria toda a história de Bonnie, seu pai, Nicky, como tudo aquilo era doentio, como era loucamente doentio. Ele lembrou, como se fosse ontem, a expressão no rosto das pessoas quando elas o viram depois que aconteceu. Seu choque, desgosto.

Não, ele precisava terminar com Violet. Ele definitivamente precisava terminar com ela.

Ele sabia disso e, tirando as mãos do rosto e rolando para o lado, cheirando o cabelo dela no travesseiro, ele ainda sabia disso.

Ele simplesmente não tinha intenção de fazê-lo.

Capítulo Oito

Vir para Jesus

Abri a porta da cozinha para ver, sobre o balcão que se abria para a área de jantar, Kate e Dane saindo pela porta da frente.

—Nós estamos indo para Joe, mamãe. — Kate acenou o braço. Dane também e então eles saíram.

Fiquei onde estava, e olhando para a porta, me perguntei por que Kate e Dane estavam indo para o Joe. Também me perguntei por que minha filha me informava casualmente sobre esse fato, como se ela fosse ao Joe todas as noites antes do jantar.

—Oi Momalicious, o que temos para o jantar? — Keira perguntou, andando pelo corredor e me tirando do meu estupor.

Fechei a porta atrás de mim e entrei em casa, colocando minha bolsa no balcão e decidindo, então, me perguntar, pela centésima milionésima vez desde que eu determinei a proibição de Dane vir para a casa quando eu não estivesse lá, se eu

deveria ter suspendido essa proibição. Isso era algo com que Kate tinha dificuldade agora que era verão e ela não o via na escola todos os dias, então eu desisti, mas só depois que dei a ela uma conversa sobre sexo honesta que nos deixou desconfortáveis. Espero que Kate seja firme ou pelo menos suficiente para dizer apenas não.

Então me lembrei que Keira me fez uma pergunta, eu respondi.

—Eu não sei, baby, o que você quer?

—Frango frito. — ela respondeu.

—Isso precisa ser marinado. — informei-lhe algo que ela já sabia.

—Não, eu quero dizer *Kentucky* Fried Chicken(KFC), não Momalicious Fried Chicken. — Ela sorriu e encostou um quadril no balcão. —Depois de um dia duro no centro de jardinagem, eu não faria minha fabulosa mãe cozinhar frango frito.

Oh merda, ela queria alguma coisa.

Eu cruzei meus braços e olhei para a minha filha.

—Tudo bem, linda, o que você quer?

Ela colocou a mão no peito.

—*Moi*?

—Derrame.

—Apenas frango frito. — ela me disse, em seguida, sorriu maliciosamente. —E um cachorrinho Husky americano que é bonitinho, branco e super fofo.

O cachorro. O maldito cachorro. Desde o churrasco, tudo o que ela podia falar era do cachorro de duzentos dólares.

—Nós falaremos sobre o cachorro mais tarde.

—Mãe! — Ela se inclinou para mim. —As semanas estão passando. Eles só têm cinco filhotes e já venderam três.

—Dê-me mais tempo para pensar.

—Eu não posso!

—Você pode.

—Mãe...

—Keira.

Nos encaramos e eu sabia que ganharia, eu sempre ganhava. Keira tinha a paciência de um mosquito. Em pouco tempo, ela bufou, se virou e saiu da cozinha.

—Hey!— eu chamei atrás dela quando o telefone começou a tocar. —Por que Kate está indo para o Joe?

—Não sei! — Keira respondeu e eu atendi o telefone.

—Alô?

—Ei baby, traga sua bunda para a J&J's esta noite. — Cheryl disse no meu ouvido. —Eu estou fora e desde que o seu quente-como-merda, Bad Boy, jogador, vizinho do lado está fora dos limites e eu estou desejando a companhia de algum homem, eu preciso de alguém para ir à espreita comigo.

Desde que o churrasco, Cheryl começou a me ligar diariamente. Eu sabia porquê. Um, ela era uma boa pessoa. Dois, ela gostava de mim. Três, a mulher sabia que eu estava sozinha desde que meu marido morreu e achava que eu precisava de um amigo. Quatro, ela sabia que foi ruim Joe ter jogado comigo, então pensava que eu carecia de um amigo. Cinco, ela sabia que era horrível que Daniel Hart estivesse mexendo com a minha cabeça e mais uma vez achou que eu devia ter de um amigo. E seis, ela não tinha muitos amigos e até eu sabia que eu era um bom, e obviamente Cheryl adivinhou que eu era, então ela queria que eu fosse sua amiga.

Feb me disse no dia seguinte ao churrasco que Cheryl tinha pedido o meu número e me perguntou se estava tudo bem em dar a ela. Eu disse que sim e desde então todos os dias ela ligou.

—Cheryl...

—Não que você seja a minha primeira escolha vendo como você é gostosa também, então você pode cortar a minha ação, mas Colt está trabalhando em casa com o garoto de February. Jessie é uma merda e ela me assusta um pouco. Mimi tem filhos e Al está fora com seus amigos esta noite, então ela está dentro. Dee está trabalhando, então ela está fora e eu tenho uma noite de folga e uma babá, então tem que ser você e tem que ser hoje à noite.

— Cheryl, há algo que eu não lhe contei.— eu disse, pegando um refrigerante da geladeira e indo para o meu quarto, abrindo-o com um estouro e assobio.

—O quê? — Perguntou Cheryl.

—Espere, eu preciso chegar ao meu quarto. — eu disse baixinho, mesmo que houvesse música vindo do quarto de Keira, outra boy band tocando, então ela provavelmente não poderia me ouvir, mas não podia deixar de ser muito cuidadosa.

—Ooo, suculento, se as meninas não podem ouvir. — disse Cheryl no meu ouvido.

Fechei a porta do quarto, tomei um gole do meu refrigerante e sentei na cama.

—É sobre o Joe.

—Seu gostoso, bad boy, jogador, vizinho do lado?

Eu sorri para o telefone.

—Sim, ele.

—E ele?

—Bem...— eu hesitei —...está de volta.

—O quê? — Berrou Cheryl.

—Um ...

—Quanto tempo?

—O quê?

—Há quanto tempo está de volta? — Cheryl estava ficando excitada com impaciência.

—Desde a noite do churrasco.

Ela ficou quieta por um momento, então lentamente, ela disse:

—Você. Está. Me.Gozando.

—Não.

Houve uma pausa e depois gritou:

—Por que você não me contou?

—Eu estava, hum ... ele saiu da cidade e eu não tinha certeza de que, hum ... quando ele voltou, nós ainda ...

—Ele está de volta?

—Ele voltou ontem.

—Você ainda está...?

—Sim.

—Eu sabia.

—Você sabia?

—Garota, um homem não fica como ele ficou quando as flores foram entregues, quando não é nada, mas apenas um convite conveniente para a porta ao lado.

—Ainda é uma chamada de sexo.

—Besteira.

—Não, ele deixou isso claro. É só sexo.

Eu ouvi um som "*poof*" de respiração expelida pelo telefone e, em seguida:

—Sim, certo.

—Colt ficou intenso quando as flores foram entregues também.— a lembrei.

—Sim, Colt também teve o idiota de todos os idiotas fazendo uma porra louca pra ele e para February por vinte malditos anos, então ele conhece sua dor como nenhuma outra.

Cheryl esteve envolvida naquela bagunça, não por vinte anos, mas também não de um jeito bom, não que houvesse uma boa maneira naquilo, exceto talvez o fato de que o cara louco acabara cheio de balas. Ela me contou tudo sobre isso algumas noites atrás. Fiquei surpresa por ela ter ultrapassado tão rápido. Já fazia mais de um ano, mas ainda assim ela estava certa. Foi “doente da porra de louco” e ela chegou ao outro lado.

Por outro lado, Cheryl tinha compartilhado outras coisas de sua vida, então tenho a firme impressão de que ela era uma lutadora.

—Seu gostoso, bad boy, jogador, vizinho não conhece sua dor. — Cheryl continuou no meu ouvido. —Ele só ficará macho alfa quando alguém transar com a mulher dele.

Meu coração acelerou e sussurrei:

—Eu não sou mulher de Joe.

—Baby, sério? Acorde.

—Eu não sou.

—Tudo bem. — ela falou e continuou — Diga-me, porque você não é?

—Bem, ele não me convidou para sair. — comecei.

—Ele fodeu você?

—Hum, sim.

—Esse é um encontro para um cara. — declarou ela. — Próximo.

Eu comecei a rir.

— Cheryl, na verdade, ele não fez promessas.

—Eles nunca fazem.

—Tim fez.

—Tim tinha dezoito anos, era um garoto decente e engravidou sua cadela. Apenas os caras não-decentes, como o fodido pai de Ethan, que enlouquecem quando essa merda os atinge. Você teve sorte.

Eu sabia disso, rapaz, eu sabia disso.

—De qualquer forma, o que mais? — Cheryl empurrou.

—Você o conheceu, eu não sei como ele foi com você, mas ele é muito hétero e deixou claro. Seu caminhão está na garagem, sou bem-vinda em sua cama. Fora isso, não sou. Eu o convidei para o jantar, panquecas, e até as garotas o convidaram para jantar. Ele nunca veio.

—Ele levou você para o shopping.

—Ele foi induzido por Keira.

—Garota, você ficou fora do mercado muito tempo. Você se casa com um homem, ele está legalmente obrigado a arrastar sua bunda para o shopping com você. Sua garota é

fofa, doce e engraçada, mas não há homem nesta vida que vai a um shopping a menos que haja alguém com quem ele queira estar enquanto ele estiver lá ou se houver alguma merda de venda quente na TV. Uma adolescente doce, fofa e engraçada induzindo-o ou não. E essa é a verdade sincera de Deus.

Eu lambi meus lábios e pensei na noite passada. Pensei em como Joe me encontrou no convés como se esperasse que eu aparecesse, tão ansioso para me ver depois de uma semana e meia, quanto eu para vê-lo. Lembrei sobre como ele foi até a minha casa para torná-la mais segura para as minhas meninas. Recordei todo aquele drama triste, louco e feio com sua ex-esposa assustadora e bêbada e como ele ficou e depois me deixou ficar com ele. Ponderei sobre como Joe quis que eu fosse para casa em sua camiseta. Se isso não fosse uma declaração, ele me dando suas roupas, mesmo exigindo que eu as usasse, nada seria. E pensei no que Cheryl me dizia.

E eu não podia me envolver de novo.

— Cheryl — eu disse suavemente —não posso ir lá de novo.

—Baby...

—Não, eu simplesmente não posso. Ok? Isto é o que é, tudo o que é, e estou bem com isso agora que sei o que é. Eu vivo minha vida e não estou sozinha a maior parte do tempo, o sexo é fantástico e posso levar apenas isso. Outra coisa surge então vem junto. Joe lidará com isso.

—Outra coisa aparece, a porra da cabeça de Joe explodirá.

Eu não tinha certeza se isso era verdade. Nem garantiria que Joe não daria de ombros, e diria: “Aproveite sua vida, Buddy e vá nessa”. Eu não tinha certeza disso.

Então precisava ficar onde estava e não ir lá novamente.

—Podemos parar de falar sobre isso?

Cheryl ficou em silêncio, então perguntou:

—Você vem comigo esta noite?

Eu não poderia ir para o Joe até que as meninas estivessem dormindo, então eu disse:

—Sim, claro, parece divertido.

—Vai ser uma explosão. Encontro você lá às oito e meia, tá bom?

—Ótimo.

—Legal, te vejo então e ... se arruma, querida, eu não preciso da competição.

—Cale a boca, você é linda.

—Eu sou um imã de pênis.

—Nós encontraremos um bom.

—Bem, espero que você possa identificá-los porque eu não posso — ela me disse, em seguida, terminou — até mais tarde.

—Tchau.

Ela desligou e eu me levantei da minha cama. Tomando outro gole do meu refrigerante, atravessei o quarto, abri a porta e gritei:

— Keira! Você vem comigo para o KFC?

—Sim! — Keira gritou de volta.

Coloquei o telefone na sua base carregável na cozinha, peguei minha bolsa, Keira chegou na cozinha e eu empurrei minha filha para fora da porta. Eu consegui não olhar para a casa de Joe quando entrei no meu Mustang, saí e fui embora.



Olhei no espelho do banheiro e esperei que Cheryl não ficasse puta comigo.

Eu decidi não me arrumar, mas fiz um esforço. Eu não sabia por que, só que depois do KFC, com Dane comendo a grande maioria do balde que eu sabia que ele faria e também porque eu comprei um balde inteiro, eu tive vontade de fazer um esforço. Eu não tinha feito nada desde antes de Tim morrer, exceto o vestido para o funeral, onde eu poderia me arrumar, usar algo um pouco melhor e me sentir bem comigo mesma por um tempo, então eu fiz isso.

No entanto, se Cheryl usava sandálias de salto alto para um churrasco no quintal, percebi que meu esforço seria insignificante em comparação.

Eu terminei meu brilho labial e caminhei até o escritório, escolhendo joias e colocando-as. Então olhei para o meu celular.

Desde que comecei meus preparativos, eu olhava para o meu telefone cerca de duas dúzias de vezes, lutando para fazer ou não a ligação.

Então eu me peguei pensando, *foda-se*.

Eu fui até a lista telefônica, rolei para baixo, encontrei o número que Colt tinha me dado e eu programei como "Joe Celular" e apertei SEND[11].

Tocou três vezes.

Em seguida, ouço a voz rouca de Joe dizendo:

—Ei.

—Joe?

Silêncio então:

—Vi.

—Ei.

—E aí, Buddy?

—Um ...

Eu não tinha ideia de porque não perguntei a minha filha e seu namorado sobre isso, mas principalmente não porque ela não me deu essa informação e eu tive o cuidado de não ser muito intrometida com a minha filha adolescente, mas ainda queria saber.

—Vi?— Joe chamou no meu ouvido.

—Por que Kate e Dane foram aí hoje?

Joe não hesitou em responder.

[11] Tecla de chamada.

—Dane queria saber sobre o que eu faço.

—O quê?

—Kate conversou comigo no shopping, disse que Dane estava interessado em meu negócio. Ele é um veterano no próximo ano, ele está considerando seu futuro.

—Oh. — eu murmurei, pensando novamente que Dane era um bom garoto, tendo tempo para considerar seu futuro e ser inteligente o suficiente para falar com um especialista sobre isso, então eu olhei para o relógio, vi que já eram oito e vinte e cinco e que precisava sair de lá então eu murmurei: — Bem, obrigada.

—Violet.

—Sim?

—É isso?

—Sim.

—Tudo mais está bem?

—Um ...— Eu decidi por um anel diferente do que eu coloquei, peguei o que eu tinha, guardei o outro e disse: —Sim, claro, por quê?

—Você parece preocupada.

—Eu sou uma mãe, estamos sempre preocupadas.

—Algumas vezes você não está preocupada, Buddy.

Parei de me mexer e senti uma onda de calor entre as minhas pernas, lembrando-me daquelas mesmas vezes.

—Joe. — eu sussurrei.

—O que está em sua mente?

Os espíritos chamaram os parceiros para se importar com o que estava na mente de seu espólio?

—Um ...

—Vi.— sua voz rouca era um aviso. Não achei que gostasse de perguntar duas vezes.

—Keira quer um cachorro. — Eu soltei.

—O quê?

—Keira quer um cachorro. Ela sempre quis um cachorro. O cachorro de sua amiga Heather teve filhotes, eles são um tipo de raça que custa muito dinheiro e Keira quer um.

—Então compre um cachorro para ela.

—Eles custam duzentos dólares, são uma boca extra para alimentar e eu preciso de contas do veterinário como se eu precisasse de um buraco na cabeça.

Isso foi recebido com total silêncio. Silêncio tão total, que me assustou e parei aleatoriamente de vasculhar minha caixa de joias e ouvi a absoluta totalidade do silêncio.

Então, em voz baixa, Joe disse:

—É comida de cachorro, Buddy.

—Eu sei.

—Isso não é uma boca extra para alimentar.

—Um ...

—Você está precisando?

—De quê?

—Dinheiro.

Eu engoli em seco, pensando que este definitivamente não era território de chamada de sexo.

—Estamos bem.

Mais uma vez esse silêncio absoluto.

Então ele murmurou:

— Besteira.

—Não, estamos bem.

—Nós conversaremos quando você chegar aqui esta noite.

Nós conversaremos?

—Joe...

Sua voz baixou quando ele ordenou:

—Vista a minha camisa, baby.

Meu estômago revirou, não agradavelmente, e eu sussurrei:

—Você a quer de volta?

—Não, quero foder você de novo.

Meu estômago revirou novamente, desta vez agradavelmente, e eu sussurrei:

—Ok.

—Melhor que suas camisolas.

—Você nunca me fodeu em uma das minhas camisolas. — lembrei ele. —Você sempre as tira.

—A pele é melhor que renda, Buddy.

—Oh.

—Essas coisas são doces, mas você é mais gostosa nua.

—Oh.

Uau.

Ele pensou que eu parecia melhor nua do que em minhas camisolas?

Uau.

—Alguma coisa mais preocupa você? — Ele perguntou.

Pareceu-me que ele queria conversar. Tirar de mim a constante carga da minha mente, uma que eu costumava ser capaz de compartilhar com Tim, que suportara sozinha por muito tempo.

Isso é o que parecia para mim.

Pensando bem, provavelmente, isso foi o que eu queria que parecesse.

—Não, exceto pelo fato que eu suspendi a proibição de Dane estar aqui quando eu não estiver e me perguntando se isso foi ou não, a coisa certa a fazer.

—Olhei sua casa ontem à noite quando cheguei na minha. As crianças estavam todas na cozinha, fazendo o jantar e rindo. Você esteve bem, pelo menos na noite passada.

—Mesmo?

—Sim.

Eu gostei do pensamento de Joe olhando a minha casa e vendo as crianças rindo. Isso foi bom.

Foi bom até Joe continuar.

—Ainda assim, ele é um adolescente assim a cada minuto ele está pensando em ficar nas calças dela.

Isso foi ruim.

—Joe!

—Falando sério, Buddy, você deveria saber disso e deveria falar com ela sobre os preservativos.

—Eu já falei com ela sobre a abstinência.

Joe começou a rir e eu congelei, ouvindo a riqueza disso. Eu nunca o ouvi rir. Nem estava certa de que ele pudesse rir. Ele era o meu sexy-da-porra-bad-boy, amante da porta ao lado, segurança para as estrelas. Ele era um macho alfa sério, assustador, robusto e sinistro. Homens assim não riam.

Quando sua risada morreu, ainda pude ouvir seu timbre na pergunta.

—Seus pais falaram com você sobre a abstinência?

—Minha mãe é assexuada. Acho que meu pai sequestrou Sam e eu.

—A mãe de todos é assexuada.

—Não como a minha. Ela é um robô programado para apenas uma emoção, desaprovação.

—Vejo que você não é próxima de sua mãe.

—Ela nem me envia um cartão de Natal.

Novamente, houve silêncio, desta vez foi estranhamente pesado, então ele perguntou:

—Nenhuma merda?

—Nenhuma. Ela não tem nada a ver comigo ou com minhas garotas.

—Isso é fodido.

—Sim.

—Você manda para ela?

—Todo ano, mas só porque eu gosto do meu pai e porque ele compra presentes para as garotas na internet que ele pode esconder da minha mãe entre outras compras.

—Sua família parece meio fodida, Buddy.

—Eu sou americana, é o jeito americano.

—Certo, entendi. — ele murmurou.

Eu queria perguntar sobre a família dele. Eu sabia que sua mãe era italiana e de Chicago, mas havia muitos italianos em Chicago, por isso eles faziam a melhor pizza do mundo, fora da Itália, eu imaginava, já que nunca fui à Itália. Quando ele falou dela, ele disse “foi” o que me fez pensar que ela não estava mais por perto. Ele também tinha um primo assassinado chamado Vinnie de quem ele era próximo e que estava na máfia, pré-assassinato. Essa era uma informação assustadora e eu tentava ignorá-la, especialmente porque Daniel Hart estava envolvido. Isso era tudo o que eu sabia.

Mas não, não me sentia à vontade para perguntar, e tinha que ir encontrar Cheryl. Eu estava agora, oficialmente, atrasado.

—Joe, tenho que ir.

—Tudo bem, Vi. —Eu já ia dizer adeus, mas ele continuou — Quando eu ver Dane novamente, terei uma conversa com ele.

Eu pisquei e perguntei:

—Sobre o quê?

—Sobre respeito.

—Respeito?

—Respeito por sua mulher. Cuidar dela.

Eu congelei novamente.

Então eu sussurrei:

—Joe...

—Imagino que você não se arrependeu do que aconteceu com você, pois você tem Kate, mas essa merda é ruim para eles, e pode ser diferente, eles devem estar bem informados. Sim?

Por que ele estava sendo tão legal?

E rindo?

E interessado em tudo?

Eu não encontrei nenhuma resposta porque Joe continuou falando.

—Falando nisso, Vi, você disse que não tomava a pílula e nós não ...

—Eu, uh ... voltei depois da primeira vez, que nós, uh ...— Deus, quão embaraçoso. —De qualquer forma, não se preocupe. Está tudo bem.

Quão divertido sobre as chamadas de sexo, eu estava com minha menstruação regular.

Ele cortou meu constrangimento com um silêncio:

—Boas notícias, baby.

E por que ele me chamou de “baby” com mais frequência?

Eu não estava reclamando, mas as chamadas de sexo usavam palavras doces?

Eu precisava perguntar a Cheryl, então eu repeti:

—Joe, eu tenho que ir.

—Use sua porta lateral hoje à noite, e tranque-a.

—Ok.

—Até mais tarde.

—Tchau.

Eu desliguei meu telefone e olhei para ele.

Ele continuou movendo o relacionamento para este negócio de chamadas de sexo. Como ele poderia dizer não para jantar, mas depois falar com o namorado da minha filha sobre preservativos e respeito pela sua “mulher”?

Não fazia sentido e eu não tinha tempo ou experiência para ficar no meu quarto pensando nisso. Eu precisava ir para a J&J's.

E de qualquer forma, Cheryl teria as respostas.



Retornando do banheiro para o bar, vi Cheryl sentada ali, uma bebida fresca na frente dela, outra na frente do meu banquinho vazio, e um homem de cabelos loiros, alto, extremamente atraente e moreno, atrás dela. Ela estava torcida em seu banquinho, olhando para ele e conversando.

Eu não estava errada sobre a sua roupa, Cheryl definitivamente me fez pálida em comparação. Nenhum homem olhava para mim, considerando a quantidade de decotes e pernas que exibia. Eu realmente vi dois caras andar entre as mesas porque eles estavam hipnotizados por sua exibição de carne.

Passei por algumas pessoas e por perto do cara loiro, com quem Cheryl conversava para chegar ao meu lugar. Ele olhou para mim enquanto eu me espremia, então vi que ele tinha belos olhos castanhos escuros e era mais do que um pouco atraente de perto.

—Hey.— ele me cumprimentou e pude dizer que também tinha uma voz agradável e rouca.

—Oi. — eu respondi.

Ele continuou olhando para mim e eu sorri para ele, esperando que Cheryl nos apresentasse. Quando ela não o fez, eu olhei para ela para ver que ela olhava para o final do bar de Colt, era o jeito que eu pensava daquele lugar, já que Colt sempre sentava no último banquinho do bar, mais próximo da parede, e do escritório atrás dele. Ela sorria, um sorrisinho sorrateiro, e eu estava prestes a olhar por cima do meu ombro para ver para quem ela sorria quando o homem falou:

—Eu sou Mike.

Eu olhei para ele e disse:

—Violet.

—Eu sei, Cheryl mencionou que ela estava com você esta noite.

—Ah. — eu disse, porque não havia resposta real para isso.

Peguei meu suco de cranberry e vodca e chupei o canudo.

Ele continuou falando.

—Você também deve saber que eu conheço você porque eu trabalho com Colt.

Larguei a minha bebida e perguntei:

—O quê?

—Eu sou um policial. Tenente Mike Haines.

—Uh ...

—Está tudo bem, Violet, eu só não queria que você descobrisse mais tarde que eu sabia do seu problema. Seria

uma droga, nós tivemos uma conversa, eu não mencionei e então você descobriu que eu sabia tudo sobre isso. Você pensaria que eu sou um idiota, então achei melhor colocá-lo lá fora.

Isso foi bom, então eu sorri e disse:

—Obrigado.

Ele sorriu de volta e disse:

—Espero que não seja estranho. Não consigo imaginar o quão estranho seria sentir alguém conhecendo você antes de conhecê-lo. Não sei como Feb lida quando os turistas curiosos em série chegam no bar.

Feb havia mencionado isso para mim na festa de Natal na casa de Myrtle. Ela me contou como as pessoas que ouviram sobre seus maus negócios e leram sobre isso no livro que foi publicado vieram ao bar. Estava acalmando, mas no começo era constante e nem ela, nem Colt, nem ninguém na cidade gostava muito.

—Infelizmente, acho que ela está acostumada.— eu disse a ele.

Ele sorriu de novo e, desta vez, notei que ele tinha um sorriso bonito, na verdade, era um sorriso muito legal. —Sim.

—De qualquer forma, obrigado por ser honesto.

—Colt não fala, ele apenas nos informou no caso da merda cair. — Mike me assegurou.

Eu sorri de novo também e disse:

—Bom, feliz que você esteja informado.

—A merda tem caído?

Eu balancei a cabeça.

—Desde as flores? Não.

Cheryl, que ficou em silêncio durante a nossa conversa, de repente levantou-se.

—Eu vou ao banheiro. Vocês dois conversem. —Ela olhou para Mike e disse:— Você pode tomar meu banquinho. Eu cruzarei o quarto antes de voltar. Apenas no caso de Colt não ter lhe dado o resumo completo, ela trabalha no centro de jardinagem e tem duas filhas. Elas são lindas, boas garotas. Ela é legal então, você fode com ela, você está na minha lista de merda. —Então ela olhou para mim e disse, diretamente — Ele tem um filho e uma filha, e é solteiro. Seu divórcio foi finalizado dois meses atrás, não sei o que aconteceu com o divórcio, perguntei a Colt e ele não falou, Feb também não. Guarda compartilhada. Não conheci seus filhos, então não posso garantir que não sejam desordeiros. Cuidado. —Então, depois de compartilhar essas informações, ela me deu um tapinha no ombro, a Mike no braço e ordenou:— Comece a flertar. —Então foi embora.

Eu assisti Cheryl se mover e fiz isso com a minha boca aberta. Eu sabia que estava aberta, mas não consegui encontrar em mim algo para fechá-la.

Mike pegou seu banquinho e se inclinou para mim, então eu balancei meus olhos para ele.

—Relaxe, Violet. — ele colocou a mão no meu joelho, deu um aperto e depois tirou a mão. —Eu sou todo para flertar, se

você estiver pronta para isso, mas nós também podemos apenas conversar.

—Eu não tenho ideia de como flertar. — eu soltei. —Eu casei com meu namorado do ensino médio.

Ele sorriu e eu notei que tinha um sorriso bonito também, mais do que legal, era diabólico, então ele perguntou:

—Quer aprender?

Eu ri do conceito do tenente Mike Haines, um filho, uma filha, guarda compartilhada, me ensinando a flertar no J&J's Saloon e respondi:

—Claro, mostre-me, como você flerta?

—Você quer do jeito duro ou da forma mais sutil? — Ele perguntou.

Peguei meu copo e descansei o canudo no lábio, olhando para ele o tempo todo e decidi ser aventureira.

—Duro.

Então eu usei a ponta da minha língua para pegar meu canudo, chupei um pouco de bebida e vi seus olhos observando minha boca fazer isso.

Então seus olhos voltaram para os meus e ele murmurou:

—Chega dessa merda.

Eu balancei minha bebida e perguntei:

—O quê?

—O truque do canudo. — ele inclinou a cabeça para a minha bebida —Flerte avançado. — eu olhei para a minha

bebida, em seguida, para ele quando ele terminou com aprovação — A língua, toque agradável.

Eu me senti, de repente, estranha e coloquei meu canudo de volta aos meus lábios, murmurando:

—Um ...— então eu cobri o fato de que não sabia o que dizer, sugando outro gole.

Mike continuou.

—A próxima coisa que você fará é amarrar o caule de uma cereja em um nó com a sua língua.

Engasguei com meu suco de cranberry e vodca.

Mike colocou a mão nas minhas costas, o que foi fácil de fazer, considerando que eu estava inclinada quase me dobrando, tentando respirar fundo enquanto ainda sufocava.

—Ei, você está bem?

Eu levantei, coloquei meu copo no bar e bati no meu peito.

—Só ... desceu pelo tubo errado.— ofeguei.

—Tome outro gole, ajudará. — Mike aconselhou, então tomei o seu conselho e ele estava certo.

Eu coloquei o copo de volta no bar, olhei para ele e disse hesitante:

—Então, hum ... pergunta paquerando.

—Mande.

—Você se importa se eu perguntar quantos anos você tem?

—Não. — ele sorriu.

Eu sorri de volta quando ele não respondeu e perguntei:

—Quantos anos você tem?

—Quarenta.

—Ok, eu tenho trinta e cinco.

Ele ainda sorria quando disse em um riso:

—Certo.

Eu continuei.

—E você está dizendo que, em nossas idades, no truque de flertar, o caule de cereja ainda funciona?

—Querida, eu terei cento e dois e isso funcionará como o Viagra.

Merda!

—Por quê? — Ele perguntou, me observando de perto.

—Só que, eu pensei que vocês meninos superaram isso em, digamos, dezenove, talvez vinte anos atrás.

—Não.

Eu não pude acreditar. Flertei com Joe o tempo todo que estivemos juntos na J&J's. Não admira que ele pensasse que podia me levar para casa e me foder.

—Violet, você está bem?

—Não.— eu disse a Mike. —Não muito tempo atrás, um cara me disse que me pagaria cinquenta pratas para amarrar

uma haste de cerejeira com a minha língua. Pensei que ele estava brincando com isso.

Mike sorriu e disse:

—Desculpe querida, ele não estava.

—Merda. —sussurrei.

—Você fez?

—Sim. — respondi. —Ele não parecia impressionado.

—Oh, ele ficou impressionado. — Mike me assegurou.

Eu acho que ficou, porque que ele me arrastou para fora do bar não cinco minutos depois, me levou para casa e me fodeu.

Deus, eu fui uma idiota.

—Você ganhou os cinquenta?

—Mais ou menos... tivemos uma briga no dia seguinte e joguei na cara dele.

Mike começou a rir.

—O quê?— Perguntei quando pensei que ele me ouviria sobre sua risada.

Ele se inclinou.

—No dia seguinte? — Ele balançou a cabeça quando percebeu o que falei ou o que ele achava que eu disse, que era, essencialmente, o que eu informei com isso e então ele sussurrou: —Querida.

—Eu sou uma idiota, não sou?

—A verdade honesta de Deus? — Ele perguntou.

—Sim. — respondi.

—Quando você se espremeu para passar por mim, achei que você era a mulher mais bonita que vi nesta cidade desde que Feb chegou em casa. Agora eu acho que você é fofa pra caramba, mas ainda é linda. O que eu não acho é que você seja uma idiota.

Mordi o lábio e sussurrei:

—Obrigada.

—Não pagarei cinquenta dólares, mas a levarei para jantar amanhã à noite, se você amarrar um caule de cereja em um nó com a sua língua. — ele ofereceu —Embora, você deva saber, que mesmo que não consiga, eu ainda te levarei para jantar amanhã à noite.

—Você está me convidando para sair? — Perguntei como uma imbecil.

—Sim. — ele respondeu baixinho, não fazendo me sentir como uma idiota.

Eu não sabia o que responder. Gostei dele, mas Joe agia de forma diferente e, considerando que Cheryl e eu não estávamos lá apenas para uma bebida que levou a duas quando Mike se apresentou, e ela conhecia todo mundo no bar e me apresentou a todos eles, então eu não tive tempo de perguntar a Cheryl sobre Joe, consequentemente não sabia o que pensar de Joe.

No entanto, Joe deixou claro o que eu deveria achar sobre ele e, sabendo que o homem era bem claro sobre quase tudo, imaginei que deixaria claro se eu deveria pensar diferente sobre ele.

E Mike era bonito, legal, engraçado, tinha um grande sorriso diabólico e me achava linda.

Por isso, respondi:

—Ok.

—Lembre-me. — ele disse e eu pisquei.

—Lembrar-lhe?

—Lembre-me, amanhã à noite, que você me deixará te beijar quando te levar para casa, e para agradecer a Colt por pegar aquele caso que bateu na minha mesa, então ele está trabalhando esta noite e eu estou aqui com você.

Eu estava errada. Mike era bonito, engraçado, achava que eu era linda e ele era realmente legal.

—Seus filhos são arruaceiros? — Eu perguntei e ele sorriu.

—Sim, terrores. É bom que eles estejam crescendo e saindo de casa com seus amigos a maior parte do tempo, agora eles podem aterrorizar outras pessoas. Suas garotas?

—Kate é tranquila, exceto que ela está envolvida com um garoto, então ela praticamente não existe a menos que sua essência esteja inserida no contexto. Keira é uma dor no rabo, mas pelo menos ela é engraçada enquanto está sendo.

—Soa como adolescentes.

—Você deveria ser avisado, Keira também escuta boy bands. — eu o observei estremecer e não pude deixar de rir.

—Meu filho Jonas está em uma banda. Bateria. —ele me informou.

—Ouch.

Ele assentiu e acrescentou:

—Alto.

—Ouch novamente.

Peguei meu copo e tomei outro gole, seus olhos caíram para ele e ele perguntou:

—Você quer outro?

Eu balancei a cabeça e disse:

—Vim dirigindo. — Então eu me inclinei para ele e compartilhei conspiratoriamente: —Veja, dizem os boatos, que os policiais estão pendurados neste bar. Não seria bom para uma menina ficar embriagada e depois deslizar para trás do volante de um carro.

Ele se inclinou mais perto também e sorriu antes de dizer:

—Sim, eu ouvi esse boato também e policiais realmente não gostam dessa merda. Mas, se eu comprar uma bebida para você, você promete pegar um táxi para você e Cheryl?

Eu balancei a cabeça enquanto eu chupava meu canudo, ele observou minha boca e então balançou a cabeça, murmurando:

—Lições de flerte, porra.

—Eu não estou flertando. — neguei.

—Então, querida, você é natural.

Não respondi porque vi seus olhos passarem por trás do bar, ele deu um puxão no queixo e depois inclinou a cabeça para mim, o que eu suspeitava ser seu não-verbal, pedido de outra bebida para mim. Seus olhos voltaram para mim, mas então eles pularam por cima do meu ombro e ele se endireitou um pouco. Ele se concentrou em algo e depois olhou para mim.

—Violet, há uma razão pela qual Joe Callahan está olhando para mim como se ele quisesse arrancar minha cabeça?

Senti meu corpo tenso, meu peito se expandindo e sussurrei:

—O quê?

Seus olhos voltaram por cima do meu ombro e eu observei seu corpo relaxar enquanto murmurava:

—Deve estar vendo coisas.

Eu olhei por cima do meu ombro para ver o banquinho de Colt vazio, assim como aquele ao lado dele. Um grupo de pessoas que eu não conhecia estava encolhido no final do bar. Não Joe.

—Eu sei que Cal está ajudando com o seu negócio, e ele é seu vizinho.— Mike falou, então olhei de volta para ele. — Poderia jurar que ele estava lá, parecendo chateado como o inferno.

—Ele não estava lá?

—Ele estava, mas agora ele se foi. O homem é rápido, sempre foi.

Ao pensar em Joe lá, eu lambi meus lábios e os mordi e Mike ficou mais intenso.

—Há uma razão pela qual ele poderia olhar para mim desse jeito?

Eu olhei em seus olhos e lembrei que ele foi honesto comigo logo de cara. Ele merecia a mesma coisa.

—Joe e eu somos complicados.

—Você o chama de Joe?

—Sim.

—Ninguém o chama de Joe.

Dei de ombros.

—Quão complicado? — Ele pressionou.

—Eu realmente não sei, mas acho que, no final, não muito.

—O que isso significa?

—Honestamente? — Eu perguntei e ele assentiu. —Eu gostaria de saber. Eu não sei. Tudo o que sei é que ele está sendo legal sobre a questão da segurança, ajuda a manter minhas garotas seguras e ele e eu não estamos muito bem definidos.

—Não muito bem definidos?

—De modo nenhum.

—Soa como Cal. — ele murmurou e um calafrio correu pela minha pele, tão frio, que tremi. —Você está bem com isso? — Mike continuou.

—Na verdade não.

—Você quer definido?

—Eu tive claramente definido por dezessete anos. Não era perfeito, mas era muito bom. Então, sim, eu quero definido.

—Não querendo ferrar com você, Violet, juro por Deus, mas Cal não é para *definido*.

Eu sabia disso, mas era ruim confirmar.

—Ele me deu essa impressão. — eu disse a Mike.

O queixo de Mike ficou duro e ele olhou para o bar enquanto minha bebida era colocada lá por Darryl. Ele puxou sua carteira, deslizou uma nota, deu um breve aceno de cabeça a Darryl e eu tomei o último gole do meu último drinque antes de trocar o vazio pelo meu novo.

—Mike? — Eu chamei e seus olhos cortaram para mim.

—Sim?

Eu respirei fundo e perguntei:

—Como você está para o *definido*?

—Eu gostei do definido. Minha esposa gostava de bolsas de grife que eu não podia comprar com o salário de um policial, nossas contas de cartão de crédito estavam fora do telhado, mês após mês, não importava o quanto eu falasse com ela sobre isso. A casa não era grande o suficiente. O carro, não

esportivo o suficiente. Ela se casou com um policial, não sei o que ela achava que conseguiria, especialmente quando ela também achava que não precisava trabalhar. Então sua definição de *definido* não era a mesma que a minha. Mas sim, no final, definido é muito melhor do que não definido, contanto que ambas as pessoas cheguem aonde estão indo.

—Eu gosto de bolsas de grife. — eu disse a ele.

—Ótimo. — ele murmurou.

—Mas, eu trabalho.

Ele olhou para mim.

—E, bem, obviamente, eu gosto que minhas filhas tenham o que comer e talvez, se eu puder, a mais jovem terá o cachorro que ela sempre quis e isso é mais importante do que uma bolsa de grife.

Ele continuou olhando para mim e disse baixinho:

—Sim.

—E, a propósito, todas as mulheres gostam de bolsas de grife. — eu disse a ele, peguei minha bebida tomei um gole e terminei —Só para avisá-lo. Se você está procurando uma mulher que não gosta delas, bem ... você está meio ferrado.

Ele sorriu e perguntou:

—Todas precisam de uma por mês?

Eu engasguei com a minha bebida novamente, felizmente não ao ponto que tivesse que me inclinar e respirar fundo, em seguida, perguntei:

—Ela comprava uma por mês?

—E nem falarei dos sapatos.

—Claro, eu gostaria de uma por mês, se eu fosse Ivana Trump.

—E eu não sou Donald.

—Eles também são divorciados.

Ele desatou a rir e eu ri com ele, essa risada era boa, e eu não ria assim há algum tempo, nem sorria tanto assim. O riso era especialmente bom, já que seu rosto era ainda mais bonito quando ele ria.

Nós conversamos um pouco depois que Cheryl voltou, chegando vazia de seu cruzeiro. Ela começou a transmitir as informações sobre como todos os homens no bar eram perdedores e Mike sabia que era hora de seguir em frente. Ele pegou meu endereço, meu número de telefone e me disse que estaria em minha casa na noite seguinte para me buscar às sete e meia.

Ele também se inclinou, sua mão enrolada em volta do meu pescoço e ele tocou minha boca com a dele, em seguida, seus lábios foram para o meu ouvido e ele sussurrou:

—Vai ser melhor amanhã à noite, querida, prometo.

Então antes que eu pudesse dizer uma palavra, o que não consegui fazer porque estava concentrada na pequena vibração no meu estômago, ele me soltou e saiu.

—Vivo nesta cidade há um ano e não tenho nada. Você está aqui há alguns meses e tem dois caras quentes em cima

de você. — Cheryl reclamou enquanto se sentava e então ela gritou:— Dee, eu estou seca!

— Cheryl, eu estou ferrada. — eu disse a ela. —Joe estava aqui.

Seus olhos vieram para mim e ela disse:

— Claro, querida, eu o vi, por que você acha que eu chamei o Mike? Mike vem o tempo todo, sabia que você era do tipo dele. Se isso funcionar, eu deveria vender meus serviços como casamenteira.

Eu ainda deixava a primeira parte do que ela disse afundar. —Você viu Joe?

—Sim, ele entrou enquanto você estava no banheiro.

—Por que você não disse nada?

—E perder a minha chance de forçar a vir para Jesus? De jeito nenhum!

Dee colocou a bebida de Cheryl na frente dela e se afastou. Cheryl colocou o canudo nos lábios e sugou um enorme gole.

—Vir para Jesus? — Eu perguntei através de seu gole.

Ela colocou a bebida no bar e se virou para mim.

—Sim, ele vê que você está flertando com um cara quente, ele se move para proteger sua propriedade ou se afasta. De qualquer forma, você sabe onde está e sabe o que precisa fazer. Vir para Jesus.

—Então, você orquestrou isso?

—Eu sou sua amiga?

—Eu não sei, depende se a cabeça de Joe explodir.

—Você não quer?

— Cheryl, você não tem estado perto dele quando ele está chateado, ele é meio assustador.

—Ele fica físico?

—Na verdade, a menos que você queira dizer físico sexualmente, a resposta é sim, muito, mas essa é a parte boa.

Ela sorriu.

—Espero que sim. Se não, Mike é legal, ele também é bom, é gostoso e espero que o sexo com ele seja a parte boa também, então você ganha de qualquer maneira.

Ela não estava errada sobre isso, mas de alguma forma, parecia que estava.

Eu chupei mais da minha bebida, olhei para onde Mike olhava quando ele viu Joe e vi alguém que eu não conhecia sentado no banquinho ao lado de Colt. Eu pensei em Joe e em sua camiseta naquela noite e pensei sobre Mike e nosso encontro.

E pensei em como minha vida era muito menos complicada antes que Daniel Hart a destruísse, ordenando um golpe no homem que eu amava e que era o pai das minhas filhas.

Então eu suspirei e chupei mais bebida.



Mesmo que estivéssemos ambas apenas um pouco tontas, sendo boas cidadãs, e bebendo em um bar que de fato era frequentado por policiais, Cheryl e eu pegamos um táxi para casa. Eu fui largada primeiro.

Tirei meu controle remoto da bolsa, desarmei o alarme, entrei pela porta lateral, tranquei e armei o alarme novamente. Eu verifiquei Keira que dormia, depois Kate, que também estava dormindo.

Quando eu caminhava para o meu quarto, meu celular começou a tocar.

Fui até ele no balcão da cozinha, vi o visor dizendo “Joe Chamando” e perdi o fôlego.

Então atendi, coloquei o telefone no meu ouvido e forcei para sair:

—Olá.

—Traga sua bunda aqui.

—Joe...

—Agora, Buddy.

Então eu não ouvi mais nada, ele desligou. Eu congelei no escuro da minha cozinha com um telefone morto no meu ouvido e pensando que talvez a ideia de Cheryl sobre vir para Jesus não fosse uma coisa tão boa.

Eu também achei que talvez eu devesse me esconder no meu quarto, mas Joe não só sabia onde eu morava, ele morava ao lado e instalou meu sistema de alarme e provavelmente tinha o conhecimento de como contorná-lo, então eu estava praticamente ferrada.

E com o que eu estava preocupada? Essas eram as regras dele. Eu o convidei para jantar, ele me disse que tinha acabado comigo. O que? Eu não posso ir jantar quando alguém me convidar porque Joe, aparentemente, não terminou comigo?

Eu apertei os botões no controle remoto para desarmar o alarme, peguei minhas chaves, destranquei a porta, saí da minha casa e armei o alarme. Eu andei entre minha casa e minha garagem e virei à direita em direção ao convés de Joe.

Entrei em seu quintal e quase tropecei.

Ele estava de pé no escuro em seu convés, o quadril contra o corrimão, o pé cruzado no tornozelo, os braços cruzados sobre o peito enorme, esperando por mim. Ele vestia o que parecia ser uma camiseta preta, e parecia não ter mais nada, jeans, ele também não parecia ter nada além de jeans e botas, provavelmente suas botas de motocicleta, que era tudo que eu já o vi usar.

Subi dois dos quatro degraus antes que ele se movesse, inclinando-se para pegar minha mão e então ele me arrastou pelos dois degraus restantes tão rápido que quase tropecei de novo. Então ele me empurrou para dentro de sua casa e me soltou, virando-se para fechar a porta de vidro e depois voltando para mim.

—Joe...

—Você joga esse jogo com frequência, Buddy?

—O quê?

—Em seu banquinho, bêbada e fofa, chupando seu canudo?

—Você tem a ideia errada.

—Sim? Você jogou comigo da mesma maneira, exata e fodida.

Senti um pouco do meu medo escorregar enquanto a raiva o substituía.

—Eu joguei com você?

—Senti como se estivesse assistindo a um filme depois de um retrocesso.

Eu me inclinei para frente e assobiei:

—Seu idiota!

Ele se mexeu e Mike estava certo, ele era rápido. Eu me encontrava encostada numa parede antes de saber o que estava acontecendo.

Minha raiva morreu uma morte prematura e voltei ao medo.

—Joe...

Suas mãos estavam deslizando ao redor das minhas costas e para baixo para minha bunda quando ele disse:

—Eu brinco com você esta noite.

—Não! — Eu pedi. —Joe, me escute, eu nunca flertei.

—Baby, você é a melhor paqueradora que eu já conheci.

—Sim, eu sei, mas só descobri hoje à noite. — eu disse a ele, colocando minhas mãos em seu peito e ficando na ponta dos pés. —Ouça, Mike me contou sobre a coisa da cereja e a coisa do canudo. Com você, eu estava apenas bêbada. Com ele, eu apenas tomava minha bebida.

—Você fez a coisa de cereja com ele? — Ele rosnou.

—Não! — Eu exclamei de novo. —Ele quem me falou sobre isso, que, um ... homens, mesmo com cento e dois, seriam ... hum, assim.

—Você conhece homens assim.

—Eu estive com o mesmo cara desde os quinze anos. Tim gostava. Eu só nunca pensei que ele se excitasse com isso, uma vez que ele esteve comigo desde os dezesseis anos. Quer dizer, não é difícil, fazer isso com uma haste de cereja. Não é como uma dança de poste ou algo assim.

Joe ficou em silêncio.

—De qualquer forma, nunca tive que flertar. — eu continuei. —Tim me convidou para sair na fila do almoço no refeitório da escola. Eu estava comprando pizza ruim e leite com chocolate. Você entende o que digo?

Joe permaneceu em silêncio.

—Joe.— eu sussurrei, minhas mãos deslizando até o pescoço — Não brinquei com você. Eu não sei jogar com ninguém.

—Ele te convidou para sair?

Ah merda.

Eu fechei meus olhos.

—Ele te convidou para sair. — Joe disse suavemente.

Abri os olhos e sussurrei:

—Joe...

—E você irá.

—Joe...

—Quando?

—Amanhã à noite.

—Eu saio domingo.

—Por quanto tempo?

—Uma semana, talvez duas, as reuniões estão chegando.

—Oh.

Suas mãos deslizaram pela minha bunda até minhas coxas quando ele se inclinou um pouco, então eu estava subindo, ele separou minhas pernas e as envolvi em torno de seus quadris enquanto suas mãos deslizavam de volta para minha bunda e meus braços foram ao redor de seus ombros. Carregando-me, ele começou a andar pelo corredor.

—Não sairei por duas semanas sem me satisfazer de você.

—Joe...

—Você vem para mim depois que ele terminar com você.

Oh Deus, por que isso foi tão fodido?

—Joe, eu não...

Ele colocou um joelho em sua cama, e então eu estava de costas nele e Joe em cima de mim.

—Você vem a mim ou eu irei para você. Buddy, você me quer te fodendo com suas garotas na casa, então você fica em casa. Você não, eu ouço seus pés nos degraus do meu deck.

Sua mão puxou minha blusa do meu jeans quando perguntei:

—Você não está perguntando, está?

Seus dedos puxaram o bojo do meu sutiã quando ele respondeu:

—Não.

—Joe... — eu sussurrei quando seu polegar varreu meu mamilo e eu senti apenas isso e esqueci o que falávamos.

—Vi. — ele chamou e eu percebi que tinha fechado meus olhos, então eu os abri e me concentrei nele. —Há quinhentos dólares na minha mesa de cabeceira, quando você for para casa de manhã, pegue-os.

Meu corpo ficou imóvel sob o dele.

—O quê?

—É para o cachorro e a comida, de Keira.

—O cão custa apenas duzentos dólares.

—Então você pode comprar muita comida.

—Joe, você não pode fazer isso.

—Você não compra o cachorro para ela, eu falo com ela amanhã, descubro onde o cachorro está, compro ele e o alimento.

—Você não pode fazer isso.

Seu polegar fez outro golpe e eu mordi meu lábio.

—Ela quer um cachorro.— afirmou.

—Mas...

—Baby, ela perdeu o pai, tem direito a um cachorro, porra.

Eu engoli e meu corpo relaxou sob o dele.

—Eu sei. — sussurrei. E eu sabia, sabia desde o minuto em que ela pediu.

—Então pegue o dinheiro, compre-lhe o maldito cachorro.

Eu coloquei minha mão na bochecha marcada dele e corri meu polegar ao longo dela.

—Eu te pagarei de volta. —prometi.

—Isso é para Keira, não há retorno para Keira. Você precisa de algo de mim, discutiremos o retorno.

—Joe...

Sua boca veio à minha.

—Chega de falar agora.

—Joe...

—Estarei fora por duas semanas, precisamos foder.

—Joe, por favor.

—O quê?

Eu abaixei minha cabeça e deslizei meu nariz ao longo de seu queixo até que minha boca estava em seu ouvido e sussurrei:

—Obrigado pelo cachorro.

Afastei a boca da orelha dele e a boca dele estava na minha quando ele sussurrou de volta:

—Cale a boca, Buddy.

Então seu dedo indicador encontrou seu polegar e ele beliscou meu mamilo e minha mente ficou em branco novamente.

Capítulo Nove

Visitante

Deitei de costas na cama olhando para o teto e ouvindo a TV no outro quarto.

Kate, Dane e Keira estavam assistindo a um filme que, pelo que eu diria, teve muitas explosões.

Meu celular estava no meu estômago, minha mão enrolada em torno dele e eu tinha duas escolhas. Ou eu ligava para terminar as coisas com Joe, ou apenas para falar com ele.

Eu fechei meus olhos.

As coisas não poderiam ficar mais estranhas ou mais confusas.

Era quinta-feira.

No sábado, durante o dia, eu tive que conversar com as meninas, dizendo que sairia em um encontro. Eu não podia simplesmente sair porta afora com um homem desconhecido e dizer: “Até mais tarde!”, tanto quanto queria. Eu tinha que fazer o que pudesse para realizar essa transição de *mamãe e*

papai, à *mamãe sem papai*, e finalmente *para mamãe namorando* o mais suave possível, mesmo que isso fosse impossível.

Ainda assim tinha que tentar.

Então fiquei no balcão da cozinha enquanto as duas sentavam em bancos do balcão, em frente a mim, e eu disse a elas que conheci um homem chamado Tenente Mike Haines e nós estávamos saindo para um encontro.

Eu esperava que ambas ficassem chateadas. Elas amavam seu pai e eu não podia imaginar que, chegando a hora quando eu seguisse em frente com a vida, arrastando-as comigo, elas ficariam emocionadas em prantos.

O que eu não esperava era que Kate dissesse:

—Isso é ótimo, Mawdy.

Mas eu meio que esperava que Keira perguntasse:

—E quanto a Joe?

Foi o que ela fez.

Fechei os olhos, mas os abri quando Kate perguntou a Keira:

—E quanto a Joe?

—Joe é um gostoso. — Keira respondeu a Kate.

—Sim, ele é um gostoso, então? Mamãe gosta dos caras de cabelos curtos. —Kate voltou e isso era verdade, Tim tinha cabelos curtos e Tim foi o único cara que eu gostei. Então, novamente, era meio falso, Joe era tudo menos isso.

—Joe nos comprou o jantar, disse à mamãe que ela estava ótima em seu visual e nos deu câmeras de vigilância. — retrucou Keira e quando Kate abriu a boca para falar, Keira terminou — E ele gosta de seus cupcakes.

—Talvez esse cara, Mike, também goste dos cupcakes dela. — sugeriu Kate.

Neste momento, me sentia estranha com as minhas garotas falando sobre os homens da minha vida gostando dos meus cupcakes, então eu entrei.

Keira olhou para mim e declarou:

—Eu gosto de você com Joe.

Kate se inclinou para Keira e declarou:

—Ela não está com Joe.

A cabeça de Keira se virou para Kate e ela retornou:

—Ela poderia estar. Ele gosta dela, posso dizer.

—Tudo bem — interrompo —é suficiente. Isso é um encontro, apenas uma saída, com o Mike. Joe, Keira baby — eu olhei para a minha filha mais nova— deixaremos essa mentira por enquanto.

—Ele gosta de você. — Keira declarou teimosamente.

—Eu também gosto dele. — concordei e era a verdade, surpreendentemente. —Ele tem sido bom para nós, mas estou meio que tomando isso um dia de cada vez, e preciso de vocês meninas para me deixarem fazer isso.— Eu me inclinei com antebraços no balcão e terminei, minha voz mais baixa. —Eu farei o meu melhor para fazer boas escolhas, para vocês e para

mim, mas também preciso que vocês confiem em mim para fazer isso. Vocês podem confiar em mim?

—Sim, Mawdy. — Kate disse instantaneamente, mas ela diria isso dessa forma. Ela confiava em mim, como confiava em seu pai. Ela confiava em nós implicitamente.

Keira olhou para mim.

—Eu gosto de Joe.

—Você pode desistir de Joe? — Kate gritou e Keira transferiu seu olhar para sua irmã e então ela disse algo que me atingiu como um soco no estômago.

—Ele precisa da mamãe e de nós mais do que precisamos dele. Necessita de uma família. Joe está lá, sozinho, não tem ninguém. Nós temos umas às outras. —Ela olhou para mim e declarou:— Ele precisa de alguém. Posso afirmar.

— Baby...— eu sussurrei, sentindo a dor das lágrimas nos meus olhos.

Ela levantou a mão quando saltou do banquinho.

—Saia com o seu cara Mike, eu estou bem com isso — ela olhou para mim, mas seu corpo estava virado —mas eu ainda gosto de Joe.

Então ela caminhou pelo corredor até o quarto dela e a ouvi fechar a porta.

Olhei para Kate, que estava olhando para a irmã, o rosto pensativo.

—Kate querida?— Eu chamei e ela se virou para mim. — Você também está bem comigo saindo com o Mike? Quero dizer, vocês meninas e seu pai ...

Kate me cortou.

—Não posso dizer que eu não desejo que você fosse a uma noite de encontro com papai para o Rico's, e nós estivéssemos em nossa antiga casa e vovó e vovô na mesma rua, mas ...— ela balançou a cabeça e desviou o olhar, mas vi as lágrimas brilhando em seus olhos antes de terminar —tanto faz.

—Kate...

Ela deslizou fora de seu banquinho não olhando para mim e murmurou:

—Tenho que me preparar para o trabalho.

—Kate...

Ela parou e se virou para mim.

—Dane pode vir enquanto você estiver fora com o Mike?

—Claro, baby.

Quero dizer, o que mais eu poderia dizer?

—Obrigado. — ela murmurou e, em seguida, dirigiu-se pelo corredor.

Eu abaixei minha cabeça e olhei para o chão através dos meus braços pensando que poderia ser melhor.

Eu também fiquei pensando sobre o que Keira disse sobre Joe.

Então o telefone tocou. Eu me endireitei, feliz por ter algo para tirar minha mente dos meus pensamentos, caminhei até ele, o peguei e coloquei no ouvido.

No minuto em que eu disse “Olá” quem estava do outro lado desligou.



Mike ligou enquanto eu estava no centro de jardinagem e me disse que tinha reservas no Costa e que eu deveria me vestir bem.

Isso foi um milagre. Eu tinha ouvido falar sobre o Costa, muito, e todo mundo disse que era ótimo, February amava especialmente, ela mencionou isso mais de uma vez, então eu notei que Feb gostava da comida, mas não era fácil conseguir uma mesa lá, especialmente a curto prazo.

Isso também foi legal, Mike pensando em ligar e me dizer para me arrumar. Ele obviamente teve uma esposa e conhecia o procedimento, isso era algo que eu suspeitava que Joe não sabia, considerando que sua ex foi Bonnie e eles tinham acabado por pelo menos há dezessete anos, se eu lesse direito, embora ele pudesse ter cinco ex-esposas até onde eu sabia. Eu já estava em pânico sobre minha noite com dois encontros, começando com Mike e terminando com Joe. Eu não precisava me preocupar com a minha roupa.

E me senti bem, indo para casa, me preparando para sair em um encontro. Eu nunca tinha realmente feito isso já

adulta, era algo emocionante e assustador ao mesmo tempo. Eu vesti meu vestido de lavanda justo, que Tim achava que que eu ficava sexy, e minhas novas sandálias de salto alto que até então não tinham saído da caixa. Eu gostei de ter uma razão para usá-las, me senti bem.

Mesmo assim, eu meio que esperava que o encontro fosse ruim, o que facilitaria minha vida, já que eu poderia romper as coisas com Mike se não desse certo.

Mas o encontro não foi ruim. Mike me pegou e notei mais uma vez que ele era muito bonito, mas desta vez também percebi que ele se vestia bem, blazer, camisa e jeans, casual para o que deveria ser uma noite vistosa, mas lhe vestia bem porque ele tinha um bom corpo, ombros largos, quadris magros, pernas longas, não era tão alto quanto Joe, mas ele era mais alto que eu, mesmo em minhas sandálias e isso dizia alguma coisa. E o encontro foi bom porque Mike era fácil de conversar, ele sorria muito, brincou, flertou, riu e me fez rir. Ele estava na minha e não fez nenhum avanço sobre isso, o que parecia melhor do que ter uma razão para usar sandálias de salto alto.

E a comida foi incrível.

Tão fácil quanto estar com Mike no restaurante, foi ficar tão ansiosa quando cheguei em casa, o que significa dizer que eu estava um desastre. Primeiro, ele me disse que me beijaria, segundo eu tinha filhas em casa que eu não queria que me vissem beijando alguém e, por último, eu tinha um cara ao

lado que eu também não queria que me visse beijando outro cara.

Mas Mike também tinha uma resposta para isso. Ele saiu do carro e veio para o meu lado quando eu saí, então ele pegou minha mão e não me levou para a porta. Ele me levou para o trecho aberto entre minha casa e garagem, fora da vista de qualquer pessoa, certamente alguém que realmente quisesse olhar.

Então ele me pegou em seus braços e me beijou.

No começo fiquei desapontada. Não muito tempo depois, percebi que Mike não beijava como Joe, duro e exigente logo de cara. Ele também não beijava como Tim, quente, mas doce e familiar. Mike era um beijador furtivo. Começou lento e suave, construindo o calor. Antes que eu percebesse, sua mão estava na minha bunda, me puxando para seus quadris, seu outro braço estava em volta dos meus ombros e eu estava colada nele, sentindo seu corpo duro, seu beijo, seu braço e o que sua língua fazia na minha boca eu sentia em todos os lugares.

Ele se afastou e notei que minhas mãos estavam em seu cabelo, as duas, atrás das orelhas e não percebi que as coloquei lá para segurá-lo.

—Não agradecerei Colt. — ele murmurou. —Depois disso, comprarei uma garrafa de Bourbon para ele.

—Mike...

—Quero ver você de novo, querida.

Por alguma razão respondi instantaneamente:

—Ok.

Ele sorriu e tinha um grande sorriso ainda maior de perto.

—Quando? — Ele perguntou.

—O quê?

—Quando posso te ver?

—Hum ... quando você quer me ver de novo?

—Você virá para minha casa, quarta à noite. Farei o seu jantar.

—Ok. — respondi e de novo instantaneamente, embora fosse mais do que louco falar, dizer tudo bem para jantar em sua casa depois de um primeiro encontro e com Joe no gancho.

Então parei de pensar em tudo isso quando Mike me beijou novamente. Na segunda vez, o fogo apenas acendeu, foi capaz de construir o calor muito mais rápido e ele fez.

Então me acompanhou até a minha porta, ficou tempo suficiente para conhecer Kate, que tentou ser legal e teve sucesso, Dane, que pensava que Mike ser um policial era “muito legal, cara” e Keira, que o estudou como se ele fosse um espécime debaixo de um copo e não muito interessante.

Eu mostrei a ele a porta, me desculpei por Keira ser uma dor no rabo e ele sorriu, segurou meu queixo e sussurrou:

—Quarta-feira.

Eu balancei a cabeça, meus joelhos um pouco trêmulos, e ele saiu.

Eu disse às crianças que não ficassem acordadas até tarde e fui para o meu quarto.

Quando fechei a porta, joguei minha bolsa na cama e sentei para tirar minhas sandálias, meu celular na bolsa tocou. Eu peguei e a tela dizia "*Celular do Joe*".

Fechei meus olhos, respirei fundo e me senti como uma puta. Principalmente porque eu estava agindo como uma.

Peguei meu telefone, atendi, coloquei no meu ouvido e disse:

—Olá.

—Use esses sapatos aqui.

—Joe...

—O vestido também.

Meu estômago mergulhou.

—Não— Joe ordenou —sem o vestido, apenas os sapatos.

—Joe...

—Mais tarde, Buddy.

Eu não sabia o que pensar sobre Joe me vendo sair com Mike. Eu também me preocupei que talvez ele nos viu beijando. Eu sabia o que pensar de mim saindo com um cara e mal me sentando antes que o próximo me ligasse e me dissesse que calçado usar para a sua foda.

No entanto, eu usei os sapatos.

E, sendo uma puta, fiquei feliz por ter ficado com eles, pelo jeito que Joe me fodeu enquanto eu os usava.



Na manhã seguinte, antes de eu ter de ir para casa e antes que Joe estivesse saindo da cidade, algo novo aconteceu.

Ele me acordou mais cedo do que eu tinha que levantar para estar em casa, bem antes que as meninas soubessem que eu dormi fora, e me acordou com as mãos e a boca. Ele os usou como nunca antes, não com força, nem exigindo, ou ganancioso, mas gentil, terno, generoso, tomando seu tempo e me deixando fazer o mesmo.

E depois que nós dois atingimos o clímax, quando todos os meus quatro membros estavam em volta dele e ele estava me beijando suavemente enquanto deslizava para dentro e fora de mim, percebi que Joe Callahan apenas fez amor comigo. Pela primeira vez, não me fodeu, ele fez amor comigo.

Honestamente, eu não poderia dizer qual era melhor, ambos eram fantásticos, mas era uma mudança bonita e bem-vinda, embora confusa.

Eu não achava que ele tinha isso nele e tornava as coisas muito distantes, e foi muito pior saber que ele tinha.

—Eu tenho que chegar em casa. — sussurrei contra sua boca.

—Eu sei. — ele sussurrou de volta.

Passei a mão pelo cabelo dele e pelo seu rosto marcado, meus dedos parando ali, mas meu polegar deslizando ao longo do seu lábio inferior.

—Você é assustador, lindo.— eu disse a ele, incapaz de me conter e seus olhos ficaram intensos, mas ele balançou a cabeça.

Então disse:

—Você é linda, Buddy.

Oh Deus.

Minha mão ficou tensa contra o rosto dele e eu respirei:

—Joe.

—Vá para casa, Vi.

—Joe...

Ele me beijou em silêncio, em seguida, murmurou:

—Vá para suas garotas.

Eu não tive escolha, então respondi:

—Ok.

Ele saiu de mim, deitou ao lado e eu rolei para fora da cama.

Eu puxei minha calcinha, vesti sua camiseta da noite anterior, eu estava roubando essa também, ele não sentiria falta disso, Joe tinha um milhão delas, peguei meu vestido, meus sapatos, voltei para a cama, me inclinei e o beijei.

—Venha para casa em segurança. — sussurrei.

—Tchau.— ele respondeu.

Então eu me forcei a sair calmamente de seu quarto.



Mike ligou todos os dias desde o nosso encontro. Ele não falava muito, estava ocupado no trabalho e não podia conversar muito, ou tinha os filhos com ele.

Mas o que ele disse foi legal.

Quarta à tarde, ligou para dizer que tinha que cancelar porque tinha que trabalhar. Ele não parecia feliz com isso.

Eu não sabia o que sentir.

Aliviada, um pouco. Decepcionada, definitivamente. Confusa, absolutamente.



Joe não ligou.



Mas a pessoa que desligava, sim.

Ligava todos os dias e desligava.

Foi quando ligaram e Keira atendeu e então desligaram, que eu fiquei preocupada porque Keira me disse que não era a primeira vez e porque Kate me contou que ela também atendeu.

Então liguei para Colt e contei a ele sobre os telefonemas e ele disse que investigaria.

Daniel Hart nunca ligou e desligou. Não parecia do tipo. E, por essa razão, isso me assustou. Não havia lógica em estar com medo. Pode ser algum garoto da escola de Kate e Keira. Talvez Keira tivesse um admirador que não tivesse coragem de dizer olá. Ou talvez fosse algum garoto idiota que achasse isso engraçado.

Mas tenho um mau pressentimento sobre isso.



Então eu não precisava ficar apavorada com o que Daniel Hart faria em seguida, e desligar as ligações de psicopatas ou talvez de crianças estúpidas.

E eu não precisava namorar um cara como Mike, bonito, que me fazia rir, riu comigo e que era um bom beijador, enquanto era a chamada para sexo do Joe.

Eu era mãe. Precisava dar bons exemplos. E eu tinha que me recompor.

Portanto, Joe se foi e não está por perto para ficar sob a minha pele, assim decidi que tinha que terminar com ele.

Foi brilhante e eu adorei, amei até mesmo brigar com ele, tão louco como isso me fez. Ele me assustou, mas também me fez sentir viva e nunca conheci alguém como ele e mesmo com Tim, nunca me senti tão viva.

Tim era sobre contentamento e felicidade. Nós tivemos nossos altos e baixos, brigamos, mas a maior parte da nossa vida juntos foi perfeita e boa. Eu acreditava nele, em nossa vida, em nossa família, e ele acreditava em tudo isso também, e nunca me deu qualquer razão para duvidar disso. As meninas e eu, nós éramos o mundo dele e ele nos deixou saber disso.

Era firme, forte e bonito. Não era o passeio malvado em uma montanha russa como é Joe.

Mas aquelas montanhas-russas sempre foram o melhor passeio no parque.

Mesmo assim, eu sabia que não era certo para mim e para minhas filhas.

Então ele tinha que ir.



Deitei na cama com a mão enrolada ao redor do meu telefone e decidi que precisava ligar para terminar as coisas com Joe.

Eu levantei o telefone, abri-o e rolei para baixo até "*Joe celular*" respirei fundo, perdi o fôlego, fechei os olhos com força, abri-os e chamei.

Eu coloquei o telefone no meu ouvido.

Tocou duas vezes e Joe disse:

—Oi.

—Ei.

—Buddy.

Eu fechei meus olhos novamente.

Eu realmente gostava quando ele me chamava de "*Buddy*", talvez até mais do que quando ele me chamava de "baby".

—O que foi? — Ele perguntou.

—Um ...— Eu não podia dizer mais nada. Eu queria... não, não queria, precisava... mas não conseguia.

Houve uma hesitação então, suavemente:

—Baby.

Não, eu estava errada. Eu gostava mais de "baby".

—Algo aconteceu?— Ele perguntou, a voz ainda suave.

—O quê?

—Ele chegou até você?

—Quem?

—Hart.

Porra, ele estava preocupado comigo.

—Eu não sei. — respondi. —Estamos recebendo telefonemas.

—Merda. — ele murmurou. —Você disse a Colt?

—Sim.

—Ele não me contou.

—Oh.

—Vou ligar para ele. — disse Joe, em seguida, perguntou: —O que Colt disse?

—Que investigaria.

—Só isso?

—Ele não entrou em detalhes do que investigar significaria.

—Eu buscarei os detalhes. — Joe afirmou com firmeza.

Sim, ele estava preocupado comigo.

Ok, sim, gostei disso.

Merda.

—As garotas estão recebendo as ligações? — Joe perguntou.

—Sim.

—Merda.— ele cortou, parecendo chateado agora. —Elas se assustaram?

—Eu acho que elas estão um pouco preocupadas, isso é novo, nunca aconteceu antes.

—Não é o estilo de Hart.

—Isso é o que torna estranho e assustador.

Houve uma pausa, então ele disse baixinho:

—Você ficará bem, Buddy.

—Nenhuma outra alternativa.

Ele riu pouco antes de dizer:

—Certo.

Não respondi.

Surpreendentemente, Joe perguntou:

—Por isso que você ligou?

Não, não foi.

—Sim. — eu menti porque me acovardei. Terminaria mais tarde, em uma nota que colocaria em sua caixa de correio antes de Kate, Keira e eu sairmos de férias, não que eu tivesse dinheiro para irmos de férias, mas talvez eu pudesse vender um rim ou algo assim. —Você provavelmente está ocupado, eu deveria deixar você ir.

—Vi, eu estou dirigindo em Los Angeles. Eu tenho um celular colado ao meu ouvido, eles podem me prender.

Eu não pensei. Se eu tivesse, teria anulado isso. Então, não pensando, a risada saiu de dentro de mim.

Joe Callahan, robusto, durão, macho alfa fez uma piada.

E foi engraçado.

Quando parei de rir, eu disse a ele:

—Eu não quero que você seja preso.

—Eu também estive lá, é uma droga.

Isso me surpreendeu.

—Você foi preso?

—Vida difícil, Buddy, você viu minha ex-mulher rastejando bêbada e enlouquecendo no chão.

Eu pisquei para o teto.

Primeiro, ele faz uma piada, então está compartilhando. Antes disso, de sair para ficar longe de mim por duas semanas, fez amor comigo, lento e doce.

O que eu fiz com isso?

—Eu cresci, ela não. — ele continuou compartilhando.

—Então você foi preso quando era jovem?

—Juvie era minha segunda casa.

—Uau.

—Não era lar doce lar, Buddy. Como eu disse, foi uma droga.

—Sinto muito.— eu disse suavemente.

—Eu não, me ensinou uma lição, que é a vida, você aprende ou morre.

Deus, agora ele estava sendo um sábio e era bom nisso também.

—Keira conseguiu seu cachorro? — Joe perguntou.

—Próxima semana.— eu disse a ele. —Eles ainda não estão totalmente desmamados, mas nós lhes demos o dinheiro e ela escolheu o que queria. Ela está sobre a lua, mal pode esperar. Por não poder esperar, também já temos uma tigela de comida e uma de água para cachorro, uma cama para cães no quarto de Keira e quatro enormes sacos de comida de cachorro na garagem.

—Soa definido.

—Aquele cachorro é tão parado, não é engraçado. A coisa é minúscula. Levará um ano para acabar com aquela comida de cachorro. Eu só espero que ele não coma nenhum dos meus sapatos. O filhote de Feb come todos os sapatos dela.

Eu ouvi seu riso suave, algo que nunca tinha ouvido dele e algo mais que eu gostei, antes que ele dissesse:

—Espere um segundo, tenho que dar as chaves para o manobrista.

—Manobrista?

—Sim, do hotel.

—Oh.

O pensamento de Joe em um hotel com um manobrista me surpreendeu. Ele parecia mais um tipo de cara usuário de um motel de estrada deserta, em algum lugar para dormir onde seu carro ficaria estacionado na sua porta da frente, pronto para uma fuga rápida.

Eu esperei, ouvindo o que seriam sons de Joe dando as chaves para um manobrista, então disse:

—De volta.

Eu gostei que ele estivesse de volta, e que queria me manter na linha, então disse:

—Oi. — eu disse baixinho.

—Jesus. — ele murmurou.

—O quê?

—Nós chegaremos a "*o quê*" quando eu chegar ao meu quarto. — ele me disse misteriosamente, em seguida, continuou. —Falando em sua garagem, você precisa começar a estacionar seu Mustang lá.

—O quê?

—Seu Mustang, Buddy, seu doce automóvel. Você deveria cuidar disso. Você precisa estacionar fora dos elementos naturais.

—Eu não posso.

—Sua garagem está cheia, você deve limpá-la.

—Não, quero dizer, a porta não abre, está fechada. Algo de errado com a fechadura da porta da garagem.

Ele não disse nada por um segundo e depois disse:

—Vou olhar quando chegar em casa.

Prendi minha respiração e olhei para o teto.

Ele comprou um cachorro para minha filha.

Fez amor comigo.

Eu o ouvi rir e contar uma piada.

Ele olharia a porta da minha garagem e ouviu e me aconselhou quando falei sobre as meninas.

E me queria no telefone com ele.

E, novamente, ele comprou para minha filha um cachorro. E ele fez isso porque ela perdeu o pai.

—Violet?

—O quê?— sussurrei.

—Você está bem?

—Sim. — menti, mas não estava. Eu queria acreditar nele, eu realmente queria e ele estava me dando muito para acreditar.

—Onde você está?

—Casa.

—Sim, baby, mas onde você está?

—No meu quarto.

—Onde?

—Onde no meu quarto?

—Sim.

—Na minha cama.

—A porta está fechada?

—Um ...— Olhei para a porta que eu fechei para silenciar as explosões do filme que as crianças estavam assistindo, então respondi, um pouco confusa: —Sim.

—Você está vestindo jeans ou uma de suas saias doces?

Oh senhor, eu não estava mais confusa.

—Joe...

— Baby, me responda.

—Uma saia. — sussurrei.

—Puxe para cima.

—Joe...

—Vi..., puxe para cima.

—Está no seu quarto?

—Sim.

—Joe, eu nunca...

Sua voz era sexy, baixa, quando disse:

—Eu falarei com você, baby, agora eu quero que você puxe sua saia para mim.

Mordi meu lábio e coloquei o telefone na curva do meu ombro, então eu puxei minha saia para cima.

—Ok.— sussurrei.

—Puxou?

—Sim.

—Em seus quadris?

—Sim, Joe.

—Tudo bem, Buddy, deslize a mão em sua calcinha.

Oh Deus, eu ia gozar e nem sequer me toquei.

—Violet? — Ele chamou.

Eu deslizei a mão na minha calcinha.

—Joe.— sussurrei quando meu dedo bateu no meu clitóris e a sensação disso me arrepiou toda.

—Cristo.— ele murmurou, sua voz rouca.

—Você está...?

—Não, quero ouvir você.

—Você quer que eu faça sozinha?

—Eu estou aqui, baby.

Eu rolei meu dedo, meu pescoço arqueou e um miado saiu da minha garganta.

—É isso.— ele murmurou. —Pense na minha boca aí.

Continuei rolando o dedo, pensando na boca dele e gemi:

—Joe.

—Jesus, Buddy, você já parece perto.

Eu estava. Isso era excitante. Nunca fiz nada assim.

E de qualquer maneira, pensando em sua boca ali, ouvindo sua voz ao telefone, funcionou.

—Gosto da sua voz .— sussurrei então meus quadris pularam e eu gemi novamente antes de respirar —Eu queria que você estivesse aqui.

—Não tanto quanto eu. Parece tão bom, baby, isso eu gostaria de ver.

Eu não respondi, apenas apertei, rolei meu dedo e enterrei meus quadris nele.

—Da próxima vez que você estiver na minha cama, faça isso por mim. — ele me disse.

—Eu não acho...

Ele me cortou para pedir:

—Deslize o dedo para dentro.

—Eu gosto do que estou fazendo.

—Faça o que eu digo, Violet, deslize seu dedo para dentro.

Parei de rolar e deslizei meu dedo para dentro. Não foi a primeira vez que fiz isso, mas fazia muito tempo e me senti bem.

—Quanto você está molhada? — Joe perguntou.

—Muito.

—Cristo, eu sinto falta dessa sua boceta. — ele rosnou.

—Joe.— eu respirei, sentindo um espasmo em seu rosnado.

—Faça-se gozar, baby.

—Ok.— eu sussurrei.

Ele me falou isso e eu gozei, não alto, quieta, mas me senti bem e ele ouviu.

Depois, retirei minha mão de dentro da minha calcinha, puxei minha saia para baixo e rolei para o meu lado, enrolando minhas pernas para cima e sentindo estranhamente que esta era uma das coisas mais íntimas que se passaram entre nós e ele estava a um continente de distância.

—Quando você está vindo para casa? —perguntei suavemente.

—Em breve, dobrando as reuniões, deverei estar em casa no sábado.

—Bom.— falei.

—Como você está se sentindo?

Eu sorri no meu travesseiro e respondi baixinho:

—Legal.

—Agora, eu gostaria de lamber seus dedos até ficarem limpos.

Outro miado escorregou da minha garganta e quando ele escutou rosnou novamente, desta vez de forma ininteligível.

—Mãe! — Eu ouvi Keira gritar, meu corpo estremeceu na cama e me sentei na posição vertical.

—Que porra é essa?— Joe perguntou no meu ouvido.

—Mãe!— Keira gritou novamente, desta vez mais perto.

—Oh meu Deus! — Kate gritou.

—Oh Deus, Joe.— eu joguei minhas pernas para fora da cama e comecei a correr para a porta.

—Ligue para o Colt.— Joe ordenou com urgência.

—Ok.

—Agora, Buddy, agora mesmo.

—Ok.— eu desliguei meu telefone e abri a porta.

Keira estava do lado de fora da porta, a mão levantada em direção à maçaneta.

—Mãe! — Ela gritou na minha cara.

—O que, baby, o quê?

—A porta ... ela está na porta.

Ela?

Eu olhei para a sala para ver Kate e Dane na janela olhando para fora.

Kate olhou para mim e respirou:

—Oh meu Deus.

Eu não pude ouvi-la, apenas li seus lábios.

—Saia da janela.— pedi enquanto corria para lá, mas eles não se mexeram, então fiquei na frente de Kate e olhei para fora.

Então eu respirei:

—Oh meu Deus.

Kenzie Elise estava em pé na porta. Ela estava vestindo uma camiseta, rasgada e sem mangas, que parecia custar mais do que o meu sofá, jeans skinny e plataforma de salto alto, brilhantes botas cinza amarronzadas. Sua longa juba de cabelo loiro morango estava lá fora e ela tinha mais maquiagem do que usei no meu encontro com o Mike.

—Você acha que ela veio a casa errada e está procurando pelo Sr. Callahan? — Dane sugeriu.

Ela não veio à casa errada, mas isso não significava que ela não estivesse procurando por Joe.

Observei-a levantar a mão e apertar a campainha e imaginei que, pela maneira irada com que ela fez isso, não era a primeira vez. Em um mundo perfeito, eu estaria em posição de pedir a Joe para instalar uma campainha que fosse mais alta, digamos, uma que você pudesse ouvir enquanto estivesse fazendo sexo por telefone.

Ela se virou e seus olhos caíram sobre nós na janela e ela não parecia feliz quando se virou e menos feliz quando nos espionou.

Eu pulei para longe da janela e fui até a porta.

—Se ela está procurando por Joe, diga a ela que ele se juntou ao Corpo da Paz. — Keira avisou rapidamente, imaginando a situação e claramente queria interferir na tentativa de Kenzie por Joe, certificando-se de que eu tinha uma atitude limpa.

Dei uma olhada na minha filha, apertei os botões necessários no painel de alarme e abri a porta.

Quando o fiz, Kenzie olhou por baixo do nariz para mim. Ela realmente inclinou seus olhos, não com a cabeça, mas para olhar sobre o nariz para mim de sua altura elevada em seus saltos plataforma.

—Hey. — eu disse, como se ela ou qualquer outra famosa estrela de cinema viesse à minha porta todos os dias e como da última vez que a vi, ela não estava praticamente nua e rastejando no chão.

—Cal está aqui? — Perguntou ela.

Droga. Eu sabia que ela estava procurando por Joe.

—Não, ele está em LA.— eu disse a ela.

—Como você sabe onde Joe está?— Keira perguntou e eu olhei para trás para ver Keira, Kate e Dane se reunindo perto das minhas costas. Keira estava me encarando, Kate e Dane estavam olhando para Kenzie.

—Ele me disse.— respondi a Keira.

—Quando? — Perguntou Keira.

Eu teria pago dinheiro, naquele momento, para ter uma filha menos astuta.

—Ela o chama de Joe?— Kenzie nos interrompeu com sua pergunta e eu olhei para ela, porque parecia um pouco chateada e quando fiz isso, ela olhava para Keira.

—Sim, todos nós o chamamos de Joe. —Keira compartilhou. —Ou, pelo menos, mamãe, Kate e eu chamamos. Dane o chama de Sr. Callahan.

Os olhos de Kenzie vieram para mim e eu estava certa, ela estava chateada.

—Ele não deixa ninguém o chamar de Joe.

Eu abri minha boca para falar, mas Keira chegou lá antes que eu pudesse.

—Ele nos permite chamá-lo de Joe, ele gosta disso.

Eu sacudi meu cérebro para uma maneira de intervir e estupidamente ofereci:

—Você gostaria de entrar, tomar um refrigerante ou uma cerveja?

Ela me encarou e anunciou:

—Precisamos conversar.

Eu não sabia o que ela queria falar, embora soubesse, que o que quer que fosse, eu não queria falar sobre isso, mas não podia exatamente fechar a porta na cara dela na frente das

crianças, porque elas não sabem nada sobre qualquer coisa e eu não queria que soubessem.

Portanto, eu convidei:

—Ok, entre. — então saí do caminho.

Seus olhos varreram Kate, Dane e Keira, então voltaram para mim.

—Sozinhas.

Eu olhei para minha casa. Não havia muito espaço sozinho em minha casa a menos que eu a levasse para um quarto o que eu não faria.

Então eu vi a porta de vidro deslizante para o convés. Estava uma noite agradável, não abafada, fresca e morna. O deck era perfeito.

—Vamos sentar no convés. — eu disse a ela e balancei o braço para fora, mostrando o caminho. Ela entrou, toda perna ou, mais apropriadamente, perna ossuda, balançando os quadris, e andou pela minha casa como se o ar que as meninas e eu respiramos a contaminasse.

Eu andei atrás dela e ordenei às crianças:

—Voltem para o seu filme.

—Mãe... — Keira começou.

—Vamos lá, Keira vamos terminar o filme.— Kate insistiu, seus olhos em mim, ela agarrou sua irmã e começou a puxá-la para o sofá.

Eu joguei meu mais velho sorriso, dizendo uma oração silenciosa a Deus em agradecimento, ele me deu uma filha sensata e corri atrás de Kenzie.

Ela abriu a porta e saiu, suas botas soando na madeira do meu deck enquanto ela se dirigia direto para a mobília de ferro forjado que Tim me comprou no final da temporada de venda, há três anos. A mobília era fantástica, uma mesa circular, cadeiras largas e confortáveis que balançavam e um grande guarda-sol. Havia também duas espreguiçadeiras. Todas elas tinham almofadas cinzentas elegantes e personalizadas.

Ela largou a bolsa grande e desleixada na mesa sem olhar para mim ou para o meu jardim e começou a pegar algo dentro dela.

Eu fechei a porta de vidro deslizante e me aproximei dela, parando fora do alcance de suas unhas.

Pegou uma caixa de ouro, selecionou um cigarro, guardou o estojo na bolsa e levou o cigarro aos lábios, acendendo-o com um isqueiro elegante e fino de ouro.

Então ela soltou uma nuvem de fumaça e olhou para o meu gramado.

Sem nada para lhe dizer, olhei ao redor do meu deck.

Se eu não estivesse no centro de jardinagem, na mercearia, lavando roupa, passando roupa, cozinhando, limpando casa, comprando comida e caras tigelas para água de cachorro, dormindo com Joe ou simplesmente dormindo, eu ficava no meu quintal.

Minha patroa, Bobbie, dava ótimos descontos aos funcionários e aproveitei o máximo que consegui em nosso orçamento apertado. Usei um pouco do dinheiro que meu irmão me deu para aumentar isso, mas a maior parte veio do que guardei para um dia chuvoso. Mas, mesmo assim não fiz nada mal com o meu quintal.

A frente da casa tinha caixas em todas as janelas cheias de flores explodindo e vegetação se arrastando para baixo. Eu tinha cerca de madeira divididas em um lado da minha calçada, e outra onde junto a calçada da frente, que se estendia à calçada paralela à casa. Eu havia plantado grama alta e luxuriante ao redor das cercas, com as flores baixas que tinham se encaixado lindamente no solo de Indiana. Tinha vasos pendurados ao lado da porta da frente, e a calçada da frente era cheia de vasos com plantas vibrantes. Parecia ótimo.

A parte de trás estava melhor. O gramado era só grama, mas eu fertilizei e pus veneno de erva daninha e parecia brilhante, verde rico, grossa e aparada. Mas o deck que era o auge do show com sua mobília elegante. Eu comprei cachos de vasos de terracota em todos os tamanhos e eles estavam por toda parte, cheios de flores de todas as cores e variedades. Parecia aleatório, mas eu passei séculos brincando com eles até que gostei do que vi.

E ficou lindo. Eu tinha jeito com flores, sempre fiz. Eu tinha um emprego de meio período em uma floricultura antes de Tim morrer porque eu amava flores. E Bobbie me deixou fazer as exibições no centro de jardinagem e todo mundo estava falando sobre elas. Eu até tive um cliente vindo até mim

na semana anterior e me pediu para dar uma olhada em seu jardim, disse que ela estava sem esperança e precisava de direção. Eu iria à casa dela no meu dia de folga na próxima semana.

—Você está fodendo Cal?

Meus olhos se dirigiram para Kenzie quando ela falou isso.

Eu não sabia o que dizer. Sua pergunta era intrometida, rude, e mais do que um pouco psicótica, considerando que Joe deixara perfeitamente claro de uma maneira que não poderia ser ignorada que esse tipo de informação não era da sua conta.

E por que ela estava lá, levando-se em conta que Joe também deixara totalmente claro que sua infiltração em sua vida não era bem-vinda?

E de qualquer maneira, eu tinha minhas filhas na casa. Ela estava louca?

Olhei de volta para a casa e através do vidro deslizantes das portas. As crianças não tinham seus rostos pressionados contra o vidro, o que era bom e eu esperava que elas não pudessem ouvir.

—Você está transando com ele? — Kenzie continuou e eu olhei para ela novamente.

—Você se importaria de me dizer por que está aqui? — Perguntei.

Ela tinha um braço cruzado nas costelas, o outro cotovelo apoiado no pulso e a mão do cigarro no ar. Ela levou a mão ao

rosto, deu uma tragada e depois balançou a mão enquanto exalava a fumaça.

Então ela me olhou da cabeça aos pés.

—Qual é o seu negócio? — Ela perguntou, embora eu não achasse que estivesse me perguntando, mesmo eu sendo a única lá, e então tive certeza quando ela continuou. —Você é gorda.

Eu senti meu corpo ficar sólido.

Eu não era gorda. Ok, eu não estava magra e nem era magra e emaciada como ela, mas eu não poderia ser descrita como gorda.

—Eu não sou gorda.— contestei.

Ela zombou e deu outra tragada no cigarro.

Eu tive o suficiente. Na verdade, eu deveria ter batido a porta na cara dela.

—Escute, se eu não posso te ajudar com algo, talvez você gostaria de...

—Vi?

Eu me virei e vi Colt em pé no final do meu deck olhando para nós.

—Hey Colt. —respondi.

Seus olhos se moveram para Kenzie, e vi seu rosto registrar reconhecimento, mas foi então que seus olhos voltaram diretamente para mim.

—Você está bem? — Ele perguntou, andando pelo convés em direção aos degraus e vi que ele tinha seu distintivo no cinto de seu jeans.

—Eu estou bem.— eu disse a ele enquanto ele subia os degraus. —Eu só...

—Oi.— Kenzie respirou e eu balancei a cabeça para olhar para ela para vê-la olhando para Colt como se ele fosse um sundae com chocolate quente, toneladas de chantilly, nozes e uma cereja.

—Ei.— ele respondeu, mal olhando para ela e seus olhos vieram para mim. —Cal ligou, disse que as garotas estavam gritando?

Joe ligou para o Colt por mim. Meu estômago deu um pequeno pulo.

—Hum ... elas ficaram um pouco animados com uma estrela de cinema à porta.

Os olhos de Colt cortaram Kenzie novamente, então eles voltaram para mim.

—É melhor você ligar para Cal. Ele está preocupado que tenha algo a ver com o seu negócio.— disse-me Colt.

Ele estava preocupado comigo. Meu estômago deu outra cambalhota.

—Eu sou Kenzie Elise.— Kenzie interrompeu e eu olhei para ela novamente.

—Eu sei quem você é, descobri há dez minutos que você fica ligando para a casa de Vi.— Colt disse para ela, minha

boca se abriu com essa notícia e olhei para Kenzie percebendo que ela estava louca. —Terei que pedir para você parar de fazer isso.— prosseguiu Colt.

—Você tem o meu número?— Eu perguntei, mas ela me ignorou, seus olhos grudados em Colt.

—Procurava por Cal.— disse Kenzie à Colt.

—Como você conseguiu o meu número?— perguntei, mas ela não respondeu porque Colt falou.

—Você quer falar com ele, você chama a garota dele. Você não liga para a casa de Vi e desliga.

A garota dele? Que garota? Joe tem uma garota?

Eu esqueci de descobrir como Kenzie tinha meu número, o assunto mais urgente era Joe tendo uma "*garota*".

—Lindy não lhe dará minhas mensagens.— disse Kenzie ao Colt.

—Eu deixarei Cal saber que sua secretária está caindo no trabalho.

Joe tinha uma secretária?

Joe ficava em hotéis com manobrista e tinha uma secretária?

—Agora, a menos que você tenha algum negócio com Violet, pode ser uma boa ideia seguir em frente.— ordenou Colt, mas fez isso de uma maneira que soou como uma sugestão, exceto que era uma sugestão que você não poderia negar. Kenzie negou.

—É importante que eu fale com ele.

Colt olhou para ela por vários longos segundos como se ele não soubesse o que fazer com ela, mas o que ele estava fazendo não era muito. Então ele enfiou a mão no bolso traseiro da calça jeans, tirou o celular, abriu-o e apertou alguns botões.

Então ele colocou em seu ouvido, seus olhos no convés enquanto ele aguardava, então disse:

—Sim, Cal, Colt. Tudo está bem, exceto que Kenzie Elise está no convés de Vi. Ela quer falar com você. —Um segundo passou e então Colt sorriu para o convés e disse:— Sim, eu colocarei na linha.— então ele ofereceu seu telefone a Kenzie.

Kenzie não olhou para nenhum de nós antes de pegar o telefone e colocá-lo no ouvido.

—Você a deixou te chamar de Joe?— Ela falou sem dizer olá, o que, pessoalmente, pensei que fosse um erro.

Eu assisti enquanto ela fazia uma pausa, escutei, seu rosto ficou ainda mais pálido do que seu pálido normal, lá estava, a prova de que seu envolvimento em Joe foi um erro, então ela se virou antes de dizer:

—Eu tenho outra situação e só você pode me ajudar. — Mais uma vez ela fez uma pausa. — Não o quero, eu quero você.

Eu pensei que isso também foi um erro. Joe não gostou nada que Kenzie achasse que poderia conseguir o que quisesse quando desejasse.

Observei enquanto ela ficava em silêncio por mais um momento, então ela disse:

—Não. — outra pausa, em seguida, um sussurro: —Não posso acreditar que você não me ajudará!— Mais uma pausa enquanto seus olhos vieram para mim e ela estalou. —Eu não penso assim!— Ela escutou por cerca de dois segundos, em seguida, pegou o telefone do ouvido, empurrou-o para mim e disse: —Ele quer falar com você.

Peguei o telefone de Colt, olhando para ela e depois para Colt, então coloquei no ouvido e anunciei:

—Ela me chamou de gorda.

—Buddy....

—Eu tenho meu próprio perseguidor, Joe. Eu não quero ter que lidar com o seu.

Ele começou a rir e eu não achei que fosse engraçado.

—Eu tenho a sua estrela de cinema perseguidora parada no meu deck, me chamando de gorda e ela é quem está ligando para minha casa e desligando. Isso não é engraçado.

A risada de Joe desapareceu, ele ficou em silêncio, então disse em uma voz suave, mas assustadora:

—O quê?

—Sua estrela de cinema perseguidora é a única a fazer essas coisas.

Não houve silêncio antes de Joe exigir:

—Coloque o Colt no telefone.

—O quê?

—Dê o maldito telefone para Colt. — ele cortou.

Eu decidi dar o telefone para Colt, já que Joe parecia muito chateado, e eu com certeza não queria mais falar com ele.

Colt colocou em seu ouvido e disse:

—Sim? — Em seguida, ele ouviu por um tempo e disse: —Entendido. Até mais. — Ele fechou o telefone, enfiou-o no jeans e olhou para Kenzie. —Cal disse que se você não estiver fora da propriedade de Vi em cinco minutos, ele chamará um cara chamado Marco. Ele diz que você sabe o que isso significa.

Olhei para Kenzie e percebi imediatamente que ela sabia o que aquilo significava. Seu rosto tinha descorado completamente de cor, seus olhos se arregalaram, seus lábios se separaram e ela parecia assustada.

Então rapidamente ela sacudiu a ponta do cigarro no meu quintal, pegou sua bolsa e pisou na escada.

—Srta. Elise. — gritou Colt e ela se virou, pisou no degrau, passou a mão no corrimão e olhou para ele. —Eu tenho a sua garantia de que você não ligará para Vi e também que não haverá mais visitas?

—Sim, tanto faz. — ela murmurou e continuou.

—Srta. Elise. — Colt chamou novamente, virando-se totalmente para ela e Kenzie, agora de pé na minha grama, parou e olhou para ele.

—Não é "*tanto faz*". Não haverá mais chamada, nem mais visitas. Sim?

—Ok, certo. Tudo bem. — ela disse e olhou para mim. — Tudo bem, diga a ele que não mais o incomodarei e nem a você. Ok?

Quando pareceu que ela realmente queria uma resposta minha, falei:

—Ok.

—Apenas certifique-se de que ele não ligue para Marco.— ela pediu, e isso pareceu importante para ela, então assenti.

Ela começou a se afastar, mas se virou e olhou para mim e, quando o fez, ela mudou. Tudo sobre ela mudou. Ela não parecia mais assustada, parecia perdida e com medo, um tipo diferente de medo, um tipo pior.

—Ele me fez sentir segura. — ela disse baixinho, pisquei em sua honesta admissão aberta e Kenzie continuou falando. —Eu não me sinto muito segura, nunca, realmente. Cal me fez sentir segura.

Quando ela pareceu novamente estar esperando por uma resposta, eu respondi:

—Ele tem esse jeito sobre ele.

—Ele pertencia a mim, eu sempre me sentia segura.

Naquele momento, percebi que sabia exatamente o que ela queria dizer.

Caminhei até o corrimão, olhei para ela e falei:

—Não sei se Joe é o tipo de cara que poderia pertencer a alguém, Kenzie.

Ela olhou para mim um segundo e do jeito que ela fez isso, realmente senti pena dela.

—Você o chama de Joe, ele pertence a você. — ela sussurrou e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ou ter uma reação às suas palavras, além da sensação de ser socado no estômago. Ela se virou e graciosamente correu na ponta dos pés, nas brilhante, botas de plataforma no meu gramado e ao redor da casa.

Eu olhei para o lugar onde ela costumava ficar por alguns segundos, antes de sentir o braço de Colt em volta dos meus ombros e virei minha cabeça para olhar para ele.

—Isso foi meio triste.— eu disse a ele.

Ele olhou para o lado da casa e depois para mim.

—É uma mulher que tem tudo, mas realmente não tem nada.

Eu suspirei então assenti. Colt largou o braço, desceu correndo os degraus e saiu para o meu quintal para pegar a ponta do cigarro.

Ele olhou para mim.

—Que vergonha, isso estraga seu quintal querida. Você faz boas flores.

Eu sorri para ele.

—Obrigado.

—Vou jogar fora. — disse ele, levantando. —Você está bem agora?

—Estou bem, Colt, obrigado por ter vindo.

—A qualquer momento, Vi. — ele disse e se virou para sair. —Até mais tarde.

—Tchau, Colt, diga a Feb que eu disse oi e beije Jack por mim.

—Farei os dois. — ele respondeu quando virou a esquina da casa.

Eu olhei para ele por um tempo também. Então fui para a casa e todas as crianças me assistiram caminhar até a cozinha.

—Ela foi embora?— Kate perguntou.

—Sim. — respondi, puxando uma garrafa de vinho branco barato para fora da geladeira sentindo que esta era uma situação para qual o vinho branco barato foi criado.

—O que ela queria? — Keira perguntou.

—Joe. — eu respondi.

—E? — Keira solicitou.

Eu encontrei o saca-rolhas e olhei para Keira através da abertura do bar.

—Joe não a quer.

—M*atador*! — Keira assobiou, bombeando sua mão fechada no tipo de gesto que você usaria em um caminhoneiro para fazê-lo buzinar.

Olhei para Kate.

—Você acha que há algo na água ou ela apenas a tocou?

—Apenas a tocou. — disse Kate, Dane riu e eles apertaram o play para reiniciar o filme.

Servi-me uma taça de vinho e voltei ao meu convés com o celular na mão.

Eu mal tinha a minha bunda na cadeira quando tocou, eu olhei para a tela e era Joe.

Eu atendi e coloquei no meu ouvido.

—Oi.

—Ela se foi?

—Sim, o drama acabou. — Ele não respondeu, então eu perguntei: —Quem é Marco?

—O empresário dela. — Joe respondeu.

—Ela parece ter muito medo dele. — comentei.

—Tem motivo para estar.

—Que razão?

—Ela chegou onde está por causa dele. O problema dela é que ela fez um acordo com o diabo.

—Um acordo com o diabo?

—A má notícia de Marco. — Joe me disse.

—Más notícias como? — Perguntei.

—Más notícias, ela sai da linha, ele a puxa de volta e ele não é legal sobre isso.

Isso não soava bem, aquele rosto parecia pálido, os lábios entreabertos, os olhos arregalados. Nada bom.

—O quê?—sussurrei.

—Ele pode ficar físico, Buddy.

—Físico, tipo, ele bate nela?

—Sim. — respondeu Joe. —Ela é sua vaca de dinheiro. Ele tira o máximo de tudo que ela faz, vive uma boa vida. Ela faz merda que pode balançar esse barco, ele não gosta e torna isso conhecido, no entanto, ele precisa.

—Isso é horrível.

—Sim, mas não é problema seu e nem meu. É o acordo que ela fez.

Um pensamento me ocorreu, então perguntei:

—Por que você não ligou para Marco antes, quando estava tendo problemas com ela?

—Era só comigo, eu podia lidar com isso e não queria ser responsável por ele ficar na cara dela. Fodendo com você e as meninas, ela não estava fazendo só comigo, ela estava te arrastando para isso. Eu pensei que poderia fazer o meu ponto, porra, pensei que fiz. Mas não. Kenzie perturba você e as meninas, ela precisa saber que estou falando sério. Agora ela sabe.

Tomei um gole do meu vinho pensando que o meu mundo, não muito tempo atrás, mesmo quando Tim chegava em casa e falava sobre algumas das merdas que vira, era uma

pequena bolha de bondade. Agora as coisas que picam, sem o Tim para manter a bolha forte e resistente, eram assustadoras.

—Buddy?

—Sim?

—Você está bem? Ela disse mais alguma coisa para você?

Sim ela disse. Ela me disse que você pertencia a mim.

Mas eu não diria isso a ele.

—Não, apenas jogou a ponta do cigarro no meu quintal e foi embora.

—Porra, que puta. — ele murmurou.

—Tudo bem, Colt pegou.

Ele suspirou e disse:

—Bom homem.

—Joe?

—Sim, Buddy?

—Você ligaria para o Marco?

Ele não hesitou antes de responder:

—Sim.

Isso me chocou e também me decepcionou.

—Mesmo?

—Mesmo.

—Mas...

—Baby, ela estava ligando para você e as garotas atendiam, ficando apavoradas. Tinha que ser parado, essa era minha última opção. Ela forçou minha mão.

—Joe.

—Ela forçou minha mão, Vi. Ela fez isso para si mesma com essa merda louca. Você espreme um homem em um canto, você tem que arcar com as consequências quando ele faz o que tem que fazer para lutar para sair.

Joe estava sendo um sábio novamente.

E me ocorreu então que ela não encurralou Joe em um canto. Ela jogou as meninas e eu lá. Joe não a havia ameaçado com o negócio de Marco, quando ela estava fazendo sua coisa para chamar a atenção dele. Pensou que poderia lidar com isso e não queria assustá-la como acabara de fazer. Mas ele usou as grandes armas por mim e pelas meninas.

Eu não queria fazer disso uma coisa grande, cometer o mesmo erro e começar a acreditar, mas Joe não me dava outra escolha.

Tomei outro gole do meu vinho, em seguida, mudei de assunto porque esse tipo de assunto você não falava no telefone.

—Bem, obrigado por lidar com isso, mesmo estando em Los Angeles.

—Não me agradeça, eu sou a razão pela qual ela estava lá.

—Ela estava aqui porque tem tesão por você. Não é sua culpa você ser gostoso.

Eu ouvi seu riso suave novamente, e decidi que gostei de novo e ele respondeu:

—Baby, você está me matando.

—Como estou matando você?

—Você pode ser doce e hilária quando estou perto o suficiente para dar retorno.

Meu estômago saltou e eu respirei para controlar o meu coração vibrando.

—Qual seria o retorno? — sussurrei.

—Seja doce e hilária na minha cama, eu te mostrarei.

—Joe...

Ele me cortou.

—O que você está fazendo agora?

—Bebendo vinho branco barato no meu deck. E você?

—Eu tenho que ir buscar comida.

—Oh, ok, deixarei você ir.

—Tudo bem, Buddy.

—Você volta no sábado?

—Sim.

—Vejo você então.

—Absolutamente.

Suspirei e foi um suspiro feliz porque eu o veria, ele queria isso e sábado estava a apenas um dia de distância.

—Tchau, Joe. — eu disse suavemente.

—Tchau, Buddy. — respondeu ele em voz baixa.

Desliguei meu telefone e bati na minha testa com ele.

Eu tinha, é claro, chamado Joe para terminar as coisas, mas em vez disso conversamos, fizemos sexo por telefone e ele me deu cerca de uma dúzia de razões para acreditar nele. Então, através de vários outros telefonemas, ele me deu mais razões para acreditar.

Coloquei o telefone na mesa e tomei outro gole de vinho.

Eu precisava ligar para Cheryl, ou precisava falar com Feb, ou precisava ligar para uma das minhas amigas em Chicago.

Mas era tarde e seria grosseiro ligar a essa hora, especialmente quando a conversa que eu precisava ter tomaria tempo.

Então eu coloquei meus pés na cadeira, olhei para minha linda grama e meus lindos vasos de flores e, enquanto bebia meu vinho, decidi ver o que o sábado poderia trazer.

Capítulo Dez

Conversas

Cal estacionou o caminhão em sua calçada, mas ele viu Vi enquanto dirigia pela rua.

Ela estava trabalhando em seu quintal vestindo um short muito curto que mostrava suas pernas bronzeadas, um top roxo escuro que mostrava mais pele bronzeada e seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo na parte de trás da cabeça. Ele teria ficado chateado por ela estar trabalhando em seu quintal sem ele estar em casa, mas ele também viu Colt cortando a grama, então sabia que ela estava segura.

Depois que desligou o carro, virou a cabeça para ela e viu que ela se endireitou do que estava fazendo e olhou em sua direção. Ela passou a parte de trás do braço contra a testa, tinha algo na mão e usava luvas de jardim.

Ele pegou sua bolsa e saiu do caminhão. Depois que ele bateu a porta, seus olhos voltaram para Vi e ela estava andando em direção a ele. Ela conseguiu atravessar o

caminho, estava no quintal dele e perdera a ferramenta de jardinagem e as luvas.

Ele se dirigiu para a porta da frente e esperou que ela chegasse.

Ela o fez, parando a menos de um metro de distância e inclinando a cabeça para trás para olhar para ele, a mão levantada para proteger os olhos do sol.

—Oi. — ela disse suavemente.

—Onde estão as meninas? — Perguntou Cal.

—No shopping. — Vi respondeu.

Cal não respondeu, virou-se para a porta, destrancou-a, entrou e jogou a bolsa no chão. Então ele foi até a porta e puxou Vi, batendo a porta atrás dela e a apoiou contra ela, sua cabeça já descendo para tomar sua boca, seus braços se movendo para esmagá-la contra ele.

Ela o encontrou, suas bocas e corpos colidindo, tão famintos por ele quanto ele. Ele a moveu da porta e a arrastou pela sala até o sofá, com mãos nos shorts, e mãos na calça jeans. Sua boca ainda se nele, Vi não perdeu tempo, puxou-o livre, sua mão envolveu seu pau duro e ela o estava acariciando.

Ele puxou o short e a calcinha dela, ela saiu deles e a empurrou de volta para o sofá, seguindo-a para baixo.

A fim de distraí-lo enquanto ela tentava rolar nele, ela usou a língua em seu pescoço e as unhas nas costas, mas ele deslizou a mão de sua bunda, pela parte de trás de sua coxa

até o joelho, agarrou-a, puxou sua perna fora e envolveu em torno de seu quadril.

—Eu quero ficar por cima.— disse ela em seu ouvido, sua voz era uma demanda que se transformou em um gemido porque a mão dele foi de sua perna para entre eles para que pudesse pressionar o dedo para seu clitóris. Quando ele fez, com o gemido, ela deslizou sua outra perna debaixo dele e a enganchou em torno de sua coxa.

—Eu te seguro, Buddy.

—Não é justo, você sempre fica no topo.

—Nem sempre.

—A maior parte do tempo.

—Você pode ficar por cima esta noite.

—Promete?

—Sim.

Sua boca veio para ele, seus olhos sorrindo, em seguida, ele a beijou e sentindo-a molhada, como de costume com Vi, seu controle escorregou e ele substituiu o dedo em seu clitóris pelo seu pau em sua boceta.

—Joe.— ela respirou contra sua boca, respirando o nome dele contra seus lábios forçando-o a penetrá-la com mais força, e ela sussurrou: —Estou feliz que você esteja em casa.

Sim, ele estava em casa e se sentia muito bem.

Ele a montou com força e ela levantou os quadris para encontrá-lo, suas pernas apertadas ao redor de seus quadris,

as unhas cavando em suas costas e ele a montou até que ela gozou e mais, até que ele também gozou.

Ele ficou enterrado dentro dela, seu rosto em seu pescoço, seus braços e pernas em volta dele e escutou enquanto sua respiração se estabilizava.

Eventualmente, desde que Vi não parecia ser capaz de ficar quieta por muito tempo, ela perguntou:

—Como foi o seu voo?

—Cedo — Cal disse em seu pescoço e continuou —e longo.

—Nunca estive em Los Angeles.

—Não perdeu nada, Buddy.

—Ouvi dizer que é divertido.

Sua cabeça subiu e ele olhou para ela, seu rabo de cavalo espalhado em seu sofá, sua boca inchada. Cristo, ela era linda.

Ele apertou seus quadris nos dela, saiu observando seus lábios se separarem e suas pálpebras se abaixaram, então disse a ela:

—Nunca estive lá por diversão.

Ela sorriu e seu braço deixou suas costas para que ela pudesse enrolar seus dedos em volta do pescoço dele.

—Você deveria tentar.

—Não faço muita coisa por diversão.

—Você deveria tentar isso também. — ela disse suavemente, seus dedos subindo para acariciar seu rosto.

Ele não respondeu, apenas deixou o tom de suas palavras e seu toque se estabelecerem.

Sim, ele estava em casa.

Ele nunca pensou assim, isso nunca entrou em sua mente. Ele viveu sua vida e ia para onde precisava.

Mas Vi em seu sofá, ele percebeu pela primeira vez depois de muito tempo, era bom estar em casa.

—A maior parte do seu trabalho está lá? — Perguntou ela.

—Sim.

—Por que você não se mudou para lá?

—Porque LA[12] é insana, cheia de frutas e nozes. Indiana é sanidade, carne e batatas. Sou um homem de carne e batatas.

Ela observava a boca de Joe enquanto ele falava, em seguida, seus olhos vieram para os dele quando ela disse:

—Sim, frutas e nozes são boas de vez em quando, mas precisamos de carne e batatas.

Ele sorriu para ela, que sorriu de volta, então ela levantou a cabeça para beijá-lo gentilmente, o que era bom, salvou-o do trabalho de dobrar a cabeça para fazer o mesmo.

Então um telefone tocou e sua cabeça voltou para o sofá, mas virou para o lado.

—Esse é o meu celular.— ela disse a ele.

[12] Sigla de Los Angeles.

Cal esticou o braço, pegou o short dela e arrastou-os pelo chão, em seguida, ele puxou o celular para fora. Ele olhou para ele e o visor dizia: O celular de Sam.

—Sam. — ele disse a ela, seus olhos se arregalaram, ela pegou o telefone da mão dele, abriu-o e colocou no ouvido.

—Sam! — Ela chorou em voz alta. —O que há, bebê irmão?

O irmão. O irmão que Violet obviamente se preocupava, porque ela ainda estava deitada debaixo dele, seu pau dentro dela e ela parecia ter esquecido.

Ele deslizou para fora, seu queixo mergulhou, seu rosto ficou macio e seus lábios se separaram e ele sorriu para ela, porque tudo aquilo lhe dizia que ele a lembrou e ela gostava dele onde ele estava.

—O quê? — Ela disse no telefone distraidamente. — Desculpe, sim, estou aqui.

Cal moveu-se para baixo de seu corpo, puxando sutiã para baixo de seus seios e então ele colocou a boca em suas costelas.

Seus dedos deslizaram em seu cabelo.

—O quê? — Ela perguntou de novo, sua boca se moveu ainda mais e ela disse: —Sim, as coisas estão bem. Você? —Ele circulou seu umbigo com a língua, ela encolheu seu estômago e sua respiração e disse, sua voz soando sufocada — Você pode esperar um segundo? —Ela puxou o cabelo dele e ele levantou

a cabeça para vê-la. Tinha a mão enrolada no telefone e estava longe do rosto dela. —Pare com isso, Joe.

—Você tem um gosto bom, Buddy.

Seus olhos se arregalaram então eles se estreitaram e ela sussurrou:

—Pare.

Ele escorregou ainda mais, para entre as pernas dela, ela subiu para se afastar e ele pegou seus quadris, puxando-a para baixo dele enquanto a levantava e a cobria com seu corpo.

Ele colocou a boca na dela e sussurrou:

—Tudo bem, baby, eu pararei.

—Obrigado. — ela agradeceu, com os olhos ainda estreitos. Joe sorriu para ela novamente e Vi colocou o telefone de volta ao ouvido.

—Estou de volta. — disse ela e olhou para ele. —Não, não é nada, apenas um vizinho chato.— Cal riu baixinho e empurrou o rosto em seu pescoço para poder correr a boca ao longo de sua pele. —O quê? — Ela perguntou. —Nenhuma piada! — Ela gemeu. —Sim, definitivamente, absolutamente. — Ela ficou em silêncio por um segundo e perguntou: —Mel também? Oh, Sam, as garotas ficarão emocionalmente em pedaços. —Outra pausa e então, — Quanto tempo? —Sua cabeça subiu, ele se moveu um pouco para o lado, se acomodando em um cotovelo no sofá, para vê-la falar enquanto ele endireitava a calça jeans e ela disse: —Isso é tudo? — Seus olhos vieram para ele e ela continuou. —Bem, aceitaremos,

mesmo que seja apenas um fim de semana.— Outra pausa e então:—Sim.—Outra pausa. —Você conseguiu, definitivamente farei isso. Kate enlouquecerá, ela não tem meu risoto de frutos do mar há séculos. Mais alguma coisa que você queira? —Ela escutou, seu rosto mudou , seus olhos ficaram fora de foco e um olhar fixo em suas feições, carinho, claro como o dia, ela amava seu irmão, era óbvio que não tentou esconder isso e ela disse —Sim, nós podemos ter nosso tempo em família, pode apostar.

Cal moveu sua mão em direção ao rosto dela e a segurou, o polegar se movendo para acariciar sua bochecha e ele viu os olhos dela se moverem para ele, aquele amor ainda brilhando lá e essa contração o atingiu no lado esquerdo do peito novamente. Mais forte que antes, quase doloroso. Ela se concentrou nele, mas esse olhar não se moveu de seu rosto.

—Sim, veremos você então. — ela sussurrou, seus olhos ainda em Cal. —Mal posso esperar, Sam. — Ela fez uma pausa para ouvir, em seguida, disse: —Eu também, amo você ... mande meu amor por Mel. Tchau.

Ela fechou o telefone e Cal perguntou:

—Deixe-me adivinhar, seu irmão está vindo para a cidade?

Um sorriso dividiu seu rosto e ela assentiu.

—Ele e sua namorada, Mel. No próximo fim de semana.

—Boas notícias, Buddy.

—Definitivamente.

Ela se abaixou, pegou sua calcinha do chão e ele deslizou para o lado quando ela levantou as pernas e depois os quadris enquanto a vestia. No minuto em que suas pernas se acomodaram no sofá, ele rolou a parte inferior do corpo sobre a dela novamente e seus olhos foram para o rosto dele.

—Ele é próximo de seus pais? — Cal perguntou e então ela começou a rir. Sua pergunta era tão hilária, ela rolou para ele, deslizando os braços ao redor dele, segurando enquanto seu corpo tremia de rir ao mesmo tempo em que empurrava seu rosto em seu peito.

—Vi. — ele chamou.

Ela afastou o rosto e inclinou a cabeça para trás.

—Essa foi engraçada.

—Eu poderia dizer.

Ela sorriu para ele.

—A resposta é não, Sam não é próximo dos meus pais. Nenhum de nós é. Eu porque engravidei aos dezessete anos e casei com o pai do bebê, depois que eles me rejeitaram. Acho que foi menos por eu engravidar e mais por engravidar de Tim. Tim não era a ideia de um par perfeito para minha mãe. O pai de Tim era bombeiro, sua mãe auxiliar de enfermagem. Meu pai era gerente de um banco e minha mãe era e ainda é uma senhora que almoçava.

Isso o surpreendeu. Não havia nada nela que sugerisse que ela vinha do dinheiro.

—Sam era um inferno. — ela continuou. —Ele começou a se rebelar quando tinha cerca de cinco anos e não parou até alguns anos depois de conhecer Mel e ela ter tempo suficiente para acalmá-lo. Ainda assim, minha transgressão era aparentemente pior do que os zumbis de Sam, então, depois que estraguei tudo, de acordo com a mãe, e ela me deu as costas, ela fez a sua missão de permanecer na vida de Sam. Ele aguenta isso, principalmente porque ele fica com o papai. Ela faz isso, eu acho, porque não é estúpida e sabe que quando estiver babando em sua gelatina, ela precisará de alguém para vir visitá-la para que tenha com quem reclamar.

Cal olhou para Vi e a imaginou aos dezessete anos, grávida e provavelmente com a porra da mente assustada e sua mãe virando as costas para ela.

Então voltou sua atenção para a mulher deitada em seu sofá, que se vestia como ela se vestia, trabalhava como ela trabalhava, fez uma casa como ela fez, e criou e cria duas garotas como as dela, e agora continuando sozinha. Ele não podia acreditar que qualquer mãe não estaria orgulhosa de tudo isso.

—Deve ter sido difícil, Buddy.— ele disse suavemente e inclinou a cabeça para o lado.

—O quê?

—Fazendo uma vida aos dezessete anos.

Ela balançou a cabeça, seus olhos se desviaram e seu rosto ficou suave quando ela disse:

—Os pais de Tim não eram como os meus. — Ela olhou para ele e continuou. —Eles o amavam, me amavam, acharam que faríamos a coisa certa, porém muito cedo. Eles me levaram para casa deles quando meus pais me expulsaram. Nós nos casamos em seu quintal, o mais doce casamento que você já viu. —Sua voz ficou quieta quando ela disse:— A mãe dele fez isso. —Seu rosto ainda era suave com as memórias enquanto ela continuava. —Nós nos mudamos para a garagem deles enquanto Tim ia para a faculdade. Eles fizeram isso como uma sala de TV e mudou para um quarto para que pudéssemos nos mudar, ajudou-me, ajudou Tim, cuidou de Kate, o tempo todo. Um par de anos mais tarde, eles ainda construíram uma grande adição na parte de trás onde eles tinham seu próprio quarto, banheiro e sala de estar e praticamente nos deram o resto da casa. Nós não saímos até dois anos após o nascimento de Keira. Tim havia terminado a faculdade, estava na polícia e, a essa altura, tínhamos uma entrada para uma casa. Nós nos mudamos para o quarteirão deles. Eles estiveram em nossas vidas, praticamente, quase que diariamente desde que descobri que estava grávida.

Embora Cal estivesse aliviado por ela não ter sofrido quando seus pais a expulsaram, ele não queria falar sobre isso, sobre seu marido, sua vida e memórias que fizeram sua voz calar e seu rosto ficar suave.

Mesmo não querendo, ele ainda perguntou:

—Você ainda é próxima deles?

Ela engoliu e a tristeza varreu a suavidade de seu rosto. Ela parecia olhar como quando a viu pela primeira vez, um olhar que ele não via há algum tempo, um olhar que ele não gostou. Ela sentia falta deles na rua, mas, principalmente, sentia falta de sua antiga vida.

—Eles ligam para as meninas especialmente, umas duas vezes por semana.— ela respondeu. —Eu conversava muito com eles quando nos mudamos, mas não com tanta frequência agora que estou trabalhando em tempo integral. Então, não, não estamos mais próximos. Eu não me animo para ir até Chicago e eles não gostam de viajar, então eles nos visitaram apenas duas vezes.

—Chicago é apenas quatro horas de distância. — apontou Cal.

—Chicago é onde Daniel Hart vive.

—Eu não falei sobre você indo lá, Buddy.

Ela balançou a cabeça.

—Eles vão para a Flórida uma vez por ano, Joe. Duas semanas. Em janeiro. Eles param no caminho de ida e volta. Isso é tudo que eles fazem. Os dois ainda estão trabalhando. Eles se apegam ao seu canto, o que eles conhecem. Eles ficaram aliviados quando Tim e eu nos mudamos para o mesmo quarteirão em vez de mais longe. Mesmo quinze minutos estariam fora de sua zona de conforto, a menos que Tim fosse buscá-los. Não é tanto o pai dele, é mais a mãe dele. Ela é quieta, muito tímida, ela gosta do que conhece, o resto eu acho que a assusta.

Isso, Cal não entendia. Ele não podia dizer que sabia muito sobre famílias desde a morte de sua mãe, mas passou bastante tempo com o tio Vinnie, tia Theresa e seus filhos Vinnie Junior, Carmela, Benny e Manny para saber que eles estavam longe e em seus negócios, mesmo seu próprio negócio estava a seis estados de distância. Carmela mudou-se com o marido para a Califórnia e Vinnie Sênior e tia Theresa usaram todas as desculpas que puderam para visitá-la. Quando o primeiro filho de Carm perdeu seu primeiro dente, eles pegaram um maldito avião.

E eles o levaram quando sua mãe morreu. Mesmo antes disso, eles estavam longe de Chicago passeando, Vinnie Sênior era próximo de sua irmã, ele não gostava de ficar longe dela por muito tempo. Mas quando a mãe de Cal morreu e eles ficaram no estado de seu pai, suas visitas foram mais frequentes e, eventualmente, eles vieram, pegaram ele e o levaram para Chicago. Vinnie Sênior, com Vinnie Junior no carro, dirigindo na sexta-feira para buscá-lo no fim de semana, trazendo-o de volta em um domingo para que ele estivesse em casa antes de voltar para a escola.

—É, hum ...— ela hesitou, ele se concentrou nela, ela mordeu o lábio e perguntou: —Sua família está perto?

—Mamãe e papai estão mortos.— ele disse a ela e ouviu-a sugar uma respiração suave.

—Mesmo?

—Sim.

—Joe.— ela sussurrou.

Ele não podia lidar com isso, ouvindo a tristeza em sua voz quando ela disse o nome dele. Ele percebeu, porque não gostava disso.

Joe sentou-se de repente, levando-a com ele e plantando-a em cima dele, então ele deslizou as mãos sobre a bunda dela e mudou de assunto.

—Não conseguirei consertar sua porta de garagem, com você pendurada no meu sofá.

Ela colocou as mãos no pescoço dele e estudou seu rosto. Então seu polegar saiu e acariciou a parte inferior.

—Sim. — ela disse suavemente, deixando-o ir e ele decidiu que gostava disso, Vi lendo seu rosto e sabendo que ela deveria deixar de lado a conversa. Então ela perguntou: —Mas eu poderia te pedir um favor?

—Claro.

—Você falaria com Sam?

Ele sentiu seu corpo ficar apertado e suas mãos flexionadas na carne de sua bunda.

Ele não queria falar com o irmão dela.

Ela já estava entranhada nele. Todos os dias, ela entrava mais fundo, mesmo quando não estavam juntos. Ele trabalhando em um contrato, sentado em uma reunião e se perguntava o que Vi estaria fazendo, se estaria trabalhando, o que ela estaria vestindo, onde suas filhas estariam, se elas estavam seguras. Ele se perguntava se Dane estava mantendo suas mãos afastadas de Kate, sua filha adolescente, e

imediatamente já pensava que ele quebraria o pescoço dele caso não estivesse. Ele se perguntava se Keira era amigável com todo mundo como ela era com ele, e rezava a Cristo para que ela não tivesse nenhuma conversa com algum pedófilo doente, cujo pescoço ele também teria que quebrar se acontecesse com Keira.

Essas não eram as preocupações habituais de Cal.

E era pior à noite, tentando dormir, ele pensava em Vi de outras formas, suas mãos, sua boca, seu cheiro. Cristo, algumas noites, ela era tão real em seus pensamentos, que ele podia cheirar seu cabelo em seu travesseiro, sentir sua bunda em suas mãos como se estivesse ali, então, ouvi-la dizendo seu nome, sentir seu corpo pesado no sono ao seu lado.

Quando ele ouviu o grito distante de Keira, o grito de Kate e o medo na voz de Vi, ele quase saiu de sua pele estando tão longe e impotente para intervir se algo estivesse acontecendo. E ele não conseguia se lembrar da última vez que ficou tão chateado como quando soube que era Kenzie fazendo as chamadas, merda da sua vida afetando a dela e, novamente, ele estava tão longe, na porra do telefone e ela lidando isso com o Colt.

Ele não gostou disso, nada disso.

Sua vida foi estável antes de Vi. Ele gostava disso.

—Joe.— ela chamou quando ele não respondeu e se concentrou nela.

—Esqueça que eu disse qualquer coisa. Você não precisa.

Ele não queria, mas ele sabia que iria.

E essa foi a porra que desencadeou todos esses pensamentos.

—O que você quer que eu fale com ele?

—É só que ...— ela começou a se mover e murmurou: — esqueça, não é grande coisa.

Suas mãos saíram da bunda dela, levantaram e cruzaram ao redor dela para que pudesse trancá-la em seus braços.

—O que você quer?

—Eu ...— ela começou então parou, olhando para longe e mordendo o lábio.

—Baby, pelo amor de Deus...

Seus olhos voltaram para ele e ela disse:

—Ele está bisbilhotando em torno de Hart.

Os braços de Cal convulsionaram como um sentimento muito ruim, azedou seu intestino.

—O quê?

—Sam, ele está bisbilhotando ao redor de Hart. Eu não sei o que ele está fazendo, mas ele era próximo de nós e o que aconteceu com Tim e depois comigo o afetou. Ele é ...

Cal a interrompeu.

—Isso é uma merda.

Seu corpo estremeceu e ela disse:

—Eu sei, mas ...

—Não é apenas uma merda, é estúpido.

Desta vez, seu corpo se apertou em seus braços e seus olhos se estreitaram.

—Ele não é idiota, é meu irmão e ele está ...

—Enfiando o nariz na merda que não deveria. Jesus, Vi, Hart vai mastigá-lo e cuspi-lo.

Ele foi rude, e soube disso no segundo em que seu rosto se contorceu de dor e seu corpo enrijeceu, suas mãos indo do pescoço até o peito para se afastar.

Ele a soltou, mas a torceu, então ela caiu de costas e ele caiu sobre ela.

—Buddy...

—Eu sei disso, Joe. — ela interrompeu em um sussurro. —Eu sei exatamente o que Hart fará.

—Eu sei que você sabe. — Cal sussurrou de volta.

—É por isso que quero que você fale com o Sam. Esse é o favor. Eu quero que você diga a ele para parar, explicar as coisas para ele. Conseguir que ele deixe os policiais tratarem com isso.

—Ele chegando, você provoca o encontro, e eu terei uma palavra com ele.— disse Cal imediatamente.

Seu queixo estremeceu, então ela piscou.

—O quê?

—Quando ele chegar, você configura o encontro, eu terei uma conversa.

Ela olhou para ele por um segundo como se nunca o tivesse visto antes.

Então ela respirou.

—Sério?

—Sim.

Ele sentiu o corpo dela relaxar debaixo dele e seu braço deslizou ao seu redor, sua outra mão deslizando até o pescoço e em seu cabelo enquanto sua perna se movia debaixo dele para envolver sua coxa.

—Obrigado, Joe.

Ele sabia que ouviria isso, no minuto em que ela falou. Ele sabia que era tudo que precisava, aquelas duas palavras suaves com seus membros em volta dele e, Deus o ajudasse, ele faria qualquer coisa por ela.

Jesus, ele estava fodido.

—Preciso ver a sua garagem.— ele disse a ela.

Ele estava deixando os braços dela, depois de fodê-la em seu sofá e a ouvi-la compartilhar sua vida, para que pudesse consertar a fechadura da porta da sua garagem.

Sim, fodido.

—Tudo bem. — ela sussurrou.

Ele se levantou, puxando-a junto. Esperou até que ela puxasse o short e amarrasse o rabo de cavalo e, juntos, foram até a casa dela. Vi indo para o quintal, Cal para a garagem.

Vinte minutos depois, ele estava em seu caminhão indo para a loja de ferragens, comprando-lhe uma nova fechadura de porta de garagem.



Cal viu o Fiesta entrar na garagem de Vi.

Kate mal estacionou quando Keira estava fora da porta e correndo para ele, seus cabelos voando, os braços girando como se ela tivesse correndo para sua mãe e Colt no churrasco de February.

—Joe! — Ela gritou.

Ele estava em uma escada na garagem de Vi, instalando a nova fechadura da porta da garagem, e olhou para a filha de Vi que tinha parado ao lado da escada e sorria para ele. Fazendo isso, ele pensou que o único som melhor do que ouvir Violet dizer seu nome era ouvi-lo de Keira.

—Ei garota.

—Eu ganharei um cachorro! — Ela anunciou.

Cal baixou os braços e perguntou:

—Que tipo?

—American Husky.

—Boa raça.— disse Cal, embora não tivesse ideia se isso era verdade ou não.

—Eu sei!— Ela gritou como se ele não estivesse bem ali na frente dela. —Eu tenho pesquisado por eles na internet.—

Ela se levantou na ponta dos pés e sussurrou em voz alta: — Embora, digam que eles latem muito. Não contei a mamãe essa parte, ainda.

—Ei Joe.— disse Kate, juntando-se a festa.

—Kate.

Seus olhos estavam na abertura para a garagem, em seguida, vieram para ele e ela comentou:

—Você conseguiu abrir a porta.

Cal não respondeu porque a porta estava aberta, e achou que ela não precisava de uma resposta.

—Quando nos mudamos para cá, mamãe passou, tipo para sempre, tentando abrir essa porta.— Kate disse a ele.

—Sim? — Cal perguntou, levantando os braços, inclinando a cabeça para trás e voltando para a fechadura.

—O que você está fazendo? — Keira perguntou e Cal olhou através de seus braços para Keira.

—Instalando uma nova fechadura na porta da garagem.

Keira e Kate se entreolharam. Keira sorriu largamente. Os olhos de Kate voltaram para ele e pareceu pensativa.

—Isso é legal, Joe.— ela disse suavemente, olhando para o teto, depois para ele e terminou —obrigado.

—Por favor, me diga que você deixou roupas e sapatos suficientes no shopping para o resto da população de Indianápolis comprar, para que as pessoas não andem por aí com roupas que não são de grife porque compraram na

Goodwill[13]. — brincou Vi, andando até eles e Cal baixou os braços novamente.

—Estamos fazendo nossa parte para ajudar a economia. — disse Keira à mãe.

Vi parou e olhou para a filha.

—O que você comprou?

—Um par de shorts que você *adorará* e um novo chinelo que são impressionantes, e havia o "*comprando dois ganhe um grátis*" naquela loja de acessórios, então eu comprei quatro e ganhei dois grátis, um monte de pulseiras e colares. São super lindos. Você pode pegá-los emprestados. — respondeu Keira.

Vi olhou para a filha mais jovem por um momento, em seguida, olhou para a mais velha.

—O que você comprou?

—Nada— Kate sorriu —eu pegarei emprestado as coisas de Keira.

—Você não vai.— Keira retrucou. —Mamãe pode pegar emprestado, mas você não pode.

Os olhos de Vi foram para Cal e ela balançou a cabeça, depois voltaram para Keira.

—Vocês duas estão brigando?

—Não.— disse Keira.

—Sim.— disse Kate.

[13] É um local onde os americanos doam coisas, sejam novas ou usadas, que são vendidas ao público e o dinheiro arrecadado é distribuído para famílias que perderam seus bens em calamidades (furações, tufões, etc..).

Vi sabia instantaneamente quem estava mentindo e quem não estava, assim, ela olhou para aquele que seria honesto com ela e perguntou a Kate:

—Por quê?

—Ela e Heather querem ir a essa festa na casa de Jody comigo e com Dane. — respondeu Kate.

O olhar de Vi foi para Keira.

—Eu pensei que nós já tínhamos conversado sobre isso.

—Mãe. — Keira choramingou.

—Você não vai, é para juniores e seniores.

—Kate está no segundo ano. —Keira retornou.

—Kate é um júnior agora, a escola acabou .— retrucou Vi.

—Sou madura para a minha idade. — Keira atirou de volta.

—Querida, você tem quatorze anos, parece que tem doze. Você terá quarenta e cinco e continuará parecendo doze. Você está presa na menina. Você estará morando em uma casa com margaridas nas paredes e vestindo roupas rosa quando se casar e tiver seis filhos. —Vi respondeu.

—Eu não terei seis filhos. — Keira retrucou, não estúpida o suficiente para negar que ela era toda menina e seria até o dia em que morresse.

—E você não vai a essa festa.— Vi disse suavemente, mas com firmeza, usando uma voz que, pelo olhar no rosto de Keira, ela sabia que era o fim da discussão, mas Vi não

deixaria isso ruim então ela disse a ambas: —Adivinhe quem vem para a cidade no próximo fim de semana?

—Tio Sam! — Keira gritou, adivinhando imediatamente e também imediatamente perdendo sua atitude.

Vi sorriu.

—E Melissa.

—Isso é *incrível*! — Kate gritou.

Vi se virou para Kate.

—Baby, você pode dormir no beliche com Keira em seu futon, para que Sam e Mel possam ter o seu quarto?

—Claro. —Kate concordou instantaneamente, seu rosto feliz, sua boca sorrindo, obviamente amando seu tio como sua mãe amava o irmão, se ela desistisse de seu espaço.

—Isso é tão *legal*! — Keira anunciou.

Vi deslizou um braço ao longo da cintura de Keira e deu-lhe um aperto antes de deixá-la ir e dizer:

—Certamente é, querida. Agora pegue suas sacolas, leve-as para casa e deixe Joe sozinho, sim?

—Sim.— Keira sorriu para a mãe e depois para ele e disse: —Tchau, Joe.

—Tchau. — respondeu Cal.

Keira decolou e Kate se virou para a casa, mas ela estava olhando para Cal.

—Você quer uma Coca-Cola ou algo assim, Joe? — perguntou.

—Parece bom. — respondeu Cal, ignorando o fato de que seu cérebro estava tentando decidir se ele gostava da quieta Kate chamando-o de Joe, mas do que Keira.

—Eu pegarei uma. — Kate murmurou e foi embora.

Cal olhou de Kate para Vi e ela estava olhando para o teto.

—Quanto custou isso?— Ela perguntou olhando para a nova fechadura da porta da garagem.

—Você, esta noite na minha cama com a mão entre as pernas. — Cal respondeu baixinho e seus olhos foram para os dele.

—O quê? — Ela sussurrou.

—Você me ouviu.

Ela olhou para o carro para ver Keira no final carregando suas sacolas e acenando do outro lado da rua para Feb, que tinha Jack em seu quadril e falava com Myrtle em seu jardim da frente. Então Vi olhou para ele e chegou perto da escada.

—Você quer favores sexuais por uma fechadura nova? — Ela perguntou soando um pouco chateada, mas mais incrédula.

Cal voltou sua atenção para a fechadura.

—Eu faço o trabalho, eu decido o retorno.

—Sou sua chamada para sexo, Joe, não sua prostituta.

Em suas palavras, palavras inesperadas, palavras que o irritaram, Cal voltou sua atenção para Vi.

—Minha chamada para sexo? — Ele perguntou baixinho.

—Sim.

—Chamada para sexo. — ele repetiu.

—Sim.— ela repetiu também.

Joe viu que ela estava chateada também, mas ele achava que não tanto quanto ele. Ele colocou a chave de fenda, que tinha na mão, no topo da escada, desceu e se aproximou dela. Ela não recuou, mas ela nunca fez, se por causa da sua atitude que a fez estúpida ou porque ela tinha uma espinha dorsal. Ele imaginou que eram as duas.

—Chamada de merda? — ele perguntou de novo, esperando que ela se adaptasse ao tom de sua voz.

Ela não fez.

—Sim.— ela repetiu novamente.

Ele a estudou então, ele não tinha ideia do porquê, mas apenas para irritá-la ainda mais, ele declarou:

—Você não está chateada, porque é o que eu quero, mas sim porque quer tanto que mal pode esperar para dar para mim.

Ele teve sucesso em seu esforço de irritá-la mais, seus olhos se estreitaram e ela se inclinou para mais perto dele e sussurrou:

—Eu não posso acreditar em você.

—Você tem pensado nisso desde que lhe disse no telefone.

Seus olhos se arregalaram, então ele a observou apertar os dentes enquanto lutava pelo controle, mas ele estava zangado demais para lhe dar tempo.

Em vez disso, ele se inclinou para chegar em seu rosto e a informou:

—Buddy, o que temos é o que é. Pode não ser o que você quer, mas você tem que admitir, que o que é, é bom. O que não é, é uma chamada para sexo e me irrita você dizer isso e me irrita mais ainda você pensar que estou em uma porra de escada em sua maldita garagem, instalando uma porra de fechadura de porta, para comprar uma sessão de merda com você.

—Isso é o que você disse. — ela acusou.

—Eu disse, diretamente a você, que é isso que quero como retorno. Eu também te disse, se faço algo que você não goste, nós conversamos. Estou fazendo algo para você e é isso que eu pedi. Você não gostou dessa ideia, ficou desconfortável, tudo que você precisa fazer é dizer.

—Então toda vez que você faz algo para mim, exigirá um retorno?

—Buddy, isso é a vida. Você sempre trabalha para equilibrar as balanças. Você não deve dever algo a alguém, mesmo que seja apenas em sua cabeça que você deve e eles não dão a mínima. Foderá com você. Então você dá de volta para equilibrar os pratos.

Ele sabia que a tinha pelo jeito que seu rosto mudava, não que ela assentisse em compreensão, em vez disso ela parecia mais irritada porque ele estava certo.

—Dito isso — ele continuou —eu compraria isso e o instalaria de graça, você precisa cuidar do seu carro e a Kate não precisaria tirar o gelo do dela também. Eu pensei que você me deixaria fazer isso e saberia que essas balanças permaneceriam equilibradas, e eu não teria dito nada. Mas você não me deixaria fazer isso, e sei porque você perguntou quanto custou a porra da coisa.

Ela olhou para ele, ainda mais irritada porque ele estava certo novamente.

Então ela mudou de assunto e ele sabia que ela estava tentando irritá-lo ainda mais.

—Se eu não sou uma chamada, o que eu sou?

Ele olhou por cima do ombro para ver Keira pulando pelo jardim, balançando as sacolas, indo até a porta da frente da casa.

Então ele olhou para Vi e murmurou:

—Jesus, Vi.

—Não, eu quero saber, o que é que temos?

—Certamente não é uma chamada para sexo.

—Você já disse isso.

Cal olhou para ela e ela o encarou, esperando, silenciosamente exigindo uma resposta.

Então ele respondeu:

—Eu gosto de você, você gosta de mim, enquanto for bom.

—É isso?— perguntou, seu rosto cuidadosamente controlado, seu corpo tenso, lutando para esconder sua reação às palavras dele e, ao fazê-lo, não conseguindo esconder o fato de que ele tinha entrado em sua pele também.

Merda.

Ele nunca deveria ter começado isso de novo.

Ele forçou sua voz a suave, quando respondeu:

—Eu pensei que nós tínhamos um entendimento, Buddy.

Ela segurou os olhos dele por um momento, então se afastou, murmurando:

—Sim, nós temos.

A porta lateral se abriu e Kate gritou:

—Aqui está sua Coca-Cola, Joe.

Cal olhou de Vi para Kate e viu que Kate também fazia a caminhada de sua mãe, calma, tranquila, inconscientemente movendo os quadris, balançando a bunda, de posse de seu corpo de uma maneira que nenhuma adolescente deveria. Dane provavelmente a viu andando pelo corredor e sabia que ele iria por isso.

Ou ele a viu sorrir.

Primeira chance que ele conseguisse, teria uma conversa com Dane.

Ela chegou até ele e entregou-lhe a Coca-Cola.

—Obrigada menina. — Cal murmurou.

—Você quer um sanduíche?— Ela perguntou. —Temos peru e carne assada.

As filhas de Vi eram educadas. Cal não ficou surpreso.

—Estou bem.

—Você quer um, basta ligar. — disse ela, olhou para a mãe, deu-lhe um pequeno sorriso e, em seguida, se afastou.

—Eu tenho merda para fazer. — Vi murmurou, mas Cal estendeu a mão e agarrou seu braço.

Quando ela se virou para ele, ele disse:

—Nós não terminamos, Buddy.

Ela olhou para ele e respondeu:

—Eu acho que não irei hoje à noite, Joe. Eu tenho coisas para pensar.

Ele sabia o que ela estaria pensando, ela refletiria em acabar com isso. Ele também sabia que ela deveria, mas não sabia, e ele sabia que deveria, mas não estava pronto.

—Vi.

Com cuidado, ela puxou o braço da mão dele e perguntou:

—Você estará na cidade por algum tempo?

—Sim.

—Conversaremos mais tarde. — ela disse calmamente e se afastou.

Ele a deixou ir. Ele a deixou porque Colt estava agora com Feb e Myrtle do outro lado da rua e pegou Jack de Feb. Ele tinha o bebê perto de sua frente, ambos os braços em volta do menino, mas seus olhos estavam em Cal. Assim como os de Feb. Myrtle não percebeu, estava ocupada tagarelando.

Cal abriu a Coca-Cola, tomou um gole e colocou de lado.

Então ele voltou para a escada.

Quinze minutos depois, ele estava parado em frente à porta da garagem, testando os controles remotos, quando um Chevrolet Equinox azul-escuro parou no meio–fio e Mike Haines pulou.

Cal olhou para ele, sua boca ficando apertada, vendo os olhos de Mike enquanto ele andava até o carro de Vi e notando que a boca de Mike também estava apertada.

—Cal. — cumprimentou Mike.

—Mike.

Vi saiu pela porta lateral, os olhos saltando entre eles, desconfortáveis e despreparados para esta cena.

Mike virou-se para Vi, observou-a caminhar até eles e disse baixinho:

—Ei, querida.

—Oi.— ela respondeu e Cal sentiu seu intestino ficar apertado.

—Tem planos para esta noite? — Mike perguntou a Vi e Cal observou os olhos de Vi permanecerem colados em Mike.

—Não, por quê? — Ela perguntou de volta.

—Pensei em remarcar o jantar para hoje à noite. — Mike respondeu e Cal sabia que o idiota estava fazendo um ponto, fazendo isso com ele de pé, porra, lá.

—Um ...

—Meu lugar, seis horas.— Mike disse com firmeza, sem esperar que ela respondesse. —Você ainda tem o meu endereço?

—Sim.

—Bom.— Mike disse, novamente falando suavemente, então ele levantou a mão para seu rosto —Você tem problemas para encontrá-lo, você me dá uma chamada, sim?— Ela assentiu com a cabeça, ele se inclinou e tocou sua boca na dela.

Cal trancou seu corpo em aço contra o calor que queimava em seu peito.

Quando Mike levantou a cabeça, os olhos de Vi deslizaram para Cal, ela apertou os lábios e olhou para Mike.

—Um ... Mike...

—Seis horas.

—Um...

Ele soltou a mão e a cortou.

—Vejo você então. — ele se virou, acenou para Cal, Cal acenou de volta e Mike se moveu para seu SUV.

Vi assistiu Cal.

Cal voltou a testar os controles remotos e a porta deslizou para cima.

Então ele a ouviu gritar:

—Mike!

Cal olhou para Vi e depois para Mike, que estava parado na parte de trás do carro.

—Sim? — Mike respondeu.

—Você precisa de mim para levar alguma coisa? — Vi perguntou, fazendo o ponto dela também e que queimaram em seu peito e ficou mais quente quando Mike sorriu.

—Só você, querida.

—Tudo bem, te vejo mais tarde.

—Mais tarde.

Mike entrou no seu SUV e foi embora.

Vi observou a rua.

Cal fechou a porta da garagem.

Então disse a ela:

—Buddy, seus controles remotos.

Ela olhou para ele e perguntou, diretamente:

—Você nem se importa, não é?

Oh, ele se importava muito.

—Nós não somos isso. — ele lembrou a ela.

Ela olhou para ele e ele viu no olhar dela. Desapontamento, até dor, e ele quase levantou a mão para tocá-la, mas não teve tempo.

Ela recuou e sussurrou:

—Certo.

Ele era um idiota, Cristo, ele era um idiota, ele deveria deixá-la.

Pela vida dele, ele *simplesmente* não podia.

Ela começou a se virar, mas ele a chamou:

—Vi— seus olhos se ergueram para os dele e ele segurou os controles remotos —a porta está funcionando, estes são seus controles remotos, um para você e um para Kate.

Ela olhou para os controles remotos em sua mão como se ela não tivesse ideia do que eles eram, mas o que quer fossem assustaram muito.

Então, pegando os controles remotos, sua voz baixa, sussurrou:

—Obrigado.

—Buddy...

—Vejo você mais tarde. — disse ela rapidamente.

—Vi.

Ele não podia dizer mais nada, ela se afastou, calma, calma, seus quadris se movendo, sua bunda balançando e ele a observou até a porta lateral se fechar.

Então ele olhou para a porta da garagem.

Depois foi até a casa dele.



Cal estava sentado em seu convés ao entardecer, com os pés na grade, os joelhos inclinados, olhando para o quintal sem vê-lo, sua segunda cerveja na mão.

O Mustang de Vi se foi, ela estava no Mike.

Ele tomou um gole de sua cerveja, em seguida, olhou para o lado ouvindo e esperou finalmente ver Colt em volta da casa.

—Hey. — Colt cumprimentou.

—Oi. — respondeu Cal.

— Quer companhia?— Colt perguntou, subindo os degraus.

Cal ouviu. Ele não queria companhia. Também não queria falar sobre o que Colt falaria. Mas ele não queria ficar sozinho com seus pensamentos sobre Vi na casa de Mike, imaginando a boca dele em Vi, suas mãos, coisas que estavam fodendo com a cabeça de Cal.

—Não. — disse ele a Colt. —Cerveja na geladeira — ele ofereceu —traga-me uma.

—Pegando. — Colt murmurou, abrindo a porta e entrando.

Cal olhou para o seu quintal e para o de Vi.

Ele pagou um serviço para cortar a sua grama no verão, e só. Era verde porque era Indiana e eles tinham tido chuvas noturnas regulares e tempestades aleatórias, mas não era nem de longe tão saudável quanto a de Vi.

Violet não podia pagar um serviço. Mas você podia ver na pequena cerca que delineava a propriedade onde o gramado dela parava e o seu começava. O dela era mais verde, sem ervas daninhas, grosso. Seu deck tinha mobília chique de jardim com um guarda-sol, não cadeiras brancas de plástico, como as dele. Ela tinha pequenos e grandes vasos de flores ao redor, cores vivas, vibrantes, coloridas.

Os Williams que moraram lá por tanto tempo quanto Cal se lembrava, eram orgulhosos da casa. Eles cuidavam de seu lugar, construíram na extensão dos fundos, colocaram um convés, modernizaram o banheiro e a cozinha, instalaram o alarme. Quando o velho Dec Williams morreu, sua esposa Marta mudou-se para Bloomington para ficar perto de seus filhos e netos, vendendo a casa em que morou por cinquenta anos para Violet.

Mesmo assim, mesmo que Dec e Martha cuidaram da casa, Vi fez melhor.

Colt voltou, raspou outra cadeira de plástico ao lado de Cal e entregou a ele sua cerveja. Cal pegou, engoliu a última gota e colocou a garrafa no convés enquanto Colt se sentava e colocava os pés no corrimão, com os joelhos inclinados, como os dele.

—O tempo está bom.— observou Colt.

Cal não respondeu. Era uma noite quente, mas sem umidade, o dia estava ensolarado, sem nuvens, uma brisa agradável. Não havia necessidade de responder.

—Você vem para o casamento? — Colt perguntou.

—Sim. — respondeu, embora sua vontade de ir a um casamento era como se quisesse que alguém fizesse um buraco em sua cabeça. Mas, gostava de Colt e Feb o suficiente para ir. Eles o queriam lá, ele estaria lá.

—Eu direi a Feb, ela vive e respira este casamento, você aparece sem responder ao RSVP, a cabeça dela pode explodir.

Feb, até onde Cal sabia, era bastante descontraída. Ele aparecer e sem confirmação, ela não teria se importado menos.

—Você conhece Audrey?— Colt perguntou e, no meio de tirar uma cerveja, os olhos de Cal foram para seu amigo.

Ele engoliu e baixou a cerveja.

—Quem?

—Audrey Haines.

Lá estava. Porra.

—Não. — respondeu Cal.

—Cadela total — observou Colt —cadela preguiçosa. Mike se desgastou por anos, costumava fazer a trabalhosa parte, segurança por algum tempo, então tornou-se detetive e começou trabalhar nisso, mesmo tendo que ficar longe de seus filhos, então ela poderia sentar em sua bunda com seu traje de grife e assistir novelas naquela merda de casa enorme. Ele desistiu, o divórcio finalizou há dois meses. Todo o

departamento comemorou. Um bom homem assim não precisa ir para casa e aguentar essa porcaria.

Cal não respondeu.

—Ele está a fim de Vi. — continuou Colt.

Cal tomou um gole da cerveja. Isso não precisava de uma resposta também. Ele sabia que Mike gostava de Vi, sabia por que, para não mencionar, Mike fizera questão de deixar claro esse fato para Cal.

Colt ficou em silêncio e contemplou o quintal enquanto ambos bebiam cerveja.

Eventualmente, Colt continuou.

—Você conheceu Melanie.

Cal, vivia do outro lado da rua desde que Colt e ela se mudaram. A ex-esposa de Colt, Melanie, era bonita, tímida, doce, mas porra tinha medo da vida. Ele nunca soube por que eles terminaram, não perguntou, mas achava que era porque ele ficava mal lidando com essa merda, não importa quão bonita ela fosse.

—Sim, como ela está indo? — Perguntou Cal, já que Melanie estava presa naquela cena com Feb e Colt, Denny Lowe sequestrando Melanie e mantendo Feb e Susie Shepherd como reféns.

Não dizia muito para ele, mas Cal estava feliz por Susie ser envolvida nisso. Ele a fodeu, eles tiveram uma noite, ela era boa, mas ele não queria mais e ela quase agia como Kenzie quando ele não quis segundos encontros. A diferença era que

Susie não era irritante quando queria algo, era uma vadia total. Como ela achava que conseguiria algo agindo assim, ele não fazia ideia. Provavelmente porque o pai dela estragou a cadela podre. Ele pensou que talvez ela pudesse mudar sua vida, quando um psicopata, serial killer atirou nela. Susie não mudou. Ainda era uma cadela, portanto, até onde ele sabia, ela ainda estava sozinha.

—Não sei. — respondeu Colt. —Demorou um pouco, mas ela se recompôs, embora eu não tenha ouvido falar dela por meses. Não creio que poderia, com Jack nascendo e o casamento chegando.

Cal não discordou. Melanie não parecia do tipo que aguentava. Desejou que sua ex fosse o mesmo.

—Você sabe por que nos separamos?— Colt perguntou, Cal olhou para ele, ergueu as sobrancelhas e Colt continuou. —Não poderia consertá-la.

Cal inspirou pelo nariz e desviou o olhar, murmurando:

— Colt.

—Tentei, cara, anos, porra, por anos eu tentei. Ela queria uma criança, muito, Cristo, obcecada por isso. E ela odiava quando Feb chegava na cidade, me irritava, e ficava tão tensa quando Feb estava aqui. Melanie pensava que eu me perderia.

Feb e Colt estiveram juntos no ensino médio e depois dele. Quando eles terminaram com tudo, até mesmo Cal, que era jovem naquela época, talvez dezesseis anos, ficara surpreso. Eles pareciam sólidos, mais sólidos do que qualquer um que ele conhecia. E February era linda.

Por um lado, ele não culpava Melanie, com Feb sendo ex de Colt e tendo sua história. Por outro lado, Colt era Colt e esse tipo de merda não era o feitio dele, todo mundo sabia disso também, e a pessoa que mais deveria saber era Melanie.

—Foi horrível. — Cal murmurou.

—Não. — Colt murmurou de volta, seus olhos no quintal, ele tomou um gole de sua cerveja, em seguida, continuou. — Ela não foi horrível, eu teria uma vida toda daquela porcaria e não teria Feb.

Surpreso, Cal olhou para Colt. Isso era frio, Colt não era assim.

Colt não tirou os olhos do quintal enquanto ele continuava falando.

—Tive anos dessa merda, tentando consertá-la, esmurrando minha bunda para descobrir o que estava naquela porra da mente, imaginando onde eu estava errando. — os olhos de Colt deslizaram para Cal. —Então, agora eu tenho uma mulher que não precisa de conserto, não mais, e agora a vida é doce.

— Colt... — Cal começou.

—Mike está a fim dela, Cal, mas Vi está em você.

—Você acha que ela não precisa de conserto, você está errado.— Cal disse a ele.

—Pequenos reparos, cara, não grandes reparações. Estive lá também, o trabalho não dura muito e vale a pena o esforço.

Cal olhou para o quintal e tomou outro gole de sua cerveja.

—Nós temos nossa própria rotina. — continuou Colt. —O dia começa com Feb em minha cama, então seguimos nosso próprio caminho e, Cal, cara, você não acreditaria em como é doce saber que no final do dia ela rastejará de volta para a minha cama.

Cal ficou satisfeito por Colt ter isso. Bom homem como ele merecia isso. Uma boa mulher como Feb merecia também.

Mas depois do que aconteceu com Bonnie, Cal desistiu de pensar sobre o que ele queria, sua mente focada inteiramente no jogo final. Se aposentar cedo, relaxar, fazer seu próprio horário na sua própria empresa. Ele se satisfaria com as mulheres ao longo do caminho e depois ele chegaria onde queria estar. Mas tudo o que ele sempre quis foi uma família e, o que Bonnie desfez. Ele deu muito no primeiro relacionamento, agora estava vazio.

Não havia como ele dizer isso a Colt, então Cal ficou em silêncio.

Colt não pegou sua dica.

—Você consertou a fechadura da porta da garagem.

—Sim.

—Está funcionando?

Não era da sua conta, mas Cal repetiu:

—Sim.

—Deixe-a livre, Cal.

Ele olhou para Colt e, do jeito que fez, a maioria dos homens se encolhia.

Colt apenas segurou seu olhar.

Cal ficou em silêncio.

—Você deveria soltá-la.— Colt reiterou baixinho.

—Não é da sua conta, Colt.

—Isso funcionará com Mike, será bom para os dois.

Cal sabia disso, ele conhecia Haines, não bem, mas o conhecia. Haines era um bom homem. Ele cavaria a neve para ela. Sua esposa era uma cadela tão grande que Haines apreciaria o que teria com Vi e a deixaria saber disso.

Cal desviou o olhar e olhou para o quintal.

—Em um minuto, nos sentaremos e beberemos cerveja. Agora lhe direi, você é todo tipo de louco, tendo sua porta ao lado, ela afim, e você não fazendo nenhum esforço para ver aonde isso levaria. Você seria bom para ela, mas, mais que isso, ela seria boa para sua vida. Você não quer fazer esse esforço, sua decisão, mas você deve parar de foder com a cabeça dela e deixá-la seguir com sua vida, até encontrar alguém que queira colocar o esforço.

Quando Colt parou de falar, Cal continuou contemplando seu quintal.

Depois de algum tempo, ele perguntou:

—Você terminou?

—Sim. — respondeu Colt.

Cal não fez nada, nem acenou com a cabeça. Ele apenas olhou para o quintal e tomou outro gole de sua cerveja.

Colt fez o mesmo.



Eu andei até a casa de Mike, uma nova construção, mas não tão nova. As árvores preenchiam um pouco, havia alguns anos, com um olhar perspicaz decidi talvez cinco, talvez mais um pouco.

Era moderno, alguns destacados ou duplex, mas principalmente fileiras de casas geminadas, paredes conjugadas. Na fileira de Mike, a dele estava no meio. Havia uma garagem estreita de dois carros na frente, a maior parte da casa no topo da garagem, mas havia quartos ao lado.

Eu bati na porta e não esperei muito tempo para Mike responder.

—Hey querida.— me cumprimentou, afastando-se, deixando-me entrar.

—Oi.— respondi, passando por ele.

Ele fechou a porta, e olhei para ele ao mesmo tempo em que seu braço me enganchou na cintura, me puxando para seu corpo e sua cabeça desceu.

Ele obviamente salvou os beijos furtivos para o primeiro encontro ou talvez ocasiões especiais. Ele não me deu um beijo furtivo, pacientemente construindo o calor. Sua boca se abriu

sobre a minha, sua língua deslizou para dentro e, essencialmente, ele deu um beijo coquetel Molotov e eu acendi.

Quando ele levantou a cabeça, eu me prendi à sua frente e novamente tinha as duas mãos no cabelo dele.

—Uau. — eu respirei.

Ele sorriu, dei-lhe mais do meu peso, foi o quanto gostei do sorriso dele, e ele aceitou, o sorriso se alargando.

Então eu pensei, eu era uma puta tão pirada.

—Desculpe pela quarta-feira. — ele disse.

—Fui esposa de um policial por quinze anos, então sei como é. — disse a ele.

—Seu homem te fazia esperar muito? — Mike perguntou.

Eu balancei a cabeça.

—Não, mas ele gostava de seu trabalho, ele só queria ser policial e isso era importante para ele. Desde que era importante para ele e ele não fazia disso um hábito, então não reclamava quando ele tinha que trabalhar. Você aprende a lidar e com duas filhas não era como se não houvesse algo para fazer.

Seu braço ficou tenso, mas ele não respondeu. Então ele me soltou, mas pegou minha bolsa, jogou-a em uma cadeira no pequeno hall e me levou para a esquerda até a cozinha.

Não era a melhor cozinha do mundo. A minha não era enorme, mas era longa e tinha muito espaço no balcão. A dele era mais nova, aparelhos melhores, estava em forma de “U”, pequena e tinha espaço de merda no balcão, mas quem

projetou fez o melhor que podia fazer com o espaço que tinham. Havia toneladas de armários, um fogão de cinco bocas embutido, forno de parede construído em uma unidade, um microondas sobre ele, armário por cima e por baixo dos aparelhos, um imenso refrigerador de porta dupla que comportaria comida suficiente para um batalhão e havia uma pequena mesa na janela da frente para a frente da casa.

—Você come carne? — Ele perguntou.

—Sim.

—Bom. — Ele foi para uma garrafa de vinho no balcão. — Você bebe tinto?

Eu sorri para ele.

—Sim.

Ele sorriu de volta.

—Bom.

Ele abriu o vinho enquanto eu perguntava:

—Há quanto tempo você mora aqui?

—Comprei com a minha metade da venda da nossa casa. Audrey e eu vendemos antes do divórcio, ela não queria que eu a tivesse e ela não podia pagar. Já estou aqui há nove meses.

—Você gosta?

—Preferiria viver mais perto do trabalho, mas preciso de três quartos e essa tem isso, não conseguia encontrar nada na cidade que funcionasse para mim e para as crianças.

—Onde é que... hum... Audrey mora?

—Num apartamento na cidade. Dois quartos, as crianças odeiam, eles têm que compartilhar. Jonas tem catorze anos, Clarisse doze, eles estão muito velhos para compartilhar... — ele parou e me entregou uma taça de vinho, antes de terminar. —Ela o comprou com sua parte da casa em cerca de um mês. Ela dirige um novo Mercedes, mas vive em um depósito de dois quartos, você acredita nessa merda?

Eu balancei a cabeça, incapaz de acreditar naquela merda, tendo pensamentos infelizes por ele e seus filhos, tomando um gole do meu vinho e percebendo instantaneamente que não era barato.

—Querida. — ele chamou e me concentrei nele. —Você precisa saber que estou indo para a custódia total. Conversei com meu advogado há duas semanas.

Ele disse isso como um aviso, como se esperasse que eu pensasse que isso era uma coisa ruim.

—Bom.— eu disse a ele.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, algo trabalhando neles, eu não sabia ao certo o que, mas não era como quando Joe me olha. Eu podia ver claro como o dia que ele viu que ele achava que era bom.

Eu senti meu estômago revirar.

Quando seus olhos encontraram os meus, ele disse:

—Nós comeremos daqui há pouco. Você quer ver a casa?

—Ok.

Ele pegou minha mão e me levou para fora da cozinha.

—Tenho um HOA[14], eles cuidam do espaço verde, não se parece com o seu.— disse ele, puxando-me para baixo de um corredor do seu foyer e olhando para mim. —Eles deveriam contratá-la.

Foi um elogio silencioso, não efusivo, mas eficaz.

—Obrigado.— sussurrei, minha barriga tremulando novamente.

Ele me mostrou a sala de estar na parte de trás, corria o comprimento da casa e era enorme. Havia uma mesa de jantar em um lado para acomodar quatro pessoas, mas você podia ver que poderia ficar maior, mais duas cadeiras na parede. O resto era mobília de família, sofá secional grande, um par de poltronas reclináveis, confortáveis, resistentes, mas atraentes. Coisas que você descansava com seus filhos e assistia TV. Havia fotos das crianças e Mike, e outras fotos de outras pessoas, seus pais, eu poderia dizer e outros, talvez irmãs, irmãos, sua família, amigos e eles estavam em todo o lugar. Havia prateleiras com livros, DVDs, música, jogos e uma grande TV de tela plana, mesinhas em todos os lugares para colocar bebidas, um bom aparelho de som. Duas janelas de sacada, uma ao lado da mesa de jantar, a outra na sala de estar, portas francesas no meio com janelas altas e finas nos lados que se abriam em um deque. Eu podia ver uma enorme cerca elétrica e mobília decente no convés, não um quintal de

[14] Homeowners association (HOA) - é uma organização em uma comunidade ou condomínio planejado que estabelece e aplica regras para as propriedades e seus residentes. Aqueles que compram propriedades dentro da jurisdição do HOA tornam-se automaticamente membros e são obrigados a pagar taxas, conhecidas como taxas de HOA . Algumas associações podem ser muito restritivas sobre o que os membros podem fazer com suas propriedades.

tamanho ruim, e um cachorro estava deitado lá, um Golden Retriever, olhando para as portas, a língua pendendo, sabendo que havia companhia e esperando para ser deixado entrar. Ela poderia dar-lhe uma saudação.

Olhando em volta, vi que Mike havia feito um esforço. Esta não era uma casa de solteiro que trazia seus filhos quando fosse os seus dias com ele. Esta era a casa deles, um lugar onde eles poderiam ficar confortáveis e se sentiriam seguros. Eu não sabia que um homem poderia fazer algo assim e que algo assim pudesse ser tão atraente. Mas era.

—Você tem um cachorro? — Perguntei.

—Consegui a custódia de Layla no divórcio.

—Layla?

— Clapton[15]. Ótima canção. — ele olhou pela janela — Grande cachorro.

Ele estava certo, era uma ótima música. Ele tinha bom gosto na música.

Olhei pelas janelas para ver que Layla estava agora na porta, a língua ainda balançando, o corpo tremendo porque a cauda abanava com muita força.

—Ela fez alguma coisa para ser colocada na prisão dos cachorrinhos? — Perguntei.

Mike olhou para mim e perguntou de volta:

—Perdão?

[15] Citando o cantor Eric Clapton, que fez a canção Layla.

—Ela está no quintal, há um convidado, ela obviamente está sendo punida.

Ele sorriu para mim e balançou a cabeça.

—Ela é excitável. Eu não queria que ela pulasse em você —Sua cabeça inclinou para o lado e ele terminou — pelo menos não até eu ter a minha chance.

Lá estava, aquele tremor novamente.

—Você deve deixá-la entrar antes que ela exploda. — sugeri.

—Você gosta de cães?

—Amo. Keira terá o seu primeiro, semana que vem. Um Husky americano.

—Você deveria ter um Golden. — aconselhou ele, indo até a porta onde Layla o observava e andava de um lado para o outro, a cauda ainda abanando, a língua ainda pendendo.

—Keira tem seu coração definido.— respondi. Ele abriu a porta e Layla entrou. Completamente desinteressada em seu pai, ela correu direto para mim e pulou no minuto em que chegou até mim, me cutucando com o nariz, as patas traseiras saltando, suas pernas dianteiras agarrando meu peito.

—Layla, para baixo. —Mike ordenou, sua voz profunda comandando e ela instantaneamente obedeceu, mas ela ainda bateu minhas pernas com a cabeça, seu corpo tremendo e se movendo, mesmo que eu estivesse curvada sobre ela, dando-lhe um carinho na cabeça enquanto tentava não derramar o meu vinho no tapete de Mike.

—Ela se acalmará assim que se acostumar com o seu cheiro. —disse Mike, voltando para mim.

—Está tudo bem. — eu lhe assegurei.

Mike pegou minha mão e eu me endireitei enquanto ele me guiava para longe de Layla e para fora da sala, de volta pelo corredor para o foyer que eu vi agora, ter uma porta que dava para a garagem, outra para um lavabo e um conjunto de escadas. Layla nos seguiu ou eu deveria dizer, ela finalmente liderou o caminho, me derrubando em Mike enquanto avançava na nossa frente nas escadas, em seguida, ficou no topo, esperando por nossa chegada, sua língua ainda fora, seu rosto definido como uma pergunta de cachorrinho, "*Por que vocês estão demorando tanto?"*

Chegamos ao topo e Mike me mostrou o quarto de Jonas, com Layla entrando e correndo como se fosse uma entusiasta guia turística, e eu vi que o garoto dele obviamente estava na música. Havia um conjunto de bateria e uma guitarra em um suporte e as paredes não podiam ser vistas por todos os pôsteres de bandas. A cama estava desarrumada e as gavetas estavam abertas com as roupas caindo.

—Ele não é muito de arrumar o quarto.— Mike me disse.

—Eu acho que está no Manual do Adolescente, visto que também está no Manual do Homem Adulto. Temos que treiná-los cedo.

Mike riu e me mostrou o quarto de Clarisse, Layla novamente passando por ele mesmo sobre a cama, que estava arrumada. O quarto de sua filha parecia quase idêntico ao de

Keira, exceto rosas e roxos, em vez de azuis e amarelos, e em vez de margaridas haviam borboletas, e não havia uma mistura de boy band com cartazes de vampiros adolescentes, havia apenas esses últimos.

Eu olhei para Mike.

—Você carrega sua arma com balas de prata?

—Clarisse me disse que só funciona em lobisomens.

Eu comecei a rir e Mike sorriu para mim antes que ele jogasse um braço em volta dos meus ombros e então ele me mostrou uma pequena sala com mais prateleiras e uma cadeira giratória de couro preto na frente de uma grande mesa com gavetas embutidas e um computador nela. Havia uma poltrona confortável no canto, com uma mesinha e uma luminária de pé ao lado. Um lugar para ele e para as crianças, um lugar privado para se trabalhar, fazer sua lição de casa ou ler. Muito legal.

Então ele me levou para fora de lá e pelo corredor, mostrando-me seu quarto.

Esse era o melhor. Tinha mais portas francesas, uma pequena varanda privativa. O quarto era enorme, assim como a cama dele, e sua cama era fresca como o diabo, uma madeira escura, com dossel, forrada com um edredom cinza, bege e castanho. Layla não jogou de guia turístico aqui. Chegou ao quarto de Mike, correu e pulou na cama, acomodando-se de barriga, a cabeça nas patas.

Ignorei o convite do cachorro para acompanhá-la na cama de Mike.

Mike me disse que havia um closet e me mostrou o banheiro principal com pia dupla, banheira e chuveiro separados. A banheira era maior do que a maioria, oval, sentado em uma plataforma com um passo para cima. O banheiro seria o suficiente para eu comprar esta casa. Incrível, o sonho de uma mulher.

Ele me levou para fora e eu me senti estranha em fazer um tour pelo quarto dele. Eu não estive em um segundo encontro desde que a época de colégio, mas eu pensava que isso era incomum.

Eu me senti tão esquisita que não pensei antes de dizer:

—É uma cama e tanto.

—Audrey pagou seis mil dólares por aquela cama.— respondeu Mike.

Eu parei de falar e olhei para ele.

—O quê?

—Sim, seis mil dólares, porra. Ela amava aquela cama. Não dizia muito para mim, querida, mas, vendo como eu realmente paguei por isso e sabia que ela adorava aquilo, e de jeito nenhum poderíamos vendê-lo e trazer aquela dinheirama de volta, eu me assegurei de ficar com ela no divórcio. Nosso divórcio não foi amigável, ela lutou comigo em tudo, não tinha chão para ficar em pé, perdeu feio —ele sorriu — perdeu a porra da cama.

Desde que foi ele quem pagou por isso, deveria pegá-la e era uma ótima cama, eu sorri de volta para ele.

—De qualquer forma, Clarisse e eu temos uma coisa: filme de terror sexta à noite. Ela está comigo em uma sexta-feira, assistimos a filmes de terror, tigelas de pipoca, banheiras de sorvete. —A cabeça dele inclinou-se para a parede onde havia uma TV de tela plana instalada. —Jonas até se inclina para se juntar a nós de vez em quando. A cama é perfeita para o filme de terror s*exta à noite*.

Pensei em Mike com sua filha desconhecida tendo um filme de terror na sexta-feira à noite, uma menina de doze anos assistindo a filmes de terror, aninhada em seu pai grande, alto, forte e bonito, e eu não tinha uma barriga tremula. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu desviei o olhar.

—Hey. — Mike chamou.

Tomei um gole de vinho e olhei para a parede.

Sua mão veio ao meu queixo e ele repetiu:

—Ei. — enquanto ele me forçava a olhar para ele.

—Posso usar seu banheiro? — perguntei, olhando para o nariz dele.

—Você pode, depois que olhar para mim e me dizer por que você tem lágrimas em seus olhos.

Pisquei para interromper as lágrimas, engoli, em seguida olhei para ele e sussurrei:

—Desculpe.

—Sobre o quê?

—Isso não acontece muito, mas quando acontece, sempre choro — fechei os olhos com força, depois os abri e repeti: — sempre.

Sua mão com seu copo de vinho enrolou-se nas minhas costas, me puxando para mais perto, e ele perguntou suavemente:

—O que não acontece muito mais?

Eu balancei a cabeça, colocando minha mão livre em seu ombro, minha mão com o copo até a cintura. Ele não parecia hesitante em compartilhar sobre seus filhos, sua ex, e ser totalmente honesto sobre isso.

Eu não achava tão fácil.

Mas desde que ele deu para mim, achei que deveria devolver e quando percebi, lembrei-me de Joe me contando sobre as escalas.

Equilibrando-as.

Merda, Joe era muito sábio para o meu bem e me irritava quando ele estava certo.

—Só...— Eu parei, sem saber como explicar. — Lembrando das coisas. Você sabe, como minhas garotas nunca se aconchegarão ao pai novamente, e assistirão a um filme.

Seu rosto mudou, ficou gentil, sua mão ficou tensa no meu queixo e ele sussurrou:

—Querida.

Eu balancei a cabeça novamente.

—Tudo bem, é legal. Desculpa. Não é isso, quero dizer, é bom que você tenha isso com Clarisse.

—Sim — ele respondeu, seus olhos nunca deixando os meus —exceto que da próxima vez, significará muito mais do que o normal.

Mordi o lábio pensando que estava nos braços de um cara realmente bom.

Mike leu que eu precisava de uma mudança de assunto imediatamente e perguntou:

—Você quer ver por que eu comprei este lugar?

—Certo.

Ele me soltou, pegou minha mão e me levou para as portas francesas e para a varanda de madeira pintada de branco.

Havia um par de cadeiras Adirondack lá, também pintadas de branco, sem almofadas. Seu quintal abaixo tinha uma cerca alta ao redor para proteger seus negócios dos vizinhos.

Mas eu sabia por que ele me levou ao seu quarto quando vi, além de seu quintal cercado, também havia uma visão do milharal plano, o milho crescendo, na altura do joelho agora. Além disso, havia alguns bosques densos. Bem no meio dela, havia uma casa de fazenda amarela com madeira branca, um alpendre envolvente e um celeiro vermelho com gramado verde ao redor, algumas estradas de cascalho, um gazebo branco

com glicínias crescendo, um caramanchão de uvas pesadas com trepadeiras.

Algo sobre a vista me surpreendeu. Eu tinha visto muitas casas de fazenda, mas esta, de nossa vista elevada, parecia perfeita. Havia um intrincado e rendado trabalho de madeira nos cantos das traves que sustentavam o telhado da varanda, o gramado parecia com o meu, verde e saudável e as fileiras imaculadas cheias das folhas largas do milho em crescimento, espetado e curvado, tudo primorosamente cuidado e cultivado, mostrava que esses fazendeiros amavam sua casa, sua fazenda, o orgulho era profundo e era incrível de se ver.

Ninguém pensaria que isso era pitoresco ou pelo menos não bonito. Não era uma praia ou uma visão das montanhas, mas eu achei deslumbrante. Eu poderia ver totalmente a compra desta casa, se eu pudesse sentar em uma cadeira de Adirondack, beber vinho e olhar para essa visão.

—Cresci neste lugar e minha namorada do colegial cresceu naquela fazenda.— Mike me disse e eu olhei para ele para ver seus olhos na casa da fazenda. —Ela se casou com um cara que conheceu em Notre Dame, mudou-se para DC. Seu irmão administra a fazenda agora. Ele olhou para mim. — Sempre amei essa fazenda.

—Você quer ser um fazendeiro? — Perguntei.

—Porra, não. — Ele sorriu. —Apenas ainda gostava da fazenda dela. Os pais dela também eram ótimos. E ela tinha uma irmã ... —

Mike parou de falar e eu esperei ele dizer mais. Seu rosto ficou pensativo de um jeito distante, e como ele não parecia se importar em compartilhar, mas nesse momento não estava compartilhando, percebi que ele não queria e então mudei de assunto.

—Como você conheceu Audrey? —Perguntei, encostada no corrimão e ele voltou para a conversa se inclinando para mim.

—Encontro às cegas.

—Mesmo?

—Sim. — Sorriu de novo. —Um amigo meu estava namorando uma amiga dela. Pensamos em seguir em frente.

—Obviamente, você fez.

Ele não respondeu, ele olhou para a casa de fazenda novamente, tomando um gole de seu vinho, seu rosto ficou pensativo novamente e pensei ter lido o que isso significava.

—Você realmente gostou dela. — eu disse suavemente, não querendo empurrar.

Os olhos de Mike vieram para mim.

—Audrey?

—Não, sua namorada do colegial.

Ele começou a rir.

—O quê? — Eu perguntei quando ele estava quase terminando de rir.

—Debbie era doce, mas ela tinha uma mentalidade de carreira. Odiava viver aqui, não podia esperar para sair, não volta muitas vezes. Ela não queria filhos, queria ser advogada e se tornou uma. Seu irmão me diz que ela é um tubarão. Trabalha oitenta horas por semana, vive e respira seu trabalho. Há alguns anos, a vi no Natal, ela estava com sua mãe na mercearia e ela tinha seu Blackberry na mão, mandando e-mails para as pessoas mesmo estando em casa para as férias, comprando besteiras. Sério, querida, essa não é a minha coisa.

—E Audrey era sua coisa?

O humor saiu de seu rosto e ele disse:

—Você não quer saber sobre essa merda.

—Eu quero, a menos que você não queira me dizer.

—Violet…

—Mike, querido, eu quase comecei a chorar em seu quarto. Sinta-se livre para me contar sobre sua ex-esposa.

Ele sorriu, tomou outro gole de vinho, em seguida, deslizou um braço ao redor da minha cintura, me aproximando dele e quando me teve onde queria, ele deixou o braço lá.

—Eu não mentirei, olhando para trás, ela me deu sinais, muitos deles. Mas ela poderia ser engraçada, porra, ela era engraçada. Nunca ri tanto como com Audrey no começo. Pensei que seria a minha vida, risos. Ela era linda e me fez rir, eu mantive meu foco nisso e ignorei os sinais. Tudo começou seis meses depois que voltamos da nossa lua de mel, que, a

propósito, ela exigiu que fosse uma pensão completa que custava uma porra de fortuna. Eu tinha vinte e quatro anos, meus pais tiveram que me ajudar a pagar por isso.

Ele fez uma pausa para permitir que eu deixasse essa informação penetrar, eu acenei para ele continuar e ele fez.

—Nós nos mudamos para o nosso apartamento, mas ela queria outro, maior, mais exclusivo em um empreendimento com piscina. Eu não podia pagar, mas eu a amava, então no minuto em que o contrato acabou, eu a movi para seu novo apartamento. Dois meses depois, ela encontrou uma casa que queria comprar e continuou indo de lá. Ela nunca escondeu isso de mim, eu só queria pensar que ela teria o que precisava ou ficaria feliz com o que tinha ou, pelo menos, ficaria feliz em me ter. Ela nunca foi.

Eu coloquei minha mão em seu peito pensando que Audrey Haines era todo tipo de tola, seu braço me deu um aperto e ele continuou falando.

—Eu deveria ter terminado antes de termos as crianças, mas, se eu fizesse isso— ele deu de ombros —eu não teria meus filhos.

—Valeu a pena então.— eu murmurei.

—Definitivamente.— ele sorriu.

Layla, insatisfeita com a sua sugestão de que acampar na cama significava que deveríamos nos juntar a ela lá, saiu e começou a bater nossas pernas.

—Eu deveria começar a cozinhar.— Mike disse, deixando-me ir para acariciar seu cachorro que, lembrando que existia, apareceu em meio ao êxtase para ter sua mão grande e forte coçando atrás das orelhas.

—Posso ajudar?— Eu perguntei e ele ficou curvado para Layla, mas torceu o torso para olhar para mim.

—Você sempre cozinha para suas meninas?

—Normalmente, sim.

—Então não.

Lá se foi, a barriga se agitou novamente.

—Você sempre cozinha quando seus filhos estão aqui? — Perguntei.

—Sim.

—Então eu ajudarei.

Ele deu a Layla um empurrão brincalhão e veio até mim, sua mão enrolando no meu pescoço, puxando minha parte superior do corpo para perto dele enquanto seu pescoço se inclinava para que seu rosto pudesse se aproximar do meu.

Quando ele estava perto, ele sussurrou:

—Eu gosto de você, Violet.

—Eu também gosto de você, Mike.— sussurrei.

Ele sorriu, tocou sua testa na minha um segundo, depois tocou seus lábios nos meus rapidamente e então disse:

—Vamos cozinhar.



Sendo um bom pai, Mike sabia cozinhar. As batatas gratinadas já estavam cozinhando no forno, e feijões verdes, e depois uma carne bovina marinada, grelhada e cortada em tiras finas. Tinha também pãezinhos frescos de padaria para acompanhar.

Nós comemos em sua mesa de cozinha com Layla deitada, principalmente, nos pés de Mike. Em seguida, limpamos os pratos juntos. Depois dos pratos, Mike fez sundaes com caldas de caramelo e de chocolate, em sorvete gourmet de baunilha, chantilly por cima, polvilhado com bombons. Tomei nota disto desde que eles eram simples, mas absolutamente delicioso. Minhas garotas amariam.

Comemos isso no sofá, com Layla sentada ao meu lado, a cabeça no meu colo, olhando para mim enquanto piscava, dizendo que precisava de sorvete ou morreria.

Mike notou e a repreendeu. Ela cedeu com um gemido irritável e deitou-se aos meus pés.

As conversas durante o jantar e a sobremesa não foram pesadas, não compartilhamos histórias de vida e não chorei de novo. Nós conversamos, principalmente sobre os nossos filhos, nós rimos principalmente sobre os nossos filhos e ele provou novamente que era tranquilo e fácil de se estar ao redor.

Então ele pegou minha tigela, pedindo-me para encher nossos copos de vinho e saiu da sala. Eu fiz o que me pediu e

estava tomando um gole quando ele voltou. Mike sentou ao meu lado, pegou o copo da minha mão, colocou na mesa de café, colocou as mãos nos meus quadris, arrastou minha bunda para o colo dele e depois eu estava de costas e ele estava em cima de mim.

Então nós estávamos nos beijando no sofá dele.

Eu não tinha certeza de como consegui me meter nessas situações, transando com Joe no sofá dele naquela manhã, transando com o Mike naquela noite. Mas eu tinha certeza de que não estava fazendo muito para evitá-los. Eu imaginei, parcialmente, que era porque ambos, à sua maneira, eram bem magníficos. A outra parte era que eu gostei de estar com os dois homens. Eu gostei de maneiras completamente diferentes, mas eu ainda gostei.

Sua boca saiu da minha e seu rosto desapareceu no meu pescoço. Senti sua língua deslizar da parte de trás da minha orelha até a linha do meu pescoço, onde ele parou e enquanto eu tremia, ele perguntou:

—Onde estão suas garotas hoje à noite?

—Em casa, espero não darem uma festa selvagem com meninos e bebidas.

Sua cabeça levantou e ele estava sorrindo quando olhou para mim.

—Isso é algo que elas fariam?

—Kate, não, Keira, sim, quando ela descobrir as bebidas. Kate estaria correndo pela casa tentando tirar as pessoas, ou

limpando e se preocupando o tempo todo que alguém quebraria um copo ou derrubaria a TV. Keira estaria na cozinha, sem um cuidado no mundo, bebendo cerveja.

Ele ainda estava sorrindo quando perguntou:

—Sério?

Eu sorri de volta e balancei a cabeça.

—Não, ambas são boas garotas. Elas provavelmente estão assistindo a um filme enquanto Kate manda mensagens para Dane, que está com seus amigos hoje à noite, e Keira envia mensagens para todos em três condados. Mas eu conheço Keira, chegará um dia em que minha casa ficará como no dia seguinte em um filme dos anos 80 de Brat Pack[16].

—*Weird Science*[17].— disse ele em um sorriso.

—*Sixteen Candles*[18].— lembrei desse.

—Você já precisa ir para casa? — Ele perguntou e eu olhei para o relógio em suas prateleiras.

Eram oito e meia. Eu não precisava ir para casa e, mesmo que isso me fizesse uma pessoa horrível, por estar no sofá com o Mike, que eu gostava muito de um jeito que era tão confuso e que eu não conseguiria desvendar nem em um milhão de anos, eu queria chegar em casa tarde, apenas no caso de Joe estar me observando.

—Não. — respondi quando olhei para ele.

[16]O Brat Pack é um apelido dado a um grupo de jovens atores que frequentemente apareciam juntos em filmes sobre amadurecimento voltados para adolescentes nos anos 80.

[17]É um filme de ficção científica cômico de 1985, escrito e dirigido por John Hughes e estrelado por Anthony Michael Hall, Ilan Mitchell-Smith e Kelly LeBrock.

[18]Sixteen Candles é um filme de comédia de 1984 sobre a idade adulta estrelado por Molly Ringwald, Michael Schoeffling e Anthony Michael Hall.

—Bom. — ele murmurou e sua cabeça desceu.

Nós curtimos mais e ficou intenso, principalmente porque nós dois gostamos, mas a progressão era lenta, natural, estranhamente como se nos pegássemos em seu sofá centenas de vezes antes e quando fizemos sempre soubemos que tínhamos todo o tempo do mundo. Isso era diferente de Joe, uma boa, mas que me lembrou de Tim, que também teve o seu tempo, e eu gostava disso também.

Eventualmente, a mão de Mike enrolou em torno do meu peito e seu polegar deslizou sobre o tecido da minha blusa no meu mamilo.

Eu respirei fundo contra seus lábios e arqueei minhas costas para pressionar em sua mão.

—Querida. — Mike chamou e percebi que meus olhos estavam fechados, então eu os abri.

—Sim? — Sussurrei, seus olhos ficaram suaves, suas pálpebras abaixadas e sua boca tocou a minha enquanto o polegar deslizava para trás através do meu mamilo e eu inalei novamente.

—Eu quero foder você, querida.— ele disse baixinho e eu prendi a respiração, querendo e não querendo ao mesmo tempo, ambos com a mesma força máxima.

Ele continuou.

—Bem aqui ou te levo para a minha cama. Mas antes de fazer isso, precisamos conversar.

—Tudo bem. — eu sussurrei, incerta sobre esta conversa porque eu tinha certeza sobre o que seria.

Sua mão deixou meu peito e ele caiu ao meu lado, rolando comigo e com o braço em volta de mim ele se levantou em um cotovelo, colocou a cabeça na sua mão e olhou para mim, enquanto ele emaranhava suas longas pernas com as minhas. Decidi me levantar no meu cotovelo também e descansei minha outra mão em seu peito.

—Você está pronta para isso? — Ele perguntou suavemente e eu fechei os olhos, prendi a respiração e me lembrei que ele era um cara muito bom.

Abri os olhos e respondi:

—Não sei.

—Podemos ir rápido, podemos ir devagar, estou bem com qualquer um dos dois. O que eu não fico bem é estar indo rápido quando você quer ir devagar, mas não está dizendo nada, entende?

Eu assenti.

Então ele falou de novo, e todo o meu corpo endureceu porque o que ele disse introduziu a parte que eu sabia que ele queria dizer.

—Eu também não sou grande em compartilhar.

—O quê? — Perguntei, embora soubesse exatamente o que ele queria dizer.

—Cal estava em sua casa hoje.

Merda!

Eu tentei ser casual. Não era como se fosse 1890 e eu tivesse que me certificar de que ninguém visse meus tornozelos. Nos dias de hoje, as mulheres jogavam no campo como os homens.

Certo?

—Sim, ele estava. — eu afirmei, embora ele estivesse lá, Joe estava lá e eu estava lá quando Mike me convidou para jantar.

—O que ele estava fazendo lá?

—Consertando o meu portão da garagem.

—Ele faz muita merda em torno de sua casa?

—Hum ... apenas o sistema de alarme e a garagem.

—Coisas ainda complicadas?

A resposta para essa pergunta era, *mais do que nunca*.

Exceto que, depois daquela tarde, quando Mike me convidou para ir à sua casa bem na frente de Joe e ele não piscou, não se importou, nem mesmo um pouquinho, talvez não estivessem.

Eu só não queria admitir isso ainda, embora soubesse no fundo da minha mente e no fundo do meu coração, e eu sabia.

Eu também sabia, que quando eu descomplicasse as coisas, doeria muito mais do que deveria e mais do que eu poderia fazer naquele momento.

—Ele está te enrolando. — disse Mike em um suspiro.

—O quê?

—Cal, ele te feriu. As mulheres são assim com ele.

—Elas são?

—Sim, toda a história ... as mulheres adoram essa merda.

—Que história toda?

Mike olhou para mim e perguntou:

—Você não sabe?

—Não sabe o quê?

—Sobre Cal, sua esposa, seu pai e seu filho.

Senti meu corpo se contorcer e sussurrei:

—O filho dele?

Mike me encarou por um segundo e depois murmurou:

—Porra.

—Porra o quê?

Mike não respondeu.

Levantei-me e olhei para ele.

—Porra o que, Mike?

Mike também levantou, então, com o braço em volta de mim, ele me puxou mais para o sofá para o descanso de braço. Ele se recostou contra o sofá e me puxou para ele, em seus braços, meu peito pressionado contra o dele, sua mão no meu cabelo.

Então ele disse de uma maneira que eu sabia que não queria dizer:

—A história é mais conhecida, e alguém te dirá de qualquer maneira, então pode muito bem ser eu.

Esperei.

Mike falou novamente.

—Você conhece a história de Feb e Colt? Como eles eram fortemente grudados no ensino médio, mesmo antes, todos diziam que nasceram para ficar juntos?

Eu assenti.

—Bem, Cal e sua ex-esposa, Bonnie, também eram assim.

Eu pisquei, não acreditando nisso, nem por um minuto. Não sobre a Bonnie bêbada, de cabelos e roupas sujas, que caiu no chão depois de oferecer ao Joe, alto, enorme, forte e incrivelmente bonito a oportunidade de levá-la no cu, se ele pagasse por isso.

—Isso não pode ser verdade, eu conheci Bonnie, ela é...

Parei de falar quando vi o rosto de Mike registrando o choque total.

—Você conheceu Bonnie?

—Sim.

—Bonnie ex de Cal?

Eu não gostava de pensar nela dessa maneira, mas ainda respondia:

—Sim.

—Jesus, como você a conheceu?

—Eu estava na casa dele, quando ela veio.

—Você tem que estar me sacaneando.

Eu balancei a cabeça e disse:

—Não.

—Tem certeza que era Bonnie?

Eu balancei a cabeça e disse:

—Sim.

Mike desviou o olhar e murmurou:

—Jesus Cristo.

Eu estava confusa e expliquei o porquê.

—Não foi agradável, mas tenho a impressão de que isso acontece muito. Ela estava pedindo dinheiro.

Mike olhou para mim e pareceu irritado. Eu nunca o vi parecendo chateado e era meio assustador. Não Joe-babaca-assustador, mas ainda assim, muito assustador.

—Ela veio para a casa de Cal e pediu dinheiro a *ele*?

—Ela estava drogada e bêbada, uma bagunça total.

—Ela queria dinheiro para drogas.— Mike supôs.

—Ou bebida.

—Não, Violet, ela queria dinheiro para drogas.— Mike afirmou com firmeza e eu olhei para ele.

—Ok. — respondi devagar.

—Ela é uma viciada.— Mike me informou.

Isso não foi surpreendente, uma vez que ela definitivamente parecia e se vestia assim, para não mencionar agia.

—Eu acho.

—Não, ela é. Procure por um viciado na enciclopédia, querida, a foto de Bonnie Wainwright está bem ali. A cadela está uma bagunça há anos.

Mike parecia fora do personagem se referindo a alguém casualmente como uma cadela, então comecei a ficar assustada.

—Talvez você devesse me contar a história.— sugeri.

—Pegue o nosso vinho, querida, precisaremos.— Mike ordenou, eu não tomei isso como um bom sinal, mas me soltei de seus braços, peguei nosso vinho da mesa de café e voltei, dando-lhe sua taça e tomando um gole do meu.

Mike passou uma perna por baixo de mim, então ele tinha um pé no chão, a coxa angulada no assento, eu principalmente no colo dele, em parte entre as pernas, a outra perna no comprimento do sofá, ainda enrolada na minha perna.

Esta era uma posição confortável, de segurança, união.

Não se registrou em mim enquanto eu me preparava para a história de Joe.

—Como eu disse— ele começou — Bonnie e Cal eram um só, como Feb e Colt. Mas o pai de Bonnie era um idiota. Grande homem da igreja, mais sagrada do que tudo, mas não

tão sagrada, porque voltava para casa e espancava a mulher e a filha.

Fechei meus olhos e abaixei minha cabeça.

—Sim, é uma droga normalmente, mas isso era ruim e eu quero dizer muito ruim. O babaca não tentou esconder isso. As duas em uma base regular andavam por aí com os olhos enegrecidos, os lábios rachados e inchados, os braços cobertos, mancavam, andavam engraçadas. Cristo, eu era criança, um ano à frente de Cal na escola, nós fomos à mesma igreja e eu as vi o tempo todo e até mesmo eu sabia o que elas passavam em casa.

Eu abri meus olhos e olhei para ele.

Mike continuou falando.

—Todo mundo sabia, mas as duas foram tão intimidadas que nunca ligavam para a polícia, ninguém podia fazer nada sobre isso se elas não denunciassem, e não o faziam. Ela era bonita naquela época, Bonnie, Deus, era linda. Todos os garotos pensavam assim, ainda jovens, no colegial. Mas ela só tinha olhos para Cal e ele só tinha olhos para ela. Eles começaram ainda muito jovens, doze ou treze, em algum lugar por ali. Nunca separados. Sempre juntos, Cal e Bonnie, depois de se ligarem, não me lembro de ver um sem o outro.

Mike fez uma pausa e eu não disse nada, principalmente porque não podia dizer nada, então ele continuou.

—Cal estava impotente para salvá-la de seu pai, isso o enlouqueceu, ele agiu, foi destruído, fez merda, teve problemas, muito disso. Ela não estava com ele, ele estava

bebendo e se divertindo com os outros de maneira barulhenta e animada. Mas Bonnie era outra coisa. No minuto que atingiu o ensino médio, ela foi à loucura. Festejando, saindo o tempo todo, faltando à escola, bebendo, fumando maconha, fazendo qualquer coisa que ela pudesse para esquecer de casa. Começou com isso, ficou pior, ácido, cocaína, crack, o que quer que ela pudesse colocar as mãos. Cal era o namorado dela e ele se transformou em seu guarda-costas. Ele limpava sua merda, a levava onde ela quisesse ir, cuidou dela enquanto ela esteve com ele, a levou para casa em segurança. Era como se ele soubesse que Bonnie precisava daquela fuga, sua rebelião, e ele daria a ela, mas tendo a certeza que ela estaria segura enquanto fizesse isso. No minuto em que se formaram, eles se casaram. Eles se casaram no mesmo dia. Dirigiram direto para o Tennessee e fizeram isso. Voltaram, mudaram-se com o pai de Cal, e ela nunca voltou para casa dos pais, de longe eu sabia. Mesmo se quisesse, Cal não deixaria. Tudo o que ele queria era protegê-la daquela merda e deixá-la limpa, ele agia como se isso fosse a única razão para ele respirar.

Minha boca estava seca e eu precisava piscar, mas não consegui. Eu estava congelada, olhando para Mike, mas ele não terminou. Nem mesmo a metade.

—O pai de Cal foi um desastre, perdeu a esposa quando Cal era criança. Quando ela se foi, ele perdeu a vontade de viver. Ele manteve um emprego por algum milagre, porque vivia bêbado na maioria das vezes. Amava-a, porém, as pessoas ainda falam sobre isso, especialmente com o que aconteceu com Cal e Bonnie, como Joe e Cal são cortados do

mesmo tecido, homens de uma só mulher. Joe perdeu Angela e seu mundo cedeu, ele não teve forças para cavar sua saída. Cal perdeu tudo e se desenterrou, se afastou, mas nunca voltou.

—Perdeu tudo? — Eu sussurrei.

Mike assentiu.

—Sim. Cal mudou Bonnie para a casa de seu pai, a essa altura seu pai estava doente. Câncer. Fumava dois maços por dia durante anos. Cal trabalhava em dois empregos, talvez três. Ele era um segurança, trabalhava no shopping, qualquer coisa que ele pudesse fazer. Especialmente quando Bonnie parecia se limpar e engravidou, e tiveram Nicky.

—Nicky?

—O filho deles. Seria bom, exceto o velho Joe estar em casa doente, Cal trabalhando duro para Bonnie e Nicky, e porque o seguro de seu pai era uma merda. Joe estava morrendo naquela casa com Bonnie e o garoto. Bonnie caiu nas drogas, Cal arrastou-a de volta, ela caiu de novo, Cal a arrastou de volta. Foi implacável, mas ele nunca desistiu.

—Desistiu, eles são divorciados.— eu disse, apesar de divorciado ou não, Joe nunca mencionou uma criança, seu filho e o medo da minha alma que aquele *naufrágio* de mulher estivesse criando o menino de Joe.

—Sim.— Mike cortou. —Ele levou um tiro dela. Ele levou um tiro dela quando chegou em casa e encontrou os policiais por toda a casa. Ela estava chapada, pegou as drogas do pai, sem saber o que era, provavelmente analgésicos, esmagou e

tomou, por algum motivo, decidiu dar um banho no bebê dela e então ela esqueceu que ele estava na banheira...

Uma dor me atravessou, agonizante, infiltrando todas as células do meu corpo. Eu sabia onde isso ia e não conseguia parar antes de chorar:

—Não diga isso!

O braço de Mike estava em volta de mim e ficou tenso quando sua voz ficou quieta.

—Sim, querida, Nicky se afogou na banheira. O pai de Joe o encontrou, viu o estado de Bonnie, chamou a polícia, mas foi uma cena tão ruim, e ele estava tão mal de saúde que teve um ataque cardíaco. Ele morreu antes dos policiais chegarem à casa. Cal apareceu, seu filho e seu pai estavam mortos e sua esposa presa por homicídio involuntário.

Eu estava balançando a cabeça, mas Mike continuou falando.

—Colt recebeu a chamada. Ele foi o primeiro em cena.

—Por favor, Mike. — eu sussurrei, virando-me, colocando meu copo na mesa de café e Mike se inclinou para mim, colocando seu copo ao lado do meu e seus braços me puxaram para ele novamente.

Seus braços eram fortes, essa era uma posição melhor de segurança e união, mas depois de ouvir isso sobre Joe, Bonnie, seu filho e seu pai, isso não aconteceu em mim. Eu estava tremendo de uma forma que parecia que nunca seria capaz de parar.

—Foi fodido. Totalmente. —a voz de Mike era quase um sussurro. —Ela cumpriu pena, não muito, criminalmente foi negligente. Cal se divorciou dela enquanto ela estava dentro. Eu pensei que tinha acabado, pelo menos para ele. Eu não fazia ideia de que ela voltou, e não posso imaginar por que diabos volta. Ela está voltando, pedindo dinheiro, que não é apenas fodido, é simplesmente cruel. Seu pai estava morrendo, mas não estava morto, ela essencialmente o matou. Seu filho, merda. O filho dela. O menino de Cal. Totalmente fodido.

Eu olhei para ele e sussurrei a sincera verdade de Deus:

—As mulheres não amam essa merda, Mike.

Ele me deu outro aperto nos braços e respondeu:

—Não, querida, não foi isso que eu quis dizer. Eles amam o homem quebrado, o coração que sangra, acham que podem consertar isso.

—Eu não fazia ideia.

—Agora que sabe, você quer consertá-lo?

Meus olhos deslizaram pelo ombro de Mike e olhei pela janela.

Aquele pesadelo obviamente aconteceu dezessete anos atrás. Eu odiava que Joe sentisse isso, parecia ácido em minhas veias, eu odiava tanto.

Mas eu sabia, do jeito que Joe era, do jeito que parecia, que agia, provavelmente havia muitas mulheres antes de mim que sabiam disso e tentaram consertá-lo.

Joe simplesmente não podia ser consertado.

Um homem de uma mulher, como seu pai, Mike disse. Fizera tudo por ela. Manteve-a em segurança, tentou mantê-la sóbria e foi bom o suficiente para colocá-la em um táxi, em vez de bater à porta em seu rosto, já que ela matou seu bebê e, essencialmente, matou seu pai.

Um homem de uma mulher só tinha escolhido a mulher errada, a pessoa realmente errada.

Joe nunca seria consertado, ele não queria ser e, portanto, nunca seria.

—Violet.— Mike chamou e eu olhei para ele.

—Não— respondi —não quero consertar Joe.

Isso era mentira, eu queria, muito, tanto que eu poderia senti-lo na minha boca, sentir isso escavando na minha barriga, como aquela fome que eu tinha por ele.

Eu só sabia que não podia.

A mão de Mike veio ao meu rosto, seus dedos se curvaram ao redor do meu queixo, seu polegar na minha bochecha, usando-a para aproximá-la para que sua boca pudesse tocar a minha e gentilmente me afastou um centímetro, mas sua mão não saiu do meu rosto.

—Tô achando que eu matei o humor.— ele murmurou.

Eu dei a ele um sorriso fraco e concordei:

—Sim.

—Não é uma coisa ruim, querida, porque eu também estou pensando que você precisa de tempo.

Meu sorriso fraco morreu e eu concordei de novo:

—Sim.

—Você me quer por aí enquanto você toma esse tempo?

Fechei meus olhos e deixei cair minha testa no ombro dele.

Então, egoisticamente e estupidamente, sussurrei:

—Sim, Mike, eu quero, se você quiser estar por perto.

Senti seu corpo relaxar contra o meu e ele murmurou:

—Bom, porque eu quero estar por perto.

Eu levantei minha cabeça, precisando do humor para mudar de novo, não de volta para antes, mas para algo normal, sensato, que não incluísse bebês afogados ou o coração partido de Joe.

Por isso, perguntei:

—Você se importa se assistirmos a um filme?

—Eu só me importo se você não se aconchegar em mim enquanto nós estivermos fazendo isso.

Meu sorriso foi menos fraco quando respondi:

—Acho que posso fazer isso.

—Então vá escolher o que você quer assistir.

Eu continuei sorrindo para ele e comecei a me afastar, em seguida, voltei para ele.

—Mike? — Eu chamei quando seus olhos encontraram os meus.

—Você está praticamente no meu colo, querida.— ele respondeu com um sorriso.

—Obrigado por aturar as minhas merdas. — sussurrei.

Seu rosto relaxou e sua mão voltou curvada ao redor do meu rosto.

—Eu sou um aprendiz lento, triste mas é verdade, mas uma coisa eu aprendi, existem mulheres cuja merda vale a pena e mulheres que não. Eu acho que você é a primeira categoria.

—Eu não sei, eu tenho um mau humor.— eu disse a ele honestamente.

—Então tentarei não te chatear.

—Isso seria aconselhado.

Ele sorriu, me beijou levemente novamente, soltou a mão do meu rosto e disse:

—Vá escolher um filme.

—Ok.— respondi, levantei-me e escolhi um filme. Mike colocou-o e nos abraçamos no sofá enquanto assistíamos.

O filme foi bom e, como o Mike o possuía, ele obviamente gostou.

A melhor parte foi como estávamos, de costas para a frente no sofá, minha cabeça em seu bíceps, seu braço apertado na minha cintura, nossas pernas entrelaçadas, fazendo um pouco de nada, assistindo a um filme, em uma sala de família, em uma casa de família, com um cachorro esticado ao lado do sofá.

Essa foi a melhor parte.

E eu adorei. Até tive que admitir que adorei fazer isso com Mike assim como admiti que preferiria poder fazer isso com Joe.

Mas Joe não abraçava e assistia a filmes, não fazia jantares ou ter um cachorro.

E Joe nunca faria isso.



Cal ainda estava no convés quando a noite caiu e ele ouviu o Mustang de Violet em seu caminho.

Como se fizesse isso para irritá-lo, ela não usou a garagem.

Ele ficou no convés tomando outro gole de cerveja, que ele não tinha ideia de quantas havia tomado, perdeu a conta, quando ouviu sua porta lateral abrir e fechar.

Ele ficou onde estava, olhando para o escuro, sabendo que ela não viria para ele naquela noite, a primeira noite que ele estava em casa há muito tempo e ela não estava em sua cama.

Algum tempo depois, ele pensou em pegar outra cerveja ou ir para o Bourbon, quando ouviu a porta lateral dela abrir, então as chaves tilintaram para trancá-la.

Ele esperou então olhou para o lado quando ouviu seus pés baterem nos degraus em seu deck.

Ela andou até ele e parou na cadeira que Colt havia desocupado horas atrás.

—Não diga nada.— ela avisou.

Ele não tinha ideia do que Vi não queria que dissesse, mas respondeu:

—Buddy, eu não disse uma palavra.

Ela hesitou, em seguida, sentou-se ao lado dele, inclinando as pernas e colocando os pés no corrimão.

Ela estava em suas roupas, uma saia jeans, mais apertada do que a outra, na verdade, era apertada até os lados das coxas, uma fenda na frente. Ela usava uma pequena blusa roxa, decotada, mostrava o colo e não o seio e estava solto, mas apertado na cintura. Ela estava descalça.

Ele não teve que perguntar se ela teve um boa noite, não que ele teria. Ela saiu às quinze para as seis, devia ser quase meia-noite, talvez depois. Muito tempo para comer e fazer todo tipo de merda se você estivesse se divertindo. Ele sabia o que estaria fazendo se Vi estivesse em sua casa por muito tempo, exatamente o que ele fazia quando Vi estava em sua casa por tanto tempo. Ele achava que Haines não estaria longe dessa marca, o que ele sabia era que, se Vi tivesse deixado ele foder com ela, ela não estaria sentada ao lado dele agora.

Cal não queria se sentir aliviado, mas isso não significava que ele não estivesse.

Pela primeira vez ela parecia feliz em ficar em silêncio, mas Cal não estava.

Ele bebeu o resto da cerveja e baixou a mão.

—Deve dar Haines uma corrida limpa.

Ele sentiu mais do que viu a cabeça dela virar em sua direção, mas ela não falou.

—Não farei isso, Buddy. — ele disse ao seu quintal escuro. —Você pode não gostar do que temos, mas eu gosto.

—Joe.— ela disse suavemente e quando ela fez, ele se perguntou por que eles estavam sentados em seu deck, em vez de em sua cama.

Ele se virou para ela.

—Você não gosta, você terá que acabar com isso.

Ela não disse nada, não por algum tempo, então ela disse baixinho:

—Estou cansada, Joe.

Ele se virou para encarar seu quintal.

—Então, vá para a cama.

Ela hesitou, em seguida, levantou, mas ele não ouviu seus pés descendo os degraus, ele ouviu sua porta de vidro abrir, em seguida, fechar.

Ele sentou-se onde estava, olhando para o seu quintal e fez isso por um longo tempo. Então se abaixou, pegou as duas garrafas de cerveja que havia deixado em sua cadeira quando parou de se incomodar em pegá-las enquanto ia buscar outra. Ele entrou em sua casa, em sua cozinha, jogou as garrafas no lixo e foi para o quarto.

Violet estava em sua cama. Ela não se moveu quando ele entrou, não se moveu quando ele tirou a roupa, mas ela fez um barulho baixo em sua garganta e mudou quando ele chegou na cama. Então ele se deitou de costas, ela estava enrolada de costas para ele e ela novamente não se mexeu.

Ele ouviu a respiração dela.

Porra, ela estava dormindo em sua cama, não esperando por ele, não prestes a se virar e ter uma conversa, chupar seu pau ou montá-lo. Ela estava dormindo.

"Você não acreditaria como é doce, sabendo que no final do dia, ela rastejará de volta para a minha cama", como Colt disse.

Cal fechou os olhos, em seguida, rolou para Vi, enrolando um braço ao redor de seu estômago e puxando-a em seu corpo, notando que ela usava uma de suas camisetas.

Ele cheirou o cabelo dela enquanto abaixava o pescoço e a ponte do nariz descansava contra a cabeça dela.

—Joe? — Ela chamou, ele a acordou, mas Vi ainda parecia meio adormecida.

—Volte a dormir, baby.

—Tudo bem. — ela sussurrou e seu corpo se acomodou no dele.

Ele não sabia por que ela estava lá, nem por que continuava voltando, não sabia. Ela poderia ter um bom homem como Haines, mas ela deixou a casa de Haines e terminou sua noite na cama de Cal.

E ele não se importou.

Ela estava lá.

Cal a abraçou e, em poucos minutos, estava dormindo.

Capítulo Onze

Grande arco roxo

Acordei, abri os olhos, levantei a cabeça e olhei para Joe.

Quando o fiz, ele mergulhou o queixo e seus lindos olhos claros e azuis encaravam os meus.

Ele estava bem acordado.

Eu estava pressionada para o lado dele, minha coxa jogada sobre a dele e seu braço estava enrolado em volta da minha cintura. Seu outro braço estava armado, com a cabeça apoiada na mão.

—Oi. — eu sussurrei.

Ele olhou para o relógio e depois para mim.

—Estou de costas, Buddy.

Fechei meus olhos e abaixei minha cabeça, plantando meu rosto em seu peito.

O que diabos eu estava fazendo?

Eu não sabia, mas sabia o que faria.

Mudei meu rosto para que minha boca estivesse sobre ele. Então eu movi meu corpo para que estivesse sobre o dele. Eu deslizei para baixo, aproveitando o que eu estava fazendo mais e mais, cheguei perto do meu objetivo, mas ele me puxou para cima, então eu estava cara a cara com ele.

—Você envolverá sua boca em volta de mim? — Ele perguntou.

—Sim.— eu respondi.

Suas mãos puxaram a camiseta que eu usava.

—Você chupa meu pau, baby, você faz isso nua.

Eu me mexi, a excitação se acumulando entre as minhas pernas com as palavras dele, então me sentei, ainda sentada sobre ele e tirei sua camiseta enquanto ele observava. Então eu deslizei para o lado, puxando para baixo e chutando minha calcinha, em seguida, montei sobre ele novamente, olhando para baixo.

—Feliz? —Perguntei.

Suas mãos atravessaram minhas costelas e ele sorriu.

—Sim.

—Você se importa se eu continuar? —Questionei.

—Todo seu.— Joe convidou.

Eu balancei a cabeça.

Então eu o tinha em minha boca, quando soube que ele estava perto, eu o soltei e me posicionei sobre ele. Envolvendo minha mão em torno de seu pênis, eu o guiei para dentro e

então o montei, uma das mãos na cama para alavancar, outra em seu peito para contato. Ambas as mãos dele estavam nos meus quadris, persuadindo, encorajando.

—Você não se apressa, Vi, estou no comando. — ele avisou, sua voz rouca.

—Não, você não tomará, esta é a minha vez.

—Sua vez virá com meus dedos ou minha boca não meu pau, você não se apressa.

Eu queria isso do pau dele, então eu o montei mais forte e ele gemeu.

—Cristo, Buddy, isso não está ajudando.

Inclinei-me e o beijei, ainda em movimento, Joe deslizou a mão entre nós e pressionou um dedo com força contra o meu clitóris, em seguida, esse dedo rolou.

Eu gozei instantaneamente, gemendo o nome dele em sua boca.

—Graças a Cristo.— ele gemeu de volta e, em seguida, seus quadris subiram e ele gozou também.

Eu desmoronei em cima dele e os dois braços em volta de mim, um indo para o meu cabelo, puxando-o para longe do meu rosto, em seguida, enroscando nele e ficando lá.

—Você tem que ir para casa, baby. — ele me avisou, mas me manteve presa em seus braços.

—Em um minuto.

—Vi, as meninas.

—Eles dormem no final do verão. Às vezes, Keira dorme até as onze.

Seus braços me deram um aperto.

—Querida, os vizinhos.

Eu pisquei e meus olhos com uma visão de seu pescoço não viram nada.

Ele nunca me chamou de "*querida*".

Eu me recompus e sussurrei:

—Joe, baby, em um minuto.

Seus braços me deram outro aperto e ele murmurou:

—Não eu que dê a mínima.

Não pude evitar, eu sorri.

Então eu pensei que estava deitada com Joe em sua cama, na casa onde seu filho e seu pai morreram, e sua ex-esposa viciada cometera homicídio involuntário criminalmente negligente.

Como ele poderia estar aqui, eu não sabia, não conseguia imaginar.

Mas eu odiei que ele permanecesse lá. Ele deveria vender aquela casa. Por que ele não o fez e depois voltou, eu não tinha ideia.

Então me perguntei o que eu estava fazendo lá.

Mas eu sabia. Estúpida, voltando para casa ontem à noite, depois de uma ótima noite com Mike, ótima, a melhor, despejando minha bolsa, indo para o meu quarto, tirando

meus sapatos e deitada em cima das minhas cobertas, olhando para o teto e pensando em Mike, então minha mente mudou contra a minha vontade e eu comecei a pensar em Joe aqui, nesta casa, nesta casa maldita, cheia de memórias trágicas, e ele estava sozinho.

Eu não conseguiria consertá-lo, eu sabia, mas aqui estava eu tentando fazer isso.

A mão de Joe peneirou no meu cabelo, em seguida, as pontas dos dedos vieram para o meu couro cabeludo e o fizeram novamente, segurando-o enquanto torcia seu pescoço para que sua boca pudesse chegar ao meu ouvido.

—Você está ficando, Buddy, fico pensando em te comer.— ele murmurou.

Eu estremeci.

Ele nunca desistiu, mas não me importava, não mesmo, eu estava enlouquecendo, viciada nisso.

Eu levantei minha cabeça, mas a mão de Joe não deixou meu cabelo.

—Eu deveria voltar.— eu disse, sem me mexer.

—Sim— respondeu Joe —você deveria.

Eu ainda não me mexi. Nem Joe.

—Vi.— ele chamou.

—O quê? — Eu perguntei.

Lentamente, ele sorriu.

Então ele me rolou para as minhas costas.

Depois de algum tempo, eu não sabia por que estava sempre me lamentando por estar no topo.

Estar de costas era muito bom.



Eu deslizei para fora da cama de Joe e puxei sua camiseta.

—Buddy, você continua roubando minhas blusas, eu não terei mais nada.

Eu segurei minha calcinha e entrei nelas, minha cabeça olhando para ele enquanto me vestia.

—Você me deu a primeira.— eu o lembrei.

—Você roubou as duas seguintes.— ele retornou.

—Eu só roubei uma.

—Você está vestindo a número dois.

Eu não podia acreditar que ele estava contando.

—Vou mandar Keira e Kate para o shopping para comprar novas.

—Cristo, não faça isso. Foda-se sabe com o que elas voltarão.

Eu juntei minhas roupas, coloquei-as no meu braço e olhei para ele na cama, com cicatrizes, de barriga e peitoral à mostra, mas então também estava o peito dele. Era legal, tudo muito legal, mesmo que o lençol estivesse puxado até a cintura. Se não, a visão seria melhor.

—Elas seriam orientadas.— o tranquilizei.

—Quando eu estava no shopping com você, Keira pegou um monte de merda para mim. Uma das camisas tinha flores, porra.

Uma risadinha me escapou com a ideia de Joe vestindo uma camisa com flores.

—E foi rosa. — Joe terminou e um riso muito maior e mais alto explodiu de mim.

—Você ficaria bem de rosa.— eu disse a ele quando parei de rir.

—Sorte que você está fora do alcance do braço, Buddy, ou eu bateria na sua bunda.

Eu sorri para ele e soltei:

—É domingo.

—E?

—Domingo é dia de panqueca.

Seu rosto se fechou e ele murmurou:

—Buddy.

—A oferta está na mesa, Joe. É tudo o que estou dizendo — informei a ele rapidamente, cheguei perto, coloquei uma mão na cama e toquei minha boca na dele, mas quando eu puxei um pouco para longe, terminei— e eu faço boas panquecas.

Então, o mais rápido que pude, me endireitei e saí do quarto.

Lá estava eu de novo, agindo como um idiota, tentando consertar Joe.

Tentei não olhar para a casa dele enquanto me movia, mas mesmo assim tentei, vi que era provável que ele não tivesse mudado nada. Estava arrumada, até mesmo limpa, embora o entendimento sobre limpeza de Joe fosse digno de outra risada, era verdade. Mas era apagada e monótona, muito mais apagada do que dezessete anos atrás. Eu percebi que a casa não tinha mudado desde que a mãe de Joe morreu, sempre assim, mas pela aparência das coisas, era desde muito tempo atrás.

Fui até a porta de vidro dele e saí, correndo pelo convés, descendo os degraus, mas peguei movimento. Olhei para o quintal de Joe, para o meu quintal e vi Tina Blackstone em seu quintal, vestindo uma camisola e um roupão, regando as flores em suas enormes cubas de madeira em seu convés.

Ela estava regando suas flores, mas seus olhos não estavam em suas flores, eles estavam em mim e até mesmo a um metro de distância, vi sua boca aberta.

Merda!

Acenei casualmente para ela, repensando muito tarde usando a camiseta de Joe, já que, se eu estivesse em minhas roupas, ela não saberia que eu estava na casa de Joe, fazendo sexo com ele, mas agora ela não podia deixar de saber. Ela não podia perder isso.

Mas quem teria pensado que Tina estaria em seu quintal em uma manhã de domingo, antes das oito horas, regando suas flores?

Suas flores eram agradáveis, o que era surpreendente, ela não parecia do tipo que tivesse um polegar verde ou até mesmo que dava uma merda por plantas. Elas não eram tão boas quanto as minhas, mas eram boas. Ainda assim, era domingo. Mesmo eu, antes de Joe, não saía em um domingo antes das oito horas para regar minhas flores.

Fui para a porta lateral, mexendo na saia jeans para tirar a chave e o controle remoto, acertando o controle remoto para que meus sensores não disparassem e, em seguida, lutasse com a chave. Vendo que Tina tinha me desconcertado, e naquele momento eu tinha certeza que todos me veriam.

Entrei na casa, rearmei o alarme e corri para o meu quarto.

Então tomei um banho e me preparei para o meu dia. Eu tinha o turno da tarde no centro de jardinagem e eu precisava falar com Bobbie sobre a mudança do horário para que eu pudesse ter o próximo fim de semana para Sam e Melissa.

Depois que uma carga de roupa suja foi para a máquina e eu chequei meu e-mail, Kate e Keira se levantaram. Elas ainda estavam em seus pijamas nas banquetas do balcão. Kate estava vestindo uma camiseta grande e calça de pijama desleixada. Keira estava vestindo uma camisola e calça de pijama também desleixada. O cabelo de Kate estava solto e parcialmente emaranhado pelo sono. O cabelo de Keira estava

em um rabo de cavalo bagunçado no topo de sua cabeça. Eu estava no fogão, lançando o primeiro lote de panquecas quando Keira fez um estranho ruído gorgolejante.

Pensando que ela estava sufocando com suco de laranja, eu me virei para ela, mas ela tinha um controle remoto de alarme na mão e os olhos na porta lateral da cozinha.

Ela pulou do banquinho, apertou alguns botões no controle e gritou:

—Joe!

Eu virei para a porta e fiquei olhando para ela, espátula na mão quando Keira a destrancou, abriu a porta e Joe estava parado lá. Eu o tinha visto através da janela da porta, mas vendo-o ali de pé, de corpo inteiro, minha respiração, já parada escapou de mim.

—Eu não sei porque você está aqui, mas você tem que comer algumas das panquecas da mamãe. Elas são melhores que seus cupcakes. — anunciou Keira.

—Isso é bom? — Joe perguntou, seus olhos em mim.

Keira agarrou a mão dele e puxou-o para dentro, dizendo:

—Sim, definitivamente.

—Ei Joe. — cumprimentou Kate.

—Ei garota. — Joe cumprimentou de volta.

—Você pode sentar no meu banco. — Keira ofereceu.

—Nós devemos sentar na mesa, vendo que somos muitos, eu pegarei os pratos.— Kate decidiu.

—Garota... — Joe começou, mas Kate já estava em movimento e Keira tinha deixado seu banco e estava indo à cozinha para ajudar Kate.

Eu ainda estava olhando para Joe.

As garotas saíram da cozinha levando pratos, talheres, guardanapos, manteiga e xarope de bordo enquanto Joe vinha até mim.

—Suas garotas podem fazer as panquecas? — Ele perguntou, seu rosto sério, e vendo isso me preocupei.

Eu assenti.

—Kate— ele chamou, olhando para a área de jantar — assuma aqui, sim?

Ela olhou através da abertura do balcão para Joe e depois para mim, então ela acenou para ele.

Joe tirou a espátula da minha mão, colocou no balcão e então pegou minha mão e me arrastou para o meu quarto.

Ele fechou a porta e olhou para mim.

Então ele ergueu as mãos, ambas, e as colocou nos meus ombros.

—Eu não estou aqui para panquecas. — ele me disse.

Eu balancei a cabeça, olhando para ele.

—Mas eu estou ficando por elas.

Eu balancei a cabeça novamente, ainda olhando.

—Quando saí, olhei para a sua casa, você tinha uma caixa nos degraus da sua porta da frente.

Droga. Eu sabia.

—Branco? — perguntei. —Grande arco roxo?

Eu assisti como seu rosto ficou duro, então ele assentiu.

—Arco grande, caixa grande.

—Você pegou isso?

—Sim, está na minha casa. Chamei Colt.

Eu balancei a cabeça novamente.

—Essa coisa é dele? — Joe perguntou.

—Sim.

—É domingo. — ele me disse.

—Sim.

—Ele já fez sua coisa no domingo?

—Não. — Suas mãos me deram um aperto e eu perguntei: —O que isso significa?

—Não sei.— Ele estava me observando de perto, então perguntou: —Quão calma você está agora?

—Não muito.

Ele hesitou, em seguida, assentiu e disse:

—Tudo bem.

—Por quê?

—Mais tarde.

—Não, eu preciso que me diga de uma vez para que eu possa lidar com isso e seguir em frente, não ficar pensando até

saber. Isso é ruim, mesmo que eu esteja assustada, eu quero saber.

—Certeza?

Eu assenti.

Suas mãos no meu pescoço deslizaram até meu rosto e ele me puxou para perto, mergulhando o queixo para que ele ficasse perto também.

—A caixa estava fora do alcance do sensor. — Joe me disse.

—O quê? —Perguntei.

—A caixa estava fora do alcance do sensor. Eu tenho sensores configurados, então mesmo que alguém se aproxime da porta, você sabe que em casa, um alarme preliminar dispara, então você está ciente. Lembra-se que eu te disse isso?

Eu balancei a cabeça, eu me lembrei.

—Você define os alarmes para a noite, o que eu acho que você fez quando veio até mim na noite passada ...— ele deixou cair e eu assenti novamente.

Ele tinha montes de configurações para os sensores, incluindo um para quando estivéssemos acordados, mas em casa, digamos assim, o carteiro veio, ou talvez Kenzie Elise, não saltamos de nossas peles porque o alarme preliminar dispara. Mas, no meio da noite, ninguém deveria estar à espreita em nossas portas, então também tivemos o que ele chamou de configuração da noite. Ele disparou um alarme que

podíamos ouvir, e Joe e Colt também poderiam investigar, e o bandido pode entender a dica e ir embora, mas só envia uma mensagem para verificar se as portas e janelas foram quebradas ou se nós esquecemos de desligar o alarme, antes que o cronômetro se esgotasse na mensagem que estava sendo enviada junto.

Joe continuou.

—Alguém chegou perto, os sensores tropeçariam. Quem colocou essa caixa lá fora sabe como os sensores estão definidos.

—Mas você pode vê-los. — eu o lembrei.

—A caixa estava fora do alcance do sensor. — ele repetiu.

—Você disse isso.

—Você pode vê-los, Buddy, mas você não pode ver no momento.

Eu respirei fundo, percebendo o que isso significava.

—É uma mensagem, Vi. — Joe sussurrou, como se isso suavizasse o golpe. —Ele está dizendo que conhece o meu sistema.

Em outras palavras, Daniel Hart me dizia que ele poderia chegar até mim.

—Joe. — eu sussurrei.

—Ele não pode contornar isso. — afirmou Joe.

—Ele sabe disso, então ele pode ignorar.

—Ele não pode.

—Mas, Joe, ele sabe...

—Vi, ele teria que desligar a rede elétrica em todo o condado para passar pelo meu sistema.

Eu pisquei para ele e perguntei:

—Sério?

—Sim. Aquele chip do cérebro está fodido? —Ele perguntou e eu assenti mais uma vez. —Então é isso. — ele terminou secretamente, não me iluminando mais para o método de sua loucura que fez dele segurança para as estrelas.

—Por que ele não fez nada por semanas e agora uma caixa? — Perguntei.

—Não sei. — respondeu Joe.

—Devo dizer às minhas meninas?

—Não sei.

Ele estava cheio disso, ele pode não saber, mas tinha uma opinião.

—Você nunca sabe o que é certo com as crianças, você só se agarra, então o que você acha? Devo dizer às meninas? —Eu pressionei.

Ele suspirou e suas mãos deslizaram do meu queixo para o meu pescoço e pelas minhas costas, então ele estava me segurando frouxamente em seus braços.

—Elas são espertas, estão cientes da situação e amam você. Acho que ficariam chateadas, Buddy, se você não contasse.

Eu assenti. Ele estava certo, mesmo que não estivesse certo de que faria isso, já que eu era uma mãe e não queria assustá-las mais do que já estavam.

—O que estava na caixa? — Perguntei.

—Não abri, Colt está vindo para pegá-la. Você tem uma ordem de restrição contra ele, Hart não deveria enviar presentes para você. Você tem o RO[19] em Illinois, eu preciso verificar com Colt para ver se o RO está em vigor no Estado de Indiana, provavelmente sim. Nós teremos uma conversa sobre isso mais tarde e eles vão passar por cima da caixa, talvez eles possam levantar uma cópia, apoiar-se nele para quebrar a RO.

—Hart não cometeria esse erro com as impressões.

Joe suspirou, seus braços me deram um aperto suave e ele falou:

—Eu sei.

Eu fiquei em seus braços, sentindo-me tão chateada que isso começou de novo e me enlouquecendo, me sentindo assustada porque isso estava de volta, aqui, nesta cidadezinha segura e parecia que isso nunca iria embora

—Eu virei para o seu marisco, Buddy. — disse ele.

Eu me concentrei em Joe e pisquei.

—O quê?

—Seu irmão e sua mulher, você está fazendo sua merda de frutos do mar, eu estarei aqui.

Ele estava se convidando para um jantar em família?

[19]Restraining Order – ordem de restrição.

—Hum ...— eu murmurei.

—Eu o conheço no jantar, temos uma boa noite, vamos para a J&J's. Peço a ele que jogue uma partida de bilhar, tenho uma conversa com ele.

Oh. Ele não queria fazer parte do jantar da família, ele estava pensando em fazer o favor que lhe pedi.

Isso foi bom e decepcionante.

—Ok, faremos isso no sábado.

—Estarei aqui.

Eu balancei a cabeça novamente e disse a ele:

—Tina Blackstone me viu saindo de sua casa esta manhã.

Ele me encarou por um segundo e depois murmurou:

—Ótimo.

Inclinei a cabeça para o lado e perguntei:

—Achei que você não se importasse?

Seus olhos se encontraram com os meus e ele disse:

—Não, mas você sim e isso significa que tenho que ir até a casa da cadela e exigir dela. Não gosto dela, não quero ir até lá e ter que me impor com ela.

—Impor com ela?

—Dizer a ela para manter a boca fechada ou me irritará. Me impor com ela. —ele explicou.

Eu olhei para ele, sentindo seu peito duro e quente sob a camisa, onde minhas mãos estavam descansando, pensando

que era um milagre que ele poderia ser tão distante e tão envolvido ao mesmo tempo. Protegendo a mim e às garotas de várias formas, cuidando de nós de outras maneiras e, ao mesmo tempo, de uma maneira estranha, mantendo-se distante e sem estar realmente presente.

De repente, ele perguntou:

—Suas paredes são finas?

—O quê? — Eu perguntei de volta, confusa com a sua estranha pergunta.

Ele inclinou a cabeça para a parede que ligava o meu quarto ao resto da casa.

—Na minha casa, Buddy, as paredes são finas como papel. O mesmo aqui?

Eu olhei por cima do meu ombro para a parede.

Meu quarto foi construído como uma extensão, de modo que a parede lateral costumava ser a parede dos fundos da casa. No resto da casa, as paredes eram finas como papel. Se eu estivesse na cozinha ou na sala de estar, eu poderia ouvir as meninas em seus quartos. Se eu estivesse no meu quarto, nada, como evidenciado quando Kenzie Elise tocou a campainha.

—Esta é uma extensão. — eu disse a ele.

—Tenha certeza, Vi. — ele me disse.

—Essa parede é bastante sólida.

Ele olhou para a parede, em seguida, de volta para mim e então assentiu.

—Por quê?

—Não quero que suas garotas me ouçam entrando. Realmente não quero que elas me ouçam, porra.

Eu senti minha respiração falhar.

Então eu sussurrei:

—O quê?

—Ele está jogando seus jogos com você, primeiro, você não vai querer deixar suas garotas aqui sozinhas, segundo, eu não as quero aqui sozinhas. Então, eu tenho que vir até você.

E lá estava novamente, desapegado, mas envolvido.

Um milagre.

—Joe...

—A que horas elas vão dormir?

—Joe...

Seus braços frouxos se apertaram.

—A que horas, Buddy?

Ele não deixaria passar, então respondi:

—Dez, mas elas não dormem antes das onze. Quero dizer, Keira dorme. Ela gosta de dormir e cai imediatamente. Kate manda uma mensagem para Dane por um tempo e ouve música, mas ela geralmente apaga às onze.

—Vou esperar até depois das onze.

—Joe...

—Você quer que eu fique longe? — Ele perguntou e eu não, eu sabia que não, o que estava totalmente fodido.

—Não.

—Você tem uma chave para a porta de vidro deslizante?

—Eu fiz, mas perdi.

—Encontre. — ele ordenou.

—Ok. — sussurrei, jogando meu lance para a Mãe do Ano no lixo.

—Eu entrarei, elas não me ouvirão. Eu vou embora antes que elas se levantem. E nunca saberão que estive aqui. — assegurou Joe.

Eu percebi que isso era verdade. Mesmo quando eu estava acordada, Joe poderia se aproximar de mim.

—Ok.

Sua voz ficou baixa e firme, como se ele estivesse forçando o que ele estava dizendo e eu soubesse, e foi quando ele admitiu:

—Não gosto dessa merda, Vi. Nós, na porta ao lado, dormindo, alguns fodidos vindo para sua casa enquanto as garotas estão aqui e deixando presentes.

Merda, isso era muito mais envolvimento do que foi destacado.

Por que ele constantemente me dava sinais mistos? Isso estava me levando até a parede em pânico.

—Eu também não. — concordei.

—Então, nós fazemos a nossa coisa aqui.

—Ok.

Ele olhou para a porta.

—Como você dirá para as meninas?

Eu tomei uma respiração profunda, então deixei sair.

—Não sei ainda. Eu preciso pensar sobre isso.

Ele balançou a cabeça, me dizendo que ficaria quieto e depois disse:

—Panquecas.

—Sim.

Ele me soltou, pegou minha mão e me levou para fora do quarto.



Sentei-me no meu carro, com as portas trancadas como se Joe tivesse pedido que eu as mantivesse assim e olhei para o Garden Center de Bobbie.

Eu cheguei cedo para o trabalho e tinha muita coisa na minha mente, um monte que eu precisava resolver antes de pegar no trabalho.

Mais cedo, Joe e eu havíamos saído do meu quarto apenas para sentir o cheiro de bacon.

O cheiro me atingiu, foi um golpe emocional, instantâneo e difícil.

Desde que Tim morreu, as meninas e eu tivemos panquecas, não bacon, as panquecas eram bastante para nos encher.

Na panqueca de domingo, quando Tim estava vivo, tínhamos bacon porque Tim gostava de bacon e só panquecas não eram suficientes para enchê-lo.

As garotas haviam feito bacon para Joe.

Eu ter uma conversa com Joe no meu quarto não era normal, na verdade, isso nunca aconteceu, mas as meninas não comentaram. Elas não fizeram perguntas. Elas apenas nos lançaram olhares, esperando por mim ou Joe para compartilhar. Nós não o fizemos e, surpreendentemente, elas deixaram passar.

Como quando Sam estava lá, Joe ocupou o lugar de Tim e isso me atingiu com força também. Minutos depois, me bateu com mais força porque as meninas novamente não pareciam se importar. Elas agiam como se Joe sentasse lá o tempo todo. Elas não agiam como se isso fosse estranho ou desconfortável. Elas estavam animadas, falando não desesperadamente, naturalmente, até Kate.

E quando nos acomodamos para comermos, descobri que gostava disso, como gostava quando Tim estava vivo e tínhamos panquecas no domingo. A família sentada ao redor da mesa, comendo, conversando sobre a semana que tivemos, o que faríamos na semana por vir.

Joe também parecia à vontade. Não falador, Joe não era falador, mas, em sua maneira não-verbal, encorajava as garotas a fazê-lo.

Keira eu sabia que tinha fantasias sobre Joe para mim porque ela gostava dele e queria que ele soubesse que gostava dele. Por isso, ela conversou entusiasticamente com Joe sobre cada assunto sob o sol. Nenhum desses assuntos que Joe tinha sequer um indício de interesse, ele não podia, era coisa de adolescente, mas nunca deixou transparecer.

Foi Kate quem me surpreendeu. Quando ela começou a falar sobre algumas das bandas que ela gostava, Joe disse a ela que ele conhecia a música deles, ele não os conhecera como The Buckley Boys, mas ele ouvia as bandas que ela gostava. Eu poderia dizer que ele gostava do gosto de Kate e que Kate gostava disso, mais do que eu esperava. Ela gostou muito de compartilhar isso com Joe. Mas era mais, ela parecia ter pego o seu gosto como elogio e floresceu debaixo disso.

Joe saiu, lavamos a louça e, enquanto as meninas se preparavam para o dia, procurei a chave da porta de vidro corrediça. Eu a encontrei na gaveta de lixo na cozinha, não tendo ideia de como ela chegou lá, já que as chaves ficavam no gancho ao lado da porta lateral, mas eu suspeitava que Keira era a culpada, principalmente porque ela sempre era.

Antes de ir trabalhar, levei para o Joe.

Eu bati em sua porta da frente, querendo dar a impressão, se alguém estivesse assistindo, que esta era uma visita amigável de vizinhança, ao invés de ser pego por alguém

enquanto eu me esgueirasse pelos fundos, o que indicaria uma visita muito amigável da vizinhança.

Quando Joe abriu a porta, não usava nada além de calções esportivos soltos e tênis de corrida caros, e estava suando muito. Ele destruiu a minha trama de visita ao vizinho, agarrando a minha mão, puxando-me para dentro de casa e batendo a porta.

Eu vi um monte de pesos na sala de estar que eu não tinha notado antes, um banco de peso puxado para o centro da sala. Ele estava malhando.

Hum ... yum.

Eu olhei do banco para ele e, segurando a chave entre nós, eu disse:

—Chave.

Sua mão se fechou na chave, sua outra mão prendeu em volta do meu pescoço, sua cabeça desceu e ele me beijou, duro e longo.

Eu estava respirando pesadamente, minhas mãos em seu peito suado quando sua cabeça subiu.

—Grandes panquecas, Buddy. — ele murmurou então me soltou, virou-se e caminhou até a cozinha como se ele não tivesse acabado de me dar um enorme beijo, um que deixou meus joelhos fracos e sem fôlego.

Eu tentei manter minha mente e corpo sob controle quando ouvi a chave bater no balcão da cozinha, e ele voltou para o banco de pesos e pegou uma garrafa de água. Ele

inclinou a cabeça para trás para tomar um longo gole e eu fui até sua cozinha, lavei o suor das minhas mãos e caminhei até a porta da frente.

—Tchau, Joe. — eu chamei, minha mão na porta e seus olhos me atingiram.

—Hoje à noite, Buddy. — foi sua despedida.

Eu balancei a cabeça e caminhei para o meu carro.

Eu estava me aprofundando e sabia disso. Eu gostava dele e gostava mais ainda toda vez que estava com ele. Agora eu gostava que minhas meninas obviamente gostassem dele.

Mas não era para onde isso poderia ir, não com Joe, que estava feliz comigo dormindo em sua cama depois de eu sair em um encontro com outro cara, algo que eu não estava feliz, algo que doía.

E eu sabia que ele nunca iria lá a menos que eu o consertasse, e não tinha ideia de como fazê-lo, mas tinha a forte suspeita de que tentar seria ainda mais doloroso porque eu suspeitava, não importava o que tentasse, falharia. Poderia até ser devastador quando eu falhasse, não só para mim, mas para minhas garotas que disseram muito quando cozinharam bacon para Joe.

Eu olhei para a minha bolsa, estendi a mão e peguei meu celular.

Então eu continuei no meu caminho de fazer merda estúpida, louca e egoísta que me fazia uma pessoa má.

Abri-a, rolei para baixo até o “celular de Mike”, um número que eu programara no meu telefone depois que ele me ligou pela primeira vez. Então eu liguei.

Tocou uma vez, apenas uma vez, quando Mike respondeu.

—Você está bem? — Ele perguntou como uma saudação.

Ele sabia sobre a caixa.

—Você sabe sobre a caixa. — falei apenas para confirmar.

—O Colt ligou. Estou na estação agora. Eles estão passando por impressões.

Merda. Ele fora para a estação, em seu dia de folga, porque ouviu falar da minha caixa.

—Eles acharam alguma coisa? — perguntei.

—Algumas, mas tem que colocá-las no sistema.

—Ok.

—Você está bem? — Mike repetiu.

—Não.

Sua voz era gentil quando ele disse:

—Querida.

Suspirei no telefone.

—Onde você está agora? — Ele perguntou.

—O quê? —Perguntei.

—Eu pegarei você. Almoçaremos ou tomaremos um café na Mimi's, ou algo assim.

Ele não queria que eu ficasse sozinha e assustada, com evidências mais claras de que ele era um cara legal, um cara muito legal, talvez um homem bom. Evidência mais clara de que eu era uma pessoa terrível, mantendo-o em uma corda em vez de soltá-lo até que eu descobrisse onde minha cabeça estava e poderia dar a ele o que Joe chamou de "*uma corrida clara*".

—Eu estou no centro de jardinagem, tenho um turno da tarde. — eu disse a ele.

—Eu virei hoje à noite. — ele me disse.

Fechei meus olhos e suspirei novamente.

Eu não precisava de Joe na mesa do café e de Mike na mesa de jantar. Além disso, minhas meninas não precisavam disso.

—Até onde eu sei, as duas garotas estão em casa hoje à noite, Mike, e não tenho certeza se estão prontas para isso. — disse suavemente.

—Sua chamada, querida, mas você quer companhia ou precisa conversar, você sabe como me encontrar.

—Obrigado, hum ... na verdade, é por isso que liguei.

—Sim?

—Bem — comecei —veja, eu não contei às garotas sobre a caixa e não sei se deveria. Elas viram as flores, mas não sabem sobre a caixa. Elas agiram bem depois da loucura inicial das flores, mas eu sei que as aborreceu. Nada aconteceu em algum tempo e em casa, em Chicago, as flores, presentes e visitas

eram regulares. Elas podem pensar que está acabando e, bem... —Eu fechei meus olhos com força novamente, em seguida, os abri e terminei — Eu sou mãe, Mike, não quero que elas tenham que se preocupar com isso, mas não quero que se esqueçam de ser vigilantes ou ficarem zangadas comigo porque mantive isso delas. Elas não são adultas, mas não são mais crianças. Eu não sei o que fazer.

—Não diga a elas. — Mike respondeu imediatamente e eu pisquei com este conselho, que era contraditório com o de Joe.

—Você acha?

—Se esta merda estivesse acontecendo com Audrey, eu diria a Jonas, mas de jeito nenhum eu diria a Clarisse.

—Por que não?

—Sei que você é forte, imagino que tem garotas fortes, todas passaram por muita coisa. Mas meninas são meninas, meninos são meninos. Jonas iria querer fazer sua parte para cuidar de sua mãe, mesmo que não pudesse ser muito. Ele tem que aprender a ser um homem e, você é infeliz o suficiente para que coisas assim venham, então é assim que você aprende. Clarisse precisa ter a cabeça cheia de pensamentos sobre borboletas e vampiros adolescentes enquanto puder pensar em borboletas e vampiros adolescentes.

Como Kate e Keira foram para Tim, Clarisse era a menina do papai.

Eu senti meu estômago revirar.

Mas eu disse:

—Isso é meio sexista, Mike.

Ele não se ofendeu, principalmente porque não concordou comigo e achou que estava certo.

Eu sabia disso porque ele declarou com firmeza:

—É assim que é, querida.

Eu não respondi quando me bateu. Eu perguntei a ele porque ele era Mike, era pai, mas eu também perguntei porque a opinião dele provavelmente seria a mesma de Tim, se estivesse vivo. Ele podia não conhecer minhas garotas como Joe, mas era importante para mim, saber o que Tim faria e Mike acabou de me dizer. Era bom saber, exceto que agora eu estava mais confusa do que nunca quanto ao que fazer com as garotas porque, mesmo sabendo, eu não tinha certeza se concordava. Não era como se eu concordasse com tudo o que Tim pensava também.

Mike continuou.

—Mas eu não conheço suas garotas. Você tem que fazer o que acha que é certo, e Vi? —Ele chamou meu nome e parou de falar.

—Sim?

—Tudo o que você fizer estará certo, querida.

Senti as lágrimas encherem meus olhos porque isso, exatamente isso, era o que eu precisava ouvir e sussurrei:

—Obrigada, querido.

—Eu quero te ver, ter certeza de que você está bem. Eu pararei na Bobbie hoje.

—Ok. — concordei imediatamente, egoisticamente e estupidamente.

—Tenho as crianças esta semana, mas eles estão em todo o lugar o tempo todo para que eu possa levá-los ao Frank uma noite esta semana.

—Eu não sei a minha agenda, meu irmão e sua namorada estão chegando na cidade, no próximo fim de semana, e eu tenho que pedir a Bobbie uma mudança de horário.

—Descubra, e você me diz quando eu parar.

—Tudo bem. —concordei imediatamente, e novamente, egoisticamente e estupidamente. Então eu disse: —Eu tenho que começar a trabalhar.

—Tudo bem, deixarei você ir. — ele respondeu então disse suavemente: —Aguenta aí, querida.

—Tentarei.

—Mais tarde, querida.

—Mais tarde, Mike.

Eu desliguei meu telefone e bati na minha testa.

Então o deixei cair na minha bolsa, destranquei minhas portas e corri para o trabalho.



Depois do trabalho, entrei na J&J's.

Minhas meninas estavam fora para a noite, Kate com Dane, Keira com um grupo de amigas que tinham programado

um filme de última hora, que um pai de uma das amigas era louco o suficiente para levar um bando de garotas. Eu tive a minha visita de Mike no Garden Center e nós combinamos o jantar para terça-feira. Bobbie me liberou para o fim de semana, embora eu estivesse de folga no domingo de qualquer maneira e ela sabia que estava se apoiando muito em mim. Eu nunca pedi nada, então ela rearranjou a agenda e me deu o tempo que eu precisava.

Agora, com uma noite clara, decidi que precisava de conselhos de amiga.

Eu pensei em ir para casa, derramar um copo de vinho e ligar para uma das minhas amigas em Chicago. Eu era mais próxima delas, obviamente, embora a nossa comunicação via e-mail, mensagens de texto e telefonemas tivesse sumido também, quando meu trabalho passou para tempo integral, sem mencionar as horas extras. Mas elas me conheciam, a maioria delas por muito tempo, e me dariam bons conselhos.

Mas todas também conheciam Tim e o amavam, e eu não tinha certeza de como elas se sentiriam sobre eu seguir em frente, especialmente como estava fazendo isso. Elas eram minhas amigas, ajudaria, eu sabia disso, mas não podia fazê-lo. Eu não podia compartilhar isso, o que estava acontecendo, como eu estava me comportando e me preocupava como elas reagiriam e o que pensariam de mim.

E eles não conheciam Joe.

Feb, sua cunhada Dee e Cheryl estavam todas trabalhando, assim como Darryl e fiquei aliviada que tanto Feb quanto Cheryl estivessem lá. Perfeito.

—Como estão os negócios, querida? — Cheryl perguntou enquanto eu andava até a extremidade do bar, local de Colt, e sentava no banquinho ao lado do dele que estava vazio.

—Na verdade, insana. — eu disse a ela honestamente, seus olhos se arregalaram, Dee e Feb também estavam olhando para mim e no minuto em que disse isso, elas se mudaram para o fim do bar.

Era domingo no J&J's, um domingo no verão. Havia algumas pessoas, não muitas, que não se importavam se fosse verão e sol. Eles estavam, como de costume, acampados para um longo prazo.

—Você quer uma bebida?— Dee me perguntou quando bateu na minha extremidade do bar.

— Diet Coke. — respondi.

—Garota, seu rosto diz tiro de tequila. — observou Cheryl, olhando para mim de perto.

—Está tão ruim? — perguntei.

Feb apoiou os cotovelos no bar e olhou nos meus olhos.

—O que há, Vi? É a caixa?

Colt contou a Feb sobre a caixa também. Eu não fiquei surpresa. Tim me contava tudo sobre o trabalho. Eu não sabia se isso era permitido e nunca perguntei porque eu não queria que ele pensasse que precisava parar, mas eu nunca disse

nada a ninguém sobre qualquer coisa que ele me dizia. A merda que ele viu, que as pessoas faziam, ele tinha que desabafar e eu era aquela esponja que poderia tirar isso dele, encontrar um jeito de não absorver, mas deixá-lo voltar ao trabalho sentindo-se limpo.

—Não, não realmente, é ...— Olhei para as três. Eu não conhecia Dee muito bem, mas não podia exatamente pedir a ela para sair. Este era o bar dela.

Mas também não podia mais ficar presa na minha cabeça.

Eu precisava abrir a porta e sair, mas antes de fazer isso, eu precisava de direção.

Então, no minuto em que Dee colocou minha Diet Coke no bar, comecei a conversar e contei tudo, em detalhes um pouco explícitos, sobre Joe e eu, Mike e eu, Joe e as meninas, Mike e sua casa, seu cachorro e ser um bom homem, a terrível história de Joe e nossa relação de merda, Mike não é tão terrível, mas ainda não é grande história e nosso status é confuso.

Quando terminei de falar, todos as três estavam se inclinando para mim, seus antebraços no balcão.

—Perca o vizinho. — Cheryl aconselhou no minuto em que parei de falar.

A cabeça de Feb virou-se para ela, Cheryl apertou ombro a ombro no meio dela e Dee, e suas sobrancelhas se ergueram quando ela perguntou:

—O quê?

—Não vale a pena — Cheryl decretou —estive lá, fiz isso, peguei a porra da camiseta e não coube, então eu joguei o filho da puta fora.

—Cal é um cara legal. — declarou Feb.

—Sim, ele é e está provando isso. Ainda assim, ele está fodido e um homem que fica fodido por dezessete anos, até mesmo a Mulher Maravilha não poderia consertar sua merda. — Cheryl respondeu.

—Eu ouvi essa história e, Cheryl, garota, você tem que admitir, há uma razão para esse tipo de coisa acabar com ele por dezessete anos. — disse Dee.

—Sim, não estou dizendo isso. A história quebra meu coração e mal conheço o cara. Mas Vi tem outras prioridades, para não mencionar que Mike a convidou para sair na frente dele. Ele não teve reação, está feliz por ela jogar em campo. Um homem assim? — Cheryl sacudiu a mão. —Ele está ficando preso em seu buraco e não está indo a lugar nenhum. —ela afirmou.

Os olhos de Feb vieram para mim.

—Uma boa mulher se esforça, Cal reconhecendo, ela pode receber uma recompensa infernal.

—Ela pode ter seu coração estourado também. — Cheryl voltou e Feb olhou para ela.

—Eu acho que o que ele fez com essa Bonnie, se ele tem uma boa mulher, esse tipo de energia que deu para a Bonnie,

seria dado para esta boa mulher e seus filhos e por coisas boas, não seria nada como manter um viciado limpo, Cheryl, você pode imaginar? — Perguntou Feb.

—Sim, posso e imagino. Mas não é imaginação, Feb, confie em mim, querida, é terra de fantasia. — Cheryl atirou de volta.

—Morrie gosta de Cal. — disse Dee. —O mesmo acontece com Jack. Jack acha que ele é a merda. Eu o ouvi dizer uma vez que, mesmo quando Cal era criança, ele era afiado como uma navalha, muito próximo de um gênio. Disse que era um desperdício, um garoto inteligente ser criado por um bêbado. Disse que se Cal tivesse algo melhor enquanto crescia, ele estaria em um lugar diferente agora.

Isso me surpreendeu e ao mesmo tempo não. Eu tinha um pressentimento de que Joe era mais do que mostrava, porque ele era muito sábio, tinha uma secretária, casualmente um manobrista estacionava seu carro, possuía um lugar na Flórida e todos sabiam o tipo de clientela que ele tinha. Pessoas assim não chamavam nenhum cara comum para configurar seus sistemas para eles. Eles pediram o melhor, porque podiam pagar pelo melhor.

—O que isso tem a ver com alguma coisa? — Perguntou Cheryl. —Morrie e Jack gostam de Mike também.

—Apenas apontando os fatos. — respondeu Dee.

—O fato é que ele é gostoso. E tem uma queda por Vi que é profunda o suficiente para fazer o que ele se permite fazer, para cuidar dela e de suas garotas. E isso é que ele se permite

fazer não é o que ela precisa. — Cheryl respondeu para Dee e olhou para mim. —Você tem uma vida e no minuto em que você saiu com aqueles bebês, se deu uma prioridade nessa vida. Cuide de você. Se fizer isso, então o resto se encaixará para as meninas. Elas aprenderão, te observando, que deverão se colocar em primeiro lugar, fazer o que é certo para sua paz de espírito, descobrir o que precisam e se contentarem com nada menos. Confie em mim, Vi, porque vivi o pesadelo. Você não pode viver sua vida por outra pessoa, não pode sair lá fixando todos os homens cujos corações estão quebrados. Isso é viver para outra pessoa, quando você tem que estar vivendo para si mesma. —Ela se inclinou mais para perto de mim e disse suavemente— Você veio aqui sabendo a resposta para sua pergunta, querida, e sabe disso. Ele é sexy demais, te faz se sentir bem e te dá orgasmos regularmente. Você gosta, mas é tudo o que conseguirá e você já teve tudo uma vez, então sabe como isso é e também sabe que não se contentará com menos.

Eu apenas olhei para ela, em silêncio. Não que eu estivesse participando da conversa, mas não tinha nada a dizer.

Porque eu sabia que ela estava certa.

Cheryl continuou falando.

—Você brinca com ele o quanto quiser, sua intuição lhe dirá quando o tempo acabar. E você está fazendo certo, mantendo Mike nessa corda. Ele é gostoso, lindo, e não quer que ele siga em frente enquanto você está arrumando a cabeça.

Você o quer exatamente onde ele precisa estar quando estiver pronta para trazê-lo.

—Isso é egoísmo. — eu sussurrei.

—Isso é cuidar de você. Não há uma coisa egoísta sobre isso e, você foi honesta, ele sabe a pontuação e disse que está disposto a ficar por aqui. E ele está querendo porque não é estúpido. Sabe que tipo de mulher você é e que no final, você estará com ele e seu cachorro naquela grande cama de 6 mil dólares, e ficará feliz por ter esperado. Quando o seu vizinho sexy não se mexe quando um homem lhe convida bem na frente dele, o que é que te diz sobre o Mike? — Cheryl terminou em uma pergunta.

Lambi meus lábios, abaixei a cabeça e olhei para minha Diet Coke porque sabia o que aquilo me dizia sobre Mike. Cheryl estava certa. Eu sabia de tudo isso antes de entrar no bar.

—Sim. — disse Cheryl suavemente, sua mão cobrindo a minha, que estava descansando na barra. Ela deu um aperto e disse: —Você provavelmente está dirigindo, mas eu estou chamando Reggie, nos dando uma pizza. Você enche sua barriga com pizza, então também pode adicionar um pouco de vodca à mistura, e você precisa de vodca. Ordens de Cheryl.

Depois que Cheryl falou, ela se afastou e foi em direção ao telefone.

Eu olhei para Feb que me observava, mas foi Dee quem falou.

—Desculpe por tudo isso Vi. Na visão de Cheryl, muitas mulheres pensariam que este era um grande problema para se ter. Mas eu posso dizer que está comendo você.

Isso foi um eufemismo. Era mais do que me comer.

Para comunicar isso, eu balancei a cabeça e disse:

—Sim.

—Você precisa conversar, pegue o meu número com Feb. A qualquer momento, querida, sim? — Eu balancei a cabeça novamente e ela se inclinou. —Eu quero dizer isso, ok? Não é divertido, ser novo na cidade e não ter as garotas ao seu redor. Então você precisa de garotas e eu estou feliz de ser uma delas. Ok?

Eu sorri para ela porque isso era bom e ela estava certa, eu precisava de garotas, então respondi:

—Legal.

Ela sorriu de volta, lançou um olhar para Feb e contornou o bar, levantando a parte articulada do balcão para que ela pudesse ir e recolher os copos vazios.

—Vi. — chamou Feb e eu olhei de Dee para ela. Feb se inclinou também, sua voz calma, quase um sussurro quando disse: —Eu precisava de conserto.

Eu engoli e sua mão saiu, cobriu a minha e segurou firme.

—Se Colt desistisse, eu pensaria que eu não valesse o esforço...— ela balançou a cabeça —Deus, não sei o que eu faria.

—Feb. — eu sussurrei.

—Minha vida era uma merda, Vi, merda absoluta. Eu respirava, mas não vivia. Não sentia nada, apenas movia a vida, vazia. Colt me encheu. Ele não desistiu de mim até eu estar completa. Agora, querida, a vida é tão cheia, todo dia eu acordo ao lado dele e sinto que estou explodindo. —Sua mão apertou a minha e ela sussurrou:— É linda.

—Estou tão feliz por você.— Eu também ainda estava sussurrando.

—Você conseguiu em você mesma dar isso para Cal, não desista dele. O homem está vazio, ele precisa de alguém para preenchê-lo.

Eu lambi meus lábios e lutei contra as lágrimas que surgiram em meus olhos.

Sua mão soltou a minha e ela disse:

—Mike é um cara legal também. Não me entenda mal. O que quer que você decida, tá decidido e estou bem aí com você, sim?

Eu balancei a cabeça, embora soubesse, sem dúvida, que ela gostava de Mike, mas ela me queria com Joe.

Ótimo, apenas o que eu precisava, conselhos mais contraditórios.

—O que você gosta na sua pizza? — Perguntou Feb. —Se não são azeitonas e linguiça, teremos que pedir outro. Isso é tudo o que Cheryl pedirá, ela nunca pergunta a ninguém o que as pessoas querem.

—Isso soa bem, não sou exigente. — respondi.

—Ótimo. — ela afirmou. —A noite das garotas no J&J's em um domingo, perfeita. Melhor dia da semana e uma das melhores coisas que você pode fazer, ficar com suas garotas.

Ela não estava errada, então eu balancei a cabeça para ela e sorri.

—Volto em um segundo. — ela me disse e se afastou.

Tomei um gole de Diet Coke.

Eu estava feliz por ter vindo para a J&J's, era melhor do que ir para uma casa vazia e jantar sozinha. Foi muito melhor, especialmente desde que se transformou em noite das meninas.

O problema era que eu vim buscar ajuda para endireitar a cabeça e estava mais perdida do que nunca.



Ouvi a porta de vidro se abrir e rolei para olhar o relógio.

11:23 PM.

Eu rolei de costas, desejando não estar acordada e esperando por Joe, desejando não ter, há meia hora, feito um novo tipo de caminhada da vergonha, verificando as garotas para ter certeza de que estavam dormindo, desejando que eu tivesse magia, porque eu estava deitada na cama a última hora e meia, pensando na cena da Bonnie, como Joe ficou depois, sabendo agora que ele estava vazio, como Feb disse, porque ele não seria capaz de sobreviver a essa cena sem ser rasgado por

dentro a menos que não houvesse nada para rasgar. E eu queria que a magia fosse capaz de enchê-lo, como Feb foi. Fazê-lo rir e sorrir regularmente como ela. Dar a ele aquele olhar que ela tinha, onde você sabia que a vida era boa para Feb, mas ela não deu por certo, porque sabia como se sentiu quando a vida foi ruim, então ela apreciava o que tinha.

Deixei minha porta aberta para ele e Joe a fechou, então observei sua sombra caminhar até a minha cama. Eu o vi sentar, suas botas batendo no tapete, ouvi suas roupas farfalharem quando ele se moveu e as ouvi cair no chão. Então ele chegou e minha luz de cabeceira estava acesa.

Pisquei e senti as cobertas sendo varridas para trás e consegui me concentrar quando a parede de seu corpo me atingiu.

—Joe...

Eu parei de falar porque seus lábios estavam nos meus, sua língua cravando na minha boca, suas mãos subindo a minha camisa, ou melhor, sua camiseta que eu usava para dormir.

Ele me beijou sem fôlego, em seguida, levantou a cabeça, suas mãos ainda se movendo na minha pele ao longo dos meus lados, quadris, sobre a minha bunda.

—Conversei com Tina. — ele me disse de uma forma, como se já estivéssemos conversando por algum tempo, e não começando agora apenas após sua chegada na minha cama.

—Sim?— Sussurrei porque ainda não tinha superado o beijo dele e não estava ajudando que suas mãos continuassem se movendo, preguiçosa e leve, na minha pele.

—Sim. Acho que ela entendeu a mensagem.

—O que você disse?— Perguntei, minhas mãos flutuando em suas costas, seus lados, sobre sua bunda.

—Disse a ela que ela não viu o que achava que viu. Eu ouço de alguém que ela tenha dito que viu o que ela achava que viu, a merda explodiria, onde ela não poderia ver nada, já que seus olhos estariam inchados.

Minhas mãos pararam de se mover e meus olhos se arregalaram.

—Você a ameaçou?

—Ela é Tina.

—Sim, mas você a ameaçou?

—Buddy, eu já morava aqui quando ela veio morar com o marido e eu a vi tomar o tempo dela, por uns anos, cortando suas bolas. Foi doloroso assistir. Ela é uma vadia. Eu sei que você sabe disso, mas não acho que você saiba quão grande vadia ela é.

—Ela já está com medo de você. — informei a ele.

—Bom, então ela manterá sua boca fechada.

—Joe, você não deve ameaçar as mulheres.

—Ela não é "*mulheres*", ela é Tina.

Não pude evitar, mesmo que estivesse horrorizada com o que ele fez, meu corpo começou a tremer de tanto rir porque Joe estava certo.

—De qualquer forma, não iria realmente fazer isso, mas eu sei que ela não sabe o que fazer comigo porque ela não sabe o que fazer com um homem que ela levou seu pênis ao redor. Assim, Tina não sabe que eu não faria isso. Então, acho que nosso segredo está seguro.

Minhas mãos começaram a se mover novamente.

—Bem, obrigado, eu acho.

Ele sorriu para mim.

—De nada, também acho.

Minhas mãos deslizaram por sua bunda e pararam, meus dedos agarraram e eu levantei para tocar minha boca na dele.

—Desliga a luz.

—Não. — ele respondeu e minha cabeça se recostou nos travesseiros.

—Não?

—Não.

—Joe...

—Merda, temos que conversar antes de jogarmos.

Minhas mãos dobraram em sua bunda novamente, mas não por diversão desta vez.

—O quê?

—Conversei com Dane. — anunciou ele.

—O quê? — sussurrei.

—Encontrei ele antes de entrar em casa para pegar Kate. Perguntei-lhe algumas coisas. Nós trocamos palavras, ou eu dei a ele algumas palavras. Assim sendo, não se preocupe de comprar merdas de bebê em breve.

Minhas mãos foram de sua bunda até a cintura e eu segurei.

—Por favor, Joe, me diga que você não ameaçou um garoto de dezessete anos.

—Foda-se não, Vi, Jesus.

—O que você disse?

—Vamos apenas dizer que ele entendeu o recado. — Joe evitou.

—Qual recado?

—Kate está fora dos limites.

Meu estômago deu uma cambalhota.

—Joe...

—Ele entendeu sobre respeito, acho que já entendia isso antes, mas o lembrei.

—Ele ficou legal quando saiu?

—Ele está com ela, tenho a impressão de que estava feliz por eu estar cuidando dela. Ele é um bom garoto.

Eu não sabia o que fazer com isso. Isso era maior que o resto. Isso era Joe indo e vindo, tomando conta de Kate, não por mim, por Kate.

—Joe... — comecei de novo.

—Ainda assim, dei-lhe preservativos.

Meu corpo ficou sólido debaixo dele, mas meus dedos cavaram em sua cintura.

—O que! —exaltei.

Joe encolheu os ombros.

—Merda acontece.

Virei a cabeça no travesseiro, olhei para a cama e respirei:

—Oh meu Deus.

Sua mão veio ao meu rosto e ele me forçou a olhar para ele.

—Baby, estou sendo inteligente.

—Está dando ideias a ele.

Joe sorriu.

—Buddy, ele já tem essas ideias.

Eu sabia, mas não precisava me lembrar disso, então olhei para Joe e seu sorriso ficou maior quando sua cabeça baixou e me beijou.

Tentei me chatear, mas quando o beijo dele ficou mais profundo e as mãos dele na minha camiseta ficaram mais gananciosas, esqueci de ficar puta.

—Desligue a luz. — repeti, sem saber por que ele a ligou em primeiro lugar. Quando estávamos em sua casa, nunca acendíamos a luz.

—Não, baby. — ele disse suavemente contra a minha boca, sua mão deixando a camiseta, indo para o meu braço, descendo enquanto ele a retirou do meu corpo e a jogou para o lado.

—Joe, porque...

Parei de falar porque eu sabia o que ele queria quando a mão dele guiou a minha até a minha calcinha, e então a guiou para dentro.

—Joe...

Seu dedo pressionou o meu contra o meu clitóris e ele murmurou com sua voz grossa:

—Vou assistir.

—Joe...

—Quando terminar, você me assistirá.

Meus quadris se contraíram e senti meus lábios se abrirem em maravilha.

Eu gostei dessa ideia.

—Isso fez você molhar. — murmurou, seu dedo guiando o meu para baixo e, em seguida, tanto o dele quanto o meu deslizaram e eu gemi quando ele parou. —Ou mais molhado.

—Deus, Joe. — respirei, moendo em nossos dedos.

Ele os deslizou e os levou de volta à sua posição original.

—Faça-se gozar, baby.

—Ok. — sussurrei e ele deixou o dedo onde estava para que pudesse sentir como eu faria o que me pediu.

Isso não foi difícil porque sua cabeça desceu e sua boca foi para o meu ouvido, e ele me encorajou sussurrando coisas que me excitaram tanto que eu estava me contorcendo. Sua cabeça subiu e seus olhos se moveram para as minhas pernas, então observei seu rosto abertamente faminto e eu sabia, no momento exato antes de gozar, que Joe sentiu aquele buraco, sentia por mim a mesma fome que eu sentia por ele.

O gemido reverberou da minha garganta e sua boca bateu na minha, engolindo-o, afogando-o para que as garotas não pudessem ouvir.

Ele colocou a mão sobre a minha ao redor do meu sexo e me beijou até que eu terminasse. Então ele soltou nossas mãos, rolou para suas costas, posicionando-me ao seu lado e ele guiou minha mão sobre a sua em seu pênis enquanto sua outra mão forçava minha cabeça baixar, minha boca na sua.

—Espere, baby. — ele murmurou e eu envolvi minha mão em torno de seu pau e segurei.

Eu alternadamente o beijei e o observei, gostando de ambos, mas vê-lo era melhor.

Eu devolvi o favor quando ele gozou, engolindo seu rosnado.

Sua mão se afastou, mas eu continuei acariciando enquanto ele descia. Então ele levantou a cabeça e beijou meu ombro, saiu da cama e foi ao banheiro. Ele voltou, apagou a luz e se acomodou de costas, novamente me posicionando ao lado dele.

Sua mão peneirou meu cabelo e ele sussurrou:

—Você gostou disso, baby?

—Eu gosto de tudo com você, Joe. — respondi sussurrando e me virei para beijar seu peito.

Com minhas palavras, sua mão agarrou meu cabelo, então ele usou para puxar minha cabeça e segurá-la firme para que sua boca tomasse a minha em um beijo profundo e inebriante.

Ele nos acomodou de volta para onde estávamos e eu olhei para seu peito sombrio no escuro.

Então aproveitei.

—Sei que não é por isso que você está aqui, mas não me importo. — disse a Joe no escuro, meu braço se movendo em torno de sua cintura, fechando e apertando. —Estou feliz por você estar aqui porque gosto do que acabamos de fazer, e gosto de você na minha cama, e porque me sinto segura e sinto que minhas garotas estão seguras também. Eu não quero que você vá todo *o Joe* em mim e me lembre que não é o que nós somos. Eu não me importo, não é. Só quero que você saiba que é como eu me sinto e não me sinto segura há um ano e meio, e você não pode saber o quanto isso é uma droga. Então —eu torci meu pescoço e beijei seu peito novamente, em seguida, murmurei em sua pele— obrigado por nos fazer seguras.

Então me acomodei de volta, bochecha em seu ombro e dei-lhe um aperto.

Seu corpo ficou imóvel enquanto eu falava, imóvel e tenso. Senti isso, mas ignorei e decidi ir até o final.

—E, a propósito, gostei de ter você na minha mesa e as meninas também. Eu sei que não é o que somos, mas você é bem-vindo toda vez que ficar com fome e eu estiver cozinhando.

—Vi...

—Cala a boca, Joe.

—Buddy...

—Eu falei cala a boca.

Surpreendentemente, ele calou a boca.

E ele não fez o que eu me preocupei que ele faria, que era recuar, não de qualquer maneira. Ele se virou para mim, deslizou o joelho entre as minhas pernas, forçando minha coxa a enganchar em sua cintura e me abraçou em seus braços enquanto os meus corriam ao redor dele.

Ele não disse nada, nem uma palavra, ficou em silêncio.

Adormeci antes dele, e soube que o fiz porque seu peso não se acomodou, mas seus braços me mantiveram bem presa.

Mas eu adormeci esperando que talvez, apenas eu lhe dei uma coisinha que o faria se sentir menos vazio.

E eu esperava muito por isso.

Capítulo Doze

O fim

Cal deixou Nádia entrar no carro dele e então Joe foi até o lado dele no caminhão.

Ele não transou com ela, embora Nádia quisesse, mas ele não estava de bom humor e tinha que levá-la para casa.

Acabaria com Vi hoje à noite.

Ele sabia disso, porque quando Nádia entrou em seu carro, Vi, Kate e Keira se despediam de Sam e Melissa na frente da casa dela.

O timing não poderia ser melhor. Tina também estava entrando em seu carro, Colt, Feb e Jack estavam voltando de algum lugar. Todos viram Cal cumprimentar Nádia em sua calçada com um beijo, viram-no colocá-la em sua caminhonete e viram-no ir embora com ela.

Ele olhou através deles. Tina parecia presunçosa, ele podia ver a dois metros de distância, a porra da cadela. Colt parecia chateado, Feb preocupada. Sam e Melissa pareciam confusos.

Mas foi Vi, Kate e Keira que o atingiram, direto no peito esquerdo, uma torção e um aperto tão brutais que era uma maravilha que ele não caísse de joelhos.

Kate olhava chocada, do jeito que alguém olha quando é atingido por um ataque surpresa, sem esperar por ele e, de repente, dói no estômago, e a dor não passa.

Keira parecia traída. Estava claro em seu rosto, traição e dor.

Mas Vi parecia ser infligida por uma ferida mortal, o rosto pálido como se Joe tivesse enfiado uma faca nela e torcido, deixando seu sangue vazar.

Ele acabou de entrar em sua caminhonete e levou Nádia para casa dela.



A última semana com Vi e as garotas foi boa.

Ele ficou em casa. Depois que o presente chegou, ele pediu que Lindy reorganizasse seus compromissos, dizendo a seus clientes que ele tinha uma emergência.

O presente foi um vaso enorme e caro. Nenhum cartão, nenhuma impressão que aparecesse no sistema, apenas alguma mensagem aleatória de um idiota que gostava de foder com a mente das pessoas.

Cal verificou os degraus da frente de Vi antes de se juntar a ela na cama à noite e os verificou depois que se levantou e foi para casa de manhã. Nada mais.

Mas Vi mudara, depois daquela noite em que o encontrou no convés bebendo cerveja, ela mudara. Ela não estava inconscientemente ficando sob sua pele apenas por ser Vi. Agora, ela estava cavando seu caminho.

E ele permitia.

Ele sabia que ela foi jantar com Mike, porque ela o avisou.

Mas quando ele bateu em sua cama, todas as noites por uma semana, ela era toda sobre ele, tudo sobre encontrar aquela abertura, rasgando-a mais, forçando mais de si mesma.

Transar com Violet sempre foi ótimo, mas ficou melhorou. Ela não fingiu quando ele a fez dar prazer a si mesma e ela observou enquanto ele fazia o mesmo nele, e ela gostava de tudo que faziam juntos. Ele achava que a tinha, que ela era toda dele quando transavam, mas ela provou ser diferente. Quando ele estava em sua cama, ela abriu algo em si mesma e havia muito inundando, e se ele não fosse cuidadoso, seria levado nessa inundação.

E ela conversava com ele em sussurros, antes, depois ou entre as transas. Ela falava sobre o trabalho, sobre o trabalho paralelo que fazia no quintal de alguém, sobre talvez começar seu próprio negócio no verão seguinte, se isso funcionasse. Ela falou sobre o novo cão de Keira que estava causando estragos na casa. Ela falou sobre as meninas, seus amigos, a merda louca que faziam e diziam, rindo suavemente contra a pele de seu ombro, por sua orelha, seu rosto pressionado em seu pescoço.

Ele riu com ela porque a loucura que elas fizeram e disseram foi engraçado. E ele gostava da ideia de ela montar seu próprio negócio projetando os jardins das pessoas, que pelo jeito ela seria boa nisso. Ele gostou de ouvir a sugestão de excitação em sua voz, como se isso fosse algo que ela nunca pensou, mas algo que realmente quisesse fazer, um sonho que escapou dela. Ele gostou de ouvir seus pedaços de nada, restos de vida que de alguma forma pareciam uma vida inteira.

E ele também gostava que tanto Keira quanto Kate começaram a aparecer em sua casa quando sua mãe estava no trabalho, apenas para dizer oi ou lhe convidar para jantar, ou informar que estavam indo a um filme e ver se ele queria ir junto, ele nunca foi, mas novamente, elas não achavam que ele iria, elas estavam apenas usando isso como uma desculpa para falar com ele. Ele gostava porque, deste jeito sabia que elas estavam bem, apenas sendo crianças se divertindo no verão e não tocadas pela loucura de Daniel Hart. Ele gostava porque, a cada vez, ficavam mais à vontade com ele, menos hesitantes, mais seguras de si e ficavam mais e mais tempo. Elas estavam se abrindo para ele também, dando, apenas conversando, deixando-o saber que gostavam de tê-lo por perto.

Ele não comeu na mesa de Vi, não depois das panquecas, então não havia mais tempo em família que o fazia sentir-se bem demais, mas ele não pretendia. Ele era um "*farsante*", não quem eles queriam ver naquela cadeira, então com certeza não era algo que ele precisava.

Exceto quando ele foi jantar, com Sam e Melissa que estavam lá ontem à noite.

Foi quando soube que tinha que fazer alguma coisa.

Porque as meninas agiam como se ele estivesse ali o tempo todo, o que era verdade, mas elas simplesmente não sabiam disso. Elas agiam como se ele não fosse um farsante. Elas agiam como se ele fosse uma base bem-vinda em suas vidas, e o acolheria se ele se tornasse mais básico. Keira brincou com ele. Kate até agarrou a mão dele e apertou-a quando riu de algo que ele disse. Como a mãe deles, elas o estavam sugando, usando-o para tapar o buraco que o pai deixara, e esse poder combinado era quase imbatível.

Mas também foi porque ele gostava de Sam e Melissa. Sam agiu em relação a Vi como se lembrava de tio Vinnie agindo em direção à sua mãe. Ele não escondeu sua afeição por Vi e suas filhas. Ele as amava. O mundo brilhou em seus olhos quando olhava para elas e deixava que soubessem disso. Ele era muito hilário também e um homem fácil de se gostar. Sua mulher o mesmo, engraçada e descontraída, uma faladora direta e se sentia como o homem dela sobre sua família. Não era como se ela estivesse em suas vidas desde que conheceu Sam. Era como se ela estivesse em suas vidas o tempo todo. Eles eram uma unidade, unidos e inquebráveis. Uma família que era sangue, mas seu vínculo era mais profundo do que o sangue.

O que Cal sempre quis.

E Vi se comportou como suas garotas. Ela não foi demonstrativa com Cal, mas encontrou seus momentos para dar-lhe olhares, tocá-lo, prometer coisas com os olhos que não precisavam de palavras.

Eles foram para a J&J depois do jantar, e Sam e Melissa provaram que eram o que eram, engraçados e capazes de ter um bom tempo a sério. Vi se soltou com eles, rindo mais do que ele já a tinha visto rir, seu rosto relaxado, feliz e ainda mais bonito que o normal por causa disso.

Se ele se soltasse, teria gostado. Em vez disso, ele teve sua palavra com Sam e deu o fora dali.

Sua palavra com Sam não foi tão fácil quanto suas palavras com Tina e Dane. Sam não pararia e disse a Cal que trabalharia afincadamente, então ele teve tempo para explicar. Cal entendeu seu raciocínio, até mesmo admirou, mas devolveu a Sam diretamente que ele estava brincando com fogo e, ele se queimaria, assim como Melissa e Vi.

—Este é o seu negócio porquê ...?— Sam perguntou.

—Porque Vi me pediu para ter uma palavra com você. — respondeu Cal.

—E porque você está fodendo minha irmã. — Sam retornou.

Cal olhou para ele e não respondeu. Ele não ficou surpreso que Sam tivesse percebido isso. Vi poderia ter disfarçado, mas isso não significava que não estava prestando atenção.

—Ela fala sobre você, assim como as garotas, e elas gostam de você. Eu estou bem com isso. —Sam disse a ele. — Ela precisa de uma boa merda em sua vida e no minuto em que te vi, irmão, você me pareceu uma boa pessoa. Estou feliz por ela. Mas você instalou um sistema de segurança que rivaliza com o do Pentágono para ajudar a mantê-la segura, acho que você sabe de onde eu estou vindo.

Ele sabia, simplesmente não concordava com isso.

—Estou te dizendo, você precisa se afastar. — repetiu Cal.

—E eu direi a Vi-oh-meu[20] que você fez o que pôde. Mas não me afastarei.

Cal novamente não respondeu.

Sam manteve o olhar por algum tempo e finalmente perguntou:

—Estamos bem?

Eles não eram nada ou não seriam.

—Sim. — respondeu Cal.

—Fantástico. Quando voltarmos e Vi fizer seu risoto de novo, eu odiaria ver você sentado lá olhando para mim enquanto eu estou comendo isso. A porra da merda é *ambrosia* e, irmão, você é meio assustador. Arruinaria o risoto.

Nada arruinaria o risoto de Vi a merda era a melhor coisa que ele já provou em toda a porra de sua vida.

Cal queria rir. Ele não sabia porque Sam voltaria, mas ele não estaria sentado na mesa de Vi comendo nada.

[20] Apelido que Sam dava à sua irmã.

Ele terminou o jogo de sinuca, despediu-se de surpresa de Melissa e de uma chocada Vi, então saiu de lá.

Ele foi para casa, ligou para Nádia e armou para o dia seguinte.

Isso precisava ser feito.

Não importava que Cal não abrisse a porta, as três estavam passando. Vi, Kate e Keira, aríetes[21] do sexo feminino que eram implacáveis.

E ele precisava encerrar, soltá-la, cortar todas elas para que ele pudesse se fechar e abrir caminho para que tivessem uma boa vida.

Mas Vi teve que acabar com isso. Tinha que ser sua decisão desta vez, então não havia como voltar atrás.

Então ele forçou a mão dela.



Ele estava sentado no escuro, em sua sala de estar, na cadeira do pai com uma garrafa de Bourbon, um copo meio cheio na mão quando ouviu a porta de vidro se abrir.

Ele estava em casa há uma hora. Levou mais tempo do que esperava para que ela viesse.

Ela fechou a porta e ficou de pé, as costas contra o vidro, uma sombra mostrada pela luz da lua. Ele não sabia como ela sabia que ele estava sentado lá. Ele nunca esteve sentado em

[21] É uma analogia á máquinas que quebram paredes. Elas estavam quebrando o "muro" que ele havia criado pra si, impedindo as pessoas de chegarem ao seu coração.

sua sala, então quando ela se aproximou ele a encontrou na porta. Mas ela sabia.

—Você transou com ela? — Ela sussurrou.

—Não é da sua conta, Buddy. — respondeu Cal.

—Você não usa proteção comigo, Cal, então é sim. Você transou com ela?

Ele não ouviu nenhuma palavra depois que ela o chamou de Cal. Seu corpo tinha congelado, sua mente estava vazia.

—Eu fiz uma pergunta. — ela pediu, ainda sussurrando.

—Você quer essa cena, então sim, eu transei, Vi. — ele mentiu.

Ela ficou em silêncio.

Ele sabia que ela odiaria quando ele a lembrasse suavemente:

—Você não conseguirá fazer isso, Buddy, não é isso que temos.

—Eu sei sobre Nicky.

Levou tudo o que ele não tinha para se colocar de pé.

—O quê? — Ele perguntou apenas depois de abrir os dentes.

—Eu sei sobre o seu filho, Nicky, seu pai. Eu sei sobre a Bonnie. Tudo.

Cal engoliu o gosto ácido que queimava sua língua e então disse:

—Todo mundo sabe. Não é um segredo, Vi.

—Você está vazio.

Ele olhou para a silhueta dela. Como ela sabia disso, não tinha a mínima ideia, mas Vi não estava errada.

—Sim. — ele concordou.

—Nada pode te encher. — afirmou ela.

—Não. — ele concordou novamente.

—Você não deixará.

—O cano tem um buraco no fundo, Buddy, tudo vaza, não importa o quanto você despeje.

Ela ficou em silêncio por um momento e depois sussurrou:

—Certo.

Ela se virou para a porta e sua mão agarrou seu Bourbon com tanta força que ele teve que se concentrar em soltar seu aperto ou o copo se quebraria.

Antes de abri-la, ela se virou.

—Você não sabe, Cal, não faz ideia. Você se calou por tanto tempo nesta maldita casa com suas memórias trágicas, que você não tem ideia do que está prestes a sair pela sua porta. Kate, Keira e eu, poderíamos tapar esse buraco. Nós poderíamos te deixar tão cheio, que estaria explodindo. Nós teríamos amado essa chance. Daríamos tudo o que tivéssemos, não importando o tempo que passasse, formaturas, casamentos, netos, você seria uma parte de nós e teríamos dado tudo o que tivéssemos para mantê-lo tão cheio, estourando.

Cal não respondeu.

—Joe — ela sussurrou —se você me deixar sair por essa porta, você perderá sua chance.

Cal não se mexeu.

Vi esperou.

Cal ficou sentado.

Vi deslizou a porta, atravessou e saiu. Ele não a ouviu calmamente atravessar o convés para os degraus, a ouviu correr.

Quando ele ouviu isso, o copo quebrou em sua mão.

Capítulo Treze

O início

Foi um mau momento. Então, novamente, nunca foi bom momento para essa merda.

Nunca.

Jamais.

Mas isso foi diferente. Este foi o pior.

Porque Cal estava em casa.

Ele estava em casa pela primeira vez nos últimos dois meses e meio. Uma única vez, por uma noite, desapareceu no dia seguinte. Eu me odiava, mas eu olhei. Eu sempre olhava para o seu carro, mesmo através das janelas, um milhão de vezes por dia no começo. Eu estava melhorando, resistindo ao hábito. Agora eu só olhava quando dirigia para casa, ou me afastava, ou entrava ou saía do carro. Progresso.

Embora eu vestisse suas camisetas para dormir todas as noites. Eu sabia que não deveria, me chutava toda vez que eu

puxava uma sobre a minha cabeça. Eu simplesmente não conseguia parar.

Os presentes estavam chegando, Colt e Mike estavam lidando com eles. Cal não estava por perto para se importar. Não que ele se importaria se estivesse por perto, mas ele não estava por perto.

Não era regular ou estável, mas as meninas sabiam sobre os presentes agora. Keira encontrou o próximo que chegou, dois dias depois que Cal e eu rompemos. Uma terça-feira, outra primeira vez neste dia de semana. Eu não sabia o que havia neles e Mike e Colt não compartilhavam. Eles me disseram que estavam mantendo um contato próximo com o parceiro de Tim, Barry, em Chicago, e também me disseram que ordenaram que os carros de patrulha cruzassem nossa rua aleatoriamente, o que era feito. Não era a mesma segurança que eu sentia como a que Cal dava quando estava na minha casa, na minha cama ou mesmo na porta ao lado, mas isso me fez sentir um pouco melhor.

Eu não me importo muito também. Deixe que ele envie presentes. Tanto faz. Eu tenho uma vida para comandar. Isso já era bastante difícil. Foda-se Daniel Hart.

As garotas aceitaram a saída de Cal de nossas vidas, como eu sabia que fariam, e me chutei, de hora em hora primeiro, depois diariamente, por envolvê-las naquela merda.

Só assim eu poderia ter um bom sexo, só assim eu poderia sair. Uma chamada para sexo. Eu machuquei minhas

garotas por um telefonema. Cal disse que não era isso, mas foi. Foi exatamente isso.

Elas não sabiam a extensão disso e eu tentei agir normal, esconder delas como isso me cortou rápido, não tão ruim quanto eu suspeitava. Não, pior ainda, muito pior, foi ele ter ido embora. Mas elas eram minhas garotas, muito próximas, sentiam as coisas, me conheciam e eu sabia que elas sabiam que algo grande acontecera e envolvia Cal.

Em suas avaliações precisa da situação, elas se reuniram em torno de mim.

Keira tinha feito uma cara feia. Cal quase não surgia. De fato, ele deixou de existir na nossa casa, até mesmo Dane recebeu o decreto de que não falasse sobre Cal. Mas quando Tina mencionou Cal naquele churrasco, Keira o chamou de Sr. Callahan como se ele fosse uma sombra em nossas vidas, nada mais.

Kate se recusava a falar sobre ele, mudava de assunto quando o nome dele surgia no churrasco, e quase parecia que ela se machucou ainda mais do que sua irmã. Keira sempre foi a mais ligada nele, mas Kate e Cal formaram um vínculo de alguma forma. Talvez por preferências musicais e panquecas, não sei. O que eu sabia era que Kate foi cortada tão rápida, assim como sua mãe.

E Cal só apareceu quando Tina o trouxe no churrasco de bairro que Jeremy e Melinda deram um mês atrás, e ela o trouxe três vezes na minha frente e de minhas garotas, a puta estúpida.

Não aceitando o conselho de Cheryl, não mexi com Mike. Eu mantive-o na linha, pois coloquei minha mão muito perto do fogo e me queimei. Eu fui tímida.

Com paciência, ele ficou tão perto quanto eu o deixava. Nós namorávamos. Ele até veio jantar com as garotas que foram muito legais com ele. Eu fiz para ele minhas costeletas de porco e ele disse que as amou e as comeu demonstrando isso, algo que Keira aprovou muito e deixou que esse fato fosse conhecido por Mike efusivamente. Nós ficamos juntos e foi tão bom como sempre. Eu até passei uma noite em sua casa, quando as duas meninas estavam em uma festa do pijama e seus filhos estavam com Audrey. Nós assistimos a um filme em seu quarto, brincamos em sua cama, mas não fizemos sexo. Era só porque tinha ficado tarde, então ele me convidou para ficar. Eu dormi em sua cama grande, em uma de suas camisetas e em seus braços fortes e gostei. Eu me senti saudável, segura, amável, mas não me fez vibrar, não me eletrificou, não me fez sentir viva.

Mas eu não precisava dessa merda. Saudável e segura era o que eu precisava, amável era um bônus. Eu não precisava vibrar e sentir-me viva porque, quando isso se foi, me levou a sentir-me morta e não foi nada divertido.

Mike não insistia. Eu suspeitava que ele percebeu que as coisas haviam mudado por causa de Cal. Ele sabia que eu precisava disso devagar, principalmente porque eu disse a ele, então nós fomos devagar.

Ele não me apresentou aos seus filhos, uma vez que não estava certo de que maneira eu me inclinaria, e ele sabia que os seus filhos não precisavam disso em suas vidas. Se eu me inclinasse para o caminho errado, eles não sofreriam ou se chatearam com isso. Ele era um bom pai. Um pai melhor do que eu fui como mãe, com certeza.

Então foi um mau momento que Cal estivesse em casa quando eu limpava a minha sala de estar e vi o Jaguar estacionar na minha entrada. Eu sabia quem estava naquele Jaguar, e sabia por que eles estavam parando ali. Havia apenas uma razão pela qual eles viriam até aqui e eu sabia o motivo.

Apenas vendo o Jaguar, eu soube.

Eu sabia, sabia, sabia disso.

E isso fez mais um enorme buraco.

Eu andei até a porta, o novo cachorrinho de Keira, Mooch, seguindo nos meus calcanhares, latindo. Eu desarmei o alarme e abri a porta, o pano de poeira ainda na minha mão e Mooch correu para o quintal, mas eu realmente nem notei.

A situação era pior, eu o vi no minuto em que saí.

Feb estava beijando um adeus em Colt pela janela do seu GMC, Jack na curva de seu braço.

Myrtle estava aparando seus roseirais.

Tina estava tomando banho de sol em seu quintal da frente, quando não havia necessidade de fazer isso,

considerando que ela tinha espreguiçadeiras no convés, e eu sabia o porquê.

Ela estava de biquíni no quintal da frente porque Cal estava lavando o caminhão dele na garagem.

Todos eles estavam olhando para o brilhante Jaguar Borgonha na minha entrada. Eu sabia disso porque balancei a cabeça para absorvê-los.

Então eu olhei para o meu pai que estava andando pelo quintal em minha direção, seu rosto compartilhando as notícias antes de dizer uma palavra. Minha mãe, mais devagar, desdobrada para fora do carro, seus olhos na minha casa, seu rosto não comunicando uma perda horrível como a do meu pai, mas registrando antipatia.

—Querida ...— Papai disse quando chegou perto e isso explodiu em mim.

Foi alto, estridente, agudo, muito de todas essas formas, era uma maravilha que todas as janelas não explodissem em todas as casas do quarteirão.

—Não!

Então me virei, corri pela minha porta e bati, tranquei e fiquei de costas para ela, olhando em volta da minha sala de estar.

Eu derrubei o pano de pó e, sem pensar, corri para as prateleiras, peguei a foto de Tim, as meninas, Sam, Mel e eu, que Tim e Sam tiraram onde nós fomos para montar aquele tripé estúpido e depois outra porra de tempo para programar o

maldito temporizador para tirar uma foto nossa naquele dia de Natal. Mel, as garotas e eu tínhamos rido delas, rido e rido de suas palhaçadas, do tempo que levou, provocando Tim e Sam, sacaneando-os.

Bons tempos.

O melhor.

Eu joguei a moldura do outro lado da sala e a moldura quebrou, o vidro espatifou.

Então eu peguei o seguinte, eu na minha cama de hospital, Keira, recém-nascida, em meus braços, Tim de um lado, seu braço em volta de mim, ele estava segurando uma Kate se contorcendo, Sam do meu outro lado, seu braço em volta de mim também uma perna no chão, uma perna na cama. Todos nós nos amassamos naquela maldita cama de hospital. Eu parecia cansada, mas estávamos todos sorrindo, exceto Kate, que estava se contorcendo. Sam sentou-se com os pais de Kate e Tim na sala de espera o tempo todo em que Tim estava comigo e Keira nascendo. O tempo todo, ele nunca saiu. Nem por um segundo. Ele não me disse isso, os pais de Tim também não, mas eu simplesmente sabia.

Eu joguei isso também e se quebrou.

—Violet! —Ouvi meu pai gritar, batendo na porta. — Querida, me deixe entrar.

Eu peguei o próximo quadro, Sam não estava naquele e eu ainda o joguei.

Mais batidas na porta, mais gritos do meu pai, implorando para deixá-lo entrar.

Então eu jogava qualquer coisa que eu pudesse ter em minhas mãos, coisas idiotas, estúpidas, mais quadros. Eu nem sequer vi o que eles eram, eu apenas os agarrava e os jogava, tentando forçar a dor que tinha em meu coração e triplamente em seu aperto, tão forte, Deus, isso me mataria.

De repente, a porta se abriu e Cal estava na minha casa, ele arrombou a porta com o ombro.

Eu olhei para ele em sua camiseta preta, suas botas de motociclista, seus jeans, mas ele não olhou para mim. Ele veio para mim.

Raiva.

Eu corri em cima de um vidro, sentindo-o cortar meu pé descalço, mas não gritei. Não havia dor. Eu senti algo, mas não foi dor. A dor estava em meu coração, meu âmago, minha cabeça, não havia espaço para nenhum outro tipo de dor.

Antes que eu pudesse dar outro passo, fui para cima dele, me encontrando nos braços de Cal e instantaneamente eu lutei com ele. Fora de controle, chutando, socando, resistindo, se eu pudesse colocar minha boca nele, eu o teria mordido.

—Vi, baby, acalme-se. — ele murmurou, lutando para me segurar e controlar meus membros agitados.

Eu não falei, apenas grunhia através da minha luta.

Ele se sentou em uma poltrona reclinável no escritório, subjugando facilmente meus esforços com uma grande mão

em volta dos meus pulsos, ele colocou um braço forte ao redor da minha cintura e me puxou para seu peito, minhas mãos seguras entre nós.

Eu bati minha cabeça para trás e olhei para seus olhos azuis celestes.

—Foda-se, Cal! — Eu gritei em seu rosto e assisti-lo recuar.

Eu chutei com meus pés, mas senti meus tornozelos sendo presos com firmeza e olhei para eles.

Colt segurava meus tornozelos. Ele estava agachado, olhando para o meu pé, então falou para Cal.

—Ela está sangrando.

—O vidro. —murmurou Cal.

Colt olhou para a direita.

— Baby. — ele chamou, não soltando meus tornozelos.

—Entendido. — ouvi Feb dizer, mas não olhei para ela.

—Violet, querida. — a voz do meu pai derivou para mim.

Eu mantive meus olhos colados em Colt, sem olhar para Cal.

—Tirem ele daqui. — pedi ao Colt. —Tire os dois daqui, pra fora daqui!

A expressão de Colt registrou surpresa, ele olhou para a direita novamente para Cal.

—É seu pai? — Cal me perguntou, mas não olhei para ele, então sua mão apertou meus pulsos. —Olhe para mim, Buddy.

Eu olhei para ele e gritei:

—Deixe-me ir.

—Seu pai? — Ele repetiu.

—Sim. —falei.

—Qual é o problema aqui? — Perguntou Cal.

—Sam está morto. — eu anunciei e observei Cal fechar os olhos. Eu assisti e foi lento. Tão lento, que parecia que levou um ano para os olhos dele fecharem.

—Eles o encontraram ontem. — meu pai disse suavemente, os olhos de Cal se abriram e ele olhou por cima do meu ombro, mas eu não vi mais. Meu pai confirmando com palavras o que eu sabia em minha alma passou direto por mim, tão devastador, sua esteira era imensurável. Fechei meus olhos e meu corpo ficou mole em Cal.

—Nós dissemos a Melissa que lhe diríamos. Nós dirigimos ontem à noite, não queria fazer isso pelo telefone. Chegamos aqui tarde. Fiquei no hotel pela rodovia. Nós pensamos...

—Ela está bem, Colt, tire-o da casa, pegue a história dele. — disse Cal ao Colt, interrompendo meu pai.

Colt largou meus tornozelos e eu abaixei a cabeça. Eu não aguentava mais e pude sentir isso chegando. Eu precisava da minha energia porque me rasgaria em pedaços.

Cal soltou minhas mãos e ambos os braços dele foram ao meu redor, minha testa bateu em seu ombro e ele me puxou para perto, então meu rosto estava em seu pescoço.

Então vieram, eles ficaram em silêncio, mas minhas lágrimas tremeram todo o meu corpo em um terrível pranto.

—Limpe-a, ligue para Dane — ouvi Cal pedir. —Ele provavelmente está com Kate. Se ele não estiver, ele saberá onde ela está. Diga a ele para pegá-la, pegar Keira e trazê-las para casa.

—Ok. — sussurrou Feb. Eu senti a umidade no meu pé e ouvi o vidro sendo varrido, mas eu movi minhas mãos para os ombros de Cal, meus dedos cavando, pressionando, meu corpo contra o dele, meu rosto em seu pescoço, enquanto as lágrimas continuavam caindo e eu mal conseguia respirar.

Eu respirei fundo e até para mim o esforço parecia doloroso. Os braços de Cal me apertaram e Feb trabalhava no meu pé.

Eu perdi tempo, não tendo ideia de quanto e não me importei, só chorava.

Sam estava morto, meu lindo irmão foi embora. Tim fazia seu trabalho, mas Sam estava fazendo por mim.

—Ele estava fazendo isso por mim. — sussurrei na garganta de Cal.

—Calma, Buddy. — Cal sussurrou em meu cabelo.

—Ele estava tentando me deixar segura.

—Pare com isto, Vi.

—Mel. — eu respirei, pensando nela pela primeira vez, uma nova dor me cortando. Meu corpo estremeceu com isso e os braços de Cal me deram um aperto.

—As meninas estarão aqui em breve, baby, você precisa ficar bem. -disse Cal suavemente.

Minha mente estava fugindo comigo.

—Eu nem conheço esse homem.

—Foco, baby.

—Por que ele quer que eu sofra tanto?

— Baby, foco.

—Por que ele não pode me deixar em paz?

—Merda. — Cal murmurou e ele fez isso de uma maneira que minha cabeça subiu para olhar para ele e ele estava olhando para o outro lado da sala na porta da frente.

—Mãe? — Eu ouvi Kate chamar.

Eu olhei para onde Cal estava olhando e vi Keira, Kate e Dane parados do lado de dentro da porta.

Myrtle tinha meu aspirador de pó. Eu nem sabia que ela estava lá. Eu podia ver através da janela que Colt estava em pé na varanda da frente, Jack ao seu quadril, seu telefone em seu ouvido, sua cabeça virada, seus olhos nas meninas.

Antes que eu pudesse me mexer, Cal se levantou, eu em seus braços, e ele me carregou para o outro lado do escritório, em seguida, cuidadosamente, ele soltou minhas pernas, mas seu braço na minha cintura me segurou perto de seu corpo. Tão perto, eu estava suspensa, meus pés mal tocando o chão.

As meninas assistiram isso sem mover um músculo.

—Meninas, venham para sua mãe. — ele ordenou e ambas olharam para ele, em seguida, elas se moveram hesitantemente pela sala.

Tentei me afastar, mas ele me segurou firme e quando chegaram perto, só tinham olhos para mim.

Eu coloquei minhas mãos em ambos os seus pescoços e os puxei para mais perto de Cal e eu.

Então eu inclinei minha cabeça para elas, puxando-as ainda mais, então estávamos em um pequeno amontoado.

—Algo aconteceu com o Tio Sam. — sussurrei.

Eu agarrei seus pescoços, mas elas sabiam, souberam, assim como eu.

Kate se soltou, dando dois passos para trás, o rosto incolor, os olhos arregalados de dor.

Keira caiu no chão.

Cal me soltou e foi atrás de Kate.

Eu caí no chão e puxei Keira para mim.

—Não! —Ouvi Kate gritar. —*Não, não, não, não, não*!

Eu olhei para ela para vê-la batendo no peito de Cal, seus braços ao redor dela, deixando-a fazer isso.

Keira apenas chegou para perto, se enterrando em mim e chorando em meus braços.

—Oh bebê, meu bebê, meu doce bebê. — eu arrulhei, reunindo-a o mais perto que pude e balançando-a.

—Calma garota. — Cal murmurou e minha cabeça subiu novamente e vi Kate segurando Cal, os braços em volta de sua cintura, as mãos cobrindo sua camiseta, o rosto enterrado em seu peito e ele tinha os braços fechados em torno dela também, segurando-a perto.

Eu observei quando isso a dominou e suas pernas se dobraram. Cal a pegou, curvando-se, ele a colocou em seus braços e levou-a para o meu quarto.

Eu não tinha ideia do porquê, mas me levantei, puxando Keira comigo. Ela não lutou, mas ela era difícil de controlar, suas lágrimas ainda chegando, violentas, sem restrições. Eu nos guiei para o meu quarto e Cal estava na minha cama, de costas para a cabeceira, Kate enrolada em seu corpo, seu rosto novamente enfiado em seu peito, seu braço apertado em torno dele, suas pernas curvas e emaranhadas com as dele.

Mudei Keira para o outro lado e instantaneamente ela entrou, indo direto para Cal, para Kate, ela se enterrou no outro lado dele e trancou o braço em torno de Cal e Kate, com a cabeça na barriga de Cal.

Eu deslizei atrás de Keira, segurando-a perto, não tendo onde colocá-la, eu descansei minha cabeça em seu ombro e fiz o meu melhor para envolver minhas duas garotas em meus braços.

O braço de Cal estava em volta da cintura de Kate, o outro braço dele deslizou em volta dos meus ombros. Eu não pude deixar de esperar que ele estivesse segurando Kate tão apertado quanto ele me segurou. Parecia firme, forte, seguro

quando a vida tinha acabado de nos derrubar de volta aos joelhos.

—Devo ligar para o doutor?— Ouvi February perguntar.

—O pé dela é tão ruim assim? — Cal perguntou de volta.

—É profundo. Coloquei um curativo, mas posso ver que ainda está sangrando. — respondeu Feb.

—Chame-o.

—Ok.

Feb fechou a porta, mas ouvi, na sala de estar, Myrtle ligando meu aspirador.

Eu me inclinei e beijei a cabeça de Keira, em seguida, estendi a mão para beijar a de Kate.

—Passaremos por isso, bebês, nós vamos. Prometo .— sussurrei.

O corpo de Keira se contraiu com a próxima onda de lágrimas que minhas palavras causaram e a respiração de Kate ficou tão difícil, que me fez estremecer.

—Aguentem firme, bebês, passaremos por isso. — continuei sussurrando, em seguida, minhas lágrimas voltaram e forcei meu rosto no pescoço de Cal e seu braço me enrolou mais perto.

—Vamos vê-lo. — eu murmurei e então minha respiração ficou presa quando senti os lábios de Cal na minha testa.

Eu deveria tê-lo empurrado, forçado a sair da minha cama, mantido minhas garotas só para mim. Ele não tinha nada que estar lá.

Mas não pude. Ele era quente, forte, sólido e grande o suficiente para nos cercar com tudo isso e todas nós precisávamos, precisávamos de algo para segurar.

Ele poderia ir embora mais tarde.

E de qualquer maneira, ele faria.



Keira dormiu primeiro, Kate em seguida, Vi por último.

Todo o peso delas estava sobre ele, a cabeça de Keira ainda em seu estômago, o braço apertado ao redor de seu quadril, a cabeça de Kate em seu peito, as pernas ainda emaranhadas com as dele, o peso morto de seu corpo contra o lado dele, o rosto de Vi em seu pescoço, o braço dela em volta de Keira.

Cal estava de costas para a cabeceira da cama, a cabeça inclinada para trás e apoiada contra ela, os olhos no teto. Ele estava extremamente desconfortável, mas não moveu um músculo.

Ele ouviu a porta abrir e ele endireitou a cabeça.

Colt estava inclinado, ombro contra o batente da porta.

—Doc está aqui. — sussurrou Colt.

—Diga a ele para voltar depois. — Cal sussurrou de volta.

Colt assentiu com a cabeça, seus olhos fizeram uma varredura de Cal sob uma pilha de mulheres exaustas, dormentes e amontoadas na cama de Vi.

Então ele olhou para Cal, balançou a cabeça, sorriu e foi embora.

Loucura fodida.

Keira fez um barulho em seu sono e aproximou-se mais.

Cal fechou os olhos, tentando apagar o sentimento.

Mas ele não podia apagar, era insistente, para não ser ignorado.

Acertou-o no minuto em que viu Vi em pé, descalça, carregando um pano de pó, usando shorts e sua camiseta, e era a primeira vez que a viu em dois meses e meio, e ela estava gritando, porra, o som dela gritando a palavra "*não*". Ele nunca esqueceria isso, não em sua vida. Aquela palavra, do jeito que ela disse, passou por ele.

E continuava chegando quando ele correu para a casa dela, depois que os sons de coisas quebrando vieram, e o pai batendo na porta.

E mais do que isso veio quando ele forçou seu caminho e a viu, aquela perda alegando sua expressão, nova desta vez, tão difícil de testemunhar que ele sentiu isso se estabelecendo na porra de sua alma.

E mais disso veio quando ela se pressionou contra ele, dando-lhe a sua dor.

E mais, quando Kate bateu nele, e desmoronou nele sob o peso de sua tristeza.

E mais quando todas se enrolaram nele, uma por uma.

E agora, esse sentimento no lado esquerdo do peito não era irritante.

Era constante, mas não era dor.

Ele se sentiu cheio.

Cristo, do jeito que se sentia, ele estava cheio para explodir.

Capítulo Quatorze

Pizzaria de Vinnie

—Mãe! — Keira gritou e eu suspirei.

—Eu sairei em um minuto. — gritei de volta e me olhei no espelho de corpo inteiro na parte de trás da porta do meu banheiro.

Eu estava cansada, tão terrivelmente cansada, e mesmo assim me olhei. Eu não dormi profundamente desde que Cal se desvencilhou de nós, para que Doc pudesse dar uma olhada no meu pé, me dar alguns pontos e depois proclamar de uma maneira pesada que continha mais de um significado:

—Você ficará bem.

Eu olhei nos olhos do velho e não pude deixar de acreditar nele. Eu nunca o vi antes, mas ele parecia um homem que sabia o que estava falando.

Isso não durou muito tempo, acreditando que tudo estaria bem, mas pelo menos ajudou por um tempo.

Quando Doc saiu, Cal desapareceu. Colt já tinha chamado algum cara que estava arrumando a porta e Mike tinha vindo e ficou lá. Ele passou a noite dormindo no sofá em deferência às meninas. Ele não me deu uma escolha sobre isso, apenas fez isso e eu fiquei feliz, foi bom saber que ele estava lá.

Ele nos fez ovos mexidos, bacon e torradas na manhã seguinte. Enquanto comíamos, Mike demonstrou para mim, firmemente, de uma forma que as garotas não o tinham visto antes e de certa forma parecia que ele estava farto do jogo de espera, estacando sua reivindicação.

Eu deixei. Eu estava muito sobrecarregada para lutar e suas demonstrações de afeto eram tão boas que eu não queria lutar contra isso. Na verdade, precisava disso. As garotas estavam em uma névoa de sofrimento de qualquer maneira. Elas mal notaram.

Eu deslizei pelo dia em uma névoa também, conversando com Mel, que parecia que me sentia, recebendo algumas ligações de amigos de casa, February, Cheryl e Dee, chegando, passando um tempo. Myrtle apareceu com uma caçarola. Pearl trouxe brownies caseiros com nozes.

Percebi que o caminhão de Cal não saiu da garagem e percebi isso quando, surpreendentemente, um caminhão maior estacionou e dois homens o carregaram com os móveis de Cal, o que parecia ser tudo.

Isso foi uma surpresa, mas não me importei. Não era da minha conta. Ele fora legal no dia anterior e, por mais que

doesse quando acabou, não foi ele quem me machucou. Eu fiz isso para mim mesma. Ele foi honesto comigo, me disse de qual jeito seria. Fui eu quem o levou mais longe do que ele pretendia ir. Ele estava sentado em seu sofá na noite que acabou, bebendo algo que eu não podia ver, só podia ver que não era cerveja, eu não sabia, mas isso não fazia diferença. Ele foi, acabou, foi isso.

Eu estava grata por ele estar por perto para todas nós quando recebemos a notícia sobre Sam. Eu agradeceria a Cal um dia, quando me sentisse mais forte e se ele não estivesse atualmente mudando de casa para fugir das loucas mulheres Winters, cujo negócio continuava se intrometendo em sua vida solitária e fodida.

—Mãe! — Keira gritou novamente, desta vez com muita impaciência e irritação inconfundível.

—Estou indo! —também gritando, dando uma última olhada na minha roupa no espelho.

Eu nunca havia gasto dinheiro em uma roupa na minha vida, e não suspeitei de estar em posição de fazer isso de novo. Um leve vestido de lã, cinza escuro e jaqueta combinando um pouco. O vestido estava apertado por toda parte, o pescoço escavado, mangas curtas, um cinto fino e coberto de tecido abaixo do busto. A pequena jaqueta que a acompanhava era feita sob medida de maneira bonita e adequada como se fosse feita para mim com uma fileira dupla de babados elegantes na parte inferior das costas.

Eu o comprei para o funeral de Tim, sabendo que nunca o usaria novamente, nunca, e ainda assim gastei uma fortuna com ele. Eu estava em tal missão para encontrar a roupa perfeita, fui a tantas lojas em Chicago que perdi a conta. Estava obcecada com isso, quase frenética. Eu queria mostrar a Tim, ir ao seu serviço, seu funeral e a reunião o que quer que fosse, o que eu era para ele, sua linda e sexy esposa que fez um esforço. Foi bom que eu fiz. Alguém tirou uma foto minha na minha roupa e estava no jornal. A manchete dizia assim: *o policial caído fazendo seu trabalho pelos cidadãos, perdendo a vida protegendo as pessoas e a esposa enlutada que ele deixou para trás*.

Agora, porra, eu estava usando-o de novo.

Por Sam.

Meu lindo Sam.

Eu fechei minha mente, corri do banheiro para o quarto e peguei minha bolsa na cama, não ansiosa para dirigir quatro horas para lá e depois mais quatro horas para cá. Eu estava tão cansada, não dormindo, minha mente cheia de lixo. E meu pé doía, eu não podia imaginar pressionando-o no acelerador por oito horas. Eu pediria a Kate para dirigir, pelo menos parte da viagem, mas ela parecia mais desgastada do que eu.

Então era eu quem tinha que dirigir.

Mike perguntou se ele poderia nos levar, mas eu disse que não. Ele nunca conheceu Sam e teria que tirar um dia de folga do trabalho. Esses dias deveriam ser para diversão, não funerais.

Ele não ficou feliz com isso, nem um pouquinho, e me contou esse fato. Este não foi um comportamento descontraído de Mike. Ele estava definitivamente apostando sua reivindicação e eu me perguntava se ele ouvira sobre Cal. Se eu tivesse percebido isso, que eu não tive naquele momento, teria dito a Mike que ele não tinha nada para se preocupar, não mais, nunca mais.

No final, eu suavizei minha recusa e disse a ele para tirar um dia de folga quando ele e eu pudéssemos nos divertir. Ele também não gostou disso, mas não brigou comigo provavelmente porque ele era um cara legal e não queria ter nossa primeira briga no dia seguinte ao que descobri que meu único e amado irmão fora assassinado, assim como meu marido, *exatamente* como Tim, Colt disse isso a Mike, papai contou para o Colt e Mike me contou.

Eu peguei meus sapatos de salto alto da cama e me dirigi para a porta. Eu estava usando chinelos até que tive que forçar os sapatos. Não estava contente com isso, mas, novamente, havia praticamente nada que eu estivesse feliz para esse dia.

Saí do meu quarto e Keira estava em pé do lado de fora da minha porta.

—Mãe! — Ela retrucou, embora eu estivesse de pé ali.

—O que, baby? Estou bem aqui. — respondi.

Então eu o senti, olhei para a minha direita e minha boca caiu aberta.

Cal estava de pé lá vestindo um terno preto e uma camisa cinza escura que combinava com o meu vestido quase

perfeitamente. Uma gravata brilhante da mesma cor que sua camisa estava pendurada no pescoço, e a camisa aberta no pescoço.

Eu nunca o tinha visto em nada além de camisetas e jeans, exceto quando ele estava nu, é claro. Ele parecia muito bem em um terno, que era incrível. Ele poderia não gastar muito dinheiro em seu guarda-roupa habitual, mas até eu podia ver que o terno custava um pouco mais.

—Nós temos que ir. — sua voz profunda retumbou em mim.

—O quê?— Eu perguntei, confusa com seu terno, sua presença e suas palavras.

—Joe está nos levando. Eu liguei e perguntei a ele ontem. — Kate, que estava perto de Cal, me explicou.

Em choque silencioso, meus olhos foram para ela e, quando o fizeram, ela se aproximou de Cal. Então senti meus olhos se arregalarem quando sua mão alcançou a dele e se enrolou ao redor dela.

Cal não se afastou, na verdade, seus dedos se curvaram ao redor dos dela também.

Quando eles fizeram, ela apoiou seu ombro em seu braço.

Puta merda, que diabos foi isso?

—Eu... — comecei.

Cal me interrompeu.

—Temos que pegar a estrada.

—Mas...

—Vamos, Buddy.

—Oh! — Kate gritou de repente, inclinando a cabeça para olhar para Cal. —Eu preciso fazer um sanduíche para você. Todos nós temos sanduíches porque não pararemos. Eu não sabia o que te fazer. Você quer presunto e queijo cheddar, peru e carne assada ou suíça e suíça ou todas as opções acima?

—Eu comerei o que você fizer, garota. — disse Cal, olhando para ela.

—Tudo bem.— ela respondeu, soltou a mão dele e correu graciosamente em seus sapatinhos pretos de salto alto para a cozinha.

—Mãe! — Keira sussurrou, inclinando-se para mim, os olhos estreitados, claramente não satisfeita com esta notável mudança de eventos. Obviamente Kate não compartilhou seu plano com sua irmã.

—Hum...— eu disse para Cal —podemos conversar um segundo no meu quarto?

—Não.— ele respondeu e permaneceu imóvel.

—Keira, pegue um café para Joe beber na estrada. Ele bebe preto. — Kate chamou da cozinha.

Keira olhou para mim, em seguida, olhou para Cal e, obviamente, sentindo a necessidade de um show incomum de decoro, face dos acontecimentos do dia, ela decidiu contra uma birra, mas ainda assim, ela pisou para a cozinha.

Eu manquei para Cal e cheguei perto.

—O que você está fazendo? — sussurrei.

—Levando você e as meninas ao funeral de Sam.

—Mas...

Sua mão veio para o lado do meu pescoço e apertou, minhas palavras congelaram na garganta.

Sua cabeça mergulhou, então seu rosto estava no meu.

—Você está morta em seus pés, baby. Você tem que chegar lá em segurança, e voltar para casa em segurança. Estou garantindo isso. — ele disse suavemente. —Agora, coloque sua bunda no carro.

—Cal...

Sua mão apertou meu pescoço, parecia reflexivo, mas era forte o suficiente para fazer com que eu calasse a boca novamente.

Seu rosto ficou ainda mais próximo quando ele ordenou:

—Você me chama de Joe.

Eu olhei para ele e sabia que minha boca estava aberta, mas perdi o conhecimento de como fechá-la.

Ele me soltou e se virou.

Eu fiquei lá e não sabia o que fazer.

Olhei para a cozinha e Kate estava apressada, embrulhando um sanduíche tão grande que Dagwood Bumstead[22] estaria em êxtase, pegando um pacote extra de batatas fritas, depois indo até a geladeira para pegar outro

[22]Dagwood Bumstead , um personagem central na tira de quadrinhos Blondie , que é frequentemente ilustrado fazendo enormes sanduíches.

refrigerante e finalmente pegando mais duas barras de chocolate. Obviamente minha filha pensou que Cal era uma montanha de homem e teria uma montanha de apetite. Isso porque, quando ele estava no café da manhã, ele comeu seis fatias de bacon com suas quatro panquecas, então ela provavelmente não estivesse errada. Ela empurrou tudo no cooler enquanto Keira puxava uma caneca de café para viagem para Cal, sua outra mão envolvendo a minha.

—Estamos prontos? — Cal perguntou as meninas Winters.

—Eu estou.— anunciou Kate, levantando o cooler.

Cal levou sua caneca de viagem, pegou o cooler de Kate e saiu pela porta lateral.

Kate o seguiu.

Keira olhou para mim, em seguida, ela seguiu.

Fiquei ali alguns segundos, depois fui até a porta, armei o alarme, fechei, tranquei e fui para o Mustang.

As garotas já estavam sentadas com os cintos de segurança, o refrigerador entre elas, Cal estava dobrado, ajustando o banco do motorista, minha porta estava aberta.

Eu manquei até o carro, entrei e bati minha porta.

Cal se dobrou ao meu lado e bateu a dele.

Keira empurrou minha caneca de viagem entre os assentos e estalou:

—Aqui.

Eu peguei, resmungando:

—Obrigado, baby. Você levou Mooch até Pearl?

—Sim. — ela respondeu então sentou-se em um bufo verbal.

Cal girou a ignição e o carro rugiu para a vida.

Seu braço foi ao redor do meu assento quando ele recuou e eu mantive meus olhos colados no para-brisa enquanto ele fazia isso.

Ele manobrou o carro para estrada, tirou o braço do meu assento, mudou de marcha e nós estávamos a caminho.

Bem, uma coisa que eu poderia dizer sobre isso, a única coisa, era pelo menos que eu não precisava dirigir.



Violet adormeceu no minuto em que atingimos a I-65 fora do Lebanon.

As garotas tinham seus sanduíches do lado de fora em Merrilville, Kate desembrulhando as dele de uma maneira que ele pudesse comer a criação maciça sem que metade delas caísse em seu colo. Ela entregou-lhe sua Coca-Cola, abriu um saco de batatas fritas para ele e meio que desembrulhou uma barra de chocolate para terminar seu enorme almoço, ele teve que recusar a barra de chocolate número dois.

Keira, quando ele pegou os olhos dela, no espelho retrovisor, olhando para ele, ou quando ela não o olhava, viu que ela estava olhando pela janela, sua expressão triste.

Ambas as garotas estavam quietas, talvez porque estivessem no fundo de seus pensamentos, mas provavelmente porque a mãe delas estava dormindo.

Quando chegaram à área afluente de Chicago, onde o velório seria realizado, Kate deu a Cal instruções silenciosas.

Ele se virou, o lote já estava quase todo cheio, enlutados olhando para eles enquanto eles chegavam, os olhos grudados no Mustang enquanto ele encontrava um espaço.

Cal saiu, puxou o banco para a frente e olhou para as meninas.

—Vocês duas, saiam por este lado. —ele ordenou em voz baixa.

Kate saiu rapidamente. Keira jogou alguma atitude com os olhos, em seguida, saiu atrás de sua irmã.

Cal colocou o assento de volta e entrou no carro. Então ele se inclinou para Vi e colocou a mão no joelho dela.

—Querida, acorde.

Ele apertou o joelho dela enquanto seus olhos tremulavam, então ela veio com um sobressalto.

Ela se endireitou em seu assento e olhou em volta.

—Nós já chegamos? — Ela perguntou suavemente.

—Sim, baby.

Sua cabeça lentamente se virou para ele e ela piscou. Então seu queixo se inclinou e ela olhou para a mão dele em seu joelho.

Cal deu outro aperto, mas não o moveu.

—Você quer um sanduíche antes de entrarmos ou você só quer entrar?

Seus olhos confusos voltaram para ele e ela disse:

—Eu tenho que colocar meus sapatos.

Ele olhou para os pés dela em chinelos e depois de volta para ela.

—Você os tem.

Ela balançou a cabeça, desafivelou o cinto de segurança, esticou o braço no chão e subiu segurando um par de sapatos negros de salto alto e sexy.

Os olhos de Cal foram dos sapatos para o rosto dela.

—Buddy, você não usará esses sapatos.

—Sim usarei.

—Não, você não.

—Vou.

—Você não vai.

Ela se inclinou para ele e sussurrou:

—Eu não posso usar chinelos no funeral de Sam.

—Você tem pontos no seu pé. — apontou Cal.

—E?

—Vi.

—Cal.

Ele sentiu sua boca apertar quando apertou o joelho dela novamente.

Eles precisavam conversar, ele sabia disso, não agora, mais tarde, quando ela fosse Violet novamente. Quando essa merda não pesasse em sua mente. Quando ele pudesse dizer-lhe que as regras do jogo mudaram significativamente. Ele mudara de uma forma que a porra de SUV de Haines não mais ficaria estacionada na calçada dela a noite toda. De uma maneira que a bunda dela nunca estaria naquele SUV novamente. E que ela pararia de chamá-lo de Cal e usar o maldito nome dele como costumava fazer.

Mas eles teriam essas conversas depois.

Agora ele precisava levá-la ao velório de seu irmão.

— Coloque-os— ele cedeu, tirando a mão do joelho dela — vamos embora.

—Eu sairei em um segundo. — ela respondeu.

Cal acenou quando abotoou a gola da camisa.

—Eu estarei fora em um segundo.

—Vi, é só seguir em frente.

—Cal, eu disse, sairei em um segundo.

Cal suspirou e saiu do carro. Então ele bateu a porta.

Ele fez um trabalho curto de amarrar sua gravata, algo que ele odiava, preferindo ter as unhas arrancadas nas raízes. Não que isso tivesse acontecido, mas ele tinha certeza de que preferiria. No minuto em que terminou, Kate se moveu para ele

e empurrou um ombro sob o braço dele para que ele não tivesse escolha a não ser deslizar ao redor de seus ombros.

Outra coisa que Kate fazia que aprendeu com Violet.

Keira deu um passo para trás e desviou o olhar.

Sua ideia brilhante com Nádia claramente não foi tão bem com Keira, exatamente como ele pretendia.

Jesus, ele não foi um idiota, ele era um idiota e tinha algum trabalho sério para fazer.

—Ela está bem? — Kate sussurrou, olhando para a janela para olhar para sua mãe.

—Não. — Cal disse a verdade.

O braço de Kate ao redor de sua cintura flexionou e ele deu um aperto nos ombros dela.

Então ele viu, através da janela, porque Vi queria que ele saísse.

Ela estava calçando um par de meias pretas, com top de renda e coxa alta.

Ele desviou os olhos.

Ele estava dois meses e meio sem ela, sem nenhuma mulher, e parecia ter duzentos anos de merda.

Minutos depois, sua porta bateu e ela mancou ao redor do carro, indo para Keira e colocando o braço em volta dela. Cal a estudou enquanto ela fazia isso. Apenas Vi poderia ir a um funeral parecendo um gatinho sexual de classe. A jaqueta era doce, o vestido apertado, mais doce, e aqueles sapatos de

saltos eram inacreditavelmente quentes, mesmo que isso o irritasse, ela os usava.

Antes de ter a cabeça ordenada, Kate empurrou Cal para a mãe e a irmã e ela passou o braço pela cintura da mãe. Isso significava que enquanto eles caminhavam até as portas da frente com um número de pessoas assistindo ao ponto que eles estavam olhando, eles fizeram isso em uma fileira, os braços em volta um do outro.

Marque um para Cal e Kate.

Para passar pela porta, Kate tinha que deixar a mãe ir, o que ela fez.

Vi murmurou saudações enquanto passava pelo povo, seu braço era tocado, ela apertou as mãos, beijaram sua bochecha. As meninas foram tocadas, os olhos gentis caíram sobre elas enquanto se moviam. Kate não o soltou quando Vi não soltou Keira ao entrar no prédio. As pessoas foram forçadas a sair do seu caminho para que pudessem passar pela porta juntas.

Depois de entrarem, Cal não ficou surpreso ao ver que o lugar estava lotado e quase todos os rostos estavam arrasados. Sam era um homem muito querido, tinha muitos amigos e isso foi um choque para todos eles.

Aqueles amigos se aproximaram de Vi e das garotas, varrendo-as com eles enquanto Kate segurava firme. Houve lágrimas, abraços, beijos e uma série de olhares curiosos em sua direção.

—Oh, Joe!— Ele ouviu uma voz familiar chorar e ele e Kate se viraram para ver Melissa, a mulher de Sam, movendo-se rapidamente em direção a eles.

Quando ele a conheceu, ele pensou que ela era bonita, cabelo castanho claro que ela tinha riscado, olhos azuis, bom corpo, não alto, não curto.

Agora ela estava uma bagunça.

Sua mão caiu em seu braço e ela apertou.

—Estou tão feliz que você trouxe Vi e as crianças até aqui. Fiquei preocupada quando ela me disse que somente ela dirigiria.

Então, sem esperar por uma resposta, ela se virou para Kate, a puxou em seus braços e começou a chorar.

Violet olhou para ele quando ele se afastou para que Keira pudesse se forçar no abraço de Melissa e finalmente Vi entrou.

Cal olhou para o grupo que agora estava chorando, depois olhou para cima e examinou a sala.

Ele os encontrou em pé na frente do caixão fechado, os pais de Vi.

O pai, parecendo frágil e devastado e com um milhão de anos de idade, a mãe, parecendo fria e olhando para Vi, Melissa e as meninas como se estivesse assistindo algo nojento.

Cal inclinou-se, sua boca na orelha de Vi e sussurrou:

—Eu já volto.

A cabeça dela levantou, assentiu, então enfiou o rosto no amontoado novamente.

Sentindo olhos seguindo-o, Cal foi direto para os pais de Violet. Eles estavam de pé ao lado de um negro e uma mulher de aparência desconfortável, ambos com a idade de Cal.

Ele chegou até os pais dela e olhou para o homem.

—Eu preciso de uma palavra. — ele disse, notando que, como todo mundo, estava olhando para Cal, mas seu olhar era mais aguçado, astuto, Cal cheirava policial em cima dele.

Embora pensasse que fizessem questão, o homem e a mulher não se afastaram.

Que assim seja.

Cal se voltou para os pais de Vi.

—Eu sou Joe Callahan e estou com Violet.

O pai de Violet estava olhando para ele, a boca aberta, surpresa misturando-se com a dor gravada em seu rosto. Eles não tinham se encontrado, não oficialmente e pela aparência dele, Cal estar com Violet, porém, foi um choque.

Cal sentiu que não era um indesejado.

Sua mãe estava olhando para suas cicatrizes, seus olhos frios, a pele de seu rosto indicando que ela tinha levantado. Ao contrário do marido, estava claro que ela não pensava muito bem de Cal.

—Eu sou Pete Riley, esta é minha esposa, Madeline. — o pai de Vi se apresentou e sua esposa.

Cal assentiu e disse:

—Sinto muito pela sua perda.

—Obrigado. —Pete respondeu, mas Madeline novamente não falou.

Tentando dar o melhor de si, dando-lhes gentilmente, falou:

—Sei que este dia é difícil para você, também é difícil para Vi e as meninas. Não torne mais difícil para ela ou para as garotas, entrando no espaço delas, a menos que elas deixem claro que querem você lá. Sim?

O homem negro e sua mulher fizeram barulhos, o homem baixo, gutural, a mulher alta, quase soando como uma risada estrangulada, mas Cal não tirou os olhos dos pais de Vi.

—Eu... você... não acredito... — Madeline começou, seus olhos indo do frio para o furioso em um piscar de olhos.

Cal a interrompeu.

—Você virou as costas para ela, seu marido e depois para aquelas garotas a dezessete anos atrás, você deveria acreditar.

Os olhos de Madeline se voltaram para fendas e ela abriu a boca para falar, mas Pete chegou lá antes dela.

—Nós ficaremos longe. — Pete anunciou rapidamente, ainda olhando para ele.

—Peter! — Madeline assobiou e seu marido nivelou os olhos para ela.

—Nós vamos... evitar ... claro. — repetiu Pete em uma voz firme e irritada.

A cabeça de Madeline recuou em choque e Cal teve a sensação de que a mulher não costumava ouvi-lo assim.

Foi muito ruim. Pete poderia ter salvado muito desgosto se ele a trouxesse para a fila há muito tempo.

—Aprecio. — Cal murmurou, não disse outra palavra, virou-se e foi embora.

— Callahan. — ele ouviu quando estava a um metro e meio de Vi e as meninas e Cal se viraram para ver o homem negro e a mulher o seguirem.

—Eu te conheço? —Cal perguntou ao homem, seus olhos se movendo para a mulher e depois de volta.

—Não, mas conheço você. Alec Colton me contou sobre você. — disse o homem.

—Você conhece o Colt? — Perguntou Cal.

—Não também, mas falei com ele no telefone — ele estendeu a mão —eu sou Barry Pryor, parceiro de Tim.

Fodido parceiro do falecido marido.

Cal pegou a mão do homem e a sacudiu, cumprimentando-o, então Barry interrompeu, sorrindo de repente.

—Esta é minha esposa, Pam.

—Eu acho que te amo. — foi sua saudação totalmente bizarra.

Cal não respondeu, mas pegou a mão oferecida e apertou-a também.

—Tim queria dizer isso para eles, porra, desde sempre. — Pam disse a ele, em seguida, continuou. —Bem, não isso, o que ele diria, teria um monte de palavras *"F"*, mas isso funcionou. — Ela se inclinou para ele. —Se eu não achasse que todos os amigos de Sam me achariam chapada, eu teria rido muito.

—Eles não o apedrejariam, baby, Sam vomitaria nessa cena. — Barry disse à esposa e depois olhou para Cal. —Você diria o que Sam faria, ele lhe diria para cremá-lo, levar as cinzas dele para Rico ou Hoolihan's, servir uma Guinness e despejá-lo no Lago Michigan. Isso, depois que todos fodessem seus cérebros.

Pam inclinou-se para o marido e sussurrou:

—Barry, não diga foda em uma casa de Deus.

—Pam, isso não é uma casa de Deus, é uma porra de funerária.

Pam deu um olhar irado a Barry, depois revirou os olhos para Cal, e ele decidiu que gostava dos dois.

—Tio Barry! Tia Pam! — Keira gritou bem alto, contornou Cal e se jogou em cima de Barry.

Os braços de Barry contornaram a garota e ele inclinou a cabeça para que seus lábios estivessem no cabelo dela.

—Ei, pequeno donuts.

—Tia Pam. — Kate deu a volta pelo outro lado e entrou nos braços estendidos de Pam.

—Ei, caramba.— Pam sussurrou no ouvido de Kate.

Violet, mancando, mas tentando escondê-lo, moveu-se desajeitadamente para o lado de Cal e parou a vários metros de distância, em pé, favorecendo seu pé e esperando sua vez. Ela conseguiu depois que Kate e Keira trocaram de braços, em seguida, Vi se mudou para um grande abraço de Barry, e depois para um mais longo com alguns balançar para trás e para frente de Pam.

Então ela recuou, Cal inclinou-se, pegou-a com a mão em seu quadril e puxou-a para o lado dele. Sua cabeça estalou para olhá-lo enquanto seu corpo pressionava contra sua mão para fugir, mas ele a segurou firme e ele a abraçou e olhou para ela.

—Tire seu peso desse pé. — ele ordenou.

—Cal...

—Peso fora desse pé.

—Cal...

—Buddy, tire seu peso do pé antes de rasgar os pontos.

Violet olhou para ele e ouviu Barry falar.

—Que pontos?

—Não é nada. — Vi respondeu.

—Vi ficou emocionada quando ouviu sobre Sam, jogou em torno alguma merda, o vidro quebrou, ela cortou o pé.— respondeu Cal.

—Cal!— Violet estalou e ele olhou para ela, as sobrancelhas levantadas.

—Pontos? Oh Vi, isso machuca? Você precisa se sentar, baby. — Pam avisou.

—Estou bem.— mentiu Vi.

—Tire uma carga, então, pegue um copo grande de água ao seu lado, garota, use-a.— Barry colocou, balançando a cabeça para Cal.

—Realmente, como eu disse, estou bem.— repetiu Vi.

—Teimosa.— Pam balançou a cabeça para Cal.

Cal não respondeu e não tirou o braço de Violet.

—Ei pessoal.— Melissa se juntou ao grupo, colocando os braços ao redor de Keira e Kate. —Eles querem começar. Faremos a viagem idiota de Madeline para que possamos ir ao Hoolihan's.

—Mel, querida, eu te disse ontem. Não podemos ir a Hoolihan com você, as garotas não podem entrar. — disse Violet.

—Oh sim, certo.— Melissa sussurrou, parecendo surpresa por um segundo que isso não tinha afundado, então ela beijou o lado da cabeça de Kate e depois a de Keira.

—Eu quero que você venha logo, fique conosco por um fim de semana ou por um tempo, saia daqui, fique longe de...— Vi começou, mas Melissa a interrompeu.

—Logo que eu possa, Vi-oh-meu.

Melissa usando o apelido de Sam para sua irmã, Violet finalmente lhe deu seu peso, tanto que sua mão veio ao redor e ela agarrou sua camisa em seu estômago para permanecer em pé. Parte dela fazendo isso era bom, e parte era ruim porque ela não percebeu que o fazia.

—Bom. — Vi sussurrou, mas sua voz soou embargada.

Cal observou Melissa engolir e as duas garotas de Vi puxaram seus lábios.

—Isso é uma merda, não é? — Melissa sussurrou de volta para Vi.

—Eu ainda não consigo acreditar. — Vi sussurrou para Melissa.

—Acorde e alcance ele... — Melissa parou, Kate abaixou a cabeça, mas Pam a puxou em seus braços enquanto Keira se movia e abraçava Melissa frente a frente.

Barry pigarreou.

—Callahan, levaremos nossas garotas para seus lugares. — sugeriu Barry a Cal. Ele assentiu com a cabeça e levaram as mulheres para a fila da frente, do outro lado do corredor de onde Pete e Madeline estavam sentados. Os amigos de Sam claramente não eram grandes fãs de Pete e Madeline.

Kate manobrou os nomes dos assentos para que fossem Keira, Melissa, Violet, Cal, Kate, Pam e Barry, juntos.

—Eu ainda não posso acreditar que eles planejaram essa farsa ridícula. —Melissa sibilou quando estavam sentados, seus olhos cortando para Madeline, em seguida para Violet. — Deveria ter me casado com ele, Vi, teria a minha palavra sobre como seria o funeral.

—Nós passaremos por isso, então o enterro, então você pode chegar a Hoolihan, querida. — Vi retornou.

—Se eles chegarem perto de mim, eu arrancarei suas cabeças. —Melissa ameaçou e Pam se inclinou para frente e entrou em Kate.

—Não se preocupe com isso, Joe aqui os avisou. — Pam informou para Melissa.

O corpo de Violet se sacudiu e os olhos de Keira, Melissa, Violet e Kate foram todos para Cal.

—O quê?— Vi perguntou a Cal, mas Pam respondeu.

—Disse a eles para não entrarem em seu espaço, a menos que você os convidasse. Desculpe, Mel, mas eu juro, eu quase fiz xixi na minha calça rindo. Então, quando sua mãe ficou toda— ela girou a mão no ar— e disse, toda altiva, "*eu não posso acreditar*" ...— Joe disse que não sabia como ela não podia acreditar desde que ela deu as costas a você, Tim e as garotas. Estou escrevendo essa merda no meu diário. Porcaria de dia, o pior, mas sempre um pouco de luz brilha. Essa é a minha luz hoje, vendo o rosto de Madeline Riley quando Joe terminou com ela.

Pam parou de falar, mas Keira, Melissa, Violet e Kate não pararam de olhar para Cal.

—Você realmente disse isso?— Melissa perguntou.

—Sim. — respondeu Cal.

Lágrimas encheram seus olhos, ela respirou fundo pelo nariz, engoliu e, após essa luta, finalmente sussurrou:

—Em algum lugar, Sam e Tim estão sorrindo.

Kate, Cal notou, estava sorrindo também. Keira, Cal viu, agora estava olhando para seus sapatos. Vi ainda estava olhando para ele.

Então ela o surpreendeu dizendo:

—Obrigado. Não sei o que teria feito se mamãe...

Enquanto ela falava, ele levantou um braço e colocou-o nas costas da cadeira, afundou o queixo, aproximou-se do rosto dela e cortou-a.

—Cale a boca, Buddy.

—Tudo bem. — ela sussurrou.

As garotas estavam lá, suas amigas, seus pais e ele não dava a mínima. Ele chegou mais perto dela e a beijou de leve nos lábios. Quando ele se afastou, aqueles lábios se separaram e seus olhos se arregalaram.

Porque ela parecia fofa, bem como totalmente perdida, o braço dele enrolou da cadeira dela para o ombro e ele a puxou em seu corpo. Então ele fez o mesmo com Kate do outro lado.

Kate se enrolou nele e passou um braço ao redor de seu estômago, descansando a cabeça em seu ombro.

Algo havia quebrado para Kate no dia em que descobriu sobre seu tio, ficou claro. Ela perdeu dois homens em sua vida que significavam tudo para ela. Ela estava segurando tudo o que tinha para quem fosse deixado.

Vi olhou para a filha e olhou através de Cal para Pam.

—Gosto dele, menina.— Pam sussurrou então piscou para Vi, "*guardião*".

Vi se endireitou e olhou para o caixão.

Cal sorriu e sentiu os olhos de Barry sobre ele, então virou a cabeça.

Barry estava olhando para Kate, em seguida, ele olhou para Cal, então ele suspirou e deu um aceno.

Marque outro para Cal e Kate, uma grande pontuação, o parceiro do marido morto e sua esposa, enorme.

O ministro subiu ao pódio e Cal virou para a frente.



Eu olhei pela janela enquanto Chicago passava.

Cal disse que jantaríamos antes de pegar a estrada e eu não discuti. O memorial de Sam, não para Sam e sim minha mãe, e seu enterro, o mesmo que não tinha nada a ver com Sam, que queria ser cremado, mas foi enterrado por causa da porra da minha mãe, o tirou de dentro de mim. Eles eram

longos, eram verbosos e o pastor que falava em ambos não sabia nada sobre Sam, nem a mamãe providenciou para que alguém mais pudesse dizer uma maldita palavra. E eu não tinha nada além de um par de torradas no café da manhã. Eu estava com raiva, com fome e exausta, e esperava que, depois de comer, eu dormisse até em casa.

Eu não sabia o que Cal estava fazendo e não me importava, não agora. Eu me importaria amanhã ou no dia seguinte, mas eu esperava que sua loucura fosse gasta até lá, então ele estaria em outra viagem, fora em seu trabalho como Segurança para as Estrelas e eu não teria que me preocupar.

Ele entrou em uma vaga de estacionamento na rua que tinha dois sinais claros que diziam *NÃO ESTACIONE*, então desligou o carro.

Eu olhei para os sinais, em seguida, olhei para além deles e ao meu redor, vendo que estávamos no fundo da cidade. Eu não estava prestando atenção. Por que Cal nos levou tão longe na cidade, só Deus sabia.

Então olhei para as meninas que estavam ambas inclinadas para olhar pela janela lateral.

Então olhei para Cal.

—Cal, você não pode estacionar aqui. — eu disse a ele.

Ele me ignorou e ordenou:

—Mude seus sapatos, Buddy.

Aqui vamos nós novamente.

—Eu não posso usar essa roupa com chinelos em público. —informei a ele.

Ele novamente me ignorou e repetiu:

—Buddy, mude seus sapatos.

Eu considerei brevemente quanto tempo levaria para explicar a Joe Callahan por que eu não podia usar chinelos com um terno de setecentos e cinquenta dólares, sabendo que mesmo Tim não entenderia esse conceito , diabos, até Mike não entenderia isso e Mike parecia totalmente informado sobre esse tipo de coisa, considerando o quão materialista sua ex fora. Portanto Cal definitivamente não sabia e eu decidi que seria uma tarefa impossível, nós terminaríamos em uma briga verbal e eu estava cansada e com fome.

Então eu declarei:

—Eu não estou brigando por isso e não mudarei meus sapatos.

Seus olhos azuis se encontraram com os meus e segurei seu olhar.

—Foda. — ele murmurou, dando a entender quem era mais louco. Cal não desistiu e agora ele fizera duas vezes.

—Linguagem na frente das meninas. —retruquei.

—Baby, elas ouvem isso o tempo todo. — ele retornou e eu senti meus olhos se arregalarem em afronta materna.

Cal olhou para o meu rosto e depois para as garotas e perguntou:

—Vocês dirão foda porque eu digo foda?

—Não. — Kate respondeu imediatamente.

—Não, porque mamãe não gosta disso. — Keira respondeu com ar esnobe.

Cal olhou para mim e ergueu as sobrancelhas.

Calei dessa vez, abrindo a porta, levantando e puxando o assento para que Keira e Kate pudessem sair do carro em segurança do lado da calçada.

Cal bateu a porta, deu a volta no capô e caminhou até nós, esperando as meninas saírem. Quando Kate desceu e fechou a porta, olhei em volta de Cal e vi um homem de cabelos escuros, com uma camisa de gola polo azul escura e semi-reluzente, e calça cinza escuro que se aproximava de Cal.

Chegando perto, o homem gritou:

—Ei! Não pode estacionar lá.

Cal se virou, o homem parou e olhou para ele maravilhado, como se estivesse vendo um fantasma.

—Merda, foda-me! Cal? — O homem sussurrou.

—Ei, Manny. — Cal retornou.

—Cal! — O homem, aparentemente chamado Manny e aparentemente alguém que Cal conhecia, agora estava gritando.

Eu olhei enquanto ele saltava para frente e jogava seus braços ao redor de Cal, batendo nas costas dele de um jeito que parecia doloroso, então ele se afastou e olhou para ele.

—Puta merda, cara, o papai ficará louco em si mesmo, mamãe também. Eles estão ambos aqui. Santa foda!

—Manny. — disse Cal, movendo-se para mim e me puxando para o lado com um braço em volta dos meus ombros —Vi fica irritada quando você diz foda na frente de suas garotas.

Mas Manny não ouvia e eu não estava saindo do braço de Cal, principalmente porque eu estava preocupada que Manny estivesse tendo um ataque cardíaco e eu teria que entrar e tentar RCP, algo que eu nunca fiz. Seus olhos esbugalharam e ele parecia estar lutando para respirar quando olhou para mim, Kate e Keira.

Então ele sussurrou:

—Foda-se.

—Sério, cara, a língua. — advertiu Cal, com a voz baixa.

O corpo de Manny sacudiu então seu rosto se abriu em um enorme sorriso e ele pulou para frente, o braço estendido para mim.

—Ei, oi, eu sou o Manny.

—Oi.— respondi, pegando sua mão e ele agarrou a minha com força, não balançando, apenas segurando firme. —Eu sou Violet.

Ele assentiu.

—Violet, legal.— Então ele me soltou e se virou para Kate, a mão para ela. —Olá moça bonita.

—Um ... oi. — Kate respondeu timidamente, pegando a mão dele. —Hum ... eu sou Kate.

—Kate, gostei. — Manny disse a ela, soltou-a e virou-se para Keira. —E você é, querida?

—Keira. — ela pegou a mão dele também, olhando para ele, abertamente fascinada, provavelmente porque, percebi tardiamente, ele era um ítalo-americano muito bonito e bem construído.

—Keira, nome bonito. Excelente. —Manny terminou sua aprovação redonda de nossos nomes, então deixou Keira ir, se moveu rapidamente em direção à porta do restaurante e anunciou:— Vamos entrar, colocar suas bundas em uma cabine, pegarei Ma e Pop então compraremos um pouco de Chianti e uma grande torta, certo?

Sem muita escolha, nós o seguimos, a mão de Cal nas costas de Kate, guiando-a na nossa frente. Eu guiei Keira com a mão em sua cintura. O braço de Cal ainda estava em volta dos meus ombros.

Eu olhei para o letreiro inclinado, de neon verde sobre a porta, que dizia “**Vinnie's Pizzeria”.**

Vendo isso, me surpreendeu quando ouvi falar desse lugar. Tim e eu sempre quisemos encontrá-lo e comer lá. Havia rumores de que era uma joia escondida, um dos melhores restaurantes desconhecidos de Chicago, especialmente para pizza ou massa que, se isso fosse verdade, dizia alguma coisa, em Chicago. Mas não foi fácil de encontrar, sabíamos que era em Little Italy, mas Tim tinha olhado e eles nem sequer tinham

uma lista telefônica. Ele sempre quis usar seus recursos de policial para encontrar o endereço, mas nunca chegou a fazê-lo e, no final das contas, o tempo acabou.

Manny entrou primeiro, segurando a porta e todos nós nos empilhamos. Havia bancos, em ambos os lados da porta, cheios de pessoas, mais pessoas em pé, obviamente, esperando por uma mesa e havia um bar, totalmente lotado, novamente com pessoas à espera de uma mesa. Eles podem não ter um telefone, evidenciado pelo fato de que essas pessoas obviamente não tinham uma reserva, mas estavam longe de serem impopulares.

Assim que chegamos, Manny nos empurrou e empurrou as pessoas para o posto de recepcionista.

—Ei, Bella, a cabine ao lado que está aberta, Cal e suas garotas sentarão lá. — Manny ordenou para uma jovem que não tinha mais de dezoito anos e no momento em que ele emitiu seu pedido, seu rosto foi direto para a atitude e não do tipo bom.

—Cara, você é louco? Eu tenho... —sua cabeça inclinou para baixo e ela, e eu, olhamos para a folha de papel que tinha rabiscos nela, alguns no topo com uma marca vermelha através deles, uma carga inteira na parte de baixo que era apenas uma lista muito longa, sua cabeça se ergueu e ela terminou —cerca de um trilhão de pessoas esperando.

—Esta é a família. — explicou Manny.

—A família de todos. — Bella atirou de volta.

Manny ficou sério, olhando para ele e ouvindo-o e, se o braço de Cal ainda não estivesse pesado em meus ombros, eu teria recuado.

—Mulher, feche a atitude, este é meu primo Cal. Coloque ele e as garotas em uma merda de cabine.

Primo dele?

Oh merda, essa era a *pizzaria* de Vinnie, do primo morto Vinnie, assassinado, como meu irmão e marido, por Daniel Hart.

Senti meu corpo endurecer, mas a boca de Bella se abriu, ela desligou a atitude e estava olhando para Cal.

—Você é Cal? — Ela respirou.

—Sim. —ele respondeu.

—O Cal. — ela repetiu.

—Sim. — repetiu Cal.

—Puta merda.— ela sussurrou.

—Linguagem, Bells, Jesus, tem crianças aqui. — Manny repreendeu e Kate e Keira riram.

Na verdade, gargalharam. No dia do funeral do tio.

Se eu não estivesse apavorada, exausta, com fome, lidando com a loucura de Cal, uma visita inesperada à sua família e não fosse o dia do funeral do meu irmão, eu o teria beijado.

Cal ouviu os risos, eu sabia disso porque o braço dele flexionava nos meus ombros, uma ação reflexiva, mas que falava.

Então, novamente, eu pensei que muito da merda que Cal fez, falou comigo eu estava realmente errada.

—O que, nós estamos esperando uma conferência? Por que todos estão de pé... — uma voz de mulher irritada veio em nós, Manny saiu do caminho, a voz parou e vi uma mulher ítalo-americana muito redonda, mas também muito atraente, de pé, ainda como uma estátua, olhando para Cal.

Então ela começou a rezar, fazendo aquilo com os dedos na testa e nos ombros.

—Santa Maria, Mãe de Jesus, Santa Maria, Mãe de Jesus.

Então ela correu para frente, levantou as mãos e agarrou Cal em ambos os lados da cabeça, puxando-a para o rosto.

O braço de Cal caiu dos meus ombros e ele murmurou:

—Ei, tia Theresa.— Ela o puxou para mais perto e deu-lhe um beijo alto em uma bochecha e depois na outra, balançando a cabeça enquanto ela fazia isso eu encarava em choque, que alguém mexeria com Cal por aqui.

Então ela empurrou a cabeça dele como se ela estivesse chateada, ela levantou um dedo na cara dele e gritou:

—Você nunca nos visita! O quê? Nós fedemos? A cama era muito ruim da última vez que você ficou? Já faz dois anos!

—Tia Theresa.

Ela balançou o dedo na cara dele.

—Não, nenhum dos negócios de “tia Theresa”. Chicago não está na lua, Anthony Joseph Callahan, está a quatro horas de distância!

O braço de Cal voltou ao redor dos meus ombros, ele me puxou para o lado dele e disse:

—Cale a boca para que você possa conhecer Vi.

Ela virou estátua novamente, então apenas seus olhos vieram para mim.

Eu acho que ela não gostou que Cal dissesse a ela para calar a boca, ela parecia aborrecida, então eu decidi não me afastar dele ou fazer qualquer movimento rápido. Ela já estava olhando para mim com os olhos, eu não queria muito de sua atenção.

— E Ma, essas são as garotas de Vi: Katy e Keira. — Manny acrescentou, empurrando Kate e Keira para perto de Cal e eu, muito perto dos olhos loucos de tia Theresa, e vi Tia Theresa se movendo entre todos nós, rápido.

Eu envolvi meu braço ao redor da barriga de Keira e a puxei para o lado esquerdo da minha frente, não uma distância boa o suficiente da congelada, mas imprevisível tia Theresa, que pelo menos ela não estava mais na frente dela. Cal passou um braço em volta de Kate e puxou-a para a frente da direita.

Quando fez isso com Kate, tia Theresa começou a se mover novamente, levando aquela mão na testa e nos ombros, chamando em voz alta:

—Oh, Santa Maria, Mãe de Deus, Doce Maria, Mãe de Deus!

—Jesus, mãe, você está assustando-as. — Manny murmurou, ela parou de chamar Maria, virou-se e bateu-lhe uma mão aberta no lado de sua cabeça.

Bom Deus, a mulher era todo estereótipo ítalo-americano dos livros.

—O que diabos está acontecendo? — Gritou uma voz alta e estrondosa do homem por trás de tia Theresa. Ela girou e lá estava um homem, um homem bonito, mais velho, um pouco de barriga, definitivamente relacionado com Manny, assim como Cal.

—Vinnie! — Gritou tia Theresa. —Cal está aqui, com Vi e suas filhas Katy e Keira.

Mas o rosto de Vinnie, como o de seu filho, havia se dividido em um enorme sorriso. Ele nos levou para dentro, dando-nos aquele sorriso e caminhou pela tia Theresa na direção de Cal, de braços abertos.

Cal soltou eu e Kate, e sofreu outro abraço forte enquanto Vinnie murmurava um monte de coisas em italiano. Vinnie terminou o abraço com as mãos apertadas no pescoço de Cal.

—Cal. — ele sussurrou.

—Tio Vinnie. — respondeu Cal.

—Bom te ver, foda-se, filho, bom te ver.

Eu olhei para ele vendo que ele quis dizer isso, e que veio de algum lugar profundo. Na verdade, ele estava quase

sobrecarregado de emoção. Se Tio Vinnie começasse a chorar, eu não ficaria surpresa. Ele sentia falta de Cal, e obviamente era bom vê-lo.

Vinnie deixou Cal ir e seus olhos se moveram através de todos nós.

—Quem temos aqui? Convidados de honra? Por que eles não estão em uma cabine?

—A mesa cinco está ficando vazia, Vinnie.— Bella falou.

—Bem, ajude-os a transportá-los, menina, família não fica parada na maldita estação de recepcionista. — respondeu Vinnie.

—Certo. — Bella murmurou, em seguida, decolou, pois estava claro que a palavra de Vinnie era lei, como seria na Vinnie's Pizzeria, e Vinnie se virou para mim.

—Vi?— Ele perguntou, chamando.

—Sim, Vi, Violet. —respondi, pegando sua mão.

—Vi. — ele disse com firmeza, seu aperto da minha mão firme, seu sorriso feliz ainda no lugar.

—Estas são minhas filhas, Kate. — estendi a mão e toquei o braço de Kate. —E Keira. — indiquei Keira com a cabeça, ela ainda estava na curva do meu outro braço.

Vinnie apertou a mão de Kate e depois a de Keira, e olhou para Cal.

—Todas as belezas, Cal, você tem um olho.

Eu olhei para Cal para ver que a resposta dele foi levantar o queixo.

—Vamos te sentar, logo podemos... — disse Vinnie, seus olhos varreram através de nós novamente, parando em Cal, dando-lhe uma ponta dos pés e, em seguida, trancando os olhos com ele. —O que há com os arranjos?

—Funeral — Cal murmurou —irmão de Vi, Sam.

O rosto de Vinnie congelou, tia Theresa respirou fundo e senti os olhos de Manny em nós.

—Cara. — Vinnie sussurrou.

Eu engoli, Keira pressionou meu corpo, Kate se empurrou debaixo do braço de Cal, então ele deslizou ao redor de seus ombros.

—Vi não tem nada no estômago desde o café da manhã, tio Vinnie, ela precisa de um pouco de comida.— Cal terminou o silêncio, mas fez isso em voz baixa.

O corpo de Vinnie estremeceu e ele bateu palmas.

—Certo, mesa cinco. Comida. Uma pizza grande. Especialidade da casa. E estou fazendo isso sozinho.

Ele se virou e nós o seguimos pelo restaurante movimentado, cada mesa e cabine com pessoas. As mesas estavam cobertas com toalhas xadrez vermelhas e brancas e os pisos eram de madeira, escuros com a idade e uso, mas ainda brilhando. Nas mesas havia garrafas de vinho cobertas de vime, com velas no topo e cera escorrendo. A comida nas

mesas por onde passei parecia fantástica e vendo isso percebi que não estava com fome, eu estava *morrendo de fome*.

Então meus olhos se encontraram nas paredes. Elas eram pintadas de amarelo quente e amanteigado e cobertos de quadros, alguns pequenos, alguns grandes, alguns de tamanho médio, parecendo arremessados aleatoriamente, mas eu sabia que era aleatório como se meus vasos de terracota no meu convés fossem aleatórios. Eles foram intrincados com cuidado.

Todos eram preto e branco. E, em uma inspeção mais próxima, todos eles tinham o mesmo grupo de pessoas neles. Algumas fotos de apenas uma pessoa, outras uma ou duas, outras multidões inteiras. A maioria era sincera, muito poucas eram com poses.

Mas eles eram todos da família, eu sabia disso apenas olhando-os.

Elas foram tiradas ao longo dos anos. Havia bebês, crianças, jovens, adultos, uma família crescendo, sua história cobrindo as paredes da Vinnie's Pizzeria.

Eu podia ver nelas, Theresa, Vinnie e Manny.

E eu pude ver Cal, de garotinho a homem adulto.

Vinnie nos levou para a única cabine vazia no local e ordenou:

—Sentem-se, nós pegaremos bebidas para vocês.

Ele ordenou e Vinnie era o tipo de homem que você ouvia, mas as fotos me capturaram, especialmente de Cal, e não me

mexi. Eu olhava para a foto em preto e branco, oito x dez, que estava pendurada na parede sobre a cabine.

Eles estavam no restaurante, de pé ao lado do posto de recepcionista. Dois meninos, talvez treze, catorze, em torno da idade de Keira, cabelos escuros, altos, já mostrando a promessa da beleza que seria deles em breve. Eles estavam de pé lado a lado. Um deles, seus olhos mais claros na foto em preto e branco, estava olhando diretamente para a câmera, sorrindo enorme, mas perverso. Ele tinha o braço pendurado nos ombros do outro garoto, que estava parcialmente inclinado para a frente e virado, o rosto de perfil e a câmera o pegou rindo.

Cal, aquele sorrindo diretamente e um dos filhos de Vinnie. Talvez o primo assassinado, Vinnie Junior.

Se este era o primo Vinnie, era verdade o que Cal me disse, eles foram definitivamente próximos. Eu sabia disso pelo sorriso, o riso, a maneira casual, próxima e afetuosa que Cal tinha com o jovem em seu poder.

O pensamento de Cal quando criança era surpreendente, vendo ainda mais, mas o que estava me assustando era ver seu rosto perfeito, de menino bonito sem as cicatrizes, despreocupado e absolutamente feliz.

Eu nunca o tinha visto assim, nunca, nada chegou perto.

—É você, Joe? — Kate perguntou e eu rasguei os olhos da foto para ver minhas duas filhas olhando para ela.

—Sim, menina. — respondeu Cal.

A cabeça de Kate se virou para poder sorrir para ele.

—Uau, você era fofo.

—Fofo! — Theresa chorou. —Todas as garotas de olhos arregalados em um raio de 1,6 km estavam de olho nos meus garotos.— Theresa olhou para mim e apontou a cabeça para a foto. —Esse é meu filho mais velho, Vinnie Junior, com Cal.

Sim, como eu pensava, primo Vinnie.

—Eu adivinhei isso. — eu disse suavemente e no meu tom, ela se encolheu. Não foi um grande vacilo, mas eu vi, e sabia o que significava e me perguntava se a dor nunca iria embora. Considerando as minhas perdas de Tim e Sam, doía ver o recuo de Theresa e saber, mesmo depois de sete anos, que não.

Ela segurou meu olhar, o dela ficando leve quando girou para Cal e depois para mim, então percebi que ela sabia que Cal me contara sobre Vinnie. Eu também sabia que ela lia muito mais sobre isso do que a verdade, porque o rosto dela perdeu aquela pitada de tristeza e se espalhou em um sorriso glamoroso.

—Sentem-se, sentem-se. — insistiu o tio Vinnie, e as garotas entraram, ambas de um lado enquanto eu deslizava para o outro, Cal chegando ao meu lado.

Vinnie se virou e gritou do outro lado do restaurante:

—Bella! Precisamos de palitos de pão aqui e antepasto, no duplo, sim?

—Entendi, Vinnie!— Bella gritou de volta.

—Vou pegar as bebidas. — Theresa murmurou e se afastou sem perguntar o que queríamos.

—Vamos ficar com a barriga cheia, Vi. Você e suas meninas, apenas relaxem.— Vinnie prometeu, seus olhos em mim. Eu balancei a cabeça, ele acenou de volta e então seguiu sua esposa.

Eu ficaria feliz em comer, mais do que feliz, especialmente se a comida tivesse um gosto tão bom quanto parecia.

Mas naquele momento, eu estava em êxtase por estar fora do meu pé, isso estava me matando.

Manny empurrou para o sofá ao lado de Kate e elas o encararam de olhos arregalados.

—Então, quanto tempo você fica? — Manny perguntou a Cal.

—Partindo depois do jantar.— respondeu Cal e as sobrancelhas de Manny subiram.

—Merda, Cal, hum... desculpe, Vi, meninas .— ele balançou a cabeça para mim, em seguida, para as meninas, então ele olhou para trás —Me mate, Cal, mamãe terá uma merda, eu quero dizer uma hemorragia se você fizer um sobrevoo para o jantar e não ficar.

—Tenho que levá-las para casa, cara. — Cal disse a ele.

—Poderia passar a noite, sair cedo amanhã, deixar a mãe, pelo menos, fazer o café da manhã.— insistiu Manny.

—Não acontecerá. — Cal disse a ele.

—Ela não gostará nada. — respondeu Manny.

—Há pouco Vi perdeu o irmão dela, Kate e Keira o tio. Ela entenderá que elas queiram dormir em suas próprias camas esta noite. —Cal retornou calmamente e quando ele fez, o que ele disse, como disse, o fato de que soubesse disso, me tocou como aconteceu quando a sua boca tocou a minha antes do culto, depois que eu descobri o que ele avisara a mamãe e papai. Aquela sensação no meu estômago, ficando quente, macia.

—Bem, eu não estou dizendo a ela. — Manny murmurou e Keira riu tanto que Manny lançou-lhe um sorriso super branco, a risada de Keira morreu em sua garganta e seus olhos ficaram deslumbrados.

Eu parei de ver os olhos da minha filha ficarem deslumbrados quando senti os dedos de Cal juntarem minha saia em um punho e puxar para cima. Minhas costas ficaram retas, minha mente ficou em branco e minha mão desceu para enrolar em torno de seu pulso.

Manny voltou-se para Cal e notou:

—Doce passeio, Cal. O Mustang. Você se livrou do '68?

—O passeio é de Vi. Eu ainda tenho o '68 '. — Cal respondeu casualmente como se ele não estivesse puxando minha saia debaixo da mesa e minha mão apertada em seu pulso para lutar contra ele neste esforço insano.

—Tem bom gosto, querida. — Manny sorriu para mim.

—Obrigado. — respondi, mas minha palavra estava apertada.

Cal levantou minha saia e ele se inclinou um pouco para mim enquanto sua mão enrolava em torno do interior da minha coxa e ele puxou minha perna para cima.

Eu não podia fazer muito, mas agarrei o pulso dele desde que ele era mais forte que eu. Não podia exatamente gritar ou lutar com ele na mesa, ambos os quais eu queria fazer.

Por sorte, Kate chamou a atenção de Manny perguntando:

—O que é um 68?

—Mustang de Cal, 1968 Mustang GT. O carro Bullitt. Incrível. — Manny respondeu e, quando ele fez, Cal levantou minha perna e senti o lado do seu sapato contra o meu tornozelo. Então eu senti isso deslizar para baixo, pegando meu sapato com ele.

Meu sapato caiu no chão e quando a pressão foi liberada no meu pé machucado, a dor constante e incômoda que eu sentia desde que coloquei a maldita coisa diminuiu e meus olhos rolaram.

Céu.

—O que é Bullitt? — Keira perguntou a Manny enquanto eu experimentava o paraíso.

—O carro de Steve McQueen no filme, Bullitt. O carro mais doce já construído. —Manny respondeu.

Enquanto essa conversa continuava, Cal levantou minha perna ainda mais e colocou-a sobre o joelho, puxando-a pela coxa para que minha saia ficasse alta, minha panturrilha e pé

estavam pendurados entre suas pernas e então ele se inclinou para mim.

Sussurrando, ele ordenou:

—Você deixa que Manny consiga seus chinelos ou eu te carrego para fora. Sua escolha, Buddy.

Eu puxei minha cabeça para trás e olhei para ele, ao mesmo tempo em que tentei empurrar minha perna para longe, mas a mão dele ainda estava na minha coxa e ela apertou, então eu não cheguei a lugar nenhum.

Quando não respondi, Cal perguntou:

—Como será?

Eu mantive a pressão na mão dele, mas ele não soltou.

—Vi?— Ele perguntou.

—Chinelos. — respondi.

Cal sorriu e murmurou:

—Boa escolha. Então ele virou a cabeça para Manny, inclinando-se para trás e colocando a mão no bolso. —Cara, me faça um favor. Há um par de chinelos no chão do Mustang de Vi, você pode trazê-los?

Manny olhou para Cal e depois para mim e disse hesitante:

— Claro.

—Mamãe cortou o pé. Ela tem pontos, mas ainda está usando seus sapatos que a fazem mancar mais do que ela

normalmente manca. Joe não gosta disso. —explicou Kate, prestativa.

—As mulheres são estranhas assim. — Keira entrou na conversa, defendendo minha posição, embora Manny, sendo homem, nunca entenderia, mas ela era muito jovem para saber disso. Porém, imaginei que em cerca de cinco, dez anos, aprenderia.—Temos que usar os sapatos certos. — ela terminou.

Manny parou de parecer confuso e sorriu.

—Então, claro. Nós não queremos que Joe fique chateado, não é? —Cal jogou minhas chaves para ele, Manny os pegou e deslizou para fora da cabine, dizendo:— Volto já.

Eu novamente tentei puxar minha perna para longe. A resposta de Cal foi deslizar seus dedos em minha meia e empurrá-la para baixo, então eu congelei.

—Você me mostraria seu carro Bullitt? — Kate perguntou a Cal enquanto ele se inclinava para frente e empurrava a meia mais para baixo na minha perna enquanto a levantava para chegar à minha panturrilha e tornozelo, e rangi os dentes.

—Levo você para um passeio, garota. — respondeu Cal e eu parei de ranger os dentes porque minha boca caiu aberta.

—Sério? — Kate respirou.

—Sim.

—Posso dirigir?— Kate perguntou.

Cal sorriu, o que tirou o ferrão dele.

—Não.

—Eu gosto do Mustang da mamãe. — informou Keira a Cal.

—Eu também. — Cal respondeu, e Keira olhou para ele, então para mim como se Cal fosse um ser um lunático por ser doce, prestativo, compartilhando e agradável, fosse minha culpa, mas Cal recostou-se e isso foi principalmente porque ele tinha o meu pé livre da meia.

Ele deixou cair no meu colo, colocou minha perna em sua coxa e eu dei a ele um olhar, que deveria ter pelo menos deixado seu cabelo em chamas, mas não fiz, e então eu peguei a meia e enfiei na minha bolsa.

—Bebidas!— gritou tia Theresa enquanto chegava à mesa com uma bandeja de bebidas. —Para as meninas .— anunciou ela , fixando dois Shirley Temples[23] na frente de Kate e Keira, duas garotas que estavam além de Shirley Temples, mas, novamente, eu tomava isso porque as partes inferiores estavam cheias de cerejas maraschino, pelo menos umas seis delas, e elas eram mais vermelhas que rosas, então eu sabia que estavam cheias de calda. —Cerveja para Cal. — ela continuou, colocando uma garrafa de cerveja na frente dele. —E Chianti, para *cara mia.* — ela terminou, colocando um copo enorme de vinho tinto na minha frente, em seguida, colocando a garrafa ao lado dela.

—Obrigado, hum ... Theresa. —agradeci.

[23]Shirley Temple é um coquetel não alcoólico, tradicionalmente feito com ginger ale e um toque de groselha, e decorado com uma cereja marrasquino. Receitas modernas de Shirley Temple podem conter refrigerante sabor limão, ou limonada, e, às vezes, suco de laranja, como substituto à groselha, em parte ou no todo.

—Tia Theresa. — ela corrigiu em um sorriso. — Breadsticks[24] estão saindo do forno, prato de antepasto, Bella está pegando. Tenho que checar meus clientes, mas voltarei. — Então ela saiu apressada e todos nós a assistimos, até as meninas se viraram em seus lugares.

Então as garotas se viraram pra nós.

—Sua família é legal. — Kate disse a Cal.

—Sim menina, eles são. — disse Cal a Kate e ele quis dizer isso, apenas pelo jeito que disse, profundo, pesado.

Kate sabia disso também porque seus olhar ficou suave quando olhou para Cal, então seus olhos suaves vieram para mim.

Eu não precisava saber disso sobre Cal. Nem precisava conhecer a família dele, ver como ele era com eles, como eles eram com ele, como era bom, até mesmo lindo. Além disso, principalmente minhas filhas não precisavam ver.

Mas eu não tive escolha, Cal não me deu uma e isso me irritou.

Eu tentei puxar minha perna de novo, mas ele apenas manteve a pressão quando Bella veio, deixando cair uma cesta longa, com vários breadsticks sobre a mesa, uma pequena tigela de molho marinara ao lado e um prato enorme de antepasto cheio de salame, pancetta, azeitonas, alcachofras, cogumelos e fatias de queijo.

[24]São pequenos bastões torrados e secos de pão, com o tamanho aproximado de um pincel, e espessura de dedos. É uma receita típica de Turim e da culinária italiana em geral.

Eu decidi ignorar Cal e me concentrar em breadsticks. Eu peguei um e achei que estava quente. Então mergulhei no molho marinara e dei uma grande mordida. Era revestido com alho amanteigado, a luz do pão, mas pastosa, a marinara picante, ardida, a coisa toda absolutamente deliciosa.

Foi com esforço, mas consegui não revirar os olhos de prazer.

—Eles são ótimos!— Kate disse através de uma boca cheia, em seguida, empurrou seu breadsticks de volta no marinara, mergulhando duas vezes como Cal, Tim ou Sam e isso foi permitido. Então ela deu outra grande mordida.

—Eles são. — declarou Keira, com a boca cheia também, mas, mesmo assim, eu poderia dizer que ela não queria admitir isso na frente de Cal, mas não pôde se conter, isso era o quão bom eles eram.

Durante a minha última mordida, a mão de Cal levantou minha perna e ele se inclinou para mim, enganchando-a sobre a minha outra perna para que eles fossem cruzados. Eu olhei para ele para ver que ele estava olhando para algo do outro lado do restaurante, um pequeno sorriso brincando em sua boca e meus olhos seguiram os dele.

Foi quando vi um homem alto, não tão alto quanto Cal, mas mais alto que Manny e Vinnie. Ele estava vestindo uma camiseta branca apertada, jeans e tinha um longo avental branco em volta da cintura. A camisa milagrosamente não tinha manchas de molho de tomate sobre ele. O avental estava coberto de manchas.

E ele era uma estrela de cinema, lindo. Belo corpo, evidenciado por sua camiseta e até o avental em seus estreitos quadris, cabeça grossa de cabelo preto e indisciplinado, olhos castanhos escuros com grossos cílios, sorriso branco glamoroso, como o de sua mãe.

Ele estava olhando para Cal e, quando Cal saiu da cabine, sua mão subiu e seu sorriso ficou mais largo, brilhante, de tirar o fôlego.

—Cal, *cugino*[25]. — ele murmurou enquanto sua mão tomava a de Cal em um aperto feroz que até eu podia ver.

A mão de Cal agarrou-o ferozmente também e murmurou de volta:

—Benny.

Eles se apoiaram um no outro e deram um forte golpe nas costas antes de se afastarem, mas não soltaram as mãos.

Eu afastei meus olhos para longe dos dois, ambos incrivelmente atraentes de uma forma que você nem sempre via, ou nunca via. Talvez um, se você tivesse sorte, mas definitivamente não duplamente como esses dois. Isso era um milagre, como se provasse que havia um Deus.

Então eu vi Kate e Keira olhando para eles, Manny uma memória, Benny, elas nunca esqueceriam em toda a sua vida.

Então meus olhos se moveram e vi a maioria das mulheres no restaurante também olhando, algumas

[25] Primo em italiano.

abertamente, algumas até com a boca aberta, todas de alguma forma impressionadas.

Meus olhos voltaram para os homens quando se separaram, Cal voltou para mim, Benny, como Manny, entrou sem a menor cerimônia ao lado de Kate e Keira.

Kate emitiu um som que era meio que um grito estrangulado, meio gemido. Keira apenas ficou olhando.

Olhei de volta para o restaurante e vi que a maioria das mulheres não pararam de olhar e era uma maravilha, com o magnetismo sexual bruto sendo descarregado em nossa mesa, como elas não voaram direto para nós, para Benny e Cal, como pedaços de aço para um imã poderoso.

—Ouvi que você é Vi. — ouvi Benny dizer e meus olhos foram para ele.

—Sim. — Eu estendi meu braço sobre a mesa quando ele esticou o seu para mim.

—Benny. — disse ele depois que pegou minha mão em um aperto caloroso, não muito firme, mas amigável. Então soltou minha mão e olhou para Kate e Keira.

Kate visivelmente se calou. Keira engoliu em seco.

—Meninas de Vi, Ben, Kate e Keira.— Cal disse a ele.

—Ouvi falar delas também. — disse Benny, apontando o sorriso e a mão para ambas. Kate engoliu em seco quando pegou a mão dele. Quando Keira fez, seus olhos reviraram.

Eu olhei para Cal e ele estava sorrindo para elas.

—Deveria ter avisado a vocês, Benny é um assassino de damas. — disse Cal às garotas e os dois olhos se agitaram para ele.

—Eu não achava que alguém poderia ser mais quente do que você, Joe.— Keira sussurrou, esquecendo que ela odiava Cal por um segundo, esquecendo tudo na presença de Benny.

—Ben, você está me matando. — Cal murmurou, mas havia um timbre de riso reprimido em sua voz — Perdi a minha posição.

—Engula, mas você está acostumado com isso. — Benny retribuiu com um sorriso.

Cal sacudiu a cabeça e Benny olhou para mim.

—Papai tem sua pizza no forno. — ele me informou então seus olhos foram para Cal. —Droga, a cozinha está enlouquecida. Ele tem meus meninos em um estado de confusão. Ele se aposentou da cozinha há um ano e eu assumi, demorou muito. Agora ele assumiu quinze minutos atrás e o lugar é um pandemônio, os garotos estão fazendo besteira, queimando merda.

—Chute sua bunda. — Cal aconselhou.

—Tente chutar o traseiro de Vinnie quando ele tem um avental na cintura.— Benny respondeu e então olhou para Keira e Kate e, por alguma razão, perguntou: —Sua mãe faz algo bom, algo melhor do que qualquer outra pessoa que você conheça?

—Seu jardim. — Keira entrou instantaneamente.

—Seu risoto de frutos do mar. — Kate disse a ele quando a última palavra de Keira foi proferida.

—Suas costeletas de porco e arroz temperado. — disse Keira.

—Seu chocolate com pedaços de biscoitos e glacê de baunilha. — acrescentou Kate.

—Quando éramos crianças, ela contava as melhores histórias para dormir. — continuou Keira. —Todas as minhas amigas queriam ficar na minha casa por causa das histórias de dormir da mamãe. Ela era famosa por isso.

Os olhos de Benny se deslizaram para mim e senti Cal em mim também. Eu também senti meu rosto ficar quente.

Houve um silêncio, então Benny murmurou:

—Tudo isso soa bem.

—O melhor. — Keira concordou e eu assisti como Benny forçou, com esforço visível, seus olhos de volta para as meninas.

—Torna meu ponto mais claro. Vou te dizer, se ela tentar te ensinar essas coisas, você deveria correr para o outro lado. —Ele olhou de volta para mim. —Mas, pensando, essa merda, você deve deixá-la. — Benny disse a elas, seus olhos ainda em mim e eu senti meu rosto ficar mais quente.

—Eu estou supondo que o tio Vinnie compartilhou o segredo de suas pizzas.— Cal me salvou comentando e os olhos castanhos escuros de Benny me soltaram de seu abraço magnético e ele olhou para seu primo.

—Sim. Ele me ensinou, disse que queria se aposentar da cozinha. Agora ele ordenou um novo letreiro, que será instalado na próxima semana. Vinnie e Benny Pizzaria. Aparafusado agora, *cugino*, meu nome estará no prédio, foda, estou totalmente preso.

Eu não poderia dizer se isso era uma reclamação ou uma honra e Benny não me deixou saber qual deles era.

—Mamãe não gosta quando ouvimos a palavra "F". — Keira interrompeu antes que eu ou Cal pudéssemos comentar, então eu assisti seu rosto ficar rosa e ela olhou para a mesa.

—Boa mãe geralmente não. — Benny disse, em seguida, inclinou-se e observou: —Mas aposto que você ouve isso o tempo todo na escola.

Keira olhou para ele e assentiu.

—Aposto que você diz isso também. — Benny brincou, Keira mordeu o lábio, evitou meus olhos, na verdade, ela evitou os olhos de todos e parecia tão divertidamente culpada que Benny começou a rir.

Então Cal.

E eu também.

No dia do funeral do meu irmão.

Então, novamente, se Sam desse uma olhada no rosto de Keira, ele também riria.

—Como vocês se conheceram? — perguntou Benny, recostando-se, pronto para ficar por algum tempo, embora sua cozinha estivesse um pandemônio. Ele esticou um braço ao

longo da parte de trás do estande que esticou sua camisa em seu peito e seus bíceps sarados, seu braço cobrindo ambas as meninas e os olhos de ambas as meninas dispararam para mim, seus rostos definidos para idênticos olhares de alegria.

—Violet é minha vizinha. —Cal respondeu e Benny jogou a cabeça para trás e começou a rir novamente.

Quando ele terminou, ele balançou a cabeça, os olhos em Cal.

—Jesus. Só você poderia ter a linda mãe de duas lindas garotas morando na porta ao lado. Merda. —Benny olhou para mim de novo e disse:— Você tem uma irmã, Vi, ela está procurando por um lugar, a casa próxima a mim está à venda.

Eu sorri para ele, sentindo o elogio dele se acalmar, mas o informei:

—Eu não tenho uma irmã. Apenas um irmão.

O humor desapareceu de seu rosto quando o sorriso desapareceu do meu e, como seu pai, seus olhos ficaram tristes, sua expressão ficou suave e ele murmurou:

—*Cara.*

Eu mordi meu lábio. Ele também tinha ouvido sobre isso.

Então eu assisti em fascinação quando sua cabeça virou e ele olhou para as minhas meninas. Então sua mão se curvou e ele deslizou a parte de trás de seus dedos ao longo do rosto de Keira, agora lembrada pelo sofrimento. Então seu braço se curvou ao redor de Kate e ele puxou-a para o lado para um

aperto afetuoso antes que seu braço voltasse para se acomodar na cabine.

Sim, a família de Cal era legal.

Na verdade, eles poderiam ser os mais legais.

Minha mente foi tirada disso quando comecei a descruzar minhas pernas e, quando o fiz, a mão de Cal voltou. Ele enrolou em volta da minha coxa e puxou minha perna para cima e sobre a dele, onde ele deixou cair em sua coxa.

Vulnerável, cansada e com um palito não cortando minha fome, me esqueci, minha cabeça virou para ele e eu perguntei:

—Por que você continua fazendo isso?

Sua cabeça se virou para mim e seus olhos se nivelaram nos meus.

—Você não está colocando o pé no chão.

—Por que não?

—Buddy, não posso acreditar que tenho que te lembrar, mas seu pé está machucado.

—Você não precisa me lembrar.

—Então você não precisa perguntar por que não deveria estar no chão.

—Sim, eu preciso. — eu ainda estava estalando.

Sua cabeça mergulhou de modo que seu rosto estava perto do meu.

—A tia Theresa mantém um lugar limpo, ainda assim, não terá nenhuma chance e eu não quero seu pé machucado no que poderia ser um chão sujo.

Isso foi atencioso e agradável que me irritou o suficiente para perdê-lo e esquecer o meu voto de lembrar, para sempre e sempre, que Joe fora embora. Na verdade, Joe nunca existiu, ele era uma invenção da minha imaginação e foi Cal quem permaneceu.

Eu nunca deveria esquecer.

Mas eu fiz e, portanto, assobiei:

—Tem uma bandagem, Joe.

No minuto em que pronunciei seu nome, seu rosto mudou. Eu assisti atordoada, enfeitiçada, como seus olhos e seu rosto ficaram leves. Ele nunca olhou para mim assim, nunca, e meu estômago amoleceu de novo, meu coração começou a bater mais forte e não pude deixar de me inclinar mais perto, atraída pelo poder e beleza daquele olhar voltado para mim.

Sua mão subiu, segurou meu queixo e eu estava tão excitada que não empurrei minha cabeça para longe.

E eu ainda não fiz quando sua boca tocou a minha. Ele tinha feito isso antes, definitivamente, mas nunca assim, nunca com essa ternura.

Senti meu peito subindo e descendo porque achava difícil respirar quando a cabeça dele se curvava, a boca chegando ao

meu ouvido do lado oposto, então Kate, Keira e Benny não podiam vê-lo ou ouvi-lo.

—Seu pé fica fora do chão até Manny voltar com seus chinelos. Sim?—Ele sussurrou no meu ouvido.

—Ok. — eu respondi instantaneamente, sussurrando também.

Sua mão ainda no meu queixo ficou ali e ele continuou sussurrando.

—Há um tempo atrás, depois que eu instalei o sistema, quando você estava sendo uma cadela, nós estávamos em sua sala de estar, você se lembra do que eu disse?

Eu lembrei, lembrei como se fosse ontem. Ele disse que ia me espancar e brincar comigo até eu implorar e me contorcer.

A lembrança me fez contorcer na cabine, mas eu assenti.

Sua mão no meu queixo ficou tensa, então ele ameaçou:

—Você me chama de qualquer coisa, além de Joe de novo, querida, é o que você conseguirá.

Engoli.

—Sim? — Ele perguntou.

—Ok.— eu sussurrei.

—Bom.

Ele inclinou a cabeça ainda mais, beijou meu pescoço e, em seguida, sua mão caiu do meu queixo e ele se recostou de novo.

Benny, Kate e Keira estavam todos olhando para nós. Benny sorria, enormemente. Kate também estava. Keira parecia levemente irritada, mas mais confusa e eu não a culpava, pois estava me sentindo exatamente da mesma maneira.

—Bem, Joe. — Benny começou, ainda sorrindo. —Vejo que você tem as mãos cheias.

—Sim. — Joe respondeu, apertando minha coxa e soando como se não se importasse. De fato, soar como a ideia de ter as mãos cheias era algo de que ele gostava.

Muito.

—Fico feliz em vê-lo, *cugino*. — Benny disse, seu sorriso menor, mas seus olhos estavam intensos e ele repetiu, sua voz baixa, pesada, até rude e tão intensa quanto o olhar que ele estava apontando para seu primo. —Fico feliz em ver isso.

Eu evitei os olhos dele, Kate, Keira, Joe e eu decidimos deixar minha perna passar por cima de Joe, Manny voltaria logo, eu esperava.

Então eu peguei outro breadstick.

Capítulo Quinze

Mike Vence

Acordei, de barriga para baixo, um joelho dobrado, mas mantive meus olhos fechados, deixando meus sentidos testar a cama, o quarto, ouvir uma respiração, sentir calor, dureza.

Nada.

Abri os olhos e vi a cama vazia ao meu lado.

Então eu rolei para as minhas costas e vi que também estava vazia, não do lado de Joe, então isso não foi uma surpresa.

Eu olhei para o teto e tentei escutar ruídos no banheiro.

Nada.

Talvez eu sonhei isso.

Olhei para o relógio e já passava das dez da manhã.

Tarde. Muito tarde.

Então eu suspirei e olhei para o teto novamente, tudo caindo na minha cabeça, o resto da noite passada e depois chegando em casa.

Os breadsticks na pizzaria de Vinnie eram bons. O antepasto gostoso. A pizza foi a melhor que já tive, e eu tinha feito copiosa pesquisa de degustação de pizza por isso posso dizer que aquela era a melhor pizza alguma vez feita. O cheesecake mascarpone foi sublime, as meninas tinham grandes taças de sorvete spumoni, caseiro, que eu provei e até com uma arma na minha cabeça, não poderia dizer qual era o melhor, se o sorvete ou cheesecake. E o Chianti não podia ser esquecido. Eu nunca tive vinho melhor na minha vida.

Isso foi o motivo pelo qual bebi a garrafa inteira.

Ou, talvez, porque estávamos no restaurante por horas.

O tempo todo que comemos, e depois, Vinnie, Theresa, Manny e Benny vieram e foram, sentavam e conversavam, de pé e conversavam. Entre a pizza e a sobremesa, Vinnie veio e pegou as meninas para lhes dar um passeio pela cozinha, enquanto Theresa se sentava ao lado dele e conversava comigo e com Joe. Então Vinnie voltou com as garotas e Theresa as levou para uma turnê na frente da casa enquanto Vinnie se sentou conosco e conversou. Então nós tivemos a sobremesa.

Então, mais tarde, quando a maioria dos clientes se foi, e todo o meu vinho também, Theresa me levou para uma turnê das fotos, a maioria das quais ela me disse que tirou. Enquanto ela me movia em torno do restaurante, compartilhou histórias de seus filhos, seus irmãos, irmãs, irmã de Vinnie, mãe de Cal, suas tias e tios, tias e tios de Vinnie e avós de todos os seus filhos. Havia amor em sua voz e risadas enquanto ela me guiava pela sala, sorrindo para seus clientes

restantes, apontando fotos, compartilhando sua vida e sua família através de suas palavras e suas fotos notáveis.

Eu não pude deixar de sorrir e rir com ela, mesmo quando falava sobre Cal que soava como um hooligan[26] amável, como dito por ela. Ele também definitivamente parecia um membro da família, a unidade, um de seus filhos, não um sobrinho e eu aprendi que era porque, uma vez que sua mãe morreu e seu pai se perdeu, Vinnie e Theresa tiveram um fim de semana de férias e o adotaram. Se ele não precisasse ir para a escola no dia seguinte ou não estivesse no reformatório, ele estava em Chicago em sua casa no beliche sobre Vinnie Junior.

As garotas se juntaram a mim no meio do passeio fotográfico, ouvindo e parecendo ainda mais fascinadas do que eu. Vinnie se juntou a nós no final, quando estávamos na frente do restaurante olhando para uma foto, lugar de honra, quando você chegava na estação de recepcionista, a maior da casa.

Ela foi tirada na frente do restaurante e mostrava Vinnie e um homem mais alto, ainda mais bonito do que Vinnie, que era quente quando mais novo. Esse homem era o pai de Joe, Big Joe, Vinnie me contou e ele e Vinnie estavam juntos no meio do agrupamento. Theresa estava à direita de Vinnie, Angela, a mãe de Joe, à esquerda do marido. Um jovem Joe estava na frente dela, a mão no ombro dele, o braço do marido em volta dos ombros de Angela, segurando-a confortavelmente

[26] São pessoas sem ocupação na vida, que vão a jogos de futebol para socar pessoas que torcem para times adversários ao seu.

ao seu lado. Vinnie Junior com sua irmã Carmella na frente de Theresa e Vinnie, Benny, uma criança, no quadril, Manny na barriga inchada de Theresa. Todos estavam rindo, até as crianças, até o bebê Benny tinha a cabeça inclinada para trás e sorria para a mãe.

Cal tinha seis anos naquela foto, sabíamos disso porque Vinnie nos contou.

—Dois dias depois, eles encontraram o tumor. — ele disse suavemente e ouvi Kate e Keira se juntar a mim e respirarem. —Dois anos depois, quase no dia em que a foto foi tirada, Angela perdeu a luta.

Nesta notícia, Kate mudou-se para mim.

Mas minha Keira, ela se mudou para Vinnie.

Ele pareceu surpreso por um segundo quando ela chegou perto. Seus olhos estavam olhando para a foto, sua mente em outro lugar. Então ele sorriu um sorriso triste para Keira e deslizou o braço ao redor de seus ombros, seus olhos vindo para mim.

—Você nunca esquece, *cara* .— ele sussurrou, sabendo da minha dor, então senti as lágrimas arderem nos meus olhos e Kate chegou mais perto. —Mas, com o tempo, você aprende que não quer esquecer.

Eu balancei a cabeça e, em silêncio, como de costume, Joe se moveu atrás de mim, seu braço deslizando ao redor do meu estômago, puxando a mim e Kate em sua frente, outra coisa que não lutei porque naquele momento, eu não podia.

—Obrigado, Vinnie. — sussurrei.

—Você quer falar, *cara*, peça a Cal para te dar o meu número. — ele ofereceu.

Eu assenti.

—Eu quero dizer isso, Vi. — ele reafirmou.

—Obrigado.— Eu ainda estava sussurrando.

—Nós desceremos e visitaremos em breve, sim?— Theresa entrou na conversa e eu olhei para ela, esquecendo instantaneamente meu lindo momento com Vinnie e sentindo pânico.

—Sim, tia Theresa, isso seria bom. — Joe respondeu. Theresa sorriu e meu estômago caiu. —Tenho que levá-las para casa. — Joe terminou, movendo-nos para a porta.

—Eu pegarei a bolsa da mamãe. — disse Keira, em seguida, ela começou a se afastar, parou, voltou para Vinnie, deu-lhe um abraço com sua bochecha em seu peito, o soltou e começou a correr para a nossa cabine.

Os olhos de Vinnie a observaram ir, então eles foram para Joe e o olhar gentil e contente neles fez meu estômago dar mais cambalhotas.

— Não se esqueça dos sapatos da mamãe, Keira! —Eles estão no chão.

—Entendi. — Keira gritou de volta como se fossem frequentes convidadas de honra, a família parando para jantar na pizzaria do tio Vinnie e elas poderiam gritar uns com os outros e correr pelo restaurante.

Esperamos que ela voltasse e todos eles, exceto Benny, que estava arrumando a cozinha depois que Vinnie saiu, nos levou até o carro. Nós tivemos grandes abraços de Vinnie, Manny e Theresa, então as meninas entraram no carro.

Quando Joe abriu o seu lado depois de receber outra pancada nas costas de Vinnie, seu tio ainda com ele, suas mãos em um aperto, Vinnie perto e falando sobre algo que parecia sério, mas não conseguia ouvir direito, Theresa chamou minha atenção pegando minha mão.

—Da próxima vez que você estiver aqui —ela começou e meu coração apertou porque eu sabia que não haveria uma próxima vez —quando for um bom momento, um momento feliz, um que você queira lembrar, nós teremos a sua foto. Colocar você e as meninas na parede com o resto da família.

—Theresa... — eu comecei, sem saber o que dizer, e novamente chateada com Cal por me colocar nessa posição, ao mesmo tempo confusa por que diabos ele me colocou.

Ela apertou minha mão, me cortando e sussurrando:

—Traga-o de volta para sua família, em breve, sim, *cara mia*?

Merda.

—Sim. — sussurrei. Quer dizer, o que eu poderia fazer?

—Obrigado. — ela respondeu, beijou minha bochecha, em seguida, saiu da minha porta.

Eu me virei para olhar para Joe, que estava olhando para seu tio. Eu vi, um tanto espantada, que o rosto de Joe estava fechado. O rosto de Vinnie estava pálido e eu fiquei com *raiva*.

Sobre o que era tudo isso?

—Você entende o que estou dizendo para você?— Ouvi Joe perguntar baixinho.

—Eu entendo, filho. — a voz de Vinnie estava tensa.

—Seja o que for preciso. — Joe terminou, e este era o fim porque vi Vinnie acenar com a cabeça uma vez, a mão dele empurrou Joe e então lhe deu um tapinha no ombro, soltou a mão de Joe e se afastou.

Eu pensei que imaginava o olhar em seu rosto, sua voz tensa, quando Vinnie olhou para mim e me deu um sorriso gentil.

—Vejo você em breve, Vi. — ele falou.

—Sim. — novamente porque não havia mais nada a dizer.

Eu entrei, Joe entrou, nós batemos nossas portas, e eu e as meninas acenamos para Vinnie, Theresa e Manny enquanto Joe se afastava.

Eu pensei, aumentando minha raiva, não haveria como adormecer.

Mas breadsticks, antepasto, grande pizza, cheesecake delicioso, uma garrafa cheia de vinho e um dia estranho e emocional levaram a melhor de mim e eu desmaiei antes de sairmos de Chicago.

Acordei com a mão de Joe no meu joelho, sua boca no meu ouvido.

—Acorde, baby.

Meus olhos se abriram e vi que estávamos em casa e ele estava debruçado na minha porta aberta.

—As meninas estão apagadas. — ele continuou e me virei para ver que isso era verdade. —Saia, Buddy. — ele terminou suavemente.

Saí do carro e do caminho quando Joe empurrou o banco para a frente e depois se inclinou. Segundos depois, ele saiu novamente com Keira em seus braços.

—Eu a levo para a cama, você pode lidar com ela, sim? — Joe perguntou, mas não esperou que eu respondesse, ele estava caminhando para a porta.

Eu me atrapalhei com a bolsa, puxei o controle remoto, batendo nos botões, em seguida, um pouco arrastado em torno dele e destranquei, abrindo a porta enquanto ele caminhava.

Eu tentei não deixar isso me afetar, Joe carregando Keira para a cama, mas o fez, forte, duro, um embrulho no estômago, mas estranhamente caloroso e, mesmo parcialmente adormecida e estando no meio da noite, ainda me irritou.

Corri atrás deles o melhor que pude, alcançando-os no quarto de Keira depois que Joe a colocou em sua cama, e Joe passou por mim enquanto eu entrava no quarto dela. Seus olhos encontraram os meus, mas ele continuou e eu fechei a porta e fui até a minha filha, que sempre dormia como um

tronco. Tirei os sapatos e lutei com o vestido dela, tanto que ela meio que acordou. Ajudando-a, pegamos seus pijamas e puxei as cobertas.

—Onde está o Joe?— Ela murmurou sonolenta enquanto se instalava e ouvi o movimento do lado de fora, passos, Joe e Kate.

—Ele está trazendo Kate.

Keira rolou para o lado, as mãos sob a bochecha enquanto ela perguntava, principalmente ainda dormindo:

—Nós o temos de volta?

Isso me atingiu também, outra cambalhota no estômago.

—Não, baby. — respondi honestamente, mas ela não me ouviu, já estava dormindo.

Eu puxei as cobertas sobre ela, coloquei-as ao redor e então me inclinei e beijei seu cabelo.

Então me mudei, vi a porta de Kate fechada e fui até ela, batendo suavemente e entrando.

—Hey Mawdy. — disse ela, eu a peguei com o joelho na cama, ela já tinha mudado a roupa. —Joe me ajudou. —ela terminou quando desabou na cama e puxou as cobertas.

Eu me fui até ela e coloquei os cobertores apertados ao seu redor.

Então eu tirei o cabelo dela do rosto.

—Isso é bom.

—Pedi-lhe para dormir no sofá, como Mike. — ela me disse e eu senti meu corpo congelar, então eu forcei-o a se mover e me inclinei e beijei seu cabelo.

—O que ele disse?— Perguntei-lhe no cabelo.

—Ele disse: “Claro, menina”. — ela murmurou, seus lábios se inclinando em um sorriso sonolento e se aconchegou mais profundamente em seus travesseiros.

Eu o *mataria*, porra.

—Tudo bem, baby, vá dormir. — eu a encorajei, mas foi um esforço desperdiçado, ela já estava dormindo.

Eu apaguei a luz dela, saí de seu quarto e fechei a porta.

Joe estava despejando minha bolsa no balcão da cozinha, meus sapatos no chão enquanto eu mancava para a sala e depois direto para ele.

Eu me inclinei e sussurrei:

—Você não passará a noite.

Ele me pensou por um momento e depois respondeu:

—Prometi a Kate.

—Então dane-se, você quebrará sua promessa, porque não está passando a noite.

—Sim, Vi, eu estou.

—Não, Joe, você não estará.

—Baby...

Eu me inclinei mais e falei com raiva:

—Não me chame assim.

Sua mão veio ao meu pescoço e eu estava tão furiosa que me soltei. Sua mão ficou suspensa no ar, em seguida, ambas as mãos se moveram rapidamente, agarrando meus quadris. Ele me puxou para frente, meu corpo bateu nele e seus braços se fecharam em volta de mim, um baixo na minha cintura, um alto nas minhas costas. Presa.

—Deixe-me ir. — pedi, empurrando contra seus ombros.

—Temos que conversar.

—Sim, nós conversaremos, mais tarde, quando eu não quiser arrancar sua cabeça, conversaremos. Há algumas coisas que quero dizer para você. Agora você sai.

—Não.

—Joe!

—Cale-se, Buddy.

Eu tentei uma estratégia diferente.

—As garotas estão indo com Dane e seus pais para o lago amanhã cedo. Elas vão embora às oito. São apenas mais quatro horas até elas saírem. Tenho certeza de que ficaremos em segurança por quatro horas.

—Eu também ficarei. — respondeu ele e eu sabia o que ele queria dizer.

—Joe...

—Vá para a cama, Vi.

—Joe...

Seu rosto chegou perto e parei de falar.

—Você pode ir para a cama ou pode ficar em meus braços e discutir. Eu te direi agora, baby, eu estou cansado e preciso dormir, então eu não discutirei. Você fica em meus braços, serei forçado a encontrar formas criativas de parar essa sua boca. Você quer isto?

Eu simplesmente não podia acreditar.

—Nós acabamos. — eu lembrei a ele.

—Eu não concordei com essa decisão. — ele disparou de volta e senti meu corpo virar pedra.

—O quê?—Eu sussurrei.

—Vá para a cama, Vi.

—Mas, Nádia … você disse…

Ele cortou, me ameaçando.

—Devo ser criativo?

Eu fechei minha boca e balancei a cabeça.

Joe me segurou por algum tempo, olhando para o meu rosto no escuro.

Então ele se inclinou e beijou meu pescoço, levantando levemente, ele sussurrou em meu ouvido:

—Dormir.

Então ele me soltou.

Eu imediatamente me virei e caminhei, ok, manquei o mais calmamente que pude para o meu quarto.

Eu estava tremendo quando me preparei para dormir, minha mente muito cheia, ativa demais, enlouquecida demais, nem pensei quando tirei a camiseta de Joe de debaixo do travesseiro e, depois que tirei a roupa, escovei os dentes, lavei meu rosto, eu coloquei.

Então eu fui para a cama.

Minha mente tão ativa, tão enlouquecida, achei que nunca dormiria.

Mas, dormi.

E dormi profundamente.

Mas acordei quando ouvi os sons suaves das garotas se movendo ao redor e eu o senti lá, seu ombro contra a minha bochecha, seu braço enrolado em volta da minha cintura, minha coxa jogada sobre a dele.

Eu não tive a chance de reagir quando ele deslizou debaixo de mim com cuidado, em seguida, puxou as cobertas sobre mim enquanto eu agia como uma galinha e fingia estar dormindo. Quase em silêncio, ele se vestiu e saiu do quarto. Mas ele deixou a porta aberta e eu ouvi as garotas e Joe murmurarem. Então ouvi a campainha, o murmúrio de Dane se misturou com o deles e a porta se fechou.

Então silêncio.

Eu mantive meus olhos fechados, esperando, mas ele não voltou.

De alguma forma eu caí no sono, dizendo a mim mesma que tudo aquilo era um sonho.

Agora eu estava acordada, esperando o mesmo. Mas eu sabia que ele foi para a cama comigo.

O bastardo.

Eu olhei para o teto, me arrependendo de ter encorajado as garotas irem com Dane e seus pais. Eles queriam cancelar e Dane dissera que estava tudo bem, mesmo que ele ficasse e não fosse com seu irmão e seus pais, para o lago, o que faziam todos os anos desde que ele conseguia se lembrar.

Mas um mês atrás, quando eles pediram a Kate para ir junto e trazer Keira, foi tudo sobre o qual qualquer garota poderia falar. Eu não fui capaz de lhes dar férias de verão e os pais de Dane alugaram uma cabana por quatro dias, de quinta a domingo. Era tudo esqui aquático, tubulação, deitada no lago e recebendo um bronzeado, pesca e churrascos todas as noites. Um fim da explosão de verão. Umas férias, não longas, mas pareciam divertidas. Algo, não muito, mas era algo e eu queria que elas tivessem tantas coisas quantas pudessem conseguir.

Elas não queriam me deixar e eu não queria também, mas eu não queria que elas sentissem saudades. Que perdessem algo na vida. Eu queria que elas vivessem suas vidas enquanto tivessem uma chance e lembrassem que poderia ser ótimo. Mesmo agora, logo depois de Sam morrer.

Especialmente tão logo depois de Sam morrer.

E Sam também gostaria disso.

Agora, percebi meu erro. Era cedo demais, para mim e, provavelmente, para elas.

Eu olhei para o relógio novamente.

Saí da cama e fui até o banheiro, lavando o rosto, escovando os dentes, voltei para a cozinha. Havia uma nota na cafeteira. Eu peguei e li.

Oi Mawdy.

Nós saímos. Nós não te acordamos. Joe disse para deixar você dormir. Ligue-nos, se você precisar de alguma coisa. Te amo em pedaços.

xoxoxoxox Kate

PS: Café está feito, basta ligar o interruptor.

PPSS: Joe fez isso.

Eu cerrei meus dentes.

Fodido Joe.

Sob isso:

Ei Momalicious,

Vou manter meu telefone comigo, mesmo no barco.

Amo você.

xxooxxooxxoo Keira

PS: Joe nos deu cem dólares a cada uma! Não é legal?

PPSS: Não esqueça de pegar Mooch.

Porra, *fodido* Joe!

Ele estava comprando Keira, que o aceitaria em um flash e o bastardo sabia disso.

Respirei e, em vez de gritar, suspirei, larguei a nota e liguei o botão da cafeteira.

Bobbie tinha me dado até segunda-feira de folga remunerada, que foi legal. Sendo para o meu bem-estar, e ela não precisava fazer isso.

No entanto, ela também havia conversado comigo há algumas semanas sobre me tornar gerente. Esse salário significaria que eu seria paga regularmente o que eu recebi em horas extras que seria bom, ter esse tipo de dinheiro estável. Mas também vinha com uma carga de responsabilidade que significava que eu ainda estaria trabalhando nas horas extras e teria um monte de dores de cabeça para acompanhar.

Mas ela acabou, e me disse que abriu o centro de jardinagem trinta anos atrás e estava cansada, suas palavras.

—Preciso fazer uma pausa e você é a única que eu contrataria e posso confiar no lugar. Então, agora é minha vez. Se você aceitar a promoção, eu terei meu tempo. — ela disse e, eu tinha que admitir que já gostava dela apesar de ser mal-humorada ou por causa disso, e queria que ela tivesse esse tempo. Sem mencionar o pagamento fixo.

Mas ela ainda não contratara ninguém para substituir meu trabalho de meio período. Então, se eu me tornasse a

gerente, significava que eu tinha que ser treinada para fazer o que Bobbie fazia, nenhuma das quais eu sabia fazer, e também encontrar outra pessoa e treiná-la. Para não mencionar, havia uma razão pela qual Bobbie não confiava em ninguém mais que trabalhou lá. A maioria delas era boa, mas era apenas um trabalho, não eram como eu, o que faziam não era algo que amassem. Os outros que trabalharam lá, eram dores nas bundas, até para mim e para o resto da equipe, e eu não precisava supervisioná-los e não gostava da ideia de fazê-lo.

E, além disso, o quintal da Sra. Cousin que eu redesenhei e plantei ficou muito bom. A Sra. Cousin adorou tanto que mostrou e contou a todas as suas amigas sobre mim. Agora eu tinha duas de suas amigas e sua vizinha que queriam que eu trabalhasse em seus jardins, plantando flores de outono e ajustando-as com flores para a primavera, depois voltando e classificando-as para o verão. A Sra. Cousin também me queria de volta.

Isso significava que eu trabalhava de quarenta e cinco a cinquenta horas semanais e tinha um monte de outros trabalhos. O dinheiro estava entrando, o que era bom e não parecia trabalho que era melhor ainda. Mas eu podia sentir o esgotamento vindo. Eu sentia.

E, além disso, o que viria em seguida para mim?

Pensei nisso enquanto suspendia a alavanca para interromper o fluxo de café e peguei uma xícara, em seguida, abaixei a alavanca para deixar o resto do café cair.

Mike estava pronto para levá-lo ao próximo nível. Eu sabia. Estraguei tudo, eu o perderia. E também sabia disso. Ele pode ser um cara legal, mas também não era um que você mexesse e eu não queria ser o tipo de mulher que mexia com um homem. Ele ia perder a paciência e eu senti que seria logo.

E Sam foi embora. Se foi. Não havia mais nada por perto, nem quatro horas mais perto.

E Daniel Hart estava lá fora. Ele assassinou meu marido, meu irmão e pensou que, mesmo fazendo isso, ele poderia me ter. Ele ainda faria isso, eu sabia disso. Eu só não sabia o que faria quando ele fizesse. Minhas escolhas eram para desvendar ou enlouquecer, caçá-lo e atirar na cabeça dele. Nem eram boas para as minhas meninas, ou para mim, nesse assunto.

Joe era imprevisível e irritante. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo lá, mas sabia o que não aconteceria. Eu também sabia que precisava deixá-lo saber como me sentia sobre isso e precisava fazê-lo em breve.

Com esse pensamento, tomei um gole de café, olhei fixamente pela janela, em direção a sua casa.

Havia uma lixeira na frente e um homem caminhava da casa até a lixeira, carregando o velho carpete de Joe, enrolado e jogado por cima do ombro. Ele chegou ao contêiner de lixo, fez um engate com o corpo e o carpete entrou na lixeira, criando uma nuvem de poeira.

O que está acontecendo?

Eu estava tão encantada por assistir isso, que me assustei quando meu telefone tocou e, em seguida, estendi a

mão para ele, sem tirar os olhos da janela enquanto observava o homem voltar para a casa de Joe.

—Olá?

—Vi, querida?

Meus olhos caíram para a pia.

—Bea. — eu sussurrei.

A mãe de Tim.

—Oh querida. — Bea sussurrou de volta e eu coloquei minha xícara de café na pia e me agarrei na beirada.

Ela ouviu minha respiração engatar.

—Oh querida. — ela sussurrou novamente, então eu tomei fôlego, desta vez sem o engate e ela continuou. —Nós queríamos ir, papai e eu, mas eu não podia encará-la. Papai disse que Sam entenderia, sabendo como era, mas eu me senti tão mal e queria ver você e as meninas.

Eu entendi isso. Minha mãe fora horrível para Bea e meu pai, Gary, que é como eu chamava o pai de Tim, porque ele se recusou a responder a mim chamando-o de qualquer outra coisa. Minha mãe foi tão horrível que me lembrei como se fosse ontem.

Quando tudo estava acabando, quando descobri que estava grávida e tivemos aquela péssima reunião familiar, em que Bea e Gary estavam tentando convencer meu pai e minha mãe a entender, e encontrar maneiras de nos ajudar, minha mãe foi gelada e francamente feia. Mamãe aperfeiçoou-se nas fragilidades de Bea, e as coisas que mamãe disse, Bea sentiu-

se pequena, insignificante, sem valor e porque minha mãe também queria isso. Mamãe era tão puta que estava quase alegre, fazendo Bea se sentir assim.

Bem no meio daquilo, Gary agarrou a mão de Bea, tirou-a do sofá dos meus pais, inclinou a cabeça para Tim, que pegou minha mão, saímos todos e foi a última vez que os vi por três anos. Eles não vieram ao meu casamento. Nem ao hospital quando Kate e Keira nasceram. Eles só vieram a pedido de Sam para a festa de aniversário de Kate e isso também não foi bonito, então nós não os vimos novamente por mais dois anos.

Bea nunca esqueceu. Ela era sensível, mas também era ruim assim.

—Eu entendo. — disse a ela.

—Eu imaginei que você estaria... você... todo mundo iria querer um pedaço de você. Eu queria esperar até mais tarde para podermos passar algum tempo. Papai e eu, desceremos, ficar o fim de semana, tudo bem?

Meu coração pulou e afundou.

—Oh Bea, as garotas estão no lago. Eu queria que elas tivessem algo divertido e normal.

—No próximo fim de semana, então. — disse ela instantaneamente.

Eu assenti.

—Sim, eu gostaria disso e as meninas vão adorar.

—Bom. —ela respondeu suavemente, em seguida, hesitou e disse, muito casualmente. —Pam chamou.

Ah Merda!

Minha cabeça subiu e meus olhos viram o homem saindo com mais carpete.

—Bea... — eu comecei.

Ela me cortou.

—Disse que o nome dele é Joe.

—Oh Bea, não é...

—Ela gostou dele.

Porra!

Minha boca ficou apertada, tão apertada que permaneci em silêncio. Então, de qualquer forma eu não sabia o que dizer.

Bea continuou.

—Disse que ele é muito bom com as meninas, doce para você. Um homem grande. Ela disse, que é um homem com quem você não mexe.

—Bea, deixe-me...

Seu sussurro me interrompeu.

—Estou feliz, querida.—Fechei os olhos e ela continuou. — Papai e eu estávamos preocupados, você aí sozinha. Sabemos que você não nos diria, nos preocuparia, se ainda estivesse acontecendo. O que Pam disse sobre esse Joe, bem, eu e papai, ficamos felizes.

Não respondi, porque o que eu diria?

—Vamos encontrá-lo quando estivermos aí?

Não, eles não iriam.

—Ele viaja muito. —respondi, esperando que ele estivesse disposto a comprar uma passagem para Timbuktu, ou eu o drogaria e o colocaria em um avião se ele não estivesse.

—Como ele cuida de você e das meninas se ele está fora da cidade? — Ela perguntou, sua voz aumentando um pouco, como se estivesse com medo.

—Tem um cara do outro lado da rua, um policial, muito parecido com Tim, bom homem. Eles se revezam cuidando de nós. —assegurei a ela.

—Isso é bom. — ela respondeu, sua voz resolvida.

O homem com o tapete tinha desaparecido na casa de Joe, mas eu vi um SUV na rua, me concentrei nele e minha respiração ficou presa na minha garganta.

Mike.

—Bea, eu que tenho que ir. — eu disse ao telefone, não querendo, e querendo falar com ela. Eu não tive uma boa conversa com a minha sogra há anos e agora, com Sam morrendo, era o tipo de tempo que ela estava no seu melhor. Ela pode ser tímida e sensível, mas era uma ótima sogra, uma mãe melhor, uma avó estelar e uma boa amiga.

—Tudo bem. — ela me disse. —Faremos uma reserva naquele hotel pela estrada.

—Você pode ficar aqui, ter a cama de Kate. — eu disse a ela enquanto observava Mike entrar na minha entrada. —Ela ficará na beliche com Keira.

—Oh, nós não poderíamos.

—Você ficou quando você esteve aqui antes.

Ela ficou em silêncio enquanto eu observava Mike sair de seu carro, seus olhos na minha casa e então senti aquele embrulho no meu estômago quando vi que ele estava com raiva, muito, muito zangado.

Então Bea disse baixinho no meu ouvido:

—Isso foi antes de Joe.

Eu pisquei, incapaz de acompanhar Mike. Ele estando inexplicavelmente irritado, a remoção de carpete de Joe, o caminhão de Joe em sua direção e Bea.

—O quê?— Eu perguntei.

—Ele pode não gostar...

—Você ficará aqui.

—Vamos esperar para conhecer Joe.

—Não é assim.

—Isso não é o que Pam diz.

—Mas...

Mike estava andando para a porta da frente e meu coração acelerando.

—Eu farei a minha torta de creme de chocolate, para conquistá-lo. — Bea decidiu.

Sim, como torta de creme de chocolate poderia ganhar Joe. Meus bolinhos, panquecas e risoto não fizeram um

amassado em sua armadura. A torta de creme de chocolate de Bea era esplêndida, mas Joe Callahan era invencível.

—Bea...

Minha campainha tocou e soou alto, mais alto do que nunca, muito alto e eu pulei.

—Você tem que ir. — Bea me disse.

—Eu...

—Vejo você em breve, querida.

Eu estava andando até a porta quando eu disse:

—Bea...

—Dê aos meus bebês um aperto.

Suspirei, em seguida, apertei o código de alarme no painel ao lado da porta.

—Dê um aperto ao pai.

—Claro, querida. Tchau.

—Tchau.

Eu apertei o botão no telefone, desliguei, e abri a porta para enfrentar o meu próximo drama.

E drama foi, porque eu esqueci que vestia a camisa de Joe.

Isso era ruim, eu sabia, porque os olhos de Mike iam da minha cabeça aos meus pés e seu rosto passava de furioso para enfurecido.

—Mike...

Ele também me cortou, colocando a mão na minha barriga, empurrando-me para dentro de casa, mantendo a mão lá mesmo depois que ele entrou e fechou a porta.

Então ele baixou a mão e olhou para mim.

—Mike...

Eu me desliguei quando sua mão subiu, palma para fora e de frente para mim e eu esperei. Ele baixou a mão, desviou o olhar e um músculo em sua mandíbula estremeceu.

Então ele olhou de volta para mim.

—Fui paciente. — ele disse suavemente,

Abri minha boca para falar, ele balançou a cabeça e eu fechei a boca.

—Por favor, me diga, enquanto você estava me arrastando junto, você não começou a fodê-lo novamente.

—Eu não estava arrastando você. — eu sussurrei.

—Sim, querida, você estava.

Eu sempre gostei quando Mike me chamava de querida, mas do jeito que chamou agora, não gostei.

—Não, Mike, eu não estava.

—Besteira.

—Eu fui honesta com você.

—Você está fodendo-o de novo?— Ele perguntou.

—Absolutamente não. — respondi.

—Por que você está vestindo a camisa dele?

Eu considerei mentir, dizendo a ele que era de Tim, eu consegui que Mike e eu não falássemos sobre Tim, então eu não queria nos obrigar a fazê-lo agora.

—É confortável.— Pelo menos isso era verdade.

—Ele levou você para o funeral?— Mike perguntou e como ele sabia disso eu não tinha ideia.

Eu assenti.

—Só porque Kate pediu a ele.

—Você não me deixou fazer isso, mas deixou Joe fazer?

—Mike, Kate pediu para ele.

—E eu pedi a você para me deixar fazer isso.

—Honestamente. — sussurrei, começando a perder a paciência, a me perguntar por que eu me importava, por que eu saí da cama ao mesmo tempo jogando o telefone no sofá. — Eu não tenho energia para isso.

—Eu sei na merda de vida que você está agora, Violet, mas sério, por Deus, essa merda está fodida.

—Que merda? — Perguntei.

—Você está comigo, mas ele te leva para o funeral e ele deixa sua casa na manhã seguinte.

—Como você sabe disso? — questionei.

—Tina Blackstone parou na estação, sentiu que os meninos precisavam de donuts, mesmo que a cadela nunca fez isso antes em sua vida de merda. Trouxe três dúzias deles de

Hilligoss, ficou enquanto os meninos comiam, corriam a boca, gostavam de fazer isso.

Aquela cadela!

Eu olhei para Mike por um minuto, permitindo que minha pressão sanguínea caísse.

Então, decidindo lidar com Tina depois, afirmei:

—Ele passou a noite.

—Mas ele não te fodeu?

—Não, Mike. — eu disse a ele, perdendo a paciência, estava escorregando e foi rápido — Ele não me fodeu. Kate está ligada a ele, ela pediu a Joe para passar a noite. Ela está se sentindo um pouco insegura, vendo como seu pai e tio foram assassinados pelo homem que está me perseguindo. Então chegamos em casa no meio da noite e ela queria que ele ficasse. Ele ficou. Esta manhã ele se assegurou de que as garotas saíssem seguras com Dane e seus pais e ele foi embora. Eu nem sequer saí da cama. Eu nem disse adeus às minhas filhas.

Minha voz ficou embargada quando terminei de falar e o rosto de Mike mudou, a raiva diminuiu, a gentileza apareceu e ele deu um passo à frente.

Eu dei dois para trás e ele parou.

—Querida. — ele murmurou.

Era assim que eu gostava dele me chamando de “querida”.

Mas eu balancei a cabeça e disse a ele:

—Acabou.

Ele piscou, devagar, depois perguntou:

—O quê?

—Estou vendendo a casa. As garotas e eu estamos nos mudando para o Arizona.

—Querida.

Eu ainda estava balançando a cabeça.

—Ele foderá comigo, Mike. Ele matou Tim, matou Sam e, ainda assim, foderá comigo.

Mike avançou, eu me movi também, mas ele veio para mim mais rápido e me pegou em seus braços. Eu esqueci porque eu recuava, coloquei minhas mãos em seu peito e deixei cair minha testa entre eles.

—Eu não posso mais fazer isso. — sussurrei. —Você, Joe, Bea, Mel, mamãe sendo uma cadela, enterrando Sam, Vinnie, Theresa, Manny, Benny, Daniel Hart, tudo é demais. Eu não aguento mais isso.

Mike estava quieto, ele apenas me segurou em seus braços enquanto eu lutava contra as lágrimas.

Quando acabei e suspirei, ele falou.

—Querida, eu nem sei quem é metade dessas pessoas.

A maneira como ele disse isso, eu ri, virei a cabeça e pressionei minha bochecha no peito dele.

Então eu passei meus braços ao redor de sua cintura e seus braços ficaram mais firmes.

—Eu fui um idiota — ele disse no meu cabelo —vindo para cá, te dando essa merda.

Eu o deixei fora do gancho.

—Você não foi. Você é apenas um homem.

—Bem, sim, eu sou isso.

Eu pressionei minha bochecha mais perto e dei-lhe um aperto.

—Sim.

—As meninas não estão aqui, quero você comigo esta noite.

Fechei os olhos e não levantei a cabeça nem afrouxei os braços quando disse com toda a seriedade:

—Mike, eu não estava brincando. Eu preciso deixar você ir.

Senti seu corpo ficar parado quando ele perguntou:

—Por quê?

Eu inclinei a cabeça para trás e disse:

—Caso você não tenha notado, os homens da minha vida acabam com balas na cabeça.

—Amor...

—E estou totalmente fodida.

—Vi...

Eu tirei um braço de sua cintura, coloquei minha mão contra sua bochecha e sussurrei:

—E você merece mais do que isso.

—Que tal você me deixar tomar essa decisão? — Ele sussurrou de volta.

—Mike, eu repito, estou completamente fodida.

—Querida, eu já sei disso —ele sorriu —e, porra, mas eu meio que gosto disso.

—Mike...

—É fofo.

Finalmente, dei-lhe a verdade.

— E há algo que preciso resolver com Joe e não quero que você se sinta numa corda enquanto resolvo isso.

Seus braços se agitaram e esse músculo saltou de novo em seu queixo.

—O quê?— Ele sussurrou.

Minha mão na bochecha dele deslizou para o pescoço e eu disse:

—Não é isso, não o que você está pensando. Mas temos que esclarecer algo e, eu sei, com Joe, isso levará algum tempo.

—Violet.

—Eu tenho quatro dias, as meninas se foram, eu tenho quatro dias para fazer isso. Você pode me dar isso?

—Não.

—Mike...

—Vi, você está na minha cama esta noite.

—Mike, escute ...

Seus braços me deram um aperto, então me calei e ele disse:

—Não, Vi, me ouça. Você trabalha com ele. Conversa. Eu não dou a mínima para o que é isso, não quero saber. Você vem para minha casa esta noite e vem preparada para passar a noite.

Sim, ele estava ficando impaciente, apostando sua reivindicação.

—Mike, eu não acho...

—E não traga uma de suas camisas. Você dorme em camisas, você usa uma das minhas.

—Mas...

—E você traz para sua casa também.

Merda e maldito. Joe estava em casa alguns dias e meu irmão estava morto, eu fui semi-adotada por uma família italiana em Chicago, minhas garotas estavam de volta ao seu feitiço e eu de volta nessa bagunça profana.

—Eu não estou pronta para isso.

—Sim, você está e eu estou, e ele pode ter seus dias, você precisa trabalhar com ele, mas, enquanto as meninas se foram, eu tenho suas noites.

—E se nós...

—Eu quero você segura. Eu quero saber que você está segura e a única maneira que eu conheço é você na minha cama. Ele e Colt podem vigiar durante o dia, mas estou dizendo a você, Vi, eu tenho as noites.

—Mike...

Ele não me deixou terminar de novo, desta vez ele me beijou. Não seu beijo direto para ardente, este era um furtivo, leve e doce, construindo o fogo.

Eu terminei com meus braços ao redor do pescoço dele.

—Seis horas, querida. — ele sussurrou. —Entre direto, a porta estará aberta.

—Certo. —concordei, porque eu era uma idiota total e completa.

Então, ele me deu honestidade, assim como Mike era.

—Você não entende isso, Vi, então eu te contarei. Estou me apaixonando por você.

Fechei os olhos. Mike os beijou e os abri novamente.

—Eu sei que você não precisa disso agora, querida, mas, honestamente, você precisa mesmo assim.

Isso não fazia sentido, mas totalmente fez.

Eu dei de volta para ele, tão honesta quanto.

—Mike, você merece o melhor e não tenho certeza se sou eu.

Ele apenas sorriu, me deu um aperto, beijou minha testa e repetiu:

—Seis horas, a porta estará aberta.

Então ele me soltou, virou e saiu.

Eu olhei para a porta.

Então eu fui até lá e armei o alarme.

Então eu fui para a minha xícara fria de café, joguei fora, recarreguei e fiquei na minha cozinha, olhando pela janela, observando três homens que agora levavam para a lixeira o que parecia ser a maldita cozinha de Joe e enquanto eu fazia isso eu bebia meu café.



Depois que eu tomei banho, borrifei meu perfume, coloquei uma maquiagem leve, meu melhor jeans e uma blusa que sempre gostei. O algodão parecia quase tingido, tudo em tons profundos de uva, a divisão no decote era bordada com flores verdes, lilás, lavanda e azuis, e havia cordas trançadas penduradas nos lados superiores da divisão, o peso delas segurando-as abertas. Encaixava solta, mas tinha um elástico na cintura e nas mangas curtas. Era meio que Heidi e meio rock'n'roll. Eu adorei, isso me fez sentir bem e eu precisava disso de uma maneira grande e honesta.

Então peguei meu telefone, rolei para baixo até “Joe Celular” e apertei *SEND*.

Ele atendeu no segundo toque.

—Yo.

—É Violet. Nós precisamos conversar. Venha aqui.

—Buddy, eu estou no meio de uma coisa.

—Você vem aqui ou eu vou aí e fazemos isso na frente de todos os garotos que estão demolindo a sua casa.

Ele ficou em silêncio, depois suspirou e disse:

—Dê-me dez.

—Você tem dez, ou então eu irei direto.

—Tudo bem, baby, relaxe. Eu disse que iria em 10.

—Certo.— eu disse ao telefone, em seguida, desliguei.

Eu tinha dez minutos e sabia o que faria com eles.

Eu atravessei a porta da frente, caminhei pelo meu quintal, cautelosamente pulei a cerca que separava a frente da casa de Tina e dos meus jardins, em seguida caminhei até a porta e bati.

Ela me fez fazer isso por algum tempo, em seguida, abriu a porta, seu rosto com um sorriso, porque sabia que isso aconteceria e ela queria, a cadela.

—Oi Violet.

Eu não a cumprimentei, apenas disse:

—Se ouvir que você espalhou sobre minha vida de novo, nós teremos problemas.

Ela colocou a mão no peito e disse com inocência totalmente falsa:

—Eu não sei do que você está falando.

—Donuts para os nossos meninos de azul, dizendo a Mike merda, você não tem ideia do que está acontecendo, é disso que eu estou falando. — desnecessariamente a lembrei.

A falsa inocência se dissolveu e seus olhos se estreitaram.

—Sei que você saiu da porta dos fundos de Cal usando a camisa dele. Sei que você está seguindo um bom homem como o Mike. E sei que isso é uma merda.

—Você está aí atirando pedras quando você se relaciona regularmente com um homem casado. — mandei de volta, a assisti zombar, mesmo quando ela vacilou e continuei. —Você não sabe de nada, Tina, mas mesmo que soubesse, não é da sua conta, então fique de boca fechada.

—Você me fará? — Ela perguntou, como se tivéssemos oito anos e teríamos uma briga verbal no recreio durante o ensino fundamental.

—Sim. — respondi, não com vontade de ser madura. —Eu tenho muita merda fodida acontecendo na minha vida, não preciso lidar com você.

Ela se inclinou para trás e zombou:

—O que você pode fazer comigo?

Eu decidi roubar a linha de Joe.

—Não sei, mas você força, serei criativa.

—Traga-o. — ela retrucou.

Dei de ombros e respondi:

—Está avisada.

Então me virei e corri para ver Joe parado no meu quintal, com os pés plantados, os braços cruzados sobre o peito, os olhos voltados para além de mim em direção a casa de Tina.

—O que foi isso? — Ele perguntou quando eu pulei a cerca novamente e cheguei perto.

—Nada. —respondi, passando por ele e mancando para a minha porta da frente e a atravessei.

Joe me seguiu e fechou a porta.

—Vi, o que foi isso?—Ele repetiu.

—Você e eu, acabamos. — anunciei novamente.

Ele cruzou os braços sobre o peito, olhou para mim e eu esqueci o quão assustador Joe poderia parecer. Ele nunca tinha feito a coisa de cruzar o braço e isso era super assustador.

—Eu perguntei duas vezes e farei uma última vez, que porra foi essa com a Tina?

Percebi que ele ignorou meu anúncio, então decidi respondê-lo para que pudéssemos chegar ao que eu queria entender, algo que Joe não me deixaria fazer se ele estivesse preso em Tina.

—Ela viu você nos levar embora ontem, e sair daqui de casa esta manhã. Ela decidiu levar donuts para a estação e, enquanto espalhava sua alegria de açúcar, compartilhou toda essa merda com os caras, Mike sendo um deles.

O rosto de Joe ficou duro e muito mais assustador e ele virou a cabeça na direção da casa de Tina para olhar para a minha parede.

—Mike e eu estamos bem, somos sólidos, ela está tentando agitar isso e eu disse a ela que não admito. — terminei, encerrando o assunto.

O rosto duro de Joe voltou-se para mim.

—Você e Haines estão firmes? — Ele perguntou.

—Sim, o que me lembra, você concordando ou não, nós terminamos.

Ele balançou sua cabeça.

Eu olhei e perguntei:

—Por que você está sacudindo a cabeça?

—Porque não terminamos.

—Nós terminamos.

—Nós não, e você não está vendo Mike de novo. — declarou ele.

Minha boca caiu aberta. Então perguntei:

—O quê?

—Você precisa dizer a ele que acabou.

Senti meus olhos se arregalarem e repeti:

—O quê?

—Faça hoje, ele é um bom homem, você precisa soltá-lo.

Senti meu corpo crescer lentamente, mas me inclinei um pouco para frente enquanto isso acontecia e perguntei de novo:

—O quê?

—Você é minha, as garotas são minhas. Estou reivindicando você agora e se me forçar, falarei com ele também.

Ele…

Ele…

Ele acabou de dizer que *eu era dele e as meninas eram dele*?

Ele acabou de dizer que *ele estava fincando sua reivindicação*?

Direto?

—Você está louco? — Eu respirei.

—Não.

Foi quando perdi. Ele estava construindo o dia todo, então não foi realmente uma surpresa.

—Você tem que estar brincando comigo! — Eu gritei.

—Não. — ele repetiu calmamente.

Eu dei um passo em direção a ele e disse:

—Você fodeu outra pessoa enquanto estava me fodendo.

—Eu menti, nunca fodi Nádia. — respondeu ele, ainda calmo como poderia ser.

Eu respirei fundo ao mesmo tempo em que meu torso balançou para trás.

—O quê?

—Eu menti, Buddy.

—Por que você fez isso?

—Não importa.

—Sim, importa! — Eu gritei.

—O tempo todo que estive com você, não fiquei com mais ninguém. Nem pensava nisso.

Eu balancei a cabeça, dando um passo atrás e depois dois, suas palavras me empurrando para a retirada.

Então parei e me juntei.

—Isso não importa, não me importo. Nós acabamos. Eu não voltarei para lá novamente.

—Você já está de volta.

Parei de sacudir a cabeça e olhei para ele.

—Eu não estou.

—Buddy, você está. Você nunca foi embora.

—Como você pode dizer isso? — Eu perguntei sarcasticamente.

—Você dorme com a minha camisa. — ele respondeu.

Oh porra. Por que eu era tão idiota?

—É confortável. — retruquei.

—E Kate me disse que, quando Mike passou a noite, ele fez isso no sofá. — continuou Joe.

—Ele fez isso porque está sendo legal com as garotas.

—Eu saí do seu quarto esta manhã Vi, e nenhuma delas piscou.

Eu dei os passos para trás novamente e depois mais alguns, indo direto ao seu espaço e afirmei:

—Sim, precisamos conversar sobre isso também.

—Não me engane sobre não querer isso. Você estava acordada quando eu me levantei esta manhã, não me deu merda, e não disse uma palavra porra, então não tente me chatear.

Como ele sabia disso? Ele era tão chato!

—Eu não queria uma cena na frente das meninas.

—Você queria que eu voltasse.

Sim, uma dor total na bunda.

—Eu não queria! — eu gritei.

Então ele se moveu rápido e eu recuei, mas bati na parede e ele chegou mais perto, com as mãos na parede perto da minha cabeça, me cercando.

—Afaste-se. — eu sussurrei.

—Você é minha, Vi.— Ele disse e do jeito que disse, me concentrei em seu rosto.

Muito assustador. Sinistro. E definitivamente sério.

Joe Callahan não era um homem para ser fodido, isso eu sabia e se eu não soubesse a voz e o rosto dele naquele momento, teria provado isso.

—Você o deixa te tocar, isso me irritará.— ele ameaçou.

—Mike e eu estamos juntos. — eu sussurrei.

—Não jogue esse jogo comigo ou com ele.

—Afaste-se. — repeti.

—Estou te avisando, Buddy, não jogue esse jogo.

Sacudi a cabeça e implorei:

—Joe, por favor, recue. Eu não preciso dessa merda.

—Então não force.

—Posso lembrar, meu irmão acabou de morrer! — Eu chorei.

—Sim, você perde essa atitude, eu posso ajudá-la a trabalhar essa dor.

Quem era esse homem? Ele segurou sua tragédia por dezessete anos, como ele poderia ficar lá e me dizer que ele poderia me ajudar a trabalhar com a minha?

—Realmente, Joe? Como você me ajudaria a resolver minha dor por perder Tim? — perguntei sarcasticamente.

—Isso não é o que eu estava oferecendo, Buddy, mas você quer que eu dê a você.

—Você é inacreditável — retruquei.

—Sou seu.

Isso me socou no estômago também, tão forte que acabou comigo e tudo que eu podia fazer era olhar para ele.

Tomando vantagem, com o rosto mergulhado perto e suas mãos enroladas em torno de ambos os lados da minha cabeça.

—Na primeira vez que você sorriu para mim na minha cama, foi quando aconteceu. — ele murmurou.

—Joe...

—Você está sob a minha pele.

—Por favor...

—Eu estou sob a sua.

Eu balancei a cabeça e seu rosto ficou ainda mais perto, tudo que eu podia ver eram seus olhos azuis celestes, e tudo o que eu podia sentir eram seus lábios a um sopro dos meus.

—Eu gosto de você lá, Buddy, e você gosta de mim lá também. Corte Mike. Deixe-o solto.

—Você não pode pertencer a ninguém. Você é Joe Callahan, um homem de uma só mulher. A única que você já pertenceu foi Bonnie, e ela a você e sempre vai, não importa o quão fodido, louco e triste seja.

Suas mãos apertaram minha cabeça e ele disse:

—Não ouça o que dizem. É uma merda.

—Você segurou por dezessete anos. — eu apontei.

—Ela matou meu filho. — ele respondeu e meu coração deu um pulo.

—Eu sei. —sussurrei e minhas mãos foram para a cintura dele, querendo tocá-lo, precisando, depois que ele disse aquelas palavras, e fiz isso porque eu era louca, *maluca*.

—Você me ajuda a deixar isso ir, baby, eu te ajudo com Sam.

Eu balancei a cabeça, mas minhas mãos apertaram sua camiseta em seus lados.

—Eu não posso voltar lá novamente com você.

—Por que não?

—Porque não sei quando você desistirá.

—Buddy...

—Você fez isso comigo duas vezes.

—Vi...

—E você fez isso para as meninas uma vez.

Eu o observei fechar os olhos, sabendo que tinha marcado um ponto e não me sentindo nem um pouco feliz com isso. Mas algo estava acontecendo aqui e por mim e minhas meninas, eu tinha que fazer certo desta vez.

Então eu empurrei a faca mais fundo.

—Comigo? Ok, Joe, mas não com minhas meninas.

Ele abriu os olhos e os trancou com os meus.

—Você sente, eu sei que sim. Você sabe que não acabou.

—Tem que acabar.

—Não acabou. Nunca acabará.

—Acabou, Joe.

Ele não respondeu, apenas olhou nos meus olhos.

Então sua boca se moveu até tocar a minha.

Apenas com aquele toque, nem mesmo um beijo, meu corpo ficou mole, minhas mãos pararam de apertar sua camisa e deslizaram para suas costas e um gemido saiu para fora da minha garganta.

—Diga a você mesmo, baby. Mas, olhe para isso —ele murmurou, sua voz suave não exultante, nossos olhos ainda trancados— você é minha.

Então sua boca foi embora, mas ele inclinou a cabeça, deixou a minha ir, beijou meu pescoço e se afastou, saiu pela porta e eu o observei pela janela enquanto ele passeava pela minha calçada da frente até a casa dele.

Eu fiquei lá, pressionada na parede por um longo tempo. Demorou um pouco, até que percebi que respirava pesadamente.

Então escorreguei pela parede, joelhos até o peito. Eu passei meus braços em volta das minhas panturrilhas e me abracei apertado.

Então puxei meu telefone do bolso de trás e liguei para as minhas meninas.

Eles me disseram que estavam lá, na cabana, desempacotadas e Dane e seu pai tinham o barco na água. A cabana era *muito legal* e o lago era *fenomenal*. Elas estavam se preparando para sair no barco e pareciam felizes e animadas.

Eu tomei a decisão certa, as fazendo ir. Elas tinham outras coisas para pensar, coisas boas.

Sam ficaria feliz.

Quando terminei de falar, desliguei meu telefone.

Isso é o que eu precisava, exatamente o que precisava.

Não duraria muito, mas era algo.

Levantei-me do chão e fui buscar Mooch.



Sentei-me usando a camiseta de Mike na grande cama de Mike, minha bunda no colchão, meus ombros na cabeceira da cama, um pote de sorvete de massa de biscoito com gotas de chocolate derretendo na minha mão.

Mike estava estendido ao meu lado, a cabeça na mão, o cotovelo no travesseiro, os olhos em mim, vestindo calça de pijama e nada mais, ele tinha um bom peito, abdômen inacreditável, todo o show mais magro do que de Joe, não tão volumoso, não cicatrizado, mas ainda incrível.

Layla estava deitada de lado no final da cama, Mooch enrolado em seu peito. Ambos desmaiados devido ao fato de terem passado as últimas quatro horas praticamente destruindo o quintal de Mike.

Meu celular estava colado ao meu ouvido e Dane Gordon estava sussurrando para mim através dele.

—Ela ficaria brava, Sra. Winters, eu te contando isso.

—Tudo bem, Dane, eu não direi a ela que você ligou.

—Você fará isso? Amanhã de manhã? Para ambas?

—Sim, Dane, eu ligarei.

—Nós voltaremos no sábado, então teremos outro dia e elas não sentirão que estragaram minhas férias com meus pais, e Kate me deixará ficar em casa para que eu possa estar por perto ... hum, para ela, você sabe ...

Merda, mas gostava desse garoto.

—Diga a seus pais que o manterei alimentado. Você quer... —Droga, eu faria isso? Sim, eu farei isso. —Você pode dizer a eles que deixarei você dormir no sofá.

Mike fez um barulho de asfixia que soou como uma risada engolida.

Eu olhei para ele.

—Sim?— Dane perguntou no meu ouvido, aliviado porque Kate foi cortada sobre seu tio, e não queria ficar longe de sua namorada, então o sofá estava tão perto quanto eu permitiria que ele estivesse.

—Sim, Dane.

—Ok.— ele disse e ele parecia aliviado. —Tenho que ir, obrigado Sra Winters.

—Sim. Tchau Dane.

—Até mais tarde.

Eu deslizei meu telefone desligado e Mike o pegou da minha mão e jogou em sua mesa de cabeceira, em seguida, se virou para mim.

—Querida, você é a maior merda que já vi.

Eu deslizei minha bunda pela sua cama, puxando sua camisa para baixo enquanto fazia isso para não expor minha calcinha e implorei a ele:

—Por favor, atire em mim.

—É uma cama de seis mil dólares, querida, eu não quero um buraco de bala nela.

Eu olhei para ele novamente, então eu joguei meu braço sobre os olhos.

Ele puxou o sorvete da minha mão, eu o senti virar na cama, então ele voltou e me puxou para seus braços.

Eu me mexi, então minhas mãos estavam em seu peito e olhei para ele.

—Fale comigo. — ele ordenou em voz baixa.

—Bem.—eu cheguei mais perto —Dane diz que Kate e Keira estão se divertindo muito, mas é tudo um ato. Ele diz que estão tristes, apenas disfarçando. Que elas querem estar em casa, e estão falando sobre mim o tempo todo. Mas ele acha que elas não estão pedindo para voltar para casa porque querem que peça isso para elas. E ele diz que eu deveria ligar, dizer que eu quero que elas voltem para casa que isso as deixarão aliviadas. Mas se eu lhes der outro dia lá, eles fazem o seu dever para Dane e seus pais, mas também chegam em

casa para mim. Dane dirigiu também para que eles tivessem um carro extra se as garotas quisessem voltar ou fazer algo para que ele pudesse trazê-las de volta.

—Bom garoto. — Mike murmurou.

—Sim. — sorri para ele —Kate não herdou muito de mim, mas ela tem o meu gosto em homens.

Mike começou a rir e rolou para perto de mim, seu rosto indo para o meu pescoço, onde ele me beijou e então sua cabeça subiu.

—Kate é exatamente como você.

Eu pisquei para ele.

—O quê?

—Kate. Ela é você. Totalmente.

—Ela parece com o Tim.

—Sim, mas ela age, anda e sorri como você. Keira também tem seu sorriso.

—Mesmo?

—Sim, querida. Elas são lindas, mas quando sorriem... — ele falou isso e sorriu para mim.

Mudei minha mão do peito para o rosto dele e sussurrei:

—Mike.

Ele virou a cabeça e beijou minha palma. Então ele baixou a cabeça, tocou sua boca na minha e meus braços se envolveram ao redor dele.

—Eu gosto de estar aqui, com você. — disse contra sua boca.

Sua cabeça surgiu e seus olhos encontraram os meus.

—Eu também gosto, querida.

Então, por alguma razão, matando um ótimo humor, deixei escapar:

—Eu não consegui resolver as coisas com Joe hoje.

Suas sobrancelhas se uniram e ele perguntou:

—Você não falou com ele?

—Eu falei, ele meio que... não deu ouvidos.

Mike rolou para as costas, mas continuei e fui com ele enquanto ele murmurava:

—Porra, Vi.

Levantei-me em um cotovelo e olhei para ele.

—Você pode recuar, querido, enquanto eu resolvo isso com ele.

Seus olhos se encontraram nos meus.

—Você quer que eu faça isso?

Eu queria, para ser justa com ele. E eu não queria, sendo totalmente egoísta.

—Sim, para ser justa com você. — eu disse e senti seu corpo tenso. —Não, para ser totalmente egoísta. — eu terminei, expressando meus pensamentos em voz alta, então eu disse — Mas agora sei onde Joe está e se eu não fosse eu, mas um amigo, eu aconselharia a dar um passo atrás.

—Eu tenho que me preocupar com essa merda?

—Não.

Ele estudou meu rosto e disse:

—Tem certeza?

—Não.

Ele olhou para o teto. Eu caí e pressionei minha testa em seu peito.

Depois de algum tempo, senti sua mão deslizar no meu cabelo.

—Essa é a situação de "*que vença o melhor homem*", querida?

—Eu não sou um prêmio, Mike. — eu disse ao seu peito.

—Sim, você é, Vi, o melhor porra de prêmio que existe.

Minha cabeça subiu e olhei para ele.

—Estamos falando de corações, aqui. Você não joga jogos com corações.

Ele se levantou nos cotovelos, mas não quebrou o contato visual quando declarou:

—Você está errada. Apenas os jogos que valem a pena são os jogos do coração.

—Alguém perde. — eu sussurrei e ele sorriu, fez um movimento de abdominal e seus braços em volta de mim.

Ele me rolou para as minhas costas, me cobriu com o corpo e colocou a boca na minha antes de sussurrar:

—Hoje à noite, eu ganho.

Então ele me beijou.

Então ele começou a me ganhar.

Pelo menos pela noite.

E ele fez.

Capítulo Dezesseis

Tenho que te lembrar

Na manhã seguinte, Mike me deixou em sua casa em sua cama depois que eu lhe dei um beijo sonolento e voltei a dormir, enquanto ele ia para o trabalho, me levantei, tomei um banho, me preparei para o dia na casa de Mike e fui para casa.

Eu tinha Mooch em um braço, minha bolsa pendendo da minha mão, meu controle remoto e chave na minha outra mão e entramos em casa, largando minha mochila e Mooch, que começou instantaneamente a latir para algo em direção à cozinha.

Quando fechei a porta, me virei e olhei.

Joe estava de pé ali, a mão encostada no balcão, o telefone no ouvido, os olhos, ou eu deveria dizer olhos irados, me prendendo no lugar.

—Sim. — disse ele ao telefone, seus olhos nunca me deixando enquanto eu estava congelada, olhando para ele. — Você entendeu. Não se preocupe. —Ele fez uma pausa e disse:— Sim, mesmo quando você voltar. —Ele fez uma pausa

novamente e disse:— Eu direi a ela. —Outra pausa então, — Sim, mais tarde garota.

Então ele desligou o telefone e jogou no balcão.

—O que você está fazendo aqui? — Eu sussurrei, Mooch de alguma forma lendo o meu tom de voz, sentou-se ao meu pé e olhava de mim para Joe.

—Era Kate. — respondeu, seus olhos ainda me espetavam.

—O quê? — perguntei.

—Ela ligou ontem, preocupada com você estar sozinha. Nós fizemos um acordo.

Isso não soou bem.

—Você ...— eu hesitei —fez um acordo com a minha filha?

—Sim. — ele respondeu, sem se mover, ficando inclinado casualmente contra o balcão enquanto falava. —Ela e Keira me ajudam com a minha casa. Eu me mantenho perto e mantenho você segura.

—Você fez um acordo com minhas filhas?— Eu repeti, embora com uma nuance assustadora de mudança para uma palavra.

—Funciona para mim, visto que não tenho cozinha, banheiro ou móveis. Agora, ficando com você, eu tenho.

Meu peito se apertou.

—Ficando comigo?— Eu respirei.

—Ela ligou agora para checar.

Olhei para o telefone dele e depois para ele, lamentando o dia em que eu programei o número de telefone de Joe nos telefones das minhas filhas.

—Eu...

Joe me cortou.

—Você passou a noite com ele.

Eu me recompus e disse:

—Isso não é da sua conta.

—Pensei que me fiz claro ontem, Vi.

—Sim, você se fez e eu me fiz muito clara também.

—Sim, baby, você fez, porra gemendo no minuto em que minha boca chegou perto.

Merda, tudo bem, ele meio que me colocou lá.

—Joe...

—Eu lhe disse para não jogar esse jogo.

—Joe...

—Você jogou.

Eu decidi que era uma boa ideia começar a recuar, então eu fiz. Mooch começou a latir. Joe ficou parado imóvel.

—Eu gostaria que você saísse. — eu disse a ele.

—Você esqueceu. — ele disse e eu parei de me mover para trás.

—Esqueci o que?

—Não imagino como. Eu não esqueci. Eu sinto você à noite, mesmo sentindo o cheiro de você, pensei que era o mesmo para você.

Suas palavras e tudo o que elas significavam me inundaram e parei de respirar.

—Tenho que lembrá-la. — ele murmurou.

Nós trancamos os olhos.

Então ele se mudou.

Eu me virei e corri.

Mooch me seguiu, pensando que era um jogo.

Não era um jogo e eu estava muito devagar. Joe me pegou, me girou e me colocou por cima do ombro e entrou no meu quarto.

—Joe! Coloque-me no chão! —Eu exigi, empurrando contra suas costas.

Ele fez. Curvando-se na cintura e me jogou na cama.

Eu me virei e fiquei de quatro, lutando.

Ele pegou meus tornozelos, puxou-os, meus joelhos saíram de debaixo de mim e ele me puxou para ele, torceu-me para as minhas costas, em seguida, ele caiu em cima de mim.

—Joe... — Eu tentei, mas a mão dele estava no meu cabelo, com o punho cerrado, ele inclinou a minha cabeça e sua boca bateu forte na minha.

Porra do inferno, mas foi isso. Era insano, mas isso era tudo que ele tinha que fazer.

Ele estava errado. Eu lembrava. Lembrei-me de cada segundo com ele, mesmo quando não estávamos fazendo sexo, e eu sentia falta dele. Deus, muito, eu tive que enterrá-lo, cobrindo-o com tudo que tinha para que eu não quebrasse.

Mas tudo voltou, a saudade, a dor, a fome, tudo o que éramos, tudo o que eu queria que fôssemos e era tudo o que havia.

Nós rasgamos as roupas um do outro, arrancando-os enquanto lutávamos pela supremacia, beijando, lambendo, mordendo, tocando, arranhando.

—Cristo, baby. — Joe rosnou quando minha mão envolveu firmemente em torno de seu eixo rígido.

—Eu senti sua falta. — eu sussurrei minha admissão, porque, eu não sabia. Acabou de sair de mim.

Seu rosto desapareceu no meu pescoço e sua boca no meu ouvido, ele ordenou:

—Abra suas pernas para mim, Buddy.

Eu fiz, ele deslizou entre então, sem demora, ele me penetrou, enchendo-me.

Minhas mãos deslizaram em seu cabelo longo e eu gemi:

— Baby.

—Envolva suas pernas ao meu redor, querida.

Eu fiz e usei os calcanhares cavando em suas costas para levantar meus quadris e ele entrou mais rápido, mais duro, mais profundo.

—Bom Cristo, você é tão gostosa. — ele gemeu no meu ouvido.

Era discutível, mas eu percebi que ele era mais gostoso, embora eu não fosse discutir o ponto naquele momento. Em vez disso, envolvi-o com mais força, sua boca veio à minha e ele me beijou.

Não muito tempo depois, eu estava perto, sua boca estava na minha, mas de alguma forma ele podia sentir isso chegando.

—Diga meu nome.

—Joe.

Ele enterrou seu pênis profundamente e perguntou:

—A quem você pertence?

Fechei os olhos e sussurrei:

—Você, Joe.

—É isso — ele rosnou contra a minha boca, dirigindo profundamente e eu senti isso quando ele pediu —goze para mim, baby.

—Ok. — eu respirei e gozei, enorme, forte, longo, incrível, envolvendo-o apertado, segurando-o perto, puxando-o profundamente, como o orgasmo que ele me deu e tinha-me em seu aperto e era tão bonito, eu não queria que me deixasse ir.

Eles sempre eram assim, e mesmo com o espetacular orgasmo que Joe me deu, eu relaxei a tempo de ouvir e sentir Joe gozar.

Depois, Joe ficou em mim profundamente, sua mão emaranhada no meu cabelo, a outra na minha bunda, seu peso solto em mim, sua boca se movendo no meu pescoço e foi então que percebi que eu realmente era uma puta.

Mike e eu não tivemos relações sexuais ontem à noite, mas nós brincamos muito, mais do que nunca. Mike me deu um orgasmo com a boca e eu devolvi o favor. Eu não sabia por que ele se afastou do ato, talvez ele sentisse que eu não estava pronta. Mas o que fizemos foi ótimo, brilhante, e ele era um amante gentil, tanto quanto eu poderia dizer, tomando seu tempo, como seus beijos furtivos, começando a construir a queimadura, paciente, mas, no final, exigente.

Eu gostei muito.

Mas não tanto quanto o que acabei de ter.

Dois orgasmos de dois homens diferentes em menos de doze horas.

Sim, eu era uma puta.

Quando cheguei a esta conclusão, Joe se moveu, puxando-me e movendo-me com ele, endireitando-nos na cama, empurrando as cobertas para baixo, colocando-nos sob o lençol, empurrando o edredom e puxando o lençol até a cintura.

Eu não lutei, briguei ou disse qualquer coisa, enquanto ele me colocava nele. Minha mente estava em branco. Não, não em branco, congelada em desgosto comigo mesma.

Então eu voltei para o quarto e vi que ele modificou um pouco nossa posição habitual, onde eu tinha a cabeça no ombro dele, meu corpo pressionado ao seu lado.

Ele me puxou parcialmente sobre ele, minha bochecha contra seu peito entre seus peitorais, seus dedos envolveram meu pulso, posicionando meu braço ao redor de seu quadril, seu joelho subiu, enganchando minha perna na coxa dele, então minha panturrilha caiu entre as pernas dele e eu estava semi-abrangendo sua coxa.

Eu podia ouvir seu coração batendo, firme, forte. Eu nunca tinha ouvido isso antes ou nunca percebi e sua força estranhamente o definiu. Forte, vital e vivo.

Ele também puxou o lençol sobre nós, até a cintura. Isso era algo que, inconscientemente, eu fazia com ele entre os nossos momentos. Eu ficava completamente confortável com a nossa nudez enquanto estávamos no ato, mas vulnerável quando não estávamos. Então eu puxava o lençol até a cintura, não mais alto dali. Mesmo depois de anos com Tim, eu fazia o mesmo.

Tim nunca havia puxado o lençol. Joe notou e puxou.

E ele se lembrava de mim, como eu me sentia, cheirava. Como eu, ele se lembrava à noite quando estávamos separados.

Eu respirei fundo.

Seus dedos deslizaram em meu cabelo.

—Levarão dois meses para concluir a renovação da casa. — disse ele de repente e eu pisquei então percebi que ele estava começando a conversa no meio de novo e meu âmago ficou aquecido e suave com a memória de algo, de Joe, algo que pensei que nunca mais teria e me guiei contra isso, mas eu sabia que era um esforço inútil. —Levou-lhes um dia para destruí-la, mas levarão dois meses para renová-la. — concluiu ele.

Fiquei em silêncio porque não tinha nada a dizer, mas também porque minha mente não estava mais congelada e vazia. Agora havia tanta coisa no meu cérebro que não conseguia pensar direito.

—As meninas, irão comigo comprar carpete, tintas, armários, essas merdas. Esse é o nosso acordo. — continuou Joe.

Deus, Keira estaria amando isso. Kate também.

Eu estava ferrada.

—Em troca, estou na cidade, fico com você.

Minha cabeça surgiu com isso e eu olhei para ele e disse:

—Joe...

Eu não disse mais porque sua mão ainda estava no meu cabelo. Ele deslizou para o meu pescoço e me puxou para cima, levantando sua coxa para ajudá-lo nesse esforço, sua dureza pressionada entre as minhas pernas, uma área ainda sensível, significando que o sexo era bom. Quando meu rosto estava perto do dele, sua mão voltou para o meu cabelo e

puxou minha boca para baixo para me dar um beijo contundente, mas curto, de boca aberta.

—Adoro quando você diz meu nome, baby. — ele murmurou contra a minha boca quando terminou de me beijar. Senti meu corpo amolecer, minha cabeça confusa ficando em branco novamente enquanto olhava nos olhos dele e ele continuava. —Sinto no meu pau o tempo todo.

Minha cabeça deu um pequeno empurrão e eu falei:

—Você sente?

Ele sorriu.

—Sim.

Eu gostei quando ele sorriu. Joe não sorria muito, então toda vez que acontecia eu sentia como um presente.

Mas ainda assim, eu disse:

—Isso é estranho.

Seu sorriso tornou-se um riso suave e ele me rolou para as minhas costas, principalmente me cobrindo com seu corpo, sua coxa erguida ainda pressionada entre as minhas pernas.

—Você não ouve quando diz isso. — ele me disse.

—Eu ouço isso.

—Não, você não é um cara, então você ouve, mas não como eu. Do jeito que você diz “Joe” todos os homens gostariam que esse fosse o nome deles.

—Tudo bem. — eu respondi porque eu realmente não tinha mais nada a dizer sobre essa afirmação, e porque eu

estava ocupada tentando ignorar o adorável sentimento que aquela declaração me fazia sentir.

Ele inclinou a cabeça e beijou meu pescoço, em seguida, suas mãos começaram a andar e sua coxa se moveu um centímetro mais alto.

Eu mordi meu lábio.

—Joe?

—Sim. — ele perguntou ao meu pescoço.

—Você, hum ... não pode ficar aqui.— Sua cabeça saiu do meu pescoço, suas mãos pararam e ele olhou para mim, então continuei a falar. —Porque, hum... Dane ligou e disse que as garotas estavam fingindo que se divertiam. Ele e eu fizemos um acordo ontem. Preciso chamá-las agora e pedir que voltem para casa. Elas voltarão no sábado e eu me comprometi com Dane e seus pais que ele poderia dormir no sofá.

—E?— Joe perguntou.

—E Dane estará dormindo no sofá, então você não poderá dormir lá.— Esta era uma das duas razões pela qual ele não podia, Mike era a outra, mas eu pensei em começar com Dane, porque mencionar Mike poderia fazer Joe puto, e Joe nu e bravo significava que eu agiria de novo como uma puta, ou mais como uma, o que quer que isso fosse.

—Não dormirei no seu sofá, Buddy. — ele me disse.

Eu pisquei e então finalmente entendi.

—Você não pode dormir comigo.

—Estou na sua cama agora. — ele apontou.

—Sim, mas você me levou para isso e me jogou nela.

—Você não lutou contra, Vi, e apontando o óbvio, continua não lutando.

Ele estava certo, então eu me afastei, ou melhor tentei me afastar, mas Joe me deu mais do seu peso, o que significava que a resistência era inútil.

Então gritei com ele e exigi:

—Saia!

Parecia que ele estava tentando não rir, um novo visual, um bom.

—Tarde demais.

—Fora.

—Você gosta de mim aqui.

—Fora! — Eu gritei.

—Você sentiu minha falta, você mesma me *disse* Buddy.

Deus, eu fiz isso, apenas deixei escapar.

Fechei os olhos e desviei a cabeça, mas, mesmo fazendo isso, pude ouvir seu riso suave e *senti-lo* contra o meu corpo.

Eu não queria gostar, mas gostava.

Então algo me ocorreu e meu corpo ficou tenso e minha cabeça endireitou-se com um estalo, meus olhos se abrindo.

—Merda. — eu sussurrei.

—O quê?— Joe perguntou.

—Você ouviu isso?

O rosto de Joe instantaneamente ficou sério, a cabeça inclinada para escutar, em seguida, ele olhou para mim e sua voz era séria também quando perguntou:

—O que, Buddy?

—Nada. — eu disse a ele.

—Me explique.

—Nada!— gemi. —Merda, não ouvir nada significa que Mooch está se metendo em confusão.

Se Keira não estava por perto e ela era boa em cuidar de seu cachorro, então era eu quem tinha que lidar com Mooch, e o cão, sendo um filhote muito ativo, era muito para lidar.

Eu não podia fazer isso com um homem grande e nu em mim.

Então, de repente aquele homem grande e nu não estava em mim. Ele estava ao lado da cama e puxando sua calça jeans.

Eu olhei enquanto ele saía do quarto.

Então eu puxei o lençol até meu peito, sentei na cama, dobrando meus joelhos e observando a porta, curiosa apesar de tudo sobre o que ele faria. Tão curiosa, não saí da cama, vesti minhas roupas ou corri para bem longe. Em vez disso, esperei.

Não minutos depois, Joe voltou com um cão se contorcendo debaixo de um braço e minha bolsa na outra mão.

Ele jogou Mooch na cama e minha bolsa na mesa de cabeceira.

Mooch correu para mim e deu um pulo, me lambendo com sua língua de cachorrinho e me encharcando com a respiração.

—Precisa de uma cama de cachorro nova, Vi. — declarou, enquanto eu dava uma massagem em Mooch atrás das orelhas e meus olhos foram para Joe.

—O quê?

—O cachorro comeu a outra. — Joe me disse, puxando meu celular da minha bolsa.

—Ele comeu?— perguntei, imaginando que se ele tinha cama de cachorro em seu estômago, isso significava uma conta do veterinário em breve.

—Nem tudo, mas ele fez um número sobre isso.

—Merda. — sussurrei.

Joe jogou meu telefone na cama e esperou depois que ele fez isso, pegando o cachorro, esticando as costas e prendendo o filhote no peito nu.

—Chame suas garotas. — Joe ordenou enquanto Mooch lambia seu queixo.

Eu olhei para Mooch lambendo o queixo de Joe e a maneira como ele aceitou isso sem olhar com raiva, ou sinistramente, ou fodão. Bem, ele ainda parecia foda, mas não zangado ou sinistro, e me senti amolecer novamente.

—Querida, as meninas. — Joe solicitou quando eu não me mexi.

Ele estava me chamando muito de querida ultimamente e, estupidamente, eu também gostava disso.

Ele me ensinou uma lição, duas vezes, que queimava tão profundamente que pensei que nunca esqueceria aquela noite, na casa dele, com Joe naquela cadeira, me dizendo que transou com outra pessoa. E aqui estava eu, exatamente onde comecei.

E também gostei disso.

—Certo. — sussurrei, peguei o telefone da cama e liguei para minhas filhas.

Joe levou o cachorro do peito para a cama e Mooch começou a morder os dedos dele. Mooch mordia muito e isso não era bom. Tudo começava bem, mas depois doía.

Enquanto meu telefone chamava o de Kate, notei que Mooch estava o mordendo, mas Joe não o empurrou, nem estremeceu.

—Oi, mamãe!— Kate gritou alegremente em meu ouvido, e ouvi instantaneamente que Dane estava certo, ela estava fingindo.

—Hey baby. — respondi.

—Tudo bem?— Kate perguntou.

Meus olhos foram de Mooch para Joe para ver que sua cabeça estava voltada para os travesseiros, um braço inclinado, a mão atrás da cabeça e ele me observava.

—Na verdade, não. — eu disse a Kate, movendo os olhos do rosto de Joe para seus pés, que estavam cruzados nos tornozelos e expostos sob as bainhas de seu jeans.

A voz de Kate ficou preocupada e perguntou:

—Porque?

—Bem... eu não quero, hum...é só que... você acha que você e Keira poderiam voltar para casa um pouco mais cedo?

—Você está bem?

—Sim, estou bem, eu meio que quero vocês em casa comigo. Você acha que o pessoal de Dane se importará?

—Não — ela disse imediatamente —eles entenderão.

Sim, minha garota queria voltar para casa.

Agora confirmou. Dane era um bom garoto e eu fui forçada a gostar dele, até amar o cara.

Merda.

—Dane pode hum...— Droga! Olhei de volta para Joe e arregalei os olhos para ele, mas ele apenas ergueu as sobrancelhas e então eu disse: —Se os pais dele permitirem, nós cuidaremos dele. Eu sei que ele tem dezessete anos, mas ele pode ficar com a gente, dormir no sofá e eu o manterei alimentado.

—Sério?— Kate sussurrou.

Parei de olhar para Joe, baixei a cabeça aos joelhos e disse:

—Sério.

—Eu acho que eles serão legais com isso. — ela me disse e parecia genuinamente feliz agora.

Eu virei minha cabeça, colocando minha têmpora no joelho e vi Joe sorrindo para mim.

Lá estava, fiz a coisa certa.

—Bom, querida, mas aproveite hoje. Fique bem e volte para casa amanhã. —disse a ela— Mas faça isso de forma segura e lenta, sim?

—Ok.

—Me ligue antes de sair para que eu saiba quando te esperar.

—Ok.

Eu decidi dar a ela mais, para olhar para frente e compartilhar:

—Sua vó e vovô estão chegando no próximo final de semana.

—Esplêndido! — Ela gritou e eu sorri, meus olhos caindo para Mooch que estava indo direto na mão de Joe e, eu não pensando, com Kate no meu ouvido, falei com Joe.

—Joe, sua mão não é um brinquedo de mastigar.

— Baby, ele está bem.

—Nós não o deixamos mastigar nossas mãos assim.

—Ele está bem, Vi.

—Pare ele.

—Querida, eu disse ... ele está bem.

A maneira como Joe disse isso me fez olhar para ele e apertar minha boca fechada. Definitivamente acabou de me dizer que Mooch podia mordê-lo.

—Joe está com você?—Kate perguntou, parecendo mais do que feliz agora, soando excitada.

Eu tirei meus olhos de Joe e percebi que estava nua na cama com Joe e Mooch, conversando com minha filha, que estava animada por Joe estar comigo.

Deus, *vagabunda total.*

E também, totalmente ferrada.

—Sim.

—Ele está ficando conosco, sabe, enquanto a casa dele é renovada. Ele contou a você?

—Sim.

—Keira e eu achamos ótimo.

—Keira achou?

—Sim.

—Mesmo?

—Sim.

Cem dólares.

—Quanto do dinheiro de Joe ela gastou? — Eu perguntei e Kate riu.

—Nós demos a família de Dane o dinheiro que você nos deu por comida e outras coisas, mas não tivemos tempo de ir às compras nem nada assim.

—Você volta, o que quer que você tenha deixado, você devolve.

—O quê? — Kate perguntou.

—O quê?— Joe roncou.

Eu ignorei Joe e disse a Kate:

—Quando você voltar ...

Eu não terminei porque Joe sentou-se, pegou o telefone da minha mão e colocou no ouvido dele.

—O dinheiro é seu, garota. Não dê ouvidos a Vi.

—Joe!— Eu bati.

Ele assentiu e disse:

—Sim. Tudo está bem aqui. Diga a Dane para lembrar o limite de velocidade e que ele tem carga preciosa. Sem brincadeira.

Minha raiva desapareceu, meu corpo se acalmou e minha boca se abriu ao ouvir Joe soar como um pai.

—Certo, até amanhã. Tchau. —Então ele desligou meu telefone.

Eu olhei para ele, em seguida, para o meu telefone, em seguida, de novo para ele.

—Eu gostaria de dizer tchau, também.

—Sim, e você diria outra merda. — Joe disse quando se virou e jogou meu celular na minha bolsa.

—Como o quê?

Ele se virou, suas sobrancelhas se uniram e Joe ficou com aquele olhar sinistro quando perguntou:

—Devolver meu dinheiro, Vi?

—Duzentos dólares é muito.

—Não, não é.

—Sim, é!

—Não, porra não é.

Ele estava ficando chateado, mas percebi que eu estava ficando mais chateada.

Eu me virei para ele e declarei:

—Joe, você não pode comprar minhas garotas.

Seu corpo ficou imóvel, seu rosto ficou duro e ele não falou por longos segundos, segundos que eu não sabia que ele estava usando para ganhar o controle.

Então, baixo e irritado, ele me disse:

—Eu não estou comprando, mas sim cuidando delas.

—Eles não são suas para você cuidar. — eu estalei e imediatamente ele se moveu.

Mooch pulou para longe e eu me vi arrancada da cama e de joelhos no colo de Joe, seus braços me fechando.

—Foi um momento de merda para você, o pior, mas você estava lá e as viu fazendo isso. Elas se arrastaram para esta mesma cama comigo, assim como você, e quando você fez, todas se tornaram minhas.

—Isso é insano. — informei a ele.

—É assim que é. — ele disparou de volta.

—Joe, não estávamos pensando, por conta da tristeza.

—Sim, e quando você está, você não se prende a um cara que você não conhece ou a um idiota que você odeia. Você pega o que é seu para se lembrar de que é o que tem e que você precisa disso.

—Isso não foi o que aconteceu.

—Buddy, você está nua no meu colo, suas garotas me querem em casa, você está chateada comigo, dizendo a si mesma que acabou e tudo que tenho que fazer é te beijar e você se torna selvagem. Essa merda acabou?

—Sim, duas vezes —o lembrei —e não importa os sinais que você me deu, Joe, não foi o que eu achei.

—Não estou lhe dando sinais desta vez, Vi, estou lhe falando diretamente e lhe contarei mais uma coisa, sempre escute seu instinto.

—Joe...

—Eu te disse que você me pertence, e estou dizendo que tenho certeza.

Senti meu coração começar a bater rápido e aquele sentimento na minha barriga novamente, o que eu gostava, então sussurrei:

—Pare com isso.

—E eu te contarei mais uma coisa. Estou arrumando a minha casa para vendê-la, estamos vivendo juntos a partir

disso, de Sam, de Hart, e estamos fazendo juntos, você, eu e as garotas e ao longo do caminho, eu quero um filho, nosso filho.

Eu parei e olhei para ele, suas palavras mais uma cambalhota no estômago, mas meu âmago já estava amolecido, caloroso, mesmo com o contrário me dizendo, eu senti aquela vibração.

Então perguntei em um sussurro.

—O quê?

—Você não está ok com isso, eu lidarei. As garotas serão tudo que eu preciso. Mas não estou te dizendo o que eu preciso, mas sim o que quero, e desejo uma criança com você.

—Oh meu Deus. — sussurrei e sua mão foi para cobrir a parte de trás da minha cabeça e dobrar para ele.

—Você tem muita merda na sua cabeça, eu sei, mas estou decidindo por você. Aí está a verdade. Isso é o que está acontecendo aqui. Agora, Buddy, você precisa cortar Mike ou eu farei isso por você.

—Joe...

—Você quer que ele saiba que você passou essa manhã com meu pau dentro de você, você continua jogando este jogo. Você quer fazê-lo sozinha, você termina com ele.

—Eu continuo tentando, mas ele é como você, não ouvirá.

—Então jogue. — Joe anunciou.

—Joe...

—Ele deveria escutar.

—Por quê? Você não escuta.

—Você não pertence a ele, você pertence a mim.

—Isso é loucura também!

— Baby, você me disse isso porra.

— Coerção sexual.

Ele me encarou por um segundo e começou a rir, rolando para minhas costas e me cobrindo com seu corpo novamente.

—Joe, sai de cima de mim!— Eu pedi, empurrando inutilmente em seus ombros.

—Não, sinta-se comigo te coagindo de novo. —ele disse no meu pescoço.

—Joe, pare com isso.

—Continue dizendo Joe, baby, você está me deixando duro.

Eu rosnei, ele sorriu contra a minha pele então, Senhor, ajude-me, ele levantou a cabeça, sua boca veio à minha e ele me coagiu e antes que eu gozasse eu lhe disse que pertencia a ele. Duas vezes.



Cal ficou de pé, encostado no caminhão, de braços cruzados no peito, no estacionamento da delegacia e esperou.

Demorou quinze minutos antes de Haines sair e quando ele saiu, foi junto com Colt.

Porra.

Os dois homens olharam para ele os olhos de Haines se estreitaram, Colt olhou para suas botas para não entregar nada.

Haines virou a cabeça para Colt, disse alguma coisa, Colt concordou e eles se separaram. Haines veio para Cal, Colt foi para o seu GMC.

Os olhos de Cal permaneceram em Haines enquanto caminhava até ele, mas Joe sabia que Colt não se afastaria muito. Confirmou quando Haines chegou e Cal olhou para Colt e viu seus quadris na parte de trás de seu GMC, seus olhos neles.

—Você tem algo a dizer?— Haines perguntou e os olhos de Cal voltaram para ele.

—Fique fora. — disse a ele.

Sua boca ficou apertada, então ele perguntou:

—Você está de gozação?

—Você está confundindo Vi. — explicou Cal.

—Eu estou? — Perguntou Haines, em seguida, disse: — Sim, você está me sacaneando.

—Isso não acabará bem para você. — continuou Cal.

—Não, Vi tomando uma decisão estúpida, Callahan, não acabará bem para ela. Estou apenas me posicionando para estar lá e juntar as peças.

Em sua insinuação, Cal quis se endireitar do caminhão, mas se forçou a ficar relaxado contra ele. Ele já havia ganho

observação como essa, por causa de suas histórias com as mulheres e sua história com Vi.

—Você acha que eu vou foder com ela.

—Você é filho de Joe Callahan.

Desta vez, Cal levou tudo para manter as costas em seu caminhão, porque seu pai, com certeza, não merecia essa observação, mas sua voz vibrou quando perguntou:

—O que porra isso significa?

—Isso significa que você é um homem de uma mulher só.

—Sim sou. Alguém ainda não te deu a pista que a única, não era a porra de Bonnie?

Ele marcou, direto. E assistiu a aterrissagem quando o queixo de Haines sacudia para o lado quase como se Cal o tivesse socado.

—Eu pensei que ela era.

Cal forçou sua voz a firme:

—Mas, não era.

—Tem certeza? — Perguntou Haines.

—Sim, tenho certeza. — respondeu Cal.

—E como você pode ter certeza?

—Porque nenhum Deus seria cruel o suficiente para fazer com que a única mulher que você ama, seja aquela que mata o seu filho.

Outra pontuação, outro soco direto. A expressão de Haines ficou travada.

Então ele mudou de tática.

—Você rasgou, praticamente todas as mulheres, que fodeu no condado. — Haines lhe lembrou.

—Sim, mas nenhuma delas era Vi.

Outra pontuação, um músculo tremeu em Haines, ele sabia que Cal falava a verdade.

—Ela gosta de você. — Cal informou a ele. —Ela quer o que teve de volta.

—Eu não sou Tim.

—Eu não estou dizendo que você é. Estou dizendo que você representa o que ela teve.

—Não é só isso, temos algo.

Cal sentiu seus dentes trincarem porque ele sabia que Haines falava a verdade.

A voz de Haines também se acalmou.

—E o que temos, você não pode dar a ela.

—A recíproca é verdadeira. — Cal retornou.

A voz de Haines era realmente suave quando ele perguntou:

—O que você pode dar a ela, Cal?

—Tudo. — ele respondeu e marcou novamente. Haines piscou.

—Ela precisa... — Haines começou.

Foi a vez de Cal amolecer sua voz.

—Eu sei o que ela precisa, Mike.

Eles ficaram olhando um para o outro em silêncio.

Cal quebrou o silêncio.

—Ela virá até você, para acabar com isso, terminar com você, desta vez deixe-a, mesmo que ao mesmo tempo ela tente te segurar.

Cal assistiu o rosto inteiro de Haines ficar duro quando o conhecimento penetrou sobre o que ele estava dizendo, e o quanto ele sabia do jogo que Vi estava jogando. Era um jogo que ela não sabia que jogava, não tinha a experiência, mas estava passando por cima de Haines do mesmo jeito.

—Ela tinha quinze anos quando Tim a convidou para sair, ela não tem ideia do que está fazendo. — afirmou Cal.

—Eu sei disso. — Haines disse.

—Ela está perdida, e com Sam morto, agora mais do que nunca. — continuou Cal.

—Você não está ajudando-a a se encontrar, Cal.

—Estamos todos perdidos, Mike. A melhor chance que temos é vagar por esta vida com as pessoas que importam.

Ele marcou novamente e não estava procurando por isso. Haines passou de bravo para vigilante.

—Você não a quer por ela, você a quer para você.

—Sim. — respondeu Cal instantaneamente — Não é isso que você quer?

—Eu a quero porque ela é Vi.

—E eu a quero pelo mesmo, mas porque ela é a única que pode me dar o que eu preciso.

—E o que ela recebe?

—*Ela consegue me dar o que eu preciso.*

—Legal. — Haines respondeu puto.

—É quem ela é, cara, você não percebeu isso? Não é isso que ela faz por você? Porque se não é, então você não a tem, nem de longe. Isso é o que ela é, é o que essas garotas são, é quem ela as fez ser. Elas existem para dar a você o que você precisa. Não é egoísmo, é assim que elas são. Porra, quando fui ao shopping com elas, Keira tentou ser minha personal shopper.

Cal sabia que isso lhe custava, mas Haines não pôde deixar de rir.

Então ele perguntou:

—Nenhuma merda?

—Ela pegou uma camisa rosa,— Cal disse a ele, em seguida, acrescentou: —florida.

Haines riu novamente.

Cal continuou.

—Ela já empurrou seu ombro em seu sovaco, e faz você colocar o braço em volta dela?

O humor fugiu do rosto de Haines, mas ele não respondeu nada.

—Kate faz isso? — Cal empurrou.

—Kate fez isso? — Haines sussurrou.

—Vi quando eu precisei dela, e Kate fez quando ela precisou de mim.

Haines fechou os olhos e desviou o olhar.

—Fique fora. — repetiu Cal, com a voz baixa Haines olhou de volta para Cal e, quando o fez, soube que havia vencido.

—Você fode com ela...

—Eu não vou.

—Você faz ...— ele deixou cair e Cal decidiu não se repetir, então Haines terminou. —Você não dá tudo a ela, eu estou de volta e estourarei a minha bunda para ficar com ela em vez de você.

—Eu sei disso, ela também, então acho melhor eu estourar a minha bunda para você não precisar.

—Não seria trabalho.

—Feito.

Eles novamente se encararam silenciosamente.

Então Haines quebrou o silêncio, mas falou em voz baixa.

—Você tem que saber que você está me matando, cara.

Cal falou em voz baixa.

—Eu sei, Mike.

E ele sabia. Não podia imaginar se afastar de Vi, não agora. Ele se afastou duas vezes pensando que era para o bem

deles dois e nem naquele momento foi agradável. Foi como arrancar a porra de um membro.

Ficar sem Vi para sempre o mataria.

Mas se soubesse que Haines tinha com ela, o que ele tinha, faria isso sabendo que o fazia por ela. Haines não era estúpido, sabia que ela estava amarrada em nós e uma mulher como Violet não ficava amarrada em nós por algo que não importava.

Cal importava para ela.

Haines sabia disso.

Então ele estava de pé.

—Foda-se. — Haines murmurou.

Cal não respondeu. Não havia nada a dizer.

Haines estudou Cal então disse:

—Qualquer outra pessoa, estaria fodendo a lua para você, Cal.

Cal permaneceu em silêncio, mas isso não o impediu de pensar que Mike Haines era um bom homem.

—Agora, eu não vou.— Haines terminou.

Cal levantou o queixo.

Haines assentiu então se moveu para se virar.

Por alguma maldita razão insana, antes que ele dissesse, Cal disse:

—Ela está lá fora.

Os olhos de Haines se encontraram nos dele.

—O quê?

—Quem ela for para você, está lá fora.

—Porra. — resmungou Haines.

—A minha mudou-se para a porta ao lado, cara. — apontou Cal.

Haines se virou completamente para ele e sua boca estava se contorcendo quando ele murmurou:

—Joe Callahan, romântico.

Cal encolheu os ombros. Haines queria ver desse jeito, porra, se Cal se importasse.

Ele se afastou do caminhão, soltando os braços e se virou para a porta. Ele pegou de vista Colt e quando fez isso, seu amigo não foi rápido o suficiente para esconder o sorriso.

Louco de merda.

Cal olhou de novo para Haines quando ele entrou no táxi.

Haines deu-lhe um aceno de cabeça.

Cal acenou de volta, entrou no carro e saiu da estação.

Seu telefone tocou enquanto dirigia. Ele puxou-o do bolso de trás, olhou para a tela, atendeu e colocou no ouvido.

—Oi Buddy.

—Joe.

Ouvindo-a dizer seu nome, ele sorriu para o para-brisa.

—É para quem você ligou, baby.

—Onde você está?

—No caminhão.

—Ok, mas onde?

—No meu caminho para o seu centro de jardinagem para comprar uma cama de cachorro.

Ele ouviu o silêncio.

Isso durou um pouco.

Então ele chamou:

—Vi?

—Sim?

—Querida, você me ligou, você realmente falará?

—Eu, hum ... preciso que você não venha para casa, quero dizer — ela disse as últimas duas palavras rapidamente, em seguida, continuou falando rápido —para a casa por algum tempo.

—Por quê?

—Estou tendo uma improvisada tarde de garotas.

Ele a deixou em sua barriga na cama depois de fazê-la se sentar em seu rosto até que gozasse, em seguida, transando com ela até que gozasse novamente. Ela nem se mexeu quando ele se inclinou, beijou seu pescoço, e sussurrou em seu ouvido que ele estaria de volta em algum momento.

Ele não saíra nem por uma hora. Agora ela estava tendo uma tarde de menina.

Isso significava que ela contaria às suas amigas tudo o que não a fazia feliz e ele não gostava de ninguém em seus negócios. Então ela receberia conselhos de merda. Então, talvez, ela fizesse algo estúpido.

—Quem está vindo? — Ele perguntou.

— Cheryl …— ela respondeu.

Não é bom, essa cadela era dura como pregos.

—Feb …— ela continuou.

Tudo bem, February era legal.

—Dee …— ela continuou.

Curinga. Dee Owens os chamava como ela os via, e Cal não tinha ideia de como ela o via.

—Jessie…

Porra, Jessie Rourke era uma louca.

—Mimi …

Cristo, ele fodeu duas amigas íntimas de Mimi VanderWal.

—E Jackie.

Cal relaxou.

Jackie Owens era a mãe de February, o sal da terra. Mesmo com o resto das mulheres naquele encontro, Jackie seria a voz da razão e não muitas pessoas eram estúpidas o suficiente para não ouvir a razão de Jackie, incluindo Cheryl Sheckle e Jessie Rourke.

—Então, hum ... depois, eu vou para casa do Mike. — Vi falou em seu ouvido.

Cal não respondeu.

—Então, hum ... nós precisamos conversar. — ela terminou.

—Eu vou para o escritório depois que eu tiver a cama do cachorro. Você precisa de mim para pegar alguma coisa?

Ela não respondeu à pergunta dele, ela perguntou:

—O escritório?

—Sim.

—Que escritório?

—Meu escritório.

—Você tem um escritório?

Ele foi tão fechado assim? Cristo, ele tinha.

—Sim, baby, eu tenho um escritório na cidade. Tenho uma garota chamada Lindy, que programa minhas reuniões, minhas orientações, envia faturas, faz os livros, organiza viagens, ordena o equipamento se eu fizer a instalação sozinho, merdas assim.

—Na cidade? Você quer dizer aqui?

—Sim.

—Lindy?

—Sim?

—Ela mora na cidade?

—Avon.

—Oh.

—A levarei para conhecê-la. — ofereceu Cal.

—Tudo bem. — Vi respondeu rapidamente.

Cal suspirou, em seguida, deixou ir e repetiu:

—Você precisa de mim para pegar alguma coisa?

Ela hesitou, em seguida, repetiu:

—Pegar alguma coisa?

—Café, leite, cerveja, qualquer coisa.

—*Mercearia*? — Ela respirou, como se o conceito de mantimentos fosse estranho para ela.

—Sim, Vi, a menos que o Armagedon tenha acertado enquanto eu estava fodendo você esta manhã e nós não percebemos, eu acho que as mercearias ainda existem e todas elas ainda estão estocadas.

Ele ouviu sua risada suave antes que ela engolisse.

Sua mulher, Cal percebeu, era uma louca.

—Vi?— Ele perguntou.

—Eu não bebo cerveja.

—Eu bebo, então nós precisamos disto.

—Você tem algumas na sua geladeira?

—Buddy, minha geladeira está no lixão.

—Mas não era uma geladeira perfeitamente boa?

—Sim, mas meu pai comprou na Sears trinta anos atrás, então eu não acho que Kate e Keira deixariam isso na cozinha que elas projetaram.

—Oh.— ela disse de um jeito suave e doce, que ele sentiu em seu pau como quando ela dizia o nome dele.

Ele ignorou e perguntou:

—Então precisamos de cerveja?

—Sim.

Cristo, essa foi uma longa conversa para começar a precisar de cerveja.

—Ok, fique comigo aqui, Buddy, e se concentre. Precisamos de mais alguma coisa?

—Eu não sei, o que você come?

—Qualquer coisa.

—Nós não temos Power Bars ou Gatorade ou qualquer coisa assim.

—Vi, eu não estou treinando para o Super Bowl.

—Certo. — ela sussurrou.

Cal começou a rir.

—O que é engraçado?— Vi perguntou sobre sua risada.

—Você baby.

—Como é isso?

—Gatorade?

—Bem, vi você malhando.— ela se defendeu.

—Então eu comprarei água. Você tem ovos?

—Sim.

—Bacon?

—Sim.

—Aveia?

—Sim.

—Então tenho tudo.

—Ok.

Ele entrou no estacionamento do jardim e encontrou um lugar.

—Estou no centro de jardinagem.

Ela parecia distraída.

—E Cheryl estacionou na calçada.

Ótimo, Cheryl chegou primeiro.

—Vi.— ele chamou.

—Sim?

Antes que Cheryl soltasse suas garras, Cal decidiu que agora era a hora de contar a ela.

—Você lembra daquele buraco? — Ele perguntou.

—O quê? — Ela perguntou de volta.

Ele não se repetiu, apenas disse:

—Você estava certa. Você e as garotas o fechou.

Ele tinha a atenção dela, sabia disso porque ela estava sussurrando quando repetiu:

—O quê?

—Não estou mais vazio.

Silêncio então:

—Joe...

—Estou cheio a ponto de rebentar, Buddy.

Um suspiro:

—Joe.

Isso fez seu pau se contorcer.

—Tenho que ir, baby.

—Joe...

—Mais tarde.

Ele desligou o telefone, pulou do caminhão e foi até o centro de jardinagem comprar uma cama de cachorro.



—E isso é um... — eu terminei a minha longa história e olhei ao redor da minha sala de estar.

Eu estava sentada de pernas cruzadas no chão. Feb ao meu lado, recostada em suas mãos, as pernas esticadas na frente dela, o bebê Jack rastejando sobre ela como se ela fosse uma trepa-trepa humano. Dee, Mimi e Jessie estavam no meu sofá. Jackie estava em uma poltrona, Mooch, exausto por

comer a sua cama de cachorro e correr ao redor do quintal comigo por uma hora, estava completamente adormecido no colo dela. Cheryl estava na outra poltrona.

—Deixe-me esclarecer isso, querida. — disse Jessie em voz baixa. —Seu irmão foi morto, o que? Há três dias?

—Seis. — respondi. —Eles o encontraram cinco dias atrás.

Ela assentiu.

—E, desde então, Joe Callahan e Mike Haines têm estado essencialmente frente a frente, sem trocadilhos, para chegar até você?

—Um ... meio que sim, mas não exatamente. —respondi.

—Baby, Cal te obrigou a uma reunião com todos os seus entes queridos voltando no funeral, sem mencionar que você estava conhecendo a família dele de Chicago, e é a família. Mike se entusiasmando, fazendo certo, se você o escolher, que você não se esqueça da casa da família, da cama de seis mil dólares e do animal de estimação da família, fazendo isso dando a você o negócio naquela cama, com o cachorro olhando. Eles estão definitivamente cara a cara. —Cheryl me informou.

—Caramba.— Jessie sussurrou.

—Tenho que dizer, vivendo toda essa vida e conhecendo Cal, há muitas garotas, algumas delas em um raio de uma milha desta casa, que dariam os dentes para comer pizza no

Vinnie's Pizzeria e aproveitar para deixar sua foto na parede da família.— comentou Mimi.

—Tenho que dizer, vivendo nesta cidade minha vida inteira e conhecendo Mike todo esse tempo, há muitas garotas, algumas delas na próxima maldita porta, que dariam os seus olhos para ter uma chance de mostrar a Mike Haines que nem todas as mulheres são vadias, egoístas, gananciosas e materialistas como Audrey. — observou Jessie.

—O mesmo poderia ser dito para aquela garota da casa ao lado querendo Cal. — disse Mimi.

—Eu acho que pode ser tomado como lido que Tina Blackstone saltaria sobre qualquer um e seria difícil para aquela mulher provar algo contra ser egoísta, gananciosa e materialista. — Jackie apontou. —Ela dificilmente é um bom exemplo para o debate.

—Cal. —Feb falou, colocando seu voto.

—Mike. — Cheryl atirou de volta.

—Cal é quente, mas, sério, ele é um cachorro.— Mimi colocou, olhou para mim e votou: —Mike.

—Meu palpite é que seus dias de cachorro se foram, então meu voto vai para Cal.— acrescentou Dee.

—Coloque seus nomes em um chapéu — Jessie sugeriu —não pode dar errado.

—Jessie! — Feb silvou.

—O quê?— Jessie perguntou, olhando em volta. —Estou errada?

—Joe Callahan.— Jackie declarou em uma voz pesada com autoridade maternal e experiência de vida, e todos os olhos se voltaram para ela.

—Sério, Jackie? — Perguntou Cheryl.

—Sério, Cher. — Jackie respondeu, sua voz não era mais pesada, mas gentil, ela olhou para mim e perguntou: —Você quer saber por quê?

Eu assenti.

—Porque, quando você fala sobre Mike, você parece uma mulher que está falando sobre um cara que você gosta. Você fala sobre Cal, você parece uma mulher que está falando sobre o homem que precisa para respirar.

Em suas palavras, parei de respirar.

—Jackie! — Dee sussurrou.

—Você sabe. — Jackie me disse. —Feb perdeu o homem que a ajudava a respirar, e não respirou por vinte anos até que ela o pegou de volta.

Meus olhos se moveram para Feb e ela sorriu para mim, então puxou Jack de suas pernas e em seus braços, fazendo um ponto não-verbal que falava alto, era uma maravilha que eu não fosse arrastada em suas ondas.

Eu olhei de volta para Jackie e disse a ela:

—Ele terminou comigo duas vezes.

—Mesmo os homens durões ficam com medo. — respondeu Jackie.

Senti meus olhos se arregalarem ao pensar em Joe com medo de qualquer coisa e perguntei:

—Com medo de mim?

—Querida, a última mulher que ele amou matou o seu filho.— Eu respirei fundo e ela perguntou: —Isso não te assustaria?

—Sim. — respondi —Mas ele dormiu com outra pessoa quando estava comigo.

—Ele disse que mentiu. — Jackie colocou.

—Mesmo que fosse uma mentira, por que ele mentiria, sabendo o quanto isso doeria? —pressionei.

—Para fazer você se machucar. Não tinha a força nele para deixar você ir, forçou sua mão para que você fizesse isso. — explicou Jackie. —O homem é forte, então acho que diz alguma coisa sobre o que ele sente sobre você.

—Isso é loucura. — murmurou Cheryl.

—Você alguma vez fez algo totalmente irracional para se proteger? — Jackie fez sua pergunta na direção de Cheryl e continuou. —Ou para o Ethan?

Cheryl mordeu os lábios, o que foi sua resposta não-verbal.

Os olhos de Jackie voltaram para mim.

—Ele é um cara grande, assustador, feroz, duro e por tudo isso enquanto ele está dando a você através do toque, você não tinha ideia de que você fazia a mesma coisa para ele.

—Mas ...— Comecei, mas Jackie balançou a cabeça.

—Você perdeu seu homem, seu irmão, e querida, meu coração está com você, isso é horrível. Ele perdeu sua mãe, pai e filho, os dois últimos por causa da mulher que ele escolheu, uma que ele trouxe para a casa de seu pai, que ele deixou trazer seu filho para este mundo. Esse é um fardo que ele carrega por algum tempo e meu palpite é que esse fardo é pesado. Vocês dois vêm com tanta bagagem, que é uma maravilha você não ser esmagada. E essa é a coisa, nenhum de vocês fez. Vocês encontraram um ao outro. É hora de descarregar esse fardo e encontrar alguma alegria. — avisou Jackie.

—E se eu não puder ajudá-lo a encontrar a sua alegria, e se eu falhar?— sussurrei.

—Garota, você continua se dando. A única maneira de falhar é desistindo. — sussurrou Jackie de volta.

—Ele quer um bebê comigo. — eu disse a Jackie e ouvi algumas inspirações nessa notícia, a única que eu ainda não tinha compartilhado.

—Dê-lhe um. — Jackie respondeu como se fosse simples assim e, eu tinha que admitir, pensar nisso fez meu âmago vibrar novamente.

Mas mesmo assim, sugeri:

—Talvez ele só queira que eu tenha um bebê.

—Oh merda, agora ela está falando merda.— Jessie murmurou.

—Baby, sua merda já está confusa o suficiente, você não precisa fazer coisas para torná-la mais ainda. — aconselhou Cheryl.

—Isso é verdade. — disse Mimi —Se Cal quisesse uma criança, ele teria cerca de seis dúzias deles por toda a cidade.

—Unh-hunh. — Jessie concordou em um aceno de cabeça.

—Eu não tenho certeza se isso está ajudando.— Feb comentou, me observando de perto e ela estava certa.

—Eu estarei conhecendo as amantes de Joe em todos os lugares que eu for?— Eu perguntei.

—Sim. — Jessie respondeu e Mimi riu.

—Ótimo. — eu murmurei.

—Aconteceu comigo e Colt. — Feb me disse. —Não em todo lugar que vou, mas algumas de suas conquistas entram no bar. Eu até passei um tempo ao redor dele e Melanie quando eles estavam casados. —Ela se inclinou para mim. —O que não nos mata nos torna mais fortes.

—Eu estou supondo que ela aprendeu isso. — Cheryl murmurou.

—Todos nós apendemos. — afirmou Jackie.

—Estou com medo.— eu soltei.

—É claro que você está. — disse Feb, cruzou as pernas e se inclinou para mim. —Lembra o que você me disse quando estava preocupada em o que fazer com Keira e aquele cachorro

— ela acenou para Mooch no colo de sua mãe —como você tinha um cachorro e o perdeu e não queria colocar Keira nisso?

—Sim.— eu respondi.

—Você está fazendo isso de novo, querida. — Feb me disse — Protegendo-se contra a mágoa. Você perdeu Tim, e Cal não facilitou isso para você, agora você está receosa. Mas, querida, ele está fora comprando uma cama de cachorro. Pergunte a si mesma, se ele está fazendo isso, por que você está tão assustada?

—Doeu quando ele terminou. — eu sussurrei.

—Ele te machucará de novo, os homens fodem o tempo todo. Tim foi bom o tempo todo? — Perguntou Feb.

—Não. — respondi honestamente.

—Você brigou?

—Claro.

—Ele te chateou?

—Sim.

—Ele machucou você fazendo merda estúpida?

—Não muitas vezes, mas sim.

—Cal é um homem, Violet. Ele vai foder. Você também. Querida, você sabe como é, você viveu com Tim. Você também sabe que o que você teve com o Tim, valeu a pena, e você tem que correr o risco.

—Por quê? — Perguntei.

—Você não sabe. O que você está ensinando suas filhas?— Cheryl, numa reviravolta, se juntou à nossa conversa. —Ter medo, envolver-se em algodão, ou encarar a vida e lutar por algo bom?

—Eu pensei que você não gostasse de Joe. — disse a ela.

Ela levantou a mão.

—Esqueci sobre a cama do cão.

Jessie bufou, mas Dee e Mimi riram diretamente.

Eu estendi a mão, coloquei minhas mãos no bebê Jack e fiz minha pergunta para Feb com meus olhos. Ela respondeu virando Jack para mim, eu o peguei e o abracei de perto. Ele agarrou minha blusa e cabelo e seu rosto foi para o meu pescoço, seus lábios molhados e macios de bebê me batendo lá, sua língua trabalhando na corrente de um colar que eu estava usando.

—Como o pai dele — murmurou Feb olhando para Jack —ele adora colares.

— Colt ama colares?— Mimi perguntou.

—Isso eu tenho que ouvir.— Jessie se inclinou para frente.

—Merda. — sussurrou February.

—Nós terminamos com a coisa de Vi?— Dee perguntou.

—Eu não sei, Vi, terminamos?— Jackie olhou para mim.

Eu inclinei minha cabeça e beijei o ombro de Jack.

Nós terminamos.

Eu sabia. Eu sabia antes mesmo que elas me perguntassem. Joe estava certo. Eu sabia quando me arrastei para a cama com ele depois das garotas dormirem. Inferno, eu soube na primeira vez que ele me beijou.

E agora eu sabia porque ele estava comprando uma cama de cachorro para o cachorro que ele comprou para minha filha.

E voltando para casa com cerveja.

Então eu sussurrei contra o pequeno Jack:

—Sim.

—Bom, então, o que é isso sobre Colt e seus colares? — Jessie exigiu saber e eu olhei para ela.

Mas Mimi falou para mim:

—Feb não beija e conta, é uma droga.

—Eu sei. Eu contei a ela sobre Jimbo e... — Jessie começou.

—Não repita!— Feb gritou de repente, entregando-se.

—O quê? Não é estranho. — Jessie se defendeu.

—Sim, Jessie, é. — Feb retornou.

—Está apenas chupando meus dedos. Cal chupa os dedos dos seus pés? — Jessie me perguntou.

Eu tentei não deixar meu lábio curvar enquanto respondia:

—Um ... não.

—É bom. — murmurou Jessie.

—Nojento. — Mimi estava murmurando também.

—Você tem alguma cerveja?— Perguntou Cheryl, levantando-se.

—Não, Joe está pegando algumas a caminho de casa.

Cheryl me encarou por um segundo, então ela sorriu e percebi o que eu disse e como soava.

Parecia que sim.

Merda.

Revirei os olhos para ela e disse:

—Eu tenho vinho.

—Hora do vinho. — decretou Cheryl, indo em direção à cozinha.

—Não são nem quatro da tarde. — disse Mimi.

—O quê? Existem regras? — Perguntou Cheryl.

—Sim. — respondeu Mimi.

—Fodam-se as regras, estou ganhando vinho. — replicou Cheryl. —Alguém quer um?

—Sim. — disse Jessie.

—Claro. — chamou Dee.

—Merda — Mimi murmurou —tudo bem.

—Pequeno para mim.— disse-lhe Feb.

—Eu estou dentro. — Jackie disse, eu olhei para ela e ela sorriu para mim. E quando ela me permitiu aquele calor suave invadiu âmago, pela primeira vez não lutei contra isso.

Feb teve sorte, não por causa de Colt, que era incrível, ou Jack, que era adorável, mas porque ela tinha uma ótima mãe.

Entreguei Jack a Feb, levantei-me e chamei Cheryl:

—Vou pegar os copos. — depois anunciei para as mulheres: —Tenho outro problema.

—Sério?— Dee perguntou.

Fui para a cozinha, abri meus armários com as taças de vinho e, em seguida, olhei por cima do balcão para a sala de estar para ver que todas estavam olhando em minha direção.

Então eu disse:

—Eu preciso de ajuda para me vingar de Tina Blackstone.

Sem nem perguntar o que ela fez, Feb declarou:

—Estou dentro.

—Eu também. — era Jessie, não é surpreendente.

—Absolutamente. — acrescentou Dee.

—Isso será divertido!— Mimi bateu palmas.

—Estou superada. — disse Cheryl ao meu lado.

—Oh merda!— Jackie murmurou e eu ri.

Minhas amigas riram comigo.



Sentei-me nos degraus da varanda de Mike e observei o Chevy entrar na garagem.

Eu não me movi quando ele estacionou, saiu e, com os olhos em mim, ele caminhou até mim.

Eu não falei e ele também não, se sentou na varanda perto de mim, nossos quadris pressionados juntos como os lados de nossas coxas. Mas as mãos dele não vieram para mim. Ele se inclinou para a frente com os cotovelos nas pernas.

Inclinei-me para frente também.

Olhei para a esquerda e sussurrei:

—Mike...

—Cal me visitou na estação.

Eu fechei meus olhos. Sua mão enrolou na parte de trás do meu pescoço e eu ainda assim não os abri.

—Querida, não funciona, ele te rasga, você sabe onde eu moro.

Ele tomou sua decisão e, como de costume com Mike, foi o caminho certo.

Meus olhos se abriram e olharam para os dele.

—Eu machuquei você.— eu sussurrei.

—Eu sabia no que estava me metendo.

—Mike...

—Querida, um tiro em você, valeu a pena.

—Não seja legal.

—Você quer que eu fique chateado? Seja um idiota?

—Eu acho que seria mais fácil. — respondi com sinceridade.

—Não posso fazer isso, Vi. — Sua mão me deu um aperto e ele me deixou ir, recostando-se em suas pernas, mas olhando para mim o tempo todo. —Você estava fundo com ele, ele estava com você. Os sinais estavam todos lá e você me disse o mais direto que podia. Antes mesmo de eu te levar em nosso primeiro encontro, eu sabia pela maneira como ele olhou para mim na noite em que te conheci na J&J's. Eu ainda tomei meu tiro. —Ele sorriu. —Faria de novo, só pela noite passada.

Eu balancei a cabeça e senti minha boca se curvando suavemente.

Então eu senti meu pequeno sorriso morrer e puxei meus pés até o degrau mais perto de mim e me inclinei em minhas pernas, minha bochecha na minha mão, meu pescoço torcido para olhar para ele.

—Eu gostei de estar com você. — sussurrei e senti as lágrimas baterem nos meus olhos.

Sua mão voltou para mim, puxando meu cabelo do lado do meu rosto e depois ficando enrolada em volta da minha cabeça.

—Eu gostei de estar com você.— ele retornou.

A umidade caiu, senti o deslizar sobre a ponte do meu nariz, ao longo da minha têmpora e sussurrei:

—Gostei muito, Mike.

Sua mão ficou tensa no meu cabelo e ele sussurrou de volta:

—Querida, você está me matando.

—Eu desejo... — comecei.

—Não, querida. —ele me cortou.

—Ok. — sussurrei.

Ele apertou minha cabeça gentilmente novamente, então sua mão foi embora. Ele se levantou e pegou minha mão. Eu levantei meu torso e ele me puxou para fora do degrau, me levando pelo gramado até o meu Mustang. Ele ficou comigo na porta e suas mãos vieram para o meu queixo, puxando-me até os dedos dos pés para que ele pudesse tocar sua boca na minha.

Ele manteve as mãos no meu queixo quando ele me disse:

—Ele me prometeu, eu acreditei, ele lhe dará tudo.

Meu coração se virou.

—Ele prometeu?

—Sim. — Mike balançou a cabeça, em seguida, suas mãos apertaram meu rosto. —Ele não te dá, Vi, você vem até mim e eu darei para você.

Fechei os olhos e acenei com a cabeça, mas sabia que isso aconteceria, alguém teria Mike. Ele não estaria disponível por muito tempo. Esta foi a minha única chance.

Seu polegar deslizou através da umidade na minha bochecha, as lágrimas ainda deslizando silenciosamente dos meus olhos.

—Querida. — Mike chamou e eu abri meus olhos. —Você não virá para mim. O homem com quem falei hoje moverá o céu e a terra para dar tudo a você.

—Mike...

—Não pensei que, de jeito nenhum, eu ficaria para baixo.

—Mike...

Seus lábios tocaram os meus novamente e quando sua cabeça levantou, ele sussurrou:

—Seja feliz, querida.

Eu balancei a cabeça e sussurrei de volta:

—Você também, Mike.

Ele sorriu e foi a primeira vez que o sorriso dele, nas centenas de vezes que ele me deu, não alcançou seus olhos.

—Sim. — ele disse e me deixou ir.

Entrei no carro, liguei e fui embora.

Estupidamente, eu olhei para trás no meu espelho retrovisor.

Ele estava colocando o carro na garagem.

A vida continua.

Merda.



Cal estava colocando a cerveja na geladeira quando ouviu Violet entrar na garagem.

Ele puxou uma delas do papelão, fechou a geladeira, tirou a tampa e girou para jogar a tampinha do lixo, mas viu que o lixo dela tinha uma tampa. Ele chegou perto, a mão se movendo em direção à lixeira, um sensor pegou o movimento e a tampa se abriu. Ele olhou para ele, em seguida, jogou a tampinha dentro e se afastando, a lixeira fechou.

—Porra. — ele sussurrou, sorrindo.

Viver com Vi seria uma experiência.

Então ele percebeu que ela não tinha entrado, embora ele ouvisse o carro desligar.

Ele se virou e olhou pela janela para vê-la em pé em sua porta aberta, imóvel, olhando para a caminhonete em seu caminho.

Ele decidiu dar tempo a ela. Se ela não saísse do carro dela em vinte ou trinta minutos, ele sairia e a pegaria.

Ele foi até o balcão em frente à pia, sentou-se nele e tomou um gole de sua cerveja, observando-a encarando sua caminhonete.

Ela finalmente saiu do carro, fechou e veio para a casa. Mooch a cumprimentou na porta. Ela largou a bolsa no balcão com um olhar para Cal, curvou-se para pegar o cachorro e o trouxe nos braços, perto do rosto para que o cachorro a

lambesse enquanto ele se contorcia em seus braços e ela tentava lhe dar arranhões.

Ela entrou mancando na cozinha e perguntou:

—Você o deixou sair?

—Sim.

—Ele fez qualquer negócio?

—Não.

—Eu o deixarei sair.

Então ela saiu mancando da cozinha e para a porta traseira de vidro.

Cal sentou no balcão e tomou outro gole de cerveja. Enquanto bebia, ele ouviu-a gritando para Mooch, na maioria das vezes apenas brincando e brincando, chamando-o de forma encorajadora, o que significava que ela queria entrar e, em seguida, cachorro e mulher voltaram para a casa. A porta de correr de vidro se fechou e ele viu Mooch primeiro porque o cachorro saltou para a cozinha e tentou pular em suas pernas.

Vi passeou segundos depois e foi direto para a geladeira sem olhar para ele, abriu e olhou para dentro.

—Você quer jantar? — Perguntou ela da geladeira.

—Pensei em sairmos.

Seu corpo sacudiu e apenas sua cabeça se virou para ele.

—O quê? —perguntou.

—Fora. Para o Frank. Ou pegar uma pizza do Reggie's.

—Frank. — ela disse.

—Você está com fome? — Ele perguntou.

Ela assentiu.

Ele pulou do balcão.

—Vamos lá.

Ela fechou a geladeira, resmungando:

—Vou colocar Mooch na caixa dele.

Cal deixou cair a mão de cerveja depois de dar um gole e disse:

— Eu faço.

Então ele colocou a cerveja no balcão, saiu da cozinha e deixou o cachorro na caixa e ela estava em pé na porta com o alarme remoto e as chaves dela em suas mãos quando ele voltou.

Ele tirou as coisas das mãos dela, abriu a porta, empurrou-a para fora da porta, trancou-a e guiou-a até a caminhonete, armando o alarme com o controle remoto enquanto se moviam.

Ambos entraram no caminhão e estavam a caminho quando ele falou:

—Você falou com o Mike?

—Sim.

—Terminou?

Ela ficou em silêncio.

—Buddy?

—Terminamos. — ela sussurrou.

Porra.

Fazer isso a cortou. Provavelmente cortou Haines também.

Ele não tocou nela, ele queria, mas não tocou. Ela precisava terminar com um homem bom e firme, para se arriscar com outro homem que a tratou como merda duas vezes, logo depois que seu irmão foi assassinado, como se precisasse de alguém para fazer um buraco em sua cabeça. Mas ele não a tocou porque, Cal sentiu o seu humor, ela não queria isso agora.

Mas ele faria as pazes com ela, passaria a vida fazendo isso, se precisasse.

Embora, conhecendo Vi, não aceitaria isso.

Ele estacionou na rua a quatro portas de Frank, parando antes para que ela não tivesse que andar com o pé machucado. Ela esperou por ele do lado de fora e mancou ao seu lado até a porta, mas não o tocou e ele também não a tocou.

Ele abriu a porta para ela e eles entraram. Elaine, uma das garçonetes, virou-se, sorriu para Vi, seus olhos foram para Cal e seu rosto congelou.

Eu estive lá com Mike, e Elaine a viu mais de uma vez.

Violet deu um passo para trás e foi para ele.

Então Cal a tocou, deslizando o braço ao redor de sua cintura, se moveu para o lado dela, puxou-a para ele e olhou para Elaine.

—Conseguiu uma cabine, Elaine? — perguntou.

Elaine olhou para a parede de cabines, duas estavam vazias.

Ela olhou de volta para Cal.

—Faça a sua escolha, Cal.— Seus olhos caíram para a mão de Cal enrolada em torno da cintura de Vi, em seguida, até Vi. —Oi Violet.

—Oi Elaine.

—Está tudo bem? — Elaine perguntou quando Cal moveu Vi para frente.

—O mundo está de cabeça para baixo.— respondeu Violet.

Elaine finalmente sorriu.

—Eu consigo ver.

Cal não pegou o que Vi fez, mas o que quer que fosse, o sorriso de Elaine se transformou em um riso e Vi caminhou com ele pelo restaurante enquanto olhos os seguiam.

Ele a soltou quando chegaram a uma cabine, a última contra a parede dos fundos, mais privacidade.

Ela deslizou dentro, ele deslizou ao lado dela.

Ela olhou para ele e perguntou:

—Você pode se sentar em frente?

—Não. — ele respondeu.

—Por quê?

—Eu gosto de você ao meu lado.

Sua expressão suavizou, mas ela disse:

—Eu gosto do meu espaço.

—Diga adeus a isso. — Cal aconselhou.

—O quê? — Ela sussurrou.

—Baby, eu me mudei, você tem um cachorro novo e, amanhã, você tem Dane dormindo no seu sofá. Você gosta de espaço, você está fodida.

Seu rosto ficou pálido.

—Você se mudou?

—Eu me mudei esta manhã, antes de você chegar em casa.

—Onde?

—Seu quarto.

—Como?—Sua voz estava subindo.

—Como?— Cal repetiu.

—Sim como?

—Embalei alguma merda, trouxe-a e desfiz as malas. — explicou Cal.

—Onde você colocou?

—No seu quarto.

—Sim, mas onde?

—Jeans e botas no armário, joguei algumas camisas em uma gaveta, navalha no banheiro. Feito.

—Caramba.— ela sussurrou e pulou quando Elaine colocou dois menus na mesa.

—Incomodei com isso? —Elaine fez uma pergunta pertinente, inclinando a cabeça para os menus que nenhuma pessoa que tenha morado naquela cidade por mais de um mês não tinha memorizado.

—Não para mim — disse Vi —quero um reuben.

—Hambúrguer. — disse Cal.

—Queijo?— Elaine perguntou a Cal.

—Sim.

—Cheddar, suíço ou Monterey Jack? — Elaine continuou.

—Surpreenda-me. — disse Cal e Elaine sorriu de novo.

—Bebidas?— Elaine continuou.

—Diet Coke. — ordenou Vi.

—Cerveja. — disse Cal.

—Bud, Coors, Bud Light, Coors Light, Heineken... — Elaine listou.

Cal a interrompeu.

—Bud.

—Anéis de cebola, batatas fritas ou ambos?— Elaine continuou.

—Fritas. — Vi respondeu.

—Ambos. — Cal disse a ela.

—Entendido.— Elaine empurrou o lápis atrás da orelha e retirou os menus da mesa. Ela tinha seu bloco em sua mão enquanto eles pediam, mas isso era só para mostrar ou segurar por hábito. Ela não escreveu nenhuma palavra antes de se afastar. O pedido chegaria à mesa como pediram e o cheque viria com um total na parte inferior, era isso e seria o total certo. Essa era Elaine. Isso era do Frank.

—Joe. —Violet chamou e ele se virou para ver que ela estava irritada e se preocupando, então ele se virou mais completamente para ela e abaixou a cabeça.

—Relaxe, Buddy. — disse suavemente.

—Isso está indo muito rápido.

—Eu sei.

—Nós precisamos conversar.

—Sobre o que?

—Nádia.

Cal recuou.

—E ela?

—Quem é ela? — Perguntou Vi.

Porra.

Ele não queria entrar nessa merda e o mais ainda, ela não deveria querer.

—Vi... — Cal disse baixo.

—Não, eu não quero saber isso. O que eu quero saber é, honestamente, bem aqui, você dormiu com ela enquanto dormia comigo?

Cal reprimiu seu temperamento.

—Eu já lhe disse a resposta para isso.

—Ok, então, ela foi embora?

Nádia nunca foi embora. Nádia sempre esteve a um telefonema de distância. Ele não compartilhou isso.

—Sim.

—Definitivamente?

—Vi, não sou um grande fã de perguntar ou responder duas vezes.

—Você mentiu para mim.

—Havia uma razão.

—E qual?

—Salvar você de mim.

Seu torso se moveu para trás e seus olhos ficaram grandes.

Cal envolveu a mão em volta da nuca, puxou-a para perto e se inclinou para ela.

—Pensei que estava me salvando de você, mas, na verdade, salvava você de mim.

—Eu... — ela começou.

Ele a cortou.

—Você vê essas cicatrizes no meu rosto?

Seus olhos foram para sua bochecha e depois para a dele.

—Sim.

—Bonnie as fez em mim. Tão alta, a cabeça dela estava nas nuvens, mas não foi uma boa viagem. Ela ficou chateada com alguma coisa, eu nem sei o que, ela veio para cima de mim. Me pegou com as unhas.

—Joe. — ela sussurrou, apertando seus dedos fortemente em torno de sua coxa.

—Ela ficava muito assim. Quando estava chateada, ela gritava na porra da casa e não era incomum que viesse atrás de mim. Ela só marcou meu rosto e, você provavelmente não sabe disso, Buddy, mas você precisa se esforçar e cavar fundo com suas unhas para fazer marcas como essas.

—Eu ... eu não sei o que dizer. — Vi murmurou.

—Não estou te contando para você dizer algo. Estou te dizendo porque agora estamos juntos. Você está comigo e descobrirá essa merda sobre mim. Eu olho no espelho todos os dias e lembro-me dela me marcando, então eu lembro o que mais ela fez para mim. Agora quando você as ver, bem na minha cara, pensará sobre isso também. Talvez não chegue até você toda vez que as ver, mas chegará até você e, eu te conhecendo sei que sentirá isso.

—Joe...

Seu rosto se aproximou e ele sussurrou:

—É disso que eu estava salvando você, baby.

—É você. — ela disse incompreensivelmente.

—O quê? — Ele perguntou.

—Eu não sabia que foi ela quem fez isso. Antes de você me contar o que acabou de me dizer, essas cicatrizes eram apenas você.

—Agora você sabe.

—Essas cicatrizes ainda são apenas você.

—Vi...

—Elas são.

Porra, ela estava falando sério?

—Vi...

—Talvez você esteja certo e eu pense sobre isso às vezes. Mas na maioria das vezes, nem as vejo. Elas são apenas uma parte de você.

Cal não teve resposta para isso, exceto vontade de beijá-la.

Então ele a beijou e continuou beijando até que ouviu o barulho de uma garrafa de cerveja batendo na mesa.

Sua boca saiu de Vi e ele se virou para ver Elaine colocando a bebida de Violet na frente dela.

—Bud, diet. Aprecie. Grite por uma recarga. — disse Elaine, com a boca encolhida nas pontas e depois se afastou.

Cal se virou para Violet, que pegou a bebida e chupou o canudo. Lembrou-se dela na J&J's, o cotovelo no bar, a cabeça na mão, o canudo entre os lábios, os olhos nele e metade da

concentração dele estava sobre ela, o resto tentando parar o pau dele de ficar duro.

Ele esperava que Frank se apressasse com sua maldita comida.

Os olhos de Violet vieram para ele.

—Nós provavelmente não deveríamos nos beijar no restaurante do Frank.

—Por que não?

—Porque está quase cheio.

—E?

—Rumores voam.

—Buddy, meu caminhão está na sua garagem e minhas camisetas na sua gaveta.

Seus olhos deslizaram para o lado, em seguida, de volta para ele, depois ela colocou o canudo na boca e murmurou:

—Certo. — então ela chupou o canudo.

—É uma cidade pequena, falarão sobre isso por cerca de uma semana, então outra história aparecerá.

—Tudo bem. — ela sussurrou e colocou o copo para baixo.

Quando ela soltou o copo, ele pegou a mão dela. Ligando os dedos aos dela, ele levou as mãos até a coxa.

—O que mais?

Seus olhos se ergueram para os dele.

—O quê?

—Está na sua cabeça que temos que resolver?

Ela riu baixinho e respondeu:

—Você não quer saber.

—Não perguntaria, se eu não quisesse saber.

Ela se inclinou para ele.

—Joe, há muito na minha cabeça, levaria um ano para resolver tudo.

—Tudo bem, decomponha. Qual é a prioridade?

Seu rosto ficou confuso.

—Prioridade?

Cristo, ela era fofa.

—O mais é importante, baby. — ele explicou em voz baixa.

—Um ... tudo isso.

—Primeira coisa. — disse ele.

—Primeira coisa?

—Agora, a primeira coisa que vem até você, o que é?

—Mel.

Suas sobrancelhas se uniram.

—Mel?

—Sim ... Eu sei o que ela está sentindo, Joe, estive lá e estou preocupada com ela.

Sua mão apertou a dela.

— Buddy...

—E ela nem tem filhos para abrandar.

—Então, dê a ela. — disse Cal e uma risada surpresa veio dela.

—Eu não posso dar filhos a ela, Joe, é anatomicamente impossível. — brincou ela.

—Você tem duas com telefones e um carro, querida.

Seu rosto ficou surpreso e ela sussurrou:

—Você está certo.

—Ajuda os dois lados. As garotas e você a chamam regular, você a faz regular. Vá vê-la, faça-a vir aqui.

—Eu não acho que posso ir até lá, Joe, não sozinha.

—Não disse que você iria sozinha, não deixaria isso.

Suas mãos se contorceram e ela sussurrou:

—Joe...

—O que mais você tem?

—Joe...

Ele se inclinou novamente.

—O que mais está na sua cabeça, baby?

Ela tirou a mão da dele, levantou-a e enrolou os dedos ao redor do pescoço dele.

—Obrigada. — ela sussurrou e ele viu lágrimas tremendo no fundo de seus olhos.

—Pelo quê?— Ele perguntou suavemente, seus olhos colados às lágrimas e sua mão deu-lhe um aperto enquanto observava uma escorrer pelo rosto dela.

Antes que ele pudesse fazer alguma coisa, a cabeça dela se aproximou e desviou para a esquerda.

Em seu ouvido, ela sussurrou:

—Por não desperdiçar tempo me mostrando que tomei a decisão certa.

Lá estava. Vi não o fez trabalhar muito tempo, levou menos de trinta minutos.

Cal sentiu uma pontada perfurar o lado esquerdo do peito, então também levou a mão ao pescoço dela, deslizando-a para cima e para dentro do cabelo, ele inclinou o pescoço para beijar o dela e ela virou a cabeça e beijou o queixo dele.

Ele nunca teve um beijo mais doce. Não em sua vida.

A mão dele segurou o cabelo dela e ele levantou a cabeça, posicionando a dela para poder beijá-la.

—Burger! — Elaine anunciou, um prato caiu na mesa e Vi saltou quando Cal levantou a cabeça. —Reuben! — Continuou ela, enquanto Cal torcia o pescoço para olhá-la, deixando a mão no cabelo de Vi. —Você tem cheddar. Surpresa. —ela disse a Cal, sorriu enorme e foi embora.

Vi riu.

Cal deixou a mulher ir e voltou-se para a comida.

Vi esguichou ketchup em uma pilha por suas batatas fritas e observou:

—Uma coisa boa sobre você se movendo ...

Cal deixou seu hambúrguer suspenso até a metade da boca e olhou para Violet, as sobrancelhas levantadas quando ela não terminou.

—Não pensar que Dane terá alguma ideia, você está na casa.

—Ele a pega, eu quebrarei o pescoço dele.— Cal murmurou e deu uma mordida em seu hambúrguer, em seguida, olhou para Vi para ver que agora ela tinha uma batata frita com ketchup suspensa no meio da boca, os olhos arregalados, o rosto quase pálido. Ele mastigou, engoliu, em seguida, assegurou-lhe: —Relaxe, baby, eu realmente não faria isso.

—Não ameace também. Você o assustará.

—Assustar o suficiente para não ter ideias?

—Joe! — Ela retrucou.

Ele sorriu para ela e repetiu:

—Relaxe.

—Você não pode sair por aí ameaçando a todos.

—Claro que posso.

—Joe!

Ele colocou o hambúrguer no prato, virou-se para ela e disse seriamente:

— Baby, relaxe.

—Dizendo-me para relaxar, na verdade, não significa que relaxarei, Joe.

—Deveria.

—Por quê?

Ele se virou e colocou uma mão em volta do pescoço dela, puxou-a para ele até seu rosto.

—Porque o momento em que sua cabeça está cheia de merda e você precisa se preocupar com tudo e todo mundo, acabou. O momento em que você pode relaxar é agora. Então, direi uma última vez, Buddy, relaxe.

Seus olhos se moveram para o rosto dele, então os viu mudar. Na verdade, todo o rosto dela mudou. Aquele olhar que estava nela ele vira uma vez antes, quando ela estava no sofá conversando com Sam. Carinho, claro como o dia, o amor brilhando em seus olhos, tudo focado nele e ele sentiu seu peito esquerdo contrair-se tão poderosamente, o sentimento irradiou por todo seu corpo e sua mão apertou seu pescoço.

Antes que ele pudesse processar isso, ela se inclinou, tocou a boca na dele, moveu-se um pouco para trás e sussurrou:

—Coma, Joe.

Então ela se afastou e virou para o prato.

Cal tirou a mão do pescoço dela e se virou para o dele.

Ele fora ambivalente sobre o conceito de Deus e sua jovem vida, algo que colocou tia Theresa em um estado de

confusão. Mas você perder sua mãe em tenra idade essa merda fica prestes a acontecer.

Ele perdeu sua ambivalência quando perdeu seu pai, que era uma merda de pai, mas Cal sabia que ele foi um dia um grande marido e um homem decente, e ele perdeu seu filho no mesmo dia.

Agora ele calculou, Vi se movendo na porta ao lado, talvez finalmente alguém estivesse olhando para ele.

Ou a sorte dele mudara.

Seja como for, ele estava agradecido.

Sentado ao lado de Violet em uma cabine com uma comida gordurosa, Joe Callahan levou o famoso hambúrguer de Frank para a boca e deu uma mordida.



—Joe.— eu respirei, minha cabeça arqueou para trás.

—Na minha boca, Buddy.

Minha cabeça inclinou para frente, minhas mãos foram para seu rosto, eu o montei com mais força porque não pude evitar. Seus dedos fortes estavam cavando em meus quadris, me puxando para cima e me derrubando.

—Joe. — sussurrei em sua boca quando eu senti que ia gozar.

Sua mão levantou para o meu cabelo, seus dedos em minha vagina, torcendo e ele rosnou:

—Diga.

—Estou gozando, baby. — sussurrei.

—Diga.— ele exigiu.

Meus dedos voltaram e apertaram seus cabelos.

—Eu pertenço a você.

Então eu gozei, batendo as minhas costas, meu gemido escapando da boca para ser absorvido por ele.

Eu estava montada em Joe, mas ele estava sentado o que tornava mais fácil para ele, no meio do orgasmo, me virar de costas e me penetrar mais forte, o que ele fez, até que gozou no meio de me dar um beijo profundo e brutal.

Quando ele terminou, sua boca deixou a minha e deslizou para o meu pescoço e, enquanto seu pau deslizou para dentro e para fora de mim, meus dedos se moveram através de seu cabelo.

Nós continuamos fazendo isso por algum tempo antes de sua língua percorrer o comprimento do meu queixo e, em seguida, ele puxou para fora, rolou para o lado, inclinou-se, puxou as cobertas sobre nós e me acomodou em seu lado.

Joe ficou em silêncio, como de costume.

Eu não podia ficar em silêncio, como de costume.

—Aa aulas começarão logo. —sussurrei.

Joe não respondeu.

—De volta às roupas da escola. —continuei.

As pontas dos dedos de Joe deslizaram aleatoriamente ao redor do meu quadril e bunda, mas ele não falou.

—Você vai ao shopping conosco quando formos às compras?

Finalmente, Joe falou.

—De jeito nenhum.

Eu sorri em seu ombro e meu sorriso morreu.

—O que devemos dizer a elas? — Eu sussurrei.

—A verdade. — ele respondeu, sabendo que eu quis dizer as meninas.

—Isso sendo?

—Eu estou aqui agora.

Eu dei um aperto na cintura dele e o informei:

—Não é tão fácil assim.

—Só você torna isso difícil.

—Joe...

—Vi, eu te disse, saí do seu quarto e as meninas não piscaram.

—Elas provavelmente estavam cansadas e emocionais.

—Eles sabem o que acontece entre nós.

Suas palavras me chocaram tanto que eu levantei a cabeça e olhei para ele.

—Elas não têm ideia.

—Buddy, Keira me convidou para o shopping e Kate me trouxe uma Coca, enquanto eu arrumava a porta da garagem e me ofereceu um sanduíche, e isso foi antes da cena quando seu pai e sua mãe vieram contar. Elas sabem.

—Elas não sabem.

—Elas não são burras.

—Eu sei disso.

—Ok, elas não sabem que estamos transando, mas sabem que significamos algo um para o outro.

Ele estava certo, elas sabiam disso, e demonstraram pela maneira que agiram na segunda vez que Joe apareceu.

Ainda assim, eu olhei para ele e perguntei:

—Você acha?

Ele sorriu para mim.

— Baby, uma pista: o quarteirão inteiro sabe.

—Isso é provavelmente por causa da boca grande de Tina.

—É porque eu instalei o seu sistema sem custo, consertei sua garagem e suas filhas costumavam vir diariamente conversar comigo. Vivo aqui há muito tempo, Buddy, toda a minha vida e não fiz esse tipo de merda para ninguém, e ninguém veio falar comigo, especialmente duas adolescentes.

Eu olhei e perguntei:

—Elas foram diariamente?

—Sim, bem antes de eu transar com você pela segunda vez.

Eu não sabia que Kate e Keira faziam isso.

Mas eu gostei disso.

—Oh. — eu sussurrei.

—Então quando elas chegarem em casa, eu levo Dane para fora, você as senta, avisa que eu estou aqui agora. Pergunte-lhes se elas têm perguntas, responda-as. Feito.

Ele achava que era assim tão fácil?

Obviamente, ele não tinha vivido com as manias de Keira.

No entanto, por todas as contas, incluindo a minha própria experiência com ela, Bonnie era muito mais desagradável.

—E se elas não gostarem? — Perguntei.

—Nós lidamos.

—Como lidamos?— Quis saber.

Sua mão achatou na minha bunda.

—Que tal descobrir se elas não gostam antes de acabarmos com isso? — Ele sugeriu.

Isso soou como um bom conselho, simples, lógico, mas totalmente impossível.

Se Joe achasse que o simples e o lógico funcionariam, ele viveria apenas dois meses com três mulheres.

Eu não compartilhei isso com ele e, como ele ficava fora da cidade a maior parte do tempo, talvez não notasse.

Eu coloquei minha cabeça em seu ombro e disse:

—Ok.

As pontas dos dedos voltaram aos padrões aleatórios e nós dois estávamos quietos, porque eu estava pensando sobre as milhões de coisas e Joe, porque ele era Joe.

De repente, ele disse:

—Não aceite o emprego.

Eu levantei minha cabeça novamente e olhei para ele.

—O quê?

—Gerente no centro de jardinagem, não pegue.

Eu disse a ele sobre a promoção de Bobbie no jantar. Obviamente ele estava pensando sobre isso.

Eu empurrei até um cotovelo e olhei para ele.

—Por quê?

—O dinheiro é o mesmo que você está recebendo, mas vem com dores de cabeça, dores essas que você não tem agora. Não estará fazendo o que gosta de fazer, porque estará fazendo merda que não gosta de fazer, trabalhando nas mesmas horas, recebendo o mesmo pagamento. Você quer avançar, fale a ela para fazer valer a pena. Você gosta do que faz, faz o que faz, foda-se a promoção.

Lá estava novamente, simples, lógico e, desta vez, factível.

Eu sorri para ele.

—Você está certo.

Joe não respondeu verbalmente. Sua outra mão subiu, deslizou em meu cabelo ao lado da minha cabeça, puxou

minha boca para baixo para um beijo leve, então ele pressionou até que eu saísse do meu cotovelo e minha bochecha estivesse em seu ombro novamente. Então ele esticou o braço e apagou a luz.

Mas não antes de eu ver a foto de Tim e eu na minha mesa de cabeceira.

Eu respirei, os dedos de Joe voltaram para o lado da minha cabeça para deslizar pelo meu cabelo, puxando-o de volta. Ele repetiu isso, então seus dedos deslizaram para trás da minha orelha, descendo pelo meu queixo e depois sua mão foi embora.

Eu exalei.

— Boa noite, baby. — eu sussurrei em seu ombro.

Sua resposta foi novamente não verbal. Sua mão apertou minha bunda, em seguida, voltou para seus padrões aleatórios.

Isso era bom e foi incrivelmente relaxante. Tanto assim, que não percebi que não havia mais um milhão de coisas caindo na minha cabeça.

Em vez disso, eu caí direto para o sono.



Cal acordou quando o corpo de Vi sacudiu violentamente.

Seus olhos se abriram quando a sentiu ficar firme em seus braços.

Ele esperou enquanto a ouvia respirando pesadamente e estava prestes a chamá-la quando ela deslizou para fora de seus braços e atravessou a cama.

Ele observou a sombra dela se mover ao redor da cama e ele rolou de costas enquanto ela caminhava até a cômoda. Ela abriu e fechou as gavetas, fazendo isso sem barulho. Ela pensou que ele estava dormindo.

Ela fechou uma gaveta e ele observou a sombra dela novamente, desta vez ela estava puxando uma das suas camisetas sobre a cabeça.

Talvez ele devesse ir ao shopping com ela e as meninas quando fossem às compras escolares. Do jeito que ela as usava, ele ficaria sem camisetas.

Esse pensamento o fez sorrir.

Ela veio para a cama, ao seu lado, e novamente ele estava prestes a chamar o nome dela quando ela estendeu a mão para a mesa de cabeceira. Então ele viu a sombra dela sair do quarto e entrar no escritório. Ela se virou e desapareceu.

Ela estava carregando alguma coisa.

A foto dela e do marido.

Cal fechou os olhos e os abriu novamente quando a ouviu de volta no quarto. Ele observou a sombra dela caminhar até a cômoda e ela se levantou, as mãos levantadas na frente dela. Ele não podia ver o que ela fazia, mas ela estava perfeitamente imóvel.

Ela ficou assim por algum tempo antes de se mover, a mão foi para o topo da cômoda e ele a ouviu soltar algo que fez um tilintar suave.

Porra.

Seus anéis de casamento.

Ele notou que ela ainda os usava. Ele os viu na primeira vez em que transaram vorazmente em sua sala de estar quando ela estava usando aquelas botas ridículas e aquela camisola sexy. Semanas depois, pensara que Sam era seu marido, um homem viajante, pelo modo como ela o cumprimentou quando viesse visitá-la. Ele não tinha pensado muito em seus anéis depois da primeira vez juntos, mas os notou e não gostou dela usando-os. Nunca gostou. Pode fazer dele um idiota, mas ele não gostava.

Agora ele gostou que ela estaria com ele na cama sem eles, no qual também poderia fazer dele um idiota, mas ele não dava a mínima.

Porque agora ela realmente era toda dele.

Ela caminhou de volta para a cama e cuidadosamente deitou-se, obviamente ainda pensando que ele estava dormindo, ela virou de costas para ele e enrolou suas pernas.

Cal rolou de volta para o lado dele, seu braço se moveu para fora, prendeu-a ao redor do estômago e ele a puxou para seu corpo, sentindo que o dela estava rígido.

—Estou acordado, Buddy. — ele sussurrou em seu cabelo.

—Desculpe, eu te acordei?

—Sim.

—Eu pensei, enquanto você estava dormindo, eu ...

Ele a cortou, não para fazê-la dizer isso.

—Eu sei querida.

Ela estava quieta.

Cal falou.

—Você acordou forte, Vi.

Ela ficou quieta e disse:

—Pesadelo.

—Sam?

—Sim. — ela sussurrou e seu corpo começou a tremer.

Cal enrolou o braço mais forte.

—Por que é mais difícil no escuro?— Sua voz tremia contra o seu corpo quando ela falou.

—Demônios no escuro. — Joe respondeu.

—Sim.

Ela ficou quieta novamente e Cal a segurou até que os tremores diminuíssem, então ela falou:

— Joe?

—Sim, Buddy.

—Sinto falta dele.

Seu braço ficou mais apertado e ele enterrou o rosto no cabelo dela.

—Eu sei que você sente.

—Você gostou dele? — Ela perguntou.

—Sim.

—Ele gostava de você. —ela sussurrou, o braço de Cal ficou tenso, então ele se forçou a relaxar e ela disse: —Gostaria que você pudesse conhecê-lo melhor.

—Se acontecesse, imagino que eu gostaria mais ainda dele.

—Sim, você gostaria.

—Conte-me sobre ele, baby.

Ela ficou em silêncio e perguntou:

—Agora?

—Isso derrotará os demônios.

Ela novamente ficou em silêncio, então sussurrou:

—Você está certo.

Então ela aninhou sua bunda em sua virilha, deslizou o braço ao longo dele e ligou os dedos. Em seguida, falou sobre seu irmão, às vezes rindo, às vezes chorando mais e ela fez isso, e Cal ouviu, até ela dormir.

Cal a abraçou apertado mesmo depois que ela se afastou, em seguida, seus dedos deslizaram dos dela, mas se enrolaram ao redor até que seu polegar encontrou a base nua de seu dedo anelar. Deslizou contra sua pele, em seguida, ele colocou a

mão contra seu estômago e suspirou em seu cabelo, pensando, não pela primeira vez, ele realmente gostava do cheiro do cabelo de Vi.

Então ele adormeceu.

Capítulo Dezessete

Sou seu

Eu fiquei no espelho do meu banheiro, levantando meu cabelo.

Eu vi o movimento e virei para a direita.

Joe estava lá e eu o vi encostar o ombro no batente da porta, seus olhos em minhas mãos no meu cabelo.

Por alguma razão conhecida apenas por Joe, ele foi conosco para o shopping de volta às compras da escola e por causa disso, ele estava vestindo uma camisa que Kate e Keira compraram para ele. Não era rosa com flores. Era preta, costurado sob as costelas, uma bainha reta e ele o usava para fora da calça, mas ainda podíamos ver a fivela do cinto pesado por baixo dos botões. Ficou bem nele, fazendo seus ombros parecerem mais largos, seu diafragma mais magro, seus quadris mais estreitos.

Minhas garotas tinham um olho bom.

Seus olhos vieram para os meus e ele disse suavemente:

—Eles estão aqui.

Eu puxei meus lábios.

—Eles chegaram!— Ouvimos Keira gritar.

—Oh merda. — sussurrei, Joe sorriu, afastou-se do batente e veio até mim.

Ele se posicionou atrás de mim e deslizou um braço ao longo da minha barriga, o outro em meu peito. Ele me puxou para o seu corpo, abaixou a cabeça para que seu queixo estivesse contra o meu cabelo e encarou meus olhos no espelho.

—Relaxe. — ele disse no meu ouvido.

—Certo. — concordei.

Ele continuou sorrindo, então baixou a cabeça, beijou meu pescoço, me soltou e saiu do banheiro.

Joe estava rapidamente se acostumando com o fato de que ordenar para eu relaxar não significava que eu relaxasse e, aparentemente, ele era bom com isso.

Eu olhei para mim mesma no espelho e respirei fundo.

Então eu lavei minhas mãos me preparando para apresentar os pais do meu falecido marido ao homem que substituiu o filho deles.



Eu não podia dizer que a última semana com Joe em casa foi sem intercorrências.

Foi agitada.

Muito agitada.

A primeira foi dizer às meninas.



Eles ligaram na manhã seguinte a que Joe se mudou, nos acordando.

Joe, mais perto do telefone, rolou para longe de mim e atendeu enquanto eu saía do sono e rolei em direção a ele.

—Alo?— Sua voz profunda, retumbante e sonolenta rosnou.

Eu pisquei o sono longe.

—Sim, garota, ela está bem aqui.

Garota.

Merda! Ele atendeu o telefone, com voz sonolenta e disse a uma das minhas filhas que eu estava ali.

Joe calmamente me ofereceu o telefone e eu levantei a mão e olhei para ele como se tivesse uma boca, que estava aberta, mostrando as presas e que ia morder.

— Baby, é Keira. —Joe murmurou e eu pisquei novamente, em seguida, levantei para me sentar e peguei o telefone da sua mão.

—Oi, querida. — eu disse, tentando não parecer sonolenta e preocupada com o fracasso.

—Ei, mamãe. — Keira respondeu, soando acordada e saltitante como sempre, não traumatizada de uma maneira que significava que, em algum momento no futuro, ela entraria em um shopping e atiraria em inocentes espectadores com uma metralhadora porque o novo namorado de sua mãe atendeu o telefone, pela manhã, parecendo sonolento e definitivamente de estar na cama com sua mãe. —Estamos embalados e prestes a sair.

—Ok, baby. —respondi, enrolando meus joelhos no peito e envolvendo um braço em torno deles. —Você quer algo especial quando chegar em casa?

—Um sundae com calda quente, sua calda quente e o creme congelado de Fulsham. — ela respondeu imediatamente, e essa era a minha Keira, sempre sabendo exatamente o que e como queria, sem medo de dizê-lo.

—Eu posso fazer isso.— disse a ela. —E Kate e... um... Dane?

—Espere um minuto. — ela disse em meu ouvido, em seguida, a ouvi gritando para Dane e Kate, enquanto olhava para Joe, que estava deitado de costas, me observando falar com a minha filha.

Seu rosto ainda suavizado pelo sono, seu queixo sombreado pela barba por fazer, seu corpo grande e poderoso relaxado, um braço inclinado, a mão atrás da cabeça, a outra mão apoiada no abdômen. Suas cicatrizes estavam em exibição junto com seus músculos. Sua pele tinha uma bela tonalidade de oliva, provavelmente dada a ele por sua mãe. Ele e seu

cabelo eram escuros contra os meus lençóis verdes, e isso, por alguma razão, eu achava inacreditavelmente atraente. Seus olhos azuis estavam em mim, tão claro, tão azul, tão surpreendente, então me lembrei da primeira vez que os vi e como eles me afetaram, e que esse efeito não diminuiu em todos esses meses.

"Sou seu".

As palavras que ele me disse dois dias antes vieram à minha cabeça e me atingiram como um raio. Tão simples, como Joe, duas palavras, duas palavras curtas, mas juntas e ditas por ele, o significado delas deu um soco poderoso.

Ele me socou bem no âmago, tão forte, que mesmo sentada na cama, fiquei sem fôlego.

Sem saber porque, desdobrei minhas pernas, torci para ele e me abaixei. Eu toquei meus lábios em sua garganta, em seguida, descansei minha bochecha contra seu peito, estabelecendo-me em seu corpo quente e duro, o telefone ainda no meu ouvido, meu outro ouvido ouvindo seu batimento cardíaco.

Sua mão atrás da cabeça veio até mim, deslizando no meu cabelo e ficando lá.

Keira falou comigo.

—Kate diz que não quer nada e Dane diz que gostaria de algumas de suas costeletas de porco. No entanto, estou pensando que ele só está dizendo isso porque sabe que Kate gosta de suas costeletas de porco. Eu disse a eles sobre os sundaes com calda quente e os dois estão dentro.

—Tudo bem, Meira — falei ao telefone — embora seja verão, acho que prepararemos algumas costeletas de porco.

Keira ficou em silêncio. Eu não era rainha do churrasco. Tim sempre grelhava a carne. Desde que ele morreu, tentei em inúmeras ocasiões e não tive muito sucesso.

—Ficará tudo bem, eu tenho que pegar o jeito disso eventualmente. Talvez esta noite seja nossa noite de sorte. — disse a ela.

—Talvez Joe pudesse cuidar da churrasqueira. — sugeriu Keira e eu ri ao pensar no sinistro e robusto Joe Callahan fazendo algo tão doméstico quanto equipar uma churrasqueira.

—Eu posso fazer isso. — respondi.

—Ótimo. — ela murmurou.

Eu sorri abertamente.

—Cheguem em casa, venham em segurança. Vejo vocês em algumas horas.

—Sim, Momalicious.

—Dê a Kate um abraço por mim.

—Darei. —afirmou, e eu sabia que ela faria isso. Minhas meninas eram carinhosas. Elas brigavam, mas nunca durava muito.

—Amo você, baby. — sussurrei ao telefone e os dedos de Joe ficaram tensos no meu couro cabeludo.

—Também te amo mãe. Tchau.

—Tchau.

Apertei o botão de desligar e a mão de Joe em seu abdômen chegou ao telefone e o pegou dos meus dedos. Eu levantei, ele torceu e o colocou na cabeceira, em seguida, virou-se para mim, entusiasmado, rolando-me para as minhas costas.

Então suas mãos e boca começaram a se mover em mim, suas mãos nas minhas costelas, sua boca no meu pescoço.

—Elas estão vindo.— informei.

—Quanto tempo nós temos?— Ele perguntou e borboletas voaram.

—Um par de horas. —respondi e sua mão veio e enrolou em torno do meu peito.

—Muito tempo. — ele murmurou contra a parte inferior do meu queixo.

—Joe, precisamos deixar Mooch sair.

—Depois de...

—Joe...

—Depois de...

—Joe... — ele beliscou meu mamilo marcando diretamente através de mim, então eu sussurrei —ok, depois.

Sua cabeça subiu e ele estava sorrindo, então desceu e me beijou.

Mooch, para nossa sorte, foi paciente.



Nós estávamos na cozinha quando as crianças chegaram. Joe estava de pé na pia tomando café, com o cabelo molhado do banho. Eu estava na geladeira, com um bloco de papel na mão, fazendo uma lista de compras. Meu cabelo estava seco e estiloso. Eu tomei um banho primeiro enquanto Joe lidou com um telefonema e eu estava pronta enquanto Joe tomava banho e se vestia.

Eu nunca tinha visto Joe tomar banho. Eu nunca tinha visto o cabelo dele molhado e foi um longo período de maldição desde que eu compartilhei o espaço com um homem enquanto me preparava.

Gostei disso tudo.

Mas quando as crianças chegaram em casa, seus olhos foram para a janela e então para mim e ele disse:

—Elas estão em casa, Buddy. —esqueci o quanto eu gostava do cabelo molhado dele, em pé no banheiro fumegante enquanto ele tomava banho e eu no espelho, e entrei em pânico.

Joe viu imediatamente e exigiu:

—Relaxe.

—Certo. — sussurrei.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

Fechei a geladeira, abaixei o bloco de papel e a caneta e fomos até a porta.

Joe abriu e nós saímos, ele deslizando um braço em volta dos meus ombros e me colocando em seu lado quando chegamos lá fora.

Kate estava fora e parada na porta, mas Keira saiu correndo da caminhonete de Dane, com os braços moendo o vento, o cabelo voando atrás dela, direto para Joe.

—Joe! — Ela gritou, em seguida, derrapou até parar na frente dele e continuou gritando: —Eu me levantei com esquis aquáticos!

Então eu observei meu corpo trancar, quando a mão de Joe subiu e saiu. Ele a enganchou ao redor da cabeça de Keira, puxando-a para ele quando se abaixou e tocou a boca em seu cabelo brilhante.

—Muito bem... —murmurou contra o cabelo dela, em seguida, terminou: — estou orgulhoso de você, querida.

Ele a soltou e vi que seu corpo estava trancado tão apertado quanto o meu, seu rosto congelado de admiração e ela permaneceu assim enquanto Joe se movia em torno dela, indo em direção a Kate.

Eu forcei meus olhos de uma Keira ainda imóvel para Kate que estava de pé ao lado do caminhão olhando para Keira. Joe caminhou até ela, seu corpo sacudiu quando ele chegou e ela inclinou a cabeça para trás, olhando para ele, dando-lhe o alvo perfeito quando a cabeça dele baixou e ele tocou os lábios na testa dela.

—Que bom que você está em casa, Kate. — o ouvi dizer, e a cabeça de Kate virou-se, seus olhos cortando para mim, seu rosto preenchido com a mesma maravilha que Keira estava.

Querida.

Caramba, eu não conhecia nada mais bonito do que Joe Callahan usando essas palavras com minhas filhas. A única coisa mais bonita foi o pai delas fazendo isso, mas elas nunca mais teriam isso dele, nunca mais. Isso não era o mesmo, nunca seria, mas isso também não era nada ruim.

Joe pegou a bolsa que Kate estava segurando da mão dela.

—Onde está a bolsa de Keira?— Joe perguntou.

—Lá atrás—respondeu Kate, com a voz rouca —na caminhonete. — concluiu, claramente incapaz de formar frases.

Joe foi para o carro.

Fiz algum esforço, mas me recompus e disse:

—O quê? Minhas garotas se foram há dois dias, não me deixaram dizer adeus, voltam para casa e eu fico sem abraços?

Keira se soltou e pulou em cima de mim. Eu a cruzei em meus braços quando Kate correu para nós e se juntou ao nosso amontoado. Eu dei-lhes apertos, cheirando seus cabelos, sentindo seus corpos contra os meus e deixando que se estabelecesse em minha alma. Então beijei cada uma das suas têmporas, Kate, primeiro, depois Keira, e as soltei.

—Certo, vamos desfazer as malas. — olhei para ver Dane carregando uma bolsa e se afastando e eu sorri para ele. —Ei Dane, obrigado por cortar o seu tempo de família e trazê-las para casa em segurança.

—De nada, Sra Winters. — respondeu Dane, sorrindo para mim e vindo para a frente.

Joe carregou as malas das meninas, Dane levou sua bolsa, segurei minhas duas meninas pela cintura enquanto entravámos.

Uma hora mais tarde, depois que as crianças tinham descompactado, jogado com Mooch no quintal e comermos um almoço de sanduíches e batatas fritas, Joe levou Dane para o Fulsham Custard para comprar sorvete de creme.

Sentei as garotas nos banquinhos do balcão dizendo-lhes que precisávamos conversar. Não disseram nada, apenas olharam uma para a outra e foram para os bancos. Elas estavam no lado da sala de jantar. Eu estava na cozinha, no balcão em frente, tentando não hiperventilar.

Durante a última hora, minha cabeça tinha ultrapassado um milhão de maneiras de abrir essa conversa e então decidi que todas elas eram idiotas.

Por isso fiquei parada olhando entre elas sem ter a primeira pista do que dizer e, infelizmente, tentando pensar no que dizer, fiquei em silêncio por muito tempo.

Kate falou primeiro.

—Nós entendemos, Mawdy, você está com Joe.

Eu olhei para ela.

—Sim, adivinhona.— disse Keira.

—Então — eu forcei —você … isso não é uma surpresa?

Kate sorriu e me informou:

—Dane disse que um homem não conserta uma fechadura de portas de garagem a menos que esteja consertando a garagem.

Eu senti meus lábios se separarem. Até mesmo Dane havia se debruçado sobre a situação antes de mim.

—E ele veio ao shopping conosco. Caras como Joe não vão a shoppings. —Keira acrescentou, soando sábia além de seus anos.

—Você não está chateada? — Eu perguntei e Kate balançou a cabeça, ainda sorrindo, então meus olhos foram para Keira e ela me observava.

—Quem era a garota? — Ela perguntou.

—A garota? —Perguntei de volta.

—Sim, aquela senhora com quem ele estava antes de você ir toda…— ela parou e então terminou: —você sabe.

Eu sabia. Ela estava falando sobre Nádia.

Merda.

—Ela era … uma amiga de Joe. — respondi.

—Ela é sua amiga agora?— Keira perguntou.

—Não. — respondi instantaneamente.

Keira continuou me observando e continuou.

—Então, somos suas únicas amigas agora?

Olhei para minha filha e percebi que ela pensava que éramos uma unidade, que verdadeiramente éramos. Joe nos levava a todos ou não levava ninguém.

—Sim, querida, somos as únicas amigas de Joe agora. — afirmei baixinho.

—E quanto a Mike? — Perguntou Keira.

Eu respirei fundo e parei antes de soltar e dizer:

—Mike e eu...

—Você é melhor com Joe. — cortou Keira antes que eu pudesse terminar.

—O quê?— Eu perguntei.

—Mike é incrível, e é gostoso, mas gosto do jeito que você fica quando está perto de Joe. — disse Keira.

—Eu também. — disse Kate.

—E eu gosto que Joe está perto de você. — continuou Keira.

—Eu também. — Kate repetiu e meus olhos estavam indo e voltando entre as minhas garotas enquanto elas falavam.

—Mike era muito legal e gostamos dele com você também, mas ele não era o mesmo que Joe. — observou Keira.

—Ele é um homem maravilhoso. — disse a ela.

—Sim, mas ele não consertou o nosso portão de garagem. — observou Kate.

—E você não olha para ele como olha para Joe. — afirmou Keira.

—Como eu ...— Fiz uma pausa para engolir, sem ter certeza de que queria saber não só como eu olhava para Joe, mas a maneira como minhas meninas notaram que eu olhei para Joe, em seguida, perguntei: —E como olho para Joe?

Keira encolheu os ombros.

Kate respondeu, seus olhos em mim eram intensos.

—Como se você olhasse para o papai.

Eu fechei meus olhos. Joe estava certo, as garotas sabiam. Elas sabiam disso. Elas sabiam ainda mais do que eu ou pelo menos que admitira para mim mesma.

Com os olhos ainda fechados, Kate continuou.

—E ele olha para você como papai costumava fazer.

Embrulho no intestino. Enrolado.

Eu recuperei meu fôlego, abri meus olhos e disse a elas:

—Joe está ficando alguns meses enquanto sua casa está sendo renovada.

—Nós sabemos. — respondeu Kate.

—Não, querida, eu quero dizer ... ele *ficará.*— repeti, não tendo certeza de como explicar isso para as minhas adolescentes, preocupada que não deveria permitir, e de novo, apreensiva se fazia a coisa certa, esperando intensamente que desse certo com Joe, porque em primeiro lugar, eu queria tanto que isso funcionasse com Joe que provei na minha boca, e em

segundo lugar, porque nunca quereria ter essa conversa com minhas filhas novamente.

—Sim, Mawdy, *nós sabemos*. Yeesh, é o século XXI. — Kate disse para mim.

—E tem sido, tipo, *meses*. — Keira acrescentou, como se eu estivesse atrasada e já era hora de acelerar as coisas.

—A mãe de Jenelle mudou seu novo namorado para dentro, como, eu não sei, em uma semana. — Kate continuou.

Eu sabia que isso era verdade, mas a mãe de Jenelle era definitivamente uma vagabunda. Ela me fazia parecer uma garota de coral. Nós moramos lá não tem um ano e a amiga de Kate, a mãe de Jennelle, havia se mudado com dois namorados com ela e seus filhos, e separou-se dos dois e estava trabalhando no terceiro.

Mas eu não queria que elas achassem que isso era como a mãe de Jenelle, ou que eu fosse como a mãe de Jenelle, então tentei explicar.

—Joe e eu... não quero que vocês pense ...— Porra, isso foi difícil, então minha voz ficou suave, eu olhei entre elas e disse: —Ele não é apenas um cara. Não é também só porque estou sozinha depois de perder o pai de vocês. É porque ele é... Joe e ele... significa muito para mim e vocês garotas quero dizer... —Eu parei e então disse a elas a verdade, uma vez que isso me acertou, se instalou e me fez sorrir um pequeno sorriso. —Vocês significam o mundo para ele.

—Ele perdeu tudo, então acho que ele aprecia o que encontrou. — Kate observou sabiamente e eu olhei para ela novamente.

—Você sabe sobre ... tudo de Joe?— perguntei.

—Ah sim, as crianças da escola falam sobre isso o tempo todo. Sobre sua esposa, pai e filho, e como ele é um lobo solitário depois de tudo isso, um lobo solitário *quente e super legal*. Você ficando com ele, você será como... uma *lenda.* — Keira me informou, então sorriu e terminou. —E nós seremos *lendas* também.

—Sim, porque nós viveremos com Joe também. — acrescentou Kate.

—E nós o chamamos de Joe e ninguém o chama de Joe. — disse Keira.

—Yeah, nós já somos meio lendas sobre isso. Dane diz a todos que o chamamos de Joe. Todos acham que é muito legal. — disse Kate.

Eu não gostava de todo mundo na escola falando sobre Joe, mesmo que, obviamente, achassem que ele era legal. Havia algo sobre isso que me sacudiu.

Mas eu deixei isso ir, respirei pelo nariz e então disse:

—Bem, Joe está se mudando, é o *nosso* Joe, não o quente, super legal, lobo solitário Joe sobre o qual todo mundo fala e ele se aproximando faz de você uma lenda. Ele é apenas um homem, ele pode ser um homem grande e forte, mas tem sentimentos.

—Sim, sentimentos por nós. — respondeu Keira.

—E sentimentos por você. — Kate me disse.

—E nós temos sentimentos por ele. — continuou Keira.

—E você também. — Kate terminou.

Sim, eu tinha, mas foi bom saber que elas também.

—Você gosta dele?— Perguntei baixinho.

—Ele é Joe. — Kate respondeu simplesmente.

Esse tipo de coisa dizia tudo. Ele definitivamente era Joe.

Eu olhei para Keira.

—Antes dele voltar, você parecia louca...

—Mãe, está tudo bem — ela me interrompeu —eu estava com raiva, mas agora nós o temos de volta e ele voltou quando precisávamos dele.

—Quando você *precisava* dele. — Kate ficou com seu tema.

—Eu... — comecei, mas Kate continuou falando.

—Quando o Tio Sam...— Ela parou de falar abruptamente, olhou para o outro lado engoliu em seco e olhou para mim. —Quando chegamos em casa, você estava no colo de Joe, então ele levou você para o outro lado da sala e ele ...— Ela hesitou e sua voz caiu para um sussurro. —Quando perdemos o papai, você não teve isso, alguém para estar lá, alguém para se apoiar, alguém para te segurar porque esse era o trabalho do papai e ele se foi e foi por isso que você...— Ela

deu de ombros e terminou. —Estou feliz que Joe esteja por perto.

Senti as lágrimas ardendo e puxei outra respiração pelo nariz antes de perguntar:

—Vocês têm certeza?— Ambas assentiram, então continuei. —É apenas um par de meses, então conversaremos de novo. Esta é a casa de *vocês*. Eu quero que se sintam bem e confortáveis. Se vocês se sentirem diferentes, precisam falar comigo.

—Mawdy, não é *grande* coisa. Mesmo. Relaxe, este é Joe. —Kate suspirou.

—Sim — concordou Keira —ufa.

Deus, elas agiram assim não foi grande coisa e eu deveria apenas...relaxar.

Pensando nisso, sorri para mim mesma e também me defendi.

—Estou tentando ser uma boa mãe.

—Você não precisa tentar. — Kate me disse.

Outra cambalhota no intestino. Enrolado

Eu nunca tive um elogio mais bonito.

Eu peguei minhas lindas e maravilhosas garotas, me inclinei para frente, meus antebraços no balcão e disse:

—Eu só quero que vocês meninas sejam felizes.

E para isso, Kate perguntou:

—Sim, e você já pensou que nós queremos o mesmo para você?

Foi quando as lágrimas atingiram meus olhos.

—Deus, eu amo vocês. — sussurrei.

—Também te amo, Mawdy. — Kate sussurrou de volta, também se inclinando, também com lágrimas nos olhos.

—Sim, eu também. — Keira sussurrou, inclinando-se também com lágrimas nos olhos.

Eu tirei meus antebraços, mas estendi a mão e peguei as duas mãos, dando-lhes um aperto.

Então Keira perguntou:

—Onde estão eles com o sorvete?

Kate e eu rimos e finalmente relaxei. Elas eram boas. Estavam até felizes por mim, por si mesmas e até mesmo por Joe e Keira estarem bem novamente. Chega de coisas pesadas, nós tivemos mais do que nosso quinhão disso. Era hora de ir para os sundaes congelados.

Deixei as duas irem, peguei meu celular no balcão e liguei para Joe.

Tocou duas vezes e depois:

—Yo.

—Oi, a conversa acabou, você tem o selo de aprovação das *Meninas Winters*.

—É bom saber, Buddy. —disse Joe, parecendo que ele estava sorrindo, em seguida, novamente, nossa palestra durou cerca de dez minutos, então ele sabia que ele era de ouro.

—Embora —avisei —você perderá se não chegar em casa logo com o sorvete.

—Vai demorar um pouco. — Joe me disse.

—Está cheio? — Perguntei.

—Não sei. Estamos no centro de jardinagem. — disse Joe.

Eu pisquei no balcão, em seguida, olhei entre Kate e Keira antes de lhe perguntar:

—Por que você está no centro de jardinagem?

—Comprando uma nova churrasqueira. —respondeu e eu pisquei novamente.

Minha velha churrasqueira estava coberta por uma lona no convés, uma velha lona que era boa porque a churrasqueira a gás era mais velha e acabada. Isso destruía toda a minha visão de deck com meus móveis de ferro forjado e flores, de modo que ficou escondida em um canto. Tim queria construir uma grade embutida em nosso quintal. Ele tinha tudo planejado, até comprou os tijolos que usaria, mas morreu antes que pudesse fazê-lo.

—Você está comprando uma nova grelha?— Eu perguntei e Kate sorriu para uma Keira sorridente.

—Buddy, não quero nem olhar sob essa lona. — Joe respondeu.

—Não é bonita, mas funciona.

—Um homem tem que ter o grill que ele tem que ter. — Joe me disse.

—O quê?

—Eu não estou grelhando costeletas em uma grelha de merda. — Joe disse que em vez de repetir-se, mas eu estava presa na ideia de Joe grelhar algo.

—Você estará grelhando as costeletas? — Perguntei.

Ele parecia um pouco impaciente quando respondeu:

—Vi, vou ao supermercado, compro costeletas. Eu sou um cara, tenho que comer, e você faz comida e os caras grelham carne, é o que fazemos.

—Então você sabe como grelhar?— Eu perguntei hesitante.

—Você viu como Vinnie ensinou Benny a fazer uma pizza?— Joe me perguntou.

—Sim.

—Bem, meu pai poderia fazer uma coisa boa, grelhar, e me ensinou como fazê-lo. Então, sim, eu sei grelhar.

—Ok.

—Nós terminamos de falar?

—Um ... quanto tempo você demorará?

—Muito mais tempo, não terminamos de falar?

Eu sorri para o telefone e disse a ele:

—As garotas e eu podemos estar na loja quando você voltar.

—Não perca seu tempo desde que peguei sua lista.

—Você está indo para a loja?— Eu respirei, pensando tanto do macho alfa robusto Joe, vagando pelos corredores de uma mercearia, o que foi chocante por si só e eu já tinha enfrentado essa impossibilidade no dia anterior, mas era uma impossibilidade digna de mais emoção, e do fato de eu não ter que ir ao supermercado, que foi uma mudança bem-vinda.

—Merda. —ele murmurou para o telefone, claramente não querendo ter a discussão da mercearia novamente.

—Ok, compre uma churrasqueira, vá até a loja, seja doméstico — disse rapidamente —só não esqueça o sorvete.

—Eu não esquecerei.

—Até logo.

—Sim. — então ele chamou: —Vi?

—Sim, querido?

—É tudo de bom.

—O quê?

—Nós. — ele disse, e eu tive aquela sensação de fôlego novamente, gostando da ideia de “nós “gostando que ele soubesse para me dizer, ele tinha as garotas e queria isso e ele desejava que isso fosse bom então continuou. —As garotas estão em casa, estamos juntos, está tudo bem. Agora você relaxará, baby?

Eu inclinei minha cabeça para o lado e sussurrei:

—Sim.

—Estarei em casa logo.

Sim, ele iria e eu gostei mais do que tudo.

—Sim — sussurrei —mais tarde, querido.

—Mais tarde, Buddy.

Eu deslizei meu telefone e olhei para minhas garotas.

—Estamos recebendo um novo grill. — anunciei e ambas sorriram.



Joe e Dane não compraram uma churrasqueira.

Eles compraram a *churrasqueira* para acabar com todas as outras. Levou uma hora para colocá-la no meu deck. Era brilhante e enorme e totalmente com a minha visão de deck.

Em seguida, carregaram a velha lona e sua velha grelha e a levaram para o lixão.

Então eles voltaram e Joe grelhou costeletas. Comemos suas costeletas com minha salada de batata caseira e feijões verdes descascados misturados com molho de gergelim. Terminamos isso com meus caseiros sundaes, com enormes jatos de chantilly, nozes picadas e uma cereja.

Joe não estava errado. Seu pai deve ter sido o mestre dos Grill assim como Vinnie era um mestre Pizzaiolo. As costeletas grelhadas de Joe eram as melhores, ainda melhores do que as de Tim e Tim fazia um belíssimo churrasco.

Nós comemos no convés.

À tarde e à noite, fingindo ter coisas para fazer em seu quintal, mas realmente sendo intrometida, Tina saía de vez em quando para assistir a esta atividade, o tamanho da churrasqueira, a costeleta grelhando, a família comendo no convés.

Tina não parecia feliz com a repentina domesticação de Joe.

A vingança era doce.



—Buddy?— Joe chamou quando estávamos na cama, eu estava em sua camiseta, minha bochecha no peito dele, seu coração batendo no meu ouvido e eu estava meio adormecida.

—Sim?

—Naquela primeira vez, deveria ter me feito um sundae com calda quente.

Minha cabeça subiu e olhei na direção de seu rosto, embora não pudesse realmente vê-lo porque estava escuro.

—O quê?

—Antes de eu te foder pela primeira vez, você deveria me fazer um sundae com calda quente.

—Por quê? — Perguntei.

—Eu não teria fodido você. Eu te levaria para Vegas.

—Vegas?

—Casaria com você, Vi. — ele disse, parecendo que estava perto de rir.

—O quê?— Eu respirei.

—Eles são muito bons.

—O que são?

Sua mão enrolou na parte de trás da minha cabeça e ele pediu, definitivamente rindo agora.

—Fique comigo aqui, querida. Seus sundaes. Eles são muito bons.

Meus sundaes eram bons, eu amava meus sundaes. O chocolate quente era a receita de Bea, mas eu o fiz melhor simplesmente colocando um pouco de canela.

Ainda assim, perguntei:

—Você não teria me dito que terminou comigo se eu fizesse um sundae, ao invés disso, você teria se casado comigo?

—Sim.

—Você está tentando me irritar quando estou meio dormindo?

—Apenas lhe dando uma ideia sobre o que me manterá feliz.

Eu empurrei para cima.

—Você está me irritando quando eu estou meio dormindo.

Ele se enrolou, seus braços foram ao meu redor e de repente eu estava de costas, Joe em mim.

Sua boca contra a minha, ele murmurou:

—Estou te beijando, baby.

—Eu não gosto de ser provocada.

—Então quem fez isso não fez certo. — ele sussurrou.

Minha respiração ficou presa, meu corpo parou e eu olhei para sua cabeça sombria no escuro.

Ele se lembrava de tudo.

—Joe. — sussurrei.

Sua boca deslizou da minha para o meu ouvido e ele murmurou.

—Não diga meu nome assim nesta cama, a menos que você queira que eu te foda, Vi.

Meus braços foram ao redor dele, minhas mãos deslizando sobre a pele de suas costas, minha cabeça virou ligeiramente para que minha boca estivesse em seu ouvido e eu sussurrei:

—Joe.

Ele riu baixinho no meu ouvido.

Então ele me fodeu.



No meio da noite, acordei assustada, respirando pesadamente, o sonho ainda me segurava.

—Buddy.

—Estou bem.

Nós estávamos deitados, seus braços apertados em volta de mim e eu pressionada em seu corpo.

—O mesmo sonho?— Ele perguntou.

—Bits diferentes, mas principalmente, sim. —respondi.

Joe chegou mais perto, me dando um pouco do seu peso, me pressionando na cama, seu grande corpo encapsulando o meu.

—Você quer me dizer sobre o que é? — Perguntou ele.

—Não, não, eu preciso deixar passar.

—Tudo bem, Buddy.

—Apenas, fique perto. — sussurrei.

—Não indo a lugar algum.

—Bom.

Senti seu rosto no meu cabelo, sua respiração mexendo e ele me segurou perto, seu corpo uma casca protetora, até que adormeci de novo.



Domingo, Joe e Dane aprenderam a fazer parte do clã Winters quando todas nós fomos ver os acessórios de banheiro e cozinha.

As visões de Kate e Keira para a casa de Joe se chocaram significativamente, não conseguiram concordar em nada e a discussão se aqueceu.

Na loja três, quando o vendedor estava se afastando, Dane fingia ter recebido uma mensagem e eu estava prestes a intervir, Joe entrou.

—Certo. — disse de um modo comandante, tanto Kate quanto Keira pararam de discutir e seus olhos cortaram para ele. —Kate, você pega a coisas da cozinha, Keira do banheiro...— ele se virou para mim —Vi, você escolhe a tinta e o tapete.

—Eu quero a cozinha.— Keira imprudentemente colocou e os olhos de Joe foram para ela, então ela fechou a boca.

—Isso é legal porque eu preferiria o banheiro. — disse Kate.

—Feito. — Joe decretou e as meninas sorriram.

Simples, lógico e factível.

Merda, ele era como o Super-homem.



Segunda-feira eu voltei a trabalhar, assim como Kate, Dane foi para casa para seus pais e conseguimos o nosso primeiro dia de viver a vida do jeito que seria sem qualquer drama real.

Fiquei aliviada ao ver que as duas garotas agiram como se Joe fosse um ajuste natural na casa, mas ficou claro que Joe não achava isso tão natural. Ele tinha as coisas em mente.

Isso ficou claro no final do dia, quando eu estava limpando minha maquiagem no banheiro, Joe estava na minha cama e eu estava pensando sobre a nossa noite.

Quando cheguei em casa do trabalho, Kate já estava em casa e Keira chegou dez minutos depois de mim. Ela esteve na piscina de Heather o dia todo, dedicada a construir seu bronzeado nas alturas mais altas possíveis, antes do início da escola. Quando Keira chegou em casa, Joe nos disse que ele estava nos levando para comer no Shanghai Salon. Fiquei emocionada com essa ideia, significava que eu não cozinharia. As meninas ficaram emocionadas porque adoravam comida chinesa.

Quando voltamos, Joe recebeu um telefonema que durou um pouco e as meninas e eu colocamos um filme. Kate estava em uma poltrona, Keira e eu estávamos estendidas no sofá, Keira na minha frente, meu braço ao redor dela, não incomum para nós, ou para Kate e eu. Também não foi incomum para Tim e uma das meninas quando ele estava vivo.

Joe estava atendendo a ligação no escritório, ouvi que acabava, então o senti aproximar-se da parte de trás do sofá.

Então eu senti as almofadas atrás de mim sendo puxadas para fora e tanto Keira quanto eu olhamos para cima quando Joe colocou um quadril no sofá, em seguida, rolou sobre ele, deslizando atrás de mim. Com o cotovelo no sofá, a cabeça na mão, seus olhos foram para a TV enquanto seu braço circulava Keira e eu.

Fiquei imóvel e sem fôlego, mas olhei para a minha filha.

Ela ainda estava sem fôlego, o pescoço torcido, olhando para mim.

Então seu rosto ficou macio, seus lábios se inclinaram para as extremidades e ela se aconchegou em mim, me forçando a me aconchegar em Joe, seu braço apertou, meu corpo relaxou e nós assistimos o filme. Mas antes de olhar de novo para a tela, olhei para Kate para ver seus olhos na televisão, mas seus lábios estavam inclinados como os de sua irmã.

E, tirando minha maquiagem, percebi que era Joe apostando sua reivindicação em particular e em público. Nós éramos dele, e ele queria que nós e todo mundo soubesse disso também.

Eu me olhei no espelho, lembrando que Mike me disse que Joe lhe falou que me daria tudo. Quando Mike me disse isso, eu não sabia o que significava, só sabia que a promessa era brilhante.

Agora eu sabia o que significava.

Eu teria tudo novamente e, mais importante, minhas filhas teriam também, o que de certa forma pensei que não pudesse ter de novo o que perdemos quando tudo foi arrancado, não só de mim, mas das minhas filhas.

Joe estava devolvendo para mim e minhas garotas.

De pé no banheiro, senti meu lado da balança desmoronar, o lado de Joe foi carregado tão cheio.

Saí do banheiro para o quarto e não olhei para Joe enquanto caminhava até a porta e tranquei. Então me virei, meus olhos foram para Joe em nossa cama e caminhei até o final dela. Eu fiquei lá parada e, enquanto Joe observava em silêncio, tirei sua camiseta, puxei minha calcinha e saí delas, em seguida, engatinhei de quatro em suas pernas. Eu beijei sua barriga então deslizei as cobertas para baixo.

—Buddy. — ele murmurou.

Eu peguei-o na minha mão e deslizei-o na minha boca.

—Cristo, Buddy. — ele gemeu, ambas as suas grandes mãos deslizando o meu cabelo para trás nas laterais e segurando.

Não sabendo como dar tudo a ele, dei a ele o que pude, fazendo com que ele gozasse com a minha boca.

Quando terminei, ele me puxou pelo seu corpo, empurrou meu rosto em seu pescoço e sua mão foi entre as minhas pernas e me fez gozar com os dedos.

Aquele era Joe, equilibrando as balanças.

—Você está bem? — Joe murmurou quando meu ritmo cardíaco voltou ao normal, seus dedos ainda deslizando suavemente através da umidade entre as minhas pernas.

Sim eu estava bem.

Só que achei que queria que o lado da balança de Joe fosse mais pesado que o meu.

Pelo resto de sua vida.

Mas eu sussurrei em seu pescoço:

—Sim.

Sua mão deslizou para longe e ele me moveu para o lado dele.

—Durma, Buddy. — ele ordenou suavemente.

—Ok, Joe. — respondi, sua mão foi para o meu quadril para desenhar seus padrões aleatórios e minha mente se encheu de maneiras de desequilibrar a nossa balança.

Eu caí no sono não chegando com muito.



O pesadelo voltou naquela noite. Isso acordou a mim e Joe, e ele me segurou enquanto minha respiração se estabilizava e os tremores saíam do meu corpo.

Ele fez isso em silêncio, mas quando me recuperei, Joe falou:

—Não gosto dessa merda, Vi.

—Vai passar.

—Não gosto. — ele repetiu.

—Eu ficarei bem.

—Você teve isso quando Tim morreu? — Ele perguntou.

—Não. — respondi.

—Merda. — ele murmurou.

—Eu ficarei bem.

Seus braços me apertaram e ele disse:

—Sim.

Mas ele não parecia convencido.



Na manhã de terça-feira, enquanto eu tomava café e as meninas ainda dormiam, Joe saiu na frente da casa, algo que ele fazia desde as primeiras horas da manhã desde que se mudara. Eu sabia o porquê e decidi fingir que não acontecia.

Naquela manhã, não consegui, porque Joe voltou, ficou na porta e olhou para mim.

—Venha cá, Buddy.

No começo entrei em pânico e vi seus lábios se contraindo, então caminhei até a porta e segui Joe para fora e para o meu quintal.

Ele olhou para a casa de Tina, então olhei para a casa de Tina e vi.

O jardim da frente, suas árvores, sua cerca, seus arbustos, tudo estava coberto de papel higiênico.

Depois que superei o choque de ver o jardim branco e cheio de papel higiênico de Tina, soltei uma risada estrangulada.

—Sabe alguma coisa sobre isso?— Joe perguntou e eu olhei para ele e balancei a cabeça.

—Não. — eu menti.

Joe olhou de volta para Tina e observou:

—Para mim, parece a obra de Jessie Rourke.

Ele estava errado. Papel higiênico foi ideia de Dee.

Eu fiquei em silêncio.

Joe olhou para mim de novo.

—Temos guerra aqui?

—Guerra? — Perguntei.

—Ela retaliará?

Eu pensei que era altamente improvável que Tina retaliaria com o caminhão de Joe no meu caminho, mas ela era uma cadela e eu não era. O que eu sei sobre o que as cadelas faziam?

—Hum ...— murmurei.

—Ela fode com seu quintal, Buddy, temos problemas. — Joe avisou, em seguida, sugeriu: — Então talvez vocês duas devam conversar, resolver isso.

—Eu tenho certeza que dará tudo certo. — assegurei a ele, não querendo ter palavras com Tina novamente.

—Não dá, terei que entrar, então realmente não dará certo. — Joe me disse.

—Joe...

—Fale com ela.

—Joe...

Ele chegou perto, inclinou o queixo para baixo e assumiu seu olhar sinistro.

—Buddy, fale... com... ela.

Eu tentei decidir se eu deveria discordar com Joe quando ele ficava sinistro.

Isso levou meio segundo antes que eu decidisse por não.

—Tudo bem. — murmurei.

—Porra—Joe murmurou de volta, seus olhos indo para os de Tina —eu finalmente encontrei uma mulher e ela é amiga de Jessie Rourke e inimigas de Tina Blackstone.— Desde que ele soou agravado, eu sugeri:

— Farei cupcakes para ela.

Joe olhou para mim e não disse uma palavra.

Eu mordi meu lábio.

Joe olhou para minha boca, balançou a cabeça, em seguida, passou um braço em volta dos meus ombros e me levou de volta para dentro de casa.



Quando cheguei em casa depois do trabalho naquela noite, Joe e nem Kate e Keira estavam em casa.

Eu tinha três notas, duas da Kate, uma da Keira.

Nota um:

O pessoal de Heather está nos levando para a casa de Costa. Eu usarei meu novo vestido que fica incrível com meu bronzeado! Não se preocupe, estou usando o dinheiro de Joe

para pagar o meu. Mando uma mensagem quando estiver a caminho de casa.

xxooxxoo-Keira

Eu me perguntei se aquele era o velho dinheiro de Joe ou um novo dinheiro que ele lhe dera para ir para a casa de Costa. Decidi perguntar mais tarde, quando eu não estivesse cansada, depois de trabalhar o dia todo, ou, alternativamente, não perguntar nada, porque estar cansada depois de trabalhar o dia todo, meu humor era imprevisível e não tinha certeza de como me sentiria sobre Joe dar a Keira mais dinheiro.

Nota dois:

Joe disse que vai ao escritório e estará em casa quando você chegar.

xoxoxo-Kate

Aparentemente, Joe não escreveu notas. Felizmente Kate fez.

Nota três:

Dane e eu vamos ao cinema. Estaremos de volta por volta das nove.

Amo você!

xoxoxo-Kate

Eu estava sozinha em casa, de novo, então fui até a caixa de correio, peguei a correspondência, acenei para Myrtle, voltei, deixei Mooch fora da caixa e deixei-o sair levando minha correspondência comigo para abri-la enquanto eu mantinha um olho nele. Uma vez que eu classifiquei minha correspondência, Mooch e eu voltamos, deixei as notas no balcão e fui para a geladeira, tentando decidir o que fazer para o jantar.

Enquanto estava na geladeira, ouvi o caminhão de Joe na garagem. Eu fechei a geladeira, ainda não tendo decidido o que fazer para e me virei para abrir um armário e encarar isso com a esperança de inspiração.

Joe entrou pela porta lateral, meus olhos foram para ele, seus olhos já estavam em mim e ele disse:

—Ei Buddy.

Eu sorri para ele.

—Ei Joe.

Ele veio direto para mim, passou um braço em volta da minha cintura, a cabeça dele curvada e sua boca bateu na minha para um beijo curto, duro e de boca fechada.

—Onde estão as garotas?— Ele perguntou quando levantou a cabeça e durante o tempo eu estava pensando que meu humor não era mais imprevisível agora que Joe estava em casa e me deu um beijo, para não mencionar que perguntando

sobre as meninas significava que não sabia que Keira estava na Costa, então ele não lhe dera mais dinheiro.

—Kate e Dane foram ver um filme. Keira está na casa de Costa com a família de Heather. — informei, ele assentiu, mas não fez nenhum comentário, então eu perguntei: — Você está com fome?

—Poderia comer.

—Alguma preferência?

Seus olhos ficaram intensos e um lado de sua boca subiu em um sorriso, um novo olhar, que fez minhas pernas tremerem.

Eu ignorei minhas pernas balançando e o incitei a se concentrar:

—Por comida.

Ele me soltou e murmurou:

—Bife.

—Nós não temos bife. — disse a ele.

—Eu sairei e comprarei um pouco. — respondeu, pegando minha correspondência e começando a vasculhá-la.

—Eu farei uma lista rápida e irei com você.— falei e ele não respondeu.

Fui para a geladeira, peguei o bloco de papel preso com imã que estava na porta da geladeira, então eu abri a gaveta e peguei uma caneta.

Eu estava relacionando os itens para servir com bife quando Joe falou.

—Você precisa ligar para o seu banco e eu lhe darei o número de Lindy para que você possa providenciar a transferência de seus débitos diretos da hipoteca em minha conta.

Minha cabeça subiu e meus olhos surpresos foram para ele.

—O quê? — Eu perguntei.

Ele jogou minha correspondência para baixo e se virou para mim, não respondendo a minha pergunta, mas sim dizendo:

—Utilitários também. Lindy lidará com isso.

—O quê? — Eu repeti.

—Hipoteca e utilitários para minhas contas. — Joe respondeu e eu mudei a minha pergunta.

—Por quê?

—Por quê? — Joe repetiu.

—Sim, hum ... por quê?

—Vivo aqui, Buddy. — Joe respondeu.

—Sim, mas isso é...

Joe me cortou.

—Pago a minha parte.

Eu balancei minha cabeça com confusão, então entendi e disse:

—Ok, eu estou bem com isso, mas você pode me dar uma porcentagem, um quarto é justo.

—Pago a sua parte também.

Eu pisquei de volta confusa.

—Eu não entendo.

Joe inclinou o quadril para o balcão e ele me estudou antes de perguntar:

—O que você não entende?

—Pagando minha parte. Quero dizer, isso é generoso, mas desnecessário. E é realmente desnecessário mudar os débitos diretos da hipoteca e dos serviços públicos por apenas alguns meses.

As sobrancelhas de Joe se ergueram e seu rosto escureceu antes dele perguntar baixinho:

—Alguns meses?

—Sim, se você quiser contribuir enquanto estiver ficando, fico feliz por você fazer isso. Mas você não tem que pagar tudo e não temos que trocar os débitos diretos, porque eu só terei que trocá-los de volta e isso é um saco.

—Enquanto estou ficando? — Joe perguntou, ele me estudava ainda mais perto e começava a parecer um pouco assustador.

—Sim, enquanto você fica, até que sua casa esteja pronta.

—Venderei a casa quando estiver pronta, Vi, te disse isso.

—Sim, bem ...— Eu parei porque me dei conta de que, se ele estivesse vendendo sua casa, isso significava que ele se mudaria, não morando mais na porta ao lado. Então me ocorreu que ele tinha um lugar na Flórida e me perguntei se era para lá que iria, o que significava um relacionamento de longa distância ou, pior ainda, um fim para “nós”.

E se fosse na Flórida, isso significaria um fim que ele já conhecia antes mesmo de se mudar.

Com esse pensamento, meu humor voltou-se para imprevisível e eu perguntei de forma um tanto brusca:

—Para onde você irá depois que a casa ficar pronta?

—Lugar algum.

—Mas se você está vendendo...

—Eu ficarei aqui.

—Sim, mas, a sua casa será vendida e o outono está chegando, o inverno é depois disso. Você vai para a Flórida?

Joe colocou a mão no balcão e se inclinou um pouco para mim.

—Vi, preste atenção, sim? *Eu ficarei aqui.*

Ele estava ficando impaciente, mas novamente eu também.

Sem mencionar que eu não estava tão feliz com Joe sendo condescendente.

—Sim, eu *sei disso*, Joe. Mas e depois? Você me disse que passava o inverno na Flórida. É para onde você está indo?

—Não, eu ficarei aqui.

—Por quanto tempo? — Perguntei.

—Jesus. Por tempo suficiente para pagar a porra da hipoteca e dos serviços públicos. — respondeu ele, perdendo a paciência. —Quanto tempo isso diz para você que eu ficarei?

Eu olhei para ele, sem entender, então compreendi e minha boca caiu aberta.

Joe notou e disse com sarcasmo leve, mas inegável:

—É isso aí, baby, vejo que está penetrando.

Eu estava me movendo de impaciente para irritada, assim como ainda confusa com apenas uma sugestão de medo, uma combinação volátil.

—Você está se mudando?

Eu observei quando suas sobrancelhas se juntaram antes que ele dissesse:

—Eu já estou dentro.

—Sim, por dois meses. — voltei.

—Não, para sempre. — ele disparou de volta.

Eu balancei a cabeça, surpresa com esta notícia e disse:

—Eu não concordei com isso.

—Eu não te dei exatamente uma escolha, vendo como você estava jogando, fodendo outro cara e eu precisava apostar minha reivindicação. Eu fiz, estou aqui, e ficarei.

A confusão e o medo se afastaram, a raiva se encaixou no lugar.

—O que você acabou de dizer?— sussurrei.

—Você me ouviu.

—Eu não estava fodendo Mike. — retruquei.

—Certo. — ele respondeu, o sarcasmo menos suave desta vez.

—Eu não estava! —O volume da minha voz aumentando.

A voz de Joe não se elevou, diminuiu, o que foi ainda mais assustador.

—Ele foi pego no seu anzol. Eu tive um bom gosto de você, Vi, o homem só fica preso se tiver um gosto.

Eu não pude acreditar nele.

Eu plantei minhas mãos nos meus quadris e respondi:

—Sim, Joe, ele teve um gosto. Isso foi tudo o que ele teve.

O rosto de Joe ficou completamente assustador quando ele voltou:

—Eu direi uma única vez, Buddy, não é uma boa ideia me contar sobre essa merda.

—Nós estávamos terminados!

—Nós nunca terminamos! Nós começamos quando você me implorou para transar com você e nunca terminamos, porra.

—Você terminou comigo duas vezes! — Sim, minha voz estava definitivamente aumentando.

—Não duas vezes, foi você quem tentou terminar na segunda vez.

—Eu terminei isso.

—Nem mesmo perto.

—Acabamos! — Eu repeti.

—Nós não estávamos fodendo.

—Estávamos!

—Vi, desde que nós começamos e eu estive em casa, apenas duas vezes que você não estive na porra da minha cama. Como diabos acabou isso?

Eu não sabia se isso era verdade, embora eu achasse que fosse, mas não importava. Nós ainda estávamos acabados. No entanto, eu sabia que nunca convenceria Joe disso.

Portanto, eu respondi:

—É ridículo lutar sobre isso.

—Você está absolutamente certa. — disse, fazendo parecer que eu fui ridícula.

Não gostando disso nem um pouco, eu declarei:

—Você não está se mudando para sempre.

Seu rosto foi de assustador para sinistro, ele deu dois passos em minha direção, suas pernas sendo longas, significava que isso o trouxe para o meu espaço e ele olhou para mim.

—Eu estou dentro. — ele cortou.

—Você não pode estar. Isso é muito rápido. As meninas...

—Sim, as garotas. É melhor para elas eu me mudar e sair sem motivo, em seguida me mudar de novo?

Isso me irritou, mas ele tinha um ponto, então mudei de estratégia.

—Nós nem sequer estivemos em um encontro!— Berrei.

Ele olhou para mim como se não soubesse quem eu era, então ele murmurou irritado:

—Jesus Cristo.

—Joe... — Eu comecei, mas sua mão subiu, fez isso rápido, ele me fisgou na parte de trás do meu pescoço e me puxou para dentro e para cima. Eu caí em seu corpo, minhas mãos indo para o peito dele, ele se inclinou e seu rosto estava a um centímetro do meu.

—Porra ridícula e sem noção como você está sendo agora, quando você não é assim. Isso somos nós, é bom, é onde estamos e onde ficaremos. Não estou mais jogando com você. Eu te disse, estou me mudando e vendendo minha casa. Vender minha casa significa que eu não tenho mais uma casa, o que significa que morarei aqui. — Então terminou, soando não só zangado, mas também frustrado com a minha estupidez. —Cristo, Vi, o que você achou que fosse?

Eu não recuei, mesmo sabendo que ele estava perdendo mais de seu temperamento, ele era maior, mais forte e mais assustador do que eu.

—Obviamente, pensei que você fosse ficar até que sua casa fosse renovada.

—Sim, para ser vendida. Então o quê?

—Eu não pensei sobre isso!

—Não, você não fez, mas isso não significa que eu não te falei.

—Você também não soletrou!— Eu bati.

—Talvez você queira aprender a chegar à conclusão óbvia. — sugeriu ele.

—E talvez você queira aprender que eu sou assim, é como sou. Eu sempre tenho um milhão de coisas em minha mente. Eu não preciso de mais, então você precisa soletrar.

Ele não respondeu, apenas manteve a boca fechada, mas eu vi um músculo flexionar em seu rosto.

—Precisamos falar sobre você se mudar.— eu continuei e seu outro braço foi em torno de mim na cintura, puxando-me em seu corpo e ele fez isso tão difícil que minhas mãos estavam presas entre nós.

—Estou dentro.

—Joe...

Ele me cortou dizendo:

—Dezessete anos... não, mais... Eu estive esperando por você, esperando por aquelas garotas. Você está aqui e eu deixando minha merda, finalmente fodendo com tudo isso, movendo-me para algo de bom em minha vida, algo para acordar e sair da cama e não estou deixando isso por causa de alguns “desligar” que você tem. Você e eu, eu não facilitei, admitirei isso, mas terminou. Você tem que superar isso ou nunca seguirá em frente. Estou me mudando, Kate e Keira

estão se mudando comigo. É só você quem tem que manter a merda.

Eu me senti sem fôlego novamente, então tive que forçar o meu:

—Joe...

—E eu não estou vivendo sob a nuvem de como isso começou, Vi. Estraguei tudo, você sabe porque, expliquei isso. Você não aceita isso, você continua me dando essa merda, nós teremos problemas que não superaremos e então me mudarei de um jeito diferente e você estará de volta onde começou.

Eu senti meu corpo ficar apertado.

—Você está ameaçando sair?

—Eu não estou vivendo sob essa nuvem. — ele repetiu.

—Como você pode ameaçar sair, quando você está discutindo sobre ficar?— Eu exigi saber, e eu fiz isso em voz alta.

—Deus, porra, merda. — ele disse, sua voz quase um grunhido, em seguida, ele me soltou, virou-se, arrancou a folha de papel da parte superior do bloco e declarou: —Estou pegando bifes. Tire essa porra de sua cabeça enquanto eu estiver fora.

E enquanto eu estava na cozinha olhando para ele, ele assobiou para o cachorro e ambos, Mooch e Joe, saíram bem, Mooch meio que trotou, e foram para sua caminhonete e para a loja.

Por que ele levou Mooch, eu não tinha ideia e estava zangado demais para me importar.

O tempo que ele passou na loja eu não gastei, como ordenado, classificando minha cabeça. Em vez disso, passei pensando que Joe era um idiota e eu nunca deveria ter começado com ele. Passei mais tempo pensando que isso nunca funcionaria, principalmente porque ele era um idiota.

Chegou em casa com duas sacolas de compras em uma das mãos, o celular no ouvido e Mooch, no paraíso dos cachorrinhos, depois de pegar uma carona na caminhonete de Joe, em seus calcanhares.

Ele ficou no telefone enquanto eu comecei a subir na grelha para os bifes e os temperei, eu também sabia temperar bons bifes, sal e pimenta, sal temperado e molho Worcestershire, maravilhoso, coloquei algumas batatas novas em ebulição e preparei a água para as ervilhas quando elas precisassem entrar.

Então eu levei os bifes para a grelha e estava nos processos iniciais de arruiná-los, com Tina sentada no convés, lendo uma revista e tomando um coquetel, quando Joe saiu e arrancou o garfo da minha mão.

—Eu estou grelhando os bifes. — eu retruquei, olhando para ele.

—Sim, agora eu que estou grelhando os bifes. — Joe recortou, em seguida, brincou com os botões.

—O que você está fazendo? Eu tenho como eu quero.

—Está muito quente, Vi.

—Está?

—Você vai queimá-los.

Eu cruzei meus braços no peito, joguei um pé, inclinei um quadril e atirei de volta:

—Eu tenho feito as coisas muito bem por quase dois anos sem a sua ajuda, eu acho que posso grelhar um par de filés.

Ele olhou para mim, eu olhei de volta e ele disse:

—Certo. — me entregou o garfo e foi embora.

Voltei-me para a grelha, vi Tina sorrindo na minha direção, eu a ignorei, reajustei os botões e terminei de estragar os bifes.

Joe não teve a chance de comer seu bife arruinado porque ele decolou, sem dizer adeus.

Eu adicionei isso à minha lista de razões pelas quais ele precisava se mover direto, porra, para longe.

Keira e Kate estavam em casa antes de Joe e ambas perguntaram onde ele estava. Como ele não me contou, não tive uma resposta. Elas decidiram, sabiamente, não prosseguir. Elas tinham, eu não sabia, estado por perto quando Tim e eu brigávamos e elas sabiam, eu não percebi, que eu poderia guardar rancor. Então me evitavam.

Na verdade, estava escuro, as garotas estavam dormindo e eu estava na cama quando Joe chegou em casa e eu estava lá há muito tempo.

Tempo suficiente para esfriar, conseguir resolver minha cabeça e me lembrar de três coisas.

Primeira: Joe não teve em dezessete anos um parceiro para praticar comunicação. Inferno, eu tive esse tempo e Tim e eu muitas vezes entrávamos em desentendimentos, principalmente porque ele era cabeça quente e quando meu temperamento explodia, explodia mesmo. Eu não sabia há quanto tempo Joe e Bonnie foram casados, mas eu não sabia se ela era boa em se comunicar e ele certamente não era. Eu precisava dar-lhe alguma folga.

Segunda: Jackie me disse que a única maneira de falhar seria desistindo e essa era sempre a primeira coisa em minha mente, desistir de Joe. Eu precisava parar de fazer isso.

E terceira: bem no meio de uma briga, ele disse que esperou dezessete anos, ainda mais, por mim e minhas meninas. Eu não esperei tanto tempo para encontrá-lo, mas o tempo depois de perder Tim para encontrar Joe não foi divertido, e eu nunca quis repetir isso de novo, então eu não poderia imaginar esperar dezessete anos para encontrar alguém que eu dei merda o suficiente para experimentar uma vida com ele. Depois de todo esse tempo, nós lhe demos algo para acordar e sair da cama, ele também me disse isso, e isso era enorme. Então eu também precisava parar de ser uma vadia.

Eu o ouvi entrar na casa e depois no nosso quarto, então ouvi suas roupas baterem no chão e, segundos depois, senti quando ele deitou na cama.

Eu rolei para ele instantaneamente.

Seu corpo ficou apertado.

—Sem humor, Buddy. — ele rosnou esta advertência, claramente não parecendo louco.

—Fui uma cadela. —falei, seu corpo ficou mais apertado e eu pressionei mais perto e continuei falando. —Não pensei nisso, e tenho muito em mente, mas você é importante. Eu deveria ter pensado nisso e não perdido a paciência quando fui pega de surpresa. —Beijei seu pescoço e sussurrei em seu ouvido: —Sinto muito, Joe.

Ele não respondeu, seu corpo ainda esticado, e manteve seu silêncio por tempo suficiente para eu respirar fundo, e ter um grande risco e fazer tudo, mas o que eu não podia era desistir de Joe.

Então eu deslizei para montá-lo. Suas mãos vieram aos meus quadris e as agarraram, provavelmente para me empurrar, mas eu coloquei minhas mãos em cada lado da sua cabeça, mergulhei meu rosto perto do dele, segurei e olhei para ele através da escuridão.

—Eu te chatearei, querido, provavelmente o suficiente para você querer ir embora. Eu tenho um temperamento e você também, nós nos chocaremos. Não se sentirá bem, às vezes sentirá que não vale a pena, mas, você me deixa, eu esperarei você voltar. E você voltará porque, algo que nós dois aprendemos, isso, o que temos, vale a pena superar. Seja o que for que nos pareça ou nos retenha, sabemos que vale a pena

lutar. Não desistirei de você, Joe, prometo. Eu só preciso que você prometa a mesma coisa.

Ele permaneceu em silêncio e eu comecei a ficar com medo, então eu inclinei a cabeça para que nossas testas se tocassem.

—Baby, não desista de mim. — sussurrei.

—Buddy, eu estou em casa. — ele respondeu e percebi o que ele fez e também que suas mãos ainda estavam segurando meus quadris, não para me afastar, ele nunca tentou me afastar. Ele estava segurando meus quadris para eu permanecer onde estava. Se ele estivesse desistindo de mim, ele não teria voltado para a minha cama.

Então meu grande discurso foi meio desnecessário.

—Oh — eu murmurei —certo.

—Jesus — ele murmurou, em seguida, rolou até que eu estava de costas, seu peso estava em mim, seus quadris entre as minhas pernas, em seguida, ele disse: —você não é muito rápida, não é?

Se ele tivesse dito isso de uma maneira irada ou sarcástica, ao invés de um jeito resignado e um pouco divertido, eu perderia a cabeça.

Em vez disso, eu disse honestamente:

—Geralmente não sou tão ignorante. Mas quando meu irmão é assassinado, espero que o próximo presente maluco seja entregue na minha porta, o que pode fazer minha cabeça explodir, eu me apaixono por um homem e ele se muda e tenho

um futuro que inclui outra criança e preciso descobrir como direi às minhas filhas que elas podem ter um irmão ou irmã em algum momento no futuro, eu fico um pouco lenta. Em minha defesa, a maioria das mulheres ficariam.

—O quê?— Joe perguntou quando parei de falar e percebi que seu corpo ficou tenso novamente, tão tenso que até mesmo suas células pararam de se mover, ele tinha uma rédea apertada.

Eu coloquei uma mão no rosto dele e respondi:

—Eu pensei que você disse que queria uma criança.

—Antes disso.

Eu pensei por um segundo e perguntei:

—Minha cabeça está explodindo?

Seu corpo se moveu, mas apenas para pressionar o meu mais fundo na cama.

—Depois disso, Vi. — ele rosnou e eu estava ficando confusa novamente, porque ele parecia impaciente, muito impaciente, perto de perdê-lo impaciente.

—Que estou apaixonada por você? — perguntei baixinho.

—Sim, baby, isso.

—É isso?

—É isso? — Repetiu ele.

—Sim, hum... você... uh...— Merda! Ele não estava preparado para isso. Agora o que eu disse? —Isso é demais para você? Eu deveria ter...?

Ele me cortou rugindo de tanto rir. Rugindo. Tão alto que eu tinha certeza que ele acordaria as meninas e Mooch.

—O que é engraçado?— perguntei a Joe e ele empurrou o rosto no meu pescoço, mas suas mãos começaram a andar.

—Você acha que talvez você quisesse me dizer isso?

—Dizer-te o que?

Sua cabeça surgiu.

—Querida, mantenha-se comigo porque isso é muito importante.

Senti minha temperatura aumentar quando minha raiva se elevou e fiz o melhor que pude para bloqueá-la.

—Eu não estou te seguindo, Joe. Talvez você possa explicar?

Sua boca veio à minha e ele sussurrou:

—Você está apaixonada por mim.

—Bem, sim.

—Você não acha que talvez devesse compartilhar isso comigo?

—Hum... eu pensei que tivesse.

Ele me beijou levemente, em seguida, sua boca foi embora, mas não muito longe quando ele disse:

—Gostaria de lembrar disso, Buddy.

—Mas, eu desisti de Mike e você se mudou.

—Sim. E?

—Comigo e as meninas.

Ele não disse:

—Sim. Então? —Novamente, ele deixou seu silêncio dizer isso.

—Isso não diz tudo? — Perguntei. —Quero dizer, eu não deixaria qualquer cara morar comigo e com as garotas. Eu não sou assim. Ele teria que significar algo para mim, como você significa.

Senti seu corpo relaxar no meu antes que ele perguntasse baixinho:

—Quando você soube?

—O quê?

—Que você se apaixonou, quando você soube?

Senti minha temperatura diminuir e minha mão deslizou por suas costas e em seu cabelo.

—Eu não sei. Eu simplesmente soube.— respondi suavemente.

—Vi... — ele disse meu nome em um aviso gentil.

Rapidamente, para tirá-lo porque, sendo Joe, ele não ia deixar passar e quando eu disse isso, ia me fazer parecer idiota, eu disse a ele.

—Quando você disse: "*Baby, você não está usando sapatos"* naquela segunda noite que estivemos juntos em sua casa.

Imediatamente, ele respondeu:

—Eu soube que você era a única, quando estava em pé na minha sala de estar, usando aquelas botas idiotas, sua camisola e aquele roupão felpudo.

—Essa foi a noite em que nos conhecemos.

—Sim.

Eu era a paixão de Joe e ele sabia disso desde a primeira noite em que nos conhecemos.

Ele sabia que eu era a única. *Única. Única*.

E ele sabia disso na primeira noite em que nos conhecemos.

Senti as lágrimas ardendo nos meus olhos e meu outro braço apertou ao redor dele.

—Joe. — sussurrei.

Sua boca veio a minha novamente quando suas mãos levantaram minhas pernas para envolvê-las em torno de seus quadris e ele sussurrou de volta:

—Eu te amo, baby.— Eu senti minha respiração engatar e as lágrimas escorreram pelos lados dos meus olhos, mas ele não tinha terminado. —E não estou, nem pelo caralho, saindo.

—Ok.— eu respondi instantaneamente.

Eu o senti sorrir contra a minha boca, então senti sua mão deslizar na minha calcinha até a minha bunda, então ele me beijou e, depois disso, ele fez amor comigo. Ele tomou seu tempo, me deixou tomar o meu e foi melhor do que em qualquer outro momento antes.

Então isso dizia alguma coisa.



Depois, Joe chamou:

—Vi?

—Sim, baby? — Eu disse em seu peito.

—Mova os débitos da hipoteca e utilitários, sim?

Eu respirei fundo e disse:

—Talvez devêssemos ...

—Mova-os.

—Joe...

Sua mão deslizou em meu cabelo, puxou levemente inclinando minha cabeça para trás, quando ele levantou a dele e falou:

—Não direi de novo, baby. —disse suavemente.

—Eu tenho menos em minha balança. — sussurrei em resposta.

Seu punho se abriu e sua mão segurou a parte de trás da minha cabeça quando ele perguntou:

—O quê?

—Você continua desequilibrando a balança, me dando mais. Não é justo.

Ele ficou em silêncio por um segundo e então perguntou em voz baixa:

—Você está me sacaneando?

Eu balancei a cabeça.

Seu outro braço foi ao meu redor e ele me puxou até que eu estava cara a cara com ele.

Então ele falou.

—Desde que me lembro, tudo que eu queria era uma família. Minha mãe morreu, meu pai se perdeu e eu fui para a casa da tia Theresa e do tio Vinnie, para ficar com a família deles, uma família que era barulhenta, e na sua vida que parte do tempo era chato pra caramba, mas o resto do tempo me senti bem porque eram assim que me davam uma merda. E eu queria isso. Meu pai estava tão profundamente em sua dor que ele perdeu o seu caminho e se esqueceu de me dar uma merda, então eu nunca tive isso, não em casa. Eu envelheci e isso mudou e tudo o que eu queria era uma boa mulher e uma família. Toda a minha vida, com uma ligeira variação no tema, é tudo o que eu sempre quis. Buddy, você me deu ambos. Você pensa, me dando isso, eu poderia desequilibrar essa balança?

Não falei nada, não pude, porque estava chorando.

Joe passou os braços em volta de mim, rolou para os nossos lados e me segurou enquanto eu chorava. Uma vez que parei de chorar, sua mão subiu e ele secou minhas lágrimas com o polegar.

Então ele sussurrou:

—Mova a hipoteca e utilitários, sim?

—Ok, Joe.

Ele enfiou o meu rosto na garganta e ainda estava sussurrando quando ele disse:

—Te amo, Buddy.

—Também te amo, Joe.

—Dormir.

—OK. Boa noite, querido.

— Boa noite, baby.

Eu me deitei em seus braços e pensei que tive sorte, engravidar aos dezessete anos pelo amor da minha vida. Eu até sabia que tive sorte todos aqueles anos que tive Tim.

Até que perdi o amor da minha vida.

E aqui estava eu, com toda a merda que tinha caído, me encontrando com a mesma sorte de novo.

Eu me aninhei mais perto de Joe Callahan e depois adormeci.



Eu não tive um pesadelo naquela noite.

Eu dormi a noite inteira como uma árvore, não acordei uma vez.



Quarta-feira passou principalmente sem incidentes.

Isso se você não contasse, voltando do trabalho para casa, vi Keira saindo correndo de seu quarto, com os braços girando, enquanto Mooch a seguia latindo enquanto corria pelo corredor, gritando:

—Joe nos comprou novos computadores!

Naquele dia, Kate tinha saído do Custard Stand, então eu sabia que Joe e as meninas estavam saindo para tomar decisões finais em utensílios de cozinha, torneiras para cozinha e banheiro e selecionar azulejos para a casa de Joe.

Tanto quanto eu sabia, os computadores não estavam no mix.

—Novos computadores?— Perguntei à minha filha quando ela parou na minha frente, apesar de Mooch vir direto para cima de mim e pulado em volta das minhas pernas.

—Sim!— Ela gritou, seu rosto iluminado de alegria.

— Computadores. No plural? —Eu continuei, me abaixando para pegar Mooch e dar-lhe um aconchego.

—Sim, um para Kate, um para mim e uma nova área de trabalho para substituir a antiga e atuar como servidor.— Keira estava olhando meu rosto, lendo minha expressão e sentindo minha reação, portanto seu entusiasmo desapareceu e ela rapidamente explicou: — Joe diz que eles são para lição de casa. E que precisamos deles para a escola. Disse que o nosso anterior é muito antigo e que, hoje em dia, um computador para quatro pessoas é ridículo.

Deixei essa informação penetrar, ouvindo Joe falando essas palavras na minha cabeça, e ele provavelmente usaria a palavra F em algum lugar enquanto as pronunciasse, enquanto eu fazia um malabarismo com Mooch, largava minha bolsa no balcão e me lembrava que Joe acabara de receber uma família. O que ele sempre quis. Ele estava compensando o tempo perdido. Não seria bom para mim explodir minha pilha na tendência alarmante de Joe em estragar minhas filhas em cada chance que tivesse. Eu tive que ser paciente com ele e encontrar o momento certo para explicar que os novos computadores e similares eram coisas discutidas pela família. Ou, mais precisamente, coisas que os adultos discutiam antes de serem compradas.

Então ouvi o que soou como uma broca.

—Isso é uma broca?— Perguntei a Keira.

Keira virou o tornozelo para o lado, mordeu o lábio, em seguida, declarou:

—Bem, Joe decidiu que também precisávamos de mesas para colocar nossos computadores enquanto fizermos os nossos deveres de casa e...— Ela hesitou. —Um ...— Ela hesitou novamente. —Prateleiras para nossos livros.

—*Joe*! — Eu gritei, esquecendo a paciência.

Mooch latiu e Keira saltou.

Então ela murmurou:

—Uh-oh.

A broca seguiu em frente enquanto eu deixava Mooch e andava pelo corredor, repetindo um grito:

—Joe!

A broca parou quando cheguei na porta do quarto de Keira e vi Kate segurando algumas prateleiras, que eu tinha que admitir, só para mim, parecia muito boa no quarto dela. Joe estava de pé com ela, o pescoço torcido para olhar para mim em pé na porta. Eu também vi que havia uma mesa que combinava com as prateleiras. Ambos estavam pintados de branco, eram imensamente femininos e a escrivaninha tinha um laptop, a capa parecia um brilho roxo.

Eu estava ferrada. Keira nunca desistiria de um laptop com capa roxa de glitter.

Meus olhos estreitados foram para Joe. Mooch, que se sentou aos meus pés, latiu, dando-me apoio de cachorrinho.

Os olhos cautelosos de Kate foram além de mim até onde Keira estava de pé.

Joe colocou a broca em uma prateleira e se aproximou de mim.

—No nosso quarto — exigi —precisamos conversar.

Ele não me deixou virar e me mover para o nosso quarto. Antes que eu me movesse um centímetro, ele me enganchou com um braço na minha cintura, puxando meu corpo rígido para dentro do quarto, bem como em seu corpo e percebi que ele estava lutando contra um sorriso enquanto observava seu rosto se aproximar do meu.

—Baby, você nem tem wifi. — ele disse, e, sendo Joe, começou sua explicação em algum lugar, do meio.

Era verdade. Não tínhamos wifi, porque não precisávamos de wifi uma vez que só tínhamos um computador.

—Temos que conversar. — repeti.

—As garotas não podem fazer nada, compartilhando um computador. — continuou ele.

—Quarto. Falar. — pedi de novo.

—Agora elas podem trabalhar em qualquer lugar da casa onde estiverem confortáveis. Elas serão mais produtivas. — continuou Joe.

Isso fazia sentido.

Eu não dei a ele este ponto, em vez disso, respondi:

—Joe...

Sua cabeça se aproximou e ele tocou sua boca na minha, efetivamente me aquietando antes de continuar.

—Kate será um júnior em breve. Ela me disse que a preparatória para a faculdade, vem no segundo semestre, e já está fazendo cursos de crédito universitário. O trabalho ficará mais difícil, e ela precisará de seu próprio espaço para se concentrar, e precisará de um sistema para levar com ela quando for para a escola.

—Certo — respondi sarcasticamente —a velocidade que você está indo, você não comprará um novo antes que ela vá para a faculdade.

Com minhas palavras, indicação firme para Joe, assim como para as garotas, de que Joe estaria lá em dois anos para conseguir um novo computador para Kate, os olhos de Joe ficaram macios, seu rosto ficou terno e ele sorriu para mim. Com isso, ouvi Keira sufocar uma risadinha e Kate tossir para esconder sua risada.

Ouvindo a diversão de minhas filhas, vendo o rosto de Joe daquele jeito, esqueci porque eu estava brava.

Joe viu, ou sentiu, e seu braço ao meu redor se apertou.

—Se isso faz você se sentir melhor, Kate comprou o novo puff para o quarto com seu próprio dinheiro. — Joe me disse e eu revirei os olhos, mas fiz isso principalmente para mostrar.

Quando os rolei para trás e olhei para Joe, afirmei:

—Chega de fazer compras no seu caminhão. Você leva minhas garotas para fazer compras, tem que estar no Mustang. Móveis e puffs não cabem em um Mustang.

Joe ainda estava sorrindo quando perguntou:

—Como você irá para o trabalho?

—Nós trocaremos os carros.

Seu braço me deu um aperto e ele disse:

—Você não dirige meu caminhão, querida, ninguém além de mim dirige.

—Por quê? Você dirige o meu. — eu o lembrei.

—Sim, mas eu sou um cara. — respondeu Joe.

—Isso é verdade, Joe é um cara. — Keira colocou, vindo para ficar ao nosso lado.

Eu olhei para Keira, agora tentando lutar contra o meu próprio sorriso, em seguida, de volta para Joe antes de dizer:

—Sim, você é um cara, por que você está fazendo compras?

—O livro de regras diz que eu posso comprar móveis e merda com puffs. O puff era demais, mas, como não foi eu quem pagou, recebi um passe. — explicou Joe, e ouvi explodir a risada das duas garotas novamente, dessa vez elas não a sufocaram.

Coloquei minhas mãos nos braços de Joe e, cedendo, perguntei:

— Essas prateleiras serão colocadas até o jantar?

Joe me deu outro aperto, em seguida, ele tocou seus lábios nos meus antes de me deixar ir, voltando para as prateleiras e dizendo:

—Depende se o jantar estará pronto em dez ou trinta minutos.

Eu queria saber que jantar levava dez minutos para ficar pronto. Então eu queria saber se era bom e não em um micro-ondas.

Eu não perguntei apenas respondi:

—Trinta, pelo menos.

Joe pegou a broca e olhou para mim.

—Então, sim.

Eu olhei para Kate, que estava sorrindo e ainda segurando as prateleiras. Então eu olhei para Keira, que estava de pé em sua nova mesa de menina, as pontas dos dedos em seu novo laptop, também sorrindo, mas o dela não era pequeno. Então eu olhei para Mooch, que estava farejando no chão, provavelmente tentando encontrar algo para destruir com seus dentes de cachorro. Então olhei para as prateleiras de menina que pareciam tão boas no quarto de Keira. Então olhei para Joe.

—Nós estamos comendo na mesa. — eu os informei, meus olhos ainda em Joe.

—Funciona para mim. —Joe murmurou, inclinando a cabeça e apontando a furadeira para as prateleiras.

—Pra mim também. — disse Kate.

—Para os três! — Acrescentou Keira.

A broca zumbiu. Sacudi a cabeça e saí do quarto, indo ao de Kate para ver que ela tinha prateleiras e escrivaninha preta envernizadas, um laptop preto lustroso e brilhante, e um puff peludo estampado de leopardo. Ela já havia redecorado, movendo livros e bugigangas que ela tinha empilhado em sua cômoda e mesa de cabeceira para suas novas prateleiras e mesa e reorganizando os cartazes.

Isso também parecia bom.

Embora ela precisasse de mais livros e bugigangas para preenchê-las.

Eu sorri enquanto caminhava para a cozinha. Eu fiz o jantar com Mooch me ajudando, em parte porque eu acho que ele estava com medo da broca, em parte porque ele sabia que eu o alimentaria com sucatas. Nós comemos na mesa. Eu lavei a louça enquanto as meninas brincavam com seus laptops e faziam mais redecorações. Quando terminei de lavar os pratos, Joe me mostrou o novo computador central que já tinha quatro usuários programados, os nomes todos em uma coluna, começando com "Joe" no topo, "Violet" depois, "Kate", então "Keira". Algo sobre nossos nomes em uma coluna no computador da família me surpreendeu. Foi bom. Tão bom, que me perguntei por que alguém na Terra precisaria de drogas. Você poderia ficar chapado apenas tendo uma família.

Mais tarde, subimos no Mustang e fomos para a Sorveteria de Fulsham. Joe e eu com casquinhas, as meninas sundaes de tartaruga[27]. Enquanto comíamos, Joe e Kate sentaram-se lado a lado no topo de uma mesa de piquenique do lado de fora, enquanto Keira sentava no banco aos pés de Kate e eu me sentei no banco aos pés de Joe, minhas costas apoiadas em suas pernas.

Eu escutei Kate e Keira conversando com Joe, ele não falando muito, Keira falando mais, mas Kate e Keira o incluindo. Kate falando sobre sua música e Keira falando sobre a casa de Joe.

Enquanto escutava, notei as pessoas olhando para nós. Eles não olhavam, mas suas curiosidades eram óbvias. Estava

[27]É a combinação de sorvete de baunilha, calda quente e molhos quentes de caramelo e nozes torradas. Conhecido como um sundae de tartaruga, ou turtle sundae.

quente e abafado, nós precisávamos de uma tempestade para apagar a umidade, mas não a tivemos em dias. Por causa disso, e o verão chegando ao fim, a escola começando em breve, a sorveteria estava cheia, muitas crianças, alguns casais, mais famílias. Estudando nossos expectadores, notei que Joe era o ponto focal da curiosidade, as meninas e eu também, mas não tanto. Era claramente uma visão para ver, o velho lobo Joe Callahan com uma mulher e suas duas filhas adolescentes.

Mais uma vez, isso me perturbou. Eu não conseguia identificar o porquê e disse a mim mesma que, eventualmente, as pessoas se acostumariam com a gente, e a sensação ruim que eu sentia desapareceria.

Voltamos para casa e as meninas foram para seus quartos e para seus novos brinquedos. Joe foi até a geladeira, abriu uma garrafa de vinho branco, serviu uma taça para mim, pegou uma cerveja e fomos para o convés. Ele puxou as cadeiras para o corrimão e nos sentamos, lado a lado, com os joelhos dobrados, pés no corrimão, tomando vinho e cerveja e eu percebi, já que eu o amava, desde que tivemos uma boa noite e já que era bom e seria assim, eu precisava saber mais sobre o Joe.

Então eu fiz perguntas a ele.

Ele não hesitou em nenhuma de suas respostas. Incluindo as assustadoras, como ele recebendo a cicatriz em sua barriga há muito tempo atrás, quando ele era um segurança e um cara bêbado o cortou com uma faca.

Na minha respiração, Joe murmurou em uma voz gentil:

—Não foi profundo, baby, não causou nenhum dano.

Eu não achei isso, visto que deixou uma cicatriz. Então perguntei sobre a outra.

Aquela era mais assustadora, já que era uma cicatriz de um ferimento a bala que Joe recebeu quando estava de guarda-costas. Joe não disse quem ele guardava, aparentemente essa era uma informação secreta e se ele me dissesse, teria que me matar, embora Joe não explicasse dessa forma, ele apenas disse: *"Não posso te dizer, Vi, então não pergunte*".

O que ele disse foi:

—Depois disso, focamos nos sistemas. Morrer jovem para proteger os idiotas que eu não gostava teria fodido com o meu plano de aposentadoria.

Isso foi engraçado, Joe fazendo outra piada, e eu ri, mas também me inclinei para o lado, colocando minha cabeça no ombro dele e soltando minhas pernas para que descansassem contra as dele. Em troca, Joe deslizou um braço ao longo dos meus ombros e me puxou para mais perto. A cadeira bateu no meu lado, mas eu não me importei. Bobbie tinha alguns móveis de jardim que quase combinavam com os meus e havia uma peça, estilo de sofá, então decidi, já que não tinha mais que pagar uma hipoteca, e como gostava de ficar do lado de fora com Joe, nossos joelhos engatilhados e pés no corrimão. Eu a compraria.

Enquanto fazíamos isso, achei que era bom que Joe fosse sensato e que tivesse um plano para a aposentadoria. Se ele fosse muito macho, aceitando esses empregos apenas pelo dinheiro e a emoção, e não pensando em seu futuro, ele poderia não estar lá, no meu deck, bebendo cerveja comigo ao meu lado e minhas garotas na casa.

E eu gostava dele lá.

Mas eu acho que melhoraria se eu comprasse aquele sofá.

Depois que a parte assustadora da conversa da noite acabou, Joe se levantou e pegou outra cerveja, encheu meu copo com vinho e voltou. Então fizemos planos para convidar Lindy para vir jantar, para que as garotas e eu pudéssemos conhecê-la e em seguida conversamos sobre a próxima visita de meus sogros, algo que Joe não parecia tão preocupado.

—Eles são pessoas Vi e têm duas escolhas, eles gostarão de mim ou não. Eu lidarei com qualquer forma. São boas pessoas, mesmo que não gostarem, não será problema seu ou das meninas.

Ele estava certo, eles tinham duas escolhas e, conhecendo Bea e Gary, não tornariam o problema meu ou das meninas se não gostassem de Joe.

As garotas saíram e disseram boa noite, primeiro Keira, que deu um tapinha no braço de Joe, mas me deu seu beijo habitual. Então Kate, que me deu um beijo, mas não tocou em Joe, ela apenas disse, "*boa noite, Joe*", para a qual ele murmurou "*bons sonhos, garota*", o que a fez olhar para mim daquele jeito assustado que as garotas parecem sempre que

Joe fazia algo carinhoso, mas, assustada ou não, um dia percebi que elas também se acostumaram a estar perto de um Joe afetuoso.

Joe e eu ficamos quieto por algum tempo e isso seria bom se minha mente não vagasse até Mike, me perguntando o que ele estava fazendo, imaginando se estava bem. Eu também estava pensando o quanto era ruim que a nossa situação não permitia que fossemos apenas amigos e eu pudesse ligar para ele, apenas para conversar. Eu gostava de falar com ele, entre outras coisas, e detestava que eu não pudesse mais fazer isso. Ele não disse que não era legal, mas eu sabia no meu coração que não era. Eu estava feliz com a minha decisão e sabia que tinha feito o certo. Mas isso não significava que eu não sentisse falta de Mike.

No entanto, eu não compartilhei isso com o Joe.

Então Joe e eu fomos para a cama e eu percebi, nós dois estando em um humor suave, tendo uma boa noite, ele se sentiria no clima de fazer amor e eu estava ansiosa por isso.

Ele não foi. Ele estava com vontade de me foder, duro e forte, ambos de joelhos, Joe atrás de mim, seus dedos entre as minhas pernas, os dedos da outra mão trabalhando meu mamilo. Eu estava na maior parte, levemente inclinada, minha mão segurando a cabeceira da cama, minha outra mão cobrindo a sua no meu peito e eu tentando não ser muito alta quando ele me fez gozar. Por algum milagre, eu consegui isso e felizmente Joe tinha meu pescoço para sufocar seu gemido quando ele chegou ao clímax.

Depois, Joe me manteve onde eu estava e ficou enterrado dentro de mim.

—Você tem a buceta mais doce que já tive, Buddy. — ele sussurrou no meu ouvido, deslizando para fora e deslizando para dentro.

Não foi o elogio mais florido da história do homem, mas, de Joe, que ficou plantado e me encheu com seu pau grande, funcionou muito bem.

—Eu gosto do seu pau também. — sussurrei de volta e senti ele sorrir contra o meu pescoço.

—Sabia disso, Vi. Toda vez que eu te fodo, você age como se fosse anos atrás que eu estive dentro de você.

Eu torci meu pescoço para olhar para ele e sua cabeça surgiu.

—Você não precisa ser presunçoso sobre isso.

Ele pressionou mais fundo, ouviu meu suspiro suave e riu.

—Baby, você não quer que eu seja, talvez você devesse parar de fazer merda assim.

Eu suspirei, muito suave para ter uma discussão, mesmo uma leve.

Joe beijou meu pescoço e, em seguida, ele puxou para fora. Nós nos acomodamos em nossa posição habitual, aquela com minha cabeça em seu peito, e as pontas dos dedos percorriam minha bunda e quadril enquanto eu ouvia seu batimento cardíaco e adormecia.



Eu também não tive o pesadelo naquela noite.



Quinta-feira cheguei em casa do trabalho e mal entrei, Joe e as meninas me empurrarem de volta.

De volta às compras da escola.

Não perguntei por que Joe veio com a gente, mas fiquei feliz por ele fazer isso.

Nós jantamos em um restaurante do lado de fora do shopping, então fomos para dentro e as meninas compraram algumas roupas novas, compraram para Joe sua nova camisa que ele não experimentou, mas felizmente se encaixou nele e eu comprei presentes para Bea e Gary, alguns quadros novos para substituir os que eu quebrei e algumas pequenas lembranças para mandar para Mel, num esforço para alegrar seu dia.

Joe não pagou pela camisa ou os presentes para Bea, Gary e Mel, mas pagou por algumas das roupas das meninas e dos quadros, mesmo que eu tentasse pagar. Nós discutimos bem na frente dos funcionários em quatro lojas diferentes. Cada vez que minha destemida Keira entrava, duas vezes levando meu cartão de crédito e entregando-o ao balconista,

duas vezes levando o de Joe. Nem Joe nem eu pudemos protestar porque esta era Keira, o que poderíamos dizer?

Enquanto caminhávamos para o carro, Joe usou o braço em volta dos meus ombros para me puxar para perto enquanto ele dizia no meu ouvido.

—Keira é uma diplomata natural.

Ele parecia orgulhoso, tão orgulhoso que eu não consegui me impedir de virar a cabeça e beijar seu pescoço. Ele me deu um aperto de volta.

Quando chegamos em casa, inexplicavelmente, Joe desacelerou enquanto nos dirigíamos em frente à casa, então ele parou na rua.

Eu olhei para ele e sua cabeça estava voltada para a casa.

—Joe, o que...

Eu parei quando eu olhei para a casa também, vi meu quintal e ofeguei em indignação. Na grama agora morta, a palavra “puta” podia ser vista claramente. Eu não tinha dirigido na frente da casa naquele dia ou no dia anterior, e obviamente nem Joe e nem as garotas tinham visto.

Então Joe explodiu:

—Essa porra de boceta!

Ambas as garotas engasgaram, eu pulei e Joe acelerou o Mustang para fora da rua e entrou em nossa garagem tão rápido que eu sabia que estava além de chateado e provavelmente não era o momento de informá-lo que as

palavras P e B na frente das garotas era absolutamente proibido.

Joe parou o carro, desligou a ignição, abriu a porta e saiu do carro, indo direto para a casa de Tina.

Percebi neste momento que, provavelmente, deveria ter levado alguns cupcakes para ela.

Eu me virei para as meninas e pedi:

—Entrem em casa.

—Mãe... — Keira começou.

—Casa!— Eu exigi e, em seguida, abri a porta, saí e corri para Tina, esperando que minhas meninas obedecessem.

Quando pulei a cerca, Joe parou de bater na porta, virou-se para olhar o esportivo Corvette vermelho de Tina, na garagem, em seguida, virou-se e caminhou para lá.

Ao se aproximar de mim, assegurei-lhe:

—Falarei com ela.

Joe não olhou para mim, continuou andando e eu observei quando ele colocou a mão na cerca, jogou as pernas por cima dela, aterrissou do outro lado, foi direto para a casa, na lateral e então desapareceu, indo para sua garagem.

Eu não sabia o que Joe tinha em sua garagem, exceto seu carro Bullitt, cujo capô eu conhecia intimamente. Mas imaginei que, agora, Joe não seria bom.

Eu também vi que minhas meninas não obedeceram, nem mesmo Kate. Elas estavam em pé no quintal. Kate olhava para

a grama, parecendo chateada. Keira estava olhando para Joe, parecendo preocupada.

Eu corri para a porta de Tina e bati, gritando:

—Tina, na verdade, você precisa abrir, precisamos conversar antes de Joe voltar.

Ela não abriu a porta. Eu bati e chamei novamente. Ela ainda não abriu a porta. Eu continuei batendo quando Joe, de repente, estava lá.

Ele me empurrou para o lado e entrou em um agachamento. Então ele fez algo com pequenas ferramentas em sua fechadura, a porta se abriu, ele se endireitou e entrou.

Fiquei em silêncio estupefato, não só porque meu namorado sabia como arrombar uma fechadura, mas o fez até que ouvi Tina gritar:

—Que porra é essa? Você não pode simplesmente entrar na minha casa! Eu estou chamando os policiais!

—Chame-os, eu esperarei. — Joe respondeu e eu corri para ver Tina na boca de seu corredor, Joe parado na sala de estar em seu modo assustador como merda, sinistro, de braços cruzados no peito, durão, sua postura de macho alfa.

—Você invadiu! — Tina gritou.

—Sim. — Joe concordou.

—Que porra é essa! — Tina repetiu.

—Ok, todo mundo, apenas... — eu comecei.

Joe me interrompeu pedindo a Tina:

—Escreva um cheque. Quinhentos dólares. Feito para Violet Winters e faça isso agora.

—Você está louco? — Tina gritou.

—Você faz isso, essa merda acabou, não mais. — afirmou Joe. —Você não faz, eu estou nesta guerra e, acredite em mim mulher, você não me quer nesta guerra. Quando eu terminar com você, você se mudará para outro país.

—Você está me ameaçando?—Tina retrucou, inclinando-se para frente, claramente tendo um desejo de morte.

—Sim. — Joe respondeu, calmo como poderia ser.

—Você não pode invadir minha casa e me ameaçar!— Tina gritou.

Joe olhou em volta e depois para Tina.

—Preste atenção, vadia, eu acabei de fazer.

Oh senhor.

Atravessei a sala e cheguei perto de Joe, envolvendo minhas mãos em torno de seu bíceps, que geralmente era firme, mas agora estava flexionado e parecia de aço.

—Joe, querido, vá para casa. Eu falarei com a Tina.

Ele torceu o pescoço e olhou para mim.

—Te dei essa chance, Buddy. Eu te disse que se ela fodesse com o seu quintal, nós teríamos problemas.

—Mas, Joe...

—Ela fodeu com o seu quintal, nós temos problemas.

—Ela colocou papel higiênico no meu quintal! — Tina gritou. —Demorei horas para limpar aquela merda.

Joe olhou para Tina e eu só pude ver seu perfil e isso me assustou. Ela ficou com o rosto todo e se encolheu.

—Ela não fez isso no seu quintal, mulher, ela estava na cama comigo. Você mexe com as pessoas onde mora, aborrece as pessoas, tem que esperar retribuição. E você tem o hábito de cuspir onde você mora. Quem sabe quem fez isso com o seu quintal? Tudo o que sei é que não foi Vi. Você retaliou contra a pessoa errada, essa pessoa é minha mulher e sua retaliação cruzou a linha. Ela não pode limpar essa merda sem que isso a custe e você pagará por isso.

—Foda-se!— Tina gritou e Joe deu de ombros, baixou os braços e se virou.

—Assim seja. — ele murmurou, deslizando a mão ao longo dos meus ombros e me movendo para a porta onde ele parou e se virou para Tina. —E se fosse você, eu pensaria sobre isso. Você tem até amanhã de manhã para colocar um cheque na caixa de correio de Vi. Se não, está fodida. Você me entendeu?

—Eu estou chamando a polícia. — Tina retornou.

—Você acha que Mike Haines, Alec Colton ou os meninos que trabalham com eles virão aqui para ajudá-la?— Joe perguntou, isso finalmente penetrou e o rosto de Tina se torceu. —Exatamente. — Joe murmurou quando percebeu que Tina estava percebendo que talvez ela deveria ter feito alguns amigos junto com todos os inimigos que ela criou ao longo do

caminho. —Quinhentos dólares, Tina, na caixa de correio de Vi às nove horas da manhã, de amanhã. — ele terminou, em seguida, nos virou novamente e nos levou para fora da porta.

Quando nós batemos na cerca, ele me pegou e me levantou me colocando em meus pés. Então ele pulou, pegou minha mão e nos levou até a grama morta no meu quintal onde as meninas estavam de pé.

—Cheira a água sanitária. — Keira nos informou, a boca de Joe ficou apertada, Kate viu e empurrou o braço de Keira.

—Tudo bem meninas, levem as sacolas de compras para dentro. — pedi, me perguntando se eu teria tempo para fazer alguma coisa no meu jardim antes de Bea e Gary chegarem lá sem pensar que eu não considerei que tinha apenas um dia e que estaria trabalhando naquele dia.

—Deveríamos ... — Kate começou e olhei para ela.

—Casa, baby — eu disse suavemente —nos preocuparemos com isso amanhã, sim?

Ela assentiu, chamou Keira, elas foram até o Mustang, pegaram as sacolas e entraram na casa. Joe ficou olhando para a palavra no meu gramado.

—Você está bem? — perguntei.

—Espero que o cheque não esteja na sua caixa, Buddy.— disse Joe para o quintal, em seguida, olhou para mim. —Terei o prazer de foder com essa cadela.

Olhei para o rosto dele e rezei para que o cheque estivesse na minha caixa. Tina era realmente uma cadela e ela escrever

aquilo com água sanitária na minha grama bonita provou isso. Mas eu não desejaria a ninguém, nem mesmo Tina, que merecesse a fúria que Joe parecia prestes a soltar.

—Você quer uma cerveja? —perguntei e Joe olhou para mim.

Então ele balançou a cabeça, mas respondeu:

—Sim.

Entramos na casa, meu braço em volta da cintura dele, a dele em volta dos meus ombros.

—É só grama. — eu disse a ele baixinho.

Ele nos parou na porta da frente e me enrolou em sua frente.

—Sim, Vi, é só grama. E seu irmão acabou de morrer. Eu teria muito mais paciência com a merda dela se fosse há dois meses ou seis meses a partir de agora. Ela não mudará, mas ela deve ser humana o suficiente para escolher seus tempos. Ela não era assim, espero que o cheque não esteja na sua caixa. Ela precisa de uma aula e estou com vontade de dar-lhe uma.

—Joe...

Sua cabeça mergulhou e ele tocou seus lábios nos meus antes de dizer:

—Não se preocupe, querida, o que eu fizer não explodirá sobre nós.

—Mas, ela está sozinha, Cory não voltou há muito tempo e ela é...

Ele me interrompeu.

—Uma mulher que precisa de uma lição.

—Joe...

—Vi, cerveja.

Eu o estudei e foi o suficiente para saber que Joe se decidira.

Por isso, suspirei, entrei na minha casa e peguei uma cerveja para o meu homem.



Estava escuro, as meninas estavam dormindo e eu estava abraçada ao lado de Joe.

—Joe? —chamei.

—Sim, baby.— ele respondeu.

—As balanças estão planas. — eu disse a ele num sussurro.

—O quê? — Ele perguntou.

Fechei meus olhos, apertei mais perto, abri meus olhos e continuei sussurrando.

—Perdi Tim, e muitas coisas junto com ele. Uma dessas coisas era saber que haveria alguém que cuidaria de mim e das garotas. — Apertei meus lábios e mordi os dois enquanto sentia seu corpo ficar apertado, então continuei. —Lembra daquela noite em que nos conhecemos? Que tive que sair da

cama, no meio da noite, para pedir a Kenzie para desligar a música?

—Baby...

—Tim teria feito isso. Eu não teria que colocar aquelas botas e cair no frio.

—Vi...

—Nem sair da nossa cama.

Ele rolou para perto de mim, murmurando novamente:

—Vi...

—Eu não teria que atravessar a neve, ficar com frio ou até ficar com raiva.

Suas mãos começaram a se mover em mim sob sua camiseta quando ele sussurrou:

—Cale a boca, Buddy.

—Tim sempre teve nossas costas, nunca deixou nada assim nos tocar. Nunca.

—Vi, cala a boca.

—Você também não vai.

—Cala a boca, Vi.

—Tínhamos tudo. Tudo. Tim deu para nós. Tendo Nicky, você tinha muito, Joe, mas nunca teve tudo, então não pode saber o quanto doeu perdê-lo.

Joe ficou em silêncio.

Eu continuei falando.

—Tendo de volta, o que você está dando para nós, as balanças estão equilibradas.

Ele não me disse para calar a boca novamente. Ele me beijou, não duro e ganancioso e exigente. Não, foi longo, terno e lindo.

Quando ele terminou, ele enfiou meu rosto em sua garganta e me segurou.

—Eu te amo, Joe. — sussurrei para sua garganta.

—Também te amo, Buddy. Vá dormir.

—Ok. Boa noite, querido.

—Boa noite, baby.

Demorou um pouco para eu dormir. Demorou mais para Joe. Eu sabia disso porque adormeci antes dele.

Era estranho eu ter conseguido dormir porque minha mente estava focada em imaginar o que estava na dele.

Mas, consegui dormir.

E eu novamente dormi sem pesadelo.



O cheque estava na caixa, na manhã seguinte bem antes das nove.

Tina era uma vadia, mas não era tola.

Joe parecia aborrecido. Eu fiquei aliviada.

As meninas acordaram cedo. Kate teria seu último turno do meio-dia até às quatro no Custard Stand, antes de se demitir para voltar para a escola na segunda-feira. Keira teria um dia cheio de banhos de piscina e de sol, e brincando à frente dela, na casa de Heather, seu último dia livre antes da escola começar. Eu precisava dar instruções a elas, antes de sair, e elas começarem seu dia.

—Keira, baby, você pode limpar seu banheiro antes de ir para a casa de Heather?— Perguntei, embora não esperasse uma resposta, apenas que ela reclamasse sobre isso, então para evitar a queixa eu rapidamente me virei para Kate e continuei. —E você pode aspirar e espanar antes de ir trabalhar? Limparei a cozinha depois do jantar hoje à noite, mas me atrasarei porque tenho que fazer supermercado para vovó e vovô antes de chegar em casa.

Antes que Kate pudesse concordar e Keira pudesse reclamar, Joe disse:

—Faça uma lista, eu vou depois que eu lidar com o quintal.— Todos os três pares de olhos de garotas Winters foram para Joe.

Fui eu quem falou.

—Lidar com o quintal? — Eu perguntei.

—O pessoal de Tim estará aqui amanhã, Buddy. Não podemos ter essa palavra descolorida no gramado. — respondeu Joe.

Isso era verdade, mas uma solução rápida era praticamente impossível, a menos que você, digamos, matasse

toda a grama ao redor das letras. Esta era uma opção que tinha o mérito, já que eu não queria que Bea e Gary vissem o gramado desse jeito e se preocupassem. Mas depois dos cuidados que tomei com meu gramado, não gostei muito dessa ideia.

—Como você lidará com isso? — Eu perguntei com curiosidade.

—Tirando. Estarei no centro de jardinagem alguma hora, depois da manhã, para pegar alguns rolos de grama.

Eu não tinha pensado nessa opção, principalmente porque isso era muito trabalho, levaria muito tempo e custaria um bolo de dinheiro. O primeiro eu poderia fazer, o segundo, de jeito nenhum, para mim, a tarefa seria impossível, mas não para o Joe, o último, já que Joe estava pagando por tudo, também era factível, mas eu não estava acostumada a ter sobra de dinheiro ainda, então não me veio à mente.

Eu tinha pensado em molhar o quintal para drenar a lixívia, polvilhar sementes de grama e regar o quintal novamente. Isso significaria que a palavra “puta” ainda estaria no meu quintal por semanas, talvez meses, o que era uma merda.

A solução de Joe foi *muito melhor*.

Antes que eu pudesse lhe dizer isso, Keira falou.

—Vou ajudar!

Minha boca caiu aberta. O mesmo aconteceu com Kate.

Keira desistindo de se bronzear e brincar na piscina para ajudar Joe no quintal era um milagre. Tal milagre, se eu fosse católica, notificaria o Vaticano, sem brincadeira.

Mais uma vez, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Joe, que estava sentado em um banquinho ao lado de Keira, Kate estava atrás do balcão comigo, estendeu a mão e envolveu uma grande mão na parte de trás do seu pescoço. Então ele gentilmente balançou seu lado para o outro.

—Você comigo, querida, faremos isso em pouco tempo.

Keira sorriu para Joe. Kate virou os olhos assustados para mim. Desejei ter tempo para levar Joe ao nosso quarto e arrancar as roupas dele.

Mas, como eu tinha que ir trabalhar, em vez disso falei a Joe:

—Me acompanhe até meu carro?

Os olhos de Joe vieram para mim, ele assentiu, deu a Keira um último balanço com a mão, deixou-a ir e me levou até o meu carro.

Abri a porta de casa, saí, abri a porta do meu carro, e fiquei ali quando Joe veio para ficar na minha frente.

Então eu puxei sua camiseta pra deixá-lo mais perto, levantei na ponta dos pés para chegar perto de seu rosto e sussurrei:

—Tudo o que você quiser.

Sua cabeça se sacudiu levemente e ele perguntou:

—O quê?

—Hoje à noite, o retorno pelo quintal, o retorno por fazer Keira sorrir assim, *o que você quiser*. Você diz e eu farei.

Um sorriso lento se espalhou em seu rosto quando suas mãos foram para os meus quadris.

—Isso é uma oferta e tanto, Buddy.

Cheguei mais perto, tanto meu corpo quanto meu rosto, e continuei sussurrando.

— Seja criativo, baby, não sei quando me sentirei generosa novamente.

—Oh, eu serei criativo. — ele sussurrou de volta e senti meus mamilos ficarem duros.

Minhas mãos deslizaram em seu peito e em volta de seu pescoço e eu coloquei uma sobre ele, minha marca de um beijo duro e exigente e Joe gostou. Eu sabia disso porque seus braços estavam em volta de mim e ele rosnou na minha boca.

—Amo você, baby. — eu sussurrei contra seus lábios quando terminei de beijá-lo.

—Sim, eu também. — ele tocou sua boca na minha, em seguida, disse: —Você tem uma pausa, faça uma lista para o supermercado. Vou buscá-lo quando Keira e eu chegarmos para pegar o gramado.

—OK.

—Eu vou grelhar algumas salsichas hoje à noite.

—Ok.

—Nós compraremos merda na loja para servir com ela. Não quero que você cozinhe, você precisará conservar sua energia.

Eu tremi com o que suas palavras significavam, então repeti:

—Ok.

Ele sorriu e me beijou, ele estava sorrindo muito ultimamente. Rindo também. Eu gostei disso, então eu sorri de volta, mas suspeitava que meu sorriso fosse muito parecido com o feixe de Keira. Eu suspeitava disso porque os olhos de Joe caíram para a minha boca, seu rosto ficou intenso e então ele me beijou, duro e exigente.

Ele beijou melhor.



Quando cheguei em casa naquela noite, o quintal parecia um quintal novamente. Nenhuma “puta” marrom-amarelada no meio dele. Joe e Keira fizeram um trabalho tão bom que você mal podia ver as linhas da emenda. E a grama do resto do quintal fora aparada.

Entrei na casa, vendo-a limpa e arrumada. Até a cozinha estava brilhando, incluindo o chão.

Eu sabia porque quando Keira veio correndo de seu quarto, uma boy band tocando alto, então ela gritou:

—Eu limpei a cozinha!

Eu sorri para ela.

—Eu posso ver, baby.

—E o banheiro. — ela continuou enquanto eu colocava minha bolsa no balcão.

—Obrigado, querida.

—Kate limpou e espanou, e eu coloquei as fotos de volta nos quadros. — continuou Keira, apontando para as fotos que estavam nos quadros e de volta em nossas prateleiras.

Eu olhei, mas não olhei de perto. Eu os queria de volta onde eles estavam, mas eu não estava pronta para ver fotos de Sam ainda.

Keira terminou com:

—Joe queria que você colocasse seus pés pro alto, quando chegasse em casa.

Aposto que ele queria.

Com isso, meu sorriso se alargou e a porta traseira de vidro se abriu, Joe passando por ela, seguido por um Mooch empinado. Ele estava suado e sexy, enquanto vestia nada além de uma bermuda jeans e tênis. Nem usava meias.

Minha boca ficou seca.

—Joe aparou a grama. — Keira manteve a informação fluindo.

—Mm-hmm. — foi tudo o que pude falar, já que meus olhos ainda estavam colados a um jeans suado, de aparência sexy, vestindo um peito sem camisa.

Joe veio até mim, enrolou a mão em volta da minha cabeça e me puxou para cima, dando um toque na minha boca.

—Preciso tomar banho. — ele murmurou, em seguida, se virou, prendeu Keira da mesma maneira, quando ele passou por ela, e beijou o lado de sua cabeça.

Keira sorriu para ele.

Joe sorriu para ela.

Então ele foi para o nosso quarto.

Keira olhou de volta para mim.

—Joe disse que eu sou a melhor assistente que ele já teve. Ele me ensinará segurança!

Eu tentava ouvir a minha filha, mas, eu pensava, principalmente, em Joe no chuveiro.

—Isso é ótimo, querida. — murmurei enquanto eu caminhava para a geladeira e pegava uma garrafa de vinho para abrir, pensando que eu deveria colocar meus pés para cima e relaxar a partir de agora. Joe provavelmente pretendia ser enérgico, mas mesmo que não fosse, eu seria.

Então eu parei e olhei para a minha geladeira, que estava tão cheia de comida, era uma maravilha que não explodiu.

—O que...

—Oh, sim, esqueci de dizer, Joe e eu, ficamos um pouco loucos no mercado pegava.— Keira me disse e eu me voltei para ver que ela estava andando de volta para seu quarto. — Ele disse para colocar qualquer coisa que eu quisesse no

carrinho e qualquer coisa que você ou Kate gostassem. Então eu fiz.

—Keira, querida, levará um ano para acabarmos com tanta comida. — eu falei atrás dela, ela parou na entrada do corredor e se virou para mim.

—Sim. E?

Oh Senhor, ela estava soando como Joe e eu não tinha ideia se isso era bom ou ruim.

Eu também não tive resposta.

Quinze minutos depois, Joe estava fora do chuveiro, vestido de camiseta e jeans e na cozinha pegando uma cerveja. Eu estava tomando meu vinho, esperando que ele pegasse uma cerveja para que eu pudesse sentar no convés enquanto ele grelhasse. A boy band music foi embora e Keira estava de costas no sofá, mandando uma mensagem de texto para um menino ou, considerando o número de bips do telefone dela, meia dúzia deles. E Mooch estava roendo um brinquedo de cachorro para cagar quando a picape amarela de Dane estacionou.

Dane sempre levou e buscou Kate no trabalho. Ela tinha saído do trabalho por mais de uma hora e meia, mas isso não era incomum, eles costumavam se divertir, fazer as coisas deles, o que era que faziam eu não queria saber ou encontrar com amigos antes que ele a trouxesse para casa.

Portanto, eu não estava prestando muita atenção quando ouvi a picape na calçada. Eu estava assistindo Joe torcer o topo de uma cerveja e depois jogá-lo no lixo.

Então a porta da frente se abriu e bateu forte, bem forte.

A cabeça de Joe virou para a porta e eu me virei no banquinho para ver Kate pisar, parar, olhar para todos nós e gritar:

—*Nunca*! Eu *nunca* mais falo com ele! Se ele ligar ou vir até a porta, não quero falar com ele e nem quero vê-lo. *Nunca mais*!

Então ela começou a chorar e correu para seu quarto, batendo a porta.

—Oh merda. —murmurei, meus olhos indo para Joe, que estava olhando para o corredor, em seguida, sua cabeça virou-se para a janela e ele viu a picape sair em alta velocidade.

Eu coloquei meu copo de vinho no chão, deslizei do banquinho e anunciei:

— Vou falar com ela.

Fui ao quarto de Kate, bati uma vez e abri a porta.

Ela virou-se para mim, o rosto vermelho, molhado e com o coração partido, e gritou:

—*Saia*!

Eu entrei, murmurando:

—Querida...

—*Fora*! Saia! Fora, fora, *fora*! — Kate gritou.

Decidindo que minha filha precisava de um tempo sozinha, comecei a recuar, mas acertei o sólido peito de Joe.

—Vem cá, garota. — Joe ordenou, sua voz quieta.

Ah merda.

Kate não disse a Joe para sair. Ela apenas olhou para ele, que foi inteligente e corajoso.

—Kate, venha aqui. — Joe chamou gentilmente.

Ela respirou instável, depois caminhou com dificuldade até Joe.

Ele se moveu ao meu redor e colocou a mão em seu pescoço, em seguida, inclinou-se para aproximar o rosto do dela e eu prendi a respiração.

—Primeiro, não fale com sua mãe desse jeito. Nunca. Você está chateada com Dane, falaremos sobre isso daqui a pouco. Mas você está chateada, fiquei chateada com quem você está chateada. Você não desconta em sua mãe, Keira ou eu, sim?

Eu ainda estava segurando minha respiração. Joe continuava a falar com aquela voz gentil, mas eu não tinha certeza de que ele estivesse por aqui tempo suficiente para dizer às garotas o que fazer. Não que eu me importasse, chegaria a isso eventualmente, poderia ser mais cedo ou mais tarde. No entanto, agora ele tinha a mão no pescoço de uma adolescente, no meio de sua primeira grande briga real com seu primeiro namorado, ou, embora eu não esperava, seu primeiro término. Eu achava que agora não era a hora de ir todo “papai” com ela.

No entanto, neste momento tive que manter minha calma. Tim e eu fizemos um pacto, mesmo que discordássemos do que

o outro dizia, nunca nos contradiríamos diante das meninas. Essa conversa viria depois.

Joe não disse nada que eu discordasse, então essa conversa não viria mais tarde, mas eu ainda precisava manter a minha calma. Ele entrou. Eu só tinha que esperar que ele pudesse lidar com isso.

Kate respirou fundo, engatou meia dúzia de vezes, então me surpreendeu quando desabou no corpo de Joe e gritou:

—Ele é um idiota. Um idiota total! Eu o odeio!

Eu pressionei meus lábios e os mordi quando os braços de Joe contornaram Kate e seus olhos vieram para mim.

—Vamos, querida. — disse ele para Kate, seus olhos não me deixando.

Ela empurrou a cabeça para trás e o olhou no rosto dele.

—Vamos? Onde?

Joe inclinou a cabeça para olhá-la.

—Hora de você montar no 68.

—Eu não ... Joe ...— ela respirou fundo e disse: —Eu não quero dar uma volta, Joe.

—Vamos. — Joe repetiu.

—Joe... — Kate começou.

—Querida, vamos...— Ele ainda estava falando gentil, mas isso foi misturado com o seu tom —Eu não repetirei.

Kate olhou para mim e depois para Joe, sabiamente assentiu.

Ele deslizou um braço ao redor dos ombros dela e a levou até a porta.

—Voltaremos para grelhar as salsichas. Não as asse você mesmo. — Joe ordenou enquanto caminhava por mim.

Eu não sabia se ele pedia isso para eu conservar minha energia, ou porque ele não queria que eu as arruinasse. Não importava de nenhuma maneira, já que minha mente estava no fato de que eu obviamente não estava sendo convidada para este passeio no carro de Joe, no Bullitt, e mesmo que ele parecesse estar bem, eu não tinha certeza se Joe tinha as habilidades para lidar com a volatilidade dessa situação sem que eu fosse a mediadora.

—Joe. — chamei enquanto os seguia.

—Estaremos de volta daqui a pouco. — Joe disse, mas não olhou para mim enquanto guiava Kate pelo corredor.

—Joe, eu acho...

Ele olhou para trás e fez isso para dizer:

—Daqui a pouco, Buddy.

Eu mordi meus lábios novamente. Então eu assenti.

Eu parei na sala de estar, meus olhos seguindo-os através das janelas enquanto caminhavam para a casa de Joe e Keira se aproximava de mim.

—Onde eles vão?— Ela perguntou

—Não faço ideia. — respondi.

—Kate está bem? —Perguntou ela.

—Não. — respondi.

—Espero que ela não termine com Dane. Ele é o cara mais gostoso da escola e é legal. Isso significa que vocês duas têm os caras mais legais e bonitos da escola e da cidade. Isso significa coisas boas para o meu futuro, porque sou a próxima.

Parei de me preocupar porque comecei a rir.

Então olhei para a minha filha mais nova e beijei sua bochecha.

Então eu disse:

—Eles podem ser quentes e podem ser bons, mas também são homens. E os homens podem ser idiotas. Portanto, não é bom velejar, querida, e nunca será.

—Eu posso lidar com isso. — Keira alegremente me assegurou, tão pronta para seu primeiro namorado que não seria engraçado.

Eu, por outro lado, não estava pronta para o primeiro namorado de Keira. Se minha doce, quieta e madura Kate pudesse fazer uma cena como aquela, o primeiro drama de Keira provavelmente explodiria o telhado da casa.

—Espero que sim — murmurei, em seguida, disse: — vamos sentar no deck. O verão acabará em breve, precisamos de nosso tempo nele.

—Sim, deixe-me pegar um refrigerante. — respondeu Keira.

Ela pegou seu refrigerante e seu telefone, e eu peguei meu vinho. Nós nos sentamos no convés e ela me contou sobre os

possíveis namorados que ela previa para o primeiro ano. Ela fez isso enquanto mandava mensagens, alinhando possíveis namorados, multitarefa.

Enquanto ela fazia isso, bebi meu vinho e me preocupei com Joe e Kate.

Trinta minutos depois, a porta de vidro se abriu, eu torci no banco e vi Joe com Kate perto do seu lado. Seu rosto ainda estava vermelho, mas estava seco.

Kate se soltou de Joe e veio até mim, curvando-se para me dar um abraço, ela sussurrou:

—Desculpe, Mawdy. Eu estava irritada.

—Tudo bem, baby. —a desculpei, abraçando-a de volta.

Então ela me soltou, se jogou em uma cadeira e eu olhei para Joe.

—Está tudo bem. — ele disse calmamente e caminhou até a churrasqueira, pedindo: —Keira, querida, me ajude, sim? Vá pegar as salsichas.

—Claro, Joe. — Keira respondeu, pulando, olhando para Kate, mas fazendo o que Joe pediu.

—O carro de Joe é incrível. —Kate me disse, quando a porta se fechou atrás de Keira.

Eu ignorei o comentário e perguntei:

—Você está bem?

Ela olhou para longe, em seguida, de volta para mim, então ela disse:

—Sim.

—Certeza?

Ela encolheu os ombros, olhou para Joe, que estava de pé ao lado da grelha, com os olhos em Kate, as mãos nos quadris. Então ela olhou para o quintal.

—Ele estraga as coisas comigo, a perda é dele. — Kate disse ao quintal, em seguida, suspirou e olhou para mim. —E ele perdeu, e muito.

Meus olhos foram para Joe, ele deu de ombros e disse:

—Elas podem estar no colégio, Buddy, mas não há muitas garotas como Kate neste mundo. Dane não entendendo isso, ele está fodido. Ele passará o resto da vida pensando no que perdeu.

Por mais tempo do que o necessário, olhei para Joe depois que ele terminou de falar.

E eu fiz isso pensando, *foda-se, mas eu amo esse homem*.

Suspirei com esse pensamento e depois olhei para a minha filha.

—O que ele fez?— Eu perguntei, a respiração de Kate engatou novamente, meus olhos deslizaram para Joe e ele balançou a cabeça. —Esqueça, não quero saber. — terminei rapidamente.

Kate assentiu e olhou para o quintal.

Keira retornou com as salsichas. Joe as grelhou enquanto Keira trazia pratos, talheres, pães, condimentos e tigelas de salada de macarrão e batatas fritas compradas na loja.

Nós comemos no convés.

Tina não tentou espionar o que eu achava que era um bônus adicional por ter um homem que poderia ser ameaçador e ser na cara dela, poderia e iria.

Kate ficou em silêncio e pensativa durante o jantar. Keira encheu o silêncio com tagarelice e eu a ajudei. Kate lavou os pratos sozinha, o resto de nós deu esse espaço para ela e depois desapareceu no quarto dela.

Keira colocou em um filme e ela e Mooch acamparam na sala de estar.

Joe e eu continuamos no deck com cerveja e vinho.

—Diga-me. — exigi.

Joe olhou para mim, em seguida, de volta para o quintal, em seguida, ele tomou um gole em sua cerveja.

Finalmente ele falou.

—Merda idiota, Dane está sendo um idiota. Ele está prestes a foder regiamente, se for em frente com este show.

—Que show?

—Conheceu uma garota de Plainfield. Ela o convidou para sair. Kate diz que ela é bem conhecida, vendo como ela se oferece.

—Oh merda .— eu murmurei.

Joe continuou falando.

—Ele quer uma folga do exclusivo para testar as águas, mas também quer manter Kate em uma corda. Kate não quer estar em uma corda.

—Eu não gosto mais dele. — declarei e Joe olhou para mim.

—Não é alguém para gostar, se ele fizer isso com Kate. Ela não o aceitará de volta e ele voltará, Buddy, acredite em mim.

—Ela está ligada a ele, tem certeza que ela não o aceitará?

—Sim.

—Como você tem certeza?

Joe tomou outro gole de cerveja, olhou para o quintal e falou.

—Disse a ela que eu estive por aí, conheci minha parte de mulheres, nunca conheci alguém como você, ela ou Keira. Não em trinta e nove anos. Sendo como ela é, não precisa tomar merda. Seu homem não lhe entrega o mundo, ela o joga fora e encontra alguém que o fará. Não se arriscar por aí. Disse-lhe que ela precisa olhar para sua mãe e aprender. Você teve três homens em sua vida, todos eles querendo lhe entregar o mundo. Ela não deveria aceitar nada menos. — Ele tomou outro gole de cerveja e terminou. —Ela entendeu o meu ponto.

—Joe. —chamei.

—Sim. — ele respondeu, seus olhos não deixando o quintal.

—Baby, olhe para mim. — sussurrei.

Joe olhou para mim.

Eu me inclinei para ele e coloquei a mão em seu rosto.

—É uma porcaria que você teve que esperar trinta e nove anos. — disse a ele.

—Sim. — ele respondeu.

—Mas foi bom para mim. — eu continuei e ele sorriu.

—Sim.

—Farei o que puder para valer a pena a espera. — sussurrei e seus olhos ficaram intensos.

—Você faz isso, Buddy — ele sussurrou de volta — começando esta noite.

Eu sorri, me inclinei mais e toquei minha boca na dele.

Então me afastei e sussurrei:

—Isso está funcionando muito bem.

Joe sorriu e prometeu:

—O melhor ainda está por vir.

—Sim?— perguntei.

Ele se inclinou nesse momento e tocou sua boca na minha.

—Sempre. — ele murmurou.

Isso foi bom saber.



Quando as meninas saíram para o convés para dizer boa noite, desta vez, elas me beijaram na boca como de costume.

Então elas beijaram Joe em sua bochecha marcada.

Ambas.

O melhor veio para Joe mais rápido do que para mim.



Esperamos que as garotas dormissem, antes que Joe me mostrasse o que significa ser criativo.

Eu pensei que ele já era bem criativo.

Estava errada.

Eu decidi que se ele ganhasse um retorno assim novamente, nós íamos a um hotel para que eu pudesse fazer tanto barulho quanto quisesse.

Felizmente, a primeira vez que eu gozei, meu gemido foi abafado devido ao seu pau estar na minha boca.

As outras três vezes, eu tive que ser criativa.



Portanto, agora, com meus sogros na porta para encontrar meu novo homem, você pensaria que eu estaria bem relaxada, após ter quatro orgasmos antes de dormir como um tronco.

E tendo tido uma boa semana, uma de pernas para o ar, mas, se isso fosse uma indicação de minhas garotas e meu futuro com Joe, eu não apenas manteria isso, eu derrubaria qualquer um que tentasse tirar isso de mim.

Por causa de tudo isso, você definitivamente acharia que eu estava relaxada.

Mas não estava.

Eu, absolutamente, não estava relaxada.

Capítulo Dezoito

Torta

Saí do quarto para ver Joe vindo em minha direção, seus modos eram urgentes e havia uma luz estranha em seus olhos e se fixava em sua boca. Eu não tinha certeza, mas podia jurar que ele parecia não saber se ria ou gritava.

Ele abriu a boca para falar, mas antes que ele fizesse um barulho, Keira gritou, sua voz cheia de pura alegria.

—Mãe! Você não acreditará nisso! O tio Vinnie e a tia Theresa também estão aqui!

Parei de andar e Joe parou na minha frente tão perto que estávamos de igual para igual. Eu inclinei a cabeça para trás para olhar para ele e pude realmente sentir meus globos oculares saindo de suas órbitas.

—Legal!— Kate gritou e eu a ouvi caminhando em direção à porta, com Keira seguindo-a. Eu sabia porque a ouvi gritar lá fora.

Então ouvi a porta fechar. E ouvi as duas garotas gritando lá fora.

A mistura de família não deveria acontecer, não agora, não até que Joe e eu estivéssemos, digamos, com a nossa peônia enfeitando o jantar de noivado em algum lugar chique e perto da água, eu tinha trinta e cinco anos e essa era a segunda vez, mas não significava que eu não tivesse fantasias, quando Bea estivesse confortável com Joe, Theresa e Vinnie pudessem ser informados sobre a delicada disposição de Bea e a situação seria contida.

—Joe... — sussurrei e sua mão veio ao meu pescoço.

—Relaxe.

—Bea é tímida.

—Buddy, relaxe.

—Ela se assusta fácil e Theresa e Vinnie são...

Ele baixou a cabeça e me beijou levemente.

Quando terminou, ele perguntou:

—Baby, o que eu disse?

Eu olhei em seus olhos azuis.

Então, assenti.

Sua mão deslizou do meu pescoço para os meus ombros e ele me acompanhou através do escritório, para sala de estar e saiu pela porta.

A visão que nos assaltou foi Kate, Keira e Mooch pulando em torno de Bea, Gary, Tio Vinnie e Tia Theresa, Mooch latindo, as meninas dando abraços e beijos exuberantes.

Então Kate parou e pegou a mão de Bea, apresentando:

—Gram, Vovô, este é o tio Vinnie e a tia Theresa, a família de Joe. Eles são incríveis!

Bea começou a dar um passo para trás, mas Kate, sabendo como sua avó era, segurou sua mão e se aproximou quando o braço de Gary passou pela cintura de Bea.

—Sim, eles são incríveis!—Keira concordou, seu braço ao redor de Vinnie, seu sorriso tão grande, que tinha que machucar seu rosto.

—Isso é ótimo, não é Mawdy?— Kate perguntou. —A maioria da família juntos.

—Sim. — concordou Keira. —Tudo o que precisamos é de Mel, Benny e Manny e seria como uma reunião de família.

Theresa e Vinnie estavam radiantes. Gary parecia confuso. Bea assustada com aquilo tudo.

Uma coisa era boa, as garotas estavam entusiasmadas e eu gostei que elas já pensassem na família de Joe como delas. Eu achei um pouco estranho, nós só nos vimos uma vez, mas eu gostei.

Eu me soltei de Joe e caminhei para frente quando Kate anunciou a Theresa e Vinnie:

—*Então* temos que fazer isso!

Oh senhor.

Eu ignorei o planejamento da reunião e fui para Bea primeiro.

—Ei Bea.

Kate e Gary a deixaram ir e Bea entrou em meus braços. Eu dei a ela um abraço e ela me deu um. Quando ela fez isso, eu esqueci o drama atual e senti os braços da mãe de Tim ao meu redor. Eles estiveram ao meu redor antes, centenas de vezes através de risos, lágrimas e apenas porque nos abraçávamos. Meus olhos ardiam quando as memórias me atacaram e eu a puxei para mais perto.

—Querida. — ela sussurrou.

—Estou bem. — sussurrei de volta, mas minha voz estava rouca.

Eu não a deixei ir e enfiei meu rosto em seu pescoço, cheirando seu perfume, o mesmo perfume que ela usava desde sempre, e as lágrimas se derramaram.

—Oh, minha menina preciosa. — Bea murmurou.

—Senti tanto sua falta. — engasguei.

—Eu também, querida.

Afastei minha cabeça e olhei para ela para ver lágrimas em seus olhos e balancei a cabeça e ri, não porque fosse engraçado, só porque era assim para nós.

—Nós somos o par, não somos?— Eu perguntei.

Ela sorriu para mim e senti Gary se aproximar.

—Deixe-me ter um pouco disso. — Gary exigiu, Bea me soltou e me colocou nos braços de Gary.

—Ei pai. — eu disse em seu ouvido.

—Ei, minha linda flor.

Suas palavras, palavras que ele queria dizer, palavras de que eu gostava, ditas com tanta frequência para mim, me fizeram engasgar de novo e eu empurrei meu rosto em seu pescoço. Ele segurou firme até que eu puxei uma respiração firme, então ele me deixou ir e nos virou para o resto da turma. Kate, Keira, Bea e até Theresa tinham os olhos molhados. Vinnie estava estudando seus sapatos. Os olhos de Joe estavam em mim.

O olhar de Gary foi para Joe.

—Este é o seu novo amigo?— Gary perguntou, sua voz estudiosamente amigável.

Antes que eu pudesse responder, Keira fez.

—Sim, vovô, é o Joe. Ele é fantástico!

Gary deu a sua neta um pequeno sorriso que eu pude ver que ele não se comprometeu totalmente e, em seguida, ele me deixou ir e ofereceu sua mão para Joe.

—Joe, eu sou Gary.

Joe pegou a mão e disse:

—Prazer.

Eles soltaram as mãos e Gary olhou Joe de cima a baixo.

—Pam não mentiu, você é um cara grande.

—Sim. — Joe concordou e não disse mais nada para isso.

Joe era um cara grande.

Gary se virou e puxou Bea para o lado dele.

—Minha esposa, Bea.

Joe me puxou para o lado dele enquanto ele abaixou o queixo para Bea e murmurou:

—Bea.

—Eu conseguirei um beijo ou o quê?—Theresa exigiu saber, ficando impaciente e se intrometendo. Então ela se apressou e agarrou o rosto de Joe, puxando-o para o dela, beijando sua bochecha e depois sua outra bochecha antes de deixá-lo ir e vindo até mim para fazer a mesma coisa. Quando ela virou minha cabeça, entendi por que Joe não protestou. Ela estava sacudindo minha cabeça, claro, mas a maneira carinhosa com que fez me senti bem.

—Cal, filho.— Vinnie empurrou, dando um abraço em Joe, então ele se virou para mim e sussurrou: —*Cara mia.* — então ele me deu um abraço apertado, me soltou e se virou para Bea e Gary e perguntou: —Momento importante, você conheceu o novo homem da sua filha.

—Um ... Vinnie — eu disse —estes não são meus pais. Eles são pais de Tim.

—Tim? — Vinnie me perguntou.

—Meu marido. — os olhos de Vinnie ficaram grandes e terminei rapidamente — Ele morreu há menos de dois anos.

Eu poderia jurar que no rosto de Vinnie havia compreensão e ele olhou para Joe.

Antes que eu pudesse avaliar o que o olhar de Vinnie significava, ele disse:

—Certo. — bateu palmas e terminou com uma voz estridente, incluindo Bea e Gary em seu anúncio — Família de família, sempre é, sempre será, graças a Deus. Agora preciso de café. Estamos na estrada desde as seis e o café da estrada é uma merda. —Ele se inclinou para Bea, que recostou-se ao dizer: — Perdoe minha língua.

Theresa lhe deu um tapa no braço e soltou:

—Vinnie, as garotas. Elas não precisam ouvir sua boca suja.

—Tudo bem, tia Theresa, Joe fala o tempo todo e ele diz coisas muito piores, como palavra “F” e “C”.— Keira, fazendo o seu melhor para fazer Vinnie e Theresa se sentir à vontade, jogou Joe logo abaixo do ônibus.

Eu gemi porque nem Bea e nem Gary, poderiam imaginar Joe amaldiçoando na frente das garotas. A palavra “F”, Gary aceitava de vez em quando, mas não na frente das garotas. Nunca Bea, ela ia à igreja todos os domingos e ensinou a escola dominical por trinta anos. A palavra “B” para ambos, nunca, nunca. Tim não se coibia de xingar, mas ele nunca fez isso na frente de sua mãe ou das garotas, e eu não tinha certeza se já tinha ouvido Tim usar a palavra “B”.

Joe deslizou o braço em volta dos meus ombros e me puxou para o lado dele. Eu lhe olhei e ele definitivamente parecia que estava lutando contra o riso agora.

Eu não conseguia ver o que era engraçado.

Joe olhou para mim, apertou meu ombro e perguntou:

—Café, Buddy?

—Certo. — eu sussurrei, Joe me virou e nós lideramos o caminho para a casa.

—Gram, este é o meu novo cão, Mooch. — ouvi Keira anunciar e então ouvi Mooch latir seu olá.

—Ele é fofo, querida. — Bea respondeu calmamente.

Nós entramos na casa e no minuto que fizemos, Joe virou papai.

—Keira, baby, mostre a casa para Theresa e Vinnie. Kate, ajude sua mãe com o café. Sim? —Joe ordenou.

—Claro, Joe. — Kate sorriu para ele e pulou para a cozinha.

—Sem problemas, homem grande. — Keira afirmou em um sorriso. Deixou cair Mooch e uniu os braços com Vinnie e Theresa, arrastando-os pela sala até o corredor.

Eu estava olhando para minha filha mais nova, pensando, *homem grande*?

Então eu olhei para Gary e Bea cujas cabeças estavam balançando para frente entre as garotas.

—Por que vocês não se sentam? — Sugeri. —O café está fresco. Joe fez um pote há dez minutos.

Gary começou então olhou para mim.

—Isso seria bom, Vi.

Bea olhou para Gary.

—Eu preciso colocar minha torta do refrigerador, querido.

—Sim —resmungou Gary —certo.

—Torta? — Kate perguntou da cozinha onde ela estava tirando canecas.

—Eu, uh ... fiz, hum ..., Joe aqui, uma torta de creme de chocolate. —Bea respondeu timidamente.

—*Arrasou*!— Kate gritou: —Keira, vovó deu a Joe uma torta de creme de chocolate!

—Oba!— A voz de Keira gritou do corredor.

—*Fantástico*!— Kate gritou de volta.

—*Maravilhoso*!— Keira gritou.

Olhei para Joe e expliquei:

—A torta de creme de chocolate de Bea é muito boa.

A boca de Joe estava se contorcendo antes de ele afirmar:

—Captei isso.

—Eu vou buscá-la. —resmungou Gary, sua boca também se contorcendo, o que eu esperava que fosse um bom sinal.

Eu fui para a cozinha. Joe mudou-se para Bea.

—Desculpe, Bea, não sabia que Vinnie e Theresa estavam chegando. Se você quiser, eu os levarei em algum lugar, dar-lhe algum tempo com Vi e as meninas. — ele ofereceu, meu estômago derreteu e Kate se inclinou para mim, batendo-me com o ombro.

—Estou bem, Joe. Ficará tudo bem, mas ... uh ... obrigada. — disse Bea suavemente.

Joe não terminou.

—Eles podem ficar barulhentos e se para você for demais, apenas me dê o sinal, sim?

Eu estava preocupada que isso fosse honesto demais. Ser honesto, claro, era Joe e também era bom, mas eu não queria que Bea pensasse que eu estava contando historinhas.

Eu prendi a respiração e ela olhou para ele, não encontrando seus olhos, então ela ergueu a mão. Eu pensei que ela iria tocá-lo, mas ela soltou a mão e falou.

—Eu tenho certeza que ficarei bem.

—Certo. — Joe murmurou e Keira, Vinnie e Theresa entraram na sala, Keira tocando de guia turística.

—Então esta é a sala de estar que vem completa com área de jantar e vista da nossa cozinha brilhante, que eu limpei.— Ela jogou um braço para fora e riu ao redor da sala como se ela fosse uma corretora paga, apresentando uma suíte de luxo antes de ir em frente. —E depois, vocês verão nosso fabuloso escritório.

Joe sorriu para Keira, conectou-a em torno do peito enquanto ela passava por ele puxando-a para sua frente. Então ele se inclinou e beijou o cabelo dela. Ele a soltou e ela virou um sorriso radiante para ele antes de entrar no escritório.

Bea assistiu ele fazer isso, então seus olhos vieram para mim. Eu vi o brilho das lágrimas, mas também a vi sorrir.

Eu sorri de volta, pensando que talvez tudo estaria bem e então comecei a tarefa de ver o café, mas antes que eu pudesse meus olhos foram para Theresa.

Ela estava olhando para Joe, lágrimas nos olhos também. Ela parecia presa no lugar enquanto Joe se movia em direção à cozinha, seus olhos ficaram colados no lugar onde ele estava quando beijou Keira.

—Tia Theresa!— Keira chamou. —Você está perdendo o fabuloso escritório!

O corpo de Theresa mexeu, seu olhar se moveu rapidamente para mim, então ela desviou o olhar, passando os dedos sob os olhos antes de se virar para o escritório.

—Não posso perder isso! — Ela gritou forçando a alegria em sua voz.

Vinnie deu-lhe um olhar, então ele me deu uma olhada e depois em Joe. Quando Theresa se aproximou, ele a puxou para o lado. Keira deu uma volta pelo escritório, chamando a atenção para o "*sistema de computadores de última geração que Joe Callahan instalou recentemente*" palavras dela. Quando Keira falou, Theresa colocou a cabeça no ombro de Vinnie e senti um nó de lágrimas na minha garganta.

Meus olhos se dirigiram para Bea, que estava estudando esses acontecimentos de perto, o rosto pensativo.

Joe chegou perto de mim e sussurrou:

—Primeiro encontro deles, baby, eles se acostumarão com isso e tudo ficará bem.

Eu olhei para ele e assenti. Ele tocou sua boca na minha. Gary entrou com a torta.

—E agora, o fenomenal quarto de Joe e mamãe!— Keira anunciou.

—Merda. —eu sussurrei.

Joe sorriu.

Theresa, Vinnie, Bea e Gary olharam para Joe e eu.

Joe permaneceu em silêncio.

Eu resisti ao impulso de chutá-lo e anunciei:

—Um ... a propósito, Joe se mudou na semana passada.

Kate veio ao lado de Joe e de mim, declarando publicamente e com um drama que deixaria Keira orgulhosa:

—Sim, e graças a Deus ele mudou, já que meu ex-namorado, Dane, o idiota, foi um idiota, e como Joe estava aqui, ele me levou para um passeio em seu carro Bullitt. —Ela olhou para Bea e explicou tudo que ela sabia sobre a história do Ford Mustang, que ela aprendeu quando ela e Joe falaram, e eu não estava por perto. —Isso é um Mustang GT de 1968, Gram —então ela falou para todos —e Joe me disse que nós, as meninas Winters, éramos as melhores mulheres que ele já conheceu e se Dane não visse isso, ele é quem perderia. E eu não deveria suportar nada menos do que o meu homem me entregando o mundo. — Isso estava bem, até que ela terminou. —E, ele disse que se Dane me machucasse de novo, ele quebraria o pescoço dele!

—Oh merda. —murmurei, mas antes que eu pudesse intervir, Keira saltou em direção à sala de estar e continuou com a narrativa.

—Sim, e quando nosso vizinho malvado e barulhento branqueou o quintal da mamãe com uma palavra suja, Joe e eu consertamos, e me disse que eu era a melhor assistente que ele já teve e que ele me ensinará sobre segurança para que eu possa instalar sistemas, como ele, para pessoas como Nicole Bolton e Jarrod Francis.

Kate olhou para Joe e respirou:

—Você instalou os sistemas de Nicole Bolton e Jarrod Francis?

—Não Bolton, querida, mas Francis, sim. — Joe disse a ela.

—Uau! Ele é tão gostoso quanto no cinema? —Kate perguntou.

Joe sorriu.

—Não consigo fazer essa comparação, Kate.

Ela sorriu de volta e sugeriu:

—Talvez da próxima vez que fizer um trabalho para ele, você possa me levar junto e eu te deixarei saber.

Joe sacudiu a cabeça, ainda sorrindo, depois mudou de assunto.

—Você chamou Dane de seu ex.

O sorriso de Kate desapareceu e ela disse:

—Sim.

—Você tomou essa decisão? — Joe perguntou como se ele e Kate não tivessem uma audiência de seis pessoas.

—Sim, ontem à noite. — Kate respondeu, também não preocupada coma audiência.

—Você disse a ele?— Joe perguntou.

—Mandei uma mensagem para ele. — respondeu Kate.

—Ele respondeu?— Joe continuou.

—Eu desliguei meu telefone. — Kate disse a ele.

Joe envolveu a mão em volta do pescoço dela e declarou orgulhosamente:

—Boa jogada, querida.

—Não posso esperar para conseguir um namorado. — Keira suspirou sonhadora e ouvi Bea rir.

Isso me assustou e meus olhos foram para Bea ao ver que ela estava olhando para Keira.

—Não cresça muito rápido, querida. — Bea disse suavemente. —Não é tão divertido quanto parece.

—Dane é gostoso, Joe é mais gostoso. Eu quero ser como mamãe e Kate, laçando todos os bons e envolvendo-os no meu dedo. — Keira respondeu ingenuamente.

—Alguém me mate. — murmurei e Joe começou a rir, soltou a mão do pescoço de Kate, virou-se para mim e envolveu o meu. Então ele me puxou para ele para um beijo rápido.

Então ele se virou para Keira.

—Termine a turnê, Keira. — Seus olhos foram para Kate. —Pegue a torta do seu avô.— Então ele se virou para a cafeteira e pegou a alça.

Os próximos dez minutos foram gastos com Keira terminando sua turnê, Kate empenhou-se na tarefa impossível de encontrar espaço em nossa geladeira para a torta, Joe e eu distribuindo cafés, eu cortando um bolo para acompanhar o café, colocando-o em um prato e levando para a mesa de café e depois todos se acomodando na sala de estar.

Vinnie e Theresa sentaram no sofá, Gary com eles. Bea sentou-se em uma poltrona. As garotas sentaram no chão. Joe sentou-se na outra poltrona e eu me empoleirei no braço.

Todos olhavam para todos e tomaram o café.

Vinnie havia comido dois pedaços de bolo antes de eu dizer:

—Bea, as meninas precisam ir buscar material escolar. Esperamos que você chegasse porque achamos que você gostaria de ir junto.

—Sim, precisamos de cadernos, canetas, réguas e outras coisas. Você sempre veio conosco para pegar o material escolar. — lembrou Keira e Bea sorriu para a neta.

—Isso seria muito bom.— Então ela puxou uma respiração visível, seu sorriso ficou tímido e olhou para Theresa. —Theresa, você gostaria de vir com a gente?

Theresa brilhou.

—Eu adoraria.

—Bom. — declarou Vinnie. —Dá a Cal, Gar e a mim uma chance de fazer coisas de homem.

Mordi meu lábio superior, imaginando como Gary aceitaria ser apelidado de “Gar”, para não mencionar ser levado para “coisas de homem” com dois homens que não conhecia quando veio ver as meninas e eu.

—Como o quê? — Kate perguntou.

—Qualquer coisa que não inclua compras. — Vinnie respondeu e Kate riu.

—Você pode cuidar de Mooch. — sugeriu Keira. Mooch estava em seu colo se contorcendo para sair a fim de desperdiçar alguma coisa. —Ele não gosta muito de estar em sua caixa.

—Que tipo de cachorro é esse? — Gary perguntou à neta.

—American Husky. —Keira respondeu e os olhos de Gary vieram para mim, então eles voltaram para Keira.

—O que mais? — Gary perguntou e Keira inclinou a cabeça para o lado.

—O quê mais?

—Sim, ele tem mais alguma coisa nele?

—Não, pura raça. — Keira respondeu com orgulho e Gary olhou para mim.

—Isso é sorte, Vi, encontrar um filhote de raça pura num canil. — ele comentou, sabendo que eu não tinha dinheiro para comprar um cão de pedigree.

—Nós não o pegamos num canil. Uma amiga de Keira tem uma cadela que teve uma ninhada. Ela se apaixonou por eles, então Joe comprou para ela. —eu soltei, não pensando, muito assustada pela manhã para medir minhas palavras.

—O quê? — Kate e Keira perguntaram em uníssono.

—Merda. — Joe murmurou enquanto meu corpo ficou tenso e eu olhei para as minhas meninas.

—Um ...— comecei.

—Joe comprou ele?— Keira perguntou e o olhar em seu rosto era um olhar que nunca vi antes em minha filha. Ela tinha um grande número de expressões. Seu rosto sempre falava, a maior parte dos quais eu era fluente. Este eu não era.

—Hum...— eu repeti tentando ler a expressão dela e Keira olhou para Joe.

—Você comprou ele? — Ela sussurrou.

—Vi... — Joe murmurou em um ronco, claramente não desejando percorrer neste momento.

Eu tomei uma decisão de segunda divisão e foi a mesma decisão que quase sempre tinha com minhas garotas. Honestidade completa.

—Eu, querida... eu não tinha o dinheiro. E sabia que você o queria muito, mas não podia pagar por ele. Eu disse a Joe e ele achou que você deveria ter um cachorrinho, então me deu o dinheiro para que você pudesse pegar Mooch. —admiti, desejando que isso não estivesse acontecendo lá, na sala de

estar com a família de Tim de Joe olhando. De fato, desejando que não estivesse acontecendo.

Keira e Kate estavam olhando para Joe.

Então, de repente, Keira se levantou e eu também em seu movimento, em seguida, congelei, imaginando o que ela faria. Mooch latiu e fugiu e eu assisti em silêncio, atordoada, quando Keira se jogou de corpo inteiro em Joe. Ela terminou com os joelhos no chão, o corpo entre as pernas dele, o torso no colo de Joe, o rosto no peito dele, os braços ao redor dele e, antes que eu pudesse abrir a boca ou mesmo me mexer, ela desatou a chorar.

—Eu *sabia* que você sempre esteve cuidando de nós — ela gritou em seu peito —*eu sabia disso*!

Aquilo entalou na minha garganta, mas foi tão grande desta vez, que me sufocou.

A mão de Joe caiu no cabelo de Keira e ele se inclinou para frente.

—Baby, ei. — ele sussurrou.

—*Eu sabia*!— Ela soluçou em seu estômago.

Eu sabia que não era sobre Joe e o cachorro. Isso era sobre minha filha doce, louca, forte e bonita perdendo seu pai, seu tio e vivendo num mundo que era incerto, com medo daquele mundo e precisando de algo para se agarrar. Elas eram fortes há muito tempo, ambas as minhas garotas. E eu era orgulhosa deles. Mas mesmo a pessoa mais forte do mundo precisava de algo para se segurar.

E o homem que comprou o cão que você sempre quis, era a escolha perfeita.

Além disso, a conexão repentina de minhas filhas com tia Theresa e tio Vinnie não era estranha. Era elas se apegando a qualquer família que pudessem obter, enquanto os alicerces delas próprios mudavam. Foi apenas pura sorte que Joe fornecesse excelentes adições.

Quando Keira continuou soluçando no peito de Joe, eu pisquei minhas lágrimas quando Joe torceu e me entregou sua caneca de café, em seguida, ele colocou as mãos em seus braços e puxou-a para o seu colo.

—Keira, querida, o que é isso? — Joe sussurrou em seu ouvido quando ele a tinha em seus braços e ela se enterrou mais perto. Ele também sabia que não era sobre o cachorro.

Ela puxou a cabeça para fora do pescoço dele, olhou para ele e exigiu em um tom feroz:

—Nunca vá embora, Joe.

Com as palavras da minha filha, senti minha respiração me estrangular com tanta força que eu também ouvi e aquele som sufocante não estava vindo de mim.

—Eu não vou a lugar algum, querida. — Joe respondeu gentilmente.

—Promete!

Eu chorei com o meu esforço para engolir querias lágrimas e ouvi o pequeno gemido de Kate em um esforço para fazer o mesmo.

—Eu prometo. — disse Joe, seu tom tão feroz, em seguida, ele colocou um braço atrás de seus joelhos e se endireitou na cadeira, Keira segurou seu peito.

Eu me endireitei também, murmurando:

—Joe.

—Eu tenho isso, Buddy.

—Joe...

—Entendi. —Joe repetiu e saiu da sala para o final do corredor.

Eu fiquei lá, olhando para o corredor. Então me virei e olhei para o nosso grupo, vendo Bea e Theresa chorando. Gary e Vinnie estavam olhando para o colo. Vinnie tinha o braço ao redor de Theresa.

—Sinto muito. — sussurrei, minha voz soando sufocada. O braço de Kate envolveu minha perna e ela apertou firme.

Bea se levantou e foi até mim. Tirando as canecas das minhas mãos, ela disse gentilmente:

—Não há por que se desculpar, Violet. — ela gesticulou para uma cadeira e disse:—Sente-se, querida.

Eu não me sentei. Em vez disso, me abaixei e puxei Kate para levantá-la.

Então eu disse a todos:

—Por favor, me desculpem, precisamos de um minuto.

—Tudo o que você precisar. — Bea respondeu instantaneamente.

Eu balancei a cabeça, coloquei meu braço em volta da cintura de Kate e a levei pelo corredor até o quarto de Keira. Joe estava na cama com uma Keira ainda chorando enfiada em seu lado. Seus olhos vieram para nós quando entramos no quarto. Sem hesitar, todos nós rastejamos para a cama de casal de Keira e nos enrolamos em Joe.

Foi muito mais tarde quando me perguntei por que minhas filhas e eu fazíamos isso, e por que parecia tão confortável. Eu, talvez, minhas meninas, não.

E quando pensei nisso mais tarde, cheguei à conclusão de que era natural porque éramos nós e Joe.

Em outras palavras, os *novos nós*.

Então, quando uma situação se tornou emocional, o que mais faríamos?

Depois de algum tempo, quando as meninas Winters se recomporam, tirei minha bochecha do ombro de Joe e olhei para o rosto dele.

—Isso não foi como planejado. —eu disse a ele.

—Posso ver, Buddy, não poderia ser melhor. —Joe respondeu.

Eu olhei para ele e vi que ele acreditava no que estava dizendo e sua crença me fez sorrir para ele. Mesmo assim, meu sorriso estava trêmulo.

Quando Joe se inclinou para mim, seu beijo foi firme.

Quando acabou de me beijar e eu estava me sentindo muito menos instável, a cabeça de Keira surgiu do outro ombro de Joe e ela olhou para ele.

—Desculpe eu fui toda chorona em você. — ela sussurrou, seus olhos não encarando muito os dele, sua voz tremendo, então percebi que ela estava preocupada que o desapontou e meu estômago revirou.

O braço de Joe passou ao meu redor e ele se virou para Keira. Kate, que estava na minha frente e eu, subimos nos nossos cotovelos. Nós assistimos Joe colocar a mão no queixo de Keira para inclinar mais o rosto dela para ele.

—Nunca enterre algo profundo, baby. —ele murmurou. — É preciso ter o dobro de coragem para ser quem você é, dizer o que você pensa, sentir o que você sente e mostrar, para enterrá-lo. Essa merda se você segurar te destruirá. Você tem um lugar seguro para se livrar dele, e você tem, então você se livra dele como acabou de fazer. Sim?

—Sim. — Keira sussurrou, um sorriso trêmulo em seus lábios também.

Eu olhei para Joe pensando que talvez ele fosse o Super-Homem.

Houve o som de uma garganta sendo limpa e olhamos para a porta para ver Gary parado ali.

—Hum… desculpe interromper, Joe, Vi, mas… tem um jovem na porta. Diz que seu nome é Dane. Eu tentei…

Meu corpo sacudiu quando Kate gritou:

—Aiyee!— E saltou da cama, correu passou por seu avô e depois desapareceu.

Keira se sentou congelada contra Joe por meio segundo, então ela seguiu sua irmã com tanta energia. Joe não estava muito longe, mas foi impedido desde que ele estava me arrastando com ele.

—Eu pensei que eu te disse!— Ouvimos Kate gritar quando Joe nos empurrou pelo corredor.

—Kate... — ouvimos Dane.

—Não!— Kate o interrompeu. Então ela fez uma pergunta muito familiar. —Você tem sua cabeça resolvida?

Ah merda.

Lá estava. Prova de que minhas filhas estavam absorvendo todas as coisas, de Joe.

Nós chegamos na sala e Theresa estava atrás de Kate como uma sentinela. Bea também estava perto, embora não tão perto quanto Theresa. Vinnie estava de pé ao lado da televisão, seus olhos na cena que acontecia na frente dele. Keira estava sentada de joelhos no sofá, de frente para a porta. Senti Gary chegar atrás de Joe e eu, mas no momento em que chegamos na sala, os olhos de Dane se voltaram para Joe e seu rosto empalideceu.

Eu achava que havia muitas boas razões para ter Joe por perto, mas naquele momento que ele colocou o medo de Deus em homens-garotos pirralhos, não importa o quão fofos eles

eram, que machucaram minha filha estava no topo da minha lista.

Eu cruzei meus braços e olhei para Dane enquanto ele engolia e seu pomo de Adão balançava. Então Dane arrancou coragem e deu um passo à frente.

—Sr. Callahan. —seus olhos vieram para mim— Sra. Winters, eu preciso falar com Kate.

—Você precisa falar com Kate, por que você está falando com a gente? — Joe perguntou e eu olhei para ele para ver seus braços cruzados em uma nova pose sinistra e assustadora. Este era tanto homem-alfa quanto chefe-de-família-pai-bravo-que-você-não-mexe.

—Uh ...— Dane murmurou, mudo pela pose sinistra e assustadora de Joe.

—Sua garota está bem na sua frente, garoto. — Joe falou quando Dane parecia congelado no local e isso durou um pouco o que, incluiu um número de pessoas como sua audiência, todos os olhos nele. —Você veio para fazer um movimento, faça-o.

Dane engoliu em seco novamente, assentiu e olhou para Kate.

—Podemos conversar?

—Só há uma coisa que eu quero ouvir você dizer. — Kate respondeu e eu estava orgulhosa da minha garota por apontar suas armas e não deixar que algum homem-menino, não importa o quão fofo ele fosse, tratá-la como sujeira.

—Posso dizer isso no convés? — Dane perguntou.

Kate olhou por cima do ombro para Joe que inclinou o queixo para ela.

Foi quando percebi que havia perdido um pouco das minhas duas filhas. Elas pegaram de mim e deram para Joe.

Outras mulheres ficariam com ciúmes disso ou alarmadas.

Eu não.

Joe nos deu tudo. Foi apenas a nossa maneira de retribuir. Não muitos homens apreciariam os presentes que Keira e Kate davam a ele e fazendo isso tão livremente, mas eu calculei que Joe apreciasse.

— Vamos ao convés. — concordou Kate, virando-se, conduzindo um Dane de rosto enrugado pela sala de estar, escritório e saindo pela porta traseira de correr.

—Esse é Dane.—Keira anunciou para a sala desnecessariamente quando a porta de correr se fechou. —Ele é namorado de Kate e ele está na casa de cachorro.

Vinnie riu na direção de Gary, que pressionava os lábios.

—Eu preciso de mais café. — declarou Theresa. —Bea, você precisa de mais café?

—Sim, sim, acho que sim. —disse Bea suavemente.

—Eu vou fazer outro. — ofereci.

—Não, *cara mia*, sente-se, relaxe ou melhor ainda, encontre um lugar para escutar. Os olhos de Theresa foram para o convés. —Eu farei isso.

—Eu ajudarei. — Bea encaminhou-se com Theresa para a cozinha.

—Eu posso fazer isso, sem problemas. Eu não escuto as garotas. — eu disse a elas e Theresa e Bea pararam e se viraram para mim.

—Você não escuta? — Theresa perguntou, sua voz horrorizada.

—Eu confio em minhas meninas. — respondi com cuidado, não querendo ser insultante, insinuando que ela não fizesse o mesmo com seus filhos.

—Bem. — Theresa jogou uma mão para fora. —Eu acho que posso ver isso, sendo garotas e tudo. Minha Carmella era um anjo, mas eu também tinha três garotos. Três meninos italianos de sangue quente com mais hormônios do que a área metropolitana de Chicago poderia conter. Se eles não estavam tendo problemas com garotas, estavam brigando com garotos. Juntas sangrentas. Sutiãs em suas camas.

Bea apenas olhou para mim, sabendo que os hormônios não eram exclusivos para garotos italianos de sangue quente. Hormônios iam para os dois lados e não discriminavam pela cultura, eles apenas corriam desenfreados através dos adolescentes como um todo.

—Ficará tudo bem, Bea. — assegurei. —Eu tive uma conversa com Kate e Joe teve uma conversa com Dane.

—Sim — disse Keira —e Joe assustou Dane.

Vi quando Gary se aproximou e deu um tapinha no ombro de Joe.

—Vi isso. — ele murmurou. —Gostei. — continuou ele, olhando para a esposa não para Joe e meu coração revirou-se de felicidade. Joe tinha o selo de aprovação de Gary, ou pelo menos caminhava nessa direção. —Querida, poderia seriamente ter outro copo. — disse ele para Bea.

—Certo, amor. — sussurrou Bea e mudou-se para a cozinha, Theresa em seus calcanhares.

Joe estava olhando para fora das portas de vidro deslizantes, aparentemente alheio a tudo o que acontecia ao seu redor, sua mente sobre o que acontecia no convés. Eu andei até ele, coloquei minhas mãos em seu peito e o pressionei na poltrona. Ele resistiu, mas não muito, especialmente quando subi em seu colo após o colocar sentado. Talvez sentar em seu colo fosse um pouco demais, mas percebi que, como já tínhamos vários dramas, o melhor caminho era sermos nós mesmos.

Se Bea e Gary não gostaram, não pude evitar.

Então, novamente com todos os dramas, achei que eles não teriam nenhum problema com isso.

—Nós não espionamos. — disse a ele, quando seus braços vieram ao meu redor.

—Não precisamos, Buddy.

Eu inclinei minha cabeça para o lado.

—Nós não?

—Dane não é idiota. Ele fará o certo por Kate. Ele não faz, Kate não é idiota. Ela chutará o traseiro dele — ele fez uma pausa antes de terminar — de novo.

Cheguei mais perto de seu rosto e sussurrei:

—Você está pronto, por pelo menos quatro anos seguidos, de drama de garotas adolescentes?

O rosto de Joe mudou para suave, então seus olhos se moveram para Keira e eu vi humor iluminá-los.

Então ele olhou para mim.

—Keira é a próxima, então talvez precisemos conversar com Doc sobre Valium.

—Você acha que precisará do Valium? — Perguntei surpresa.

—Estava pensando em você.

—Eu ficarei bem.

—Keira é um pouco selvagem, baby.

Eu cheguei mais perto.

—Tudo bem, eu tenho você para me ajudar a lidar.

O humor deixou seus olhos e eles ficaram intensos. Prendi a respiração porque tinha certeza de que ele me beijaria e faria isso com força. Eu tinha certeza disso porque ele parecia assim quando ele me beijava, e era duro.

Para impedir que Joe me beijasse com força na frente de Gary, Bea e Theresa, algo que eu imaginei que eles poderiam

ter um problema, especialmente a maneira como Joe fazia isso, eu continuei.

—E para assustar qualquer menino que tenha ideias.

Joe sorriu para mim quando ouvimos Gary perguntar:

—Que diabos?

Eu olhei em sua direção. Ele mudou-se para ficar na parte de trás do sofá por Keira, mas ele estava olhando pela janela.

—Vovô!— Keira gritou e pulou do sofá enquanto eu olhava pela janela para o meu pai andando pela frente da casa.

—Oh meu Deus. — sussurrei, meu corpo sólido, esperando que minha mãe não estivesse com ele e também imaginando o que viria a seguir. *O céu está caindo? A terra parou? Talvez um meteoro colidiu com o Oceano Atlântico e um maremoto levou metade do território continental dos Estados Unidos para o mar.*

—Que porra é essa? — Joe resmungou, mas seu corpo não estava rígido. Ele não estava pensando em meteoros. Seus pensamentos eram algo completamente diferente.

Ele levantou, seus braços ainda ao meu redor me levando com ele. Ele me colocou em pé, me soltou e foi até a porta.

No momento em que chegou lá, eu imediatamente atrás, Keira tinha aberto e ela dava a meu pai um grande abraço .

—É uma reunião de família! — Exclamou ela, excitada, e perguntou: —Você trouxe Mel com você? — E ela olhou além do meu pai para fora da porta.

Notei que ela não perguntou se meu pai trouxe minha mãe, mas em vez disso ela perguntou por Mel. Minhas garotas não eram grandes fãs da minha mãe. Ninguém era, claro, porque minha mãe era uma cadela. Mas Madeline Riley foi uma mãe fria, dura e desaprovadora e não era menos que nenhuma dessas coisas como avó, mesmo não estando por perto com muita frequência.

Joe veio para ficar atrás de Keira que foi para abraçar meu pai, e com o braço em volta do peito, ele deu um passo atrás, levando Keira com ele e não soltando, seus olhos estavam no meu pai e eles estavam longe de ser bem-vindos.

Eu me mudei para ficar ao lado deles.

—Pai, o que você está fazendo aqui?

Papai estava olhando para Joe, em seguida, seus olhos vieram para mim e notei tardiamente que algo não estava certo sobre ele, verdadeiramente. Ele não pareceu processar que Joe parecia hostil, e praticamente ninguém além de uma pessoa cega poderia ignorar o olhar indesejado de Joe.

Portanto, eu me preparei.

—Deixei sua mãe. — meu pai anunciou, diretamente.

—O quê?— Eu sussurrei.

—Porra. — Joe murmurou.

—O quê!— Keira gritou.

Papai puxou uma mão agitada pelo cabelo, balançando a cabeça de um lado para o outro, nem mesmo ciente de que tinha mais público do que apenas Keira, que não deveria estar

ouvindo isso, Joe, que ele nem conhecia e eu que não queria ouvir isso.

—Eu... eu não aguento mais, Vi. Ela... com Sam... e quando Tim... —Seus olhos dispararam para Joe e então voltaram para mim e eu observei quando seu rosto desmoronou e ele sussurrou:— Jesus, querida, eu perdi meu filho. —Então suas mãos cobriram seu rosto e ele dissolveu-se em choro, sacudindo os soluços.

Meu coração de volta na minha garganta ameaçando me sufocar, me movi para frente e passei meus braços em volta do meu pai.

—Papai. — eu sussurrei.

—Eu o perdi, eu perdi Sam. — meu pai gemeu em suas mãos, não tirando-as de seu rosto. —E por causa *dela* eu não tinha você, nem as meninas, meu filho foi embora e eu não tinha *nada*.— Sua cabeça subiu e seus olhos lacrimosos encontraram os meus. —Vocês crianças, os dois, enquanto vivia com aquela mulher, eram minhas luzes brilhantes. O jeito que ela foi quando você... com Tim... —Sua respiração falhou. — Então você se foi e meu mundo diminuiu, mas eu ainda tinha Sam. Agora não tenho Sam e você vem ao funeral e nem sequer olhou para mim, e minhas netas estão tão crescidas e *eu mal as conheço*!

Ele terminou em um grito e saiu dos meus braços.

—Pai. — murmurei, tentando me aproximar novamente, mas ele deu dois passos furiosos para dentro da casa e se virou com um empurrão para me encarar.

—Esta manhã, ela descobriu sobre o dinheiro, o que dei a Sam para dar a você e ficou furiosa!— gritou o pai. —Sam está morto nem um mês e ela descobre que eu dei a você e às garotas uma coisinha e agiu como se eu vendesse segredos de Estado!

—Pai. — coloquei a mão em seu braço, mas ele deu de ombros e entrou na casa e começou a andar de um lado para o outro.

—Quem faz isso? — Ele gritou. —O filho dela está morto e o quê? O que é importante para ela? Quão óbvio poderia ser que você tivesse tomado a decisão certa na hora errada? Tim era um bom garoto, ele se tornou um bom homem. Ele cuidou de você, das meninas. Quanta prova mais ela precisava para ver que estava errada e você certa? Quão difícil é, quando o que está na balança é algo que você ama, admitir que está errado? Quanto mais provas ela precisa que a vida é muito curta para ser uma *cadela* tão ridícula e arrogante!

—Pete. — Joe disse chegando perto de mim, mas meu pai parou de andar e olhou para ele.

—E você! Quem é você? — Meu pai gritou, jogando um braço na direção de Joe.

Ouvi a porta de correr de vidro aberta, mas não conseguia tirar os olhos do que estava acontecendo na minha frente.

Keira se enterrou ao lado de Joe quando ela respondeu:

—Vovô, ele é Joe.

—Eu sei que ele é Joe, querida. — papai gritou com Keira e nas palavras iradas do meu pai destinadas para ela, Keira se enterrou mais perto de Joe e quando ela fez eu assisti, sem nenhuma quantidade de preocupação, como o rosto de Joe ficou tão rígido que parecia esculpido de pedra, mas papai estava em lágrimas e ele continuou falando. —Minha filha tem um novo homem em sua vida e tudo o que sei é que ele é Joe.— Papai olhou para Joe e exigiu saber. —De onde você vem? O que você faz? Como vocês se conheceram? Você pode sustentar minha filha? Você pode cuidar dela? Protegê-la? Proteger minhas netas? As únicas que eu tenho! — Ele estava gritando quando terminou e Kate, do lado de fora, contornou-o e pressionou-se ao meu lado enquanto ele fazia isso.

Eu coloquei meu braço em volta da minha filha e abri minha boca para falar, mas Joe chegou lá antes de mim.

—Eu entendo que este é um momento intenso para você, Pete, mas você não vem a esta casa e grita, não na frente das meninas e definitivamente não com as meninas. Nem durante um momento intenso, nem... porra... nunca. — Joe ainda tinha Keira ao seu lado, seu braço estava ao redor dela e ele a estava segurando perto, mas estava se inclinando ameaçadoramente em direção ao meu pai. —Você precisa ir a algum lugar e se recompor e precisa fazer isso agora ou não entrará nesta casa. Você me entendeu?

Papai olhou para Joe, percebendo tardiamente que ele deveria ter prestado mais atenção, e quando abri a boca para falar de novo, Vinnie estava lá.

—Pete? — Ele perguntou, com a mão nas costas do meu pai. —Eu sou Vinnie, o tio de Cal. Vamos, você e eu, dar um passeio.

Papai olhou para Vinnie em confusão enquanto Vinnie o empurrava em direção à porta, papai resistiu mas debilmente e Kate e eu nos mudamos para o lado para deixá-los passar.

—Quem é Cal? — Papai perguntou, olhando ao redor, seu rosto tendo perdido sua raiva, ele agora estava cheio de perplexidade com uma leve sugestão de perda misturada.

—Eu explicarei na caminhada. — Vinnie murmurou, abriu a porta da frente e empurrou meu pai antes que ele pudesse emitir outro som. Em seguida, ele fechou a porta e eu o vi meio empurrar, meio guiar meu pai na caminhada.

Olhei para Joe, que ainda tinha Keira perto.

—Podemos chamar Doc agora? — Eu perguntei. Então, em um esforço para aliviar o clima brinquei: —Eu poderia usar aquele Valium e, talvez, uma dose de tequila.

Os olhos de Joe cortaram para os meus. Notei que ele não parecia divertido, Kate deu uma risadinha nervosa e os olhos de Joe se moveram para ela.

—A merda com Dane está resolvida? — Ele perguntou quase em um latido.

Kate nem sequer se mexeu antes de responder baixinho:

— Ele queimou o número do telefone dela.

—Ele sabe que se fizer essa merda de novo, eu quebrarei o pescoço dele? — Joe continuou.

—Joe!— Eu estalei e desta vez Keira riu, não nervosamente na frente de todos.

—Eu meio que aludi a isso. — Kate respondeu com um sorriso.

Agora era eu quem não achava divertido.

—Joe, não direi de novo. Pare de ameaçar quebrar o pescoço de Dane! —Eu pedi de novo.

Joe olhou para mim.

—Tudo bem, Buddy, a próxima vez que ele agir como um idiota, eu ameaçarei arrancar a cabeça dele.

—Joe!— exclamei com raiva.

Joe me ignorou e olhou para Kate.

—Onde ele está?

—Ele já foi embora. Pedi-lhe que fosse para casa para que pudéssemos ter nosso drama familiar, então ele não saberia que somos todos malucos, mudaria de ideia e desejaria terminar comigo. — respondeu Kate.

O braço de Joe enrolou Keira num abraço lateral, mais próximo.

—Pensando, garota, ele já sabe isso.

—Sim, esse gato está fora do saco. —Keira concordou, seu braço serpenteando ao redor do meio de Joe para segurar e Kate riu.

Mas eu não.

Bea, Gary, Theresa e Vinnie estavam lá, assim como meu pai que deixara minha mãe, finalmente, mas isso ainda era um choque. Meu pai também gritara com Joe e Keira. Antes daquela cena emocional, tivemos outra cena emocional que exigiu um tempo esgotado em que todos nós nos aconchegamos na cama com Joe, o que, francamente, era uma coisa estranha de se fazer, por mais natural que fosse. Minha filha mais velha estava tendo conselhos de relacionamento com o meu namorado, que não era tão grande com relacionamentos ou, pelo menos, levou algum tempo para vir ao redor. E minhas duas filhas agiam como se meu namorado de uma semana estivesse por perto há um ano.

—Eu preciso ir à loja de bebidas. — anunciei .

—Buddy... — Joe começou a dizer, seus lábios se curvando em um sorriso.

—Não, temos vinho e temos cerveja, mas não temos tequila. Eu preciso de tequila.

—Vi, baby , não é nem meio-dia. — disse Joe.

—Eu preciso de tequila.

—Relaxe.

—Eu preciso de tequila.

—Querida, relaxe.

—Eu preciso de tequila!

A mão de Joe saiu, me puxou pelo pescoço e caí de cara no peito dele. Como eu tinha o meu braço em torno de Kate,

ela veio comigo, então acabamos em um amontoado de quatro pessoas.

Eu tirei meu rosto do peito de Joe e olhei para ele.

—Tequila. — murmurei e ouvi Keira e Kate rir.

— Baby — Joe murmurou de volta e tocou sua boca na minha antes de terminar: —relaxe.

Eu estava prestes a explicar , mais uma vez, que Joe me dizendo para relaxar não significava que eu faria isso, quando eu senti uma presença e eu virei minha cabeça para ver, surpreendentemente, que Bea se aproximara.

—Vi, querida, farei minha sangria mais tarde. Nós podemos bebê-la no jantar. Como isso soa? — perguntou Bea.

A sangria de Bea era brilhante. Muito melhor do que sua torta de creme de chocolate.

E Bea se aproximando do nosso amontoado, embora ainda parecesse tímida, apesar de estar perto, era a melhor.

—Vamos ao supermercado quando formos comprar o material escolar. — falei para Bea.

—Perfeito. — Bea respondeu baixinho, então sorriu para mim.

E eu assisti enquanto ela sorriu para Joe.

Foi aí que relaxei.



Tempestades no centro-oeste, as ruins, tinham um jeito de anunciar sua chegada bem antes de chegarem. Você podia senti-las e vê-las quando o ar mudava e assumia o que eu poderia jurar que era um tom amarelo. Você pode até sentir o cheiro delas.

Considerando o início emocional do dia, os meses emocionais que o precederam e o fato de que parecia e cheirava como se houvesse uma tempestade, uma ruim, talvez até uma que anunciasse um tornado, algo que me assustava eram tornados, talvez não fosse tão surpreendente quando perdi isso na calçada em frente à loja.

Veja, piorando as coisas, eu não tinha nada além de um cachorro quente e um Slurpee[28] para o almoço e estava morrendo de fome. Além disso, vi o raio e ouvi o trovão distante. O tempo entre relâmpagos e trovões estava diminuindo, a tempestade estava se aproximando rapidamente e eu estava ficando nervosa porque não queria estar em um shopping center, um verdadeiro ímã para a atividade de tornados, em minha febril imaginação de tempestades. Eu queria estar em casa.

O que tornou as coisas ainda piores foi que papai, Gary e tio Vinnie decidiram vir conosco e Joe também apareceu, provavelmente fazendo seu papel autodesignado de guarda-costas emocional. Eu estava muito ciente dos fatos que papai e Gary não eram os melhores amigos, Bea ainda estava pungente desde o que acontecera quase duas décadas atrás, com mamãe

[28]A Slurpee é uma bebida gaseificada congelada, vendida exclusivamente nas lojas da 7-Eleven.

e papai sendo um lembrete gritante disso, papai não era a pessoa favorita de Joe naquele momento, as garotas estavam com um bando de pessoas que amavam, a coisa favorita no mundo, e no modo de compras, a segunda coisa favorita no mundo e algo que nada estragava, mesmo que só comprassem cadernos e canetas e eu era um zumbi emocional ambulante, mal conseguindo me segurar. Portanto, Vinnie e Theresa estavam trabalhando três vezes mais para impedir que nossa tropa caísse na loucura.

Dito isto, Vinnie e Theresa, apenas sendo Vinnie e Theresa, não eram as melhores escolhas para este trabalho, considerando que eles eram naturalmente muito malucos.

Mesmo assim, estávamos de alguma forma fazendo isso durante o dia. Estivemos no mercado para comprar ingredientes para a sangria, estava chegando ao momento da Sangria, e comecei a contar os minutos.

Depois da mercearia, as garotas conseguiram suas coisas e conseguiram algo enorme com Gary, Bea, Vinnie, Theresa, papai e, por último, Joe competindo para estragá-las, para que tivessem material escolar suficiente para durar até os oitenta anos. Elas também tinham novos CDs de suas bandas favoritas, a contribuição de Joe, embora ele se recusasse terminantemente a comprar para Keira qualquer boy band até que papai entrou, pensando que ele estava fazendo algo bom e os comprou, que irritaram Joe por razões conhecidas apenas por Joe, e Keira teve que jogar de pacificadora. Elas também tinham novas escovas, pentes, xampu, condicionador, hidratante, maquiagem e acessórios de cabelo suficientes para

atender toda a classe de calouros, a contribuição de Theresa em um sorriso e um discurso: “Todas as meninas precisam de um pouco ... você sabe.” quando tentei intervir.

Joe estava carregando sua multidão de malas no porta-malas do Mustang enquanto as duas meninas estavam próximas, tagarelando com ele. Papai tentava ajudar, ao mesmo tempo, parecendo que explodiria em lágrimas. Vinnie tentava distrair papai e fracassava, o que significava que papai estava entrando no caminho de Joe. Gary, Theresa e Bea estavam descendo a calçada olhando para as janelas da padaria, Theresa exclamando em voz alta:

—Eles não têm cannoli! — Ao que Bea nervosamente riu.

E eu estava sozinha e levemente afastada do resto deles.

Isso me fez o alvo bizarro de uma linda loira que andou até a mim e começou a falar.

—O boato é verdadeiro. Você o quebrou. —ela disse, seus olhos em Joe, que estava sorrindo para Keira e ignorando papai quando ele bateu o porta-malas do Mustang.

Eu virei minha cabeça para olhar para ela, vendo primeiramente que ela era linda e em segundo lugar que ela tinha um ar de cadela por toda parte.

—O quê? — perguntei.

—Cal. — ela inclinou a cabeça para Joe, mas manteve os olhos em mim. —Você o quebrou.

—O quê? —perguntei de novo.

—Tina me disse. —ela continuou e senti aço líquido injetado na minha espinha à menção do nome de Tina. —Eu tive um gosto dele. — ela compartilhou, sorriu e do jeito que sorriu eu sabia que tinha razão. Cadela total. —Delicioso. — ela terminou.

Eu me virei totalmente para ela.

—Quem é você?

—Susie Shepherd. — ela respondeu. Eu ouvi vagamente o nome dela em algum lugar, mas não tive tempo de lembrar onde, porque estava focada em seu sorriso ficando mais cadela, isso não me deu uma boa sensação e eu logo descobriria por que estava fazendo isso. —Você terminou com o Mike, você não se importaria de eu ir?

Esse aço na minha espinha se solidificou.

—Você está brincando comigo? — sussurrei.

—Ou, minha preferência, você acabou com Cal, eu gostaria de outro gosto. Mais precisamente, gostaria de lhe dar outro.

—Você está brincando comigo. —sussurrei esperançosa.

Ela se inclinou, correndo minhas esperanças.

—Melhor cabeça que eu já tive. Cal faz milagres com sua língua, puro talento. Ele me fez gozar tão duro, que pensei por um segundo que morri e não me importei nem um pouco.

Inclinei-me também e assobiei:

—Minhas filhas estão a um metro e meio de distância.

Ela se inclinou um pouco para trás.

—Não se preocupe. Elas ficam um pouco mais velhas, elas também os fará. Elas têm algo para esperar.

—O quê? — Eu gritei e ela sorriu um sorriso malicioso.

—Corre por toda cidade, você não sabia? —Ela me informou. —Estamos todos apenas imaginando quando ele acabará de brincar com você.

—Susie... — eu ouvi Joe dizer, sua voz soando extremamente assustadora, ainda mais assustadora do que um Joe muito assustador podia soar, mas eu tinha o suficiente.

Eu terminaria isso.

Houve um enorme estrondo de trovão que retumbou no ar como uma coisa física e este foi acompanhado por um raio de luz brilhante.

A tempestade estava lá. Os céus se abriram e a chuva caiu.

Isso tudo abafou meu grito quando eu peguei Susie Shepherd bem na calçada.

Eu descobri rapidamente que ela cresceu sem irmãos, porque ela lutou como uma garota, e foi por isso que eu pude começar a bater nela.

Isso foi até que Joe me puxou para fora dela, me pôs de pé, passou um braço ao redor do meu peito , um ao redor das minhas costelas e nos afastou vários passos o tempo todo enquanto eu lutava em seu abraço.

—Coloque as garotas no carro.— Joe rangeu.

—Cal. — disse Vinnie.

—Carro! Agora! — Joe gritou e dessa vez foi um grito de verdade. —Tire elas daqui!

—Mãe, você está bem? — Kate perguntou com preocupação em seu tom.

Eu estava tão fora de mim, que nem registrei o tom de Kate, uma vez que ainda estava lutando para chegar a Susie Shepherd, uma mulher que eu não conhecia, mas não me importava. Eu arrancaria todas as suas mechas douradas agora encharcadas pelas raízes.

—Sua puta!— Eu gritei.

Ela estava se levantando e limpando o sangue do lábio. Ela olhou para o sangue misturado com gotas de chuva em sua mão, então ela olhou para mim.

—Você estourou meu lábio!— Ela gritou.

—Estourarei mais do que isso!— Eu gritei, em seguida, exigi: —Joe, me solte!

—Vamos, meninas — ouvi meu pai dizer —entrem no carro de Vinnie.

—Mãe... — Keira chamou.

—Carro, Keira, querida. Por favor. —Bea disse.

—Eu te processarei!— Susie gritou.

Joe estava tentando me mover em direção ao carro, mas estava tendo problemas porque eu lutava como uma gata para

chegar na Susie. Lutando tão duro que até mesmo Joe Callahan não poderia me subjugar.

—Se você me processará, então é melhor eu te dar algo bom para isso!— Eu ameacei.

—Cal, tudo bem aqui? — Um homem perguntou, subindo e segurando uma jaqueta sobre sua cabeça muito loira e vi que era Chip Judd, o homem que instalou o meu sistema de segurança e estragou a fiação para que Joe tivesse que consertar.

—Você deixou *ela* te quebrar? — perguntou Susie a Joe, ignorando Chip e apontando o dedo para mim. —Ela?— Ela repetiu, sua voz cheia de desgosto, seu rímel derretendo em seu rosto e outro estrondo de trovão encheu o ar acompanhado por um relâmpago.

—Vi, pare de brigar, entre no carro. — Joe murmurou no meu ouvido.

—Você já foi magnífico. Você não é nada agora. A cidade inteira está falando sobre isso. — Susie insanamente zombou de Joe.

—Cale a boca, Susie Shepherd. —falou uma mulher com longos cabelos escuros e uma figura fabulosa, e eu sabia disso porque o vestido de verão estava colado ao corpo pela chuva e pelo vento que brotara e açoitava ao nosso redor, apressou-se para a frente de Chip. —Ninguém está falando desse lixo, mas sim você e Tina.— A morena se virou para Joe e eu. —Estamos todos muito felizes por você Cal.

Ai está. Explicação de porque todo mundo ficava olhando para nós e principalmente Joe.

—Josie, me faça favor, querida, não se envolva. — disse Chip à mulher.

—Como se ela fosse ouvir você. — a voz de Susie estava gotejando com escárnio —Você está tão pau mandado que nem sequer é um homem.

Atuando em instinto viril com tal insulto proferido em um de seus irmãos, Joe parou de se mover. Chip se ergueu até a altura total, que era bem alta e ele deixou cair os braços e a jaqueta, mas foi Josie que agiu.

—Sua puta!—Ela gritou, empurrou para frente e empurrou Susie no peito, fazendo Susie recuar em seu pé. — Você não fala sobre o meu homem desse jeito.

—Você não me toca!— Susie gritou de volta.

—Susie, vá embora. — Joe avisou.

—Foda-se, Joe Callahan!— Susie estalou.

—Você deseja!— Josie gritou. —Todo mundo sabe que você tentou entrar lá e nada aconteceu. Agora todo mundo sabe que você e Tina estão falando besteira sobre Cal e Violet porque você fez a sua peça e ele não gostou do que teve quando ele teve o seu pedaço, então ele jogou fora e Tina está vivendo ao lado dele e não consegui sequer uma olhada.—Ela olhou para mim. —Não posso negar, todos nós somos realmente curiosos, a cidade inteira é, mas não é preciso um psiquiatra

para ver que você é gostosa, Cal também, gostosos se atraem, então, você sabe, gostoso na porta ao lado, merda acontecerá.

Eu parei de lutar porque eu olhava para Josie e agora tentando não rir enquanto pegava o resto do porquê todo mundo ficava olhando para Joe, eu e as garotas, e percebi que não me incomodava mais. Eu diria que Susie Shepherd foi uma das ex-amantes de Joe, mas quando isso aconteceu, não me atingiu muito. Ela era linda, então explicava porque ele a pegou. Ela era uma vadia como a outra e isso explicava porque Joe pegou o que ele quis e depois não voltou para mais. Portanto, não valeria a pena discutir, algo que decidi que Joe e eu nunca teríamos e nunca faríamos.

—Um ...— eu comecei —você me conhece, mas eu não ...

—Josie Judd. — disse ela, aparecendo aparentemente impenetrável à chuva, com a mão estendida. —Chip é meu marido. —Apertei sua mão e empurrei o cabelo molhado para fora do meu rosto enquanto piscava contra as gotas gordas de chuva batendo nos meus olhos enquanto ela recuou e continuou falando. —Desculpe, Chip fodeu sua fiação. Ele tentou muito descobrir essa merda, passou a noite inteira pensando nos planos de Cal, mas Cal é um gênio da segurança. Meu Chip, ele é bom, mas ele não é um gênio, ou eu estaria vivendo em LA fazendo pedicure toda semana.

—Oh, por favor, isso me deixará doente. — Susie gritou e Josie virou sobre ela.

—Então vá embora e, a propósito. —Josie disse: — Chip gosta da minha boceta, mas é a minha boca que ele ama e isso

é porque eu amo o seu grande e lindo pau. Você para de ser uma dessas cadela, Susie, e usa sua boca, não sendo ruim, você pode conseguir um homem com um belo pau que lhe dará alguns orgasmos regularmente, em vez de fugir o mais rápido possível para longe de você. Só o homem que você poderia segurar seria Colt e ele só estava te fodendo porque você o lembrava de February.

—Oh Jesus. —Chip murmurou.

Eu estava pensando que isso era muita informação, a maioria das quais eu não queria saber, mas realmente o que não queria era que minhas filhas soubessem disso.

Eu torci meu pescoço levemente e sussurrei ao vento para Joe:

—Por favor, me diga que minhas filhas não estão mais aqui.

—Já foram, Buddy. — Joe murmurou e não parecia chateado, soava como se quisesse rir.

—Bea? — Eu perguntei.

—Também. — Joe respondeu.

—Graças a Deus. — eu murmurei.

—Ele gosta da sua boca desprezível. — Susie atirou de volta, meus olhos se viraram para ver que ela parecia apta para ser amarrada, mas ela também não era estúpida o suficiente para ir tão longe a ponto de tornar-se física novamente. Ela aprendeu essa lição duas vezes nos últimos

cinco minutos. Agora ela estava apenas tentando salvar o rosto.

—Só um tem a boca desprezível e é você, Susie Shepherd. — retrucou Josie, pôs a mão no quadril e jogou um pé para fora e fiquei tensa porque essa postura anunciava más notícias em Catfight Land[29]. Josie não parecia perturbada pelo fato de estar chovendo torrencialmente e o vento chicoteando seus cabelos por todo lado, ela estava na zona. —Eu não sei o que você disse a Violet para fazê-la derrubar você assim, mas eu sei que é melhor você assistir sua bunda. Você tem inimigos e não estamos falando de inimigos como Denny Lowe. Estamos falando de mulheres que estão aqui —ela ergueu uma mão esticada até o queixo e continuou — com sua merda e a de Tina e nós não aturaremos mais.

Ela mencionou Dennis Lowe, o serial killer que fez a vida de Feb e Colt um inferno e foi quando eu soube quem era Susie Shepherd. Eu li sobre ela nos artigos sobre essa bagunça toda. No final, Dennis Lowe a manteve como refém e atirou nela.

Isso me chocou. Se algo assim acontecesse comigo, provavelmente eu não estaria vagando em shoppings, escolhendo aleatoriamente brigas com as namoradas do meu ex-amante. Inferno, eu nunca faria isso.

Isso foi só eu embora. Talvez ela estivesse sofrendo de estresse pós-traumático ou algo assim.

—Josie... — eu comecei.

[29] É uma comédia americana onde duas mulheres brigam na rua.

—Você quem colocou papel higiênico no quintal de Tina? — Susie, com os olhos para Josie, perguntou.

—Não, mas te darei dez palpites sobre quem fez isso e aposto que você ainda não descobrirá, porque há provavelmente uma centena de mulheres nesta cidade que faria isso. — Josie respondeu. —Vocês duas tentando se aconchegar com nossos homens, falando merda sobre o que fazemos e usamos, causando problemas. — disse Josie. —Você sabe, Susie, qualquer um que atirasse em mim porque eu era uma puta, eu aprenderia minha lição. Talvez você devesse pegar um pouco do dinheiro do seu pai, ir a algum lugar tranquilo e refletir. Tipo, eu não sei, digamos — ela fez uma pausa e terminou — cem anos?

Susie empalideceu e sussurrou ao vento:

—Não acredito que você disse isso para mim.

—E *eu* não posso acreditar que você ficaria no rosto de Violet, quando seu irmão foi assassinado há três semanas!— Josie retrucou. —Deixe-me esclarecer as coisas para você, Susie. O dinheiro do seu pai não lhe deu carta branca para viajar pela cidade, como você faz, e não pode negociar a tragédia do que aconteceu com Denny Lowe para ser como você é. Nós todos sabemos que você vendeu a história de Colt e Feb para aquele repórter. Nós já não pensávamos muito em você antes, agora não pensamos nada.

—Josie... —Chip começou, Josie sacudiu a cabeça para olhar para o marido e levantou a mão.

—Eu terminei. — afirmou ela, virou-se para mim, mudou de assunto e desligou sua atitude tão rapidamente que eu não acompanhei. —Vocês dois vêm para o jantar. Talvez chame Colt e Feb para virem também. Eu farei a minha carne assada. Isso é um prato de inverno, mas meu assado de panela, chuta bundas. Eu ligarei para vocês. —ela ofereceu este convite novamente como se não estivesse em pé na chuva e não tivesse acabado de humilhar Susie Shepherd de uma maneira extremamente brutal.

Ela veio até mim e me deu um beijo no rosto, apesar de Joe ainda me ter em seus braços e não resisti a beijei também principalmente porque eu estava com um pouco de medo dela. Então ela se afastou, sorriu para Joe e correu para o marido, enquanto eu não podia fazer nada além de olhar.

—Desculpe, Cal. — Chip murmurou.

—Nada para se desculpar. — Joe respondeu e desde que seus braços se afrouxaram, me afastei um pouco e olhei para ele para ver que ele olhava para Susie.

—Tchau, Vi. — Chip disse.

—Tchau Chip. —respondi e Chip e Josie se afastaram.

—Você acabou ou será que Vi terá que aturar suas merdas toda vez que ela encontrar você? — Joe perguntou e eu olhei para ver que falava com Susie.

—Você me ameaçará como fez com Tina? — Susie zombou e eu olhei de novo desde que não podia acreditar depois daquela cena que ela ainda tinha um sorriso de escárnio nela.

—Não, só não vou tirá-la da próxima vez. — Joe respondeu.

—Tanto faz. — Susie murmurou e começou a se afastar.

—Por quê? — Joe perguntou e Susie parou.

—O quê? — Ela perguntou de volta.

—Por que você é tão puta? Juro por Deus, eu não entendo. Você tem tudo e sempre teve.

O rosto de Susie se torceu brevemente, um flash de dor se foi.

Então ela retrucou:

—Nem tudo, Cal. Não tive uma mãe.

Quase senti pena dela, antes que Cal respondesse:

—Sem desculpas, mulher, eu também não.

Eles se encararam, e eu percebi que estavam em uma competição de olhar fixo, enquanto estava ao vento e chuva com um possível tornado se aproximando.

—Joe. — sussurrei e os braços de Joe ficaram tensos ao meu redor.

—Aprenda com o de hoje, Susie. — aconselhou Joe.

Ela revirou os olhos, estendeu a mão e repetiu:

—Tanto faz.

—Ela não aprenderá a partir de hoje. — Joe murmurou, me soltou, pegou minha mão e nos virou para o Mustang.

Eu notei que os carros de Vinnie e Gary tinham sumido. Nós tivemos que vir em três carros para caber todo mundo, porque contando com o meu pai sobrava um. Isso acabou se tornando uma coisa boa, pois eles tinham muito espaço para todos nos carros e retornaram pra casa, antes de acabar a confusão.

Joe me levou para o lado do passageiro, piscando as fechaduras enquanto ele andava.

Ele tinha a porta aberta e eu estava prestes a desistir quando ouvimos Susie chamar:

—Cal!

Nós dois olhamos para ela.

—Não me irrita, Susie. —Joe avisou.

Ela puxou o cabelo molhado do rosto e segurou-o na parte de trás da cabeça. Seus olhos se moveram para mim e depois voltaram para Joe.

—Eu posso fazer um homem feliz. — ela anunciou.

—Sério? — Sussurrei, meu corpo ficando tenso e Joe colocou pressão nas minhas costas para me empurrar no carro.

—Eu não quero dizer você!— Ela gritou e sua cabeça empurrou para o lado e de volta para a frente rapidamente, reflexivamente, fazendo-a parecer que ela sofreu um golpe invisível e algo sobre isso me fez ficar ainda mais tensa, mas não com raiva, com compaixão surpreendente.

Ela estava lutando com alguma coisa e o que quer que fosse, era grande.

—Por que não posso... — ela começou, mas Joe a interrompeu.

—Jesus Cristo, está chovendo, Susie. Que porra é essa? —Joe perguntou.

—Joe, ouça. — eu sussurrei com urgência, meus olhos mirando em Susie.

Mas, com a impaciência de Joe, ela se perdera. Seu rosto se fechou e ela se virou.

—Esqueça. — ela gritou contra o vento. Levantando a mão e soltando-a de uma maneira estranhamente derrotada, ela correu para longe, seus pés em sandálias arruinadas fazendo respingos nas poças enquanto corria, até que estava sob o toldo que saiu na maior parte da calçada em frente ao shopping e então ela continuou correndo até que a perdi de vista porque Joe me pressionou no carro.

Ele bateu a porta atrás de mim, correu ao redor do capô quando eu limpei meu rosto inutilmente desde que minhas mãos estavam tão molhadas e ele se sentou ao meu lado.

—Estamos indo para a Flórida, Buddy, primeira chance que tivermos.— Joe declarou no minuto em que bateu a porta. Ele nem colocou a chave na ignição e nós dois estávamos pingando água da chuva nos assentos e no carpete.

—Joe...

Ele se virou para mim e me cortou.

—Avisando, não há nada lá. Apenas a casa e a praia, um par de casas dos dois lados. Nada a fazer além de pescar, cozinhar, dormir, comer, foder e ler.

—As meninas podem vir? — Eu perguntei e vi seu rosto escurecer para uma carranca.

—Você pede uma merda assim de novo, eu colocarei você sobre o meu joelho.

Senti meu estômago vibrar. Ele me virou sobre o joelho na noite anterior, parte dele sendo criativo, e eu gostei disso.

Eu sorri, me inclinei para ele e sussurrei:

—Joe, não tenho certeza se isso é um dissuasivo.

Seus olhos caíram para a minha boca e ele não respondeu, embora seus lábios se contraíssem.

—Ainda acha que o dia não poderia ir melhor? —Eu perguntei e seus olhos voltaram para os meus.

—Sua sogra faz uma boa sangria? — Ele perguntou de volta.

—A melhor. — eu sussurrei.

—Então vamos para casa.— ele rosnou.

Eu ri tanto que tive que fechar os olhos.

Isso significava que eu sentia falta da primeira parte de Joe chegando para me beijar.

Mas não senti falta do resto.



—Portanto— terminei enquanto as meninas se sentavam em seus banquinhos na minha frente —brigar fisicamente nunca é o caminho a seguir.

Eu estava dando a elas a palestra mais difícil no arsenal dos pais. A palestra onde você tenta ensiná-los a não fazer algo que você mesma acabou de fazer.

Essas palestras, a propósito, nunca funcionam.

Os olhos de Kate e Keira passaram por cima do meu ombro. Então as duas lutaram com risos.

Eu estava no balcão da cozinha em frente a elas e me virei para ver Joe atrás de mim, seus quadris encostados no balcão de trás , os braços cruzados sobre o peito , os pés cruzados nos tornozelos, a cabeça inclinada e ele estava olhando em suas botas.

—Joe? — Eu chamei, sua cabeça subiu e vi que ele estava mordendo o lábio e ele estava fazendo isso em um claro esforço para não rir. —Joe!— exclamei.

Era relativamente tarde. Nós voltamos para casa, trocamos de roupa, nos secamos e eu fiz o trabalho de reparo no meu cabelo e maquiagem. Nós tivemos sangria. Os bifes que Joe enfrentou a tempestade para cozinhar na grelha e batatas assadas. E também torta de creme de chocolate, Joe teve duas fatias, em parte porque ele estava sendo legal, principalmente porque era muito gostosa.

O aviso de tornado se transformou em um alerta de tornado e depois a tempestade se transformou em chuva.

Todo mundo foi embora. Todos eles, inclusive o papai, estavam hospedados no hotel perto da estrada durante a noite e retornariam para panquecas amanhã de manhã. Todos eles evitaram a discussão sobre eu pular numa mulher loira na calçada, sem nenhuma razão aparente que eles soubessem. Todos, exceto o tio Vinnie, que de vez em quando olhava para mim, sorria e duas vezes ele riu.

Agora éramos só nós, eu precisava resolver o problema com minhas garotas e eu não precisava de Joe rindo.

—Isso não é engraçado. — sussurrei para Joe.

—Baby...

—Não é!

—Vi...

—Pare de rir!— Eu exigi porque ele não estava rindo, mas ele estava sorrindo e eu sabia, por dentro, estava rindo. —Isso é sério!

—Buddy—a voz de Joe soou estrangulada —porra, baby, você a derrubou.— Ele descruzou os braços, bateu palmas, fazendo um barulho enorme, antes que suas mãos fossem para o balcão, e ele começou a rir.

Então minhas garotas.

—Joe...

—Na chuva. — Joe sufocou.

—Joe!

—Vocês duas molhadas. — Joe continuou.

—Joe!

—Você poderia vender ingressos para essa merda. — Joe continuou.

—Joe!— Eu gritei.

—A notícia se aproxima, querida, terei que derrotar os homens em volta. —Joe terminou.

Eu olhei para ele e então eu olhei para as garotas que estavam rindo. Keira tinha os cotovelos no balcão, o rosto nas mãos. Kate desabou sobre o braço dobrado no balcão.

—Estou feliz que todos vocês achem que isso é tão engraçado!— Eu estalei e, em seguida, movi-me para saltar para fora, mas eu fui pega pela cintura e puxei para os braços de Joe. Minha cabeça recuou e eu exigi: —Deixe-me ir, Joe.

—Baby...

—Deixe-me ir!

Uma das mãos de Joe se enrolou ao lado do meu pescoço e seu rosto sorridente entrou no meu.

—Vi, querida, merda acontece, você tem que rir. Você não pode rir, você está fodida.

—Você não sabe o que ela disse. — sussurrei, esperando que as meninas ainda estivessem rindo tanto que não pudessem ouvir.

—Eu ouvi o suficiente para saber que ela merecia um lábio estourado e se alguma e qualquer mulher fale com Kate ou Keira desse jeito, eu espero que elas tenham atitude suficiente para fazer a mesma porra de coisa.

Meu corpo ficou apertado e eu o informei:

—Garotas não fazem isso.

—Talvez devessem. Se Tina e Susie tivessem essa lição ensinada há muito tempo, talvez não fossem essas vadias. — respondeu Joe.

Isso, eu tinha que admitir, era um ponto para refletir.

—Ok, eu não quero que minhas garotas façam isso. — emendei minha declaração.

—Você está me dizendo, uma mulher vem até elas e os trata do jeito que Susie fez com você, você quer que elas se afastem?

—Sim. — eu meio que menti.

—O que Susie fez com você? — Keira perguntou atrás de mim e eu virei no braço de Joe, mas não me afastei porque o braço dele agora estava em volta da minha barriga e me apertava, puxando minhas costas para a sua frente.

—Não importa. Eu estava com fome e emocional, mas eu ainda não deveria ter agido assim. —respondi a Keira. —A mulher superior vira a outra face.

—Então ela consegue a vantagem. —disse Joe, eu fiquei tensa e torci meu pescoço para olhar para ele enquanto ele continuava falando. —Talvez lutar com elas na calçada e na chuva não seja o caminho a percorrer, mas não deixe ninguém te tratar como merda. Nenhuma mulher e especialmente nenhum homem. Alguém fala lixo para você, você vai embora.

Segue você, você lida com isso. Você quer saber como, não importa onde você esteja, você me liga e eu lhe direi como.

—Ok, faça uma conferência. — eu anunciei antes de Joe entrar em um rolo.

—Obrigado, Joe. — Keira disse e eu suspirei porque eu tinha a sensação de que tudo que eu disse a ela durante a minha palestra de dez minutos sobre como a violência física nunca foi o caminho certo, estava totalmente esquecida, mas as últimas palavras de Joe foram gravadas em seu cérebro.

—Sim, Joe, obrigada. —Kate disse e acrescentou: —E graças a Mawdy, começaremos a dar a outra face.

—Ótimo, *comece* com isso. Faz sentir-me melhor. — murmurei.

Kate sorriu para mim e disse:

—Eu vou ouvir música e colocar meus novos CDs no meu MP3. Tudo bem?

—Claro, baby. —respondi.

—Estou indo para o meu quarto para pegar o Messenger e dizer a todos os meus amigos que minha mãe entrou em uma briga no shopping hoje. Tudo bem? —Keira perguntou, Joe riu, Kate deu uma risadinha e eu olhei para o teto.

Então olhei de volta para minha filha.

—Laptop confiscado, se você fizer isso.

—Certo —ela murmurou e sorriu —então colocarei meus novos CDs no meu MP3 player.

—Boa ideia. — disse a ela.

Elas foram para seus quartos e a boca de Joe se moveu para o meu pescoço, onde ele me beijou, em seguida, disse em meu ouvido:

—Você sabe, mesmo que Keira não compartilhe, essa merda espalhará. Josie Judd tem uma boca grande.

Suspirei novamente e voltei a encará-lo. Eu coloquei minhas mãos em seu peito e me inclinei profundamente.

—Eu sei.

Ele sorriu.

—Você será uma heroína local, Buddy. Susie não é realmente popular.

Mordi meu lábio, levantei a mão para mexer com o colarinho de sua camiseta e observei meus dedos fazendo isso.

—Joe. — eu chamei e parei de falar.

—Vi, você está pressionada contra mim, baby.

Eu olhei para ele.

—O que aconteceu com a mãe de Susie? Você sabe?

A cabeça de Joe inclinou-se ligeiramente para o lado e ele respondeu:

—Toda a cidade sabe. Acidente de carro por condução bêbado.

—Oh. — eu sussurrei, pensando que era horrível.

—A pessoa que estava bêbada era o pai dela.

Senti meus olhos ficarem enormes e repeti:

—Oh.

—Ele foi embora sem um arranhão. Ela quebrou o pescoço.

—Meu Deus. — eu respirei.

—Passou o resto da vida dele cuidando de Susie, estragando-a. — continuou Joe.

Isso explicava muito e também me fez sentir extremamente culpada por ter rachado o lábio dela.

—Tire essa merda da sua cabeça, Buddy. É uma merda o que aconteceu. Mas isso não desculpa ela ser uma cadela. — disse ele.

Ele estava certo, isso não justificava. Ou pelo menos não muito de uma cadela.

—A vida é muito fodida para todos, não é? — perguntei.

—Muito. — respondeu Joe.

—Você pensa — pressionei meus lábios e depois continuei —as meninas ... Sam, Tim, o que aconteceu hoje?

As sobrancelhas de Joe subiram.

—Você acha que elas se transformarão em cadelas?

Eu balancei a cabeça.

—Eu apenas me preocupo com tudo isso...

Joe me cortou.

—Olhe para você.

Eu pisquei e perguntei:

—O quê?

Ele não se repetiu. Ele me deu um aperto e disse:

—Olhe para mim.

—Joe, não estou seguindo.

—Você perdeu seu marido e seu irmão e você tem algum idiota fodendo com a sua cabeça e você continua em frente. Minha esposa matou meu filho e meu pai morreu, e a última coisa que ele viu nesta vida foi que a merda caiu. Demorei um pouco mas agora estou aqui. Você acha que Kate e Keira não sobreviverão?

—Mas...

—Susie é fraca porque o pai dela era fraco. Isso é o que ele demonstrou quando ficou atrás do volante de um carro amassado. Foi o que ele ensinou a ela e continuou ensinando-a. Com o que eu vi do seu pai e mãe, não tenho ideia de onde você aprendeu, mas eu foi de Vinnie e Theresa. Bonnie não tinha uma bússola moral e não prestou atenção quando tentei dar-lhe uma. Quando Nicky veio a este mundo, ela deveria ter automaticamente encontrado uma e ainda assim não encontrou. Fraca. Seus braços me deram um aperto e seu rosto mergulhou no meu. —Suas garotas têm uma, rica, uma que nunca perderão. Elas não são fracas, nunca serão. Você não tem nada para se preocupar.

—O que não nos mata nos torna mais fortes. —sussurrei as palavras que Feb disse para mim dias atrás.

—Sim — Joe sussurrou de volta —pelo menos para alguns de nós.

De repente eu sorri e senti algo leve e dourado em mim. Algo que eu costumava sentir muito, quase todos os dias. Algo que eu não sentia há quase dois anos.

—Merda, Joe. — eu ainda estava sussurrando —Eu entrei em uma briga hoje na calçada em um shopping center.

Joe sorriu de volta.

—Sim, querida, você entrou.— Eu senti meu corpo começar a tremer e o sorriso de Joe ficou maior. —Na chuva. — ele me lembrou.

—Na chuva. —repeti em uma risada reprimida.

—Em uma saia. — ele continuou e minha risada irrompeu. —Essa pode ser a minha parte favorita, fora você estar molhada. —ele continuou e meus risos assumiram o controle e eu desmoronei contra ele, minha bochecha em seu peito, meus braços apertados em volta da sua cintura e eu ri alto.

Quando consegui controlar a minha alegria e voltei a dar risadinhas calmas, movi a cabeça para que a minha testa fosse pressionada contra o peito de Joe, mas não soltei os braços.

—Valeu a pena esperar —Joe murmurou e minha cabeça inclinou para trás.

—O quê?

—Tudo isso. Todo dia, toda semana, todo ano, cada segundo, Buddy. — ele continuou resmungando, seus olhos

intensos, seu rosto sério e minha respiração presa. —Isso. Tudo isso. Valeu a pena esperar.

—Joe. — sussurrei.

Sua mão se moveu para o meu queixo e seu polegar acariciou minha bochecha.

—Amo você, Violet. Mesmo quando você está abrindo o lábio de uma vadia.

Eu sorri, pressionei ainda mais fundo nele e sussurrei:

—Eu também te amo, Joe.

Sua cabeça mergulhou, sua boca capturou a minha e ele começou a me beijar com força, mas nossos lábios se quebraram quando Keira chamou:

—Eca! Obtenham um quarto!

Os braços de Joe não se moveram ao meu redor, mas ele olhou por cima do meu ombro e eu também vi Keira entrar na cozinha e ir direto para a geladeira.

—Estou tendo mais torta. Vocês querem torta? —Ela perguntou.

—Não — eu respondi.

—Sim. —disse Joe.

—Kate!— Keira gritou: —Joe e eu estamos tendo torta! Você quer?

—Sim!— Kate gritou de volta.

Keira pegou a torta. Os braços de Joe me deram um aperto. Eu coloquei minha bochecha no peito dele e apertei-o

de volta. Música bateu na casa, em seguida, Kate abriu a porta do seu quarto e ficou mais alto. Keira pegou o cortador de torta. Kate entrou e pegou os pratos.

Segurei Joe, Joe me segurou, as garotas distribuíram torta e eu me concentrei em ouvir a música de Kate pela primeira vez.

Foi ótimo.

Capítulo Dezenove

Em paz

Vinnie precedeu Cal para o convés traseiro e, enquanto Cal abria a porta, olhou através da janela Vi, Theresa e Bea, na cozinha, disputando a supremacia materna, controlando assim as panquecas.

Três meses atrás, mesmo sabendo que Vi era uma mulher forte e uma ótima mãe, mas não conhecendo Bea, Cal teria investido dinheiro em Theresa.

Mas depois de ontem e da merda que ouviu saindo da boca de Susie, quando ele se aproximou delas muito tarde, e da reação de Vi, ele sabia que ela não era nada fácil e ela estava em sua casa.

E também Bea poderia ser tímida, mas o jeito gentil e amoroso que ela era com todas as suas garotas e os olhares suaves que Vi, Kate e Keira apontavam para ela, ele achava que ela tinha seus modos e não era exatamente um cavalo negro. Para não mencionar, a mulher fazia uma torta de creme de chocolate maravilhosa.

Agora ele nem apostaria, apenas sente e espere pelos resultados.

Seus olhos se moveram para o pai de Vi, Pete, que estava ocupado com as garotas, desesperado para compensar o tempo perdido. Cal achou isso irritante e ele teria que conversar com o homem. A melhor maneira de compensar o tempo perdido era deixar que suas netas soubessem quem ele era, agindo naturalmente ao seu redor, sem enfiar o nariz no traseiro.

Finalmente, seus olhos se moveram para Gary, que estava sentado à mesa tomando café confortavelmente. Gary sentou-se muito naquela mesa ao longo dos anos. Ele sempre foi bem-vindo lá e ele sabia disso. Gary aprendeu ontem ao ver Pete, que ele poderia deixar passar a mágoa ruim do passado. Ele viu que ele estava colhendo as recompensas de ser um bom pai por dezessete anos, e Pete estava vivendo o pesadelo de ser um covarde pela mesma época, se não mais.

—Cal, filho, temos que falar sobre Hart. — Vinnie chamou de trás dele e Cal virou da porta sentindo sua boca ficar apertada.

Seus olhos miraram em seu tio e ele se afastou da porta, por isso, mesmo que alguém olhasse para fora, não poderiam vê-los.

Ele descansou um quadril contra o corrimão e cruzou os braços sobre o peito enquanto observava seu tio estender a mão para um dos vasos de flores de Vi, que estavam no corrimão. Vinnie largou a mão antes de tocar as flores

brilhantes e saudáveis que se derramavam, para fora e para baixo nas laterais dos vasos e seus olhos foram para Cal.

—Vi é boa com flores. — comentou Vinnie, enquanto seu olhar tomava o resto do quintal.

—Sim. — Cal respondeu e assistiu Vinnie dar-lhe um olhar antes de virar a cabeça para olhar para a casa.

—Mantém uma boa casa. — continuou Vinnie.

—Tio Vinnie... — Cal começou a cortá-lo, sabendo onde isso chegaria, mas os olhos de Vinnie vieram para os dele.

—Grandes garotas que ela criou. Crianças doces. Engraçadas. Inteligentes.— continuou Vinnie, para não ser parado.

Cal suspirou e não disse nada. Ele sabia que Vinnie precisava tirar isso, então ele deixou.

—Se preocupam com você. — observou Vinnie.

—Sim. — repetiu Cal.

—As três. — disse Vinnie.

—Sim. — repetiu Cal novamente.

—Theresa ligou para Carm no minuto em que chegamos ao hotel ontem à noite. Ela falou sobre Vi e as garotas por duas horas. Pensei que nunca dormiria. — Vinnie disse a ele e isso surpreendeu Cal, considerando que ele nunca teve nenhuma ligação de acompanhamento de Carm, nem para ela reclamar sobre ele nunca ligar, não contar-lhe sobre Vi e as garotas e organizar sua própria viagem, onde ela pudesse penetrar em sua vida e dar a Vi seu selo pessoal de aprovação.

—Em vez de vender meu lugar, deveria construir uma ponte considerando que os Bianchis passarão algum tempo aqui. — brincou Cal.

Os olhos de Vinnie se estreitaram.

—Você acha que pode andar com aquela menina na minha Pizzeria VESTINDO o terno que usou para levá-la ao funeral de seu irmão, olhar para ela como se ela fosse voar pela janela com asas de fada e colocasse as estrelas a cada noite e não voltar aos braços de um Bianchi, você pode ter outro pensamento vindo.

Jesus. Asas de fada?

—Tio Vinnie... — Cal começou.

Vinnie o interrompeu.

—Não pense que sou idiota, garoto. Você as acompanhou por um motivo, para dar a elas uma família de volta depois que perderam a delas.

—Vinnie...

—Esperei dezessete anos por isso, Cal.

—Tio...

—Muito tempo. — Vinnie disse. —Você sabe, Theresa acende uma vela para você toda semana. Toda semana. Faz mais de trinta anos. Você sabe quantas velas ela acendeu para você? —Vinnie perguntou.

Cal não respondeu.

—Muitas. — Vinnie respondeu sua própria pergunta.

—Ela não precisa mais acendê-las. — apontou Cal.

—Você tem Hart andando na sua bunda, ela descobre, Theresa estará na igreja todos os dias. — Vinnie retornou.

Finalmente eles estavam onde ele queria que a conversa deles estivesse.

—Você falou com Sal? — perguntou Cal.

—Primeiro, vou dizer uma vez e é isso. Estou feliz por você, por Vi e por essas garotas. Nunca vi você assim. Não antes, não com aquela outra. Não a menos que você estivesse com Nicky e mesmo assim você não foi igual a ontem. Você estava sempre observando-a, guardando, esperando pelo o que aquela vadia faria a seguir.

A boca de Cal ficou apertada novamente, assim como o resto de seu corpo.

—Está feito e acabamos de falar sobre isso.

—Esperei muito tempo para dizer isso Cal, vou dizê-lo apenas uma vez e você me deixará fazê-lo. — Vinnie disse a ele.

Cal suspirou novamente, forçou seu corpo a relaxar e se inclinou mais fundo na grade, seus olhos em seu tio.

—Ela está sorrindo, filho. — Vinnie disse suavemente e Cal fechou os olhos e virou a cabeça para o quintal de Vi. Ele abriu os olhos quando Vinnie continuou. —Olhando para você e Vi e aquelas meninas, Angie finalmente está em paz.

Cal cerrou os dentes, respirou fundo pelo nariz e olhou para o tio ao expirar.

—Agora você terminou? — Perguntou Cal.

Vinnie olhou para ele. Então sorriu.

—Sim. — ele disse.

—Bom — Cal respondeu então repetiu: —você falou com Sal?

—Sim. — Vinnie se inclinou contra o corrimão também e não disse mais nada.

—E? — Cal solicitou.

—Ele não esta interessado em vingar um policial. — Vinnie respondeu. Cal respirou fundo para falar, mas Vinnie continuou. —Eu não contei a ele o seu envolvimento, apenas disse que tinha um amigo em Vi, para sentir as águas porque eu pensei sobre isso e não sou a favor de você dever uma graça a Sal.

—Não é sua escolha. — observou Cal. —Achei que fui claro sobre isso. E isso não é um favor. Estou chamando um marcador.

—Algo assim tão grande, é um favor, Cal, e favores a homens como Sal têm um longo tempo. Viveu isso com o Vinnie Junior. Agora temos uma vida inteira vivendo as consequências.

Cal olhou para o quintal e cruzou um pé no tornozelo em um esforço para ter paciência.

—Você tem habilidades, não pense que Sal não se lembra dessa merda. Você tentou usar isso para tirar Vinnie Júnior. — Vinnie lembrou a ele e os olhos de Cal cortaram para o tio.

—Levei um tiro por Sal, tio Vinnie. — Cal tinha suas próprias memórias para compartilhar.

—Ele não esqueceu. — Vinnie murmurou.

—Ele me deve, e deve a você. Você o lembrou disso? — perguntou Cal.

—Sal não precisa ser lembrado. — respondeu Vinnie.

—Então que porra é essa? — Perguntou Cal.

Vinnie deu dois passos em direção a Cal, parou e sussurrou:

—Você está falando de um golpe, filho.

—Sim, estou. Eu levei um tiro e Vinnie levou o tiro final. Seu sobrinho, seu filho. Ele deve a você, e me deve. — repetiu Cal.

—Ele vai querer um retorno. — disse Vinnie.

—Ele já teve, porra. — Cal respondeu, descruzando os braços e batendo com o punho no peito sob o ombro, onde estava sua cicatriz de bala e, em seguida, batendo no tio sobre o coração.

—Você está falando de um golpe. — repetiu Vinnie.

—Você já disse isso. — disse-lhe Cal.

As sobrancelhas de Vinnie subiram.

—Você pode viver com isso?

—Sim. — Cal retornou. —Absolutamente.

—Os policiais estão se aproximando. —explicou Vinnie .

—Eles estão se aproximando de Hart desde a última década. — cortou Cal.

—Você levará essa marca em sua alma... —Vinnie começou, mas parou quando Cal se inclinou para frente e jogou um braço em direção à casa.

—Ele colocou uma bala no cérebro do pai de Kate e Keira. — Cal se calou. —Explodiu sua maldita cabeça. Eu estava aqui quando Vi descobriu que ele fez o mesmo com o irmão dela e ela despencou. Eu assisti, Vinnie. Eu a segurei em meus braços e porra assisti. Isso foi tudo que pude fazer. Sem controle. Nenhum poder. Ele pegou isso dela e de mim. Eu estava ao lado dela quando Violet disse às suas garotas que seu tio foi embora e Keira não pôde nem se manter em pé, homem. Demorou cerca de trinta segundos a mais antes de Kate desmaiar, e ela fez isso em meus braços também. Eu estava lá, Vinnie. Hart a quer o suficiente para levar os dois à morte. Você acha que aquele idiota não está me prejudicando?

—Você pode se cuidar. Eu tenho perguntado por aí. O irmão não sabia o que diabos fazia. — observou Vinnie. —Ele nunca deveria...

Cal o interrompeu-o.

—Tim era um policial, Colt diz que ele foi um bom. Você também me dirá que ele não sabia o que fazia?

—Eu...

—Você não fala com Sal, eu vou. — Cal interrompeu seu tio.

—Cal, você não quer dever àquele homem. — advertiu Vinnie.

—Ele é quem deve. Ele pegou meu sangue e do meu primo. Ele sabe disso. — respondeu Cal.

—Cal...

Cal recostou-se um centímetro.

—Que porra é essa? Por que você está...?

O torso de Vinnie avançou dois centímetros.

—Eu perdi um menino para ele. Você acha que estou disposto a perder dois?

Cal sacudiu a cabeça com raiva.

—Jesus, tio Vinnie. Eu não trabalharei para ele.

—Ele é persuasivo. — Vinnie retornou.

Cal apontou para a casa novamente.

—Nada me convenceria a comprometer isso.

—Sim, e Vinnie Junior tinha Francesca e ele olhava para ela como se ela pendurasse as estrelas e ele quisesse dar-lhe tudo. Então ele saiu para encontrar uma maneira de fazer isso. O caminho mais fácil foi o Sal.

—Ele tinha vinte e cinco anos. — Cal lembrou a ele.

—Ele estava apaixonado. — respondeu Vinnie, sacudindo a cabeça para a casa para fazer o seu ponto.

—Não coloque essa merda em Frankie. — cortou Cal. — Você está cantando essa música há muito tempo e você sabe que a merda não está certa. — Vinnie apertou os lábios e

desviou o olhar, mas olhou para trás quando Cal continuou falando. —Eu tenho um negócio, tenho dinheiro, não preciso dessa merda.

—Pelo amor de Deus, Cal, você quase estapeou o pai dela, por ele comprar um CD para Keira!— A voz de Vinnie estava subindo. —Vi as estrelas para você e eu te conheço. Você é um Callahan. Você é um Bianchi. Você vai querer entregar a lua para ela.

—Eu já entreguei a lua para ela, Vinnie. — Cal disse e Vinnie recuou.

—O quê?

Cal não se repetiu e não quis explicar.

—E eu estava chateado com Pete porque ele está no rosto das garotas, e comprou para Keira um CD de boy band e eu moro nesta casa. Eu precisarei ouvir essa merda.

Vinnie olhou para ele um segundo antes de começar a rir.

Cal não riu.

—Eu não tenho mais vinte e cinco anos, tio Vinnie e eu não sou Vinnie Junior. — afirmou Cal.

Vinnie parou de rir porque sabia o que Cal dizia. Vinnie Junior e Cal tinham muito em comum, em tudo. Ambos pensavam que encontrariam o que queriam em uma idade jovem e ambos desistiram de tudo por isso. Cal queria Bonnie e queria uma família, então fez tudo para tornar isso real. Vinnie queria tudo, mas, acima de tudo, queria Frankie e provar a ela que valia a pena o amor.

Mas isso foi no passado. Isso era agora.

Cal aprendera da maneira mais difícil que, se você encontrasse algo bom, não teria que desistir de nada. Se foi bom, você tem tudo que precisa sem desistir da merda. Vinnie Junior não viveu para aprender essa lição porque essa lição o matou. Ele não viveu o suficiente para aprender que Frankie o amava se ele pudesse lhe entregar a lua ou se ele estivesse fazendo pizzas.

Vinnie Junior nunca entendeu isso e seu pai nunca admitiu em voz alta que seu filho cometeu erros com as escolhas que fez em sua vida, e com o jeito que ele estragou tudo para si e para Frankie.

—Você não conversa com Sal, eu faço isso. Um de nós chama o marcador. — ordenou Cal. —E nós fazemos isso por Vi, e eu estou dizendo a você no caso de você não saber, mesmo estando perto dela e daquelas garotas, não há melhor razão para fazer isso. Daniel Hart levou seu homem, o pai de suas filhas e seu irmão. Eles era próximos. Todos eles. Ele poderia tê-la destruído. Ele as deixou sem lar. Ele poderia ter mudado essas garotas. Ele poderia tê-la feito Bonnie. Ele continua vindo...

Vinnie o interrompeu.

—Vou chamar para o marcador.

Cal cruzou os braços no peito , exigindo:

—Faça agora.

—Agora? — Perguntou Vinnie.

—Agora. — disse Cal.

—Mas ...— Vinnie olhou para a casa e depois para Cal — as panquecas.

—Agora. — repetiu Cal.

Vinnie olhou para ele e Cal segurou seu olhar.

Então Vinnie tirou o celular do bolso da camisa.

—Cristo, filho. — ele murmurou em um suspiro.

—Ele precisa ter uma palavra comigo, estou aqui mesmo. — ofereceu Cal.

Vinnie olhou para o céu. Então ele abriu o telefone. E ligou para Sal.

A porta se abriu e as cabeças de ambos os homens se sacudiram para ver Kate saindo, o telefone de Cal na mão.

—Ei, Joe. —disse ela enquanto Vinnie sorria para ela e depois descia os degraus do convés e saía para a grama molhada. —Colt está no seu telefone.

Cal pegou o telefone dela quando ela chegou perto. Então ele levantou a outra mão e puxou suavemente o cabelo dela.

—Obrigado, menina.— ele murmurou.

—De nada. — ela sorriu, olhou para Vinnie, que agora estava a vários metros do portão, de costas para o convés, a cabeça inclinada, a mão no quadril e a outra mão no ouvido. Kate se virou e voltou para a porta, entrou e a fechou atrás dela.

Cal colocou o telefone no ouvido.

—Ei.

—Preciso de você na estação, cara. — disse Colt sem saudação e as costas de Cal ficaram retas quando um sentimento ruim atingiu seu âmago.

—Por quê? — Ele perguntou.

—Quanto tempo para você chegar aqui? — Colt perguntou.

—Por quê? — Cal repetiu, perdendo a paciência.

—Você precisa vir em breve. — explicou Colt .

—Sobre? — Cal perguntou.

—Algumas coisas que você precisa saber. Algumas coisas novas aconteceram. — disse Colt.

—Hart? — Perguntou Cal.

—Sim. — respondeu Colt .

—Porra. — Cal mordeu.

—Você tinha um monte de carros em sua porta ontem. Vocês ainda têm companhia ou eu tenho que mandar um esquadrão? — Colt perguntou casualmente, mas essa pergunta não era casual. Esta questão colocou esse sentimento ruim em tóxico.

—Temos companhia.— Cal respondeu e olhou para Vinnie. —Mas mande um esquadrão.

—Certo. —Colt murmurou. —Ele será discreto. — assegurou Colt .

—Não me importo se ele se sentar na porra da garagem.— Cal respondeu enquanto caminhava até as portas de correr de vidro. —Só quero ele aqui antes de eu sair.

—Entendido. — disse Colt e Cal desligou o telefone.

Ele assobiou e Vinnie se virou para olhá-lo. Cal levantou a mão e sacudiu o dedo no ar. Vinnie assentiu. Cal se virou, abriu a porta e caminhou, mexendo o cérebro com o que diria a Vi para explicar sua necessidade de ir à Estação.

Então ele deslizou a porta fechando-a atrás dele.



Papai, Gary e tio Vinnie estavam do lado de fora, no jardim da frente, inspecionando a grama que Joe e Keira tinham colocado. Eu estava sentada na sala de estar com Bea e tia Theresa. Nós estávamos tomando café, as meninas no chão brincando com Mooch. Eu estava pensando na saída apressada de Joe, que ele explicou vagamente e também pensando no carro patrulha que estava estacionado do outro lado da rua, o fato de ter estacionado e desligado o motor antes de Joe me beijar e sair pela porta, e não sair de lá depois de dez minutos que Joe fora embora.

Esses pensamentos saíram da minha cabeça quando a tia Theresa pegou sua mala grande e colocou no colo.

—Quem sabe quanto tempo Cal ficará fora, então tenho que fazer isso rápido. — tia Theresa murmurou, soando

distraída, mas de uma forma profissional. Olhei para ela, depois, para Bea, em seguida, para as meninas.

—O quê?— Keira perguntou, mas tia Theresa não olhou para cima, remexendo em sua bagagem.

—Você defina o momento, mas encontre-o para dar isto a Joe.— ela ordenou estranhamente. —É hora de Cal ter Nicky de volta.

Eu respirei fundo em suas palavras e meus olhos voaram para Kate, mas Kate e Keira estavam olhando para a bolsa de tia Theresa.

—Quem é Nicky? — Bea sussurrou.

—O filho de Cal — respondeu tia Theresa, sem ao menos uma pequena demora, continuou— morreu ainda bebê. A estúpida esposa viciada o deixou no banho. Afogou-se... — Bea ofegou e seus olhos vieram para mim, mas a tia Theresa puxou uma grande coisa quadrada embrulhada em um lenço preto e se virou para mim. Puxando o lenço, ela anunciou: —Nicky.

Então ela me entregou uma moldura.

Automaticamente estendi minha mão e o peguei. Então eu o trouxe para perto e olhei.

Nele estava Joe sentado em um dos bancos, do lado de dentro da Vinnie's Pizzeria. Não havia ninguém com ele. Ele estava sozinho e de perfil, o lado cicatrizado de seu rosto, muito mais jovem, para a câmera.

A foto era preto e branco, mas o sol brilhava através das janelas da porta e brilhava contra a madeira altamente polida

ao redor de Joe. Seus ombros encostados no alto das costas do banco, suas pernas estavam esticadas na frente dele, seus pés cruzados nos tornozelos.

Bem no centro de seu peito grande estava um bebezinho, o braço de Joe curvado ao redor do traseiro de seu bebê, o neném todo enroladinho como uma bola que só bebês podem fazer. Os joelhos do bebê no peito de Joe e o bumbum pra cima.

O bebê estava dormindo, seu rosto virado para a câmera, sua bochecha no peito do pai, seu pequeno punho também descansando no peito perto de seu lindo rosto de bebê.

A cabeça de Joe estava encostada no banco, os olhos fechados. Ele também parecia adormecido. Mesmo se ele estivesse dormindo, o jeito que ele tinha seu filho aninhado em seu peito, seguro na proteção de seu braço poderoso, seu bíceps esticando o material de sua sempre presente camiseta apertada, gritava o fato de que ele não permitiria que nada machucasse seu menino, dormindo, acordado, ou qualquer outra forma. Nunca.

A menos que ele não estivesse lá.

Como quando algo machucou seu filho, ele não estava.

Eu olhei para o perfil de Joe. Ele parecia feliz, parecia em paz e essa paz não tinha algo a ver com o sono.

Pai e filho cochilando na pizzaria da família.

Deus, mas eles eram lindos.

Lágrimas silenciosas deslizaram pelas minhas bochechas.

—Eu não sei se ele tem fotos. — disse tia Theresa. —Ele não esteve por perto muito tempo depois, então não vínhamos muito e depois paramos porque ele nunca estava por perto.

Kate e Keira se aproximaram de mim e então me cercaram. Ambas colocaram a mão na foto e eu senti Bea entrar.

—Eu tenho toneladas de fotos dele. Algumas com a vadia, e Manny diz que ele pode escaneá-las e fazer algo chamado 'Photoshop' para retirar a puta. Mas acho que Cal saberia que ela estava lá e não quero que ele tenha essa lembrança dela, com ele e Nicky. — disse tia Theresa, ainda profissional, até brusca, e eu sabia que ela tinha que ser porque se não fosse nesse momento, ela estaria uma bagunça como eu.

—Não— sufoquei, meus olhos ainda fixos na imagem— não, você está certa. Bonnie não merece isso.

—Mas o tempo suficiente passou. Nicky precisa voltar para casa. — declarou a tia Theresa. —Então, vamos começar com esse e, depois, vou lhe dar o resto.

—Sim. —sussurrei, lágrimas ainda escorrendo pelas minhas bochechas. —Nicky precisa voltar para casa.

E eu sabia onde Nicky viveria. Com Tim e Sam em nossas prateleiras. Tim e Sam cuidariam dele. Eles sempre ficariam juntos e sempre estariam conosco.

—Aquele menino era do Joe? — Kate sussurrou do meu lado e eu balancei a cabeça, em seguida, virei a cabeça para a minha filha e, como a dela estava tão perto, eu me inclinei e

beijei seu cabelo. Então eu inalei seu cheiro e o memorizei, embora já o tivesse memorizado.

—Uau. — Keira suspirou. —Mesmo segurando um bebê, Joe é quente.

—Keira!— Kate retrucou, mas uma pequena risada saiu de mim, me virei para a minha filha mais nova e beijei seu cabelo também.

—Posso ver? — Bea perguntou baixinho e eu e minhas meninas viramos para ela.

—Sim. —respondi suavemente de volta, entreguei-lhe o quadro e limpei as lágrimas das minhas bochechas

Ela pegou e inclinou a cabeça para estudá-lo.

Então, seus olhos não deixando a foto, ela sussurrou:

—Ele perdeu seu filho.

Aconteceu-me tardiamente que isso era algo que ela compartilhava e me bateu forte e afiado, perfurando meu coração.

—Bea. — murmurei, minha mão se movendo para enrolar em torno de sua perna, e Keira mudou-se para sentar no chão a seus pés, onde ela se inclinou e colocou a bochecha no joelho de sua vovó.

Bea colocou a mão no cabelo de Keira enquanto Kate se movia ao redor do encosto do sofá para se sentar no braço da cadeira de Bea e ela se inclinou para colocar a bochecha no topo da cabeça de vovó.

Os olhos de Bea se moveram para mim.

—Eu sei como isso dói. — ela disse baixinho.

—Eu sei que você sabe. — ratifiquei em um sussurro gutural quando novas lágrimas escorreram pelas minhas bochechas.

—Eu tive o meu mais tempo. — ela continuou e seu olhar foi para Theresa. —Ele teve tempo para me dar minhas netas.

—Sim, *cara*, conte suas bênçãos mesmo com sua perda. — aconselhou tia Theresa gentilmente, também sabendo como era perder um filho.

Bea olhou para mim e devolveu a foto.

—Eu gosto dele, querida — ela disse baixinho —mas ...

—O que, Bea? — perguntei quando ela parou de falar.

—Você acha que ele gostou da minha torta?— Ela perguntou.

Eu senti minhas sobrancelhas aproximarem-se com sua estranha pergunta e a cabeça de Kate surgiu, mas seu braço deslizou em torno de sua vovó e ela deu-lhe um aperto.

—Ele amou sua torta, vó.

—Sim. — Keira afirmou, olhando para Bea. — Joe pegou outro pedaço depois que você saiu.

—Pegou? — Bea perguntou sua voz estranhamente esperançosa.

—Sim. — respondeu Keira, sorrindo. —Pegou.

Bea olhou para mim novamente.

—Você acha que ...?— Ela começou então parou.

—Acho o quê, Bea? — Eu perguntei.

Bea olhou para Keira e tocou seu rosto.

—Nada.

—Família da família. — tia Theresa se aproximou e todos olharam para ela, mas Theresa estava olhando para Bea. — Família da família. — repetiu Theresa.

—Joe pensa assim?— Bea perguntou a Theresa, eu olhei para ela e finalmente entendi.

Eu apertei a perna de Bea e me inclinei para ela.

—Você é uma parte de nossas vidas. — sussurrei.

—Mas ele não vai querer ser lembrado... — ela começou e eu ri.

—Bea!— Eu me inclinei ainda mais. —Kate e Keira parecem exatamente com Tim.— Eu levantei a minha mão e gesticulei para as fotos de Tim em todas as nossas prateleiras. —Ele está em todo lugar. Sempre estará em todos os lugares — eu toquei o cabelo de Keira e terminei— para *sempre*.

—Família da família. — Theresa repetiu com firmeza, mas Bea ainda parecia insegura.

—Eu nunca vou esquecer Tim, Bea .— prometi. —Não quero, e não posso perder isso, não poderia perdê-lo, tudo que fomos, tudo o que ele me deu, nós. Nunca perderei Tim e Joe não quer que eu o perca. Ele nunca me pediria isso. Muito menos que te perdesse. Ele sabe o que você significa para mim e para as garotas.

—Você diz a Joe, se ele gosta da minha torta, eu a farei toda vez que vier visitar vocês. — Bea prometeu de volta.

—Venha com sua torta, sem sua torta, ele não se importará. A única coisa que o irritaria seria se você não viesse por pensar que não pudesse por causa dele.

Bea lambeu o lábio inferior. Então ela sussurrou:

—Tim gostaria dele.

Isso era esquisito, desconfortável e triste. Também era verdade.

—Sim. — sussurrei de volta.

—Você pode fazer sua torta para mim. — Keira colocou, tentando aliviar o clima.

—E para mim. —pediu Kate. —Mas, voto morango na próxima vez.

—Creme de açúcar. — Keira colocou seu próprio voto.

—Estou pensando em caramelo. — afirmou Bea.

—Da próxima vez trarei meu cannoli. — declarou a tia Theresa.

—Merda, eu engordarei. — murmurei e Bea riu.

—Pelo que eu posso ver, querida, gorda, magra, seu cabelo pode cair e Joe não se importará. — disse ela.

Isso também era verdade.

—Sim. — sorri para ela.

Ela também sorriu, então falou:

—Assim como Tim. — sussurrou.

Meu sorriso também tremeu.

—Assim como Tim.

Kate colocou a bochecha no cabelo da vovó. Keira colocou a dela no joelho de Bea. Eu enrolei Joe e Nicky no meu peito e olhei para Theresa.

—Eu vou dar-lhe Nicky, logo que eu puder. — prometi.

Os olhos de tia Theresa deslizaram através de Bea, Kate e Keira de volta para mim.

—*Grazie cara mia.* — ela sussurrou.

—De nada. —sussurrei de volta, levantei, me inclinei, beijei a bochecha de tia Theresa e, em seguida, levei Nicky e Joe para o nosso quarto e coloquei-os em segurança na minha gaveta de lingerie.



Quando Cal atingiu o topo dos degraus da estação, viu Colt , Sully e Mike Haines no escritório todos em pé ao redor de uma mesa que ele sabia ser de Colt. Ele sabia disso porque tinha estado lá antes, mas independente disso, ele saberia porque tinha três fotos emolduradas. Uma era de Colt e Feb na J&J's, Colt sentado em seu banquinho habitual, Feb entre as pernas, eles estavam pressionados perto, ambos rindo. Outra era como uma foto que Vi tinha nas prateleiras. Feb estava deitada em uma cama de hospital, o bebê Jack recém-nascido em seus braços, o rosto pálido e cansado, Colt estava deitado

sobre as cobertas na cama com ela, o braço em volta dos ombros, a outra mão no fundo da fralda de Jack. O último foi recente, tirado no churrasco Colt e Feb em pé, Colt tinha Jack em um braço, o outro em volta de February, ela tinha um gato cinza em um braço, o outro em volta de Colt e seu cachorro estava sentado no pé de Colt, sua língua pendendo para fora. Eles estavam todos sorrindo, até mesmo o bebê Jack e o cão pareciam estar sorrindo, embora o gato parecesse que queria estar em qualquer outro lugar, menos lá.

Família feliz e já não era sem tempo.

—Oi. — disse ele enquanto Colt se desdobrava de sua cadeira, e Sully e Haines fixaram os olhos nele.

Cal inclinou o queixo para Haines e observou o rosto de Haines endurecer. Aquele sentimento tóxico em seu âmago se agitou, ele não imaginou que Haines fosse um homem que guardasse rancor, mas se ele fosse Cal, não seria estúpido o suficiente para revelar seu poder ao admitir que sim. Seus dentes estavam trincados por causa de outra coisa.

—Oi Cal. — Colt disse calmamente e aquele sentimento tóxico agitou mais profundo. Cal sabia que Colt era gentil com as mulheres, caso contrário ele não era calmo, mas também não era quieto.

Cal parou no meio deles.

—Você não me deu nada no telefone, Colt . Não me faça esperar. — exigiu Cal.

—Preciso explicar uma coisa primeiro. — Colt ainda estava quieto, com os olhos atentos e Cal notou que ele estava mais alerta do que o seu habitual, assim como Sully e Haines.

—Faça rápido. — Cal exigiu em tom baixo.

—Primeiro, você tem que saber que Mike está aqui por uma razão e é uma boa. —disse Colt e Cal assentiu. Ele não gostou nada disso e não melhorava.

—Segundo, você e eu tivemos uma conversa no seu deck algum tempo atrás, lembra? — Perguntou Colt .

—Eu me lembro. — respondeu Cal, com os olhos fixos em Colt .

—Isso é entre você e eu. — disse Colt ainda falando em voz baixa.

—Então por que estamos falando sobre isso agora? — Cal perguntou e apontou a cabeça para Sully e Haines.

—Por causa dessa conversa, tomei uma decisão naquela noite que você não gostará. — Colt respondeu e Cal sentiu Sully e Haines se aproximando. Eles apenas se moveram levemente, foi a crescente vigilância deles que preencheu seu amontoado como um ataque físico de presença.

Esse veneno agitou ainda mais fundo em seu intestino.

— Colt...

—Eu não sabia que as coisas mudariam, nem imaginei que seria tão rápido quanto foi, desculpe, cara, mas uma vez que mudaram, eu não tinha certeza que demoraria. — Colt continuou.

—Que porra é essa? — Perguntou Cal.

—Vi está recebendo presentes. — Sully disse rapidamente e o olhar de Cal se voltou para ele.

—Eu sei. — Cal disse a ele.

—Todos os dias por quase três meses. — Haines disse e Cal deu um passo para trás, para colocar distância entre ele e seus amigos para que ele pudesse obter o controle.

Isso levou algum tempo, mas quando conseguiu, ele sussurrou:

—O quê?

—Eu não sabia também, Cal. — Haines falou e seu olhar cortou para Colt e Cal sabia que seu amigo estava tendo uma manhã desconfortável.

Os olhos de Cal também foram para Colt e ele se interrompeu:

—Explique.

—Vocês dois estavam focados em Vi e eu precisava focar no problema. — disse Colt .

—Então você manteve essa merda de mim? — Perguntou Cal, agora sua voz era baixa, mas era um tipo diferente de silêncio.

—Eu fiz uma escolha. — declarou Colt .

—Foi errado. — cortou Cal.

—Você desapareceu por mais de dois meses, cara, lembra? — Colt disparou de volta.

—Eu não teria, se soubesse que ela estava recebendo presentes. — Cal retornou.

—Besteira. — Colt murmurou.

Cal se moveu e Sully se moveu também, chegando entre Colt e Cal.

—Não ajudará as coisas, Cal, você sabe disso. Fique de pé e escute. —Sully disse suavemente.

Os olhos de Cal estavam acima do ombro de Sully e em Colt .

—Haines estava aqui, por que você manteve isso dele? — Cal perguntou.

—Foco. — respondeu Colt .

—Você é tão cheio de merda. —Cal falou.

—Foda-se, Cal, você está falando com um homem que sabe o que significa perder o foco!— Colt retrucou. —Deixei Feb me deixar de custódia preventiva no dia em que deveríamos ser detidos, no dia anterior à minha mulher, porra, minhas mulheres serem sequestradas e tomadas como reféns. Uma delas foi baleada. Outra passou meses em terapia. Naquele dia, um homem morreu, outro homem atirou e cortou a merda. Poderia ter sido pior. Eu sei a importância de manter o foco de merda. —Foi uma droga, mas Cal teve que dar a ele isso e Colt continuou. —Nenhum de vocês tinha isto. Sully e eu tínhamos.

Cal olhou para Colt e deu um passo para trás. Sully se afastou. Haines inspirou e soltou o ar.

—Continue. — Cal rosnou.

—As coisas mudaram. — explicou Colt .

—Sim? Como? — Cal exigiu saber.

—Os presentes pararam. — disse Sully.

—Quando? — Perguntou Cal.

—No dia em que o irmão foi assassinado. — disse Colt.

—Mas ele ainda está ativo? — Cal questionou e todos olharam para ele.

Então Haines se moveu. Apoiando-se na mesa de Colt, ele tirou um envelope pardo e entregou a Cal.

Cal pegou e Haines começou a falar.

—Recebi isso em meu correio ontem. — disse Haines.

Cal olhou de Haines para o envelope.

—Foi impresso? — Perguntou Cal.

—Sim. — respondeu Haines.

—Conseguiu alguma coisa?— Cal continuou, sabendo a resposta.

—Não. — Haines deu-lhe a resposta que ele sabia.

Cal abriu o envelope , tirou uma foto, olhou para ela e sentiu a boca se apertar.

Era preto e branco, tirada com uma teleobjetiva sem dúvida, Haines e Vi de pé encostados no Mustang dela. Haines tinha as mãos no rosto dela, a cabeça inclinada para frente, a cabeça de Vi inclinada para trás e eles se beijavam.

Rabiscado na parte inferior da foto em marcador preto estava escrito:

“Certifique-se que isso foi um adeus”.

Colt torceu e pegou outro envelope de sua mesa e entregou a Cal.

—Eu peguei isso no meu correio ontem também. — informou. —Foi impresso.

Cal abriu o envelope e tirou outra foto. Era preto e branco e era de Vi e ele, dois dias atrás, parados na porta do Mustang dela. Foi quando Vi disse que faria qualquer coisa que ele quisesse. Eles estavam em um abraço apertado, bocas fechadas, indo para o beijo.

Rabiscado no final da foto estava:

“**Diga a ele que se afaste ou será o próximo”**.

Cal fechou os olhos e murmurou:

—Foda-se.

—Ameaças abertas. — disse Sully. —De novo.

—Barry Pryor sabe sobre isso? — Cal perguntou, inclinando-se ao redor de Colt e jogando as fotos em sua mesa.

—Sim. — disse Colt.

—O que ele acha?

—Que você, Vi e as meninas devem considerar a custódia protetora. — respondeu Colt .

As sobrancelhas de Cal subiram.

—Você está oferecendo isso?

Colt mordeu o lábio inferior, algo que ele fazia quando ficava chateado.

Sully mexeu os pés.

Haines fez um barulho como um grunhido.

—Conversei com o chefe. Não temos recursos. — Colt informou.

—Então, é uma vigilância. — Cal deduziu.

—Carros na rua, escoltas para você, Vi e as meninas. — disse Sully.

—Você tem recursos para isso? — Perguntou Cal.

—Não, só falei com a tripulação. Eles estão dentro. Não será constante, mas eles farão o que puderem. — Os olhos de Colt captaram os de Cal. —O chefe não precisa saber. — compartilhou Colt .

—Você tem uma arma? — Perguntou Haines.

—Sim, mas não fica ao ar livre, com Vi e suas meninas por perto. — respondeu Cal.

—As garotas dela têm idade suficiente para saber. — acrescentou Sully.

—Ainda não farei isso. — afirmou Cal.

—Cara, o pai delas era policial. Elas precisam se acostumar com isso. — observou Haines.

—Sim, talvez com Tim elas estivessem acostumadas com isso. Comigo não são e eu faço minha arma visível, eles saberão que está acontecendo alguma coisa. —Cal retornou.

—Você não vai contar para elas? — Colt perguntou, sua voz surpresa.

—Porra, não. — respondeu Cal.

—Você está brincando? — resmungou Haines.

—Você diria a elas? — Cal perguntou e Haines segurou seu olhar, em seguida, um músculo pulou em seu queixo. — Isso é o que eu pensei. — disse Cal calmamente.

—Vai ser difícil dar-lhes escoltas se você não lhes disser. — Sully apontou.

—Elas não terão escoltas aparentes, eles as terão discretas, e você e sua equipe ficarão invisíveis. — respondeu Cal.

—Cal, eu posso ver que você quer manter Kate e Keira no escuro, se sentindo seguras, mas Vi... — Colt começou e Cal olhou para ele.

—Seu irmão foi assassinado há três semanas, Colt. Você acha que eu deveria ir para casa, dizer a ela que alguém está tirando fotos e fazendo ameaças? Contra o Mike? Contra mim? Depois do assassinato de Sam ela teve pesadelos. Ruins. Pararam agora. Você acha que ela dormirá sabendo disso? Deixará as meninas irem para a escola? Eu ir para o escritório? Mike é pai, não acabou mal entre eles, só acabou. Ela se importa com ele. Você acha que Vi ficará bem pensando que ela trouxe essa merda em sua vida?

Colt levantou a mão.

—Tudo bem, Cal, entendi.

Ninguém disse uma palavra por algum tempo até que Sully terminou o silêncio.

—Então, o que fazemos agora? — Sully murmurou.

—Cal recua. — disse Haines e os olhos de Cal foram para ele.

—Diga de novo?— Ele perguntou perigosamente.

—Você explicará as coisas para ela depois que o Departamento de Polícia de Chicago o derrotar. — continuou Haines.

—Você acha que Cal deveria romper com Vi? — Colt perguntou incrédulo.

—Acho que faremos Hart pensar que suas ameaças funcionaram. — explicou Mike. —Mantenha Cal seguro. Fique de olho em Vi. Pryor diz que ele está perto.

—Perto com o quê? — Cal rosnou.

Os olhos de Mike captaram os de Cal.

—Evasão fiscal.

—Jesus Cristo. — Cal disse. —Isso é uma piada de merda.

—Eles conseguiram um bloqueio em um segundo conjunto de livros. — Mike retornou.

—Uma fechadura? — Perguntou Cal. —Eles têm mesmo os livros?

—Os federais estão envolvidos agora.— explicou Colt. — Eles estão avançando.

Cal sacudiu a cabeça.

—Você quer que eu deixe Vi e as meninas para evasão fiscal?— Cal retornou, vendo o jogo de Mike. Ele não queria Cal seguro, queria que Cal deixasse Vi.—Eles pegam Hart, e ele estará livre em horas.

—As probabilidades são deles segurá-lo sem fiança. — observou Colt.

—Ele tem dinheiro, advogados em seus negócios, e sabe que essa merda pode acontecer a qualquer momento. Ele estará preparado. — disse Cal a Colt.

—Se estabelecerem, a fiança será alta. — observou Sully.

—Ele pagará. — disparou Cal.

—Como eu disse, Cal, você explica para ela depois que tudo terminar. — repetiu Haines.

Cal voltou-se totalmente para Haines.

—Ontem à noite ela estava na cozinha, em meus braços, rindo. Você acha que depois que ela atravessou dois anos de inferno, a levo ao ponto de rir de si mesma, eu rasgarei isso por evasão fiscal, você está fodido. —Cal retornou e agora o queixo de Haines endureceu por outra razão, suas mãos estavam cerradas e seu corpo duro.

Haines olhou para Cal.

Cal fez uma careta de volta.

—Meninos. — murmurou Sully, Cal desviou o olhar de Haines e viu que Colt e Sully estavam em alerta.

—Segurança, vigilância discreta. —declarou Cal. —Eu manterei minha arma onde eu possa pegar e carregar quando não estiver com Vi e as garotas.

—Você tem permissão para levar escondido? — perguntou Sully.

—Cara, você sabe qual é o meu trabalho? Tenho uma autorização para transportar arma oculta em quarenta e sete estados. — respondeu Cal.

—Certo. — Sully murmurou, seus olhos deslizaram para Colt e seus lábios se contraíram.

Cal não encontrou nada engraçado e seus olhos bateram em Colt.

—Ele está ficando impaciente e estragará tudo. Todo homem que está aqui sabe disso. Seu trabalho é garantir que ele não foda com Vi, Kate ou Keira em sua mira.

—Você precisa ficar na cidade, não sair em um trabalho. — Mike disse, perdendo sua tentativa de tirar Cal da casa de Vi, ele estava mudando de tom e os olhos de Cal foram para ele.

—Sim, Mike. Obrigado por essa lembrança. —o sarcasmo de Cal era óbvio e Mike se endireitou.

—Estamos todos do mesmo lado aqui. — observou Sully, quando o ar em volta de Cal e Haines voltou a ficar pesado.

Cal mirou Sully com um olhar e depois olhou para Colt .

—Você guardou os presentes ou os enviou para Pryor? — Ele perguntou.

—Enviei um inventário e fotos para Pryor. Os presentes foram entregues aqui, então ficaram aqui. Eles estão em evidência. — respondeu Colt .

—Eu quero ver todos eles. Em ordem cronológica. — exigiu Cal.

—Por quê? — Sully perguntou e Cal olhou para ele.

—Você sabe o que eu faço para viver?

—Segurança. — respondeu Sully.

—Com especialidade em perseguidores. — Colt murmurou e Sully olhou para o parceiro.

—Sério? — Sully sussurrou.

—Sério. —repetiu Colt .

—Uau! — Sully ainda estava sussurrando —Eu não sabia disso. Deveríamos ter te trazido mais cedo.

Colt olhou para o teto.

Haines apertou os lábios.

Cal rosnou.



—Você alimentou os federais com essa merda? — perguntou Cal a Barry. Ele estava sentado no banco ao lado da mesa de Colt depois de ter passado por um monte de presentes caros que se tornaram cronologicamente mais caros, mais desesperados para impressionar e mais exigentes para obter uma reação.

—Os federais não estão interessados. — Cal ouviu a resposta de Barry pelo telefone.

—Não estão interessados? — repetiu Cal.

—Você está interessado. Eu estou interessado. Qualquer policial de Chicago está interessado, eles conhecendo Tim ou não. Os federais... não. — respondeu Barry.

—Nada o liga a essa merda. —Cal supôs.

—Eu olhei para isso, Colt olhou e nada o amarra a essa merda. Se ela ainda estivesse em Chicago, fazendo visitas, talvez se importassem. O assédio não é grande coisa, mas eles ficariam felizes em colocar qualquer coisa nele, isso o manteria trancado por mais um dia. Mas ela está em Indiana, recebendo presentes que não podemos atribuir a ele, então eles não se importam. — respondeu Barry. —Eles querem levá-lo para baixo. E acham que conseguiram isso com o bloqueio e estão focados.

Cal ficou mais irritado. Se ele ouvisse a porra da palavra "*focado"* mais uma vez, ele causaria danos corporais.

—Você sugeriu proteção. As pessoas de Colt não podem oferecer isso. Você tem os recursos para dar isso a Vi e às garotas? —Cal perguntou.

—Ela está fora da nossa jurisdição. — respondeu Pryor.

—E os federais?

—Desculpe, cara, como eu disse. Eles não estão interessados.

Porra! A palavra explodiu em seu cérebro, em seguida, Cal respirou fundo e colocou para fora para Barry.

—Você precisa mantê-lo ocupado, Pryor, sua mente em outras coisas. — Cal aconselhou. —Agite sua operação. Dê-lhe dores de cabeça. Mesmo que você não consiga seguir com o que você está fazendo, seja apenas um incômodo.

—Como isso ajudará? — Barry perguntou.

Não iria, Cal sabia pelos presentes, que não impediria Hart de fazer o que ele estava fazendo.

Daniel Hart era como Kenzie Elise. Estava acostumado a conseguir o que queria apenas por querer. Os presentes que ele enviou, a acelerada desde que Vi se mudou, a escalada de atenção não eram bons sinais. Colt sabia disso e fazia o que podia. Não foi certo não compartilhar com Cal desde o início, não apenas considerando o que Vi era para Cal, mas o que Cal fazia para ganhar a vida, mas ele estava fazendo todas as coisas certas. Inclusive fazendo com que Vi pudesse viver sua vida e só se preocupar com toda a merda que ela já tinha, não adicionando nada extra. O fato de que ela estava protegida, nem mesmo recebendo os presentes, Cal não tinha a menor dúvida de que Hart sabia que ela não estava e, provavelmente estava levando Hart até o limite. Ele não conseguia se aproximar, não com uma ordem de restrição e com um policial que vivia na rua de Vi. Ele não era estúpido e não aceitaria essa chance. Colt iria derrubá-lo em um segundo. Hart só podia esperar que Colt estragasse tudo, perdesse uma entrega, ela pegaria seus diamantes e ele conseguiria a reação dele.

Algo que Hart precisava para funcionar e algo que Colt impedia.

O que Cal tinha que encontrar era o “Marco” de Hart. Marco segurou as cordas de Kenzie e as puxava quando ela saía da linha. Nenhum homem era uma ilha. Nem mesmo o chefão da escória em um sindicato do crime. Hart tinha compradores, vendedores, fornecedores, funcionários, pessoas que ele precisava manter felizes. Concentrando-se na mãe de duas filhas em Indiana, quando seu foco deveria estar nos negócios, que estavam de repente tendo uma investigação da polícia, não deixariam nenhuma dessas pessoas felizes.

E então Sal poderia fazer seu trabalho, o que faria todas aquelas pessoas realmente infelizes e esperançosamente terminaria em Daniel Hart morto.

Esse era o plano de Cal. Era uma merda, mas pelo menos era um plano.

—Federais fazendo negócios, policiais em sua bunda, sua atenção está espalhada, sua operação entra em desordem, alguém notará e ele terá que fazer uma escolha. Ele escolhe Vi, sua operação cai, as pessoas ficarão chateadas, ele está ferrado. Ele não escolhe Vi, desvia sua atenção, fica com a operação, ela é livre. De qualquer forma, ela vence. — explicou Cal .

—Você está me pedindo para colocar um monte de garotos em perigo. Esse cara não gosta de ser mexido. — respondeu Barry.

—Estou te pedindo para servir e proteger. Tim fez isso e morreu fazendo. —Cal lembrou a ele.

Barry ficou em silêncio e quando ele falou sua voz estava baixa e chateada.

—Eu te conheci e gostei de você, mas porra não use o nome de Tim em mim. — alertou. —Você não o conhecia, então não pegue esse cartão.

—Suas filhas vão para a cama sob o mesmo teto que eu. Eu o conheço, Barry. — disse Cal em voz baixa. —Você viu o desperdício que Hart colocou na vida dessas garotas, mas eu estou limpando e se você acha que não usarei esse cartão por elas você é louco, porra.

Barry ficou em silêncio novamente, durou mais tempo, então ele disse:

—Nós faremos o que pudermos.

Cal não respondeu.

Barry falou de novo:

—Você está me dizendo que está vivendo com Vi e as meninas?

—Sim. — respondeu Cal.

Cal ouviu o movimento no telefone e ele sabia que Barry procurava por privacidade quando disse:

—Eu verifiquei você.

Cal respirou e fechou os olhos.

—Sua linha é privada?— Barry perguntou.

Cal abriu os olhos.

—Estou no telefone do Colt na estação.

—Você fala com ele, você faz isso em uma linha privada. — Barry aconselhou e Cal ficou surpreso.

—Ele é da família. — respondeu Cal.

—Você fala com ele, você faz isso em uma linha privada. — repetiu Barry.

—Barry...

—Eu não quero saber. — Barry o interrompeu.

—Você sabe. — disse Cal novamente e ouviu Barry suspirar.

—Sim, eu sei.

—Essa merda não sopra em mim. — advertiu Cal.

—Nós não tivemos essa conversa. — declarou Barry.

—Bom. — respondeu Cal.

—Jesus. Isso é que é sorte, Vi se afasta daquele porra e se muda para o lado de um especialista em segurança com laços de máfia. Foda-me! — Barry murmurou.

—Ela não parece ter muita sorte para mim. — observou Cal.

—Talvez a sorte dela tenha mudado. — retrucou Barry. — Eu tenho que ir. Consegui um capitão para tentar convencer a começar a operação de busca em um cara que atacou um de seus detetives e colocou dois outros no hospital, um deles ainda é um vegetal três anos depois. Sorte para você, Vi e

aquelas garotas, que ele sente falta da defesa de Tim em nosso time de softball.

—Tim era bom? — Perguntou Cal.

—O melhor. — respondeu Barry.

—Eu aposto. — Cal murmurou.

Barry ficou em silêncio novamente. Então ele sussurrou:

—Mantenha Vi segura.

—Você a tem. — Cal prometeu.

Barry desligou e Cal também.

Colt contornou a cadeira de Cal e sentou-se na sua.

—Pryor está de acordo com o seu plano? — Colt perguntou e Cal olhou para ele.

—Sim. — respondeu Cal.

Colt o estudou e perguntou:

—Estamos bem?

Cal estudou Colt, em seguida, perguntou de volta:

—Eu tentei enfrentar Denny Lowe sem mantê-lo no circuito, você estaria bem comigo?

O rosto de Colt ficou duro.

—Não é a mesma coisa e você sabe disso, Cal.

—Explique-me porque.

—Você estava lá quando tivemos a nossa conversa.

Cal se inclinou para o amigo.

—Foda-se, Colt, quando você apenas contornou a porra da minha casa para ter aquela conversa significava que você sabia.

Colt segurou o olhar de Cal e então se apertou.

—Eu saí por dois meses e meio, deixando-a sozinha. — Cal lembrou a ele.

—Você está nessa linha de trabalho, Cal. Você sabia o que estava acontecendo e para onde iria. Você saiu por um motivo. Você não pode me dizer que não estava trabalhando em alguma merda. — Colt retornou.

—Eu não tinha a informação, Colt, você manteve isso de mim. Eu estava trabalhando em alguma merda, mas trabalharia ao lado da casa dela e saberia sobre a escalada de atenção. —Cal respondeu.

—Nós estávamos de olho nela e nas meninas. — informou Colt .

—Isso seria bom o suficiente para você, se alguém estivesse tirando fotos de Feb e Jack? — Perguntou Cal.

—Como eu disse, eu fiz uma escolha. Você não gostou, não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Nós sabíamos o que estava acontecendo e mantivemos nossa merda afiada e sob controle. Pryor sabia tudo sobre isso e seu irmão também, e eles ainda fizeram o que achavam que tinham que fazer para que não chegasse a mim. Você é bem-vindo para ficar chateado comigo, cara, mas é um desperdício de energia. Está feito.

Isso tudo era verdade e isso o irritou.

Cal se levantou e olhou para Colt .

—Agora você está certo do meu foco?

Colt visivelmente reprimiu um sorriso.

—Sim.

—Emocionado, cara. — Cal rosnou e se virou para as escadas.

—Isso acabando, pedirei a Feb para te fazer uma das frittatas dela. —Colt falou atrás dele.

—Mal posso esperar. — Cal respondeu, mas não se virou quando ele desceu as escadas.

Isso também era verdade, mas ele não daria a Colt isso. Ele ouviu falar sobre as frittatas de Feb. Segundo seu irmão Morrie, elas eram o paraíso na forma de ovos.

Elas poderiam ser boas, mas Cal apostaria mil dólares que a merda de frutos do mar de Vi era melhor.



Cal estava quase em casa quando seu celular tocou. Ele olhou para a tela e viu:

Número desconhecido.

Ele abriu e colocou no ouvido.

—Sim.

—Você está recebendo uma ligação em dez minutos no seu escritório. — disse uma voz de homem, em seguida, desconectada.

Maldito Sal. Sempre o drama.

Ele se afastou de casa e foi em direção ao seu escritório. Quando abriu a porta, o telefone da mesa de Lindy estava tocando. Ele pegou e colocou no ouvido.

—Sim.

—Cal, *figlio.* — disse Sal em seu ouvido e Cal podia ouvir o sorriso em sua voz.

—Sal. — cumprimentou Cal, sem sorrir.

—Ouvi dizer que você estava em Chicago. Viu Vinnie, Theresa. Nenhuma visita para mim?

—Não foi uma visita social. — Cal disse a ele e Sal ficou quieto.

Então ele disse:

—Sim, mau negócio. Vinnie me contou.

Cal estava impaciente.

—Escute, tenho uma mulher em casa, ela tem filhas e alguém está tirando fotos e mandando-as para os policiais. Eu não quero estar no escritório. Preciso estar em casa. Você teve uma boa conversa com Vinnie?

—Nós conversamos, mas acho que você precisa vir até Chicago. Nós sentaremos e... — disse Sal.

Lá estava. Sal com vontade de ser persuasivo.

—Sal, com todo o respeito, nem é preciso dizer. — Cal disse a ele. — Mas, tenho uma mulher em casa que tem filhas, e alguém está tirando fotos, enviando presentes e colocando balas nos cérebros dos homens de sua vida. O homem que está mandando essa merda está em Chicago. Eu não quero estar em Chicago, nem ficar longe dela e não quero que ela esteja em Chicago. Se você falou com o Vinnie, então não precisamos sentar.

—Eu posso ver porque isso te deixaria impaciente, mas há coisas para discutir. — Sal respondeu.

—Você quer discutir, eu vou sozinho. — Cal retornou e Sal soltou um suspiro muito alto.

—Estamos conversando sobre a esposa de um policial aqui, *figlio.* — observou Sal.

—Estamos falando de minha mulher aqui, Sal. Hart enviou uma foto. Eu sou o próximo. — disse-lhe Cal.

—Que tal isso? Eu mando uma mensagem para Hart, explico que você é da família e que ele deveria seguir em frente. — sugeriu Sal.

—Que tal isso? — Cal retornou. —Esse cara não é da família. Ele é um filho da puta médio que agarrou seu caminho até o topo e derrubou tudo o que ficava em seu caminho. Ele não tem família. Não merece respeito. Não recebe nada além do que ele leva. Ele tirou de você. E tirou de mim. Da minha e sua família, e da minha mulher, que, Sal, viúva do policial ou não, ela é minha agora e isso significa que ela é da família e você não pode negar isso, e ele ainda está tomando dela. Você está

me dizendo, que mesmo ele fazendo tudo isso, você apenas mandará a porra de uma nota?

—Eu tenho que me organizar, Cal.

—Você precisa pedir a um soldado para colocar uma bala em uma arma. — respondeu Cal.

—Estamos falando de guerra. — destacou Sal. —Uma guerra exige organização.

—Não é disso que estamos falando e você sabe disso. O homem grande está fora, você se muda, você recupera o que perdeu há sete anos e depois outro.

—Aquisição assim, como eu disse, precisa de organização.

—Você está pronto para esse desafio.

—O que você está me pedindo, é grande.

—O que eu te dei foi maior.

Sal estava quieto novamente, então ele suspirou alto novamente.

—Os Bianchis. Sempre uma dor na minha bunda.

—A dor estava no meu ombro, Sal. Você teve uma situação, Frankie me ligou e eu defendi você. Eu me coloquei em seu caminho e levei essa bala por você. Você está respirando. Estou te pedindo para ter certeza que eu continue respirando também, e Vi viva o resto da vida fazendo isso fácil.

Cal ouviu silêncio e isso durou um pouco.

Finalmente Sal declarou:

—Tudo bem, *figlio*. Eu faço isso, ficamos zerados.

—Você entendeu.

—*Fin.* — Sal pressionou.

—*Fin.* — repetiu Cal.

—Você vem para Chicago, senta na minha mesa, não somos nada além de família.

—Sim Sal, eu e Vinnie, aprendemos essa lição há muito tempo.

Outro suspiro.

—Vinnie Junior era um bom homem.

—Ele foi pego por Hart também.

—Eu me lembro. — disse Sal suavemente.

—E eu nunca esquecerei.

—Você Bianchis. Sua lealdade é raivosa.

Cal balançou a cabeça e lembrou-lhe:

—O sangue Bianchi está em suas veias.

—Felizmente o sangue de Giglia é dominante. Bianchis pensam com seus corações. Os Giglias pensam com suas bolas.

Cal sorriu.

—Giglias pensam com seus paus e, se você ver Violet, você achará que eu tenho sangue de Giglia.

Cal ouviu quando Sal riu e quando a risada morreu.

—Vinnie disse que é uma boa mulher. — disse Sal em voz baixa.

Cal não respondeu. Sal era da família e agora Vi era da família. Seus caminhos se cruzariam. Sal descobriria por si mesmo um dia.

—Você segurou este marcador por um longo tempo. — observou Sal. —Você está puxando para sua mulher, ela deve merecer.

—Faça minha mulher segura, Sal. — Cal ordenou suavemente.

—*Fatto, fig*lio. Feito. —Sal respondeu tão suavemente. — Mas quando terminar, quero ela na minha mesa. Gina fará canelones. Você gosta do canelone de Gina.

—Eu gosto. Vi, as garotas e eu estaremos em Chicago muito, Sal. Nós estaremos à sua mesa.

—Será bom te ver, Cal. — disse Sal e ele quis dizer isso, a porra louca.

Cal não respondeu. Ele gostava de Sal tanto quanto não gostava. Mas, pelo canelone de Gina valeria a pena jantar à sua mesa.

—Farei contato quando terminar. — continuou Sal.

—Espero que um de seus garotos ligue, me diga o que fez e desligue e esperarei em breve. — disse Cal e Sal riu.

—Você não pode deixar de ser muito cuidadoso. — Sal comentou.

—Não, você não pode. — Cal respondeu com humor zero.

—Certo — sussurrou Sal —então tenha cuidado.

—Você também. — respondeu Cal.

—Você é um bom homem, *figlio*.

Cal não sabia o que fazer com isso, vindo de Sal, então apenas disse:

—Obrigado, Sal, até mais tarde.

—Tchau.

Cal ouviu a desconexão, colocou o fone no gancho e balançou a cabeça para o telefone. Então saiu do escritório, trancou-o e caminhou até a caminhonete para poder voltar para casa.



Sentei-me na cama vestindo uma das camisas de Joe e esfregava hidratante no rosto enquanto ele saía do banheiro vestindo apenas jeans.

Toda a família se foi, o que era um alívio. Não que eu não gostasse que estivessem lá, e as meninas adoraram, só que fiquei feliz em ter esse primeiro encontro feito e estar de volta apenas a nós.

Joe esteve ocupado naquele dia, conversando com o tio Vinnie, decolando por algumas horas e depois conversando com meu pai. A parte boa foi que, depois de conversar com papai, ele pareceu se acalmar. A parte ruim era que Joe parecia tenso o dia todo, após a conversa com Vinnie, depois de chegar em casa e até mesmo depois que papai pareceu se acalmar.

Eu assisti Joe tirar sua calça jeans, jogá-la no chão, jogar as cobertas e deitar na cama. Eu coloquei meu hidratante de lado quando ele puxou as cobertas até a cintura, então me movi para sentar montada nele. Suas grandes mãos foram para os meus quadris, cobrindo-os. Minhas mãos foram para seus ombros e me inclinei para que nossos rostos estivessem próximos.

—Você está bem? — perguntei, procurando em seus olhos.

—Sim. — ele mentiu.

—Tem certeza?

—Sim. — mentiu novamente.

—Porque o carro patrulha estava fora o tempo todo quando você saiu?— Eu perguntei.

— Colt estava na estação, precisava falar comigo, ele queria você coberta. — Joe respondeu casualmente e eu não sabia se isso era uma mentira ou não, mas o que percebi era que Joe queria que eu deixasse passar. O problema com isso era que eu não conseguia.

—Ok, e como isso faz sentido se já aconteceu de Colt estar lá, você não estava aqui também, e nenhum carro da polícia ficou parado do lado de fora? —indiquei.

— Colt estava com vontade de ser cauteloso.

Eu mordi meu lábio e deixei ir.

—Ok então, por que Colt precisava de você na estação?

Os dedos de Joe se flexionaram nos meus quadris e ele falou gentilmente.

—Baby, seu irmão foi assassinado e então as coisas ficaram intensas para você e para mim. Depois que isso aconteceu com Sam, ele e eu precisávamos de uma atualização. Nós precisávamos de um tempo atrás, mas Colt nos deu um tempo para resolver nossas coisas. Nossa merda está resolvida, ele me ligou para um bate papo.

Isso fazia sentido, mas ainda não confiava nisso.

—Você não mentiria para mim, iria? —sussurrei.

Sua resposta foi um pouco assustadora e ele fez isso em outra flexão de seus dedos em meus quadris, o que tornou mais assustadora.

—Eu faria qualquer coisa por você, Buddy.

Minha cabeça inclinou para o lado.

—Isso foi uma resposta?

Seus olhos nunca deixaram os meus.

—Só a que você conseguirá.

Nós nos encaramos por vários momentos antes de eu sussurrar:

—Você quer que eu deixe passar.

—Quantas vezes eu tenho que lhe dizer para relaxar? — Ele perguntou.

—Um bilhão por dia. — respondi.

Ele sorriu e disse:

—Relaxe.

Eu olhei para o travesseiro pela sua cabeça e murmurei:

—Certo.

—Baby. — ele chamou e eu olhei novamente em seus olhos. Quando nossos olhos se encontraram , ele levantou a cabeça e tocou sua boca na minha.

Depois que ele se deitou de novo, murmurou:

—Confie em mim.

—Ok. — concordei instantaneamente porque ele precisava disso, então eu fiz.

Suas mãos começaram a escorregar pelos meus lados, pegando minha camiseta quando perguntei:

—O que você conversou com papai?

Suas mãos foram do lado de fora para o interior, então senti o calor delas contra a minha pele.

—Disse a ele para esfriar com as garotas. Que ele fez a coisa certa, deixando sua mãe. Ela não estando com ele, sempre será bem-vindo aqui. Disse a ele que a melhor maneira que ele poderia trabalhar seria não forçar demais. E finalmente disse a ele que suas netas já o amavam para que ele pudesse relaxar.

Uma das minhas mãos deslizou para o pescoço dele.

—Sorte sua, considerando que ele realmente parecia ouvir quando você disse a ele para relaxar.

Joe sorriu novamente.

—Sim. Você poderia aprender com isso.

Eu ri quando senti as mãos de Joe se dividirem, uma subiu pelas minhas costas e me pressionou, uma entrou na minha calcinha e curvou em torno da minha bunda.

Eu deixei cair a minha boca para ele e disse suavemente:

—Joe.

—Sim, querida .— ele respondeu.

—Tia Theresa me deu algo para dar a você. —falei.

Agora não era a hora certa, eu sabia disso. Eu deveria ter feito isso depois que fizemos sexo, quando ele estava calmo e antes de ter um dia que o deixou tenso. Mas aquela foto na minha gaveta de lingerie parecia uma brasa ardente pronta para explodir em chamas. Não só por estar lá e eu saber disso, mas as garotas saberem que estava lá e imaginando quando sairia para respirar. Quem sabia? Uma delas, provavelmente Keira, poderia deixar nossa cena, na sala de estar naquele dia, escapar.

Joe estava escondendo alguma coisa de mim, percebi isso e ia deixá-lo esconder. Por qualquer motivo, ele tomou a decisão de fazer essa jogada então permiti. Nós estávamos em um relacionamento. Eu tinha que confiar nele e confiei. Se eu precisasse saber, Joe me contaria. Tim também fora um homem machão e ele tinha momentos em que se preocupava com merda no trabalho ou merda que tivesse que fazer, coisas que nos preocupariam. Eu sabia quando meu homem estava erguendo um escudo em volta de mim e que ele tinha que fazer o que precisava. Se eu lutasse contra isso, não seria legal. Não

importava o que fosse, eu tinha que deixar Joe fazer o que precisava fazer e confiar que ele protegeria a mim e às minhas garotas. Então deixei passar.

No entanto, de minha parte, a conversa com Theresa, a foto de Joe e Nicky, eu não conseguiria me sentar sobre isso e esconder dele.

Para mim, tinha que estar exposto.

—Vi. — Joe chamou e eu me concentrei nele para ver que ele estava muito focado em mim e desta vez seus dedos flexionados na carne da minha bunda. —Jesus. O que ela deu a você?

—Algo para dar a você.

Joe fechou os olhos e murmurou:

—Oh foda-se.

Levantei a mão de seu ombro para apoiá-la contra sua bochecha e perguntei:

—Você sabe o que é, não sabe?

Ele abriu os olhos e começou:

—Vi...

Eu abaixei minha cabeça para descansar minha testa contra a dele.

—Eu o quero nas prateleiras — observei Joe fechar os olhos novamente e pressionei —com Sam — a mão de Joe apertou minha bunda quando terminei em um sussurro —e Tim.

De repente, ele se levantou para sentar, me levando com ele, os dois braços apertados em volta de mim e eu sabia que era para me colocar de lado, então eu me segurei nele.

—Joe...— eu disse ao seu perfil, sua cabeça estava virada para o outro lado.

—Não estou pronto para isso, Vi.

—Joe...

Ele se virou para mim e repetiu:

— Baby , eu disse que não estou pronto.

Se ele não estava pronto, depois de dezessete anos, já era hora dele estar.

—Ele é parte de você, Joe, o que significa que seu filho faz parte dessa família. Deixe-me trazer Nicky para casa.

Eu assisti seu rosto ficar duro e suas mãos se moveram para agarrar minha cintura, definitivamente pronto para me colocar de lado, mas eu apertei minhas coxas em seus quadris e segurei com mais força com meus braços.

—Você disse que me ajudaria com Sam e você ajudou. E você disse que eu poderia ajudá-lo a deixar o que aconteceu com Nicky, então você tem que começar a me deixar fazer isso.

Seu rosto ficou duro e sua voz estava tensa quando ele disse:

—Eu deixei ir.

Eu arrisquei mover minhas mãos para seu rosto e sussurrei:

—Joe, você nem olhará para a foto dele.— Joe olhou para mim, seus dedos segurando minha cintura com força e eu arrisquei mais. —Ele era lindo, querido.

Ele fechou os olhos novamente, a dor cortando seu rosto e meus dedos ficaram tensos em seu rosto .

—Cristo, Vi... — ele começou.

—E você sempre foi lindo.

Seus olhos se abriram e a dor estava lá também.

— Baby... — sussurrei quando vi.

Joe me cortou.

—Eu me livrei disso.

—O quê?— Eu perguntei.

—As fotos, suas roupas, seu berço. Tudo.

Eu senti a picada de lágrimas nos meus olhos quando eu perguntei:

—Por quê?

—Caixa de pão. — ele respondeu e eu pisquei, sentindo uma lágrima deslizar pelo meu rosto.

—O quê?

—Seu caixão. Foi do tamanho de uma caixa de pão.

Em suas palavras, o que evocava e sabendo que a memória estava queimada em seu cérebro, o soluço saiu da minha garganta. Eu não pude pará-lo e foi tão forte que queimou um caminho de fogo.

—Joe...

—Ela estava limpa desde antes de engravidar. O tempo mais longo que ela ficou. Pensei que tivéssemos vencido.

—Você não tem que explicar isso para mim.

Ele continuou como se eu não dissesse nada.

—A Bonnie que ela era, jamais a deixaria com ele, nem com meu pai que estava doente. Eu nunca teria um filho com ela. Mas achei que ela não fosse mais a Bonnie viciada.

—Joe...

—Então eu o deixei com ela.

—Você não tinha escolha, baby. Você precisava manter sua família alimentada.

—Eu pensei que nós tínhamos vencido. — ele murmurou.

—Pare com isso, querido. Você não foi responsável por isso.

Ele puxou a respiração, fechou os olhos e os manteve fechados por um longo tempo antes de abri-los. Então seus dedos envolveram meu pulso e ele puxou minha mão até seu peito para que eu pudesse sentir a força de seu batimento cardíaco.

—Ele está aqui, Buddy, isso é tudo que posso aguentar, é tudo que preciso. Eu tive que deixar ir o resto. O resto é demais. —Joe me disse.

Eu era mãe e viúva. Eu sabia melhor do que qualquer um.

—Você precisa de tudo o que puder. — sussurrei.

—Não aguento mais .— ele respondeu.

Eu pressionei minha mão em seu peito.

—Isso não é verdade.

—Vi...

—Traga-o para casa.

—Violet...

—Deixe-me trazê-lo para casa.

—Buddy...

Eu puxei minha mão da dele e coloquei de volta em seu rosto.

—Ele é uma parte de você e eu quero você, por inteiro. Eu quero que minhas garotas tenham tudo de você. Joe, querido, por favor, deixe-me trazê-lo para casa.

Nós nos encaramos de novo por um longo tempo antes de Joe sussurrar uma tortura:

—Foda-se ... traga.

Eu não demorei. Soltei Joe, pulei da cama e fui até a cômoda. Puxei o porta-retrato da gaveta e voltei para a cama. Então subi no colo de Joe, me aconcheguei e mantive meus olhos colados no rosto quando virei a foto para ele.

Os olhos de Joe se fixaram na imagem e a dor voltou, mais forte, contorcendo suas feições quando senti seu corpo ficar sólido contra o meu.

Quando ele não disse nada, eu sussurrei:

—Você parecia em paz.— Meu pranto podia ser ouvido em minhas palavras, mas os olhos de Joe não se moveram da imagem.

—Eu tinha o mundo dormindo no meu peito. — ele respondeu, sua voz baixa, grossa.

Eu olhei para a foto.

—Engraçado como o mundo pode caber no nosso braço.

—Engraçado. — Joe repetiu baixinho e eu olhei para ele para ver que agora ele estava olhando para mim e, em seguida, seu braço deslizou em torno de mim.

—Joe... — eu comecei, novas lágrimas deslizando pelo meu rosto.

—Coloque-o em suas prateleiras, Buddy.

Eu abracei a foto no meu peito e limpei a umidade das minhas bochechas. As únicas palavras que haviam para dizer foi a que eu disse.

—Obrigado.

Antes que eu pudesse me mover, ele perguntou:

—As meninas estavam lá quando Theresa te deu isso?

Eu assenti.

—Keira disse que você parecia quente, mesmo segurando um bebê.

Uma risada curta veio dele. Soou assustado como se ele não achasse que jamais riria de novo.

Então ele olhou para o meu peito e murmurou:

—Porra.

—O quê? — Eu sussurrei e seus olhos vieram para os meus.

—Ele teria idade suficiente para namorar Kate. — respondeu.

Eu não sabia o que fazer com isso ou o que Joe faria com isso, então fiquei parada e em silêncio e esperei.

—Foda! — Joe repetiu.

Eu enfrentei a vibração incerta e o informei:

—Se ele fosse um pouquinho como você, Dane não teria chance. — Joe olhou para mim e eu continuei — Ou Keira faria dele sua missão e elas provavelmente estariam lutando sobre ele.

Sua mão deslizou pelas minhas costas até que seus dedos peneiraram no meu cabelo.

—É uma droga, dizer isso, eu odeio dizer isso, mas vou. — disse ele.

—O quê?

—Ele vivo, eu ainda poderia estar com ela e você estaria na porta ao lado, mas eu não estaria aqui.

Rapidamente, lembrei-lhe:

—Para o bem ou para o mal, isso não aconteceu Joe.

—Você estaria aqui, sozinha, ou..., porra, você estaria com Haines. — ele continuou como se eu não dissesse nada.

Eu estava vendo que isso ia pelo caminho errado.

—Joe, não. A vida é vida, baby . É tudo o que é.

Seus olhos se encontraram com os meus.

—Nunca seria bom com ela, ela não mudaria e não mudou. Mas, se ele vivesse, eu nunca a deixaria e isso seria tudo o que eu teria. Exceto por Nicky, nunca teria algo doce.

Eu coloquei a foto na mesinha de cabeceira e me movi para ele, empurrando-o de costas.

—Sim, você teria. — pressionei meu rosto em seu pescoço e meus lábios em sua pele. —Eu veria você, eu iria toda “Tina”, e faria de tudo para chamar sua atenção. Regando minhas flores em um biquíni e todo tipo de merda. Nós não seríamos capazes de lutar contra a atração e teríamos um caso tórrido. —disse a ele. —Seria uma droga e eu me sentiria uma merda, mas você a deixaria por mim e eu pagaria de volta, dando-lhe todos os tipos de coisas doces.

Enquanto eu falava, meus lábios viajaram pelo pescoço e garganta e suas mãos começaram a vagar pelo meu corpo.

—Você é cheia de merda, Buddy. Eu veria você molhando suas flores em um biquíni, eu viria até você e você viria toda puritana e me congelaria.

Eu levantei minha cabeça e olhei para ele assim que seus dedos se enrolaram em torno do meu peito.

—Joe, você me fodeu no capô do seu carro, mesmo quando eu estava seriamente chateada com você. — eu o lembrei. —Eu acho que nós podemos aceitar isso como se eu não fosse puritana.

Seu polegar bateu no meu mamilo, meus lábios se separaram e meus quadris se moveram. Com isso, os olhos dele escureceram de uma maneira seriamente sexy e seus lábios se inclinaram para as extremidades.

—Sim — murmurou —esqueci disso.

Eu pisquei então senti meu corpo ficar apertado.

—Você esqueceu?

Seus lábios se curvaram em um sorriso completo.

—Obrigado por me lembrar.

Mesmo sabendo que ele não esqueceu e estava apenas brincando comigo, eu ainda ouvi um barulho irado escapar da minha garganta e comecei a me afastar, mas Joe rolou, então ele estava por cima e seu rosto desapareceu no meu pescoço enquanto seu polegar circulava meu mamilo.

—Nós tivemos um vez, Buddy, provavelmente teríamos que fazer isso no GT mais de uma vez. — ele notou contra o meu pescoço.

—Nós teríamos que fazer isso para você lembrar que nós fizemos isso antes? — eu retruquei, mas isso não foi tão eficaz como deveria ser desde que minha respiração estava ficando pesada e minhas pernas estavam se movendo para emaranhar com as dele.

Eu senti sua risada contra a minha pele, em seguida, seus lábios se moveram para o meu queixo.

—Nós provavelmente teríamos que fazer isso no carro também.

—Você se lembra disso?

Ele ignorou minha pergunta semi-irada.

—E serei criativo sobre outros lugares que faremos isso.

—Joe...

—No seu carro.

—Joe...

—Na sua garagem.

—Joe...

—No meu caminhão.

—Joe!

Sua boca foi para a minha e eu parei de respirar com o que vi em seus olhos.

—Você está certo, no entanto. Nós teríamos nos encontrado.

Meu corpo relaxou sob o dele e eu sussurrei:

—Joe.

Sua cabeça subiu e ele sorriu lentamente.

—Você percebe, Buddy, que estamos discutindo as maneiras que eu enganaria Bonnie.

Pareceu-me que nós realmente estávamos e isso foi meio engraçado, por isso eu ri.

Então eu disse através de um sorriso e enquanto corria meus dedos ao longo de sua cicatriz, até sua bochecha e em seu cabelo.

—Eu a conheci uma vez, querido, e eu não gostei muito dela, então eu não estaria muito preocupada sobre isso.

Sua cabeça desceu e ele me beijou através de sua risada gentil.

Então ele me fodeu, mas nada sobre isso foi gentil.

Seria mais tarde, quando eu estava quase dormindo, que percebi que nós dois rimos sobre Bonnie, mas, mais importante, Joe tinha feito isso.

E adormeci pensando que, embora fosse engraçado, o que dissemos também era provavelmente verdade.

E isso foi ainda mais engraçado.



Na manhã seguinte, enquanto Kate e Keira estavam correndo como se nunca tivessem se preparado para a escola em suas vidas, Keira estava em frenesi porque era seu primeiro dia no ensino médio, Joe estava fazendo aveia numa calmaria que não teve efeito sobre o estado de confusão dela, eu saí com o quadro da foto de Joe e Nicky e o coloquei nas prateleiras.

Kate viu, sorriu para mim, mas não disse uma palavra.

Keira não me viu porque estava discutindo com Joe.

—Mas Joe, eu não posso comer aveia. Meu estômago está esquisito.

—Acalme-se, baby, coma. — Joe respondeu.

—Eu vomitarei. — Keira retornou.

—Não, você não vai. — disse Joe.

Keira olhou para mim e gritou:

—Mãe!

—Coma sua aveia, querida. — eu disse a ela.

Ela bateu com o pé em uma repetida e aborrecida birra.

—Mamãe!

—Keira, a última vez que você vomitou você estava na segunda série e estava com gripe. A última vez que você ameaçou vomitar foi há dois dias. —eu a lembrei. —Você precisa de comida ou ficará irritada antes da segunda aula. Coma sua aveia.

—Argh!— Ela gritou e, em seguida, pegou sua aveia.

Keira comeu e nós tivemos mais sete dramas antes dela e Kate entrarem no Fiesta de Kate e saírem enquanto Joe e eu acenamos para elas um adeus, bem, Joe ficou ao meu lado enquanto eu acenava para dar tchau, ele não acenou.

Quando elas estavam fora de vista, eu me virei e me movi para Joe, envolvendo meus braços ao redor dele. Eu olhei para ele e ele olhou para mim.

—Merda, meu bebê está no colégio. — eu murmurei.

—Sim. — foi sua única resposta.

—Merda. — repeti, pressionei meu rosto em seu peito e seus dedos em volta da minha nuca.

—Vamos apenas esperar que ela não tenha um namorado no primeiro dia. — Joe disse no topo da minha cabeça.

Eu inclinei minha cabeça para trás.

—Ela está em uma missão, então não espere demais. Você espera, viajará para a decepção.

Joe sorriu, mergulhou o rosto no meu, beijou-me e depois me guiou para dentro da casa.

Ele sabia que a foto estava lá, eu sabia que ele sabia. Joe não disse nada e nem eu.

Eu me preparei e fui trabalhar, Joe ficou pronto comigo e foi para o escritório dele.

A vida continua.



E a vida continuou, segura e doce em muitos sentidos, insana e enlouquecida porque duas adolescentes moravam em nossa casa.

Mas aquele escudo que Joe colocou era forte e verdadeiro por duas lindas semanas.

Então Daniel Hart soprou em pedacinhos.

Capítulo Vinte

Queda

Benny ouviu a batida em sua porta, seus olhos se abriram e a mulher em sua cama se moveu. Quando ela o lembrou de sua presença, ele lutou para lembrar seu nome. Ele podia lembrar de seus lábios, poderia até chamar uma visão deles. Cheio, macio, um belo vermelho-rosa, mesmo sem batom. Ela se envolveu em torno de seu pênis, especialmente com todo o seu cabelo longo e escuro ao redor, macio contra sua pele. Ele geralmente gostava de assistir e puxava o cabelo para trás. Seu cabelo era tão macio que ele deixou onde estava.

Lembrou-se do nome.

Carla.

Ela levantou a cabeça.

—O que é isso?

—Volte a dormir. Eu cuidarei disso. —Benny disse a ela, jogando as cobertas para trás e pegando sua calça jeans do chão.

Carla desabou novamente na cama e ele a ouviu roncar suavemente.

Ele puxou a calça jeans, saiu do quarto e desceu as escadas, surpreso que seus roncos começaram imediatamente. Ele sabia que como acabava isso, ela estava fora. Não que ela tivesse feito uma impressão nele, apenas seus lábios fizeram, mas mesmo se ele acordasse ao lado dela e ficasse, ele sabia que ela estava fora. Ele odiava ronco e ele também não podia chamar muita emoção por alguma cadela que pudesse ouvir uma batida na porta nas primeiras horas da manhã e deixá-lo ir lá e voltar a dormir. Ele não deixaria que ela fizesse nada, mas achava que Violet não voltaria a dormir e deixaria Cal para atender. Ela só voltaria a dormir, quando soubesse que ele estava de volta na cama com ela, seguro. E ele sabia que ela faria isso com o marido morto também. Ela faria isso antes mesmo de aprender que batidas nas portas antes do amanhecer poderia significar que merda ruim veio chamar. Ela faria isso porque era a coisa certa a se fazer, se você fosse uma boa pessoa ou se importasse com alguém.

Não há muitas mulheres boas por aí, ele pensava nisso enquanto descia as escadas. Estava apenas feliz por Cal finalmente ter encontrado uma.

Ele parou ao pé da escada e sentiu um aperto no peito quando ouviu as pancadas vindas da porta dos fundos, não da frente.

—Foda-me. — ele murmurou, foi até o armário do corredor, pegou sua arma e foi para a cozinha.

De pé ao lado da porta, ele empurrou a cortina parcialmente para o lado e viu Frankie de pé na varanda de trás.

Seu primeiro instinto foi abrir a porta, empurrar a cadela pelas escadas, fechar a porta, subir as escadas e chutar Carla para fora. Só de ver Francesca não estava com disposição para estar perto de nenhuma mulher. Mas sua mãe teria um problema se ele colocasse a mão em uma mulher com raiva, mesmo que aquela mulher fosse Francesca, que sua mãe detestava, então ele não fez isso. Sua mãe em um ataque não valia a pena, mesmo pela satisfação de colocar as mãos na cadela do irmão morto.

Por isso, acendeu a luz do lado de fora, girou a fechadura e abriu a porta, mantendo a arma na mão.

A vida que ela levou com Vinnie, Francesca aprendera, então avistou a arma primeiro.

—Benny. — ela sussurrou.

—Diga o que você tem a dizer, puta, e dê o fora da minha casa. — respondeu Benny.

Seus olhos se levantaram e a segunda coisa que ela olhou foi para seu peito. Parando ali, seu rosto ficou pálido, ele podia ver até no escuro. Puta estúpida e gananciosa.

—Dois segundos. — Benny avisou e Frankie olhou para ele.

—É Cal. — ela disse rapidamente e aquele aperto em seu peito ficou mais forte.

Benny abriu mais a porta, deu um passo para trás e Frankie entrou. Benny fechou a porta, trancou-a, desligou o interruptor de luz e agarrou-a pelo braço, puxando-a para o corredor.

—Benny... — ela começou quando ele parou no corredor.

—Eu tenho companhia. — ele disse a ela, sua voz era baixa e ele viu sua cabeça inclinar para trás para olhar para as escadas.

—Companhia. — ela sussurrou e sua voz estava apertada.

—Você tem algo a dizer sobre Cal? — Benny perguntou.

—Quem é ela?— Frankie perguntou e Benny apertou os lábios. Então ela continuou e sua voz estava mais baixa, mas mais leve. Apologética. —Benny...

—Desde quando é da sua conta com quem eu fodo?— Benny perguntou.

—Benny. — ela sussurrou.

—Aquela placa subiu no restaurante, Frankie, mas quando aconteceu, não me tornei milionário . Não tenho mais do que Pop, e que não foi bom o suficiente para você. Não te darei a chance de envolver sua boceta de ouro em torno do meu pau e me fazer vender em uma franquia como se você não tivesse tentado convencer Vinnie a falar para Pop fazer.

Num piscar de olhos, ele sentiu a atitude dela bater no corredor.

—Você está falando esse lixo para mim e eu costumava ser um membro de sua família. — ela sussurrou.

—Você veio para minha casa no meio da noite com informações sobre Cal e você está retornando com esta merda, então segure baby, porque você trouxe sobre si mesma. Você desistiu da sua posição nesta família quando você levou Vinnie pelo seu pau diretamente para o Sal. Vou te lembrar, esta não é a primeira vez que depois de perdê-lo você tentou tirar isso de mim e eu te disse antes, essa merda não acontecerá porra. Você veio aqui para dizer alguma coisa, diga.

—Eu precisava estar com alguém que me amasse, foi o que fiz. — ela retrucou em sua defesa.

—Sim, aposto que ele estava sorrindo do céu quando viu você tentando enfiar a mão na minha calça. — Benny disparou de volta.

—Nós estávamos ambos emocionais. As coisas saíram da mão.

—Não, nada tem em sua mão.

—Você me beijou. — ela retornou.

Benny se inclinou e entrou no rosto dela.

—Besteira, você se pressionou contra mim, colocou em cima de mim e eu me perdi.

—Eu estava perdida também.

—Mulher, seu namorado foi assassinado.

—E seu irmão foi assassinado.

Benny desejava reviver isso como queria ser chutado nas bolas, portanto, ficou em silêncio e começou a contar até dez.

Ele chegou a três quando Frankie falou com ele.

—Você ainda me beijou.

—Baby, peitos como os seus, eu sou homem, não importa quem você é, eles estão pressionados contra mim e tenho uma boca presa no meu corpo, enfiarei minha língua nela.

Ela recuou.

—Deus, Ben, eu esqueci o quanto você é um idiota. Sempre foi. Eu não deveria nem vir aqui.

—Agora estamos falando sobre o que eu quero falar. Por que você veio?

—Porque Cal nunca me tratou como merda e Sal ordenou um golpe em Hart e foi ruim. A notícia que está se espalhando rápido é que Hart estará apontando para Cal, alguém tem que avisá-lo, eu não tenho o número dele e não poderia ir ao seu pai então, estúpida eu, vim até você.

Benny ficou firme por meio segundo. Então ele se virou. Deixando Francesca onde ela estava, ele subiu as escadas três de cada vez.

Ele acendeu a luz e Carla gemeu, virou-se e levantou-se em um antebraço. Quando ela fez isso, Benny colocou a arma na cômoda e vestiu uma camiseta.

Ela continuou, puxando o cabelo do rosto e Benny olhou para ela.

Nocaute. Lábios fantásticos, como ele lembrava. Grandes mamas. As de Frankie eram melhores, ele sabia disso, mesmo que não as visse ou tocasse, só as pressionara contra ele uma vez, mas as de Carla eram doces.

Ainda assim, ele se satisfez com Carla.

—Querida, você precisa ir para casa. — disse ele, indo até a cômoda e pegando algumas meias.

—O quê? — Ela perguntou, piscando.

—Você precisa ir para casa, Carla. — Benny repetiu e caminhou até a cama, sentando-se na beira dela. —Agora.

Ele estava com as meias e estava pegando as botas quando percebeu que ela não havia se movido, então ele olhou para ela. Ela estava olhando para a porta, de modo que a cabeça de Benny se balançou para ver Frankie de pé nela.

—Bonita, querido. — Frankie murmurou. —Você sempre teve bom gosto.

A boca de Benny ficou apertada e ele calçou uma bota.

—Quem é ela? — Carla perguntou.

Benny não respondeu em vez disso, ele ordenou:

—Fora da cama, querida. Hora de ir para casa.

Carla estava sentada com o lençol no peito e os olhos apertados estavam colados na porta.

—Quem é ela? —Ela repetiu.

Benny calçou sua segunda bota, viu que Frankie não se moveu, mas estava sorrindo, o que fez seu pau começar a ficar duro.

Havia uma razão pela qual Vinnie dava tudo para ela. A cadela era além de um nocaute. Apenas um quarto italiano, o resto dela era vira-lata e ela conseguiu o melhor de tudo. Olhos em forma de amêndoa com íris castanho-claro e cílios naturalmente longos e ondulados. Uma cabeça rica de um grosso cabelo castanho escuro que ela sempre usava longo. Pele clara e impecável que fazia sua boca desejar prová-la e se perguntar se aquela pele cremosa era assim em todos os lugares. Seios fantásticos, bunda grande e uma cintura fina, que eram as únicas coisas que faziam suas pernas longas não parecerem ir direto para a garganta.

E o jeito que ela sorriu aquele sorriso, como se tivesse um segredo, realmente bom pra caralho que você tinha que saber, e a única maneira que isso diria a você seria quando estivesse perto, bem no fundo e ela sussurrava em seu ouvido. O pacote perfeito da cabeça aos pés.

Ele se endireitou da cama e olhou para Carla.

—Não direi de novo, querida.

Carla olhou para ele.

—Você está me dizendo que acabou de me deixar chupar seu pau, então eu deixo você me foder, e você me acorda no meio da noite para me trocar para a segunda rodada? Você é bom, Benny Bianchi, ótimo, como todos disseram, mas nada é bom o suficiente para aguentar isso.

Benny colocou as mãos nos quadris.

—Veja, isto não tem o menor sentido, mulher, eu apenas me vesti e coloquei minhas botas. Eu foderei outra pessoa, ela está na fila da porra da porta do quarto, eu colocaria minhas roupas? — Ela abriu a boca para falar, mas ele não esperou que ela respondesse. —Eu tenho algo para fazer, antes do amanhecer, algo importante. Eu pedi educadamente, agora estou mandando. Tire sua bunda da minha cama, se vista e saia da minha casa.

Ela olhou para ele e perguntou sarcasticamente:

—Você acha que talvez ela possa sair enquanto eu me visto?

Benny foi até a cômoda e pegou sua arma. Os olhos de Carla se arregalaram, a situação de uma chamada de despertar naquela hora ocorreu e seu corpo ficou imóvel, mas Frankie falou.

—Claro. — disse ela, virou-se e saiu da porta.

Benny esperou enquanto Carla se vestia e saiu correndo pela porta sem lhe dar uma olhada e nem se aproximar. Isso porque ele fora um idiota ou porque ele ainda carregava sua arma, mas não se importava muito com qual. Ela se foi.

Ele foi até a mesa de cabeceira e pegou o telefone. Rolando para baixo, ele chamou Cal enquanto empurrava a arma no cós da calça jeans. Ele esperou Cal atender, mas não aconteceu. Foi para o correio de voz.

Benny imaginou, que tendo Vi em sua cama, provavelmente Joe não atenderia o telefone naquela hora, porque estaria ocupado com algo que não valeria a pena ser perturbado em atender o telefone, ou dormindo depois de estar exausto, fazendo algo que não valeria a pena perturbar. *Atenda o telefone*. Benny desligou e tentou novamente. Correio de voz. Na terceira tentativa, quando recebeu o correio de voz, ele deixou uma mensagem.

—*Cugino*. Benny. É urgente. Me liga.

Ele saiu do quarto e Frankie o esperava no final da escada.

Ele parou em seu espaço.

—Eu pedi para você ficar?

—Você me ligará quando descobrir que está tudo bem?

Benny cerrou os dentes. Ela estava preocupada. Ele percebeu. Ela nem tentou esconder.

Ele sabia que sua vida desde a perda de Vinnie ficou totalmente fodida. Ele pensou que ela seguiria em frente, mas ela não seguiu. Ele não queria saber, mas tinha que admitir que se esforçou para manter o controle. Sozinha, ela não namorava, nem sequer parecia tão longe quanto ele sabia. Ela ia trabalhar. Voltava para casa. Ia para a casa de Rico de vez em quando, e voltava para casa sozinha. Ela saiu de férias sozinha. Apesar de tudo, ela apenas se manteve para si mesma.

Ela estava perto de Sal, fizera amizade com alguns de seus meninos quando Vinnie estava trabalhando para Sal, e ela continuou porque eles eram a única família que ela tinha. Todos os outros lhe viraram as costas porque a culparam por Vinnie.

Os Bianchis eram limpos e sempre seriam. Os Giglias eram sujos e sempre seriam. Eles se encontravam em reuniões, casamentos, funerais e quando precisavam, porque eram da família. A mistura de sangue, duas gerações atrás, não foi uma ocasião feliz para os Bianchis. Mas a *família* era da *família*.

Seu caminho cruzou com Frankie, porque Sal a considerava da família, seu homem fora morto sob seu comando e Sal podia ser um merda, mas cuidava da família. Depois que Vinnie morreu e Benny deixou claro que não queria sua presença e ela parou de vir o tempo todo, Benny a viu, mas raramente. Ele sabia que ela era próxima de Cal por causa de Vinnie, e ficou assim por razões conhecidas apenas por ela e Cal. Isso era o mesmo que dizer que ela permaneceu próxima tanto quanto Cal deixaria alguém ficar perto, o que significava que provavelmente não o via há anos.

Mas ela estava preocupada e, porra, ele odiava ouvir isso em sua voz.

—Eu ligarei. — respondeu.

—Obrigado, Bem. — ela sussurrou e virou-se para a porta da cozinha na parte de trás que trouxe algo para a mente de Benny.

—Frankie. — ele chamou, ela parou no corredor escuro e se virou para ele.

—Sim?

—Por que você veio pela porta dos fundos?

Ela hesitou, em seguida, ele viu seus ombros encolherem.

—A velha senhora Zambino mora do outro lado da rua.

—E?

—Ela é a avó de Bella.

Benny estava ficando impaciente. Portanto, ele perguntou novamente:

—Então?

—Então, Bella trabalha para você.

—Frankie...

Em uma corrida, ela explicou :

—Ela é velha e é intrometida. Se a velha senhora Zambino me vê e diz a Bella, Bella diz a Theresa, Theresa não se importará porque eu estou aqui, ela simplesmente não me quer perto de nenhum de vocês, especialmente você. Então Theresa ficará chateada, mas ela ficará chateada com você. Eu tentava...

Ela parou de falar, mas ele sabia o que ela tentava fazer. Salvá-lo da ira de sua mãe, e ela estava certa. Frankie o viu a dois quarteirões de distância e ela sabia que Ma perderia a porra da mente. Já que a mãe de Benny perdia a porra de sua mente em uma base regular, Benny poderia lidar com isso,

mas seria uma dor na bunda como sempre foi então foi legal Frankie tentar protegê-lo daquela merda.

Ele não disse obrigado, não falou nada e ela se virou novamente e foi embora.

Ela parou na porta da cozinha e se virou.

—Benny. — ela chamou.

—Tenho coisas para fazer, Frankie. — ele a lembrou.

Ela não ouviu ou não se importou.

Em vez disso, ela disse:

—É um pecado falar mal dos mortos.

Benny sentiu seu corpo endurecer.

—Não... — ele sussurrou.

Ela fez.

—Eu nunca contei isso a ninguém antes.

—Frankie...

—Todos pensaram que era eu. A ideia de franquia. Aquela lanchonete que quebrou. Sal.

Benny começou a andar em sua direção, mas ela não parou de falar e não se moveu.

—Foi tudo Vinnie.

Ele agarrou o braço dela e a puxou pela cozinha.

—Pergunte ao Sal. Ele sabe. —disse a ele quando Benny alcançou a porta, mas nunca chegou lá. Ela enfiou os calcanhares e arrancou o braço do aperto dele. —Eu não disse

essa merda porque o amava. Eu não queria que alguém pensasse que ele era fraco. Que ele falhava. Eu não queria que ninguém pensasse que ele era nada além do que achavam que ele era. Que ele era ótimo, porque Vinnie era. Ele simplesmente não era perfeito.

—Salve essa merda, Frankie, eu não quero ouvir isso.

—Mas eu não quero que você pense isso, não sobre mim. —ela continuou. —Eu não sei porque, mas não quero que você pense isso.

—Que pena. Eu sei que isso é besteira.

Ela chegou perto. Ela não tocou nele, mas chegou perto o suficiente para que ele pudesse sentir seu perfume e seu cabelo.

—Você sabe que não é. — ela sussurrou. —Vinnie Sênior, Theresa, Manny. Eles eram cegos, mas você sabe. Cal sabe. Carm sabe. Você sabe. Cal, Carm, eles não dizem, mas sabem disso. Você os encontrou longe de Vinnie, de Theresa, você perguntou, eles contaram diretamente a você. Mas você... simplesmente não admitirá isso.

—Baby, tenho merda para fazer. — ele lembrou a ela.

Ela olhou para ele e depois sacudiu a cabeça.

—Eu não sei porque eu...— ela parou de falar e pegou a maçaneta. —Não se incomode em me falar sobre Cal. Eu saberei por Sal.

O tom da voz dela ficou duro, morto, Benny não gostou. Não combinava com ela. Nos dias de hoje ela era toda sobre

atitude, mas não era difícil. Lembrando de antes, ela ria muito. Mesmo que alguém contasse uma piada que não fosse engraçada, ela riria e pareceria real, mesmo que só fizesse isso para que se sentissem bem. E ela era toda energia . Frankie parecia elétrica, mesmo sentada enrolada em Vinnie e assistindo TV.

Não via isso há anos, não ouvira sua risada, mas nunca ouvira sua voz soar dura e morta.

Ele colocou a mão no braço dela.

—Frankie...

Ela puxou o braço e abriu a porta.

—Fique bem, Bem. —ela disse na mesma voz e fez isso sem olhar para ele. Então ela desceu a varanda dos fundos.

Por alguma razão ele a seguiu, agarrou seu braço e a girou ao redor. Quando ela inclinou a cabeça para lhe olhar, ele não tinha a mínima ideia do que dizer.

—O quê? — Ela perguntou.

—Ligarei sobre Cal.

—Como eu disse, não se incomode.

—Eu ligarei.

—Ben, você não quer falar comigo, tudo bem. Eu entendo, tá tudo bem, vivo com isso há anos. Receberei as notícias por Sal ou de um dos garotos.

Sua mão apertou seu braço e ele a aproximou de seu corpo, perto o suficiente para cheirar aquele perfume

novamente e num momento de honestidade lunática teve que admitir que gostava disso.

—Eu ligarei, porra.

Ela ficou imóvel por um momento que pareceu se estender por um longo tempo e ela olhou para ele e tudo o que ele podia ver eram seus olhos, seu cabelo e tudo o que ele podia sentir era seu perfume e sua mão automaticamente apertada em seu braço.

Quando isso aconteceu, ela sussurrou:

—Como queira.

Ela puxou o braço da mão dele e ele a observou andar dois passos, então por algum motivo ela começou a correr. Ele ficou parado enquanto ouvia seu portão de trás abrir e fechar e ficou parado quando a ouviu ligar o carro e ir embora.

A situação atual o atingiu, seu corpo sacudiu, ele limpou a mente de Frankie, virou-se e correu para a casa.



Eu senti a mão de Joe na parte inferior das minhas costas e quadril pressionado em mim na cama.

—Buddy, as meninas precisam ir para a escola. — ele disse em meu ouvido.

Ele estava sentado no meu lado da cama. Eu estava deitada de bruços. Ele estava acordado há algum tempo. Eu não.

—Mm. — respondi e não abri meus olhos porque minhas pálpebras pesavam três toneladas.

—Elas já tomaram café da manhã e estão prontas para sair. — Joe continuou.

Continuei a ignorá-lo e não respondi.

Joe parecia que estava tentando não rir quando ele terminou.

—Você não quer dizer adeus?

—Vá embora. — murmurei no meu travesseiro.

—Baby...

—Embora. — eu parcialmente me repeti.

Eu ouvi o riso de Joe e se eu tivesse acordada, eu olharia para ele. Sorte dele, que eu não estava.

Seus lábios estavam de volta ao meu ouvido.

—A melhor parte da noite passada foi você chegar em casa.

Neste ponto, se eu tivesse bem, eu teria revirado os olhos.

—E então você me fazendo gozar. — ele continuou, sua voz baixa. —Isto é, depois que você me fez ver você se fazendo gozar.

—Deixe-me em paz. —murmurei não querendo lembrar quão bom foi. Eu estava fora de controle. Nenhuma inibição, nenhuma. Fui selvagem e considerando nossa vida sexual, isso era praticamente inacreditável. Até Joe ficou surpreso, eu diria. Ele não se queixou e nem resistiu, mas ficou surpreso.

—Tem que ficar bêbada com mais frequência, Buddy. — Joe decidiu.

—Sozinha. — implorei.

—Toda noite. — Joe se manteve em mim.

Eu forcei meus olhos a abrirem, mudei apenas meus globos oculares para ele e declarei:

—Sem mais bebida. Sem sexo. Nunca mais.

Ele começou a rir, o que fez a cama tremer e me fez segurar o travesseiro com mais força e fechar os olhos contra o meu estômago agitado.

—A despedida de solteiro de Colt hoje à noite significa que estarei em casa bêbado. — ele me disse e eu gemi.

Foi a despedida de solteira de February na noite passada que me preparou para o meu bêbado ataque sexual com meu namorado. Quando ele falou de novo, sua boca estava novamente no meu ouvido.

—Então é melhor você descansar, querida.

Eu não estava de ressaca o suficiente para não ficar um pouco excitada com o que Joe poderia fazer bêbado. Eu gostava do que ele fazia sóbrio, e gostei do que ele me deixou fazer quando eu estava bêbada. Joe bêbado provavelmente seria incrível.

No entanto, perguntei ao travesseiro:

—Eu não disse para ir embora?

—Sim. — ele respondeu e eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

—Então vá. — exigi.

Senti seus lábios no meu ombro, então senti seus dedos enfiarem meu cabelo atrás da orelha.

—Eu direi às garotas que você disse adeus. — ele ofereceu.

—Obrigado. — eu murmurei.

—Estou indo para o escritório.

—Ótimo. — eu disse.

—Você se sente bem, vamos ao Frank para o almoço.

Eu gemi novamente e entrei nos travesseiros.

—Não fale sobre comida. — sussurrei, ele riu e sua mão deslizou da parte inferior das minhas costas sobre a minha bunda.

—Descanse e depois pegue líquidos para você. — ele aconselhou.

—Mm. — murmurei.

—Só você poderia ser bonitinha de ressaca. — ele murmurou quando senti seu peso sair da cama.

—Não seja legal quando eu estiver de ressaca. — exigi.

—Por quê?—Joe parecia surpreso e divertido.

—Eu gosto de ser legal quando você é legal e agora eu não posso me mover. — expliquei.

Eu senti seus lábios baterem no meu pescoço e então eles voltaram para o meu ouvido.

—Você pode ser legal esta noite quando eu chegar em casa bêbado. Vamos começar com aquela coisa que você fez quando subiu no meu estômago e seguiu em frente.

Fechei os olhos com mais força quando as memórias me invadiram, bêbada e nua, subindo em cima de um Joe acordado e dando a ele um show de uma mulher se dando prazer. Um show que ele gostou tanto que acendeu a luz para assistir.

Meu corpo tremeu de vergonha.

—Ugh. — resmunguei.

—Porra, baby, nunca esqueça disso. Isso foi melhor que você molhada e batendo Susie Shepherd.

Eu levantei e virei minha cabeça, abrindo meus olhos para olhar para ele. Sua cabeça recuou com meus movimentos e vi que ele estava sorrindo enorme, o que significava que estava rindo por dentro.

—Vá embora, Joe!— Eu estalei e estremeci, mas a mão dele envolveu a parte de trás da minha cabeça, ele me levantou ainda mais, me beijou forte e de boca fechada e então me soltou.

—Descanse. — ele ordenou.

—Eu faria se você me deixasse em paz. — informei e ele apenas sorriu.

Então ele bateu na minha bunda levemente sobre as cobertas e saiu do quarto.

Desabei na cama e escutei Joe falar baixinho com as garotas. Então as ouvi saindo. Caí no sono feliz, novamente, não tendo ideia de que o escudo que Joe havia construído ao meu redor estava prestes a desmoronar.



Colt subiu as escadas da estação e viu a cabeça de Sully subir quando ele atingiu o topo. Então ele observou Sully sorrir.

—Feb estava tão bêbada quanto Raine quando chegou em casa? — Ele perguntou antes mesmo de Colt chegar à sua mesa.

Colt sorriu. Feb estava além de merda. Feb estava tão desperdiçada que mal conseguia se mexer. No entanto, ela não estava tão perdida que não pudesse usar sua boca, o que ela fez com resultados espetaculares, depois que ela beijou seu peito, sorriu para ele como se tivesse acabado de escalar o Monte Everest, em vez de chupá-lo, e depois prontamente desmaiou.

—É uma pena que Feb só tenha uma despedida de solteira. —Colt murmurou enquanto tirava o blazer e colocava-o nas costas da cadeira.

—Sim — Sully sorriu — festas de despedida de solteira são a minha parte favorita dos meus amigos se casarem.

Considerando que a esposa de Sully, Lorraine, era esmagada depois de um daiquiri e meio, Colt imaginou que Sully teve uma ótima noite.

—Estou fazendo uma corrida no Meems. — disse Sully, endireitando-se da cadeira enquanto Colt sentava na sua. — Você quer um café?

O Mimi's Café ficava a dois quarteirões de distância e o café dela era tão bom que você nunca dizia não quando alguém o oferecia.

—Sim. Cappuccino. — Colt respondeu quando seu telefone tocou.

Ele estendeu a mão e Sully pegou o blazer.

—Colton. — disse ele no receptor depois que colocou em seu ouvido.

—Colt ? Pryor. Nós temos uma situação. —ele ouviu Barry Pryor dizer, e parecia longe de ser feliz. Os olhos de Colt foram para Sully.

Sully viu o olhar neles e parou de se mexer.

—O quê? — Perguntou Colt.

—A noite passada foi sangrenta em Chicago. — respondeu Pryor.

—O quê? — Colt perguntou novamente.

—Alguém tentou matar Daniel Hart. Este golpe não conseguiu derrubar Hart, mas levou dois de seus melhores garotos. Hart não hesitou em vingar-se e dirigiu até a casa favorita de Sal Giglia, onde quatro de seus soldados foram

derrubados, sem mencionar uma garçonete e o barman que estão críticos.

Colt fechou os olhos e se recostou em sua cadeira, murmurando:

—Caralho.

—Você sabe sobre o nosso amigo? — Pryor perguntou e Colt abriu os olhos para ver Sully sentado na cadeira da mesa de Colt.

Colt sabia. Ele sabia que a irmã do avô de Cal casou com um Giglia. Ele tomou conhecimento que os Giglias eram uma turba de grande porte, não de nível baixo, escalão superior e eles foram por um longo tempo. Soube também que Cal trabalhou brevemente na segurança de Giglia durante a última guerra que Giglia teve com Hart. Ele sabia que Cal havia perdido seu primo para aquela guerra e levou uma bala protegendo Giglia durante a guerra. E por fim que Cal estava impaciente o suficiente para agir de forma imprudente e ativar a família.

—Sim. — respondeu Pryor.

—Bem, meu palpite é que Hart também. E que nosso amigo está perdendo a paciência. Então Hart saberá o que o nosso amigo está fazendo. — afirmou Pryor.

—O que seus meninos estão fazendo? — Perguntou Colt.

—Como você sabe, o capitão concordou e os Federais aprovaram, por isso estivemos nos negócios dele. Ele não tem gostado tanto assim. — respondeu Pryor.

—Ele colocou dois com dois e conseguiu quatro?

—Ele é um psicopata, mas não é idiota.

—Sal Giglia estava naquele restaurante ontem à noite? — Perguntou Colt .

—Sim, ele está bem, mas acho que também está chateado, o que significa que o terremoto sob Chicago mudou na noite passada e todos nós temos que esperar. — respondeu Pryor.

Colt suspeitou que ele não estivesse errado. Ele só esperava que o terremoto não atingisse sua cidade.

—Mais alguma coisa para relatar? — Perguntou Colt.

—A noite passada foi ocupada. Federais receberam os livros. —Pryor disse a ele.

Finalmente, boas notícias.

Ele olhou para Sully e disse:

—Eles pegaram os livros.

As sobrancelhas de Sully subiram, mas Pryor continuou falando.

—Eles têm contadores forenses combinados e um juiz em espera para um mandado.

—Quanto tempo isso levará?

—Eles estão acelerados.

—Isso não é uma resposta. — disse Colt.

—Meu palpite? — Perguntou Pryor.

—Coloque-o para fora. — respondeu Colt.

—Faça algumas chamadas. Eles estão trabalhando rápido, mas Hart trabalhará mais rápido. Isso não é mais sobre Vi. Isso é sobre retaliação.

—Certo. — disse Colt.

—Eu vou mantê-lo informado. Você faz o mesmo. — ordenou Pryor.

—Sim. Até mais tarde.

—Até mais tarde.

Colt colocou o receptor no gancho e, em seguida, torceu o blazer para pegar seu celular perguntando a Sully:

—Alguém na Vi esta manhã?

—Chris. — respondeu Sully. —Está tudo bem?

—Chame-o. Uma tentativa em Hart fracassada na noite passada, dois para baixo, Hart sobreviveu. Ele retaliou contra Sal Giglia e cinco foram mortos e as mortes foram desleixadas, eles pegaram uma garçonete e o garçom estão críticos. Giglia retaliará. Os Federais pegaram os livros. Está caindo.

—Isso explodirá aqui? — Sully perguntou, movendo-se rapidamente de volta para sua mesa.

—Meu palpite, e o de Pryor? Sim. Você liga para Chris, diz que precisa estar em casa atrás da fortaleza de segurança de Cal e que Chris fique grudado nela. Então você chama quem está com as garotas. Elas são tirados da escola e vão para casa. Temos alguém no Cal?

—Adam. — Sully respondeu, seu telefone no ouvido.

Colt rolou para baixo para Cal e fez a ligação. Ele colocou o telefone no ouvido e esperou, recebendo o correio de voz. Ele desligou e ligou novamente, e de novo recebeu o correio de voz.

—Foda-se — ele sussurrou enquanto esperava que a mensagem fosse apagada e ouviu o bipe. —Cal, Colt . No minuto que ouvir isso, me ligue. Merda caiu em Chicago na noite passada. Você, Vi e as meninas precisam estar em casa. Sully está falando com Chris, que tem Vi e estamos nos movendo para pegar as garotas.

Ele desconectou e rolou até Adam.

—Chris não está respondendo. — disse Sully e Colt olhou para ele.

—O quê?

—Chamei duas vezes. Nenhuma resposta. — Sully disse, o receptor ainda em seu ouvido.

—Connie — disse ele para a mulher que estava trabalhando no despacho —envie uma nota para Chris. Você se conecta, diz para ele seguir em frente, levar Vi para casa, fechar as portas e me ligar, nessa ordem. Ele pode informá-la depois que ele for informado.

Colt levantou-se e pegou seu blazer, chamando Adam no telefone. Ele começou a se mover para o andar de baixo e viu Mike descendo, então ele parou e levantou a palma para Mike, que deu uma olhada em seu rosto e parou.

Colt recebeu uma mensagem de voz.

—Foda-se!— Ele cortou, fechou o celular e se virou para Sully. —Eu irei para a escola. Você envie um texto explicativo para quem está com as garotas. Eu os encontrarei lá. Ele se virou para Mike. —Merda está soprando de Chicago. Você precisa ir ao centro de jardinagem.

—Foda-se!— Mike sussurrou, virou-se sem dizer uma palavra e correu pelas escadas.

Colt olhou para Sully.

—Encontre Cal.

Então ele correu atrás de Mike.



—Você encontrou Cal? — Perguntou Sal a seu menino.

—Correio de voz. — foi a resposta.

Sal olhou para ele e depois disse baixinho:

— Dê uma caminhada. Continue tentando. Diga-me quando conseguir. Até lá, os meus olhos não te veem.

Sal aceitou o aceno de seu menino que perdeu seu golpe, então o menino desapareceu e ele estava sozinho.

Sal pegou seu telefone, rolou para baixo e bateu CHAMAR.

—Sim. — ele ouviu uma resposta grogue de Vinnie.

—Você está vindo para mim ou eu estou indo para você, mas temos que nos encontrar e temos que fazer isso a dez minutos atrás.

Houve silêncio.

Então Vinnie disse:

—Estou chegando a você.

Sal fechou o celular.



Kate desarmou o alarme e abriu a porta. Ela entrou, Keira a seguiu e Colt seguiu Keira.

—Fique aí. — ordenou Colt gentilmente.

As garotas estavam apenas dentro da porta. Ele olhou por cima do ombro para Eric, que havia seguido as meninas para a escola e ficou por algum tempo para ter certeza de que as coisas estavam bem. Eric estava à paisana, de pé na varanda da frente e Colt deu-lhe um aceno de cabeça.

Eric acenou de volta, ficou de sentinela na porta da frente e Colt fez um passo a passo da casa.

A cama de Vi e Joe estava desarrumada, algo que o incomodava, considerando que as duas camas das garotas estavam feitas, não havia pratos na pia, nenhuma migalha no balcão, apenas um laptop roxo estava sobre mesa de café e um par chinelos estavam no canto. Além disso, tudo parecia em ordem. Vi mantinha uma casa arrumada. Não havia sinais de luta.

—Mamãe está aqui? — Kate perguntou quando ele retornou para a sala de estar.

—Ela estará aqui em breve. — disse Colt , embora soubesse e também as garotas que Vi não estava no centro de

jardinagem. Ela teve o dia de folga preparando-se para as possíveis consequências da festa de despedida de solteira de Feb. Ela não estava em casa, mas seu Mustang estava na garagem.

Colt olhou para Eric novamente e Eric saiu da porta.

—Aguardem aqui, eu já volto. — Colt disse para Kate e Keira e seguiu Eric. Uma vez que ele fechou a porta e levou Eric para o quintal, ele virou as costas para a casa e se aproximou. — Preste atenção. Ela se foi. A cama está desfeita, o carro está no caminho. Todos os olhos se voltaram para ela. Eu quero oficiais aqui. Roupas simples, caso as garotas os vejam. Porta a porta. Se viram Vi sair de casa, o que ela vestia, o que ela dirigia? Ela estava com alguém? Eles viram alguém suspeito? Cada casa. Eles não estão em casa, você chega em February, recebe os números de telefone e liga para eles no trabalho. Entendido?

Eric assentiu e foi para o seu carro. Colt correu para sua casa. Feb abriu a porta antes de estar do outro lado da rua. Ela parecia cansada e não bem, vestindo sua ressaca em seu rosto que Colt achou não menos lindo e em qualquer outro momento ele acharia hilário. Agora, não.

Quando ele chegou até ela, não disse oi.

—Ligue para Jackie. Ela vem pegar o Jack. Você vai para casa de Violet e espera com as garotas.

O rosto de Feb ficou ainda mais pálido e Colt observou a linha de seu corpo ficar estática.

—Esperar por quê? — Ela perguntou.

—Feb... — ele começou, mas não terminou. Seus olhos miraram a casa de Vi antes que assentisse e sem uma palavra apressada de volta para a casa.

Colt começou a correr pelo quintal quando o telefone tocou. Ele diminuiu a velocidade para uma caminhada, tirou-a do blazer, olhou para a tela, abriu-a e colocou-a no ouvido.

—O que você tem para mim, Sul?

—Chris e Adam para baixo.—As palavras soaram como se fossem arrastadas para fora da garganta do seu parceiro, e fizeram Colt parar bem no meio da rua.

—Abaixo como?

—Não sei. Ambos estão respirando, mas também estão em ambulâncias.

—Vi não está na casa dela. — informou Colt .

—Mike ligou. Ela também não está no centro de jardinagem.

—Ela não tinha um turno hoje.

—Sim, Mike conversou com Bobbie. — disse Sully, em seguida, assobiou —Porra, por que não soubemos disso?

—Onde Chris foi encontrado?

—Carro ao lado da estrada fora da cidade encontrado por um bom samaritano. Porta aberta. Rádio esmagado. Chris inconsciente em uma vala.

—Alguma ideia de por que ele estava lá?— Colt perguntou.

—Nenhuma pista, mas parece que ele não fez o seu turno. — respondeu Sully.

—Adam?

—Mike o encontrou.

—Onde?

—Mike saiu do centro de jardinagem e foi para o escritório de Cal. Ele encontrou Adam em seu carro do lado de fora.

—Cal?

—Nenhum sinal e sua assistente não está lá também.

—Luta?

Silêncio e Colt começou a andar novamente, seus olhos na casa de Vi, as duas meninas olhando pela janela para ele.

—Sully, houve sinais de luta?

— Colt ...— Sully parou de falar e Colt parou na calçada, virou-se com o lado para as garotas, mas se virou para o outro lado da rua para que as garotas não pudessem vê-lo quando ele reagisse ao que estava prestes a ouvir.

—Sully, me diga.

—Você é amigo de Cal.

—Sul...

Sully suspirou e falou rapidamente.

—Mike diz que é ruim. Legistas estão indo para a cena. Dois homens no local estão mortos. Mike não conhece nenhum dos dois, mas diz que não havia confusão entre os ferimentos de bala. Mike diz que preliminarmente parece com disparos de

alerta feitos para incapacitar, não para tirá-los, tiros para matar foram disparados quando eles não pararam. Mas ele diz que há muito sangue, o lugar está uma bagunça, parece que foi ruim e Cal não estava lá.

—Cal disse que manteria sua arma, e ele não estava com as meninas. — murmurou Colt .

—Alguma chance dele ter Vi com ele?

—As meninas dizem que saíram juntas esta manhã. Para a escola, Cal foi para o escritório. Kate disse que Vi estava de ressaca. Ele a deixou na cama. Algo a tirou daquela cama, mas ela não reagiu e também não fez nenhuma bagunça. Nada que parecesse que ela saiu com pressa.

—Cal não faria?

—Agarrá-la e ir embora? Não sem as garotas.

—Terei um homem na escola, caso eles apareçam. — disse Sully.

—Eu estou fazendo outra varredura na casa. — disse Colt, em seguida, perguntou —Onde está o Mike?

—Escalando as paredes sangrentas no escritório de Cal. — Sully respondeu, não sendo engraçado, sendo quase literal.

—Talvez seja melhor trancá-lo. — aconselhou Colt.

—Os garotos no caminho dele sabem, todo mundo sabe. O Sean está de folga hoje, mas o chamamos e ele está indo para o Mike.

Colt olhou para a casa e viu que as meninas não se mexeram.

—Eu tenho que entrar naquela casa. —disse a Sully.

—Sim. Eu sou o comando central a partir de agora. Você recebe qualquer coisa, você me alimenta.

—Entendi e o que você souber, alimente Pryor.

Sully não precisava concordar, ele faria isso. Em vez disso, ele disse:

—Enquanto você está olhando ao redor, reze.

Colt normalmente não tinha tempo para isso. Ele pensava que Deus não precisava saber de seus próprios negócios, mas com o que estava acontecendo e aquelas duas garotas olhando pela janela, ele arrumaria tempo.

—Desligando. — disse ele para Sully.

—Até mais tarde. — Sully respondeu e desconectou.

Colt se forçou a caminhar calmamente para a casa. Ele abriu a porta e as duas garotas não estavam mais na janela. Estavam na porta esperando por ele.

—Mãe? — Kate perguntou e Colt balançou a cabeça.

—Estamos procurando. Feb está chegando. Você pode fazer café?

Kate assentiu, mas Keira falou e o que perguntou fez Kate não se mexer.

—Onde está o Joe? Alguém ligou para ele?

Jesus. Como ele responderia a isso?

Merda.

—Nós ainda não encontramos Joe. — ele respondeu e Keira se virou para Kate, seu movimento brusco, em pânico.

Droga, onde diabos estava Feb?

Os braços de Kate deslizaram em torno de sua irmã, mas seus olhos permaneceram em Colt.

—Keira, vamos fazer café para o Colt.

—Mas... — Keira começou e Kate olhou para a irmã.

—Café. — ela sussurrou, o lábio de Keira estremeceu e então ela concordou.

Ambas foram para a cozinha e Colt foi para o quarto.

Ele ficou no centro do espaço e olhou em volta. Cama desfeita. Calça jeans no chão. Todas as roupas de Vi, incluindo sutiã, jogadas no chão em volta dos jeans de Cal. A parte de cima da cômoda estava arrumada, as gavetas todas fechadas, as roupas penduradas para fora como se tivessem sido retiradas às pressas e as gavetas fechadas. Algumas joias estavam no topo, mas havia mais na mesinha de cabeceira de Cal.

Ela tirou a roupa antes de deitar e bateu na cama ao lado de Cal, mas ele tirou as joias na noite passada, colocou na mesinha de cabeceira. Sua mesa de cabeceira tinha uma lâmpada, um livro e um pote de hidratante. Nada mais. Se ela tirasse as joias na cama, estaria na mesinha de cabeceira dela. Cal tirou isso dela.

—Fale comigo. —ele murmurou enquanto caminhava para a cama e viu.

As cobertas não foram jogadas para trás como você faz quando sai da cama. Era como se ela deslizasse debaixo deles. Colt caminhou até eles, levantou cuidadosamente uma borda das cobertas e viu um telefone na cama.

—Caralho. —ele murmurou e pegou o telefone. Ele abriu e foi para as chamadas recebidas. O último foi de Cal. Colt olhou para o relógio de cabeceira. Ela recebeu a ligação há pouco mais de trinta minutos atrás.

Ele olhou de volta para as roupas no chão.

Calça jeans, meias, saia, top, sutiã. Os olhos de Colt mirava em tudo, um par de sandálias que pareciam ser arrancada, ao lado da cômoda.

Cal usava camisetas e Colt contava que Vi usasse roupas íntimas.

Ele foi até as roupas e as pegou.

Nenhuma camiseta e sem roupa interior.

Ela colocou a camiseta de Cal e sua calcinha na noite passada.

—Caralho. —ele repetiu.

Ela estava com pressa. Com tanta pressa que ela nem se vestiu. Apenas puxou a camiseta de Cal, sua calcinha e saiu. Recebeu o telefonema enquanto estava na cama, desligou o telefone, deslizou para fora sem sequer tirar as cobertas, vestiu-se e foi embora.

Tudo o que Cal disse a ela fez seu movimento. Ou o que quer que alguém tenha dito para ela no telefone de Cal a fez se mexer.

Colt abriu o telefone, bateu no número de Sully e colocou no ouvido dele.

—Fale comigo. — disse Sully.

—Meu palpite é que ela veste uma camiseta de Cal, negra, sem usar sapatos. Ela deixou o telefone na cama.

—Como você adivinhou isso?

—As roupas de ontem ainda estão no chão, a calcinha dela está faltando, a camiseta de Cal está faltando e o telefone dela estava na cama. Eu não vejo Cal como um homem que pega suas roupas do chão. Vi pega, como faz Feb para mim, de manhã, quando ela se levanta. Ele tirou antes de ir para a cama como ele provavelmente sempre faz. Ela se despiu porque estava bêbada. Esta manhã ela recebeu uma ligação do telefone de Cal trinta minutos atrás. Ela pegou o que era prático e se moveu.

—Mas para onde? Eric disse que o carro dela está na garagem.

—Nenhuma pista.

—Precisamos ver se podemos rastrear o GPS em seu telefone, tem o seu número?

—Vou mandar uma mensagem para você.

—Faça rápido.

—Agora mesmo. Eu continuarei procurando.

—Não temos muito, só sabemos que Vi saiu rápido e está usando uma camiseta preta.— Soava como uma reclamação, mas Sully estava apenas reclamando porque estava preocupado.

—Coloque Pryor na linha. Eu quero o MO[30] de Daniel Hart. E faça ele ligar para o Sal Giglia. Esta é a família e Giglia poderia usar alguns favores com os policiais.

—Giglia tem problemas, ele precisa se concentrar.

—Os problemas de Giglia são com Daniel Hart. Ele coopera, sua guerra fica muito menos sangrenta.

—Você já ouviu falar de um homem grande na máfia sentado com policiais, família ou não?

—Não, mas eu ouvi sobre Giglia e sei que ele é imprevisível, ele tem bolas de metal e faz merda só porque o diverte. Talvez tenhamos sorte e isso o divertirá.

—Sim. —Sully concordou— Talvez tenhamos sorte.— Então Colt ouviu a desconexão.

Colt rolou para o número de Cal, memorizou e depois mandou uma mensagem para Sully.

Ele se mudou para o banheiro quando ouviu Feb falar "Olá" para as meninas, graças a Cristo.



[30] Modus Operandis – Forma de agir.

—Eu não quero ouvir essa merda. — disse Vinnie, sentando-se na varanda dos fundos de Sal, o café da manhã e os pratos de café de Sal na mesa, a maior parte da comida intocada, o café, porém, sumira.

—Vincent. — resmungou Sal.

—Algo acontece com Cal... — Vinnie começou.

—Tenho meus meninos. — declarou Sal, com o rosto fechado.

Ele estava trancado. Isso porque ele estava preocupado.

Sal era um idiota e Vinnie o odiava. Vinnie cresceu com ele e nunca gostou muito dele, mas quando Sal levou seu filho, o ódio começou. Mas Sal era um homem da família, você trabalhando para ele ou não. Ele sentiu o que aconteceu com Vinnie Junior e sentiu isso profundamente. Não foi apenas um dos seus rapazes que ele também considerava como família. Era simplesmente a família e isso foi mais profundo. Cal, o mesmo. Vinnie Junior era da família, ele era um dos garotos de Sal. Mas Cal também era da família e ele era esperto, inteligente, honesto e não dava a mínima. E Cal levou uma bala por Sal. Cal não era apenas uma família para Sal, Sal o respeitava. Isso era ainda mais profundo.

Essa merda cortou os ossos, além de Sal sobreviver no banho de sangue da noite anterior. Não foi Sal quem feriu o cão, mas era responsabilidade dele que o homem errou. Isso estava nele e ele sentiu isso.

—O que eu ouço, Hart não fode ao redor. Ele encontra seu alvo, a bala entra no cérebro. — observou Vinnie. Ele

odiava dizer isso, odiava até pensar nisso, mas era isso que ele sabia.

—Ele não acertará Cal. — Sal comentou.

—Ele vai...

—Ele não vai.

Os dois homens se encararam e então os olhos de Sal passaram pelo ombro de Vinnie.

—Você conseguiu Cal? — perguntou Sal e Vinnie se virou para ver um dos soldados de Sal parado em frente à casa.

—Não, mas os policiais estão no telefone. — respondeu o menino.

—Conversei com os policiais ontem à noite. Hoje tenho coisas para fazer. Você chamou Indianapolis como pedi? Alguém lá embaixo para mudar? —Sal pressionou e o rosto do menino ficou sólido. Ele estava trancado também.

Vinnie sabia porque quando ele falou.

—Eles estão atentos. Está tudo no rádio. Joe Callahan e sua mulher estão ambos desaparecidos. Policiais em algum lugar a quinze milhas a oeste de Indy estão à caça. Dois meninos atiraram nos escritórios de Callahan. A identificação preliminar das polícias de Chicago coloca as imagens no exército de Hart.

A bunda de Vinnie saiu da cadeira. Ele não ficou de pé, mas ele também não estava sentado.

—Meninas de Vi? —Ele perguntou e os olhos do soldado vieram para ele.

—O quê?

—Filhas da mulher de Cal. Elas estão seguras? —Vinnie explicou.

—Não ouvi nada sobre elas. — respondeu o homem.

—Descubra e diga aos policiais para irem se foder. — ordenou Sal e o homem olhou para seu chefe.

—Eles querem um encontro. Eles querem cooperação. Os federais estão na cidade e eles têm novidades para você. Eles dizem que acham que esse encontro poderia ser mutuamente benéfico. — disse o soldado a Sal.

Esta notícia foi chocante. A polícia de Chicago e Federais sentados com a família para fazer acordos mutuamente benéficos? Nesta bagunça, isso era um raio de luz. Theresa, se ela soubesse sobre isso, o que ela não sabia, consideraria um milagre.

Vinnie se forçou a sentar, forçou sua voz a um sussurro quando exigiu:

—Aceite o encontro.

Sal não tirou os olhos de seu menino e seu rosto não disse nada.

—Sal, pegue a porra do encontro — Vinnie continuou sussurrando —isso é sobre Cal.

—Diga a eles que nos encontramos aqui. — ordenou Sal a seu homem.



—Tina informou que viu Violet entrar em um Cadillac preto depois das oito horas. Ela disse que Vi não estava usando nada além de uma camiseta e estava sem sapatos. Que Vi saiu correndo de casa, o cadillac estava na rua, a porta foi aberta, ela entrou e o carro decolou. —Eric disse a Colt e Colt propositadamente manteve os olhos de ir para a casa de Tina. Se eles olhasse para a casa de Tina, ele sentiria a necessidade de caminhar até lá e sacudi-la até que seus dentes quebrassem.

—Aquela puta sabe que Violet tem uma situação, porra! A cidade inteira sabe, e Vi está pulando em carros vestindo nada além de uma camiseta e ela não disse nada até que eu batesse em sua maldita porta, uma hora depois que Vi foi levada. — Eric continuou, sua voz vibrando e Colt sabia que ele tinha pensamentos semelhantes em sua cabeça sobre Tina.

Colt mordeu o lábio, em seguida, ele perguntou:

—Ela viu Cal?

—Não, mas ela relata que um caminhão preto estava atrás do cadillac.

—O caminhão de Cal está em seu escritório. — informou Colt a Eric.

—Ela diz que não era o caminhão dele. Um SUV. Escalade.

—Ela pegou a placa?

—Disse que não estava prestando tanta atenção.

Colt sabia que isso era mentira. Ela estava prestando atenção não apenas na placa.

—A patrulha da estrada foi notificada? — Perguntou Colt.

—Sim. — respondeu Eric.

—E Lindy?

—Ela não está em casa. O homem dela diz que trabalha das sete às quatro.

—Ela estava no escritório. — sussurrou Colt .

—Sim. Ela estava no escritório. — repetiu Eric.

—Pryor diz que o MO de Hart não é para machucar. Vai para matar. — Colt observou.

—Ele pode tê-lo feito no SUV, mas ele não o fez nos escritórios. O sangue era dos homens que Cal matou. — comentou Eric.

Colt chamou.

—Estive nos escritórios da Cal. Lindy fica na frente. Cal tem uma sala atrás, não usa muito, mas tem. Eles entraram, Cal lutou, mas chegaram até ela e de alguma forma conseguiram usar Lindy como alavanca. Isso significa que eles provavelmente têm Lindy e Cal. Eles pegaram seu telefone, ligaram para Vi enquanto estavam sentados na frente de sua casa. Ela sabia, a ligação vinha do telefone dele, a merda tinha caído e ela não pensou, marido morto, irmão morto, ela apenas agiu e ela fez isso de ressaca e rápido, fazendo exatamente o que lhe foi dito.

Eric balançou de volta em seus calcanhares e disse baixinho:

—Sim, acho que sim.

Colt olhou por cima do ombro para a casa de Vi. Feb estava lá e agora também Cheryl. Ele olhou para a rua, viu o carro de Jessie estacionar na calçada em frente à casa de Vi. Então ele olhou para a rua e viu o jipe de Josie Judd indo em direção à casa.

—Vamos torcer para que ele saia do MO. — Colt murmurou quando Jessie saiu do carro, jogou a porta também e caminhou um pouco até a casa.

—Eu já estou esperando. — Eric murmurou de volta.



—Droga.— Benny murmurou quando os carros que ele seguia se separaram. O caddie preto que Benny sabia que estava carregando Violet foi para um lado. O SUV preto que Benny imaginou estar carregando Cal foi para o lado oposto.

Benny tomou uma decisão e seguiu Cal. Se seu primo ainda estivesse vivo, eles o levariam para onde queriam que ele estivesse, ele não ficaria assim por muito mais tempo. Violet teria uma chance melhor.

Benny fez a curva e seus olhos foram para o espelho retrovisor.

Frankie era uma louca na perseguição. Ele a viu desde a saída de Chicago quando saiu às quatro da manhã.

Benny tomara a decisão de dirigir-se ao bairro de Cal quando repetidos telefonemas não foram atendidos. Ele não tinha escolha. Era um inferno dirigir até lá, mas Cal precisava ser avisado.

Frankie estava seguindo em alta velocidade pelas últimas sete horas, por toda Indiana e, uma vez lá, vendo o que ele viu, então todo o caminho de volta. Ele tinha que gastar metade do seu tempo mantendo-se invisível e a outra metade, certificando-se que ela estaria do mesmo jeito.

Ele observou-a deixá-lo e seguir o caddie.

—Porra!— Ele explodiu, marcou seu telefone no assento ao lado dele, rolou para baixo para o número dela, que ele pretendeu apagar cerca de sete dúzias de vezes nos últimos sete anos, mas não só não tinha feito isso, como programou seus novos números nas três vezes que conseguiu.

Ele estava bem com ela em sua bunda e ele a deixou fazê-lo. Quando ela continuou sozinha, que ele não ficou bem com isso.

Ele bateu e ela respondeu:

—Olá?

—Pare, Frankie. — ele rosnou.

—Ele tem a mulher. Você está no Cal, eu estou nela. —ela disse, sua voz calma.

Jesus, ele esqueceu isso sobre ela. Francesca era uma porra de merda. Nada a assustava, não antes que a vida se tornasse assustadora. Atitude misturada com idiotice

destemida e um monte de não saber o que diabos ela está fazendo. Não é uma boa combinação. Cristo.

—Fique ... *porra* ... parada. — ele repetiu.

—Benny, eu não farei nada. Ligarei para o Sal, ele mandará ...

Ele a cortou.

—Você conheça a localização, você chama Sal, e dá o fora.

—Eu ficarei, ficarei de olho. — ela respondeu.

—Você dará o fora daqui. — ele estava novamente se repetindo.

—Eu ficarei bem e eles não me verão. — disse ela.

—Mulher, você não tem ideia do que está fazendo. Eu sei que você está na minha bunda desde o pedágio.

Ela ficou quieta e depois disse:

—Oh, bem. — então ela parou de falar.

—Oh bem? — disse Benny.

—Ben...

—Eles são estúpidos o suficiente para deixar você saber a localização deles, você informa Sal e dá o fora daqui.

—Ben...

—Eu tenho as coisas em minha mente, querida, e eu não preciso de você também sendo uma delas.

Ela ficou quieta novamente e depois disse:

—Ele não pegará outro de nós.

Porra. Agora ele sabia onde a cabeça dela estava. Isso foi sobre Vinnie. Isso foi sobre Cal. Isso era sobre Frankie ser uma família, mesmo que a família desse as costas para ela.

—Frankie...

—Ele tomou o suficiente de nós.

A voz de Benny foi suave.

—Francesca, querida...

—Você não faz nada estúpido. Você chama o backup também.

—Baby...— ele disse para ninguém. Ela desconectou.

Porra do *inferno*.

Ele rolou para baixo para o número de Sal em seu telefone e ele o chamou.



—Você não acha que teria de me dizer essa merda quando viu a mulher entrar naquele carro? — Perguntou Sal a Benny, que estava ao telefone.

—Você fez essa bagunça. *Você* acha que eu não estava disposto a te ligar para limpá-lo? —Benny perguntou de volta.

Porra, mas apenas Benito Bianchi falaria com ele dessa maneira. Até Cal tinha respeito. Benny jogou o jogo antes de seu irmão entrar, desde então ele não deu a mínima.

A porra dos Bianchis. Sempre uma dor na sua bunda.

—Eu estava em Indiana, Sal, o que você faria?— Benny continuou.

—Organizar a captura dos fodidos. — Sal respondeu, em seguida, ordenou—Desista.

—Ele está lá na duração dessa ligação e eles também têm a garota. Sangue em ambos, Sal, ela não parecia muito bem. Eu entrarei.— disse Benny.

—Os policiais e federais acabaram de sair da minha casa. Eles querem isso. Mal. Deixe-me chamá-los para que consigam os federais nele.— exigiu Sal.

—Eles precisam se apressar. Estou indo. —Benny retornou.

—Benny. — disse Sal a um telefone morto.

Ele fechou a porta e teve dificuldade em pegar os olhos de Vinnie. Ele não precisava olhar para seu primo para saber que ele mal mantinha a calma em seu assento.

Ele foi salvo de ter que dizer alguma coisa quando seu telefone tocou e ele viu na tela que era Frankie.

Ele abriu.

—*Amata*, agora não é a hora.

—A mulher de Cal está na casa de Hart .— informou a ele e Sal ficou imóvel.

—Como você sabe disso? — Perguntou Sal.

—Porque eu estou...

Ela não terminou. Em vez disso, soltou um pequeno grito e a linha ficou morta.

Capítulo Vinte e Um

Descalça

Cal assistiu o tonto atirar Lindy de lado, ela bateu no chão e saiu derrapando, deixando um rastro de sangue.

Ele ficou em pé, silencioso e imóvel, seus olhos se movendo de Lindy para atacar os dois meninos que os tinham. Eles estavam em boa forma, magros e em boa forma. Nem tão grande quanto Cal, nem quase tão alto, e um tão magro que era quase desprezível. Poderia significar que ele era astuto, ou que Cal estava com sorte.

Suas mãos estavam atrás de suas costas em restrições de plástico que eles apertaram demais e eles fizeram isso porque eles estavam chateados após o tiroteio e chateados por ele ter derrubado dois de seus meninos, mas eles estavam claramente seguindo as ordens para que não estourasse seu cérebro no local. Durante o passeio, as restrições haviam penetrado fundo, esfregando-as, rasgaram sua pele.

Ele tinha uma ferimento de bala no quadril direito e logo abaixo do ombro esquerdo. Ambos tinham sangrado muito,

mas o sangramento havia parado e a dor incômoda era fácil de ignorar.

Isso porque sua mente estava focada em três coisas. Ele precisava sair disso vivo. Ele precisava tirar Lindy viva dessa. E ele precisava encontrar Vi e levá-la para casa para suas meninas.

Como ele faria tudo aquilo sem armas e com as mãos amarradas nas costas, ele não tinha a mínima ideia.

Por que ele ainda estava vivo, também não tinha a mínima ideia. A única coisa que ele imaginava era que Hart queria brincar com ele, torturá-lo.

Não era bom.

—De joelhos. —um deles ordenou, Cal olhou para ele e não falou nem se mexeu. —Joelhos!— O homem gritou, estreitando os olhos, dentes cerrados, os lábios franzidos, dando-o de volta.

Ele tinha a arma e Cal estava em restrições, mas Cal o intimidava. Ele não era astuto. Ele sobreviveu a um tiroteio onde Cal derrubou dois de seus homens. Ele estava chateado e com medo. Ele sabia que Cal não facilitaria as coisas e ele queria acabar isso.

Os olhos de Cal foram para Lindy. Eles atiraram nela na coxa, razão pela qual ambos estavam lá.

Não, essa não era a razão pela qual eles estavam lá. Ele atirou em dois homens mortos, abrindo caminho para ela fugir

e ele ordenou que ela saísse pela porta dos fundos enquanto ele dava cobertura.

Em vez disso, ela foi até o cofre, pegou uma arma e tentou entrar na luta, sem deixar Cal pra trás no escritório, com quatro homens armados, todos disparando, dois homens já caídos e Cal sofrido dois ferimentos que pareciam muito pior do que realmente eram, embora ela não soubesse disso.

Então eles a pegaram antes que eles pegassem Cal e colocaram uma bala em sua coxa, em seguida, levantaram a arma para sua têmpora.

Então eles pegaram Cal.

A mulher era uma recepcionista glorificada e uma contadora, mas também era filha de um fuzileiro condecorado que tinha três filhos, uma filha. Ficou claro naquele dia que o pai de Lindy não discriminava sexualmente quando se tratava de lições de vida.

Semper fi[31],porra.

Depois que ele assegurou que ela ia deixar este prédio respirando, ele pagou o co-pagamento por ela em sua visita ao hospital e ele sabia que ela andaria de novo, ele iria demitir sua bunda.

—Joelhos!— O homem gritou novamente, ele veio em Cal e era agora ou nunca porra. Se ele se ajoelhasse, ele teria uma bala no cérebro.

[31]Semper fi ou semper fidelis é uma expressão em latim que significa “sempre fiel”.

Ele rezou para Deus que Lindy estivesse consciente, porque alguém teria que encontrar uma maneira de cortar as restrições depois que ele, de alguma forma, os derrubasse com as mãos amarradas às costas.

O homem se aproximou e Cal foi se excitando por acreditar que ele fez isso estupidamente, se movendo na frente do outro. Cal o deixou chegar perto e no último minuto ele mergulhou um ombro e arrastou o traseiro. Ele pegou o homem no estômago com o ombro, o homem soltou um "*oof*" surpreso e sem fôlego e caiu sobre o outro. Quando eles atingiram o segundo homem, Cal continuou se movendo. Os dois homens bateram na parede, Cal recuou, em seguida, moveu-se novamente, pegando o da frente com um joelho afiado para as bolas.

Ele largou a arma, fez aquele barulho de vento novamente e dessa vez até machucou Cal por ouvir, considerando que ele fez isso. Suas mãos foram entre as pernas e ele imediatamente caiu de joelhos.

O outro se recuperou e começou a levantar a arma, mas Cal foi mais rápido. Movendo-se, ele bateu a cabeça nele. O homem levou o golpe na cabeça duas vezes, a frente de Cal e depois contra a parede na parte de trás.

Ele soltou um uivo enquanto piscava, mas Cal se moveu de novo, girando, plantou um pé e levantou a outra perna. Conectando-se com a bota , Cal o chutou com uma "voadora" para longe na parede.

Indo rápido, Cal se recuperou, se aproximou então torceu a parte inferior do corpo. Ele cortou o homem com um bezerro em volta dos joelhos e o homem caiu. Então Cal chutou, bota direto para o rosto e viu sua cabeça e pescoço empurrando para trás, como fez seu torso. A arma voou, mas Cal permaneceu focado e apontou uma bota para sua virilha. Este conectado, também afiado, mas desta vez vicioso, e o homem gemeu quando ele se curvou para frente imediatamente, joelhos para cima, formando uma bola do tamanho de um homem.

A atenção de Cal voltou-se para o outro que ainda não havia se recuperado, mas Cal não hesitou. Ele precisava deles incapacitados. Cal aterrou outro chute depois outro, a força dos golpes mandando o homem rolar. Braços, rosto, espinha, intestino, costelas, qualquer alvo que ele pudesse conseguir, repetidas vezes, Cal seguindo-o enquanto ele rolava.

Ele ouviu um tiro, seu corpo sacudiu e ele girou ao redor.

Lindy estava de pé, equilibrando-se em um pé e segurando uma arma fumegante em duas mãos ensanguentadas.

—Não, *porra, se mexa*!— Ela gritou, seus olhos estavam selvagens e eles estavam no outro homem que estava em um antebraço, a outra mão ainda segurando sua virilha, mas seus olhos estavam colados à arma que ela tinha em sua face.

Eles tinham sido estúpidos para discriminar sexualmente. Eles deveriam tê-la contido também. Então, novamente, capturada ela foi dócil e agiu com medo. Ela até

conseguiu alguns gemidos aterrorizados na longa viagem até Chicago. Claramente falsos.

Cristo, ele tinha GI[32] Jane como sua recepcionista.

—Jesus, Cal, você não deixou nada para eu fazer. — Cal ouviu a voz de Benny e ele, Lindy e o homem para baixo, mas não choramingando, olharam para Benny, que passeava casualmente pela sala como se estivesse andando pela Pizzaria. Ele tinha uma arma na mão e um sorriso louco de filho da puta no rosto.

—Que porra é essa?— Cal sussurrou, mas Benny levantou a arma e apontou para o rolo.

—Acho que você deveria ficar parado. — Benny sugeriu para ele e parou perto de Cal, seus olhos não deixando o homem no chão.

—Como eu disse, que porra é essa?— Cal ignorou o homem e olhou para Benny.

—Frankie veio ligando cedo com informações. Não consegui falar com você no seu celular, então vim pra você. Estive te seguindo desde Indiana. —Benny respondeu, sua mão foi para o bolso da frente e ele saiu com um pequeno canivete. —Você — disse ele para Lindy —manque até aqui e corte as amarras de Cal.

Cal assistiu Lindy fazer como lhe foi dito e mancar em direção a Cal e Benny, mantendo seus olhos em seu alvo e sua arma para cima enquanto ela arrastava sua perna com ela. Ela

[32]G.I. são iniciais usadas para descrever os soldados do Exército dos Estados Unidos e aviadores das Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos

pegou o canivete, abriu e cortou as amarras. No minuto em que ele foi libertado, ele puxou a arma de sua mão e a mirou em seu homem.

—Da próxima vez que as balas estiverem voando e eu disser as palavras, *"saia pela porta dos fundos"*, você sai pela porra da porta dos fundos— Cal disse.

—Se houver uma próxima vez, Joe Callahan, eu me demito. —Lindy retrucou.

—Não posso parar de ver como será a porra da sua demissão. — Cal retornou.

—Crianças, podemos ter este doméstico em algum lugar no caminho para Violet?— Benny perguntou e a cabeça de Cal se virou para ele.

Então ele caminhou até o homem que deu uma olhada em seu rosto e começou a andar de costas, como um caranguejo, de quatro. Sem hesitar, Cal fez uma rodada de tiros em cada uma de suas coxas, o que o fez parar de andar como caranguejo e começar a gritar de dor.

Cal ignorou isso e se virou para o homem dois que estava lutando na direção da arma solta, mas Cal chegou até ele, chutou-o no peito, então ele caiu de costas e Joe perfurou outra rodada em cada uma de suas coxas.

Então ele caminhou até a arma, a pegou e entregou a Lindy em seu caminho para fora da porta. Ele ouviu Benny ajudando Lindy e seguindo. Ele foi direto para o Escalade e atirou nos quatro pneus. Então ele caminhou até o Ford Explorer de Benny.

Quando eles estavam todos dentro e Benny estava na estrada, Cal no lado do passageiro, Lindy vasculhando um kit de primeiros socorros atrás, Cal perguntou:

—Você sabe onde ela está?

—Não, mas eu sei onde Hart vive. — respondeu Benny.

—Bom. — Cal olhou para fora do para-brisa. —Vamos começar por lá.

—Você não acha que devemos começar por deixá-la no hospital? — Benny sugeriu.

—É apenas uma ferida na carne. — Lindy retrucou.

Foda-se. Uma ferida na carne.

Em seu próximo formulário de pedido de emprego, haveria a pergunta: “O que seu pai fazia para viver?” E se um candidato preenchesse “Marine”, “Policial” ou “Comando”, ele estava despachando.

Benny olhou para ele e Cal viu seus lábios se contraindo.

Então Benny murmurou:

—Acho que estou apaixonado. Onde você as encontra?

—Apenas dirija.— Cal rosnou.

Ao longe, três carros esquadravam, as sirenes gemiam, as luzes piscando, um convite inicial para que os captores de Cal e Lindy entrassem nos negócios, se já não tivessem feito isso.

Cal arranhou uma palavra com Pryor em sua lista mental para fazer.

Os esquadrões voaram e Benny continuou dirigindo.

—Não para lhe dar uma má notícia em cima do que não foi um dia tão bom para você, *cugino* — disse Benny —mas Sal fez um acordo com os policiais e quando eu liguei para ele dez minutos atrás, ele me disse que estava enviando-os para o resgate.

—Eu não tinha tempo para esse resgate. — observou Cal. —Eles me queriam de joelhos.

Cal assistiu Benny acenar e então Benny falou.

—Vamos torcer para que eles vejam a bagunça que você deixou, eles se sentirão lenientes vendo como eles queriam você de joelhos. Eu sou um homem, a maioria dos policiais são homens, todos nós entendemos porque você não gostaria de ficar de joelhos.

Cal olhou para seu primo.

—Benny, eles me queriam de joelhos para que pudessem perfurar meu crânio.

—Por que eles te levaram até Chicago para fazer isso?

—Como saberei?

Benny ficou em silêncio por algum tempo e depois murmurou:

—Graças a Cristo que te trouxeram.

—Depois que resgatarmos a sua namorada — Lindy disse —posso tomar um café? No momento em que aqueles idiotas invadiram o escritório, eu estava apenas na metade do café número um. Por esta altura, eu geralmente estou no café número dois e eu preciso de uma porra de reforço.

Cal não estava com vontade de rir, mas isso não significava que ele não sorriu.

—Claro, Lindy, nós vamos te dar um café no caminho para o hospital depois que resgatarmos a minha namorada.

—Não, tenho o meu cinto, mesmo que a bala tenha sido limpa e eu não acho que esteja sangrando mais. Você pode simplesmente me levar para casa. Papai vai me costurar. —ela disse, e Cal fechou os olhos e se perguntou como era o namorado de Lindy.

Cal teve problemas suficientes para foder Vi. Mesmo sabendo que ela gostava daquele jeito, ela também sentia vontade de vir por cima, e Vi era uma mulher, mas como Keira ainda assim toda garota. O que ele aprendeu sobre Lindy naquele dia, ela provavelmente estava preparada para lutar até a morte para assumir a posição de dominadora e montar seu homem. Cal imaginou que o homem aprendera a relaxar e aproveitar o passeio.

Ele ouviu Benny rindo antes de ouvir:

—De novo, *cugino*, onde você as encontra?

Cal abriu os olhos e respondeu:

—O pai dela é um fuzileiro naval.

—Ah. — respondeu Benny.

Cal cansou de conversa fiada.

—Eles enviaram seis homens atrás de mim. Eu tirei dois em meus escritórios. Dois vieram conosco. Dois em outro carro, onde suspeito que levaram Vi.

—Eu os vi. — Benny disse calmamente — Haviam dois.

—Enquanto você olhava, viu mais alguma coisa? — Perguntou Cal.

—Como o quê?

Cal não queria saber, mas ele precisava saber.

—Kate e Keira.

—Eu bati em sua casa primeiro, tudo estava quieto, o carro de Violet na garagem, Vi atrás de seu sistema de segurança. Eu a deixei lá pensando que ela estava segura, mas não, seu carro não estava lá, então fui ao seu escritório para lhe dar as informações. Quando eu cheguei, eles estavam movendo você para fora. —Benny sacudiu a cabeça para o banco de trás .

—O nome é Lindy. — Lindy se apresentou.

—Hey Lindy, Benny. —Benny apresentou de volta.

—Muito prazer. — Lindy murmurou e Cal ouviu o cansaço repentino em seu tom, misturado com um pouco de dor que ela não conseguiu esconder. Término da adrenalina. Eles precisavam ficar de olho nela.

Cal torceu em seu assento para olhar para uma pálida, mas pendurada Lindy enquanto Benny continuava falando.

—Eu os segui do seu escritório de volta para sua casa. Eles estavam lá talvez três minutos antes de Vi sair correndo da casa e entrar no carro e então seu comboio pegou a estrada. Sem as garotas.

Isso não significava que alguém não as tinha.

—Nós tínhamos proteção. — disse Cal a Benny quando ele se virou para a frente. —Não foi firme, mas há uma possibilidade de que haja mais homens de Hart porque, se Colt tivesse homens em nós, alguém teria que tirar esses meninos.

—Vi um homem em um carro fora de seu escritório. Ele não parecia muito bom. Os caras que te pegaram provavelmente o derrubaram. Nada que eu pudesse ver na casa de Violet.

—Eles ainda poderiam ter as meninas. — Cal murmurou, em seguida, afirmou: —Mas pelo menos isso significaria que Vi tem as duas com ela. O que você sabe sobre a casa dele?

O celular de Benny vibrou, ele se inclinou para frente e alcançou o bolso de trás quando terminou:

—Conto sobre a casa em um segundo. Agora você precisa saber que Frankie me seguiu. Quando os carros se separaram, eu segui você, a louca da Frankie seguiu Vi.

Cal olhou para o perfil de seu primo e sussurrou:

—Você está me sacaneando.

—Não. — ele respondeu e Cal sabia que, mesmo com uma palavra, Benny estava chateado e preocupado. Então Benny abriu o telefone e colocou no ouvido. —Sal, eu tenho Cal. Ele está bem. Frankie ligou para você?

Benny ouviu Sal por aproximadamente três segundos antes de afundar o pé no acelerador, o SUV ser lançado para frente, ele fechou o celular e o jogou no painel.

Então ele sussurrou:

—Vi está na casa de Hart e ele também tem Frankie.

—Sal chamou a polícia? — perguntou Cal.

—Não sei, não me importo, não perguntei, não esperei por uma resposta.

Cal estudou Benny e viu com clareza que seu primo estava agora em uma missão.

Em circunstâncias normais, Cal questionaria essa resposta, considerando que Benny odiava Francesca. Todos os Bianchis odiavam, exceto Carm, que morava em Los Angeles, e Cal, que não morava em nenhum lugar há dezessete anos.

Ele não questionou essa resposta, no entanto, porque ele estava apenas feliz, Benny finalmente conseguiu a liderança.

Ele se inclinou para frente e pegou o telefone de Benny, sentou-se e discou o telefone da casa.

Feb respondeu com um cauteloso:

—Olá?

—Feb, Cal. Você tem as meninas?

—Cal. — ela sussurrou, alívio tão forte em seu tom que era uma coisa fisica vindo sobre as ondas do celular. Então ele ouviu comoção atrás dela.

—Feb, as meninas. — Cal instigou com um grunhido impaciente.

Nenhuma resposta então Colt.

—Cal?

— Colt, as meninas estão aí, porra?

—Elas estão aqui. Seguras. Assustadas. Embora as coisas se animaram no minuto que Feb disse o seu nome. Onde está você?

—Chicago. No meu caminho para pegar Vi.

—Ela está bem?

—Ela estará.

Uma pausa, então:

—Fale comigo.

—Hart a tem em seu lugar. Estamos indo para lá.

—Você sabe disso com certeza?

—Informação de Sal.

—Sal fez um acordo com Pryor. Isso significa que Sal disse aos policiais onde Vi está?

—Não sei, não perguntamos e não temos uma linha para Pryor. Eles estando ou não lá, não estão com ela, estou indo.

—Cal, deixe-me chamar Pryor.

—Ela não está fora, eu entrarei.

—Cal...

—Faça suas ligações. — ordenou Cal e depois desligou o telefone.



Olhei pela janela para o lindo gramado e jardim de Daniel Hart. Ele tinha uma piscina que Keira adoraria.

—Violet. — eu o ouvi dizer e me virei.

Ele estava andando na minha direção, sorrindo e segurando um copo de água e o que parecia ser um robe de seda verde-claro estava pendurado em seu antebraço.

—Eu trouxe-lhe aspirina e água para a sua ressaca. — ele me disse quando os apontou para mim.

—Obrigado. — sussurrei e peguei o copo e as pílulas dele.

—Uma túnica —ele ofereceu a seda verde para mim — você pode tirar essa camisa.

Minha escolha? Eu usaria a camisa de Joe até que ela caísse de mim.

Mas eu não tenho mais escolhas.

Joe estava morto e eu estava aqui.

Era isso. Essa era a minha vida.

Joe estava morto e eu estava aqui.

Joe estava morto.

Joe estava morto.

Voltei para a janela e olhei para fora.

—Violet. — ele chamou.

—Sim? — Eu disse para a janela, mas ele não falou mais por longos momentos.

Então ele disse:

—Eu vejo que você precisa de algum tempo.

Sim, seu maldito lunático! Eu preciso de um pouco de tempo! Minha mente gritou.

—Isso seria bom. — sussurrei não olhando para ele. Eu sabia como ele era. Cabelo castanho, não claro, não escuro. Olhos cor de avelã. Musculoso e magro. Calças agradáveis, vinco afiado. Cáqui. Uma camisa polo de manga comprida. Borgonha. Legal também. Totalmente louco pra caralho.

Eu o tinha, naquela roupa, me dizendo calmamente e sem nenhum arrependimento que sentia muito, que Joe estava morto e apagado no meu cérebro pelo resto da minha vida.

Eles me disseram no telefone, que se eu fosse com eles, deixariam Joe viver.

Eles mentiram.

—Mudança, eu volto em algum tempo e compartilharemos um almoço tardio. — ele murmurou, mas eu senti ele lá, ele não se mexeu e nem eu, antes que ele continuasse. —Estou feliz que você tenha tomado essa decisão, Violet.

Foi então que me virei e encontrei seus olhos.

—Você matou meu marido, meu irmão e Joe. Eu tive uma escolha?

—Violet...

Eu me virei, joguei as pílulas no chão e tomei um longo gole da água.

—Você deveria tomar a aspirina, Violet. Isso ajudará...

Eu me virei para ele novamente.

—Você honestamente acha que eu consumiria as pílulas que você me deu?

Ele parecia chocado antes de afirmar:

—Eu nunca machucaria você.

Com aquelas palavras impressionantes, loucas e inacreditáveis, sem pensar, perdendo, me inclinei em seu rosto e gritei:

—*Você matou Joe*!

Eu assisti seu rosto começar a ficar duro, mas parei de assistir quando nós dois viramos para a porta depois que ouvimos:

—Danny.

Um homem estava parado ali, um dos dois que esteve no carro comigo durante a viagem mais longa, mais desconfortável e mais aterrorizante da minha vida. O tempo todo eu senti como se fosse vomitar não só por causa da minha ressaca, mas por causa da minha vida e o fato de que eu sabia que eles nunca poderiam ter o telefone do Joe sem ter o Joe. Eu não sabia o que eles tiveram que fazer para chegar a um homem como Joe. Eu só sabia que não era bom.

—Eu estou no meio de alguma coisa. — disse Hart ao seu lacaio.

—Nós temos uma situação. —seu capanga respondeu e Hart olhou para ele parecendo infeliz, então se virou para mim.

—Mude. — ele ordenou.

—Você vai me matar se eu não fizer? —rebati.

Ele se inclinou para frente e gritou:

—Mude!

Eu me inclinei para frente também, longe demais para ler o aviso por trás da rápida mudança de humor do Sr. Charme para o Sr. Machão e gritei:

—Foda-se!

—Danny! Pelo amor de Deus, estamos numa situação. — repetiu o lacaio.

Hart não se virou para ele. Em vez disso, ele me disse:

—Eu recomendo que você, em breve, seja esperta.

—E eu recomendo que você vá se foder. — eu respondi e, de repente, eu estava em minhas mãos e joelhos. Isso foi porque ele me deu uma bofetada.

Eu nunca fui atingida, não na minha vida e doeu. Eu fiquei parada, piscando a dor e senti ele se inclinar sobre mim.

—Mude. — ele sussurrou então senti sua presença se afastar.

Eu não me mexi enquanto esperava a dor desaparecer e então decidi que não ia mudar. Foda-se ele. Foda-se ele. Foda-se *ele*!

Eu fiquei de pé e respirei profundamente. Então eu olhei para a piscina e olhei para ela por um longo tempo.

Então eu decidi que minha linda filha Keira nunca enfiaria nem o dedão dela naquela piscina.

Eu não sabia como sairia disso, mas teria que sair disso. Eles podem não levar alguém andando na sua rua e enviando presentes muito a sério, mas com certeza vão levar o sequestro.

Aquele idiota estava afundando.

E eu continuaria com a minha vida. Novamente.

Sem o Joe.

Eu deveria ter feito como Theresa e tirado fotos, muitas fotos. Fotos dele dormindo. Fotos dele com as garotas. Fotos dele bebendo café. Cortando a grama. Assistindo TV. Fotos dele respirando.

Joe estava tão errado em se livrar de suas fotos de Nicky. Eu precisava de fotos. Eu precisava das memórias. Muitas delas.

Eu só tinha uma foto dele. Aquele com ele e Nicky já na minha prateleira de pessoas amadas e mortas.

Bem, pelo menos isso foi uma economia de tempo. Eu não teria que movê-lo.

Eu ri, o som era áspero e a sensação disso mordeu minha garganta.

Então senti uma lágrima deslizar pelo meu rosto.

Minha mente mudou para minhas filhas. Eu não sabia que horas eram, mas elas saberiam quando chegassem em casa que algo estava errado. Então elas descobririam que Joe nunca voltaria para casa. Então eu teria que encontrar uma maneira de juntar os pedaços de nós mais uma vez.

Senti outra lágrima deslizar pelo meu rosto, mas desta vez coincidiu com um soluço subindo pela minha garganta.

Eu engasguei e coloquei a mão no vidro enquanto minhas pernas começaram a tremer porque eu sabia que estava sem nenhuma cola emocional. Isso me quebrou. Eu sabia. Eu senti. Estava quebrada. Não havia braços fortes para me segurar. Nenhum corpo grande e duro para subir na cama e me segurar. Não dessa vez. Nunca mais. Não... nunca... novamente.

—Vamos nos mover. — ouvi uma voz impaciente dizendo e me virei para ver um dos capangas de Hart se aproximando de mim.

—O quê?— perguntei.

Ele não respondeu. Ele agarrou meu braço e me arrastou para fora do quarto.

Larguei o roupão quando saí.



—Eu sou Frankie. — ela sussurrou.

—Eu sou Violet. — eu sussurrei de volta.

—Mulher de Cal. — ela disse e eu engoli.

—Sim. — eu respondi e essa única palavra quebrou porque eu estava, por um período curto e glorioso de tempo, onde eu e minhas meninas pudemos fazê-lo sorrir, fazê-lo rir, dar a ele o que ele sempre quis.

Inferno, apenas naquela manhã ele estava me provocando.

E eu disse a ele para ir embora.

E ele fez, para dizer adeus as minhas meninas por mim, depois de ver que elas se prepararam para a escola.

Fechei os olhos com força quando a memória agrediu meu cérebro.

Ela ficou em silêncio por um momento e depois disse:

—Ele ficará bem.

—Eles o mataram. — eu disse a ela.

—O quê? — Ela perguntou, sua voz ficando mais alta, mais apertada, chateada.

—Calma!— O capanga latiu.

Sentadas na parte de trás do carro, Frankie e eu ficamos quietas.

Então ela estendeu a mão e pegou minha.

Então ela apertou.



—A casa está vazia. Eles se mandaram. —Pryor disse a Cal e Benny.

Eles estavam em pé na calçada do lado de fora da casa de Hart. Havia carros de policiais em todos os lugares, o Departamento de Polícia de Chicago e os agentes federais circulando por toda parte.

—Alguma pista onde elas iriam? — Benny perguntou.

—Hart tem homens em todos os lugares. — respondeu Pryor, seus olhos em Cal. —Ele deve ter recebido uma dica de que estávamos chegando.

—Frankie. — Benny murmurou.

—Chefe. — um policial chamou enquanto ele caminhava para o seu amontoado. —Nós temos um vídeo. — disse ele quando parou e todos os olhos dos homens se voltaram para ele, mas ele estava de olho em Cal.

—Vídeo?— Pryor solicitou.

—Dos civis. — o policial murmurou, usando o queixo para indicar Benny e Cal.

—Derrame, Krakowski. — Pryor disse.

O oficial olhou para Pryor e assentiu.

—Eles o levaram —apontou a cabeça para Cal —para um depósito com câmeras. Federais foram para lá. Eles imaginam que eles fugiram quando ele —outro balanço da cabeça para Cal — derrubou os dois garotos de Hart e depois atirou nas pernas deles.

—Autodefesa. — Benny afirmou instantaneamente.

—Certo — o policial respondeu, seu olhar mudou para Benny, sua boca dura —a propósito, eu mencionei que temos o filme?

—Nós vamos resolver isso mais tarde —Pryor cortou em seguida, continuou, murmurando para si mesmo —então ele viu Joe se soltar e decolou para onde?

—Outro vídeo. — o policial disse e os olhos de Pryor se concentraram nele.

—Jesus, Krako, diga logo. — disparou Pryor.

—Da casa de Hart. Eles também têm uma morena. Ela estava sentada em seu carro do lado de fora. — ele apontou para carro, modelo Nissan Z, velho e doce, vermelho, no meio-fio. —Eles a pegaram, a levaram para dentro de casa, cinco minutos depois ambas as mulheres estavam em um carro com os meninos de Hart e indo embora. Hart seguiu em outro carro. Tenho os carros e as placas. Eles já estão na linha.

Pryor olhou para Cal.

—Isso é algo.

Cal olhou para Pryor e não respondeu. Era algo, isso era verdade, simplesmente não era muito. E depois que Benny e Pryor o informaram, agora Cal sabia que Hart soube que ele havia chamado Sal para o golpe, o que significava que sua motivação havia mudado. Ele também sabia que Cal estava solto e provavelmente sabia que os federais estavam em sua bunda. O homem foi golpeado, o que significava que, sabendo de tudo isso, ele não seguiria ao modo de atuar. Ele seria imprevisível. Isso foi evidenciado pelo fato dele levar Cal até Chicago para acabar com ele lá. Fora do seu MO. Hart normalmente não brinca por aí. Hart queria Cal em Chicago porque Hart queria filmar e vê-lo morrer.

Cal não era uma tarefa, uma bagunça para limpar. Isso foi retaliação.

E ele tinha Frankie e Vi.

—Porra. — Cal murmurou.

Todos se viraram quando um paramédico correu para eles.

—Tenho que levar a garota para o hospital. — o paramédico disse e todos os olhos se voltaram para a ambulância onde Lindy estava sentada na parte de trás e outro paramédico estava agachado por sua perna. —Você vem?— O paramédico perguntou a Cal.

—Não. — Cal respondeu e o olhar do paramédico percorreu as duas feridas de Cal antes de voltarem para seus olhos. —Estou bem. — Cal terminou.

—Você precisa ser visto. — o paramédico aconselhou.

—Estou bem. — repetiu Cal.

—Mas... — ele começou, o corpo de Cal mudou um pouco e ele parou de falar e depois murmurou —certo. — Ele acenou para Cal e depois Pryor, em seguida, voltou para a ambulância .

Cal começou a se afastar, dizendo:

—Estaremos no Sal.

Benny se mudou com ele quando Pryor virou, parecendo surpreso:

—Você está esperando isso?

—Não há muito o que fazer. — respondeu Cal e dirigiu-se ao SUV de Benny.

—Hum ...— o policial resmungou alto —podemos ter algumas perguntas...

—Mais tarde. — Cal ouviu Pryor cortando-o.

—Mas...

—Mais tarde.

Cal foi para o lado do passageiro do SUV enquanto Benny subia ao volante.

Benny se virou para ele.

—Nós vamos a Sal para esperar?

—Caralho, não. — Cal respondeu. —Vamos encontrar Ricky.

—Cal. — Benny disse baixo e Cal se virou para ele.

—Ricky, Benny.

Benny olhou para ele, deu aquele sorriso louco de filho da puta novamente, ligou o carro e depois disparou do meio-fio .



—Que porra é essa, Danny!— Frankie e eu ouvimos o grito zangado do lacaio do outro quarto.

—Não. — Daniel Hart retornou.

—Esta merda está fodida. — o lacaio respondeu. —Nós não temos uma situação. Nós temos quatro porra.

—Estou lidando com isso. — retrucou Hart.

—Sim, certo. —o capanga estalou. —Você não está lidando com merda nenhuma. Você ainda está perseguindo o idiota. Porra! Nós devíamos tê-lo derrubado em Indiana. Merda idiota, trazer aquele cara para Chicago.

—Eu queria assistir. — Hart respondeu e eu fechei meus olhos e respirei.

Frankie pegou minha mão.

—Como eu disse, fodido — o outro homem ainda estava gritando—dois garotos mortos, Danny. Perdemos dois dos nossos lá embaixo. Policiais em nossos negócios, por toda parte, por semanas. E eu tenho fontes me dizendo que os federais pegaram os livros. Os garotos de Giglia estão caçando e nossos homens estão lutando. E aquele cara está com sede. Você viu o que ele está fodendo...

—Quieto. — a voz de Hart era baixa, mas aguda.

—Mãos atrás das costas, Danny.

Meus olhos se abriram e eu olhei para Frankie que por algum motivo estava sorrindo.

—Quieto!— Hart gritou e o cara ficou quieto.

Eu senti o corpo de Frankie ficar tenso, então ela soltou minha mão. Rasguei os olhos da porta fechada que estávamos atrás e observei ela se mexer.

—Frankie!— Eu assobiei, mas ela apenas levantou a mão e acenou para mim enquanto ela caminhava silenciosamente pelo quarto.

—Eu sou seu homem, Danny — o lacaio disse, sua voz mais baixa —sou seu homem há muito tempo, mas não cairei na boceta de um policial morto.

—O que você disse? — Hart perguntou enquanto eu observava Frankie em uma janela, ela estava tomando seu tempo, tentando ficar quieta e lentamente trabalhando.

Saí do sofá em que estávamos sentadas e corri descalça, felizmente silenciosamente em direção a ela.

—Você me ouviu. — afirmou o capanga.

Frankie empurrou a janela e fez um barulho que foi abafado por um tiro. Frankie e eu pulamos e olhamos por cima dos ombros para a porta fechada.

—Danny!— O outro capanga da turma de Hart gritou — Jesus Cristo, você acabou de atirar em Brady. Que porra é essa!

—Vá. — Frankie sussurrou e eu olhei para ela. Então me joguei pela janela, aterrissando em um terreno macio. Eu rolei para longe da janela e fiquei de pé. Ela me seguiu para fora, eu agarrei a mão dela, puxei-a para cima e corremos.

Nós ouvimos o segundo tiro quando fomos.



Benny liderou e Cal seguiu enquanto Benny abria a porta para um bar sujo que tinha o nome de Slim Jim.

Ricky estava sentado no final do bar, parecendo o mesmo de sempre. Sem expressão para o rosto fino e para o corpo

magro. Olhos de doninha e, embora Cal não pudesse vê-lo ou ouvi-lo, sabia que Ricky tinha dentes ruins e respirava pela boca .

A cabeça de Ricky surgiu quando Benny entrou. Ele viu a arma de Benny e então ele estava em movimento.

Benny e Cal correram atrás dele.

Eles o pegaram pelo beco, Benny agarrou-o pelas costas da camisa, o puxou para parar, então o virou e o empurrou primeiro contra a parede.

Benny agarrou seu pulso, girou o braço para cima, aproximou-se de suas costas e perguntou em seu ouvido:

—Por que você está correndo, Ricky?

Ricky virou a cabeça, viu Cal e seu rosto ficou branco.

—Jesus .— ele sussurrou então se reuniu. —Ei Cal.

—Fale. — Cal respondeu.

—Sobre o quê? — Ricky perguntou, Benny se aproximou e os olhos de Ricky deslizaram para o lado em um esforço para receber Benny. —Uau, Benny, cara, que porra é essa?

—Fale. — Benny repetiu a palavra de Cal.

—Como eu disse, sobre o quê? — Ricky perguntou.

—Sobre onde Hart levaria a mulher de Cal. — Benny respondeu e os olhos de Ricky foram para Cal.

—Você tem uma mulher?— Ele perguntou, surpreendentemente surpreso ou agindo dessa maneira.

—Ricky, não temos muito tempo. — disse Cal em vez de responder.

Benny afastou-se e afastou um pé para que Ricky pudesse se virar para encará-los, ainda de costas para a parede de tijolos do beco.

As sobrancelhas de Ricky subiram.

—Vocês dois estão trabalhando para Sal?

—Cal te fez uma pergunta, Ricky. Nós não temos muito tempo. —Benny lembrou a ele.

Os olhos de Ricky foram para Benny.

—Não sei nada sobre Hart.

Benny olhou para Cal. Cal chamou sua atenção e olhou para Ricky. Então ele se moveu, mergulhando baixo, ele pegou Ricky com um soco forte em seus rins. Os braços de Ricky contornaram sua barriga, ele se inclinou para frente e tossiu.

Depois de fazer isso por trinta segundos, ele balançou a cabeça para trás e ofegou:

—Que porra é essa!

—Para onde Hart fugiria? — perguntou Cal.

—Hart é um filho da puta louco. Não sei nada sobre ele, nem quero saber nada sobre ele.— Ricky respondeu e Benny entrou, a mão envolvendo a garganta de Ricky, prendendo-o na parede de tijolos.

—É da sua conta — Benny lembrou-lhe —Sr. Informação. Você sabe tudo sobre todos.

—Não sei sobre Hart. — Ricky raspou, seus dedos enrolando em torno do antebraço de Benny.

—Não temos tempo para merdas. Você vende informações. Hoje você está comprando com sua saúde. — informou Benny.

—Ben — Ricky engasgou —você conhece Hart. Eu entro em seu negócio, ele entra no meu. Não preciso dessa merda. Eu evito.

—Você deve ter ouvido alguma coisa. — disse Cal e os olhos de Ricky chegaram a ele.

—Eu ouço, eu esqueço, eu fico respirando. — a voz de Ricky soou estrangulada e ele estava rasgando o antebraço de Benny com as unhas.

—O que você esqueceu?— Benny perguntou, inclinando-se para perto e Ricky engasgou. —O que você esqueceu!— Benny gritou em seu rosto.

—Ben, o menino não pode falar se você o engasgar até a morte. — disse Cal calmamente, Benny olhou por cima do ombro para Cal e recuou.

O telefone de Benny tocou e, já que estava no bolso de trás de Cal, Cal puxou, olhou para a tela e suas sobrancelhas se juntaram. Ele abriu e colocou no ouvido.

—Oi. — disse ele.

—Aceita a chamada de Francesca Concetti. Você aceita as cobranças? — Perguntou um operador.

—Sim. — cortou Cal, com os olhos cortados para Benny e ele disse: —Frankie.

As costas de Benny ficaram eretas.

—Ben? — Francesca sussurrou.

—Frankie?

—Oh Jesus. — ela ainda estava sussurrando: —Cal?

—Frankie onde diabos você está?

—Boathouse... — ela começou então ele ouviu Vi, sua voz firme, alta, algo estranho nela.

—Isso é Joe?

—Sim. — Frankie sussurrou.

—Dê para mim. —Cal ouviu Vi pedir e então ele ouviu uma briga.

Finalmente, Vi chegou ao telefone.

—Joe?

—Baby onde você está?

—Joe!— Ela gritou.

—Jesus, Violet, mantenha-o baixo. — ele ouviu Frankie sussurrar.

—Oh Joe, Jesus, querido, oh Deus. — Vi sussurrou, em seguida, ele ouviu um soluço torturado.

—Buddy, mantenha-se junto e me diga onde você... — ele parou de falar quando ouviu o telefone se movendo e, em seguida, ele estava de volta para Frankie.

—Hart disse a ela que você estava morto. — explicou Frankie, e Cal cerrou os dentes, porque isso era uma coisa cruel para qualquer um, especialmente para Vi, porque ele ainda podia ouvir os soluços de Violet, mas ainda não estava recebendo informações e, finalmente, porque elas estavam no telefone, parecia que não estavam seguras.

—Eu estou vivo. Onde está você?

—Ele nos levou para uma casa de barcos. Norte. Estamos no lago. Saímos pela janela, atravessamos as árvores e invadimos outra casa. — respondeu Frankie.

—Hart não está aí?

—Não, ele ... — ela foi cortada por Vi.

—Deixe-me falar com ele.

—Garota, nós temos que...

—Frankie — interrompeu Cal —fique na linha.

—Deixe-me falar com ele!— Vi exigiu.

—Merda. — Frankie murmurou, em seguida, ouviu um distante “aqui”.

Os dentes de Cal ainda estavam cerrados e ele estava olhando para Benny, que ainda tinha Ricky contra a parede com um aperto na garganta, mas seus olhos estavam travados em Cal.

—Joe... — Vi começou.

—Querida, eu sei que você está assustada, mas você tem que devolver o telefone para Frankie. — Cal disse a ela.

—Por quê? — Perguntou Violet.

—Porque ela tem suas coisas juntas e ela pode me levar até você.

—Mas eu sei exatamente onde estamos. Papai tinha um barco aqui em cima. Estavam...

Ele ouviu Frankie interromper.

—Violet, eu ouço alguma coisa.

—Onde você está? — Perguntou Cal, com urgência.

—Oh Deus, eles estão aqui. — sussurrou Violet.

—Violet, meu Deus, cadê você? — gritou Cal, mas a linha estava morta.

—Jesus, porra de Cristo!— Cal rugiu, fechou o telefone, entrou no espaço de Benny para empurrá-lo de lado e envolveu a mão na garganta de Ricky. —Onde fica a casa de barcos de Hart?

Os olhos de Ricky estavam espreitando e sua mão subiu para agarrar o braço de Cal, mas ele conseguiu engasgar:

— Boathouse?

— Boathouse!— Cal latiu no rosto.

—Não sei. Jure por Deus ... nã... - ele parou de falar e começou a engasgar, Cal o soltou e recuou.

Ele abriu o telefone e discou para casa. Colt respondeu no primeiro toque.

—Colton.

—Colt, pergunte a Kate qual é o número de telefone do seu avô.— Cal ordenou.

—Desculpe?— Colt perguntou.

—Eu não tenho muito tempo. Pergunte a Kate qual é o número do telefone do pai de Vi.

—Espere. — disse Colt e, em seguida, Cal o ouviu chamando Kate e o telefone foi empurrado.

—Joe? — Era Kate dizendo o nome dele, sua segunda maneira favorita de ouvi-lo.

—Ei Kate. — ele disse suavemente.

—Você está bem?

—Sim, baby.

—Mamãe? — ela perguntou, sua voz tensa.

—Chegarei lá. — ele respondeu vagamente. —Agora me escute. Preciso do número de telefone do seu avô.

—Eu pegarei meu telefone. — disse ela rapidamente.

Então Kate. Ela não fez perguntas. Ela não estava brincando. Ela sabia que ele precisava de algo e ela estava começando a fazer o que era preciso.

—Essa é a minha menina. — ele sussurrou.

—Todos aqui estão realmente apavorados. — ela lhe disse e ele sabia que ela estava andando e falando.

—Diga a eles que podem relaxar. — Joe disse e ouviu seu riso curto e surpreso.

—Jesus, Joe, é o que você sempre diz.

Deus ele amava aquela garota.

—Eu sei que você está com pressa, mas você pode aguentar? Keira quer falar com você. — Kate perguntou.

Ele não podia, mas ele faria.

—Sim, diga a ela que tem que ser rápido.

—Certo. — ela disse em seu ouvido e, em seguida, o telefone estava longe de sua boca quando a ouviu dizer: —Tem que ser rápido, Keira.

—Eu vou ser rápida —ele ouviu Keira prometer, então no telefone —Joe?

Amarrado por segundo.

—Oi querida.

—Joe. — sua voz quebrou em seu nome, em seguida, as lágrimas eram audíveis.

—Vem cá, querida. — Cal ouviu, quem ele adivinhou ser Cheryl sussurrar e o telefone em movimento.

—Joe, sou eu. Estou de volta. — disse Kate. —Eu tenho o número.

—Dê para mim. — Joe respondeu e escutou enquanto dava e repetia.

Quando ela terminou, ele disse:

—Estaremos em casa em breve, sim?

—Sim. — ela sussurrou.

—Amo você, baby.

—Também te amo, Joe.

Ele fechou o telefone e olhou para Benny e Ricky que estavam ambos olhando para ele. Benny com um sorriso no rosto. Ricky com a boca aberta.

Cal ignorou as reações deles e disse a Benny:

—Eles estão em uma casa de barcos, ao norte, no lago. Vi disse que seu pai tinha um barco lá antes de serem desconectados. Eu tenho o seu número. Ligaremos no caminho.

Benny já estava em movimento quando ele disse:

—Vamos.



Paramos nas árvores, nós duas respirando pesadamente, mas ouvimos os passos nas folhas.

Nós estávamos correndo à esmo pelo que pareceram horas, a princípio porque estávamos em pânico e não sabíamos o que diabos fazíamos. Depois, porque estávamos perdidas e não conseguíamos nos orientar. Finalmente, chegamos a um local que era familiar para mim e eu sabia que estávamos perto de segurança.

Agora só precisávamos recuperar o fôlego.

—Você acha que os despistamos? — Frankie sussurrou.

Eu sabia que Daniel Hart nunca desistiria. Nós não os despistamos.

Eu olhei para ela e balancei a cabeça.

Ela olhou através das árvores e depois para mim.

—Devemos nos separar.

Eu peguei a mão dela.

—O quê? Não!

—Eles não saberão quem estão seguindo.

—E? Eles poderiam pegar qualquer uma de nós, mas ...

—Você fica aqui, eu vou. Eles me ouvirão, me seguirão, você conhece o local. Você espera um pouco, então vá até a loja que você estava falando e eu os levarei embora.

Este foi um plano louco e de jeito nenhum eu o faria.

—E se eles te encontrarem? — perguntei.

—Pensarei em alguma coisa. — ela respondeu.

—Isso é loucura!— contestei.

Ela chegou perto.

—Violet, querida, você não calça sapatos. Você está em uma camiseta. Você não pode estar aqui fora, correndo sobre isso...

Eu a cortei.

—Estou bem.

Ela chegou mais perto.

—Escute-me...

Apertei a mão dela ao mesmo tempo em que me apertei.

—Não estamos nos separando.

—Vi...

Eu levantei minha outra mão e a enrolei ao lado do pescoço dela. Eu fiz isso porque Joe fazia isso comigo, por mais de uma vez, quando queria que eu calasse a boca para ouvi-lo, às vezes.

—Nós não estamos ... nos separando.

Frankie me olhou nos olhos e então assentiu.

Ai está. A mão para o negócio do pescoço funcionou mesmo se você não fosse um macho alfa robusto e durão .

Eu arquivei isso para referência futura e então nós duas saímos correndo.



Cal e Benny estavam na casa de barcos vazia com a janela quebrada. Não havia muito, mas este era o terceiro em que eles estiveram. O segundo tinha dois homens mortos que Cal reconheceu porque atiraram nele esta manhã. A casa de barcos na qual ele e Benny estavam era a mais próxima de Hart e era aquela em que as mulheres usaram o telefone. Cal sabia disso porque o lugar estava empoeirado, mas a poeira estava perturbada e a maior parte da perturbação estava ao redor do telefone.

Cal tinha o celular de Benny no ouvido e Pete estava na linha.

—Onde ela iria? — Cal cortou o telefone.

—Pessoas. Civilização. —Pete murmurou.

Isso seria difícil. Não estavam longe de Chicago, mas não havia muitas pessoas onde estavam, que era a quinze minutos de Chicago, mas ainda no meio do nada.

Então Pete disse em um grito próximo:

—A loja!

—Que loja? — Perguntou Cal.

—Estrada principal, meia milha acima da casa que costumávamos ter. Única coisa nessa estrada, exceto as casas do lago. Nós costumávamos sair do nosso caminho para ir até lá para que eu pudesse pegar o sorvete das crianças. Eu não queria que o sorvete derrete...

Cal o interrompeu:

—Então está a meio quilômetro do seu antigo lugar, você quer dizer norte?

—Sim. — respondeu Pete, e Cal olhou para Benny e fez o cálculo mental do que Pete lhe dissera.

—Então, talvez cinco, seis quilômetros daqui. — disse ele para Benny.

—Longo caminho para ela ir se ela estiver descalça. — Benny respondeu baixinho e Cal estava contente que a porra do pé de Vi teve tempo para se curar para que ambos pudessem ser despedaçados correndo por uma maldita floresta, porque porra Daniel Hart estava exatamente agora perseguindo literalmente sua maldita mulher.

—Tenho que ir. — disse Cal ao telefone enquanto se dirigiam para a porta.

—Você ligará? — Perguntou Pete.

—Eu ligarei. — Cal respondeu e desligou o telefone.

Então ele correu atrás de Benny, mas o seguiu para o lado do motorista.

Benny se virou para ele.

—Eu dirijo.

—Estou correndo. — Cal retornou.

As sobrancelhas de Benny se levantaram.

—O quê?

—Estou a pé. Você dirige para a loja. Estou tomando a floresta.

Benny se aproximou.

—Cal, você não teve comida, você...

—O tempo está acabando, Ben.

—Você foi baleado duas vezes. — lembrou Benny.

—Passado.

—Cal, meu Deus caramba...

—Eles podem pegá-las antes de chegarem à loja. Elas podem estar em qualquer lugar nessas florestas e estão com medo, não cobrindo seus rastros e, portanto, deixando pegadas. —Cal apontou e terminou. —Estou seguindo pela floresta.

—Sim, você é pego em alguma coisa, só temos um telefone.

—Vá a loja. Elas não estão lá, informe as pessoas que trabalham lá, diga-lhes para eles chamarem a polícia, dizerem aos policiais para ligar para Pryor e dirigirem pela estrada. Eu os encontro, é para lá que eu os liderarei.

—Cal, eu não fui baleado hoje, nem machucado. Deixe-me correr.

—Entre no caminhão, Benny.

—Cal...

Benny não terminou. Cal se virou e correu para a floresta.



Ele estava ganhando. Ele não estava de ressaca e tinha sapatos e tinha algo para comer naquele dia.

Eu deveria ter deixado Frankie se separar. Eu estava atrasando-a.

—Vá!— Eu gritei —Vá para a loja.

—Nós não estamos nos separando!— Ela gritou de volta, seu cabelo voando atrás dela, correndo na minha frente, ela tinha a minha mão na dela e ela estava segurando firme.

—Frankie!

O tiro soou, estava tão perto que eu podia ouvir o silvo da bala no ar e nós duas reflexivamente mergulhamos em busca de proteção.

No momento em que rolamos de costas e levantamos os olhos, Daniel Hart estava em pé sobre nós, apontando a arma para Frankie.

—Responsabilidade. — ele murmurou, em seguida, disparou.



Cal ouviu o tiro, não estava perto, mas não estava longe.

Ele parou de correr e recomeçou a correr.

Segundos depois, ele ouviu o segundo tiro.



Benny tinha as janelas abertas para o SUV, ele ouviu o tiro, não estava perto, mas não estava longe.

Ele puxou o Explorer para o lado da estrada, desligou a ignição, pegou sua arma e abriu a porta.

Suas botas atingiram o chão e ele ouviu o segundo tiro.

Ele correu para a floresta.



—Atire em mim!— Eu gritei.

Ele estava apontando a arma para mim, mas eu olhava em seus olhos.

—Você tirou tudo de mim. — ele afirmou calmamente.

—Eu tirei tudo de você? Você quem tirou tudo de mim! — Eu gritei.

—Eu lhe entreguei o mundo, a cada presente. Você nem se incomodou em abrir as caixas.

—Você é um lunático. Você acha que o mundo se encaixa em uma caixa? — Eu estalei.

Ele se inclinou para frente e seu rosto se torceu de um jeito que não gostei.

—Você saberia se você se incomodasse em abrir as malditas caixas!

Inclinei-me para frente também, mantendo o foco quando ouvi Frankie se arrastando para longe.

—Eu sei como é receber o mundo, seu idiota!— Eu gritei —Tim fez isso quando me engravidou aos dezessete anos e depois me deu uma bela vida até que você pegou a dele. Então me deu de novo com Joe e ele fez isso apenas brigando comigo porque eu tinha atravessado seu maldito quintal descalça! E aqui estou na sua frente e você pensa que me deu o mundo quando nem se importa que eu esteja correndo pela floresta descalça!



Cal ficou dez pés ao lado de Hart, levantou a arma e mirou.

Ele fez isso ouvindo Vi e sorrindo.



A cabeça de Frankie surgiu, seus olhos bateram em Benny e ela parou de se arrastar pelas folhas.

Benny agachou-se e levou o dedo aos lábios.

Frankie apertou os lábios e disse:

—Pés descalços?

Benny esperava como a porra, que isso significasse que o sangue vindo do meio dela não estivesse vazando a vida de Frankie.

Benny sorriu para Frankie, balançou a cabeça, endireitou-se, levantou a arma e mirou.



Hart não estava me ouvindo em primeiro lugar porque ele estava focado em sua própria merda e em segundo lugar porque ele era um maníaco.

—Eu construí um império e coloquei em risco por você.

—Eu não pedi por isso, não queria, ainda não quero. — retruquei.

—E agora se foi — ele sussurrou —por sua causa.

—Deixe-me esclarecer para você, Sr. Hart. Depois que eles te afastam por mil anos, por algum milagre você sai e encontra uma mulher que chama a sua atenção, ela não quer

um império. Ela quer que você dê uma merda. É isso aí. Ela só quer que você dê uma merda.

Ele ainda não estava escutando.

—Eu dei tudo para você. —Hart sussurrou, sua voz calma de uma forma assustadora.

—Você não deu nada.— Minha voz estava quieta também. —Você só tirou.— Meus olhos se moveram para sua arma e eu fiz um convite que eu esperava que ele não aceitasse, mas em vez disso, finalmente, me ouvisse. —Então acabe agora. Tire a mãe das minhas filhas. Pegue novamente de Joe, alguém que a vida não permitiu manter muitas coisas boas. Mate-me.

Ele levantou a arma para apontar para a minha cabeça.

Fiquei olhando para a arma e me perguntei se Tim e Sam sentiram-se assim em seus últimos momentos. Se eles sentiram o coração acelerado. Se a garganta deles fechara. Se eles sentiram cada centímetro de sua pele formigando. Se a mente deles foi para mim, para as meninas, Mel. Se eles mandaram uma oração para que alguém nos fizesse bem quando eles não estivessem mais lá. Se eles esperaram por tudo aquilo que fosse sagrado, nós nunca esqueceríamos que eles nos amavam.

Eu levantei meus olhos para os dele.

—Eu te odeio. — sussurrei.

Ele sorriu.

Então eu ouvi os tiros.

Capítulo Vinte e Dois

Batimento cardíaco

Frankie abriu os olhos. Ela se sentia extremamente estranha, confusa e definitivamente não no seu melhor. Ela olhou em volta, viu que estava em uma cama de hospital e se lembrou.

Ela estava prestes a murmurar algo sem graça quando viu Benny parado na janela olhando para fora. Seu cabelo escuro estava molhado e estava penteado para trás, mas porque estava secando, parte da frente tinha caído sobre a testa e as pontas tinham começado a se enrolar daquele jeito sexy que ele fazia. Ele usava uma camiseta branca e calça jeans, botas, o habitual, principalmente. Ele podia se vestir e ficar bem. Não era o melhor que ele já se vestiu. Era só o habitual dele também... porra... bom.

Ela sabia que iria para o inferno. Ela foi baleada e ainda pervertia no irmão do namorado morto. Reconhecidamente, ele era gostoso, havia muito a perverter. Ainda assim, ela iria para o inferno.

Ele se virou, olhou para ela e Frankie viu a preocupação em seu rosto. Quando seus quentes olhos castanhos pegaram os dela e ele viu que estava acordada, ele escondeu a preocupação e seu rosto ficou suave.

Sua boca encheu d'água.

Sim, definitivamente pervertida.

Ele caminhou até a cama dela, puxando uma cadeira com ele, então quando estava perto ele sentou-se e se aproximou ainda mais.

—Ei Frankie. — ele sussurrou.

—Ei. — ela disse asperamente.

—Como você está? — Ele perguntou.

—Como você acha que eu estou? — Ela perguntou de volta e ele sorriu quando ela atirou nele com sua atitude .

—Nunca fui baleado, querida, mas eu sei que você não está muito bem. — ele comentou.

—Você estaria certo. — ela retornou.

Benny olhou para a barriga e depois para os olhos dela.

—O tiro não atingiu nada importante. — ele informou a ela.

—Finalmente, boas notícias.

Ele sorriu novamente.

—Você perdeu muito sangue. —ele continuou, mas ela já sabia disso. Ela sentiu. Ela não sabia se era a coisa certa para Benny fazer quando ele a pegou e correu pela floresta com ela

em seus braços, direto para seu SUV, mas ela adivinhou que não foi. Ainda assim, não havia como pará-lo, mesmo quando ela colocou a atitude nele dizendo para ele calar a porra da boca e chamar uma ambulância . Ele não escutou. Ele estava em uma missão. —Eles querem você aqui por um tempo. — ele terminou.

—Ligue para o Papa, diga a ele que sentirei falta da nossa reunião. — Frankie murmurou e ela ouviu sua risada suave .

Porra, mas ela gostava de fazê-lo rir. Ela venderia sua alma para fazê-lo rir. Mesmo antes, quando ela estava com Vinnie, ela gostava de fazer Benny rir. Ele deu uma grande risada, um grande sorriso, um grande rosto. Expressivo. Mas ele era como um irmão, então, bom, gentil, e ela o amava. Ela amava toda a família de Vinnie. A dela não era ótima e ela sabia muito bem quando sentia isso. Esse foi o melhor presente que Vinnie deu a ela. Às vezes ela se perguntava se amava mais a família de Vinnie do que o próprio Vinnie. Então Vinnie seria Vinnie e ela parou de se perguntar.

Como Benny passou de doce e engraçado irmão para pervertido, Frankie não sabia. Ela passou sete anos tentando descobrir isso. Ela nunca tinha pensado nele dessa maneira, em vez de da forma imparcial quando ela ouvia outras garotas falando sobre ele. Qualquer mulher podia ver isso, Frankie só tinha Vinnie, então ela não pensou muito sobre isso. Então ela não tinha Vinnie e ela se viu pensando sobre isso.

Definitivamente vai para o inferno.

—Os policiais querem fazer algumas perguntas. — Benny interrompeu seus pensamentos e ela se concentrou nele.

—Ok. — ela respondeu e ele se aproximou.

—Ma e Pop estão aqui — ele hesitou —eles querem ver você.

Frankie olhou nos olhos por meio segundo e depois desviou o olhar.

—Não.

—Frankie, querida ...— Benny sussurrou.

Ela teve o suficiente. Ela sabia que Theresa, Vinnie Sênior, Manny e até mesmo Benny tinham que culpar alguém. Eles amavam Vinnie. Ele era um cara ótimo, um ótimo filho, um ótimo irmão. Eles precisavam transferir a culpa de todos os problemas de Vinnie para alguém. E ela amava Vinnie o suficiente para aceitar isso.

Mas ela pagou o suficiente da penitência de Vinnie. Ela o amava e você faz esse tipo de coisa por alguém que você ama, mas o suficiente era o suficiente.

Ela olhou de volta para Benny e sussurrou:

—Não.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela nas suas. Suas mãos eram grandes e quentes. Forte. Ele se inclinou ainda mais e levantou a mão para poder descansar o queixo contra os dedos dela e os cotovelos na cama.

—Francesca — ele disse baixinho —o que você fez hoje foi uma loucura estúpida.

—Obrigada. — ela estava quieta também, mas era sarcasmo quieto, não gentileza quieta.

—Baby, me escute. — Benny ordenou. —Também foi uma loucura de coragem.

Ela não respondeu. Ela apenas olhou para seus olhos castanhos escuros.

—O que você fez, para a família, eles vão querer curar a brecha.

—Tarde demais. — Frankie sussurrou e as mãos de Benny apertaram as dela.

—Querida...

—Consegui um emprego em Indianápolis. — anunciou ela.

—O quê?— Ele sussurrou, parecendo surpreso e talvez um pouco chateado como se ele soubesse tudo sobre ela e não estivesse esperando uma surpresa.

—Finalmente, deixando essa merda para trás.

—Frankie...

—Não digo que não fiquei feliz, talvez eles não me odeiem mais, você está aqui, sendo legal, talvez você não me odeie também, tudo está bem, mas eu irei embora.

—Você não se moverá para Indy. — declarou ele.

—Esperei muito tempo. É hora de começar de novo. Ardósia limpa. —disse Frankie.

—Baby... — ele começou, mas Frankie desviou o olhar e fechou os olhos.

—Estou cansada. — ela sussurrou e suas mãos apertaram novamente as dela.

—Frankie...

—Vá embora, Ben, eu preciso descansar.

Suas mãos se apertaram ainda mais.

—Olhe para mim.

Ela tentou puxar a mão.

—Francesca, porra, olhe para mim.

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

—Você não se mudará para Indy. — ele repetiu.

—Vá embora.

—Temos que conversar.

—Nada a dizer.

—Frankie...

Demorou muito esforço e o resto da energia que ela tinha, mas ela puxou a mão da dele.

Então ela sussurrou:

—Levei um tiro por sua família hoje. Sobrevivi. Acabou. Tudo o que fiz foi me apaixonar por Vinnie, mas você tomou sua penitência de mim como se eu fizesse algo de errado e eu amei todos vocês uma vez, então eu dei isso. Eu sangrei por você hoje. Isso foi bom, isso aconteceu. Isso me deu a minha

chance de fazer o que você precisava que eu fizesse. Mas você não está conseguindo mais nada.

Benny deixou o seu lugar, mas ele fez isso em um agachamento curvado, seu rosto ficando no dela.

—Você teve um dia ruim. — declarou ele. —Então eu vou te dar essa merda agora. Voltarei depois e conversaremos.

—Não, não conversaremos. — respondeu, em seguida, respirou dolorosamente quando ambas as mãos subiram e emolduraram seu rosto e ele ficou tão perto que tudo o que ela tinha a fazer era inclinar o queixo e os lábios dele estariam sobre os dela.

—Sim, nós conversaremos.

Em seguida, seus olhos caíram dos dela para a boca, onde o polegar traçou a borda inferior do lábio enquanto ele assistia Frankie mover-se e prender a respiração. Então ele a soltou e ela o observou sair do quarto.



Sal evitou os olhos de Theresa e Vinnie e olhou para o sofá.

Cal estava sentado lá, o cabelo quase seco depois do banho, vestindo jeans novos e uma camiseta que Theresa tinha acabado de comprar e lhe entregar . A bandagem em seu braço podia ser vista sob a manga de sua camiseta.

Sua mulher estava enrolada de lado no sofá ao lado dele, a cabeça apoiada na coxa dele, a mão enrolada ali na frente do

rosto. Ela estava vestindo jeans novos e uma camiseta de manga comprida que Theresa também comprou . Seu cabelo também estava molhado, mas secava rápido, pois Cal estava passando os dedos por ele. Seus joelhos estavam enrolados até o peito e ela não tinha sapatos. A parte de baixo dos pés dela estava limpa e brilhante com gosma antibiótica. Estava limpo, mas você via a vermelhidão e arranhões.

Ela ficou no hospital vestindo apenas a camiseta de Cal que estava manchada com o sangue de Daniel Hart, tendo seus pés examinados, conversando com os policiais, comendo os canelones que Gina trouxe, falando com suas filhas no telefone e esperando uma palavra, para saber sobre Frankie. Assim que souberam que Frankie estava bem, Cal levou-a para o carro de Benny, ele entrou com Benny e todos foram para sua casa tomar banho. Pouco mais de uma hora depois, todos voltaram ao hospital.

Sal estudou seu rosto adormecido. Se ele fosse um homem mais jovem, ele quereria estar lá. Ele podia ver Cal dando tudo por isso. Ele podia ver algo como ela curando uma ruptura ruim em um homem forte. Ele poderia até ver Hart quase estar disposto a perder tudo por seu tiro. Mas apenas quase.

Benny entrou na sala de espera e Sal notou que ele parecia chateado. Ele não tem que adivinhar o porquê. Francesca Concetti poderia jogar alguma atitude e Sal imaginou que ela era tão boa que poderia fazer isso depois de ser baleada. Ela tinha muito sangue diferente nela, mas o italiano sempre ganhava.

Sal se perguntou quando Benny tiraria a cabeça dele do rabo, sobre Frankie. Sete anos o menino estava se movimentando. Claro, seria estranho Frankie namorar Benny depois que ela esteve com Vinnie. Mas coração era coração, intestino era intestino e bolas eram bolas. Você quer algo e algo que vale a pena, como Frankie, quem dava a mínima?

—Temos que pegar a estrada. — ouviu Sal dizer e seus olhos foram para Cal.

Violet estava acordada, os olhos piscando, ela se levantou parcialmente, mas ainda tinha os dedos curvados ao redor da coxa de Cal.

Benny parou na frente deles.

—Certo. Vamos lá.

Ela olhou para Benny e então se virou para olhar para Cal.

—Posso vê-la antes de irmos? — Ela perguntou.

Sal observou quando Cal nem hesitou. Ele apenas mudou de posição para que ela estivesse em seus braços e ele a levou para fora da sala de espera e pelo corredor em direção ao quarto de Frankie, dando a ela o que Vi queria sem discutir.

Sal sorriu para si mesmo e então seus olhos examinaram a sala e ele viu Benny, Theresa, Manny e Vinnie Sênior cuidando de Cal e Violet. Benny ainda parecia chateado. O resto deles sorria.

O telefone de Sal tocou e todos os seus olhos se voltaram para ele e nenhum deles sorria.

Ele pegou o telefone, olhou para a tela, abriu-a e colocou no ouvido.

—Você me tem.— disse ele.

—Estranho — ele ouviu um de seus garotos dizer em seu ouvido —os policiais estão coçando a cabeça, pois a filmagem de Callahan que estava em evidência há menos de um dia, o disco rígido foi apagado.

Salvatore Giglia sorriu.



—Cristo, eles estão fazendo uma festa?— Benny murmurou enquanto dirigia até a rua de Vi e Cal, que estava apinhada de carros em torno da casa de Vi.

Era tarde, escuro e Vi estava no banco de trás .

—Pessoas que gostam de Vi.— Cal murmurou essa verdade e ele estava feliz que as garotas tiveram esse apoio, mas ele estava tão cansado que não queria aguentar essa merda. Ele queria ver Kate e Keira e ir para a cama e dormir por um ano.

Benny parou no carro de Vi, estacionando atrás de seu Mustang. Ele nem desligou a ignição antes que a porta lateral da casa se abrisse e as duas garotas voassem para fora.

Cal abriu a porta e pulou, seus pés não atingiram o cimento antes de voltar para o SUV, quando o poder de duas adolescentes se chocou contra ele. Seus braços se envolveram ao redor dele de uma maneira feroz e ambos os rostos se

enterraram em seu peito. Como as duas entraram lá, ele não tinha ideia, mas elas entraram e estavam coladas a ele.

Elas também estavam chorando, soltando as lágrimas, mas totalmente descontroladas.

Ouvindo sua emoção, experimentando esse tipo de alívio depois de saber o que elas suportaram naquele dia, ele teve uma chance de rebobinar a vida, ele voltaria e colocaria outra bala em Daniel Hart.

Ele deu-lhes um minuto, seus braços se movendo ao redor de ambas e então ele disse:

—Kate, Keira, eu tenho que cuidar de sua mãe.

Elas não lhe soltaram a princípio. Então Kate se afastou, puxando Keira dele. Ambas enxugaram os rostos enquanto olhavam para ele.

—Ok, Joe. — Kate sussurrou.

—Tem um pouco disso para mim? — Benny perguntou e elas se viraram e trataram Benny da mesma forma. Não tão intensa, mas ele sabia que foi bom quando viu o rosto de Benny ficar tranquilo.

Ele se moveu para a porta traseira do passageiro e abriu-a. Vi havia perdido tudo isso. Ela ainda estava apagada. Ela não acordou até Cal soltar o cinto de segurança e tirá-la do carro.

Ela levantou a cabeça, olhou em volta e perguntou:

—Meus bebês?

—Aqui mãe. — Keira chamou.

Ela estava esticando o pescoço e olhando ao redor. Então ela exigiu:

—Cal, me coloque no chão.

—Quando estivermos dentro.

—Eu quero...

—Buddy, eles pularam em mim e quase me jogaram no chão. Elas podem dizer bem-vinda quando você estiver sentada.

Ele atendeu o seu pedido, mas não ali, então ela não reclamou. Ele a levou para dentro e a colocou no sofá e então as duas meninas pularam nela. Ele deu um passo para trás, olhou em volta e viu que parecia uma festa. February, Colt , Cheryl, Jessie, Mimi, Dee, Morrie, Josie, Sully e Mike.

Ele se afastou e Benny, Colt , Sully, Morrie e Mike se afastaram com ele enquanto as mulheres se aproximavam de Vi.

Ele foi para a cozinha e todos os homens se amontoaram lá.

—Alguma informação?— Ele perguntou a Colt .

Colt sabia sobre o que Joe perguntou. Enquanto Vi tomava banho, Cal estava ao telefone com Colt sendo informado.

—Chris está estável. Adam, crítico.

—Como é que parece? — Perguntou Cal.

—Ele sobrevivendo esta noite, eles se sentirão mais confiante. Agora, ainda está incerto.— respondeu Colt .

—Você sabe sobre Lindy? — perguntou Cal.

—Ela se liberou quando seu pai e irmão apareceram. Ela chegou em casa há duas horas. —respondeu Sully.

—Apenas avisando e você precisa sinalizá-la. Ela pede uma permissão de porte de armas, precisa ser recusada. — observou Cal.

—O que isso significa? — Sully perguntou.

Cal ignorou essa pergunta e continuou.

—Ela já tem uma, você precisa revogar isso.

Mike riu e comentou:

—Hoyt Atkins, entusiasmada. Acho que ele passou por essa merda.

Cal voltou os olhos para Mike.

—Eu diria apenas que Lindy não foge durante um tiroteio.

—E esperaremos apenas que ela não precise atirar novamente. — murmurou Colt.

Cal não respondeu, mas foi o mesmo que dizer que ele concordou.

Em vez disso, ele disse:

—Eu agradeço o apoio, mas tenho que arrumar minhas garotas na cama.

—Vou começar a limpar. — Morrie murmurou e se afastou.

Os olhos de Colt se moveram com Morrie e então foram para a parte de trás da cabeça de Vi que podia ser vista no sofá, uma de suas garotas perto de ambos os lados.

Colt voltou para Cal.

—Ela está bem?

—Incerto. — Cal respondeu e ele olhou para Vi. —Pode ser que ela se sinta aliviada, mesmo vendo a cabeça de Daniel Hart explodir enquanto ele segurava uma arma no rosto dela. Pode ser que não. Você precisa mandar uma mensagem para a assistência de vítimas.

—Feito. —respondeu Colt .

—Você está bem? — Sully perguntou a Cal.

Sim. Ele estava além de tudo bem. Ele já sabia que sentiria alívio pelo fim. E que não perderia o sono por sua decisão de disparar um tiro mortal. Vi poderia reviver isso como um pesadelo, mas ele com certeza não iria.

—Sim. — ele respondeu.

Sully assentiu. Colt estudou-o. Benny encostou-se no balcão e cruzou os braços sobre o peito .

—Estamos fora. — disse Colt .

Cal assentiu e então disse a Colt e Sully:

—Pedirei a Vi para fazer o risoto de frutos do mar dela.

—Feb está chegando de manhã com merda para sua frittata. — respondeu Colt.

—Talvez eu deva passar a noite. — murmurou Benny.

—Você não vai ficar? — Perguntou Cal.

—Tenho que voltar. — respondeu Benny.

—Por quê?— Cal continuou e Benny apenas olhou para ele.

Francesca.

Cal sorriu abertamente, mas aconselhou:

—Você já chegou aqui duas vezes hoje. Colocou uma bala em um homem. Descanse. Coma frittata. Vá para casa amanhã.

—Tenho que voltar. — Benny repetiu e Cal virou totalmente para ele.

Então ele disse baixinho:

—Ben, ela está em uma cama de hospital. Ela não irá a lugar algum.

A mandíbula de Benny ficou apertada antes de ele repetir:

—Cal, eu tenho que voltar.

Cal estudou seu primo. Então ele assentiu.

Todos saíram, com Benny o último a sair. Deu um abraço em Vi e depois abraçou as meninas. Cal o levou até o seu SUV.

Eles estavam de pé ao lado do motorista quando Cal disse:

—Você se cansa, encosta.

—Certo. — Benny murmurou.

Cal ficou em silêncio. O mesmo aconteceu com Benny. Nenhum dos dois se mexeu.

Então Cal disse suavemente:

—Não estaria aqui agora, se não fosse por você.

—Eu me lembro bem, quando cheguei lá, você tinha a situação sob controle.

—Não quis dizer eu, quis dizer Vi. — respondeu Cal.

Benny segurou seu olhar.

Então ele repetiu:

—Certo.

—Enorme. — disse Cal.

—O quê? — Benny perguntou.

—Devo a você imensamente.

Benny sacudiu a cabeça.

—Não. Isso é a família.

Cal suspirou. Então ele disse:

—Ainda lhe devo muito, mas, mesmo assim, você volta e fode com Frankie, você me responde.

Ele observou o corpo de Benny ficar tenso.

—Seu dia foi pior que o meu, mas o meu também não foi tão bom assim. Não me chateie.

—Vocês todos foram nadar em águas barrentas onde se trata de Frankie e fazem isso há anos. Não estrague tudo.

—Ok, agora, tenho que te dizer, você está me irritando.

—Só deixar acontecer.

—Você acha que poderia querer expor isso sete anos atrás? Mesmo antes? — sugeriu Benny.

—Você teria escutado?— Cal fez uma pergunta pertinente. Ele sabia disso porque o rosto de Benny ficou duro. —Não estrague tudo. — repetiu Cal.

—Eu vou ter certeza de ligar, caso eu precise de conselhos. —Benny respondeu sarcasticamente.

—Não sei se você notou — Cal sacudiu a cabeça em direção à casa —mas eu continuei.

Benny olhou para ele três segundos. Então ele começou a rir.

—Sim, meio que notei. — Benny afirmou quando parou de rir. —Embora, eu poderia fazer sem correr através da floresta e atirando em bandidos e carregando donzelas em perigo que sangram em toda a minha roupa e me dão uma atitude de volta através desses malditos bosques.

—Então talvez seja melhor você entrar lá enquanto as coisas estão quietas. — Cal aconselhou.

—Eu faria, se você calar a boca e me deixar entrar na porra do meu caminhão. — Benny voltou e Cal riu e recuou.

Benny abriu a porta, mas Cal pôs a mão na porta quando ele se aproximou.

Ele se inclinou e sussurrou:

—Devo muito.

Então ele deixou a porta ir e entrou em sua casa.



Joe jogou as cobertas para trás e se deitou de costas na cama. No minuto que ele fez, eu me enrolei.

—Elas dormiram? — Perguntei.

—Keira sim. — ele respondeu, serpenteando um braço em volta de mim e me puxando para mais perto. —Kate está inquieta.

—Ela está bem?

—Ela diz que ficará. Ouvindo música.

—Talvez eu deva verificar.

—Buddy, você se move, eu também e isso seria para amarrar você a esta cama. Durma. Ela ficará bem.

Levantei a cabeça e olhei para o rosto dele no escuro.

—Eu deveria verificar.

—Ela ficará bem.

—Ela pode precisar de sua mãe.

—Vi, esta é a Kate. Ela tem a mãe dela. E sabe disso. Estamos todos em casa. Estamos todos a salvo. Mais seguro do que estivemos ontem. E estaremos seguros amanhã. Apenas porra durma. Deixe ela. Ela não precisa de você se movendo, porque ela tem o suficiente em sua cabeça. Kate não precisa se preocupar com o motivo de você se mover. Ela precisa pensar que você está segura e dormindo.

Ele estava certo, o que era irritante.

—É irritante quando você está certo. —murmurei.

—Melhor aprender a superar isso, você precisará se acostumar com isso.

Revirei os olhos e me acomodei, de cabeça para o peito dele, orelha para o batimento do coração dele.

Ficamos em silêncio por algum tempo, eu ouvindo as batidas do coração de Joe, eu não sabia o que Joe estava fazendo.

—Hoje, eu pensei por um par de horas que você estava morto. — eu sussurrei.

—Vi...

—Amanhã, colarei uma câmera na minha mão.

—Violet...

—Eu não preciso disso. Isso acabou e é só nós agora. Mas eu quero memórias. Milhões delas.

Ele ficou em silêncio.

Então ele disse:

—O que você quiser, Buddy.

Eu teria levantado a cabeça, mas não queria perder o coração dele.

—Tudo o que eu quiser?— Eu perguntei.

—O que você quiser.

—Cuidado com o que você me promete, baby, mesmo em seu estado.

Seu corpo tremeu suavemente com sua risada e sua mão no meu quadril me deu um aperto.

Ficamos em silêncio novamente, então eu chamei:

—Joe?

—Sim, Buddy.

—Eu nunca disse obrigado.

—Querida, pelo quê?

—Por me entregar o mundo.

—Sim, você pediu. — ele respondeu.

—Pedi?

—Você faz isso o tempo todo — disse ele —porra, baby, você está fazendo isso agora.

Deus eu o amava. Eu o amava muito.

—O que há além do amor?— Eu perguntei e senti o corpo de Joe dar uma leve sacudida.

—O quê?

—O que há além do amor?— Eu repeti.

—Não entendi a pergunta, Vi.

Eu não expliquei. Em vez disso, eu disse:

—Seja o que for, é o que sinto por você.

Ele ficou em silêncio e imóvel por um segundo. Então ele rolou para cima de mim.

—Joe... — eu sussurrei quando suas mãos entraram na minha camiseta.

—Cale-se, Buddy .

—Joe...

—Cale-se.

Eu fiz isso.

Capítulo Vinte e Três

Batida

—Momalicious!— Keira gritou. —Eu vou para a praia e esqueci de te avisar.

—Grande surpresa. — Joe murmurou e pressionou mais perto de mim quando eu olhei para a mesa de cabeceira e vi que era apenas nove horas.

Levantei-me do travesseiro o máximo que pude com o peso de Joe nas minhas costas, me segurando e gritei:

—Você tomou café da manhã, querida ?

—Torrada!— Keira respondeu.

—Onde está Kate? — Eu gritei. —Ela ainda está dormindo?

—Um ...— Keira murmurou alto o suficiente para eu ouvir e em sua hesitação eu senti a cabeça de Joe subir e seu corpo se mover e torci meu pescoço para olhar para ele. —Aquele garoto da casa ao lado está na praia. Ela está lá fora falando com ele.

Eu me perguntava quando Taylor tinha se tornado *“aquele garoto da casa ao lado”* desde que eu estava com a impressão, considerando a quantidade de tempo que Keira passou falando sobre ele, que ela tinha uma queda por ele. Para não mencionar a quantidade de tempo que Taylor passou na praia, o que achei que significava que ele tinha uma queda por Keira. Talvez eu estivesse errado e ele tivesse uma queda por Kate.

Isso não era bom.

—Que pena para Dane. — Joe murmurou e mesmo com minhas dúvidas sobre o triângulo adolescente Kate / Keira / Taylor, eu sorri.

Fazia meses, mas Dane ainda não voltara aos meus bons livros, nem ao de Joe. Kate o tinha perdoado e eles estavam tão próximos como sempre, então Joe e eu devíamos desistir, apenas não conseguíamos. Se você machuca o filho de alguém, o perdão demora um pouco, mas Dane estava determinado e acho que ele chegaria lá um dia. Contanto que não agisse como um idiota de novo.

—Tudo bem, querida. — eu gritei.

—Vejo você na praia. — Keira falou então ouvimos a porta fechar.

Joe se acomodou e eu também.

Era feriado de Natal e nós estávamos na sua casa de praia na Flórida, por duas semanas. A casa estava sobre palafitas e pintada de um azul desbotado com madeira branca. Tinha um deck profundo ao redor e uma grande garagem

trancada que continha o Land Rover de Joe, um buggy de praia e uma enorme churrasqueira, que foi a primeira coisa que Joe, com a ajuda de Keira rolou para o convés. A casa tinha piso de madeira, até a cozinha. Era rústica, mas bonita, com dois quartos, sala de plano aberto e cozinha, um pequeno utilitário com uma pia profunda, uma lavadora e secadora e um monte de ganchos para toalhas de praia e um banheiro. Mas os quartos e a sala de estar eram enormes, arejados e toda a mobília era muito confortável. Havia tantas janelas que mal havia espaço na parede e tudo o que se podia ver era o oceano ou as árvores. Era fantástico.

Ainda que fosse fantástico, minha primeira tarefa foi fazer com que Joe nos levasse à cidade onde compramos uma árvore de Natal e todas as decorações. Nós também compramos tapetes brilhantes, trançados , toalhas novas de linho, de banheiro e de cozinha para animar o lugar. Além disso, comprei uma enorme biruta que Joe instalou em um mastro de bandeira no canto do convés. Por fim, comprei alguns sinos de vento porque nada mais dizia “Flórida” ou “praia” que os sinos de vento. Joe colocou-os na borda do convés.

Nós estávamos lá há três dias e as meninas já estavam bronzeadas de jogar frisbee, deitando-se ao sol e viajando pela praia no buggy que Joe nos ensinou a dirigir.

Ele estava principalmente certo. Não havia muito o que fazer além de pescar, cozinhar, comer, dormir, ler e, para Joe e eu, fazer sexo. Ele só estava certo principalmente porque havia uma praia que significava que as meninas podiam se deitar, Joe tinha o carrinho em que as garotas podiam usar, as

garotas compraram um frisbee que lhes dava horas de entretenimento. A cozinha fora atualizada com aparelhos top de linha, então eu estava no auge do êxtase. Eu já tinha terminado dois livros enquanto estava sentada no convés ou na areia, e a casa de praia ao lado tinha o menino fofo mencionado acima chamado Taylor. Portanto, as meninas Winters não tinham nenhuma perda de coisas para fazer e estavam longe de ficar entediadas.

Eu particularmente não estava entediada. Eu era um monte de coisas, mas entediada definitivamente não era uma delas.

Foram as melhores férias que eu já tive, sem exceção, mesmo as que eu tive com Tim, e isso dizia alguma coisa. E nós estávamos apenas no quarto dia.

Havia uma razão para isso e levantei a mão na minha cara e olhei para o motivo. Na minha mão estava o magnífico anel de diamante que Joe deslizou no meu dedo ontem à noite, comendo camarão em uma barraca de frutos do mar na cidade. Ele fez isso sem dizer uma palavra, assim como Joe, deixando seu rosto e suas ações falarem por ele. Ele também fez isso com as garotas olhando, Kate chorando em silêncio, Keira rindo animadamente.

Apenas Joe Callahan se apresentaria diante das filhas de sua mulher.

Muitos acham isso não romântico, tal ato sendo coisa de um casal.

Eu achei perfeito.

Por isso eu também chorei, o tempo todo dando a Joe um beijo que comunicava o meu “sim!”. E tinha gosto de lágrimas.

Um beijo choroso pode não ter sido a coisa, mas Joe não pareceu se importar.

Em nossa cama na Flórida, a mão de Joe foi da minha barriga para deslizar para cima do meu antebraço, em seguida, o polegar dele mexeu no anel.

—Quanto tempo você acha que temos? — Joe sussurrou na parte de trás do meu cabelo.

—Kate está apenas se divertindo. Ela não trairá Dane, especialmente quando eu acho que Keira tem uma queda por Taylor. Ela pode estar de volta a qualquer momento. — eu disse a Joe.

—Mm. — Joe murmurou.

—Keira está fora a longo prazo. — eu continuei porque sabia disso e eu também que ela parecia fofa em seu biquíni, então achei que Taylor acharia o mesmo. Ou pelo menos eu esperava que fosse por causa de Keira.

Joe riu e sua mão deixou a minha e voltou para a minha barriga, onde ele pressionou. Ele se moveu um pouco para longe e eu caí de costas e olhei para ele. Sua mão começou a se mover da minha barriga, mas minha mão foi lá para segurá-lo onde estava.

—Joe? — Eu chamei mesmo que ele estivesse em um cotovelo, não a menos de um metro de distância e olhando para mim.

—Sim, Buddy?

—Gostei muito que você propôs na frente das meninas. — sussurrei e seu rosto ficou com aquele olhar terno e começou a se aproximar, mas continuei falando. —Foi doce você tê-las incluído.— Seu rosto continuava vindo para mim, então disse rapidamente: —Joe.

Sua cabeça parou a sua descida e ele disse:

—Bem aqui, Vi.

—Gostei disso, mas o que tenho a dizer agora precisa ficar entre nós.

Aquele olhar terno deixou seu rosto e seus olhos se encontraram com os meus.

—O quê?

—Não que as garotas não possam saber...

—O que?

—Logo ... *aproximadamente...* — eu continuei.

—Buddy, *o quê*?

—Nós só temos que descobrir... um...

—Vi ...— ele estava ficando impaciente, eu poderia dizer. Ele sempre ficava quando tinha que se repetir, o que, infelizmente para Joe, que morava em uma casa com três mulheres, era frequente.

—Estou grávida.— Eu soltei e todo o corpo de Joe ficou sólido.

Então ele sussurrou:

—O quê?

—Eu sei que é cedo. Parece que meu corpo é incapaz de esperar engravidar até depois de eu ter feito qualquer casamento prometido, mas perdi alguns comprimidos que achei que tinha tomado, mas...

—Vi...

—Eu acho que não tomei.

—Buddy...

—E isso é muito. Eu sei. Toda a bagunça e depois a próxima bagunça e depois mais bagunça e agora essas férias e depois você me pede para casar com você e agora isso. As garotas, eu não sei ...

—Baby...

—Estou preocupada. Apenas com o tanto que elas podem aguentar. Keira tem sido o bebê desde...

—Vi. Cala a boca.

Eu fechei e olhei para ele.

—Como você está grávida? — Joe perguntou.

—Como você pode estar grávida?— Eu respondi nervosamente, não certa sobre sua pergunta e vi sua boca ficar apertada.

—Quantos meses, Vi?— Ele continuou.

—Onze semanas. — respondi e seus olhos azuis ficaram sem foco.

—Quase passou. — ele murmurou e eu o olhei.

—Passei o quê?— Sussurrei enquanto a marca de três meses era a marca que você não podia cruzar para um aborto e eu pensei que ele poderia estar pensando sobre isso. Se ele estivesse, eu ficaria chocada e doeria muito, muito, e além disso, eu não poderia fazer isso. Eu pensei que ele queria um bebê e que ele ficaria feliz. E eu queria um bebê que fosse nosso bebê. Eu imaginei que talvez ele não quisesse isso tão cedo, mas achei que ainda assim ele ficaria feliz.

Embora fosse cedo demais. Nós ainda não havíamos nos estabelecido. Ele tinha acabado de propor na noite anterior.

Bem, pensando nisso, ele parecia bem tranquilo e as garotas pareciam bem com tudo, mas tudo ainda era relativamente novo, vivendo a vida como “nós”, sem a nuvem de Daniel Hart e o peso do luto envolvendo nossas vidas.

—Passou a marca de três meses. — respondeu Joe. Eu pensei que sua resposta seguiu minha linha de pensamento e mordi meu lábio.

—Sim. — eu disse e sua mão pressionou suavemente na minha barriga quando seus olhos foram para lá.

—Nós vamos esperar.— Sua voz era suave e seus olhos ainda estavam no meu estômago.

—Pelo quê?— Eu perguntei e seu olhar voltou para o meu rosto.

—Vocês dois. Para passar a marca de três meses. Vamos esperar até sabermos que está tudo bem com você e o bebê, então contaremos para as meninas.

Senti um brilho de eletricidade contra a minha pele e sussurrei:

—Joe.

Se eu quisesse dizer mais, não poderia. Algo mudou em seus olhos e ficou lá. Algo calmo e quente e tão lindo, olhando para ele, eu não conseguia respirar.

—Crash.— Joe sussurrou de volta e eu pisquei.

—O quê?

—Esse é o som do meu lado da balança, Buddy. — Joe disse e minha mão deixou a sua na minha barriga e foi para sua bochecha marcada.

—Joe. — eu sussurrei novamente.

—Ele será lindo. — Joe sussurrou de volta.

—Joe. —eu repeti.

Sua mão pressionou minha barriga novamente, um leve movimento, doce.

—Lindo. — ele murmurou.

—Você não me beijará?— Eu perguntei.

—Sim. — Joe respondeu, mas não se mexeu.

—Bem?— Eu perguntei e Joe sorriu.

Então ele se moveu, mas ele não se moveu em direção à minha boca. Sua mão deslizou até a camiseta que eu estava usando e sua cabeça se moveu para a minha barriga. Seu braço envolveu meu quadril e eu observei sua cabeça escura se

curvar e senti seu nariz deslizar ao longo da minha pele e então seus lábios descansaram lá.

Foi quando senti as lágrimas escorrerem pelos lados dos meus olhos.

—Você está feliz, baby?—Eu sussurrei minha pergunta e seu braço no meu quadril convulsionou, mas sua cabeça subiu e ele olhou para mim.

—Sim. — ele respondeu, a palavra era pesada e era grossa.

Ambas as minhas mãos foram para o seu rosto e eu sorri através das minhas lágrimas.

—Bom.

Sua cabeça se curvou novamente e com minhas mãos ainda em suas bochechas, ele beijou minha barriga mais uma vez. Então ele subiu e rolou, o braço no meu quadril me levando com ele, então eu estava no topo. Uma das mãos dele deslizou no meu cabelo e a outra deslizou na minha calcinha e na minha bunda.

—Mawdy! Joe! —Kate gritou, as mãos de Joe pararam e minha cabeça subiu, mas os olhos de Joe passaram por cima do meu ombro para apontar na direção da porta que ele não podia ver. —Taylor tem boogie boards[33], mas a água está fria e ele diz que precisamos de roupas de mergulho. Ele diz que há um lugar de surf na cidade onde podemos pegá-los. Ele vai nos levar lá. Tudo bem?

[33] Pranchas pequenas para surfar.

—Quanto as roupas de mergulho custam? — Eu gritei de volta e a mão de Joe ficou tensa na minha bunda e eu sabia que ele não se importava com quanto as roupas custavam. Em primeiro lugar porque ele tendia a dar para as garotas o que elas quisessem mesmo depois de termos várias conversas para ele não fazer isso, conversas que ele ignorava totalmente e em segundo lugar porque elas indo para a cidade, que ficava a 20 minutos de carro, significava que teríamos um bom tempo sozinhos.

—Não sei!— Kate gritou de volta.

—Pergunte a Taylor — Joe ordenou —minha carteira está no balcão da cozinha. Pegue o dinheiro que você precisar.

—Legal!— Kate gritou.

—Joe!— sussurrei, olhando para ele.

— Baby. — Joe sorriu, sorrindo para mim.

—Oh!— Kate continuou gritando. —Eu pensei esta manhã! Taylor tem tesão por Keira. Só para você saber. Eu sou a pequena senhorita casamenteira! —Ela declarou com orgulho.

Com essas palavras, Joe ficou tenso e, em seguida, ele se encolheu para sentar, eu montada nele. Seus olhos estavam apontados para a porta e eles estavam estreitados. Um olhar para ele e eu sabia que ele não tinha desconfiado que Keira estava na praia brincando e flertando com um provável adolescente, porque Keira era ajudante de Joe e, embora, logicamente, ele sabia que ela era uma adolescente com um rosto lindo, cabelo fantástico e um corpo construído por um

biquíni, e sem lógica nenhuma, ele não concebia essas mesmas coisas e não suportava um garoto chamado Taylor, que vivia ao lado, agindo sobre gostar deles.

—Joe. — murmurei quando ouvimos a porta bater.

De repente, Joe gritou:

—Kate!

Eu pulei em seu grito, mas ele me colocou de lado e pulou para fora da cama, ao mesmo tempo em que ele pegou sua calça jeans do chão.

—Joe, Keira tem quinze anos. — eu o lembrei quando ele puxou o jeans.

Joe me ignorou, andou até a porta abotoando a calça jeans e repetiu:

—Kate!

—Joe!— Eu gritei, mas ele se foi.

Foi quando percebi que, mesmo com um bebê novo, Keira não deixaria de ser uma, quinze anos, trinta ou cento e cinco.

E foi quando eu caí ao meu lado, enrolei meus joelhos na barriga e comecei a rir.

Eu parei de rir e senti o cheiro do cabelo de Joe no travesseiro, seu cheiro ao meu redor e o sol brilhou em nossa cama através das muitas janelas. Então ouvi a voz profunda indistinta de Joe e as risadinhas indistintas de Kate e Keira.

Eu coloquei minha mão na minha barriga e inclinei meu queixo para baixo para olhar para ela.

—Crash. — eu sussurrei para Joe e meu filho por nascer.

Nosso bebê não respondeu, mas tudo bem. Imaginei que, em nossa família, ele um dia aprenderia a maneira de expressar sua opinião.



Cinco minutos depois, Joe voltou e me disse que as meninas tinham ido embora com seu dinheiro, seu cartão de caixa eletrônico e seu número PIN.

Antes que eu pudesse protestar, ele também me disse que deu a Taylor uma conversa e que se ele ficasse com seu jipe ou fizesse qualquer outra coisa para irritar Joe, haveria uma retribuição do tipo valentão-macho-alpha-pai-figura, esta não era a descrição de Joe, era minha.

Antes que eu pudesse protestar, ele tirou o jeans e voltou para a cama.

Então eu achei que estar grávida tinha a vantagem adicional de eu ficar por cima com a minha parte favorita de Joe debaixo de mim entre as minhas pernas. Então eu descobri que estar grávida tinha o bônus adicional de inspirar Joe a quebrar seu recorde de me dar tantos orgasmos em quantas posições ele pudesse realizar.

O que seria dizer *muito*.

Muito mais tarde, depois que eu tirei uma soneca e as meninas voltaram. Depois que eles surfaram enquanto Joe alternadamente entrou na cozinha para me sentir e caminhou

carrancudo até o convés para Taylor, e eu na cozinha fazendo biscoitos de Natal que senti estranho fazer com o sol brilhando e vestindo shorts, mas eu não me importei. Depois de todos nós comermos o delicioso alabote[34] grelhado de Joe enquanto estávamos sentados no convés, onde ventava um pouco. Depois que Kate se retirou para o quarto de Keira para conversar com Dane e ouvir seu MP3 player e Keira se retirou para um passeio ao luar na praia com seu novo namorado, de Férias de Natal, eu saí do convés usando um cardigã e jeans e olhei para o escuro mar.

Joe andou atrás de mim e um de seus braços se fechou ao redor do meu peito, o outro ao redor da minha barriga e eu senti seus lábios tocarem meu pescoço.

—Baby. — eu sussurrei.

—Sim. — ele disse no meu ouvido.

—Nós somos sortudos?— Eu perguntei e seus braços apertaram.

—Não. — ele respondeu.

—Não? — Eu perguntei, surpresa.

—Nós merecemos isso, Vi.

—Sim. — sussurrei e virei para o meu homem.

Como sempre, Joe estava certo.



[34] Espécie de peixe.

Era de manhã, o restaurante tranquilo, Theresa Bianchi a única ali.

Ela vagou pelo chão, passando pela estação de recepcionista, pelo bar, em seguida, serpenteando pelas mesas, passando pelas cabines , o tempo todo, seus olhos nas paredes.

Mesmo que ela olhasse para as paredes apenas no caso de uma inspiração diferente, ela sabia antes mesmo de chegar lá onde estava indo.

Ela foi até o estande onde Cal, Vi e as meninas sentaram-se na primeira noite em que chegaram à pizzaria.

Theresa deslizou e colocou na mesa o martelo e os pregos que ela segurava, bem como a fita métrica, o nível, o lápis e a moldura. Com cuidado, ela levantou a foto de treze anos de idade Vinnie Junior e Cal da parede e, em seguida, puxou o prego. Ela mediu, ela deduziu, usou o nível, o lápis, martelou os pregos, então pendurou os quadros.

Vinnie Junior e Cal de volta no estande que eles sempre estiveram quando Vinnie estava vivo, o favorito deles desde sempre.

E o estande que Bella sempre levava Cal e Vi quando eles estavam com as garotas, se estivesse.

Ao lado da foto antiga estava a nova. Outra oito por dez. Outra preto e branco. Kate e Keira em pé na frente e no centro do balcão, ambas vestindo aventais manchados de molho de tomate, segurando uma grande pizza que Benny lhes ensinara a fazer. Atrás delas, Benny e Vinnie Sênior em pé. Os olhos de

Vinnie estavam em Keira e sua boca estava aberta, dizendo algo que fez as duas garotas rirem. Benny estava olhando para a direita, onde Cal e Vi estavam.

Vi tinha a cabeça no ombro de Cal e o braço em volta da cintura, mas ela estava rindo para a câmera ou, mais precisamente, para Theresa atrás da câmera. Cal tinha um braço em volta dos ombros e o outro braço estava enrolado em torno de Angie, segurando sua filha bebê contra o peito. Mas seus olhos estavam apontados para Benny.

Benny e Cal estavam sorrindo um para o outro, sorrisos de homens, sorrisos secretos.

Theresa olhou para a foto pensando que seus filhos era bonitos.

E todos pareciam felizes.

Ela pegou o martelo, o nível e a fita métrica e, sorrindo, foi embora.

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!
Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?
Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

